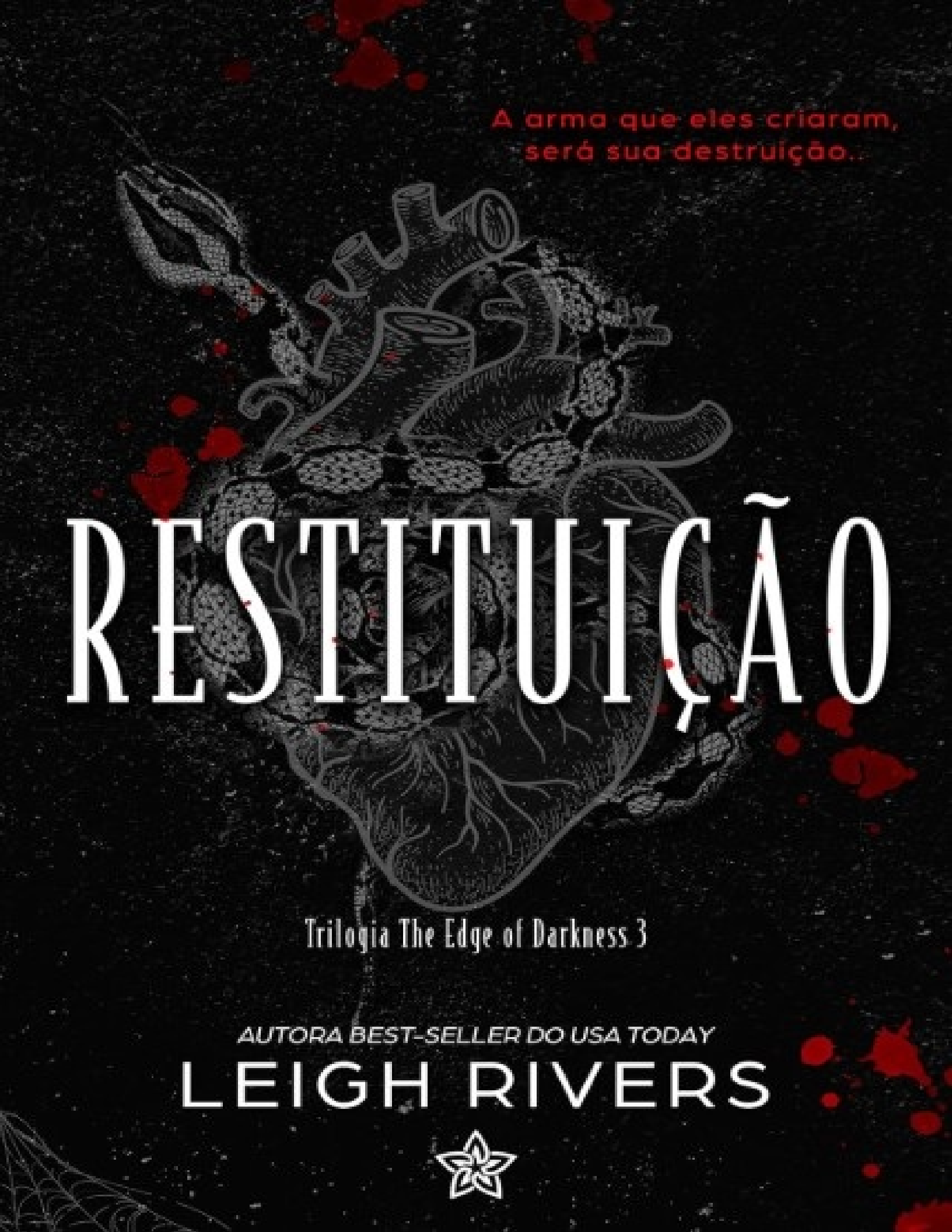
A arma que eles criaram,
será sua destruição.



RESTITUIÇÃO

Trilogia The Edge of Darkness 3

AUTORA BEST-SELLER DO USA TODAY

LEIGH RIVERS

LEIGH RIVERS

RESTITUIÇÃO

Tradução: Yasmin Gallo

1ª Edição

GRUPO EDITORIAL
Five

2025
Porto Alegre

Restituição
Copyright © 2024 Leigh Rivers
Copyright da Tradução © 2025 Editora Five
Produção Editorial: Grupo Editorial Five
Arte de Capa: Bia Santana Design
Tradução: Yasmin Gallo
Preparação e Revisão: EN Serviços Editoriais
Diagramação: Carol Dias
Ícones de diagramação: markfalcondecode/Freepik
Nenhuma parte do conteúdo desse livro poderá ser reproduzida em qualquer meio ou forma — impresso, digital, áudio ou visual — sem a expressa autorização sob penas criminais e ações civis.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas ou acontecimentos reais é mera coincidência.
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R622
Rivers, Leigh.
Restituição [livro eletrônico] / Leigh Rivers ; tradução Yasmin Gallo -- 1. ed. -- Porto Alegre, RS : Grupo Editorial Five, 2025. -- (Série The Edge of Darkness ; 3)
epub

Título original: Restitution
ISBN 978-65-5214-224-5

1. Ficção norte-americana I. Título. II. Série.

CDD-813.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura norte-americana 813.5

Sumário

Início
Playlist
Aviso de conteúdo
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30

Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41
Capítulo 42
Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45
Capítulo 46
Capítulo 47
Capítulo 48
Capítulo 49
Capítulo 50
Epílogo
Agradecimentos
Sobre a autora
Sobre a Five

PLAYLIST



Cities — Toby Mai & Two Feet
Hearing Damage — Thom Yorke
REAR LIGHT — SAKUREYE
Dead Man — David Kushner
Meet you at the Graveyard — Cleffy
Chokehold — Sleep Token
Calm Down — Rema
medicine — onte
The Woods — Hollow Coves
with u — lucidbeatz
Change (In the House of Flies) — Deftones
From Now On — The Greatest Showman

AVISO DE CONTEÚDO



Como esta é a continuação de *Insaciável* e *Voraz*, é altamente recomendável que você leia o primeiro livro antes, para evitar qualquer confusão. Esta história aborda temas pesados que podem ser desconfortáveis para alguns leitores. Se qualquer um dos assuntos listados abaixo for sensível para você, por favor, coloque sua saúde mental em primeiro lugar antes de decidir seguir com a leitura do último volume da trilogia *The Edge of Darkness*.

Temas abordados: dissociação, uso de drogas e abstinência, tentativa de suicídio, somnofilia acidental, canibalismo forçado, violência e descrições explícitas de mutilação, tortura, morte de personagens, crises não epilépticas de origem psicogênica, menção (sem descrição) de abuso sexual infantil, destruição mental, traumas extremos e suas consequências psicológicas, agressão física e sexual.

CAPÍTULO 1



Kade

O sangue quente do meu melhor amigo escorre pelos meus dedos enquanto pressiono o ferimento à bala em seu peito. Suas costas se arqueiam e ele range os dentes de dor, as pupilas ainda completamente dilatadas pelas drogas que lhe foram injetadas. *Inseridas em nós*. Não consigo enxergar direito, mas consigo ver todo o sangue e seu rosto pálido enquanto ele ofega.

Nenhum dos guardas me ajuda. Eles não vão ajudar. Não têm permissão para isso. Todos observam enquanto me inclino sobre ele e tento estancar o sangramento. Ele não está morto — *ainda* — então o tiro não atingiu seu coração. Mas há tanto sangue. Se Dez estivesse aqui, ele desmaiaria.

Meu outro melhor amigo está aproveitando as férias com a namorada enquanto todos nós lutamos por nossas vidas. Sempre foi melhor manter o máximo de pessoas fora disso. Que sorte a dele ter uma vida normal, algo que a gente só pode sonhar em ter.

O fato de Base ter sido arrastado para tudo isso e agora estar deitado numa poça de sangue carmesim me enfurece. Sou um cuzão protetor — Bernadette sabe disso e usou contra mim. Ela só precisou mexer com meus amigos e familiares. Se Base morrer e eu não encontrar minha irmã e Stacey, é melhor Bernadette se esconder em outro planeta, porque nada, e eu quero dizer

nada mesmo, vai me impedir de despedaçar aquela vadia desgraçada.

Infelizmente, ou não tão infelizmente assim, eu quebrei o pescoço do desgraçado que atirou no Base e espanquei outra pessoa até a morte com uma cadeira. Os corpos estão jogados ao meu lado. E, por algum motivo, apesar da quantidade absurda de drogas no meu corpo derretendo meu maldito cérebro, estou bem e sem um arranhão.

As pálpebras do russo sob mim se fecham e meu peito se afunda.

— Não. — Agarro seu queixo. — Não ouse fechar os olhos, Base.

Ele não os abre, e meu coração acelera.

— Olha pra mim. Olha pra mim, porra!

Dou um tapa na cara dele, manchando sua bochecha de vermelho, e ele pisca os olhos. Grogue, com as palavras entrecortadas, ele murmura:

— Você… acabou de… me dar um *tapa*, cacete?

As palavras vindas dele são um bom sinal. Sou invadido por alívio, e eu me afundo contra ele, pressionando minha testa na sua enquanto mantenho minha mão sobre seu ferimento sangrando.

— Você precisa me ajudar a encontrar as garotas — digo, sussurrando, emocionado — não consigo pensar direito. A sala ainda está girando, e tudo está piscando. Isso é mesmo real? — Fica comigo. Por favor.

Eles pegaram Stacey. Minha irmã também. Elas foram vendidas.

A bile sobe pela minha garganta — tento, sem sucesso, controlar a respiração ofegante que saí pelas minhas narinas.

A mão de Base se ergue e agarra fracamente a gola da minha camisa.

— Lu-Luci-ciella.

Meu maxilar se contrai.

— Eu vou encontrá-la. Eu prometo.

Guardas enchem a sala, dois médicos seguem atrás, e eu me afasto para deixá-los cuidar dele enquanto prendo sua atenção com a mão em seu rosto — mantendo-o acordado enquanto avaliam os danos. A bala tem um ferimento de saída nas costas, o que é outro bom sinal, mas ele ainda está fraco e perdendo bastante sangue.

Nada que eles não possam tratar, contanto que Base seja atendido com urgência *agora*.

Eu os ouço conversando entre si sobre se devem levá-lo a um hospital ou a um dos médicos suspeitos de Bernadette, que trabalha sob seu comando aqui em Londres. Alguém injeta morfina nele, prende uns aparelhos pra checar seus sinais vitais, e seus olhos se fecham quando o remédio começa a fazer efeito.

Eu me sento sobre os calcanhares e olho para onde o pesadelo se

desenrolou diante de mim apenas alguns minutos atrás. *O medo nos olhos delas*… Aquela sensação de aperto no estômago se repete na minha mente. Preciso chegar até lá antes que piore. Preciso me afastar desses filhos da puta e encontrar minha irmã e minha garota.

Nós não está mais juntos — faz um tempo que estivemos — mas Stacey é minha garota.

Minha.

E ninguém mexe com o que é meu. Eu me entreguei à Bernadette, abri mão do meu controle e da minha vida quando ela descobriu quem Stacey era, então por que ela está voltando atrás em sua palavra? Fiz tudo o que ela pediu. Cada coisa fodida.

Não consigo nem pensar direito para entender o que fiz de errado.

No salão de festas de Bernadette, eles leiloaram pessoas. Eu e o Base também. Mas, pelo estado em que ele está, duvido que vá cumprir qualquer obrigação com o comprador tão cedo. O meu, irritantemente, vai me convocar em questão de dias. Tudo bem. Vou matá-lo como a última pessoa que comprou meu tempo — logo depois de enforcar o marido de Bernadette e fazê-la assistir.

Estou finalmente chegando ao meu limite.

— Para onde levaram as garotas? — pergunto a um dos guardas que sei que odeia o trabalho. Aponto para a tela em branco com um dedo trêmulo e coberto de sangue. — As duas últimas antes da transmissão ser cortada.

Tenho um pressentimento — nunca fui levado para a iniciação, já que tecnicamente sou classificado como “treinado” para receber ordens e transar sob demanda. Mas já ouvi histórias de terror sobre o processo.

Seus olhos se voltam para os colegas, então ele abaixa a voz.

— Elas vão pro andar de carregamento pra passar pela integração. Ficam lá por uns cinco dias com os novos donos antes de irem embora.

A necessidade intensa de quebrar seu pescoço como fiz com o do colega dele é quase insuportável, então cerro as mãos ao lado do corpo.

— Por que o leilão foi na propriedade dos Sawyers e não em Edimburgo, como costuma ser?

Seu olhar percorre a sala novamente, para os caras que estão carregando um de seus amigos mortos, depois volta para mim.

— Pare de fazer perguntas — ele diz entre dentes.

Meu olho direito treme quando o chefe da segurança entra na sala.

— Temos ordens para te trancar, garoto — ele diz, e eu o imagino morto no chão, como os outros dois. — Não será liberado até que a integração termine.

Base é erguido em uma maca e carregado para fora enquanto meus olhos se movem entre ele e os guardas. Eles não me deixam ir com Base —

estão com as armas apontadas para mim agora, mas eu sei que ele não vai morrer.

Como estou sem meu celular, olho para o guarda com quem acabei de falar.

— Quero Bernadette na linha. Vou para a cela, mas quero falar com ela primeiro.

Estamos em uma das casas de Archie nos arredores de Londres — um lugar para onde eles gostam de ir quando as coisas esquentam demais e querem se manter discretos.

O guarda principal bufa, pega o celular, toca na tela e o leva ao ouvido.

— É o Polner. Sim, está tudo bem aqui embaixo. A chefe está aí? — Ele guarda a arma e me dá as costas enquanto os outros mantêm a mira em mim. — O bocudo quer falar com ela. Não, o russo não. O filho de Tobias Mitchell.

Há uma pausa, depois o som fraco da voz que desprezo.

— Boa noite, Sra. Sawyer. Kade está aqui. Não, desculpe, ele ainda não está na cela, mas disse que iria de bom grado se falasse com a senhora. Sim, o russo está vivo, ele vai sobreviver ao ferimento.

Ele se vira, com o rosto vermelho, enquanto me entrega o telefone, e eu o arranco de suas mãos. Meu corpo treme com uma mistura de tudo o que estou sentindo.

— Anule os contratos delas — exijo quando Bernadette permanece em silêncio, mas o som de suas unhas batendo na mesa ecoa pela linha. — Minha irmã e Stacey. Anule. Ou deixa que eu pago e libere elas. Faça *alguma coisa*.

Ela cantarola, e percebo que está sorrindo.

— *E por que eu faria isso?*

— A única coisa que você tem contra mim são as pessoas com quem eu me importo. A única coisa que você sempre teve contra mim foram aqueles que amei. Você fodeu com meu pai por anos, e agora tá mexendo com a minha irmã e com a minha… — Paro, apertando o telefone com mais força. — Você está brincando com fogo.

Ela ri.

— *Isso é uma ameaça, Kade?*

— É uma promessa. Se elas forem iniciadas e forem embora com quem as comprou, eu vou acabar com você. Não terá mais nada com que me chantagear. Se as vender, vou garantir que o último dia da sua vida seja um pesadelo. Sua filha? Vou gravar os gritos dela enquanto a esfolo viva e depois vou te mandar os ossos dela. Vou fazer você assistir o Archie sofrer, e vou te deixar por último. Se alguma coisa acontecer com essas garotas, é melhor você se esconder, sua merda.

— Tão esquentadinho, meu garoto.

Então a linha cai, e eu jogo o telefone na parede, quebrando-o em pedaços.

— Parabéns, seu filho da puta. Agora, me deve um telefone novo. Faça o que foi lhe mandado e coloque as algemas.

Olhando para cima, vejo o bocudo — o guarda principal, chefe da segurança — desembainhando sua arma. Ele é muito maior do que eu e tem o corpo de um tanque. Dou um soco no rosto dele com tanta força que ouço um estalo. Estou tão cego de raiva que acho que o estalo pode ter vindo da minha mão, mas quando olho para ele de joelhos, seu maxilar quebrado pende enquanto ele geme de dor. Suspiro e deixo que me acorrentem e me arrastem para a cela.

CAPÍTULO 2



Stacey

O quarto está escuro e frio — o ar gelado lambe minha pele exposta. Comparado à elegância do andar de cima, aqui embaixo parece um daqueles filmes da franquia *Jogos Mortais*.

Estou prestes a morrer? Onde está Luciella?

O elevador apita atrás de mim enquanto começa a subir, me deixando tremendo de medo e terror. Há a sombra de um guarda parado perto da porta, com a arma presa ao peito, e ouço soluços leves vindos de algum lugar. Pela saída de ar?

— Chegou mais uma! — ele grita, e eu me encolho. — Já devo mandá-la entrar? Deu tudo certo com a outra?

Não tenho ideia do que a pessoa diz em resposta. É um murmúrio. Fraco. Um eco. O soluço pela saída de ar para, ou talvez fique mais baixo, ou talvez eu esteja apenas imaginando isso em meu estado de choque.

Preciso encontrar a Luciella. Precisamos sair dessa.

— Stacey Fields — sussurro, tremendo incontrolavelmente, uma lágrima solitária escorrendo pela minha bochecha. — Por fa-vor.

Então, aperto os lábios e paro enquanto o guarda aponta uma lanterna para o meu rosto antes de se virar novamente.

— Ela é jovem, talvez uns vinte e poucos anos. Parece ilesa — ele diz e ri. — Bem, por enquanto. Por quanto ela foi vendida?

Ele assobia e ri novamente. Olhando por cima do ombro para mim, congelada no lugar, ele debocha:

— Mas ela é toda manchada de tatuagens. É uma visão repugnante. Você já está pronto para ela? Devo despir esta também?

Despir…

Meu Deus.

Meu castigo pode ser ainda pior se encontrarem um microfone no meu ouvido, um fio preso ao meu corpo, escondido entre meus seios. Enquanto o guarda está de cabeça baixa, tentando ouvir o que o colega está dizendo, eu tiro o fone de comunicação do ouvido e tento puxar o fio — a cola gruda na minha pele, e eu soluço baixinho enquanto o arranco e o jogo no chão.

O guarda me olha através da escuridão, terminando sua conversa — chuto o fio para trás de uma caixa e me abraço enquanto ele se aproxima de mim. Ele se ergue sobre mim, a arma me deixando nervosa enquanto ele ri ao ver o sangue de Bernadette em mim.

— Ouvi dizer que detonou a cara da chefe. Ela vai te fazer pagar por isso. Vai brigar comigo como a loirinha fez?

Meu queixo treme.

— Você a machucou?

— Ela tem sorte de eu não ter machucado — ele diz, agarrando meu braço e me puxando em direção à porta. — Não se preocupe com ela, não vai vê-la de novo de qualquer maneira. — Ele me empurra para fora da sala, para um corredor com canos no teto e luzes piscantes que machucam meus olhos. — Leve-a para a sala seis.

Sou agarrada novamente, arrastada pelo corredor por outro guarda. Já sinto hematomas se formando na minha pele devido aos seus apertos mortais. Tento me afastar, mas ele pressiona algo duro e frio na base da minha espinha. Uma arma?

— Ande, ou vou garantir que nunca mais use essas pernas bonitas.

Ao passar pelas portas, ouço choro, gritos e… gemidos. Não dos bons. São gemidos forçados — gemidos que indicam que seus corpos os estão traindo em meio a gritos de socorro. Homens e mulheres imploram por ajuda — para que o agressor pare.

Meu estômago se revira.

Acho que vou vomitar. Lu está em algum desses quartos?

— Minha amiga está bem? — pergunto, em tom suplicante. — Por favor, me diga que ela está bem.

Paramos em uma porta no final do corredor.

— Você deveria se preocupar mais consigo mesma.

Ele passa um cartão no scanner e a porta emite um bipe — uma luz vermelha acima dela muda para verde. Sou empurrada para dentro, as luzes acendem automaticamente e meus olhos se arregalam com a visão diante de mim.

— Sugiro que tome um banho. Seu novo mestre pode não gostar de ver o sangue de outra pessoa em seu animalzinho de estimação. Deixe seu vestido perto da porta.

Viro-me para encará-lo.

— Ele está vindo para cá?

— Achou que escaparia tão facilmente? Não, você precisa ser iniciada. Ficarão juntos nesta sala até que ele esteja satisfeito com sua submissão.

O guarda fecha a porta com força, deixando-me sozinha na câmara de tortura. Uma cama de dossel fica no meio da sala, com algemas de couro em cada coluna. Há uma prateleira cheia de… Meu estômago se revira quando vejo a mordaça de bola presa a uma guia acorrentada. Há vários tubos de lubrificante, outros dispositivos sexuais e um suporte com facas de diferentes tamanhos, com as bordas voltadas para fora.

Corro até elas e congelo, com a mão estendida para o menor. Em vez disso, pego a maior, como um mini facão, e a seguro atrás das costas. Então, me pressiono contra a parede em frente à porta. Quando a pessoa vier, não vou deixar que me toque. Usei uma faca menor uma vez, quando Chris me vendeu para os amigos, e não hesitarei em fazer isso de novo.

Mesmo se a pessoa que me ganhou no leilão for um gigante.

Ele não vai chegar perto de mim.

Engulo um nó na garganta enquanto espero.

E espero, espero e espero. Até minhas pernas tremerem e o suor cobrir meu rosto e peito. Acho que uma hora se passa comigo em meus pensamentos, preocupada com Luciella. Será que o Kade vai garantir que a Bernadette pague por isso? Sim. Ele faria qualquer coisa pela irmã, então sei que vai fazer o possível para salvá-la. E o Base levou um tiro. Foi baleado no peito e… ele pode estar morto.

Meus olhos lacrimejam. Como minha vida chegou aqui?

Onde diabos está o Chris? Ele é um psicopata, mas agora eu não me importaria se aquele maluco me tirasse dessa.

Vozes interrompem meus pensamentos e minha mão aperta o cabo da faca. A porta apita e dois guardas entram, com uma presença imponente atrás deles. Usando uma máscara branca, sem rosto, mais alto que os outros, com

ombros largos, meu *mestre* entra vestindo apenas sua camisa branca, o paletó que usava antes descartado em algum lugar.

Minha respiração para quando ele caminha entre os guardas e fica parado no meio da sala — seus olhos são as únicas coisas que consigo ver enquanto ele me observa. Então, sua cabeça se inclina para o lado. Nenhuma palavra. Nenhuma ação. Nada.

— Forneceremos um cartão-chave que só o senhor poderá usar para entrar e sair do quarto. O andar de carregamento é o único em que tem autorização para circular livremente. As refeições serão trazidas para este quarto três vezes ao dia. Ela só poderá usar os vestidos brancos fornecidos na cômoda, mas vocês podem usar nosso sistema de lavanderia. Tem alguma pergunta, senhor?

Ele não responde, apenas me encara, com as mãos nos bolsos.

Os guardas se entreolham antes que um deles me encare com os olhos semicerrados.

— Vamos ficar com o seu vestido.

A frieza da faca pressiona minha espinha graças ao meu vestido aberto nas costas. Talvez eu devesse simplesmente cortar minha própria garganta em vez de tentar sair dessa. Talvez seja mais fácil do que estar completamente acordada enquanto sou estuprada desta vez.

Um único passo daquela presença imponente é o suficiente para meu coração parar. Me lanço pra frente, tentando esfaqueá-lo no peito — mas ele segura meu pulso antes mesmo dos guardas reagirem, aperta até eu largar a faca e balança a cabeça de um lado para o outro, soltando um “tsc” de reprovação.

— Sua vadiazinha psicopata — um dos guardas diz.

Os buracos para os olhos da máscara são de tela, então não consigo ver seus olhos tão bem. Sei que são azuis. O único detalhe sobre meu agressor que sei. Se ele nunca me mostrar o rosto, como posso identificá-lo para denunciá-lo se algum dia eu for libertada?

Tremo ao sentir meu vestido ser rasgado nas costas, cortado do meu corpo e puxado para longe enquanto estou diante deste homem apenas com a calcinha que Chris me fez usar. Sem sutiã.

Não que o homem sequer olhe para o meu corpo. Seus olhos queimam minha alma.

— Primeiro teste, senhor. Depois, sairemos do seu caminho.

— Você é uma garota má — sussurra, sua voz grave e rouca abafada pela máscara. Ele solta meu pulso e agarra meu queixo enquanto os guardas se afastam. — Ajoelhe-se.

Fico parada, mantendo-me firme, recusando-me a cair de joelhos. Os

guardas me encaram, esperando para ver se passo com sucesso no meu primeiro teste de iniciação. Se eu recusar, eles podem prolongar minha estadia aqui. Eles querem que eu seja obediente — que seja um animalzinha de estimação boa e submissa ao meu mestre.

Mas eu já estou morta de qualquer maneira.

Tento enfiar meu joelho entre suas pernas, mas ele se esquiva e me empurra com força, fazendo meus joelhos baterem no chão, arrancando um grito de mim.

Sua mão em meu queixo se move para meu cabelo, e ele o puxa, então olho para ele.

— Tire o cinto dele — um dos guardas diz. — Agora.

Fecho os olhos e mais lágrimas escorrem. Tento controlar minha respiração enquanto alcanço a fivela. Meus dedos tremem e falho duas vezes tentando soltar, até finalmente conseguir puxar o couro dos passantes. O homem arranca o cinto da minha mão antes que eu consiga largá-lo, e eu ofego quando ele enrola aquilo no meu pescoço, passa a ponta pela fivela e aperta até o couro se ajustar no meu pescoço.

Ele puxa com mais força, e o ar some, queimando meus pulmões, a pressão aperta meus olhos.

Os guardas parecem felizes, então dão um tapinha em seu ombro e dizem para ele aproveitar sua primeira noite. A porta abre e fecha, então ouço um bipe. Solto um som engasgado e estrangulado quando ele solta o cinto para que eu possa respirar.

Inclino-me para a frente, pressionando a mão contra o carpete enquanto tusso e choro, desejando não ter deixado Chris me forçar a vir para essa festa falsa e idiota que virou um leilão. Mas quando a máscara cai no carpete e vejo o homem se ajoelhando, congelo, esperando um golpe ou uma ordem.

Mãos agarram meu rosto, forçando-me a olhar nos olhos do meu novo mestre.

Tobias Mitchell.

Meus lábios se abrem, todo o meu medo se dissipando enquanto consigo dizer:

— To-Tobias?

O pai do Kade pega o cobertor bem ao nosso lado, me enrola nele e me puxa para um abraço que eu nem sabia que precisava.

— Me desculpa. Me desculpa. Está tudo bem. Você está segura comigo — diz suavemente enquanto acaricia meus cabelos, me deixando chorar em seu peito. — Eu te encontrei, Pequena.

CAPÍTULO 3



Stacey

Tobias se afasta, seus olhos buscando meu rosto, recusando-se a deixá-los descer ainda mais, mesmo com o cobertor me cobrindo.

— Você está machucada?

Balanço a cabeça em negativa.

— Foi você quem me ganhou no leilão?

— Sim. Barry descobriu o plano de Bernadette quando ela enviou o convite e o acordo para o seu irmão postiço insuportável e filho da puta. Estávamos a meio caminho de Londres para encontrar o Kade, mas voltamos. Tem certeza de que não está machucada?

Meus olhos estão ardendo com a força que estou segurando uma cachoeira de lágrimas. Se eu começar a chorar de verdade, acho que não vou conseguir parar.

— Barry está bem?

Ele concorda com a cabeça.

— Por mais irritante que seja, ele me manteve escondido. A esposa e a filha dele estão em um lugar seguro em Aberdeen.

Uma lágrima escorre pela minha bochecha, e ele percebe, enxugando-a com o polegar.

— Vou tirar você daqui.

— E a Luci…

— O tio de Sebastian Prince a ganhou no leilão. Eles vão levá-la para Moscou e mantê-la escondida até que lidemos com Bernadette. Foi o acordo que fiz com o avô para conseguir a ajuda dele. Eu disse a ele que mataria a agressora do neto dele em troca da proteção da minha filha. Há russos cercando este prédio neste momento.

— Eles sabem que Bernadette está com Base?

— O submundo é um lugar implacável. Uma guerra entre a polícia escocesa e quem quer que ela tenha sob seu comando contra a máfia seria um desastre. Muitas vidas seriam perdidas. Eu me ofereci para matar ela e o marido.

Começo a falar, mas ele me interrompe.

— Precisamos tirar você daqui antes que me mandem começar a próxima tarefa. Senão vão atirar em mim na hora, e outra pessoa vai ficar com você.

Ele se vira, passa o cartão-chave no teclado sensor e, quando a porta apita e se abre, ele inclina a cabeça para fora, mas se afasta rapidamente. Ele murmura um “porra”, tira um celular do bolso e o coloca no ouvido.

Andando de um lado para o outro, Tobias bufa enquanto o celular toca, toca e toca, até que ouço alguém atender.

— Quando eu te ligar, seu filho da puta, atenda na hora. Estou com ela. Sim, ela está bem e ilesa. Há quatro guardas lá fora. Consegue ver pelas câmeras a maneira mais segura de eu tirá-la daqui sem arriscar a vida dela?

Mordo o lábio inferior enquanto Tobias se vira e fixa o olhar em mim, seus olhos me queimando. Ele vai até a cômoda e tira um tecido branco. É um vestido. Curto. Alças finas nos ombros. Seria sedoso e realmente muito bonito, se eu não estivesse dentro de um esconderijo de uma rede de sexo, tentando fugir com o pai do meu namor… ex-namorado, que acabou de escapar da prisão.

— Como você escapou? — pergunto enquanto pego o vestido. — Estou brava com você por isso, só para saber.

Ele bufa, virando de costas, para que eu largue o cobertor e vista o vestido.

— Você não foi me visitar, e eu fiquei entediado.

— Entediado…

— Sou um pouco irracional e impulsivo. Além disso, tive a sensação de que algo estava errado — chame de sexto sentido.

O vestido fica no meio da coxa, e eu odeio isso. Odeio tudo neste dia.

— Kade e Base também foram leiloados — digo enquanto encontro um elástico de cabelo na cômoda e prendo meu cabelo em um coque no topo da

cabeça. — Vai ajudá-los?

Ele se vira.

— Assim que eu tiver certeza de que você está segura, sim.

Fico parada no meio da sala, respirando fundo. Ainda me sinto tão sobrecarregada. Há apenas alguns minutos, pensei que seria atacada e estuprada. Pensei que acabaria morta, mas não.

— Obrigada — digo baixinho.

Ele franze a testa, encostando-se na cômoda, cruzando os braços e tornozelos enquanto espera Barry retornar a ligação e dizer que podemos ir.

— Por que você está me agradecendo?

Jogo os braços *pra* cima.

— Eu aceitei que ia morrer. Achei que eu ia… — Paro, quase me engasgando. — Apenas aceite minha gratidão. Sei que seus filhos são sua prioridade, mas agradeço por estar aqui por mim.

— Você também é minha prioridade. Eu teria te caçado até os confins da terra, Pequena. Sei que não tinha o melhor relacionamento com seu pai, seus irmãos são uns cuzões inúteis e meu filho está acorrentado a uma vagabunda em uma viagem de poder insana, mas você tem a mim.

A força do meu corpo se lançando contra o dele o joga um passo para trás, mas ele me segura.

Meu pai nunca me protegeu. Ele me amava, mas assim que Nora entrou em cena, eu passei a ficar em segundo plano para ele. Por mais que eu sinta falta dele, por mais que eu o ame, Tobias me trata melhor. E eu nunca pensei que diria isso, e Aria Miller que me perdoe, mas estar sã e salva nos braços de Tobias Mitchell é um sonho do qual nunca quero acordar. Não quero deixar ir.

E se eu me afastar e ele desaparecer? O que acontece se isso for um sonho e eu estiver drogada? E se eu estiver imaginando todo esse cenário e estiver acorrentada à cama com um homem velho, acima do peso e suado me reivindicando?

— Não segure — Tobias sussurra. — Se precisar chorar, chore, Pequena. Coloque tudo para fora aqui e agora.

Esta *é* a realidade, e tenho os braços do pai de Kade em volta de mim, me tranquilizando com carícias lentas no meu cabelo e apertando seu abraço enquanto tremo e deixo meu estado emocional fluir.

Embora eu devesse estar surtando com ele por ter fugido da instituição e provocado uma caçada mundial que dominou as notícias e o rádio, tudo o que consigo fazer é abraçá-lo, inalando seu cheiro. Não o de um homem velho e suado. Não. Canela. Um aroma com especiarias, o mesmo que as roupas do Kade sempre tinham.

Eu costumava colocar o moletom dele debaixo do meu nariz e inalar enquanto estava deitada na cama, esperando o próximo golpe do meu irmão postiço. Eu sempre demorava mais para chegar em casa, porque sabia o que estava por vir.

Eu me sentia viva quando estava perto do Kade. E agora estou viva por causa do pai dele.

E tudo o que Tobias está fazendo é me abraçar de volta, seu aperto na minha nuca me mantendo firmemente contra o seu peito.

— Estou aqui — ele me garante em seu tom profundo.

Essas duas palavras fazem meu corpo tremer contra o dele, lágrimas de alegria e exaustão me fazendo soluçar incontrolavelmente até que ele esteja segurando todo o meu peso.

— Shhh. Estou aqui.

Ele agarra meus ombros e me empurra para trás o suficiente para que possa analisar meu rosto.

— Diga que está bem, porque precisamos ir assim que o Barry nos der sinal verde. Consegue controlar suas emoções até sairmos daqui?

— Você me disse para me soltar.

A leve inclinação de sua cabeça demonstra sua confusão.

— Tem mais?

Eu solto uma risada e enxugo os olhos.

— Às vezes me esqueço que você é um babaca insensível.

Com um sorriso irônico, ele se afasta.

— Você não respondeu à minha pergunta.

Levanto um ombro trêmulo.

— Estou bem.

Aparentemente, ainda devo ter lágrimas escorrendo pelo meu rosto dormente, porque ele levanta uma sobrancelha e enxuga minhas bochechas.

— Não chore mais por causa deles. Já desabafou. Seque os olhos e mantenha o queixo erguido. Eles não merecem suas lágrimas. — Ele me dá um sorriso contido, o que faz sua covinha aparecer. — Ninguém merece.

Respiro fundo pelo nariz e expiro pela boca.

— Certo. Certo. Estou bem. Sério. Ainda não consigo acreditar que você está aqui. Você escapou e…

O telefone dele toca, me interrompendo. Tobias silencia o telefone e diz:

— Pode gritar comigo depois. Eu fiz o que tinha que fazer pela minha família, e você — ele dá um peteleco no meu nariz —, você faz parte dela.

Sorrindo, eu me abraço. Não faço parte de uma família de verdade há anos.

O sentimento é bom.

Ele se abaixa e pega a máscara, uma arma aparece por dentro do paletó.

Ficaram no passado as cenas do Tobias jogando jogo de tabuleiro e lendo livros de história, enquanto a Eva, bebê, se aninhava no peito dele e puxava seu rosto com as mãozinhas.

A porta atrás dele apita no momento em que ele ajeita a máscara, e nós dois congelamos quando os mesmos guardas que saíram há apenas quinze minutos entram.

— Temos ordens para levar a garota. Você receberá seu pagamento reembolsado em até vinte e quatro horas, mas pode escolher qualquer uma das outras que sobraram do leilão para lhe fazer companhia em uma sala diferente durante a noite.

Os dois se afastam, dando a Tobias um caminho livre para sair.

— Por favor, nos siga.

O pai de Kade leva apenas dois segundos para sacar a arma do casaco e atirar na cabeça de um deles. A brusquidão do estrondo me faz estremecer e recuar no momento em que o outro guarda arranca a arma da mão de Tobias e começa a socá-lo no rosto.

Com o tamanho da mão do homem, eu estaria no chão gritando com o maxilar quebrado. Tobias apenas ri e lhe dá uma cabeçada, depois o agarra pela nuca com força, enquanto ele está tonto pelo nariz quebrado. Observo horrorizada enquanto Tobias arrasta o homem em direção ao suporte de facas e começa a bater o rosto dele nelas tão rápido que o sangue espirra por toda parte, cortando-o no processo.

O homem grita como um animal até que as facas cortam sua garganta, então o som se transforma em engasgo, arquejos retorcidos e, então, nada.

Tobias solta o guarda e observa seu corpo desabar no chão, em uma poça de sangue. Ele cerra os dentes diante dos pequenos cortes na mão e nos dedos, sacudindo a mão para se livrar do sangue.

— Que desperdício de vida — suspira, arregaçando cada uma das mangas brancas até o cotovelo. — Não podemos esperar mais. Que se dane o plano do Barry.

Concordo com a cabeça e esfrego as mãos nos braços expostos; meu vestido branco tem pequenas manchas de sangue na frente.

— Eu te ofereceria meu casaco, mas preciso fingir que sou um pedaço de merda que acabou de pagar milhões por um bichinho de estimação. Alguns deles estarão exibindo suas conquistas. Como eu sou um novato sem histórico neste mundo fodido, tive que concordar com o teste de iniciação de cinco dias para passar pela segurança. Mas se estivermos lá fora, não posso chamar

atenção. Precisamos nos misturar. Estamos em completa desvantagem numérica, mesmo com as pessoas que cercam a mansão.

— Entendo. — Mordo o lábio. — Kyle e Chris estavam lá fora. Alguém os pegou?

— Não. Por que eles estavam aqui? Quer saber? Foda-se. Podemos nos concentrar em você primeiro?

Mas, mais uma vez, o telefone dele toca e nos corta.

— Agora? — responde Tobias. — *Escuta aqui*, Barry, seu filho da puta, tenho dois guardas mortos, e é só uma questão de minutos até que mais cheguem. Ou você encontra um caminho seguro, ou eu mesmo encontrarei um. Eu. Preciso. Tirá-la. Daqui.

Me abraço, quase tropeçando em um dos guardas mortos ao recuar. Escorrego em uma poça de líquido carmesim, sacudindo o sangue do meu pé enquanto Tobias discute rapidamente o novo plano de fuga — a rota que faremos e por quantos guardas passaremos no caminho.

Ele desliga o telefone e pega minha mão, me puxando para fora dali sem pensar duas vezes.

— Precisamos ir. Quando encontrarmos alguém, aja como se estivesse com medo. Eu preciso te segurar como se planejasse te foder de todas as formas possíveis, sem o seu consentimento.

— Jesus, Tobias.

CAPÍTULO 4



Stacey

Assim que dobramos o corredor e subimos um andar, ouvimos choramingos. Gemidos. Ele xinga e me puxa para o lado quando hesito em meus passos.

— Você não pode correr se ficar com medo. Precisa ser obediente e ficar ao meu lado, ok?

Ergo a coluna e aceno para ele.

— Sim.

— Vou ter que te tratar mal.

— Eu sei — respondo, meus olhos se desviando para o lado quando ouço um homem rindo.

— Peço desculpas antecipadamente.

Ele parece genuinamente apavorado, então suavizo minha voz.

— Tobias, está tudo bem; só se apresse.

Ele agarra meu braço e me puxa pelo corredor, e eu tento acompanhá-lo.

Fazemos outra curva, e minhas costas batem na parede antes que eu possa sequer soltar um suspiro. Tobias se encosta na minha frente e abaixa a cabeça até a concavidade do meu pescoço.

— Desculpa — ele sussurra, uma respiração suave pelo buraco na boca

da máscara. — Desculpa. Desculpa. Desculpa — ele diz repetidamente entre respirações enquanto agarra minha coxa e a puxa para o seu lado, atuando. — Me perdoa.

Archie passa com três guardas. Ele está falando ao telefone e não nos dá atenção. Ele está gritando com alguém para controlar uma pessoa.

Assim que eles desaparecem de vista, ele solta minha perna e recua como se eu o tivesse queimado.

— Desculpa. — Ele me endireita e vira a cabeça.

— Você acha que ele estava falando do Kade?

Tobias treme um pouco, e eu sei que ele está vibrando pela raiva que luta para controlar.

— Provavelmente — ele diz com um sorriso irônico, olhando na direção em que Archie foi. — Estou me esforçando muito para não quebrar o pescoço do desgraçado, mas não posso arriscar você. Vamos lá. Vou garantir que ele queime junto com a mansão.

Ele pega meu pulso e me puxa pelo corredor mais uma vez. Irritantemente, um homem com um charuto caminha em nossa direção com uma das plaquinhas de leilão na mão. Tobias abaixa a mão até meu quadril e cumprimenta o homem, tentando se misturar.

Sua mão queima.

Assim que o homem se vai, seu toque se desfaz bruscamente.

Aceito sua mão na minha, seu polegar esfregando minha pele para me lembrar de que estou segura enquanto o sigo por outro corredor, frio e úmido, portas alinhadas em um lado da parede, os cômodos trancados e tomados por mais gemidos.

Eu choramingo baixinho e abaixo a cabeça quando uma porta se abre e vejo uma garota esperando lá dentro, com as mãos obedientemente pousadas no colo.

— E o resto delas?

— Assim que eu te tirar em segurança, Barry, seus homens e os russos invadirão o lugar. Eles vão tirá-las de lá antes que incendeiem tudo. Os russos queriam invadir imediatamente, mas eu não podia arriscar que você se machucasse. Este é o caminho mais seguro.

Minha mão está na dele novamente enquanto subimos a escada, a música lentamente preenchendo meus ouvidos. Música orquestral — Alexandre Desplat. Costumo apreciar sua música enquanto danço ou leio, mas agora, está piorando toda a situação. O volume fica mais alto à medida que chegamos ao topo, a escada se abrindo para o saguão principal onde a melodia se funde com *Statues*.

A céu aberto, ele solta minha mão e pega meu braço novamente, me arrastando e empurrando pelos cantos. Sei que ele odeia me tratar assim, mas não podemos deixar ninguém reconhecê-lo ou perceber o que estamos fazendo.

Alguns dos outros compradores estão andando por aí, exibindo seus novos bichinhos de estimação, todos com vestidos brancos idênticos aos meus. Alguns parecem um pouco mais novos do que eu, alguns mais velhos, e alguns estão completamente apavorados e soluçando.

Em vez de passar pelas portas da entrada, viramos à direita, contornando a sala de leilões, que está cheia de trabalhadores limpando. Ele anda devagar, para que eu possa acompanhá-lo descalça. Ninguém pisca na minha direção, apesar das manchas vermelhas espalhadas por todo o meu vestido e rosto.

Como se isso fosse normal para eles.

Um guarda está parado ao lado com uma arma presa ao peito. Ele acena para Tobias.

— Está gostando do seu prêmio, senhor? Ela é do seu agrado?

Meu corpo fica rígido quando Tobias me puxa para ficar na frente dele, fingindo sussurrar em meu ouvido palavras de agressão, com a mão logo abaixo do meu peito, enquanto na verdade me diz para não fazer contato visual e que, mais uma vez, sente muito.

— Ah, ela é mais do que do meu agrado. Linda, não é?

— O senhor vai se juntar aos outros na sala de conferências?

— Talvez da próxima — ele diz, agarrando um punhado do meu cabelo e me arrastando para o corredor ao lado.

Dou uma cotovelada nele quando estamos fora de vista.

— Você não precisava puxar meu cabelo.

— Eu gosto de puxar cabelos.

Reviro os olhos.

— Claro que sim.

Ele dá uma piscadinha e pega o celular.

— Estamos nos aproximando. Prepare seus homens. — Ele desliga e olha para mim. — Não há guardas neste andar. Estamos quase lá, Pequena.

Paramos em um pequeno nicho no saguão, e ele joga a máscara de lado, franzindo as sobrancelhas. Ele tira o paletó, retira uma adaga e uma arma e as guarda na cintura.

— Aqui — ele diz, deslizando o paletó por cima de mim, me ajudando a colocar os braços em cada lado e abotoando a frente para esconder mais da minha pele exposta. — Bem, isso poderia ter sido muito pior. Foi bem fácil, para ser sincero. Tirando ter que te tocar. Sem ofensa, mas isso me deu vontade de vomitar em você toda.

Quero chamá-lo de psicopata por achar que isso não foi nada assustador, mas ele é mesmo um, então eu só estaria afirmando o óbvio.

Tobias não sente o mesmo que eu; suas emoções são aprendidas, alteradas e completamente diferentes das minhas.

— Acho que você gostou até demais me jogar de um lado para o outro. Vingança por todas aquelas vezes que te venci no xadrez?

Ele bufa.

— Não se iluda achando que foi, nem por um segundo, divertido. Eu prefiro ficar jogando Aria de um lado para o outro, de preferência enquanto ela estiver usando…

— Para! Algumas coisas são melhores guardadas para si mesmo, seu idiota. E se isso aqui não acabar te matando, Aria vai fazer isso por você ter escapado — digo. — Você já se encontrou com ela?

— Eu a observei, mas não tenho coragem de ir vê-la. Nem fodendo. Ela vai me mandar de volta para os Estados Unidos. Acho que ela vai me cortar de vez depois disso.

— Acho que ela vai entender — digo, soltando um "uhm" confuso quando ele puxa o paletó em volta de mim, e eu fico colada em seu peito, seu rosto caindo em direção ao meu pescoço enquanto ele puxa minha cabeça pelos cabelos, fingindo me morder no momento em que um guarda passa.

Então me afasta como se eu fosse venenosa.

— Aquele filho da puta do Barry deveria ser bom no que faz. E, novamente, sem ofensa, mas se mais uma pessoa aparecer, talvez eu precise deixar a gente ser pego.

— Por quê? — pergunto.

— Estou… muito desconfortável agindo assim — responde, desviando o olhar e enfiando as mãos nos bolsos. — Sinto que estou traindo meu filho e Aria.

— Isso não é real.

— Eu sei — ele sibila. — Ainda assim, fico desconfortável.

O telefone dele toca novamente, e depois de Tobias dar um chilique por um minuto inteiro, Barry avisa que eles estão quase prontos e em posição. Ele dá instruções sobre a janela por onde temos que pular e que escaparemos pelos fundos do terreno, já que não há ninguém lá.

— Para ser sincero, acho que a Aria não vai me perdoar por isso. Provavelmente a perdi. Ela vai me odiar como o resto do mundo. — Ele suspira novamente e aperta o nariz. — Mas eu não tinha outra opção; você não apareceu para a visita. Tive que fugir.

Com algo próximo a uma risada incrédula, encaro o pai de Kade, o

cansaço em seus olhos por lutar constantemente consigo mesmo.

— O mundo realmente não faz ideia de quem você é. É meio maluco, mas se importa muito com sua família. Você aprendeu a amar sozinho... sim, do seu jeito, mas isso por si só vai contra a opinião de todos sobre você. Você não é insensível, Tobias. Quem se importa com o que o mundo pensa?

Ele faz uma careta; odeia elogios e qualquer sinal de carinho.

— Cale a boca ou vou te devolver pra eles.

Dou uma risadinha.

— Senti sua falta.

— Terminou?

Reviro os olhos, e ele pega minha mão e me conduz pelo corredor novamente. Viramos à esquerda e paramos de andar.

Uma garota está pressionada contra a parede, gritando para dois homens pararem. Eles não são guardas. Estão de terno. Arrematantes. Um tenta levantar o vestido dela enquanto o outro agarra seu rosto e tenta enfiar os dedos em sua boca.

Não consigo ver o rosto dele, mas sinto a energia se chocar contra um vazio sombrio, enquanto Tobias me puxa devagar pra trás e, ao mesmo tempo, desliza a adaga da cintura.

A garota vira o rosto para se esquivar de uma língua, e quase avanço quando vejo que é Cassie Sawyer, filha de Bernadette.

Seus dedos se flexionam sobre o cabo e, num lampejo silencioso que me faz recuar até atingir a parede oposta, ele agarra o cabelo do homem mais próximo, puxa sua cabeça para trás e corta sua garganta com a faca.

Ruídos animalescos preenchem o corredor, engasgos gorgolejantes, o rosto de Tobias respingando em vermelho enquanto ele perfura o crânio de sua vítima com a adaga, por precaução. A adaga permanece empalada enquanto o corpo cai no chão, sem vida, sem visão, com os olhos cegos fixos em mim. Seu amigo bestial solta Cassie, que soluça, agora coberta de sangue. Ela cai lentamente no chão, amontoada, com os olhos vidrados e os lábios roídos de tanto mordê-los. Uma de suas unhas está levantada, a pele toda rasgada, como se ela tivesse tentado se arrancar das mãos deles com as próprias garras.

Corro até ela, caindo de joelhos e a puxando para longe deles enquanto o cara que sobrou tenta dar um soco em Tobias, falhando quando ele agarra seu pulso, o quebra com um estalo rápido e, em seguida, dá uma cabeçada nele.

O nariz do homem estala.

Tobias afasta o braço dele e soca seu rosto, forte o bastante pra jogar o cara contra a parede — e ele nem tem chance de reagir antes que o Tobias esmague o rosto dele de novo, e de novo. É uma surra brutal, contínua, com

tanto sangue espirrando *pra* todo lado que, no fim, aquele desgraçado tá irreconhecível. Tobias afundou seu rosto completamente.

Cassie está consciente, mas arrastando as palavras, com o sangue secando em suas bochechas. O vestido dela gruda no corpo suado, e há um grande buraco perfurado no braço dela. Ela olha para mim, mal me vendo — então seus olhos reviram para a nuca e ela cai nos meus braços.

Os lábios de Tobias se contraem.

— Bem, isso é uma pena. Ela é a inimiga. — Ele me ajuda a levantar e a joga por cima do ombro. — Que bom que estamos quase saindo daqui. Pegue o celular dela, está ali no chão.

Pego o celular e entrego a ele, que o guarda no bolso.

— Para onde vamos levá-la?

— Ela é a isca. Ou a chantagem. Um filho em troca do outro. Isso se eles não morrerem todos quando este lugar pegar fogo.

Tobias entrelaça nossas mãos novamente, mantendo Cassie inconsciente em seu ombro enquanto nos leva até o final do saguão e abre uma janela. Solto um suspiro de alívio quando o rosto de Barry aparece.

Ele abri um sorriso para mim quando sorrio.

— Boa noite, senhorita.

Eu rio.

— Pare de me chamar assim.

O pai de Kade resmunga.

— Calem a boca. Pegue isso. — Ele praticamente joga Cassie nele. Barry pega seu corpo inerte e a entrega a um de seus homens, ordenando que a levem para o carro dele.

Tobias me ajuda a subir até o parapeito da janela, e um dos homens de Barry me ajuda a descer. Assim que meus pés pressionam a grama macia, Barry me puxa para si; outro abraço que eu não sabia que precisava. Envolvo meus braços em volta dele com a mesma força.

— Que bom que você está bem. Eu estava preocupado. Nunca teria me perdoado se algo acontecesse com você, Srta. Stacey.

Tobias nos olha com uma expressão de desgosto e estreita os olhos para Barry.

— Solta ela e vamos logo. Antes que alguém nos veja.

Barry caminha conosco enquanto nos esgueiramos pelo terreno até uma pequena área arborizada. Meus pés doem e eu me encolho um pouco, mas não digo nada. Temos mais com que nos preocupar do que com meus pés descalços.

Sem querer, esqueço de segurar um galho, e ele bate na cara de Tobias.

Eu me encolho e olho por cima do ombro, murmurando um *opa*.

Ele parece querer me esfaquear.

Corremos por entre as árvores, e a música morre quando passamos pelos estábulos. Não há cavalos. Não consigo sequer imaginar Bernadette cuidando de um.

Saímos pela entrada não usada dos fundos, o portão de metal range alto, mas não o suficiente para chamar atenção para nós no escuro.

Estou com muito medo de sentir alívio, porque algo sempre dá errado.

Barry me dá um pequeno aceno com a cabeça e abre a porta de um dos carros para mim.

— É bom te ver de novo — digo. — Espero que Eva e Lisa estejam bem.

— Elas estão seguras e escondidas. E é muito bom te ver também. Mas, sendo sincero, minha vida tem sido bem tranquila sem você.

Balanço a cabeça de um lado para o outro.

— Suas bochechas ficam vermelhas quando você mente.

Quando o carro parte, Barry nos conta que os russos estão se preparando para invadir a mansão; que dentro de uma hora, ela estará em chamas.

Espero que os Sawyers queimem.

Mesmo que a filha deles esteja no porta-malas.

Quando chegamos ao chalé, o sol já está começando a nascer e estou exausta. Eu quase tinha adormecido no ombro do Tobias, mas ele me afastou com um encolher de ombros enquanto mexia no tablet, procurando a localização do Kade pelo feed de segurança que o Barry tinha hackeado.

Fico observando o quanto Tobias está tentando se manter firme enquanto desliga a tela do tablet e fica olhando pela janela com olhar vazio, piscando mais do que o normal, antes de checar a tela para ver se mudou alguma coisa e voltar a olhar para janela fixamente.

Sua máscara se estilhaça quando saímos do carro. A porta do chalé se abre e Aria sai correndo, com os olhos vermelhos enquanto seu corpo se choca contra Tobias, e ela solta uma sequência de soluços.

— Nossos bebês — ela chora. — Precisamos ajudá-los. Por favor, ajude eles.

Ele acaricia a nuca dela, o braço em volta de sua cintura.

— Nós ajudaremos. Prometo que vamos trazer nossos filhos de volta.

A porta se abre novamente e meus olhos pousam em Jason.

CAPÍTULO 5



Stacey

Passado

Minha cabeça está confusa enquanto abro os olhos, estremecendo tanto pela luz do sol que entra pela janela quanto pela dor nos músculos.

Eu me aninho no abraço de Kade e congelo de uma vez, como se água gelada tivesse encharcado meu corpo nu quando percebo que o peito não tem tatuagens. A mão apoiada no meu quadril pertence a alguém que não é meu namorado. E quando levanto os olhos para ver o rosto da pessoa, meu estômago se embrulha.

É Jason.

O irmão mais velho de Kade.

Estou na cama do irmão do meu namorado. Sem roupa.

Sinto vontade de morrer quando entre minhas pernas pulsa a pior dor imaginável.

— Não — deixo escapar com uma voz rouca e seca e me afasto dele — meu coração dispara e se despedaça instantaneamente. Estremeço por dentro com a rigidez do meu corpo. — Não. Não, não, não. Por favor, não.

Ele geme e tenta me alcançar. Seus olhos estão fechados, uma ruga entre as sobrancelhas enquanto ele tenta me puxar para si.

— Volte a dormir, Giana. Vamos comprar os testes mais tarde.

A respiração que solto fica presa no meio do caminho, e todos os meus músculos ficam tensos quando sua mão desce até minha bunda.

Eu me jogo para longe dele com um grito e escondo meu corpo nu com o edredom, puxando-o completamente para longe dele. Fecho os olhos e imploro para mim mesma acordar — para sair desse pesadelo enquanto me encosto na cadeira de escritório e caio nela.

Abro levemente meus olhos quando ouço a cama se mexer.

A bile sobe pela minha garganta.

Tudo o que consigo pensar é que Kade nunca vai me perdoar — eu quebrei a confiança dele e arruinei nosso futuro juntos. Eu não sou assim. Amo Kade mais do que tudo no mundo. Ele era a única pessoa que me mantinha respirando. Ele era o ar para meus pulmões famintos.

E pelas marcas no meu peito, as marcas de mordidas nos meus seios e o corte no meu mamilo, sem mencionar os hematomas e o sangue seco nos meus quadris e na parte interna das coxas, sei que estraguei tudo.

Jason senta-se ereto no colchão, com um olho ainda fechado.

— Baby, o que você está… — Sua voz para, e ele inclina a cabeça para mim — olha de volta para a cama e depois para mim, completamente perdido. — O que você está…? Quem…? Stacey?

Ele pega um travesseiro e o segura contra si, com a mão tremendo enquanto o passa pelos cabelos suados.

— Que porra é essa?

Uma lágrima escorre pela minha bochecha enquanto eu tremo e olho para a parede. Estou me esforçando muito para não chorar, para não me jogar no chão, me enrolar e gritar por perdão.

Eu traí Kade. Eu… o traí. Com Jason. Por que eu faria isso?

Eu não faria. Kade é tudo para mim. Ele é a minha pessoa. Aquela com quem terei uma família grande — envelhecerei junto.

Não pisco, meu corpo tremendo enquanto me levanto da cadeira, mantendo as cobertas contra o peito e me distancio o máximo possível da cama. Se meu corpo permitisse, eu correria, mas mal consigo ficar de pé.

Minhas costelas ainda estão quebradas. De quando Chris encontrou a imagem da ultrassom no meu quarto e me jogou de um lado para o outro com muita raiva, me chutando repetidamente na barriga até que matasse minha filhinha.

Mal reconheço minha própria voz enquanto me levanto e, de alguma forma, pergunto:

— Você me tocou? — Já sei a resposta enquanto minhas palavras se

quebram. — Nós…? Você…?

Os olhos de Jason se arregalam.

— Espera aí. Espera um minuto, caralho. Nós transamos? Eu transei com você? Achei que você fosse a Giana. — Sua boca se abre e ele olha para o sangue seco espalhado por todo o abdômen. — Este sangue é seu?

Tento engolir em seco, mas não consigo, concordando.

— Acho que sim.

— Porra, eu não… Nós não… — Ele para, balançando a cabeça de um lado para o outro e a abaixando. — Isso não está acontecendo. Por favor, me diga que isso não está acontecendo. Eu tenho uma noiva! Você é a namorada do meu irmão mais novo!

Tento engolir em seco novamente, mas minha garganta está inchada.

— Por que estou aqui, Jason?

Ele olha para cima, com o cabelo bagunçado e os olhos vermelhos.

— Eu não sei de porra nenhuma. Por que você está aqui? Por que estava na minha cama?

Eu estremeço ao dar um passo para trás, sentindo uma ardência horrível entre as pernas. Minhas pernas fraquejam — minha coluna quase quebra com o esforço de manter o corpo ereto.

Flashes me vêm à mente, e meu peito se contrai, vendo rostos diferentes acima de mim. Corpos. Dentro e ao meu redor.

Lembro-me de cheiros diferentes. Grunhidos. Ser mordida.

Alguém pressionando sua mão grande contra meu rosto, forçando minha cabeça contra o colchão, com força suficiente para que eu pensasse que minha cabeça fosse rachar.

Ser estrangulada até minha visão desaparecer.

Alguém me estapeando, ou seria uma cabeçada?

A voz do meu irmão postiço.

A necessidade de correr e gritar, mas sem ter controle do meu corpo. Minha mente mal estava presente, mas me lembro de partes. A sensação de estar perdida. Vazia. O quanto eu queria que meu namorado ou meu outro irmão arrombassem a porta e acabassem com aquilo.

Lembro-me do terror. Lembro-me de mais de uma pessoa… E elas…

Meu coração se afunda quando a imagem de Jason surge na minha mente, e meus olhos ardem ao lembrar que ele estava com eles. Ele estava em cima e embaixo de mim. Minha mão cobre minha boca e eu recuo para o canto do quarto, bem longe dele.

— Você me estuprou?

Ele veste uma boxer e se levanta.

— O quê? Não. Eu não faria… Eu nunca faria… Eu… Espera, um cara me deixou bêbado e… Porra, acho que nós… — Ele morde o lábio e me encara desesperadamente. — Que idade você tem? A mesma do Kade?

— Dezenove — respondo, meu queixo tremendo enquanto aperto o edredom até doer mais do que meu corpo.

— Eu não te estuprei. Por favor, acredite em mim. Eu nunca faria isso.

Mordo meu lábio já inchado e cortado.

— Eu fui estuprada. Eu me lembro de ter sido estuprada. Eu gritei para que parassem e tentei revidar. Eu me lembro de você.

Ele olha para a cama, as manchas de fluido ali, e seu peito sobe e desce mais pesado.

— Acho que nós só… eu não te estuprei, Stacey. Eu juro. Eu não sou um estuprador.

Minhas bochechas estão encharcadas.

— Mas você estava em cima de mim — digo com um soluço, cravando as unhas na palma da mão. — Você estava em cima de mim. Eu não queria. Eu amo o Kade.

Jason olha para mim, com o rosto pálido. Uma parte de mim acredita que ele é inocente.

— Nós realmente…? — ele pergunta, com os olhos vidrados.

— Acho que sim. — Umedeço meus lábios secos e desvio o olhar. — Acho que sim. Eu estou… estou muito dolorida.

Seu rosto se fecha quando levanto os olhos para ele.

— Você está dolorida?

Concordo com a cabeça.

— E tenho marcas de mordidas no peito e nas coxas. Estou machucada. — Não menciono a dor dentro e ao redor do meu traseiro. Já estou perturbada o suficiente.

Ele anda de um lado para o outro, puxando os cabelos, resmungando sobre sua noiva, como Kade irá matá-lo, e se questionando se realmente fizemos sexo. Imaginando se isso tudo não passa de um pesadelo.

— Me desculpa — soluço. — Me desculpa. Preciso ir. Preciso ir. — Tento andar, mas meus pulmões se contraem e eu ofego com a dor que me percorre todo o corpo, curvando-me.

Eu me encolho quando Jason tenta me ajudar, um som de terror escapa dos meus lábios. Ele dá um passo para trás, levantando as duas mãos.

— Vou pegar alguma coisa para você. — Jason esfrega o rosto com a palma da mão e abre as gavetas da cômoda, tirando roupas de lá. — Vista estas. — Ele as joga no meu colo e abre a gaveta da mesinha de cabeceira enquanto eu

visto as peças. Aproveito que ele está de costas, deixo o edredom cair e visto a blusa, enquanto ele corre até o banheiro e enche um copo d'água pra mim. — Tome isso. Se você estiver dolorida, vai ajudar — diz ele.

Olho para a mão dele, para os dois comprimidos brancos, e balanço a cabeça em negativa.

— Não.

— Eu juro — diz ele, ajoelhando-se lentamente à minha frente, mas ainda mantendo distância. — Eu não sabia que era você. Eu… não me lembro de muita coisa, mas eu… pensei que você fosse a Giana. Me desculpa. Me desculpa mesmo. Vou resolver isso.

Eu me encolho quando ele pega minha mão e coloca os comprimidos nela.

— Você quer ir para o hospital? Para o Kade? Se você… Se você estiver achando que eu dormi com você sem o seu consentimento, quer me denunciar? Vou explicar o que puder para o Kade e me entregar.

A pressão aumenta atrás dos meus olhos. Eu acredito nele.

— Não foi sua culpa. Acho que meu irmão me trouxe aqui como punição.

Tentando me lembrar da noite passada, minha cabeça dói. Eu estava na boate com o Chris e os amigos dele, e ele me forçou a engolir um comprimido, depois outro e outro. Ele segurou meu queixo e gritou para que eu bebesse e engolisse a droga.

Ele me fez dançar.

Os dedos de alguém estavam… Eu disse não.

E então tudo ficou em branco.

Jason… de onde ele veio?

Lembro-me de vê-lo na boate. Foi breve, quando Chris tentou me empurrar para a pista de dança, ou foi para me tirar dela?

Apoio a cabeça nas mãos.

— Me desculpa — digo. Chris o colocou nisso. E ele não só arruinou meu relacionamento, como também o de Jason e Giana. — Foi o meu irmão. Ele é um monstro. Ele deve ter armado tudo isso. Ele é assim. Ele é malvado e manipulador. Ele… ele deve ter me obrigado a fazer isso para se vingar de mim por estar com o Kade.

Soluço e um nó de vômito sobe pela minha garganta.

— Eu… parei de tomar a pílula porque eu e o Kade estávamos tentando ter outro filho. E se? E se nós… — Luto para terminar a frase, a pergunta proibida que me deixa doente. — Eu amo o Kade. Pensei que você fosse ele quando acordei. Preciso contar a ele. Não posso esconder isso dele.

— Não me lembro de mais ninguém aqui. Acho… acho que acabamos de chegar. Não sei. Nós dois vamos contar para o Kade. Vamos nos explicar. A última coisa que eu disse ao meu irmão foi para te manter em segurança e manter a cabeça erguida. — Ele solta um bufo de desgosto, os próprios olhos vermelhos e lacrimejantes. — E então, isso acontece.

— E a sua noiva?

Jason me encara.

— Acho que ela nunca vai me perdoar por isso. Independentemente das circunstâncias. Ela está no trabalho. — Ele olha para o relógio. — Vai chegar em casa em algumas horas. — Ele se levanta. — Vou te levar para o hospital.

— Não! — Eu me ergo e agarro o braço dele. — Só quero ir para casa.

— Vou te buscar assim que falar com a Gi. Falaremos com o Kade. — Ele enxuga a bochecha, funga e acena com a cabeça. — Me desculpa, Stacey.

Meu lábio treme.

— Me desculpa também.

Quando ele me deixa em casa, mal conseguindo entrar sem me encolher de dor, sinto um peso no peito. Tanto físico quanto mental.

Estou apenas aguardando meu mundo desabar.

Chris está ouvindo música em seu quarto. Nora está em um evento beneficente com meu pai. E Kyle está na faculdade.

Subo as escadas lentamente, engatinhando no último lance e trancando a porta do meu quarto. O chuveiro está fervendo, deixando minha pele vermelha, e eu soluço até não aguentar mais enquanto lavo toda a sujeira.

A água passa de vermelha para um rosa claro e depois para transparente, e eu fico ali, mesmo depois que esfria. Não sei quanto tempo levo para sair e me vestir, então me deito na cama, olhando para o teto enquanto penso em um milhão de maneiras de fazer Kade não me odiar para sempre.

Vou perdê-lo.

Uma batida na porta não me perturba. Mesmo quando abre, graças à irritante habilidade do meu irmão postiço de destrancá-la por fora. Ele ri baixinho e, fracamente, ouço-o perguntar:

— Noite difícil?

Meus olhos não desviam do teto.

— Você esqueceu isso na boate — diz ele, deixando meu celular cair no meu peito. — Você realmente não deveria beber. Estava uma bagunça ontem à noite.

Quando não obtém resposta, ele beija minha bochecha e sai.

Uma lágrima escorre pelo meu rosto, passa pela minha orelha e molha meu travesseiro.

Uma hora se passa. A dor piora. Jason vai me buscar em breve e vamos ver o Kade.

Em algum momento, verifico meu celular e meu coração se aperta ao ver todas as mensagens de Kade. Algumas das minhas amigas. Tylar me pedindo para repassar os planos para o estúdio que Ewan está construindo na mansão. Luciella me dizendo que preciso visitá-la porque ela está sempre entediada e Base fica enchendo o saco dela.

Meu pai me dizendo que ele e a Nora estarão em casa amanhã de manhã.

Chris me perguntando se eu ainda estou viva.

E uma do Jason, perguntando se eu estou bem e dizendo que ainda não consegue encarar o Kade. Ele pede desculpas. Me diz que a Giana teve que trabalhar algumas horas extras e que deve voltar mais tarde hoje à noite.

Ele se desculpa novamente.

A última mensagem de Kade chega.

Minha Pessoa: Estou começando a entrar em abstinência, Sardentinha. Quer que eu vá até sua casa e cuide de você até ficar boa?

Eu: Não!

Eu: Estou bem, só muito cansada. Eu e Tylar viremos mais tarde para discutir os planos com Ewan para o estúdio surpresa que ele quer construir para Luciella. Vamos passar a noite. Posso ir te ver quando Ty dormir? Preciso falar com você.

Eu: Estou com saudades.

Minha Pessoa: Claro. Também estou com saudades, Sardentinha.

Engulo mais analgésicos e forço minhas pernas a se mexerem para

poder encontrar Tylar. Uso uma camiseta de gola alta e calça jeans, escondendo todas as evidências da noite passada. Ela pergunta se estou bem, nota que estou pálida e me diz para dormir bem quando terminarmos com Ewan.

Jason é a cara do Ewan.

Mal consigo olhar para ele.

Quando me encontro com Kade, ele recebe um clipe meu com Jason, e tudo desmorona.

Ele grita comigo. Ele me odeia. Diz que estou morta para ele. E, então, me deixa.

Não me responde quando ligo ou mando mensagem, e quando tento ligar para Jason, ele recusa a ligação.

Tudo está… lento, dolorido, sinto uma dor na cabeça enquanto a escuridão me envolve. Uma bolha se forma na minha mente, e meu peito está tão apertado que preciso acabar com isso.

Tudo isso precisa acabar.

Uma hora depois, o vento joga meus cabelos enquanto estou na Ponte Erskine. Olho fixamente para a névoa, a queda abaixo de mim é mortal, mas eficaz. Tudo o que preciso fazer é dar um passo à frente e tudo irá desaparecer.

Chris não poderá me pegar, porque eu estarei morta.

Você está morta para mim.

Estou morta para mim, também.

Não estou com medo.

Isso fará tudo parar.

Não terei mais medo de ir para casa.

Poderei ficar com a minha filhinha.

Um carro freia bruscamente atrás de mim, mas continuo com o olhar vazio fixo à frente. Cada respiração soa como uma contagem regressiva até a última, enquanto meus dedos vão, pouco a pouco, afrouxando do parapeito — até que um movimento no canto da minha visão me faz parar.

— Por favor, não faça isso — diz Jason, e posso ver, olhando de soslaio, que seu rosto está todo machucado. Deve ter sido Kade. — Não pule.

Não me resta nada. É tudo só dor, escuridão e um monte de nada. Quero dizer isso a ele, mas não consigo. Mantenho meus olhos fixos na frente.

— Se matar não vai fazer tudo desaparecer. Se você pular, talvez isso acabe com você, mas todos que se importam com você sofrerão. Sabe por quê? Porque você é amada, Stacey.

Quero balançar a cabeça em negativa. Ninguém me ama. Estou morta para todos.

— Stacey… — Ele se aproxima, e meu queixo treme. — Podemos dar

um jeito nisso. Podemos falar com ele. Desculpa por ter me assustado. Podemos consertar tudo. Podemos descobrir o que aconteceu ontem à noite.

O vento está mais forte, e eu deveria estar com frio só de camiseta, mas não sinto nada. Não sinto absolutamente nada. Não quero pular porque o Kade me deixou. Quero fazer isso porque quero morrer.

— Olhe para mim — ele diz, com a voz mais próxima. — Por favor, Stacey. Eu também perdi tudo.

Viro a cabeça lentamente para ele.

Seu rosto está uma bagunça. O nariz dele está sangrando, a sobrancelha cortada e o lábio inferior inchado.

— Perdi minha noiva, que provavelmente já está grávida. Perdi meu irmão. E provavelmente perdi o resto da minha família. Se você pular, vai me deixar enfrentar isso sozinho.

Minha voz me trai ao sair rouca, meu rosto se contraindo:

— Mas dói. — Por dentro e por fora. Tenho curativos espalhados pelo peito e pelas coxas. Os hematomas só ficam mais feios, e por dentro estou em pedaços.

Ele levanta as mãos enquanto avança lentamente, até estar bem ao meu lado, do lado oposto ao parapeito. Ele segura minha blusa por trás.

— Perdi minha filhinha e agora o perdi.

Com cuidado, Jason se aproxima.

— Sinto muito que isso tenha acontecido com você. Mas a morte não é a resposta, Stacey. Você vai deixar tanta tristeza para trás, quando todos nós podemos te ajudar. Pular desta ponte não vai fazer isso parar.

— Talvez não — digo, olhando para a névoa novamente, com a voz monótona. — Mas é a única maneira que eu vejo de fazer a dor parar.

Jason suspira.

— Qual é o seu filme favorito?

Fico em silêncio, confusa com a pergunta dele.

— O meu é *Clube da Luta*. Acho que já assisti mais de mil vezes. Qual é o seu?

Umedeço os lábios e, quando vou responder, imagens minhas e do Kade deitados na cama, assistindo ao *Rei do Show*, Milo e Hopper pulando comigo enquanto danço, me fazem sentir um aperto no barriga.

Jason continua.

— Me conte sobre a sua família. O que eles fazem?

Franzo a testa, mas em vez de encarar o abismo e soltar o parapeito, digo:

— Meu pai é engenheiro. Nora, minha madrasta, parou de trabalhar

quando se casou com ele. — Pisco, sem saber por que estou respondendo. — Ela tem dois filhos. Um é ótimo, mas o outro é a reencarnação de Satanás.

— Meu pai também é engenheiro.

Viro-me para encará-lo.

— De que tipo?

— Estrutural. Ele construiu seu negócio ao longo dos anos. Que tipo de engenheiro o seu pai é?

Lembro-me do dia em que ele teve sua grande chance e foi contratado por uma empresa conhecida.

— Químico.

Ele faz um som de concordância, e sua pegada na minha blusa fica mais forte enquanto eu solto o parapeito.

— O irmão bom, como ele é?

— Mandão — eu digo, meu lábio se curvando no canto. — Ele é como todos os irmãos deveriam ser. Ele me ama como se eu fosse sua irmã de verdade. Ele… ele não queria ir para a faculdade, porque isso me deixaria com o Chris. Ele sabe que o Chris é possessivo e controlador comigo, mas não faz ideia de até onde ele leva as coisas. Ele merece cair dessa ponte.

Ele concorda com a cabeça.

— Então invés disso vamos jogá-lo.

Eu me viro para ele novamente, com lágrimas escorrendo pelo meu rosto e sendo levadas pelo vento.

— Promete?

— Desce daí, e eu prometo.

Mal sabia eu que, quando ele me ajudou a descer da ponte e me levou para casa, aquela seria a última vez que eu o veria. Ele quebrou a promessa e, junto com o Kade, desapareceu da minha vida no processo.

CAPÍTULO 6



Kade

O dedo que puxo gatilho tem uma marca permanente. Nunca tinha percebido isso até agora. É estranho pensar que isso vai estar sempre aqui. Que, se um dia eu conseguir sair dessa vida, vai ser uma lembrança constante das pessoas que matei.

A pele é áspera e seca. Esfrego-a com a ponta do polegar e a observo enquanto Base cantarola uma música da Taylor Swift para si mesmo. Meus dedos também tremem. Eles tremem sem que eu perceba, mas pelo menos, Ewan vai parar de insistir pra eu trabalhar com ele. Provavelmente não consigo nem usar uma chave de fenda ou um nível direito. Também duvido que eu seja capaz de atirar com qualquer tipo de precisão.

Fecho a mão em punho tentando ignorar esse lembrete irritante da tortura que passei.

Se Stacey algum dia me deixar segurar a mão dela novamente, será que sentirá todas as mortes que causei?

Ela ficaria enojada com quem eu sou agora. Principalmente quando vir a cicatriz do canto da minha boca até o meio do meu peito. Se ela me perguntar quantas pessoas eu matei, devo mentir? Devo admitir que perdi a conta? Que gostei da maioria dos assassinatos?

Nunca mais a terei olhando para mim como quando éramos adolescentes.

Quando minha mente está em branco, é a voz dela que escuto. Dando risadinhas. Cantando. Chorando. Gritando. Implorando. Quando minhas mãos estão em volta do pescoço de outra pessoa, minha mente gosta de me foder e me mostrar seu rosto — Stacey se debatendo embaixo de mim enquanto se agarra ao último suspiro preso em seus pulmões.

Nunca mais sentirei seus lábios nos meus. Seus dedos entrelaçados com os meus enquanto escondemos nossas mãos sob o cobertor. Nunca mais irei beijá-la durante um jogo de desafios. Rir com ela enquanto canta as músicas de *O Rei do Show*.

Stacey não vai me dar outra chance nem em um milhão de anos, não importa o quanto eu implore.

E por que ela se faria isso? Sou um completo desastre. Também destruí a vida dela. Tratei ela como merda e fui embora justo quando ela mais precisava de mim. E agora estou aqui, tremendo feito um viciado atrás da próxima dose, implorando por isso com uma fome profunda — uma necessidade absurda de ficar chapado, de fugir da realidade e simplesmente perder a cabeça. Ou talvez seja apenas o fato de que eu *estou* em abstinência. Nunca me senti tão mal assim… nunca.

Será que ela ainda está viva?

Será que quem a comprou a matou rapidamente? Não que eu fosse dar a mesma cortesia ao filho da puta — quando descobrir o nome da pessoa e onde ela mora, nem minha mãe conseguirá impedir o que eu vou fazer.

Aperto os olhos na escuridão e me sento.

Pensar me deixa emotivo, e quando estou emotivo, perco o foco. Faço coisas erradas. Cometo erros no meu trabalho. E quando cometo erros, acabo levando uma punição. Ou Bernadette desconta em Base.

Ele não deveria nem estar aqui, deveria estar nos Estados Unidos correndo atrás da minha irmã enquanto ela finge não estar interessada. Ele deveria estar farreando, se embebedando, sendo o seu eu selvagem e cuzão de sempre e amando a vida, não aqui, comigo, forçados a fazer merdas.

Porra. Fomos até forçados a nos bater. Isso, provavelmente foi Bernadette tentando virar meu melhor amigo contra mim. Mas não importa o que ela nos faça fazer, seja brigar ou… outras coisas, temos nos mantido fortes. Nós prometemos que sairíamos dessa juntos. Se um de nós sair, o outro sairá também. Ficamos mais fortes. Lutamos por nossa sanidade.

Ainda estamos lutando.

Ele disse que a família dele iria interferir, mas já faz um ano que ele

prometeu que viriam por ele, por nós, e ainda não os vimos nem ouvimos falar deles. A esperança está se esvaindo aos poucos.

Fecho os olhos e me deito mais uma vez na minha cela, tentando imaginar meu quarto em casa, em vez deste buraco de merda. Tento fingir que há uma depressão no colchão aos meus pés, onde meus cachorros Milo e Hopper dormem, com um braço em volta da minha cintura, uma perna entre as minhas, meus dedos enterrados em cabelos grossos.

Tento pensar em uma época em que eu tinha tudo. Costumava me fazer sentir melhor, pensar nela e no que tínhamos juntos; pensar nos sentimentos que me invadiram quando me apaixonei perdidamente por Stacey Rhodes.

Não tem o mesmo efeito de antes. Não me dá uma sensação de conforto. Na verdade, pensar nela agora piora tudo. Me deixa com raiva. Frustrado. Perdido. E o pior de tudo, me dá vontade de matar mais pessoas.

Elas foram vendidas. Elas se foram.

Bernadette armou e vendeu duas das três mulheres mais importantes da minha vida. Eu praticamente implorei para que ela as trouxesse de volta, mas era tarde demais. Elas já tinham ido embora — os compradores decidiram fugir e incendiaram a mansão dela três dias atrás.

Infelizmente, Bernadette, o marido e a filha saíram. Não tão infelizmente assim, muitos dos guardas dela morreram. Quando ela apareceu aqui no dia seguinte, o rosto dela estava todo machucado. Stacey a tinha pegado de jeito — batido nela.

Minha garota. Mesmo diante do pior tipo de horror, ela tinha lutado pra caralho. Eu não achava possível amá-la mais do que já fazia, mas eu amo.

Archie ordenou que eu fosse amarrado a uma cadeira, então os guardas filhos da puta dele me fizeram assistir à gravação do estupro de Stacey. Cada segundo foi repetido várias vezes. Eu e quatro dos caras deles assistimos ela ser abusada repetidamente enquanto Archie fazia comentários que me levaram a arrancar a orelha dele com uma mordida.

Archie, o desgraçado de uma orelha só.

É por isso que estou aqui, passando fome e sofrendo as dores de uma abstinência. Em uma cela. Uma prisão fria. Uma pequena sala sem janelas e com paredes de pedra, uma delas com grades para que eu possa ver o interior da cela da Base. No subsolo. No escuro. E é a maior paz que já tive em meses.

Aparentemente, nossos compradores concordaram em esperar até o mês que vem para contratar nossos serviços.

Espero que alguém corte meu pau fora antes disso, ou terei mais uma morte em minhas mãos, para deixar Stacey ainda mais enojada.

Eu deveria estar socando a porta e procurando por Stacey. Mas não

estou, acho que não conseguiria dar nem dez passos sem desmaiar. Minha energia está completamente esgotada e continuo perdendo a consciência.

Não me entenda mal, eu adoraria procurá-la. Estou lívido. Quero derrubar essas paredes e explodir o mundo inteiro por ela, quebrar o pescoço do cara que a tem.

Eu o queimaria primeiro, mas o manteria vivo o suficiente para sentir cada segundo agonizante. Eu gravaria o nome de cada vítima que caiu pelas minhas mãos em sua pele, pelo menos aquelas das quais me lembro. Eu arrancaria seus globos oculares, quebraria cada dedo e arrancaria cada unha. Eu furaria suas coxa e o pregaria em uma cadeira.

Tantos cenários já se passaram pela minha cabeça. É um pouco preocupante o quão detalhados cada um é.

Mas eles não são nada comparado ao que farei com Christopher Fields quando colocar minhas mãos nele.

Base ouviu uma das minhas descrições antes de desmaiar esta manhã e perguntou se eu precisava de um abraço.

Definitivamente não.

Pego um dos pedaços de pedra que se soltaram da parede velha e jogo através das grades, acertando Base na cabeça. Faço isso com frequência para passar o tempo enquanto estamos aqui embaixo. Ele já se acostumou e apenas me ignora.

Olho para o meu amigo.

— Você está acordado?

— Não — diz ele.

Consigo distinguir o braço dele sobre os olhos, um curativo ensanguentado sobre o peito nu. O ferimento provavelmente está infeccionado, já que o curativo não é trocado há quarenta e oito horas.

— Acho que estou morrendo de novo. Não consigo enxergar.

— Isso é porque aqui dentro quase não tem luz — digo, bufando. — Ainda está doendo?

— Você quer dizer o buraco no meu peito feito três dias atrás? Não, está ótimo — responde sarcasticamente, sua voz ecoando até mim. — Está latejando um pouco e parece inchado, o que não pode ser um bom sinal. — Ele fica em silêncio por um instante. — Sua cicatriz ainda coça?

Passo levemente a ponta dos dedos pela pele elevada.

— Sim, um pouco.

— Eu sempre fui o mais bonito do grupo, mas com essa cicatriz aí, acho que as pessoas vão se sentir mais atraídas por você. Elas vão sentir pena. Mas quando estiver recebendo toda a atenção, mini Tobias, lembre-se, eu sou o

naturalmente bonito.

Reviro os olhos.

— Às vezes me pergunto por que diabos somos amigos.

— Porque eu sou engraçado. — Ele bufa para si mesmo. — Ei, você tem algum cigarro sobrando?

Sento-me e verifico o maço debaixo da minha cama, com o isqueiro enfiado dentro.

— Sim.

Eles foram jogados em nós ontem. Um presente da Bernadette para nos manter controlados — não comida, água ou algo saudável. Me movo para me encostar nas grades que nos separam, e Base geme enquanto se senta, segurando o peito com uma careta, depois vem se encostar nas grades junto comigo.

— Você acha que elas estão bem? — ele pergunta, pegando um cigarro da minha mão e acendendo. — As garotas.

— Eu não sei.

— Por favor, me diga que vamos dar uma lição nesses filhos da puta.

— Vamos. Eu prometo. — Acendo meu próprio cigarro, soprando uma nuvem acima de nós. — Você acha que eles vão envolver o Dez nisso?

— Não. O Dez provavelmente já está casado com a Tylar, com três filhos ou mais na cola deles. Você acha que eles estão viajando?

— A último notícia que eu tive é que eles estavam na Tailândia.

— Melhor ficarem por lá — diz, inspirando e expirando. — Sem dúvida, Vadiadette vai usá-lo contra nós.

Ficamos em silêncio por um instante, o cheiro de fumaça de cigarro preenchendo as celas. Os únicos sons são as torneiras pingando das nossas pias e o ronco de um carro passando pela estrada de cascalho acima de nós.

— Preciso encontrar a Luciella antes de morrer.

Abaixo a cabeça, concordando.

— Precisamos encontrar as duas antes de morrermos.

— Se você morrer, eu morro.

— Se você morrer, eu morro — respondo, tragando para tentar conter os tremores incontroláveis nas minhas mãos e no meu rosto. Pisco algumas vezes, lutando contra a sensação desconfortável, e solto outra nuvem de fumaça. — Só tente melhorar, para gente bolar um plano.

Volto para a cama porque a cela está girando, Base permanece no mesmo lugar, provavelmente fraco demais para se mexer, com o cigarro entre os lábios.

— Tentar manter as pessoas seguras é tão exaustivo — diz. — Não sei como me livrar de todas as ameaças.

— Matando. Tudo o que tenho feito nos últimos três anos é para manter todos seguros. E sinto mais falta da Stacey do que consigo explicar. Mas se eu demonstrar isso? Dou mais munição para Bernadette. Simplesmente não posso mais demonstrar. Eu me treinei para não fazer isso, você precisa fazer o mesmo. Se tornar minha irmã um alvo ainda maior, vou precisar te matar também.

Ele fica quieto, fumando o resto do cigarro antes de jogar a bituca no chão da cela.

— Me conte sobre ela.

— Você conhece a Stacey — resmungo. — Não me faça falar sobre ela.

— Não temos mais nada para fazer — ele responde, o colchão rangendo enquanto ele se deita novamente. — Vamos lá. Eu chupei seu pau, pelo amor de Deus. Pode pelo menos me tranquilizar dizendo quem realmente te deixou duro.

Faço uma careta.

— Se falar sobre isso de novo, ou em qualquer uma das outras vezes, eu darei um tiro no seu peito.

Fomos forçados. É sempre forçado entre nós. Entretenimento para Bernadette. Só não deixamos que isso nos destrua. Base tem um senso de humor horrível e sombrio e gosta de tocar no assunto sempre que está morrendo de tédio. Isso me irrita mais do que qualquer outra coisa.

— Você tem que admitir, vai ser um papo constrangedor na mesa de jantar quando eu me casar com sua irmã. Acha que seu pai vai me partir no meio quando descobrir que eu fiz os dois filhos dele gozarem?

Meus olhos se fecham.

— Por favor, pare de dizer o que se passa nessa sua cabeça em voz alta. E se falar da minha irmã desse jeito de novo, vou quebrar essas grades e te bater.

Base interrompe as imagens de mim o assassinando, rindo com deboche e dizendo:

— Fale comigo sobre Stacey, e eu nunca mais vou mencionar isso. Sei que você não consegue ver, mas estou levantando a mão, jurando a Deus que nunca mais vou discutir aquelas noites com sua irmã, nem falar sobre os orgasmos dela em voz alta.

Balanço a cabeça de um lado para o outro. Ele é louco pra caralho. Um assassino implacável quando estamos trabalhando juntos, geralmente terminando os trabalhos muito mais rápido do que eu, porém, é um bobo apaixonado com coraçãozinho nos olhos pela minha irmã.

Ele é como o sol brilhando em uma vala cheia de cadáveres.

Bernadette gosta da ética de trabalho dele e da precisão dos tiros, e sempre me diz para ser mais como ele. Numa briga de soco, eu acabaria com o Base, mas num tiroteio ele me meteria uma bala na cabeça antes de eu sequer

puxar o gatilho.

Não que eu fosse atirar no meu amigo.

— Naquela noite em que brincamos de desafios, quando éramos mais novos. Foi a primeira vez que eu a beijei; a primeira vez que beijei alguém.

Ele faz um som em concordância.

— Eu lembro. A melhor noite da minha vida. Eu estava torcendo de verdade pra você pelo menos beijar alguém. Mas vocês deram uma rapidinha? Porque você ficou lá menos de cinco minutos.

Reviro os olhos pelo que parece ser a milionésima vez desde que ficamos trancados aqui.

— Eu só a beijei.

— Ah. Esqueci que você foi virgem por um tempinho. Ela foi a sua primeira?

Faço um som, concordando.

— Sim.

— Foi em Londres? Você ficou estranhamente alegre depois disso.

— Sim.

— Ainda não consigo acreditar que você estava em um relacionamento com a Rhodes e não contou *pra* ninguém.

— Sim.

— Cara, se você continuar me dando respostas monossilábicas, vou acabar arrancando esse curativo e te bater com ele. — Ele ri de si mesmo, mas depois para com uma careta. — Não, mas falando sério. Pare de ser vago. Me conte sobre seu relacionamento com ela. Você nunca me responde quando pergunto merda nenhuma. A Stacey estava grávida, foi estuprada e você a abandonou. O pai dela morreu alguns meses depois, certo? Como você pode ficar aí deitado e declarar guerra contra ao mundo quando a tratou daquele jeito?

— Base, cala a boca.

Porra. Meu peito se contrai só de lembrar que eu disse que ela estava morta pra mim. Achei que minha namorada tinha transado com meu irmão, mas os dois estavam drogados. Não foi sexo. Foi algo criado. Foi estupro.

E eu os cortei da minha vida por causa de uma mentira.

Fecho os olhos com força para afastar a pressão ameaçadora.

— Me enviaram um vídeo dela transando com o Jason. Foi editado para dar a impressão de que ela estava me traindo de propósito com meu irmão. Perdemos nossa filha algumas semanas antes, então pensei que ela estava fazendo isso porque me culpava.

— E você não deu a ela a chance de se explicar? — Sua voz é baixa, e eu sei que ele está enojado comigo agora. — Ou ao Jason?

— Eu ia dar — digo, engolindo em seco e quase me engasgando com o nó na garganta. — Eu dirigi até a casa dela e… e… o carro dele estava na porta. Ela tentou se matar, e ele estava a ajudando a superar, mas eu não sabia disso na época. Pareceu que eles finalmente podiam ficar juntos sem se esconder. Eu surtei e fui embora.

Sento-me tonto e apoio os cotovelos nas coxas.

— Bernadette me acorrentou a uma cadeira e me fez assistir a horas de vídeos da Stacey sendo estuprada por vários caras, incluindo o irmão postiço dela. O maldito Chris Fields. Eu não sabia sobre ele. Ela o manteve em segredo de mim porque ele era abusivo e manipulador, e ela estava com medo. — Sinto meu corpo tenso só de pensar nele perto dela. — Ele abusa dela desde que ela era pequena. Ele matou nossa filha.

— Isso é brutal, cara. Se alguém merece ser torturado até a morte, é ele.

— Sim. E em vez de ter estado lá por ela, eu a excluí da minha vida. — Abaixo a cabeça, tentando bloquear a dor que aperta meu estômago. — Eu bati no Jason, mandei ela ficar longe de mim, e no dia em que você me deixou em casa depois que fomos para os Estados Unidos? Foi quando Bernadette me encontrou. Eu nem tentei encontrar a Stacey quando o pai dela morreu. Tenho estado preso desde então.

Base não fala por alguns minutos.

Meus olhos estão ardendo.

— Presumo que você a amava.

Amava. Verbo no passado. O jeito como ele diz a palavra quase me faz estremecer. Estamos separados há três anos e acho que nunca deixei de amá-la. Não sei como não amá-la. Não passa um dia sequer sem que eu me despreze por tê-la deixado.

Provavelmente estaríamos casados e com filhos agora.

A ideia de que minha vida deveria ser o oposto do que é, de que eu seria um pai, marido e engenheiro se tivesse chegado à faculdade, me dá vontade de cheirar cocaína para anestesiar tudo.

— Ela era tudo para mim. Acho que ainda é — digo baixinho, franzindo a testa para mim mesmo por estar sendo tão honesto. Então me odeio por ter dito *acho*. — Não, ela ainda é tudo para mim.

— Que profundo.

Bufando, mostro o dedo do meio para ele através das sombras.

— Vai se foder.

Base ri baixinho.

— Se isso te faz sentir melhor, amo alguém que nunca me amou de volta, e eu ainda morreria por ela. Sua irmã, aliás. — Ele suspira na escuridão.

— E quando eu a encontrar, porque eu vou, não vou deixá-la sair da minha vista. Ela vai me amar um dia. Ela precisa me amar. Se ela simplesmente disser que gosta de mim, será o bastante.

— Ela gosta de você, ela costumava me perguntar muito sobre você — digo.

— Bem, ela pode me dizer isso quando eu a salvar.

Ele está falando sério e, para ser sincero, não consigo pensar em ninguém melhor para minha irmã. Mesmo que ele seja como uma dor de cabeça ambulante, dopada por pílulas da felicidade.

— Aguenta firme. Ela vai acabar se rendendo. Só está com medo do que sente.

— Ela mencionou uma vez que partiria meu coração porque não sabe amar alguém direito, mas acho que veremos.

Concordo com a cabeça, mesmo que ele não consiga me ver de verdade.

Ele então diz:

— Da próxima vez que você vir a Stacey, é melhor se desculpar e prometer nunca mais ser um babaca.

— Não diga! — eu retruco, com a voz rouca. — Vou cair de joelhos e implorar por perdão na próxima vez que a vir.

CAPÍTULO 7



Kade

Não sei há quanto tempo estamos aqui — uma semana, alguns dias, malditos anos, mas ouvimos saltos estalando, cada vez mais próximos, o som irritando meus nervos enquanto eu e Base dividimos o último cigarro, nossos estômagos roncando, ambos mais fracos do que nunca.

Além do som de sapatos, ouço uma tosse máscula. Ótimo. Archie está aqui. Mal posso esperar para que ele me faça alguns comentários, sabendo que não estou em condições de socá-lo como costumo fazer. Sua esposa entra primeiro, e guardas invadem a cela.

— Vamos nos comportar, rapazes? — ela pergunta, com a mão no quadril saliente enquanto bate o pé. — Ou vou deixar vocês dois apodrecendo no próprio fedor por mais um tempo?

— Prefiro morrer de uma infecção no peito a me comportar por você. Espera aí, você ficou ainda mais feia? Que azar, Vovô Archie. Descobri que socar um saco na cara dela ajuda quando ela está sendo uma vadia gananciosa pelo meu pau. Você não é muito bom em satisfazê-la, né?

Por mais que suas palavras sejam cortantes, sei que Base se odeia sempre que é mandado para o quarto dela ou quando ela se esgueira para o dele. Conheço bem a sensação nauseante. Se ela não tivesse um sistema de segurança

que permitisse que nossas famílias e entes queridos fossem mortos após a morte dela, nós já a teríamos estrangulado.

Seus olhos se voltam para Base, estreitando-se, as luzes do corredor brilhando.

— Cuidado, Prince, ou talvez eu precise contar à sua família que você sucumbiu tragicamente aos seus ferimentos.

Nós dois nos olhamos. Suas sobrancelhas se franzem.

— O quê?

Ela suspira.

— Parece que seu avô, alguém que evitei com sucesso até agora, não está muito feliz que você esteja sob meus cuidados.

Cuidados não é a palavra que eu usaria.

Base se levanta e caminha até as grades, agarrando-as com uma das mãos. Ele responde com escárnio.

— Continue falando.

Ela o encara. Mas acho que ela está acostumada com a atitude e a ousadia dele em relação a ela.

— Chegamos a um acordo. Você voltará para eles esta noite.

Meu amigo se afasta, olhando entre mim e a mulher que o aterrorizou durante o último ano. Ele não parece nem um pouco satisfeito.

— Ou Kade vai comigo, ou eu ficarei com ele.

Ela sorri maliciosamente.

— Acho que não. Kade é meu. O acordo foi: você por duzentos. *Apenas* você.

Ela arqueia uma sobrancelha quando ambos ficamos em silêncio. Mas Base parece à beira de um colapso.

— Não vou abrir mão de duzentos milhões. Você vai embora hoje à noite. Isso não está em discussão.

Duzentos milhões? Caralho, Base disse que a família dele era rica, mas tão rica *assim*? Cacete. Eles devem ser como reis e rainhas daquele lado do mundo.

No entanto, eles sabem onde ele está e, em vez de explodir o mundo para trazê-lo de volta, ofereceram um acordo? Isso não faz sentido.

— Não — Base diz com os dentes cerrados.

— Vou destruir todas as evidências que tenho contra você. Uma ficha limpa. Faz parte do acordo. Você vai embora, Sebastian.

— Não vou deixar o Kade para trás.

Dou um longo suspiro.

— Pare de ser dramático e aceite o acordo. Eu vou ficar bem.

— Não vou te deixar — ele se recusa. — Nem fodendo. Se você morrer, eu morro, *tá* lembrado?

Bernadette se aproxima, tirando o celular de Base da bolsa.

— Será que você ainda vai dizer a mesma coisa quando ouvir isso? De um contato chamado *Princesa*…

Base se endireita.

Ela digita a senha que só ela sabe e a coloca no viva-voz, enquanto a mensagem de voz começa. Base está agarrando as grades novamente, agora com as duas mãos, como se ignorando a dor no peito.

Sento-me na minha cama de metal que range assim que a voz da minha irmã preenche o silêncio mortal.

— *Sebastian* — soluça Luciella, com a voz abafada, o som de um motor de carro zumbindo ao seu redor. — *Eu… Meu Deus. Eu… eu só estava lá porque recebi uma mensagem sua, e então… e então…* — ela grita e começa a hiperventilar. Isso faz com que eu me levante, a raiva me enchendo de força novamente. — *Estou com tanto medo. Eles… eles me trancaram em um porta-malas.* — Pelo jeito que sua voz muda, sei que ela está cobrindo a boca quando o motor desliga e uma porta se abre. — *Acho que eles vão me matar. Nunca tive a chance de te dizer como realmente me sinto. Eu… sinto muito… por te afastar.*

Uma voz grave e ininteligível soa ao fundo, e é óbvio que eles estão prestes a abrir o porta-malas.

— *Por favor, me encontre… por favor, por favor, por favor.*

Ela ofega quando o porta-malas se abre, grita e os avisa para não tocarem nela. Um deles grita de dor e diz a alguém que ela mordeu a bochecha dele. Ela deve ter pegado o telefone de volta, porque sua voz está próxima novamente.

— *Sebastian, eles me usaram como moeda de troca!* — Ela chora ainda mais, lutando contra eles. — *Seu avô me vendeu…*

Ela é silenciada abruptamente, e isso embrulha meu estômago vazio. A ligação termina.

Um guarda agarra meu braço quando dou um passo à frente, mas eu o puxo para fora de seu alcance.

— Me solta, porra!

Bernadette cruza os braços e sorri para Base.

— Tenho certeza de que você provavelmente já sabe quem a tem. É bem bizarro que sua própria família tenha comprado você de mim e, ainda assim, trocado facilmente a mulher de quem você gosta, por quê? Talvez eles tenham percebido que ela era importante para você. Você é terrivelmente obcecado por ela, e isso fez com que ela fosse reconhecida por alguém que nem eu gostaria de

ver na frente.

Aperto os olhos para ela, olhando para um Base muito silencioso e pálido, depois de volta para Bernadette.

— Quem?

— Cala a boca. Você não está envolvido nisso.

Dou um passo à frente com os punhos cerrados, mas sou impedido por uma arma apontada para a minha cabeça.

— Ela é minha irmã, porra. Quem a tem?

— Sangue é só isso… sangue. Não significa nada. Minha filha decidiu lutar por você e bater no pai dela na noite do leilão, mesmo que você só estivesse dormindo com ela porque queria que eu lhe desse menos atenção e não porque se importasse com ela. A pobrezinha provavelmente está em uma posição pior do que a vagabunda da sua ex. — Ela ri secamente, com os olhos fixos em mim. — Acho que não há casamento nos planos agora. Não fique tão decepcionado, você ainda será meu.

Eu me encolho quando ela tenta tocar minha bochecha com a palma da mão.

— Você é maluca — Base diz, inexpressivamente.

— E impaciente. Temos um assunto importante para tratar. Leve-o para a ala médica e cuide do ferimento. Consigo sentir o cheiro da infecção daqui.

— Eu vou encontrá-la — Base me diz enquanto alguém o agarra. — Preciso voltar para o meu avô e concordar com quaisquer que sejam os termos dele. Eu… vou assumir meu cargo e encontrá-la. — Então meu amigo franze a testa para Bernie. — *Togda ya ub'yu tebya.*

Seus olhos brilham enquanto ela traduz as palavras dele. Ela sabe um pouco de russo.

— Tenho certeza de que você vai tentar me matar. Então, antes que a família Prince me cause mais problemas e fique no meu caminho, você vai embora hoje à noite, depois do jantar. Vamos te mandar para Moscou no jatinho que o Kade tão gentilmente nos deu, e se eu, algum dia, te encontrar de novo, te mato.

Base não responde, ele está me encarando, com os olhos arregalados enquanto é lentamente retirado da cela.

— Porra. Me desculpa, cara.

— Não se desculpe — digo, me afastando de um guarda que tenta me segurar pelo braço novamente e saindo da minha cela com as pernas trêmulas, me esforçando ao máximo para não parecer fraco e à beira de um desmaio. — Só encontre minha irmã.

Depois de nos lavarmos, dividindo o banheiro com os guardas nos

vigiando, eles nos entregam roupas. Espero na ala médica que Base seja atendido, virando garrafa após garrafa de água antes de sermos levados ao refeitório principal. Olho pela janela no caminho, ao invés de apreciar a decoração extravagante — são apenas árvores e mais árvores.

Estamos em uma das muitas propriedades de Bernadette.

Mas não muito longe do meu apartamento — eu poderia escapar daqui e correr para lá em meia hora, assim que recuperasse as forças. Eu poderia pegar minha moto e começar a procurar por Stacey. Que se danem as consequências.

É por volta do meio-dia, no auge do sol, e meus olhos lutam para se ajustar à luz do dia depois de ficar trancado por dias na escuridão. Uma punição leve, considerando o que já enfrentei.

Uma vez, Bernadette enterrou Base no quintal dela e eu tive que encontrá-lo. Se eu tivesse demorado um minuto mais para arrastá-lo para fora da terra, ele estaria morto uma hora dessa.

Dei uma surra no Archie por isso. Acho que Bernadette se excita em vê-lo machucado e ensanguentado. Ela deu uma semana de folga para Base porque ele estava traumatizado pra caralho e passou todas as suas tarefas para mim. Naquela semana, acho que ultrapassei meu próprio recorde de mortes.

Eles estão sentados bem na nossa frente, com funcionários e seguranças alinhados pelas paredes, enquanto os garçons trazem comida em bandejas de prata. Tudo muito chique e ridículo. Do jeitinho que a Bernadette gosta.

Ela nasceu rica, com uma colher de prata na boca. Base também.

Caralho, eu também, de certa forma. Mas minha mãe nunca deixou que fossemos pirralhos mimados por causa disso, e fazia eu e Luciella trabalharmos se quiséssemos alguma coisa.

Um garçom levanta a tampa de um prato na minha frente e meu estômago ronca dolorosamente.

Já não me importo mais com a possibilidade de ser drogado através de comida ou envenenado pela água. Meu estômago dói só de olhar para o bife com purê de batatas — todo mundo provavelmente consegue ouvir o ronco. Devoro tudo, e Base faz o mesmo — somos como animais famintos, depois de tanto tempo sem comer.

Na primeira vez que ela nos deixou passar fome e nos trancou, no terceiro dia, pensei que estava morrendo. Eventualmente, acabei me acostumando. Mas agora, enquanto engulo cada garfada e bebo mais água, tudo o que consigo pensar é na sobremesa.

Perdi muito peso nos últimos meses. Ainda tenho uma boa massa muscular, mas estou longe de estar na mesma forma física de antes. Estou mais magro do que forte, até porque nós mal conseguimos treinar — ela vive

proibindo — e, claro, nossa alimentação foi pro saco. Sem contar as drogas.

Duvido que a Stacey consiga me olhar e sentir o mesmo de antes. Estou um lixo, cheio de cicatrizes, e minha mente está destruída — por que ela ainda gostaria de mim?

Bernadette sorri para mim quando olho para cima. Conheço esse sorriso. Sou assombrado por ele. Assim que eu terminar, ela vai me mandar para o quarto dela, Archie provavelmente vai atrás e Base será mandado para a Rússia, para a família dele.

Pelo menos ele estará seguro. Eu acho.

Se Luciella está com os russos, então onde está Stacey?

Endireito a coluna e deixo meus talheres caírem.

— Você sabe onde Stacey está?

Ela me encara, seu sorriso lentamente se tornando mais falso e demoníaco.

— Por que quer saber?

— Pare de enrolar e me diga.

— Ela foi vista em câmeras de segurança sendo retirada da mansão pelo comprador antes do incêndio começar. Não sei a localização dela no momento, mas minha equipe está investigando.

Perco o apetite instantaneamente.

Base me cutuca com o joelho. É o jeito dele me lembrar que tá aqui, sem que ela perceba. Sempre fazemos isso — um sinal de que o outro não está sozinho, seja quando estão nos empurrando pro abismo, ou quando estamos com a cabeça tão fodida que não conseguimos nem pra pensar direito.

Ela estala os dedos e um garçom traz três arquivos. Ele os abaixa na frente de Bernie.

— Esta é a parte divertida. Vou reembolsar o dinheiro do seu licitante e te enviar para uma pequena… aventura.

Pisco uma, duas, três vezes. Não cumpro um contrato de morte há algumas semanas.

Tirar a vida de outra pessoa se tornou tão normal para mim que quase senti falta do poder de ver a luz se apagar dos olhos dela, especialmente se forem pessoas más. Que são a maioria.

No primeiro contrato que me deram, eu não tinha ideia do que fazer. Quer dizer, eu queria correr, pedir ajuda ou simplesmente dizer não, mas ninguém diz não a Bernadette Sawyer. Segurei o arquivo na mão e tentei atear fogo nele, entregá-lo à delegacia mais próxima, implorar para a pessoa correr e se esconder.

Mas eu matei o cara. A sangue frio.

Puxei o gatilho, meu corpo inteiro sacudindo com o rebote da arma, e fugi. Bernadette me deu uma bronca por ter deixado tanta bagunça. Então, ela me entregou outro arquivo. Depois outro. Depois, treinamento. Mais contratos. Tornou-se interminável. Familiar.

Três arquivos estão sobre a mesa de jantar entre nós. Devido à privação dos meus sentidos nos últimos dias, minha visão ainda está turva e não está se ajustando direito, então não consigo ler os nomes nelas.

— Acho que é hora de tomar uma decisão. Você está distraído. Extremamente distraído. E não gosto disso. Não está se concentrando em mim e não está se dedicando totalmente às suas missões. Então, decidi fazer algo a respeito dessas distrações.

Ela cruza os braços, se recosta e sorri. Levanto uma sobrancelha quando ela não explica do que diabos está falando.

— O que quer dizer?

Base ainda está comendo ao meu lado, mas seus olhos estão em Bernadette.

— Você precisa assassinar um deles, Kade. — Ela abre a primeira pasta e empurra o arquivo para mim. Ele abre, e meus olhos se arregalam quando ela diz: — Seu pai.

Ela faz o mesmo com a próximo. Uma foto de Base.

— Seu melhor amigo.

— Meus olhos se erguem para ela, e eu a encaro enquanto ela abre a terceira.

— Ou sua amada.

Olho para baixo e meus dentes rangem quando vejo várias imagens presas com clipes no canto. São capturas de tela de câmeras de segurança. Stacey sendo pressionada contra a parede pelo comprador, com a coxa encostada na lateral do corpo dele, o rosto mascarado enterrado no pescoço dela.

A imagem ao lado mostra os dois em um hall de entrada.

De mãos dadas.

Ele não é baixo, nem um homem acima do peso e suado como Bernadette jogou na minha cara. Ele é… forte, musculoso e tem a minha altura. Ele não tem cabelos grisalhos; eles são castanhos, e ela parece quase confortável com ele. Na segunda imagem, ela parece estar com um meio sorriso.

Um pouco do meu pânico diminui.

Sei exatamente quem é, mas não vou dar munição para Bernadette dizendo que meu pai está com Stacey. Olho para cima novamente.

— Uhm.

— Uhm? Só isso?

Dou de ombros.

Não vou olhar para as fotos novamente, porque elas são falsas. Meu pai jamais faria isso comigo ou com minha mãe. Ele está fingindo para tentar tirá-la de lá.

Meus lábios quase se curvam nos cantos. Ele também incendiou a mansão.

Gênio psicótico do caralho.

Mantenho o olhar vazio. Base ainda está comendo, ele provavelmente pensa que eu o escolherei, já que ele não é meu pai nem a mulher que amo.

— Estou esperando, Kade. — Ela bate as unhas de acrílico na mesa, impaciente. — Quem?

Inclino-me para a frente.

— Por que Base está aqui? — Aponto para o arquivo dele. — Se vocês fizeram um acordo, por que ele está aqui?

— Ele é uma pedra no meu sapato. Se você o matar, a culpa não é minha. Contanto que eu tenha provas de que ele saiu daqui e que a morte dele não está nas minhas mãos, então, eu não sou a responsável — você é.

— E você acha que eu mataria meu próprio pai? — Olho para ela com desdém. — Quão doente você é?

Sem mencionar que meu pai é um tanque de guerra. Ele me daria uma surra sem nem mesmo piscar.

— Sangue é só sangue — ela repete, dando de ombros. — Escolha, ou eu ordenarei que todos sejam mortos.

Eu me endireito. Ela está falando sério. Ela é horrível assim. Se eu não escolher um, ela com certeza vai acabar com todos e ainda fazer um show disso. Ela vai colocar um preço alto pela cabeça de todos eles, e nenhum assassino vai recusar. Se eu me recusar, eles vão morrer de qualquer jeito.

Olho de volta para os três arquivos, mordendo o lábio nervosamente, me odiando enquanto pego um e paro, pego outro e puxo minha mão de volta.

Porra, eu não consigo. Se eu escolher um e não terminar, eles vão mandar outra pessoa para terminar o serviço.

Mas ela vai matar todos eles se eu não escolher.

Archie solta um suspiro arrastado.

— Escolhe, porra.

Quero esfaqueá-lo. Eu *vou* esfaqueá-lo um dia. Vou arrancar seu maxilar fora.

Coço a cicatriz enquanto olho para cada arquivo. Seja quem for que eu escolha, será minha última morte por ela. Se eu escolher meu pai, ele pode me ajudar. Poderia esconder eu e Stacey e lidar com Bernadette. Ele é Tobias

Mitchell, pelo amor de Deus.

Se eu escolher Base, ele não vai conseguir salvar minha irmã. Além disso, ele é meu melhor amigo.

— Se eu for fazer isso, quero minha liberdade.

Bernadette dá um sorriso malicioso, e parte de mim sabe que ela está mentindo quando diz:

— Fechado.

Respiro fundo, e Base cospe a água quando pego um dos arquivos.



Enquanto Base espera seu voo para a Rússia, eu me sento na cama, com os cotovelos apoiados nos joelhos. Em sessenta minutos, meu melhor amigo partirá para o jatinho. Ele encontrará minha irmã e eu começarei minha busca.

Ele pergunta se estou bem, mas continuo olhando para o carpete entre meus pés, meus joelhos balançando, os dedos tremendo, os olhos piscando. Não consigo parar de piscar. Isso é algo novo e constante.

— Farei o que puder para te tirar dessa, está bem?

Não respondo. Não há nada que possa fazer Bernadette me libertar deste inferno.

— Eu… Como entro em contato com você? — ele pergunta, agachando-se na minha frente para chamar minha atenção. — Não há a mínima chance de eu ir para lá sem saber o que está acontecendo com você.

— Eu sei o seu número — digo em um sussurro. Ainda não olho para ele, na verdade, estou olhando através dele enquanto minha mente dispara. — Vou ligar de outro telefone.

— Você sabe para onde vai primeiro?

Balanço a cabeça de um lado para o outro.

— Vou pegar minha moto. Está no meu apartamento.

— E você vai mesmo matar… — Ele se cala, sem querer dizer.

Concordando com a cabeça, entrelaço os dedos para impedi-los de tremer.

— Não tenho escolha. Posso fazer isso rápido. Se eu não fizer, Bernadette vai prolongar sua morte.

Levanto os olhos para ele, e ele se apoia nos calcanhares.

— Não quero te deixar, cara. Eu… Somos um time, sabe? Não existe eu sem você ou você sem mim. Como eu… Como posso simplesmente ir embora sem me preocupar com merda nenhuma?

Agarro sua nuca e pressiono minha testa na dele.

— Preciso que esqueça a minha situação e se concentre em encontrar minha irmã. — Eu o sacudo. — Por favor, encontre-a.

Seu lábio inferior treme.

— Porra, cara. Porra.

— Vai ver eu até esteja ao seu lado no seu casamento, como seu padrinho — minto, falando besteira para fazê-lo rir. — Encontre minha irmã, case-se com ela, dê a ela a vida que vocês dois merecem, mesmo que ela seja uma cuzona com você metade do tempo.

Eu não estarei lá — depois que eu fizer isso, não terei mais motivo para viver.

Ele bufa.

— Mais da metade do tempo. — Uma lágrima escorre por sua bochecha.

Há uma batida na porta e ele agarra meu ombro e o aperta.

— Espero que você saiba o que está fazendo — Base diz em voz baixa. — Porque eu, com certeza, não sei.

Eu o puxo para um abraço, dando um tapa em suas costas.

— Diabos, quem diria que você valia duzentos milhões? — Eu rio, e ele também. — Você foi o que me manteve um pouco são, Base. Obrigado.

Ele se afasta e enxuga os olhos com a mão boa.

— Eu valho muito mais, só para você saber.

Nós dois nos levantamos e pegamos nossas mochilas enquanto os guardas batem novamente, mais forte e impaciente. Caminhamos em direção à porta e eu agarro Base mais uma vez, abraçando meu melhor amigo com mais força, mas tomando cuidado para não machucar o ferimento em seu peito. Eu o abraço como se fosse a última vez.

— Se você morrer, eu morro — ele sussurra. Não consigo responder.

Eu me afasto e puxo o novo lenço preto sobre a boca, escondendo a cicatriz que faz todos estremecerem. O tecido também cobre meu pescoço.

— Você consegue ver? — pergunto a Base, e quando ele balança a cabeça em negativa, suspiro de alívio. — Ótimo.

CAPÍTULO 8



Stacey

O que antes era a casa de férias da Nora, para onde ela e meu pai costumavam fugir para ter um pouco de paz longe da agitação da família toda, agora é o que o Barry insiste em chamar de *casa segura*.

Tecnicamente, é minha. Ou deveria ser. Meus pais já eram donos daqui muito antes de ele conhecer Nora. Mas quando ele morreu, ela pegou tudo.

Um perímetro foi montado ao redor do chalé. Alguns dos homens de Barry, que antes eram de Kade, dirigem pelo local, enviam drones para o céu e patrulham a pé para manter todos afastados.

Embora Tobias ainda seja um homem muito procurado, dominando as manchetes e as redes sociais, considerando todos os avistamentos falsos, ele não poderia estar mais tranquilo em relação à sua situação.

Ele é um psicopata. Um psicopata de verdade — não apenas um louco com tendências obsessivas e insanas que as pessoas rotulam como psicopata. Ele pensa diferente. Ele tem nos observado há dois dias como se estivesse aprendendo a maneira como nos cumprimentamos de manhã e como iniciamos conversas. Ele escuta como se estivesse estudando cada um de nós.

Quando Aria fala com ele, é óbvio que ele absorve cada palavra como se fosse a última vez que ouve a voz dela. Quando ela ri, os olhos dele brilham. Ele

também precisa estar sempre ao lado dela. Sempre olhando para ela. Sempre mantendo-a como o centro de suas atenções.

Um homem cheio de arrependimentos pelos erros do passado, amando a mulher que nunca poderá ter.

E quando ela adormece no sofá, ele fica por perto antes de carregá-la para o quarto que lhe foi atribuído, em frente ao dele.

Para alguém que não sente o amor da forma como os romances retratam, ele certamente a faz suspirar e corar como uma adolescente apaixonada só com um sorriso. Quando ele ri de algo que o Ewan diz, ela se ilumina. E quando ele começa a piscar descontroladamente e sabe que precisa sair da sala para tentar manter o controle, ela se senta ao lado dele, em silêncio — apenas ali, presente.

Ele está se esforçando muito para se encaixar com o resto de nós, mas a perda repentina de todos os remédios que toma lhe trouxe paranoia e distúrbios do sono.

O cara está prestes a chegar aos cinquenta, mas treina como se tivesse vinte e poucos anos, com uma resistência insana. Ele forçou Ewan a correr com ele nas últimas duas manhãs, enquanto também monitora a área, planejando possíveis rotas de fuga caso surja uma situação e precisemos correr. Ele tem músculos e mais músculos, e seus olhos são azuis, mas não do mesmo tom que os do filho.

Kade tem os olhos da mãe. Por já ter estado tão perto dele em várias ocasiões — que se repetem na minha mente nas noites escuras —, lembro dos pontinhos prateados neles, dos tons iridescentes do oceano me encarando enquanto ele dizia que teríamos uma família juntos.

Na tela do leilão, aqueles mesmos olhos estavam vazios. Ele estava lá, mas não estava. Meu coração se parte por ele. Preciso que ele fique bem.

A casa segura fica no meio da floresta, cercada por um vasto manto de copas de árvores e riachos encantadores. Está chovendo, mas tudo ao redor brilha em tons vivos de verde. Quando Chris me trouxe para cá, eu não consegui apreciar a paisagem de verdade, mas agora, me permito alguns minutos de cada vez para encarar a imensidão do mundo e simplesmente respirar.

Está frio, mas Tobias e Ewan garantem que a lareira permaneça acesa dia e noite. Aria cozinha com o que encontra nos armários, e Cassie reclama no sofá enquanto todos fingimos que ela não existe. Aria cuidou dela quando chegamos aqui — ela tinha sido drogada, provavelmente pela própria mãe, e ninguém a procurou nenhuma vez.

Triste, mas não me importo. Odeio Cassie. Embora não tanto quanto Tobias — ele só está tolerando a presença dela caso possa usá-la em algum momento para chegar até Bernadette.

Me levanto do sofá para ir para o meu quarto, parando quando vejo Jason de pé no pátio, com as mãos nos bolsos, me observando.

Ele está tão magro, com o rosto contraído, o cabelo mais comprido. Seus olhos estão vazios, como se o peso do mundo estivesse sobre ele. Mal o reconheço.

— *Você* está bem? — ele me pergunta, a voz grave, mas hesitante. Ele me evitou nas últimas quarenta e oito horas. Se eu entrava num cômodo, ele saía. Tentei cumprimentá-lo quando chegamos aqui, mas ele parecia prestes a vomitar e sumiu.

Aria me disse que ele só precisa de um tempo.

Aceno positivamente com a cabeça e cruzo os braços.

— Você está bem?

Ele me encara e depois abaixa o olhar.

— Sim. — Ele se mexe, esfrega o rosto e olha para mim novamente. — Desculpe.

— Pelo quê?

— Por ter quebrado minha promessa. Disse que estaria lá por você. Seu pai morreu e eu fui embora. Kade foi embora. Se eu tivesse ficado e te ajudado, talvez nada disso estivesse acontecendo.

— Você fez o que tinha que fazer. As pessoas reagem de maneiras diferentes às situações.

Ele solta um suspiro e balança a cabeça de um lado para o outro.

— Eu não lutei pelo meu relacionamento com a Giana nem tentei reconquistar meu irmão. Eu não consegui nem olhar para ele para explicar o meu lado. Vendi minha casa e gastei cada centavo com drogas. Eu não fiz o que tinha que fazer; fiz exatamente o oposto.

Com o som da brisa lá fora, engulo em seco.

— Sinto muito.

Ele dá de ombros.

— Foi minha culpa, não sua.

— Você está limpo agora?

— Há três meses. Meu pai me internou na reabilitação e a Giana me disse que eu precisava ficar sóbrio. — Ele baixa o olhar para o chão. — Levei dois anos e meio para receber uma mensagem dela. Eu a vi pela primeira vez algumas semanas atrás, e conversamos sobre tentar de novo, mas ela não confia em mim. Afinal, sou um traidor.

— Tenho todas as filmagens daquela noite — digo a ele. — Chris, meu irmão postiço, drogou nós dois. Ele nos obrigou a fazer isso. Nenhum de nós estava em pleno juízo consciente. Você não é um traidor, Jason; é uma vítima.

As sobrancelhas de Jason se franzem.

— Ele nos drogou?

Eu me abraço e saio para o pátio com ele.

— Kade recebeu um vídeo editado nosso. Parecia que estávamos voluntariamente… — Faço uma pausa, balançando a cabeça de um lado para o outro.

— Mesmo que eu tente contar a ela, ela não vai acreditar em mim. Por que acreditaria?

— Então faça ela acreditar em você — digo, dando mais um passo à frente, vendo o cansaço em seus olhos. — Fomos atacados. Está claro como o dia na gravação completa. Você poderia mostrar a ela como prova.

Seus olhos estão vermelhos quando ele desvia o olhar.

— Não vou mostrar a ela um vídeo meu transando com uma adolescente.

— Não foi consensual, Jason.

Depois de um minuto, ele olha para mim novamente.

— Me desculpe por ter te ignorado — diz. — Eu não deveria ter te bloqueado e fugido. Eu só precisava… ir embora. Escapar. Perdi meu emprego alguns dias depois e não consegui lidar com tudo. Não é desculpa. Eu falhei com você. Desculpa por ter quebrado minha promessa — ele repete.

— Você não precisa se desculpar comigo.

— Você sempre faz isso? — ele pergunta.

Inclino a cabeça.

— O quê?

— Ignorar seus próprios demônios para cuidar dos outros? Pelo que eu vi, você corre atrás das pessoas ao seu redor, está sempre presente pra elas, se coloca no centro das dores delas, mas ninguém parece fazer o mesmo por você.

Dou de ombros e dou um sorriso forçado.

— Estou bem.

Mas o comentário dele me atinge em cheio. Será que eu ignoro minha própria dor e me concentro nos outros?

— As coisas vão ficar mais fáceis — digo. — Se quiser, posso te ajudar com a Giana. Talvez eu possa explicar o que realmente aconteceu?

Ele fecha os olhos e funga, enxugando o rosto com a manga.

— Eu não mereço sua ajuda.

— Bem, vou te ajudar mesmo assim. Vamos lá, estou ouvindo a chaleira fervendo. — Agarro seu pulso fino e o puxo para dentro de casa enquanto Aria se inclina para fora da cozinha e pergunta se algum de nós quer uma xícara de chá.



Durante a semana seguinte, Barry se mantém ocupado reforçando a segurança e caçando o Chris. Ele e Kyle voltaram na mansão dos Fields pra pegar as coisas, mas eles perderam o rastro dele quando meu irmão postiço conseguiu invadir o sinal que estavam usando pra segui-lo. Barry também tá tentando rastrear a Luciella, a pedido do pai dela.

Ela está na Rússia, segundo nossas últimas notícias. Tobias fez um acordo com o avô de Base, mas ele agora não responde a nenhum e-mail ou telefonema. Todos os guardas russos receberam ordens de voltar para casa e todas as comunicações foram cortadas.

Tobias está perdendo a cabeça com isso.

Ele está prestando mais atenção em Aria do que em qualquer outra coisa agora, provavelmente para evitar que sua mente se deteriore. Quando ela vai até o banheiro, ele a segue. Quando ela vai pendurar as roupas no varal, ele ajuda. Ela cozinha, ele limpa. Ela sai para uma caminhada pela floresta, Tobias vai com ela.

Estranhamente, Ewan não parece se importar. Ele não se incomoda nem um pouco com a visão da esposa e do pai dos filhos dela tão próximos e afetuosos. Mesmo quando estão no sofá, ela fica entre eles e um segura a mão dela enquanto o outro brinca com seu cabelo.

Imagina ter tanta atenção? Eu entraria em colapso.

Talvez o que Kade achava quando éramos mais jovens seja verdade, e eles estejam mesmo se pegando. Os três.

No oitavo dia, Barry e Ewan estão vasculhando o banco de dados de Bernadette em busca de qualquer pista sobre onde Kade está, ou se ela está rastreando meus irmãos, quando o avô de Sebastian liga de volta.

Tobias está inquieto enquanto o homem fala com seu forte sotaque russo e diz para ele ir direto ao ponto enquanto Aria entrelaça os dedos deles.

Luciella ainda está na Rússia.

O homem mais velho nos informa que Base foi libertado das garras de Bernadette. Ele diz a Tobias que Luciella foi levada, mas está com eles novamente, que ela está segura e estará em um jatinho para casa em breve.

Mas só porque Base desistiu de toda a sua vida para salvá-la.

Posso ver o alívio no rosto dos pais dela quando desligam. Ewan segura a mão de Aria enquanto ela soluça de felicidade no peito de Tobias.

Eu sorrio, porque minha melhor amiga está bem e voltando para casa. Até Jason parece um pouco mais vivo depois da notícia.

— Sabemos onde os irmãos postiços estão? — Tobias pergunta a Barry. — Ou você continua sendo um filho da puta incompetente?

Barry estreita os olhos.

— Você também não está exatamente fazendo muita coisa, né? Está ocupado demais encarando sua ex-mulher.

— Nós nunca fomos casados — Aria diz, completamente imperturbável com a discussão. É tudo o que eles têm feito desde que chegamos aqui.

— Vamos pegá-lo e matá-lo, não se preocupe — Barry garante.

Tobias dá um passo à frente, diminuindo um pouco a distância entre eles.

— Quando eu encontrar aquele pedaço de merda, serei eu a esfolá-lo vivo e fazê-lo comer a própria carne.

— Isso é um pouco desumano, não acha? — a voz de Cassie me atravessa, e eu a encaro. — Ninguém merece isso. — Seu lábio se curva em desgosto. — Vocês são monstros, todos vocês.

Cerro os dentes. Ignorar a existência dela é muito mais fácil quando ela está em silêncio.

— Logo você dizendo isso.

Ela tem me irritado nos últimos dias, se gabando de que Kade e os pais dela virão buscá-la. Kade isso, Kade aquilo. Casamento isso, casamento aquilo. Cheguei a cogitar cortar o dedo anelar dela para que ela nunca mais usasse uma aliança ali.

Barry liga a TV grande na sala de estar e passa as imagens que encontrou da mansão. Desta vez, para procurar pistas — sobre o quê, não faço ideia.

Tobias está sentado ao meu lado, com os braços apoiados no encosto do sofá, o dedo enrolando uma mecha do cabelo de Aria. Ewan segura a mão dela. Cassie abraça os joelhos à minha frente enquanto assistimos Luciella sendo arrastada pelo corredor por um homem corpulento.

Ela não vai para um quarto como eu fui — um saco é colocado em sua cabeça, suas mãos algemadas atrás do corpo enquanto ela é levada para um carro que sai voando de uma das muitas garagens que Bernadette tinha.

— Alguém relatou ter visto este carro em alta velocidade? — Barry pergunta aos guardas parados ao redor da sala.

Eles balançam a cabeça em negativa, e ele bufa.

— Quero mais informações sobre isso. Já que os Princes não querem explicar quem levou a Luciella deles durante o leilão, eu quero saber tudo sobre as pessoas que a levaram nesse vídeo.

Um homem assente e desaparece da sala com o celular no ouvido.

Jason está fumando no pátio novamente. Ele está sempre fumando, mal fala e dorme talvez uma hora por noite. Ele não quer assistir.

Engulo em seco e fixo meu olhar na tela.

Tobias tá com aquela máscara branca, sem rosto, enquanto crava uma faca no peito de um cara e o arrasta pra dentro de uma sala. Ele faz isso mais três vezes antes de chegar em quatro seguranças — dois deles acabam levando ele até o quarto onde eu estou.

A filmagem avança para Tobias me puxando para fora da sala.

Minhas bochechas ficam vermelhas. É constrangedor assistir a tudo isso na frente de todos. Estou com o vestido branco mais curto do mundo, fingindo ser seu bichinho de estimação obediente.

Isso é muito constrangedor para mim. É uma encenação, obviamente, mas todos nós podemos ver Tobias me pressionando contra a parede com minha coxa encostada em seu quadril. Nós de mãos dadas enquanto ele me arrasta pelo hall de entrada. Ele precisava que os espectadores pensassem que eu era dele.

Com o canto do olho, vejo Tobias beijando o ombro de Aria e sussurrando algo. Um pedido de desculpas. Ele está pálido, e tem dor estampada em seu rosto enquanto ela lhe garante que está tudo bem. Que ele não fez nada de errado.

A filmagem corta para uma cena diferente, e eu endireito a coluna ao ver Kyle dando um soco no rosto de Chris e gritando com ele. Não sabemos o que está sendo dito, mas meu irmão parece em pânico, furioso, agarrando a gola de Chris e o jogando no chão.

Ele corre atrás dele enquanto Kyle se afasta, passando as mãos pelos cabelos. Virando-se, ele encara a mansão novamente, e quando Chris tenta dizer algo, seu braço se move, seu punho acertando Chris no nariz com tanta força que ele cai de bunda no chão.

Mais um corte, e as imagens da câmera estão granuladas, com fumaça enchendo o corredor por onde a gente se esgueirou. Corpos estão espalhados pelo salão do leilão, pelo hall de entrada e pelo pátio.

A mansão explode e as imagens param.

Tobias solta um assobio em meio ao silêncio.



Quando acordo horas depois, o chalé está às escuras, exceto pelo brilho e crepitar da lareira. Tento não fazer muito barulho enquanto abro a porta com um rangido e vou na ponta dos pés até a cozinha pegar um copo d’água.

Congelo ao ouvir uma música tocando — *Medicine* de Daughter. Lembro-me de uma das vezes em que eu e Kade assistimos a uma filmagem caseira de Tobias e os gêmeos passando o Natal juntos na instituição. Essa música tocava ao fundo de cada clipe. Olhando para o relógio acima da entrada da sala de estar, vejo que são duas da manhã.

Quando atravesso lentamente o corredor, segurando o batente da porta, olho para dentro e vejo Tobias e Aria… dançando lentamente?

A mão dele está na parte inferior de suas costas, a cabeça abaixada em direção ao ombro dela enquanto ela se inclina para ele, os dedos entrelaçados estendidos ao lado do corpo. Eles mal se movem, mas não precisam.

Em outra vida, eles formariam o casal perfeito, mas nesta, eles se amam tão perigosamente que não há chance de ficarem juntos. Esta versão de Tobias já está rachando nas bordas. Ele não tem nenhum dos seus remédios, e se adaptar à realidade depois de passar mais de vinte anos trancado e controlado está sendo difícil para ele.

Aria chora baixinho enquanto o abraça com mais força e ele beija sua testa. O olhar dele se ergue para encontrar o meu, e eu lhe dou um sorriso suave antes de recuar.

Volto para o meu quarto, percebendo que tenho uma chamada perdida de um número aleatório. Sento-me na cama e retorno a ligação, pensando que pode ser Luciella. A pessoa atende no primeiro toque, mas não fala nada.

— Uhm, alô?

— *Ah, Sardentinha. Faz tanto tempo desde que ouvi sua voz.*

Meus pulmões param de funcionar, e não tenho certeza se estou piscando enquanto minha mão agarra os lençóis debaixo de mim.

— K-Kade? — Por uma fração de segundo, as coisas começam a melhorar. Até um sorriso surge em meus lábios. — Você está bem? — pergunto quando ele não diz nada. — Onde você está?

Engulo em seco enquanto ele permanece em silêncio, e minha voz me trai ao falhar.

— Kade?

— *Levanta*.

Franzindo a testa, olho ao redor do quarto.

— Como é?

— *Eu disse…* — Ele para quando ouço um barulho metálico. Uma arma carregando? — *Levanta, porra!* — Minhas pernas falham, e minha voz também.

Meu corpo inteiro enrijece quando vejo o ponto vermelho brilhando contra a porta. Ele está mirando no quarto? O que está fazendo? Meus lábios se movem, mas nenhum som sai.

— *Levanta* — ele estala. — *Não faça falar de novo.*

— Não — minha voz falha, meu rosto se contorcendo. Isso está realmente acontecendo?

— *Você está com medo?* — ele sussurra, com diversão na voz. Mas eu não respondo. Não consigo. — *Sabe qual é a melhor parte de aceitar contratos de assassinato? A perseguição. A adrenalina que vem de saber que alguém está apavorado, correndo, implorando para que vejam o dia seguinte. Vou fazer você correr. E não estou falando do jeito que fiz antes de você ser uma putinha para mim na festa.* — Ele inala profundamente, dando uma tragada no cigarro. — *Estou te dando um dia para fugir. Para tornar isso emocionante para mim. Porque quando eu te encontrar, não vou enterrar meu pau em você; não vou te beijar até não conseguirmos mais respirar.*

Fico pálida enquanto ele ri baixinho, inalando a fumaça.

— *Vou te matar, Sardentinha.*

Fecho os olhos, com o coração apertado. Talvez todas as drogas que ele consumiu, as mortes que causou e o abuso que sofreu tenham finalmente destruído o Kade que todos nós conhecemos.

— Você não está falando sério — digo baixinho, me levantando e alcançando a maçaneta. Preciso chegar até Barry ou Tobias. — Quero te ajudar, Kade. Por favor, me deixa te ajudar.

— *Não se mexa, porra* — ele retruca. — *Fique exatamente onde está.*

Eu me endireito, meus olhos arregalados enquanto me viro, olhando para baixo para ver o ponto vermelho no meu peito.

— Você não vai me machucar.

— *Mesmo de longe, ainda consigo ver o quanto é uma vadia*. — Ele ri, se divertindo enquanto dá outra tragada de seu cigarro. — *Faça um joguinho comigo. Mantenha os olhos abertos até eles queimarem. Se piscar, Barry morre.* — O ponto vermelho desaparece do meu peito. — *Também tenho a mira nele. É só preparar, apontar, já!*

— Kade… — Eu paro, meus olhos percorrendo a pequena colina ao lado, a floresta e a grama perto do rio. Ainda assim, não pisco. — Eu sei que é difícil, mas nós só queremos te ajudar. Podemos te tirar deles.

— *Sim, você pode. Só precisa morrer no processo. Esse foi nosso acordo. Tive que escolher entre você, meu pai e Base para ganhar minha liberdade. Você era a escolha óbvia. Ah, será que eu te vi piscar?*

Balanço a cabeça em negativa.

— Você está blefando.

A janela se quebra quando ele puxa o gatilho, e uma queimação abrasadora percorre minha bochecha quando uma bala me atinge de raspão antes

de eu cair no chão.

O estrondo do tiro ecoa lá fora e lá dentro. Ele ri pelo telefone, alto o suficiente para que eu possa ouvi-lo ao lado da minha cabeça.

— Não me subestime, Stacey. Não sou o garotinho idiota que se apaixonou por você. Fuja, e eu irei te encontrar. Este é meu último aviso. Fique, e eu matarei todos eles. Isso é uma promessa.

A ligação é interrompida quando a porta se abre bruscamente e alguém me levanta do chão. Percebo que é Tobias. Seus dedos tocam minha bochecha dolorida enquanto um líquido quente escorre pelo meu rosto até o pescoço. Alguém grita para chamar Aria. Barry corre para a janela, seus sapatos esmagando os cacos de vidro no carpete.

— Jason foi atrás — ouço Cassie dizer. — Ela está bem?

Meu lábio treme enquanto Tobias me levanta do chão e me carrega para o quarto dele. Aria tenta retirar com segurança um pequeno fragmento de vidro da minha coxa antes de limpar minha bochecha e eu encaro o teto, sem entender.

Acho que posso estar em choque.

Eu estava apaixonada por Kade Mitchell, e agora ele vai me matar.

CAPÍTULO 9



Kade

Minhas botas pesadas e minha respiração ofegante são abafadas pelas batidas ásperas e erráticas do meu coração enquanto corro pela floresta. Galhos estalam sob mim enquanto me afasto o máximo humanamente possível do chalé.

Paro abruptamente, puxo para baixo o material que cobre meu rosto e vomito por todo o chão da floresta. Queimação rasga meu peito. Faz meus olhos arderem e sinto uma pressão sobre eles. Eu cambaleio para o lado e me choco com uma árvore.

Eu mereço isso, porra.

Puxar aquele gatilho e o jeito que falei com Stacey… ela nunca vai me perdoar.

Tudo o que eu quero é o perdão dela.

Depois de vomitar até meus olhos parecerem que vão saltar para fora, cuspo, respiro e limpo a boca com as costas da mão, ofegando enquanto descanso a cabeça no tronco de uma árvore.

Há um estalo no meu ouvido e eu tensiono o maxilar quando a voz dela surge.

— *Você errou* — ela resmunga, sua voz me irritando pra caralho. — *Estou decepcionada.*

Fecho os olhos e balanço a cabeça de um lado para o outro, como se isso fosse me livrar da voz da diaba. Estou com uma enxaqueca do caralho.

— Errei — respondo ao fone de ouvido enquanto Bernadette bufa. — Não vai acontecer de novo.

Mentira.

Ainda sinto o estômago revirar ao lembrar do medo estampado no rosto dela, está gravado em mim. Do jeito que os olhos dela se arregalaram quando percebeu que eu tinha puxado o gatilho.

Só preciso que Bernadette pense que estou falando sério sobre matar minha ex, mesmo que signifique assustar Stacey pra caralho enquanto isso. Funcionou, tenho certeza. Ela estava apavorada, e ainda consigo ouvir o tremor em sua voz que me destruiu por inteiro.

Disse coisas horríveis para ela, enquanto mentalmente memorizava cada detalhe seu pela mira — como se eu já não lembrasse de cada centímetro do seu corpo, de cada conversa que tivemos.

Ela vai fugir. Depois da ameaça que fiz de matar todo mundo, ela vai fugir. Aquela garota nunca vai arriscar a segurança de todos. Ela é insuportável assim, sempre colocando os outros antes de si mesma.

E quando ela sair do chalé, eu a encontrarei. Enviarei uma mensagem com o local e o horário, e farei com que os minutos de paz que tivermos valham a pena.

Tudo o que ela precisa ouvir é o meu pedido de desculpas. Se ela vai aceitar ou não, é com ela. De qualquer forma, tudo vai acabar do mesmo jeito para mim.

Pelo menos estará perto de acabar. Vou forçar Stacey a ouvir, depois vou caçar e matar lentamente o irmão postiço dela. Até lá, Bernadette terá seu exército me procurando. Ela vai querer que eu a veja matar todos que eu amo. Vou explodir tudo — eu, a Bernadette e o marido de merda dela — com uma das minhas bombas caseiras.

E vou precisar rezar para que a equipe dela não perceba que fui eu e revide.

Se eu não acabar com tudo logo, isso vai continuar, e eu estou cansado pra caralho.

— *Você nunca erra* — ela diz, estalando a língua. — *Precisamos controlar esses seus tremores. Eles estão atrapalhando seu trabalho.* — Ela suspira, e eu olho para trás quando ouço um galho quebrar, mas não há nada lá. — *Você tem uma equipe e tanto a pé te procurando. Sugiro que pare de enrolar e volte para sua moto. Sua missão ainda está em andamento.*

Apertando os olhos, eu me endireito.

— Deixei o rifle de precisão para atrás. Não consigo correr com ele.

— *Você evidentemente também não consegue andar. Por que está parado?*

Meu estômago se revira enquanto olho para o meu vômito e de volta para cima. Consigo ouvir vozes fracas no sopé da colina. Se não houvesse uma copa de árvores acima de mim, um dos drones me encontraria.

Bernadette fala novamente.

— *Não se deixe pegar, Kade. É uma ordem. Se for pego, mate o máximo possível. Está com a adaga na bota?*

Concordo com a cabeça, mesmo sabendo que ela não pode me ver. Sou apenas um ponto em um mapa digital na tela dela.

— Estou.

— *Há uma equipe de cinco perto de você. Mexa-se!*

Coloco o lenço de volta na boca e respiro fundo algumas vezes antes de me mover novamente, abrindo caminho no meio dos galhos até chegar a um riacho estreito. Salto nele, a água gelada enchendo minhas botas e encharcando minha calça preta.

Estou exausto, mas com a adrenalina correndo pelo meu corpo e os estimulantes que Bernadette me fez tomar antes de sair do apartamento, consigo ignorar a dor lancinante do frio. Concentro-me em chegar à minha moto o mais rápido possível. Ela está escondida sob um gramado, coberta de galhos e arbustos.

A ordem de Bernadette foi clara e simples: ir até a cabana e atirar em Stacey.

Tudo o que eu conseguia pensar no caminho para cá era como dizer a Stacey que não estava falando sério sem que Bernadette me ouvisse.

Mirei intencionalmente para o lado no último minuto, mas então meu dedo teve um espasmo quando apertei o gatilho e disparei. Meu coração parou pelo que pareceram horas, até que ouvi seu grito de partir o coração. O único sinal de que eu não tinha atirado na cabeça dela.

Meu pai abriu a porta e meus olhos se arregalaram ao vê-lo correndo para o lado da minha garota. Ele se importa com ela, isso é óbvio. Barry também tinha corrido, e eu sabia que tinha que dar o fora dali.

Mas eu atirei nela. Eu atirei na Stacey, porra.

Ela precisa viver.

Não vou matar a única pessoa que me manteve vivo por tanto tempo. Se não fosse por ela, eu teria morrido anos atrás. Desde que descobri o que o filho da puta do irmão dela fez com ela, com a nossa filha, eu fiz de tudo para me manter na linha, para não me perder, para poder ser forte o suficiente para

destruí-lo.

Isso não significa que ela algum dia vai me perdoar. Mas enquanto ela estiver viva e ele não, está tudo bem.

O contrato muda tudo. É ela, ou eu, e eu sei quem diabos escolho.

— *Você tem alguém…*

A voz dela falha quando alguém me derruba pela direita, tirando meu fôlego e espalhando ondas de dor pelas minhas costelas trincadas. Nós deslizamos pela grama enlameada e rola por uma pequena encosta até eu cair de costas, gemendo com a pressão no peito.

Uma mão agarra minha gola e me empurra para a grama alta quando tento me levantar e me defender. Estou mais fraco do que o normal.

Não dormi e mal consegui segurar a comida no estômago na maior parte do tempo.

Além disso, estou chapado pra caralho.

Um punho me acerta na bochecha e eu encaro a pessoa acima de mim. Mas então meus pulmões param.

Jason.

Antes que eu possa dizer uma palavra, ele agarra meu queixo e aperta com força suficiente para que eu sinta meus dentes quase se quebrando.

— Que porra é essa, Kade?

Então ele me bate de novo.

— Você atirou nela, porra! — ele grita. — Que merda você está fazendo?

Não era assim que eu queria que minha noite fosse. Bernadette vai matá-lo se eu não lidar com ele. Agarro seu pescoço e dou uma cabeçada no meu irmão.

— Me larga, inferno.

Jason recua com o lábio sangrando, limpando-o com as costas da mão enquanto vem para cima de mim novamente. Desta vez, eu o chuto no peito e me levanto enquanto ele recua mais uma vez.

Travo meu maxilar.

— Fique na sua, Jason. Não se mete nessa porra.

Ele parece horrível. Magro, pálido, olhos fundos, parece estar precisando de um ano de sono. O que aconteceu com meu irmão mais velho?

— *Mate-o!* — Bernadette rosna no meu ouvido.

Tudo fica em silêncio com essas duas palavras.

Mate-o.

Mate o seu irmão.

Mate o irmão que você espancou e deixou para trás.

O irmão que perdeu tudo na mesma noite que Stacey.

Cerro a mandíbula novamente e jogo meu punho em seu rosto enquanto ele se levanta. Uma, duas, três vezes, até meus nós dos dedos ficarem vermelhos e rachados. Jason nem tenta bloquear os golpes, sua cabeça se jogando para trás a cada um.

Ele cai no chão.

Quando tento subir nele para impedi-lo de revidar, para *fazê-lo* parar, ele me dá outra joelhada nas costelas, e quase começo a chorar com a dor lancinante que estala meus ossos.

Quando cheguei ao meu apartamento em Stirling, Bernadette tinha todos os guardas por perto me esperando no jardim da frente. Eles me espancaram até que eu estivesse só o pó e me deixaram caído na lama.

Deem uma surra nele, Bernadette tinha dito. *Certifiquem-se de que ele se lembre da tarefa.*

Agora Jason está me jogando para o lado e me socando de novo.

— Pare de lutar comigo! — ele grita. — Pare com isso, porra! — O próximo golpe no rosto me impede de retaliar, e eu o deixo continuar — apenas fico ali, deitado, aguentando. — Por que você faria isso? — Sinto a pele da minha sobrancelha rachar. — Por quê?

Ele está gritando por cima da voz de Bernadette. Ela está me dizendo para usar minha adaga e matá-lo.

— Stacey não te traiu — ele diz, interrompendo o ataque e agarrando meu queixo com firmeza. — Ela foi estuprada. *Nós* fomos estuprados, Kade.

Bernadette bufa.

— Eu juro, se eu ouvir o nome dessa garota mais uma vez, eu mesma vou lá e mato a vadia.

Eu a ignoro, mesmo querendo mandar ela calar a boca.

O aperto de Jason sobre mim se afrouxa.

— Ela tem um irmão postiço. Christopher Fields. Ele deu uma surra nela quando descobriu que ela estava grávida. — Ele me dá um tapa quando o encaro. — Você está me ouvindo, porra?

Ele me sacode e me dá outro tapa.

— Você está me ouvindo?

Outro tapa.

— Me ajude a encontrar esse pedaço de merda — ele grita. — Porra, por favor.

— Pare — eu digo baixinho.

Mas Bernadette me ouve.

— Pare com o quê?

Fecho os olhos, rangendo os dentes até doerem antes de empurrar Jason para longe.

— Volte para o chalé — eu digo. — Vire-se e volte, porra.

— *Eu ordenei que o matasse.*

Balanço a cabeça de um lado para o outro, tentando me comunicar com Jason para que ele saia, sem emitir nenhum som. Aponto para trás dele, invadindo seu espaço pessoal, dizendo apenas com os lábios: *Volte — por favor*. Imploro com os olhos, suplicando para que ele se afaste de mim.

Franzindo a testa, ele me olha confuso.

— O quê?

Suspiro e espero que o mundo me perdoe enquanto cerro o punho e acerto forte na lateral da cabeça dele, derrubando-o completamente. Ele cai aos meus pés, e algo se quebra no meu peito.

Me perdoa.

Procuro o telefone dele e envio a localização dele para Ewan. Quero dizer mais alguma coisa na mensagem, mas não posso correr o risco de eles discutirem o assunto e Bernadette ouvir, uma vez que eles já hackearam o sistema do chalé.

— *Você é surdo?*

Aperto o maxilar pela terceira vez e balanço a mão. Está latejando de ter acertado em Jason com tanta força.

— Pelo menos uma vez na vida, pare de falar, Bernadette.

Vou me arrepender disso mais tarde.



A mensagem para o meu novo celular chega doze horas depois.

StaceyNovo: Onde?

Deito no sofá do meu apartamento, meio adormecido, meio tonto de ter cheirado uma carreira. A palavra se mistura em letras aleatórias por um segundo, mas quando me concentro, consigo ver direito.

Olho para a câmera no canto do quarto com um olho fechado. Quando me sento, a bolsa de gelo escorrega das minhas costelas, minha pele está vermelha pelo frio. Tenho hematomas por todo o rosto dos socos de Jason.

Sem camisa, fico em pé e estalo o pescoço da esquerda para a direita, bocejando enquanto estico os braços acima do corpo. Eu não queria dormir,

sabia que a mensagem viria, então estava colocando gelo nos ferimentos enquanto esperava.

Devo ter cochilado.

Meu apartamento está vazio. Sem decoração, sem quadros pendurados na parede. Se não fossem as tigelas de cachorro na cozinha e os brinquedos espalhados pelo chão da sala da última vez que Milo e Hopper estiveram aqui, alguém pensaria que estava desocupado.

Sinto falta dos cachorros. Minha mãe está cuidando deles, mas desde que ela foi para o chalé, os funcionários da mansão têm ficado de olho neles. Milo parece perdido e Hopper continua vasculhando o terreno. Ou por mim ou por Stacey.

Espero que ela fique com eles quando eu morrer.

Me inclino no balcão da cozinha, sirvo uma carreira para acalmar meus nervos e tento digitar de volta enquanto cheiro. Preciso de dez tentativas para escrever a mensagem corretamente.

Eu: Sabia que a ficha ia cair, Sardentinha.

Embora eu preferisse dizer pra ela que sinto muito e que não quis dizer uma palavra do que disse — nem atirar nela, pelo amor de Deus —, minhas mensagens também estão sendo monitoradas. A Bernadette acha que vou mesmo matar a Stacey pra salvar meu pai e o Base.

Uma morte rápida.

O sacrifício final.

Vadia idiota.

Ela está em uma reunião com um grupo do submundo — irritou as pessoas erradas e agora está tentando consertar as coisas enquanto Archie fica ao seu lado como uma sombra.

StaceyNovo: Onde?

Suspirando e um pouco nervoso, ligo para ela, segurando o telefone no ouvido e ouvindo cada toque enquanto vou para o quarto. Quando ela não atende, jogo o telefone na cama e passo a mão pelo cabelo. Ele precisa urgentemente de um corte, as ondas pretas estão fazendo cócegas no meu pescoço e quase cobrindo meus olhos.

Mas qual é o sentido?

Sentado aos pés da cama, me apoio nas coxas e espero que ela ligue de

volta.

Espero. E espero. E espero mais um pouco.

Eventualmente, aceito que ela não vai ligar de volta e decido tomar um banho. A água está muito quente, queimando minha pele quando entro no chuveiro, encharcando meu cabelo instantaneamente.

Minha testa continua encostada no azulejo enquanto fecho os olhos, tentando tirar da cabeça a imagem dela através da mira. O terror. A traição. O som do grito dela depois que puxei o gatilho.

Porra. Atirei na Stacey.

Independentemente dos motivos, atirei nela.

Levo quase uma hora para sair do chuveiro e seco o cabelo com uma toalha depois de enrolar outra na minha cintura fina. O peso que perdi me deixou com a mesma aparência de quando tinha dezoito anos, quando comecei a me exercitar direito e a entrar em forma.

Abro a gaveta da cômoda para pegar um short, parando quando vejo a caixa que coloquei lá quando comprei este apartamento anos atrás. Eu não queria isso na mansão, e mal ficava lá, então parecia melhor deixar aqui.

Recostando-me na cama, coloco a caixa ao meu lado. Uma mão trêmula levanta a tampa para revelar o par de sapatinhos rosa e um desenho da Stacey, e eu rapidamente coloca a tampa de volta, fechando os olhos com força.

Meu coração dispara, e a parte idiota de mim abre os olhos enquanto levanto a tampa mais uma vez, deixando-a cair no chão.

Engulo em seco, pegando uma das fotos da ultrassom. A primeira vez que vi uma dessas, o primeiro exame de Stacey, parece ter sido a uma vida inteira atrás. O papel delicado entre meus dedos guarda a imagem da filha que me foi tirada — assassinada.

Algo se quebra dentro de mim então. Algo pesado e doloroso que me faz tremer enquanto passo o polegar sobre a imagem distorcida.

Uma criança de quase quatro anos deveria estar aninhada em mim e Stacey na cama agora mesmo enquanto liamos uma história para ela dormir. Ela adormeceria no meu peito e eu a carregaria para a própria cama, só para ela voltar sorrateiramente para dentro do quarto quando eu e a mãe dela estivéssemos dormindo.

Solto a foto e a caixa, jogando-as pelo quarto, o conteúdo se espatifando na parede e quebrando o espelho pendurado ali. Viro a cômoda em um acesso de raiva e agarro o abajur, jogando-o no chão, destruindo tudo o que consigo alcançar enquanto perco a cabeça cegamente.

Olhando para mim mesmo no espelho rachado, sinto nojo de quem me tornei. Um assassino. Um escravo sexual. Um filho da puta cheio de cicatrizes,

doente e mentalmente perturbado que não consegue passar um dia sem drogas.

Quando pego minha arma, não paro para pensar antes de encostar o cano na cabeça e apertar o gatilho.

Click.

Minhas costas batem na parede e eu deslizo por ela até cair de bunda. Deixo a arma cair da minha mão e meu corpo fica mole enquanto uma lágrima escorre pela minha bochecha.

Meus batimentos cardíacos são tudo o que consigo ouvir. Fortes. Intensos. Acelerados. A prova de que, de alguma forma, estou vivo depois que minha arma carregada falhou.

A prova de que não estou pronto para morrer.

Olho para o tecido sob minha mão — o vestido de princesa cor-de-rosa que comprei anos atrás ainda tem a etiqueta; ainda não foi usado, ainda está novo. Agarro o tecido com a mão e o levanto até o peito, abraçando-o enquanto mais lágrimas caem.

— Me desculpe — sussurro, as duas palavras falhando. — Me desculpe por não ter conseguido te salvar.

Como nossas vidas seriam diferentes se ela tivesse sobrevivido. Ela teria sido tão amada por todos. Teria sido mimada, adorada e cheia de vida como a mãe.

Meu telefone toca de cima da cama — de alguma forma, ele sobreviveu à espiral de destruição induzida pela raiva que meu quarto sofreu. Inclino-me para a frente, sem ousar soltar o vestido, e pego o telefone para ver que Stacey está me ligando de volta.

Atendo, mas não digo uma palavra enquanto me viro e deito no chão, o vestido ainda agarrado ao peito.

— Kade?

Porra. A voz dela. Ela não tem ideia do quanto acalma a escuridão dentro de mim. É como se os fragmentos do meu coração se juntassem lentamente — até que ouço aquele som contido que saí dela enquanto tenta conter as lágrimas, e tudo desaba novamente, porque fui eu quem causei aquelas lágrimas.

— Kade? Você está aí?

Ela consegue ouvir como minha respiração está acelerada?

Se eu falar, vou estragar tudo. Ela vai saber que estou desolado.

Ela se depara com o meu silêncio.

— Não sei o que está acontecendo com você, mas se precisar fazer essa tarefa para ter sua liberdade, estou disposta a deixar. Eu… — Sua voz falha, e meu coração também. *— Eu não tenho nada pelo que viver, mas você tem.*

Engulo em seco e fecho os olhos, ainda me recusando a falar.

Sua voz é tão reconfortante sem que ela nem perceba.

Stacey Rhodes. Minha garota. Minha âncora que afundou nas profundezas do oceano e me deixou para trás.

— *Me mande a localização e eu estarei lá. Só… acabe logo com isso.*

A linha cai e o telefone escorrega do meu ouvido.

CAPÍTULO 10



Stacey

Todos se sentam ao redor da mesa, conversando, discutindo, tentando descobrir como ajudar Kade. Tudo o que consigo fazer é encarar meus dedos se mexendo no colo.

— Trabalho com ele há anos e nunca o vi assim.

Aria enxuga os olhos e se inclina para a frente.

— Ele está tendo crises de abstinência. Meu filho sempre usou drogas?

Barry olha para Tobias, depois para mim e Aria.

— Não por vontade própria. Kade não queria se envolver nessas atividades. Mas notei, mais perto de sua partida para a Rússia, um ano atrás, que ele estava perdendo peso, não estava comendo nem se exercitando como antes, e seu corpo tinha muitos espasmos. Atribuí isso a um trauma, mas depois descobri que o marido de Bernadette aplicava injeções nele diariamente antes de… — Ele se cala, sem querer continuar.

— Antes de quê? — Tobias insiste.

— Não me sinto confortável em revelar mais detalhes — Barry diz, cruzando os braços. — Se Kade soubesse que contei metade das coisas que já contei, ele me mataria.

Jason, ainda machucado do que aconteceu, fala:

— O que o Archie fez com o meu irmão?

Barry permanece em silêncio.

Mas então tudo se encaixa.

Archie também abusa de Kade.

Sinto que vou vomitar.

Exceto por Cassie argumentando que seu pai não abusaria sexualmente de um homem, o silêncio preenche a sala, e meu coração lentamente se estilhaça em milhões de fragmentos que só Kade pode consertar.

Tobias se levanta.

— Não vou mais ficar sentado aqui. Vou encontrar aqueles dois e fazer com que a morte deles seja dolorosa pra caralho. Você — ele aponta para Cassie — saia da minha frente antes que eu exploda seus miolos.

Barry, audacioso como sempre, fica na frente dele enquanto ele avança em direção a Cassie.

— Ir atrás dos Sawyers não é uma boa ideia. Acredite, eu estou tentando tirar o Kade disso desde o começo. Você só vai colocar um alvo nas costas dele se se intrometer.

Ele esboça um riso cínico.

— Você espera que eu não faça nada enquanto meu filho está sendo drogado e estuprado?

Todos se encolhem diante de suas palavras sinceras.

— Estou pedindo que trabalhe comigo e com a equipe do seu filho para tirá-lo disso vivo, não para ir até lá causar um tumulto e matar todos no processo. Sua filha pode estar a salvo dos russos graças ao Prince, mas com o controle que os Sawyers têm sobre tudo, o voo da Luciella pode não pousar em Edimburgo amanhã. Nunca mais verá seu filho, e a Aria será a próxima. Está disposto a arriscar todos eles?

— Ele escolheu a ela em vez de mim — Tobias responde, aproximando-se de Barry, ignorando um dos guardas que tira a arma da cintura. Mas vejo Aria avançando, bloqueando o caminho entre eles para que ele não possa atirar. — Ele deveria ter *me* escolhido. Porque se ele ao menos tentasse vir atrás de mim, eu o teria tirado de tudo isso e o teria ajudado.

A discussão continua, e eu finalmente me levanto e me junto a Jason, que está indo para o pátio mais uma vez. Tiro o cigarro de trás da orelha dele, e ele o acende para mim. Encho meus pulmões com a fumaça mortal e a sopro para longe.

Não contei a eles que estive em contato com Kade.

Quando nenhum deles estiver prestando atenção, vou sair de fininho. Assim que receber uma mensagem com a localização, tudo vai acabar. Tudo.

Olho para o irmão mais velho de Kade. Ele tem hematomas na bochecha e um corte no lábio.

A lua está espreitando por trás de uma colina distante, e é nessa calma que deixo meus olhos lacrimejarem.

— Odeio isso — sussurro. — Eu odeio tudo isso.

Jason não fala nada, mas se aproxima de mim enquanto apoiamos os cotovelos na mureta de madeira.

Inspiro, exalo e deixo a nicotina queimar meus pulmões mais uma vez. O debate interno cessa, e observamos Aria e Cassie saindo para o pátio, elas param em frente ao pequeno rio.

Ela está chorando. Aria tenta acalmá-la, sempre a neutralizadora, mesmo Cassie sendo uma vadia e filha dos abusadores do filho dela.

Por fim, Jason pigarreia e diz:

— Se realmente perdemos meu irmão, não vou deixar que ele te machuque, mesmo que isso signifique levar um tiro por você.

— Você acha que o perdemos?

— Ele atirou em você, Stacey.

Fecho os olhos, o cigarro escorregando dos meus dedos. Porque acho que ele pode estar certo. E a ideia de perder Kade para sempre me dói profundamente.

Como chegamos aqui? Por quê? Um minuto glorioso atrás, eu estava num voo de volta da Grécia com a mão do Kade agarrada à minha coxa, pronta para contar ao mundo que ele era meu, e agora estamos aqui. Escondidos no chalé da minha família, sem saber onde está o meu irmão abusivo, à espera de Luciella, e Kade acabou de atirar em mim e espancar o irmão.

Não o culpo por escolher a sua vida em vez da minha. Ele merece liberdade.

Ele tem um arquivo, um que exige uma senha para ser acessado. Uma noite, enquanto eu tomava café e mexia no notebook que Barry tinha me dado, enquanto a Eva dormia no berço, digitei *Sardentinha0907* — a data do nosso primeiro beijo na barraca — e o arquivo abriu.

Passei horas vendo as imagens e os vídeos, a gravação dele rindo enquanto eu tentava cantar todas as músicas de *O Rei do Show*. Eu correndo pelos jardins da mansão com os cachorros me perseguindo. Ele beijando minha bochecha enquanto fazíamos um piquenique na praia da Baía de Lunderston.

Ele me gravou dançando várias vezes. Me movendo em volta de um arco, de um poste e corando quando o percebia.

Nós dois bêbados na Grécia, cantando *Kings and Queens* com os rostos suados e sorrisos largos.

Kade deu zoom várias vezes no meu sorriso. E na minha bunda.

Ele havia apagado alguns clipes. Vídeos e imagens íntimas que eu teria assistido vergonhosamente várias vezes se tivesse a chance, mas ele guardou todo o resto.

Agora ele está aceitando contratos de assassinato com o meu nome neles.

— Ele pode ter um plano — Barry fala, aparecendo ao meu lado, e eu me encolho quando Aria coloca a mão no meu ombro, me confortando.

Tobias está atrás dela.

Parece que a discussão parou e todos nos seguiram para fora.

Ewan está encostado na parede atrás de nós, e Cassie está tremendo, com os olhos marejados de lágrimas.

— Minha mãe é um monstro. Eu sabia que ela não era uma boa pessoa, mas… — Ela cobre a boca com um soluço sufocado. — Meu pai…

— Quantos anos você tem? — Tobias pergunta.

— Vinte e dois — ela responde. — Por quê?

— Você precisou de vinte e dois anos para perceber que seus pais são dois filhos da puta que merecem morrer?

Suas lágrimas de crocodilo desaparecem rapidamente.

— Eu não disse isso — ela retruca.

— Não, eu disse. Não dou a mínima para você. Quando eu vir sua mãe novamente, vou matá-la, logo depois de forçá-la a assistir ao marido sendo torturado. Nada que você diga vai me impedir. Se tentar intervir, será submetida ao mesmo fim. Estou sendo paciente até demais te deixando perto da minha família.

Aria revira os olhos.

— Tobias. Comporte-se.

— Com todo o respeito, querida, não me comporto por ninguém quando se trata dos nossos filhos.

Ela joga as mãos pro alto e começa a andar de um lado para o outro.

— Tudo bem. Mas não precisa ameaçar uma garotinha.

Os olhos dele escurecem.

— Ela não é uma garotinha. Também não é ignorante quanto a quão maus os pais dela são. Ela sabia que a Bernadette estava drogando o nosso filho e mesmo assim foi atrás dele. Ela testemunhou os maus-tratos dele e ainda exigiu que se casasse com ela. Ela é tão diabólica quanto a puta da mãe dela e merece o mesmo tratamento. E quando eu vir o Archie? Porra, nem um tiro na minha cabeça vai ser capaz de me parar.

Cassie enxuga o rosto.

— Kade me ama.

Eu me encolho e viro de costas para eles enquanto Tobias ri.

— Acho que você pode ser ainda mais iludida que sua mãe.

Olho por cima do ombro para o silêncio. Ela está estreitando os olhos para Tobias.

— Ainda assim, vou ser sua nora um dia. Agora pare de me ameaçar.

Fico olhando para meus dedos por um momento. Estão tremendo como folhas frágeis sob um vento forte. Levanto o olhar e fecho os punhos, sentando sobre as mãos. Quero bater nela.

— Você não vai se casar com meu filho, porra. — De forma mortal e fria, Tobias olha para ela, com um rosnado nos lábios. — Isso, eu prometo a você, e a todos aqui: Se ficar no meu caminho, uma ameaça minha será a menor das suas preocupações. Porra, tem sorte de ainda estar respirando.

— Minha mãe virá me buscar. Ela virá, e você será jogado de volta na cadeia, onde é o seu lugar, seu psicopata!

— Se sua mãe aparecer, você vai ter um lugar na primeira fila pra ver ela morrer. E depois vai ser a sua vez. — Ele pisca duas vezes, bruscamente. — Não brinca comigo.

Aria fica entre os dois antes de agarrar a mão do ex.

— Venha comigo, Tobias.

Ewan se mexe, Jason solta o ar e vai até a lateral da casa para fumar outro cigarro, Cassie pede licença e vai para o quarto que lhe foi designado.

Assim que ela sai, um brilho travesso surge nos olhos de Tobias, e ele dá uma piscadinha para mim enquanto Aria sai pisando duro para o jardim. Ele a segue, bagunçando meu cabelo ao passar.

Ewan me encara, notando meus olhos vermelhos e inchados.

— Só para constar, com tudo o que você passou na sua vida, eu te acho tão forte. Só queria que você soubesse disso.

Olho para baixo.

— Não me sinto assim.

— Você é, sim. Tudo isso… não era o que nós queríamos pros gêmeos. Eu e a Aria criamos os três pra terem respeito pelos outros, e eu ainda acredito que o Kade é inocente. Ele… se importava com você. Fez de tudo pra negar no começo, achando que ia partir seu coração, mas ele se importava muito. E eu acredito que ainda se importa.

— Espero que você esteja certo — respondo, e os olhos dele desviam para algo atrás de mim, em direção ao casal conversando no jardim. Olho por cima do ombro, e vejo Aria chorando de novo, encolhida contra o peito de Tobias. — Me perdoe por dizer isso, e me mande calar a boca se eu estiver

passando dos limites, mas… aqueles dois, do jeito que ainda são… — Mordo o lábio. — Você merece mais.

Ele dá uma risadinha, como se já tivesse escutado isso mil vezes.

— Ela me diz isso. Frequentemente. Mas eu a amo demais para aceitar. Fomos importantes um para o outro desde os dezoito anos. Eu… eu a traí quando começamos a namorar. Eu era um babaca naquela época. Foi uma única vez, e ainda hoje, é o meu maior arrependimento. Jason tinha apenas alguns meses quando ficamos juntos, e quando ela engravidou, durante nosso término, do Tobias, continuamos ativos na vida um do outro. Eu nunca poderia deixá-la, mesmo que ela ainda o ame.

Eu lhe dou um sorriso caloroso.

— Isso não te incomoda?

— Não. Ela está feliz, e eu também. No começo, eu provavelmente teria ido embora, mas a conexão deles, é… eu não sei. É difícil de explicar. Ajuda aos dois. Mas obrigado — ele responde. — Tudo vai dar certo no final. Sinto que vai. Ele vai voltar. Nós vamos trazer o Kade de volta, e a Luciella vai voltar logo para casa. Aí, tudo que vou precisar fazer é encontrar o Jason em algum lugar dentro dessa concha.

— Vou falar com a Giana. Quando tudo isso acabar.

Ele sorri brevemente para mim e depois volta para dentro, desaparecendo de vista.

Todos estão ocupados. Eu poderia facilmente escapar agora e esperar pela mensagem do Kade.

Talvez seja idiotice pensar que isso vai funcionar, mas se abrir mão da minha vida significa que o Kade vai conseguir a liberdade, então é isso que farei. Eu não tenho nada. Nenhuma família de verdade. Nenhum emprego. Nenhum motivo para continuar, mas veja o que o Kade tem. Ele tem tudo.

Vou rapidamente para o meu quarto, já notando as horas. Levo alguns minutos respirando fundo, me preparando mentalmente, mas consigo vestir uma roupa e escovar os dentes.

Meu celular vibra.

Ele mandou um print do app Mapas, com um local marcado: um pequeno estacionamento no começo de uma trilha, no meio do nada.

Imagino que ele precise de privacidade — nada de testemunhas para a hora que for enfiar uma bala na minha cabeça.

CAPÍTULO 11



Kade

Quando comprei este lugar e percebi que tinha dinheiro demais, que poderia ser engolido pelo sistema se eu morresse, fiz um testamento. Quando eu morrer antes da hora, metade do meu dinheiro vai ser dividido entre minha família. Eles que briguem entre si pra decidir quem fica com quanto.

A outra metade irá para Stacey, junto com os cachorros, meu apartamento em Stirling, minha moto e meu carro. Ela já tem acesso a algumas das minhas contas que Barry lhe deu quando se mudaram para os Estados Unidos.

Minhas economias — todos os trinta milhões de dólares escondidos em uma conta bancária separada — vão para Barry. Isso significa que a faculdade da filha dele e quaisquer outros filhos futuros estão totalmente pagos, e ele terá controle total sobre meus negócios e todos os guardas.

Base é basicamente mais rico que a realeza, e Dez provavelmente vai se casar com Tylar, que também é podre de rica por seus pais possuírem um império no ramo da arquitetura. Eles não precisam das minhas merdas.

Sento-me no balcão da cozinha, com *Cities* de Toby Mai e Two Feet, ecoando pelos alto-falantes espalhados por todo o apartamento, e observo a tela do meu celular — os cachorros estão correndo soltos no quintal e os

funcionários da mansão estão tentando pegá-los. Eles parecem felizes, latindo e rolando um com os outros.

Sinto falta deles.

Uma mensagem aparece e eu suspiro.

Bernadette: Mate-a desta vez, entendeu? Posso ver pelas câmeras, rastrear você com o grampo no seu celular e ouvir pelo fone de comunicação. Não tente fazer nenhuma gracinha.

Bernadette: Acordo é acordo. Limparei seus arquivos de qualquer atividade criminosa e estará livre. Livre-se dela.

Era de se esperar que ela quisesse que eu perguntasse sobre a filha — por que minha família mantém a Cassie no chalé e por que ela ainda está respirando? Meu pai está lá, então estou chocado que Cassie não esteja enterrada em uma cova uma hora dessas, dada a impaciência dele e a falta de medicação.

Stacey me manda uma mensagem, e isso muda completamente meu humor. Meu coração dispara. Tudo o que ela enviou foi sua localização. Um pontinho azul no mapa, descendo a A9. Mantenho o aplicativo aberto, pego um copo d'água, bebo um pouco e corro para o banheiro para verificar meu rosto e cabelo.

Não tem como consertá-lo; está muito longo e ondulado, e meu rosto está dilacerado por hematomas, pequenos cortes dos golpes do Jason e a cicatriz horrível que provavelmente vai assustá-la.

Não quero assustá-la.

O aperto instantâneo no meu estômago me faz vomitar no vaso sanitário — acho que é a oitava vez que vomito hoje. Isso já vem acontecendo há um tempo, mas normalmente passa ou eu simplesmente aguento o enjoo.

Antes de sair, escovo os dentes e me sento novamente no balcão da cozinha com caneta e papel. Escrevo a todos. Rabisco palavras que me fazem parar a cada poucos parágrafos, e quando vou escrever para Stacey, a tinta acaba.

Deve ser o destino.

Não tenho tempo para encontrar outra caneta, já que ela está perto do local.

Ela não ia se interessar pelo que eu ia dizer de qualquer maneira.

Deixo o bilhete em cima do balcão, apago as luzes, coloco o celular no

guidão da moto e calço as luvas. Com o lenço sobre a boca, coloco o capacete e aperto o botão do aplicativo para abrir a porta da garagem.

Enquanto dirijo, observo seu pontinho azul se aproximando de mim.

Não deveria me deixar ainda mais nervoso, mas deixa. A ansiedade crava as garras no meu peito, desesperada pra me rasgar em pedaços. Acelero, diminuo, deslizo entre os carros, a pele rachada dos meus nós dos dedos roçando contra as luvas.

Vinte minutos depois, ela para em um posto de gasolina não muito longe de mim. Acelero para alcançá-la, parando ao lado de um dos tanques para abastecer.

Uma SUV preta está sozinha no posto. Uma das minhas. Ela deve ter escapado por baixo do nariz de todo mundo, porque se soubessem que ela está aqui, eu já estaria frito.

Lembrando a expressão deles quando correram pra Stacey depois que eu dei aquele tiro, eles realmente acreditam que eu quero matá-la, que eu enlouqueci de vez. Até meu próprio irmão me bateu por causa disso.

Eles não confiam mais em mim.

Arrumo minha jaqueta de couro e mantenho o capacete na cabeça enquanto entro no prédio para pagar. Meu coração dispara quando a vejo. É como se a crush da minha adolescência tivesse voltado, e eu não conseguisse dizer uma palavra na frente dela — como se não conseguisse nem olhar nos olhos dela sem imaginar nós passando o resto da vida juntos. Minhas mãos tremem, e eu as fecho em punho.

Por mais de um ano, imaginei a conversa que teríamos. Doze meses esperando, buscando jeitos diferentes de chegar até ela. Cinquenta e duas semanas de tortura enquanto Barry e minha equipe a mantinham segura. Tudo se resume a este momento, quando ela olha por cima do ombro e me lança um sorriso contido, amigável, sem saber que sou eu.

Aquele que atirou nela.

O ex-namorado que incendiaria o mundo por ela.

O pedaço de merda que nunca conseguiu deixar de amá-la.

Quase caio de joelhos, olhando para sua covinha e sardinhas salpicando suas bochechas e nariz. Ela é uma verdadeira obra de arte. Uma obra-prima. E tenho orgulho de dizer que fui seu primeiro amor.

Ela se afasta de mim para falar com a caixa, trocando gentilezas enquanto paga. Flexiono os dedos, cerro o maxilar para me dar coragem, encurtar a distância e caminhar em sua direção.

Infelizmente, preciso assustar Stacey de novo e fazê-la se apressar para chegar ao nosso ponto de encontro. Não vai demorar muito para Barry perceber

que ela se foi e vir atrás dela. Precisamos de privacidade. Precisamos de alguns minutos para eu colocar tudo pra fora.

Quanto mais me aproximo, mais quero me afogar nela. Por inteiro. Quero abraçá-la e me esconder deste mundo fodido. Quero pedir desculpas por tudo e implorar para que ela fuja comigo.

Assim que estou atrás dela, paro. Mesmo com o capacete, consigo sentir o cheiro do shampoo dela. O topo da cabeça dela alcança logo abaixo do meu queixo, e todas as memórias de quando a segurava por trás passam diante dos meus olhos.

— Obrigada — ela diz à caixa, pegando o troco.

Porra. A voz dela soa ainda melhor do que ao telefone. Será que estou tão chapado que ouvi-la falar me faz sentir como um adolescente? Estou arrepiado, pelo amor de Deus.

— Mais alguma coisa? — a mulher pergunta, seus olhos me percorrendo e depois voltando para Stacey.

— Não. Obrigada.

Eu me impulsiono para frente apesar dos meus nervos à flor da pele, mantendo o visor abaixado enquanto apoio os cotovelos no balcão ao lado dela. Ela esbarra em mim ao guardar o troco, e meu coração para com o contato.

— Ah, desculpa.

Com uma lentidão mortal, viro a cabeça para olhá-la. Stacey não consegue me ver, mas eu consigo vê-la.

Consigo ver o país das maravilhas invernal dentro da floresta em seus olhos, seus longos cílios realçados pelo rímel, o protetor labial cobrindo seus lábios, seu cabelo caindo pelas costas em ondas suaves que me fazem querer passar os dedos por elas.

Sua pele sempre teve um leve bronzeado, sardas espalhadas por cada centímetro, e seus lábios, aqueles lábios carnudos pra caralho, se abrem enquanto ela encara seu reflexo no visor preto.

Minhas mãos se apertam no balcão, as luvas de couro rangendo, doendo para colocar uma mecha de cabelo atrás da orelha dela, para levantar meu visor e forçá-la a aceitar um pedido de desculpas ali mesmo.

Não que um pedido de desculpas seja suficiente, mas, neste momento, é tudo o que tenho. Não tenho o privilégio do tempo para fazer tudo o que posso para reconquistá-la. Não posso me arrastar aos seus pés por meses, anos, a vida inteira.

Não vou beijá-la. Não consigo nem imaginar beijá-la sem acabar a quebrando. Só de imaginar tocá-la, fazê-la se despedaçar sob mim, soa impossível. Bernadette e sua equipe realmente conseguiram foder tudo isso para

mim.

Me desculpe, Sardentinha, eu quero dizer. *Por tudo o que você passou. Pela minha mão, e pela mão dos outros.*

Mas tudo o que faço, Bernadette pode ver e ouvir agora mesmo.

Em vez disso, inclino a cabeça para ela enquanto a caixa me pergunta se preciso de ajuda. Meu estômago se revira, a vontade extrema de vomitar me deixa tonto, mas eu ignoro. Ignoro a camada de suor no meu cabelo, a visão duplicada. A sensação intensa de precisar me sentar.

Merda.

Stacey pisca ao se dar conta, tentando recuar com cuidado, sem levantar suspeitas. A caixa me pergunta novamente, mas eu me viro e apoio os cotovelos no balcão e vejo minha garota ficar branca como a neve.

Ela deu três passos para longe de mim. Consigo superar essa distância apenas com um.

Quero que ela fique, mesmo que não saiba bem quem eu sou ou quais são minhas verdadeiras intenções para encontrá-la. Tê-la tão perto me dá vontade de viver, caralho.

Já faz tanto tempo que não tenho vontade de viver.

Quando fui pra Rússia há um ano, tudo em que eu conseguia pensar era nela. Na verdade, desde que a conheci, aos quinze anos, não teve um único dia em que ela não esteve na minha cabeça.

Deixo minha impulsividade vencer e estendo a mão para prender um cacho solto atrás da sua orelha, mas ela se afasta respirando fundo antes que eu alcance. Seus olhos se arregalam, ela se vira e corre para o carro, sem se dar ao trabalho de recolher a prateleira de frutas que derrubou no caminho.

Depois de colocar as notas no balcão para pagar o combustível, a sigo a passos lentos, ignorando a pergunta da caixa se havia algum problema. Stacey abre e tranca a porta do carro às pressas, pisa no acelerador e sai do posto em alta velocidade.

Boa garota.

Levo menos de três minutos para alcançá-la de moto.

Enquanto ela corre o mais rápido que pode, eu a sigo. Preciso dela apavorada o suficiente para que Bernadette acredite em tudo isso até o último minuto. Preciso de todo o tempo possível antes que ela perceba que estou abortando a missão.

Prendo a respiração quando ela quase passa reto em uma curva na estrada.

Puta merda, Sardentinha. Dirija com cuidado.

Acelero, aproximando-me do lado direito dela. Para um efeito

dramático, já que ela está a apenas oitenta quilômetros por hora numa estrada com um limite de cento e dez quilômetros por hora, saco minha arma e a mantenho à vista enquanto deslizo para perto da janela dela e miro nela.

Ela olha para o lado e seus olhos se arregalam.

Vira abruptamente na próxima curva.

Ótimo. De qualquer forma, deveríamos nos encontrar nesta estrada.

Ela continua a mesma motorista horrível de sempre. Mas não importa o quão rápido ela vá, eu sigo a velocidade, mexendo com ela toda vez que viro a cabeça para olhá-la. Ela mantém o olhar fixo à frente, agarrando o volante com força.

Finalmente, ela diminui a velocidade e nós dois paramos no ponto de encontro, antes que ela abra a porta do carro de uma vez.

Em vez de me dar um “olá”, ela bate a porta atrás de si.

— Acabe logo com isso.

Engulo em seco e desligo o motor da moto, meus olhos encontrando as câmeras que Bernadette instalou, focadas no estacionamento, por uma fração de segundo antes de eu olhar para ela novamente.

Stacey cruza os braços, e me mata ver que ela está segurando as lágrimas. Ela está tremendo. Consigo ver o tremor em seus joelhos e como todo o seu corpo está rígido.

Levanto a viseira e ela não me olha nos olhos; apenas encara minhas mãos enquanto uma se levanta para apontar a arma para ela, a outra se empurra para dentro do meu capacete para apertar o botão no meu ouvido.

Me perdoa, porra.

Por favor, me perdoa, Stacey.

— Estou com ela — digo em tom firme. Começo a piscar incontrolavelmente, e uma camada de suor se forma no meu rosto. — Ela está bem na minha frente.

CAPÍTULO 12



Kade

Stacey balança a cabeça de um lado para o outro e aperta os braços em volta do corpo, olhando para o horizonte, esperando que eu puxe o gatilho novamente. Para pôr fim à vida dela. Disposta a desistir de tudo para conquistar minha liberdade.

A risada sádica de Bernadette chega pelo meu fone de ouvido, alta o suficiente para Stacey ouvir.

— *Você está brincando de propósito com a sua presa?*

— Você sabe que eu gosto da perseguição — digo, tirando o dedo do gatilho enquanto ele sofre espasmos.

Atirar acidentalmente na cabeça dela é um dos meus maiores medos. Principalmente depois da minha cagada anterior. Ela tem um corte na bochecha onde eu a acertei, e me sinto mal por tê-la machucado.

— *Não estou com humor para joguinhos, Kade. Você tem um trabalho a fazer. E eu estou ocupada.*

Meus olhos tremem, meu maxilar lateja, e engulo em seco.

— Se eu fizer isso, cortará todos os laços comigo?

Stacey fecha os olhos e respira fundo, antes de abri-los novamente para me encarar. Uma lágrima escorre pela sua bochecha.

— Se for a Bernadette, diga a ela que os dias dela estão contados. Quando eles encontrarem essa velha desgraçada, ela não vai durar nem um dia. *Estupradora*, maldita e nojenta.

Cacete.

— Ela é uma coisinha cheia de fogo. Entendo porque gostava tanto dela antes. Bonita, corajosa, com uma pitada de atitude — Bernadette comenta. *— Bem, nos dê um show, então, Kade. Atire nela. Atire na vagabunda que te traiu com seu irmão.*

— Ela não me traiu — estalo.

Stacey franze a testa enquanto eu acrescento:

— Cuidado com o que sai dessa sua boca de merda.

— Como é? — Bernadette responde, confusa.

Eu abaixo a mira da Stacey e caminho até minha moto, pegando meu celular e o quebrando no chão até que ele se desfaça em pedaços. Tiro o fone de comunicação e desconecto o fio, jogando-o em um arbusto próximo.

Stacey me encara como se eu fosse um lunático.

— O que você está fazendo?

Não respondo enquanto atiro nas câmeras, acertando as duas na primeira vez e interrompendo a última conexão que Bernadette tem com onde estou, o que estou dizendo e o que diabos acontece em seguida.

O som é ensurdecedor, os tiros ainda ecoam ao longe, e me viro para ver os ombros de Stacey tensos enquanto ela me encara em choque.

Meus ouvidos zumbem enquanto deixo o braço cair ao lado do corpo, a arma balançando nos meus dedos trêmulos até atingir o chão. Perco o fôlego por um longo minuto, apenas olhando para ela.

É isso.

Este é o momento que venho imaginando desde que bati o carro tentando falar com ela há um ano. Minha primeira chance de realmente falar com ela cara a cara.

— Você recebeu minha mensagem de voz?

Ela fica imóvel como uma estátua, sem saber o que dizer enquanto a confusão a invade. Sua mão se move atrás das costas, tateando a maçaneta da porta do carro. Ela está com medo. Ela está com medo de mim.

Eu quebrei o último pedaço do que restava de nós. Mas eu precisava. Precisava fazer Bernadette acreditar que eu a machucaria, para que eu pudesse ter esse momento agora.

Rastros de lágrimas mancham suas bochechas, e eu quero muito limpá-los. Mas ela provavelmente vai me dar um tapa, ou gritar. Qualquer uma das duas opções seria um pesadelo.

O que diabos você estava esperando?

— Você recebeu minha mensagem de voz? — pergunto novamente, desesperado enquanto dou um passo à frente, fazendo-a recuar até bater com as costas no carro, e eu congelo. — Há um ano. Bati o carro tentando falar com você. Liguei. Deixei uma mensagem de voz. Você ouviu? Eu quis dizer cada palavra.

Meu cabelo está uma bagunça quando tiro o capacete e o jogo de lado, ajeitando o lenço na boca antes de levantar as duas mãos para mostrar que não estou usando nada.

— Sardentinha…

— Não ouse me chamar assim! Não ouse! — Seu rosto se contorce enquanto ela luta contra as lágrimas, o queixo tremendo enquanto aponta o dedo para mim. — Você tentou *atirar* em mim.

Minha voz está baixa, tranquila.

— Eu errei de propósito.

Ela dá um passo pra frente, e eu me encolho.

— Você me acertou. — Meus olhos se erguem para o corte em sua bochecha. É bem profundo. Provavelmente vai deixar uma cicatriz. — Por quê?

— Eu tinha que fazer parecer real — respondo baixinho.

— Fazer parecer real? — ela retruca. — Você estava atuando o tempo todo? Tudo o que você estava me dizendo? Quando bateu no Jason *de novo*?

— Sardentinha — repito, com o peito apertado. Estou ficando sem tempo. — Por favor. Só me diga se ouviu minha mensagem de voz.

— Não. Foi outra ameaça? Outro acordo para me matar e se salvar? Sinto pena de você, Kade. Sinto mesmo. Quero que você saia dessa enrascada em que se meteu e estou disposta a dar a minha vida para te dar a liberdade, mas não ouse me chamar assim.

Ela se aproxima, e minhas entranhas se encolhem diante de seus olhos vermelhos e inchados e da expressão de desgosto em seu rosto.

— Sta…

O tapa joga meu rosto para o lado.

— Eu tentei te contar antes de você sair correndo e me deixar de joelhos no chão do seu quarto. Você não vai me silenciar de novo. Você não me ouviu antes, mas agora eu vou falar, caralho. Eu fui estuprada. Fui estuprada pelo meu próprio irmão postiço e todos os amigos dele. Jason foi drogado e estuprado também! E você… — Ela cobre a boca e dá um passo para trás. — Você me deixou quando eu precisei de você. Meu pai morreu e eu estava sozinha e assustada.

— Eu sei — digo baixinho, dando um passo à frente e tentando segurar

suas mãos, mas ela se afasta. — Eu vi a filmagem completa daquela noite. Foi quando tentei te encontrar e bati meu carro. Liguei para você. Deixei uma mensagem de voz.

Dessa vez, ela não se afasta quando agarro as mãos dela. Com as luvas, não consigo sentir o quão macias são.

— Me desculpa — digo, com a voz embargada. — Me desculpa, Stacey. Me desculpa por ter ido embora. Me desculpa por não ter percebido que você estava sendo abusada em casa. Ele estava te batendo, te controlando, e eu não fazia ideia. Ele… — Engulo em seco. — Aquele filho da puta matou nossa filha, e eu fui embora. E depois, me afastei de você um ano atrás. Me arrependo tanto disso, e não tenho a mínima ideia de como te compensar.

Sua testa desce até meu peito; ela deve conseguir sentir o quão rápido e forte meu coração está batendo.

— Por favor, atire em mim e conquiste sua liberdade, Kade. Eu não consigo ouvir isso, não quando estou pronta para desistir. Por favor, não me dê algo pelo qual viver.

Balanço a cabeça de um lado para o outro e levo a mão até o cabelo dela.

— Eu não vou atirar em você. Queria falar com você onde ela não pudesse me ouvir — digo, umedecendo os lábios. — Em tudo o que eu tenho feito desde aquele contrato, ela esteve presente. Na minha cabeça, me observando. Eu não podia correr o risco de ela descobrir… — Eu paro, e é então, que sinto o gosto da minha própria lágrima salgada nos meus lábios, encharcando o lenço. — Ela não podia descobrir que eu…

Ela se afasta de mim. Está pálida e parece exausta.

— Descobrir o quê?

Engulo um nó que ameaça me sufocar e forço as palavras a saírem, mesmo que estejam abafadas pelo tecido que cobre minha boca.

— Que eu ainda sou apaixonado por você.

— Você não é — ela responde, com as bochechas encharcadas. — Se ainda fosse apaixonado por mim, não teríamos passado anos no inferno, Kade. Se realmente me amasse, teria ficado do meu lado quando eu tentei te contar a verdade um ano atrás. Você não me ama — eu sou só alguém que fez parte da sua vida quando tudo ainda era normal, então você se agarra à ideia de mim.

— Isso não é nem um pouco verdade. Se eu pudesse voltar no tempo, voltaria ao começo com você. Eu protegeria você e nossa filha e as esconderia da feiura do mundo.

— Não há como voltar no tempo — ela responde, com a voz trêmula tanto pela frieza ao nosso redor quanto pelo terror que eu a fiz passar.

— Nossa garotinha está morta, assim como nosso relacionamento.

— Me desculpa — sussurro. — Eu te amo.

— Por favor, pare de dizer isso, Kade — ela diz, fungando e com o maxilar tremendo. — Quero que você se livre dos Sawyers; pode se apressar e cumprir seu contrato? Não me resta mais nada, mas você tem uma família esperando você voltar para casa. Por favor. Por favor, deixe-me te dar isso.

Cuidadosamente, minhas botas avançam novamente, me carregando em sua direção até que suas costas pressionem o SUV.

— Prefiro me matar. Fiz o que tive que fazer para nos trazer até aqui. Tinha que me desculpar com você. Não vou cumprir o contrato.

Stacey balança a cabeça de um lado para o outro.

— Então, ela vai te matar.

— Eu sei disso.

Ela se encolhe quando coloco um cacho atrás da sua orelha.

— Eu lidarei com a Bernadette. Eu só precisava me desculpar. Você não precisa me perdoar nunca, mas quero que saiba que, se eu tivesse todo o tempo do mundo, eu o usaria tentando reconquistá-la. Eu me provaria digno de você, Stacey. Porque não houve um dia sequer em que você não me fez continuar vivendo. Meu amor pode não ser suficiente para você, mas é tudo o que me resta. Eu te amo tanto, mas tanto, que isso me faz querer viver.

Ela não puxa sua mão de mim.

— Então viva. Termine sua tarefa. — Sua respiração está irregular enquanto ela treme. — Por favor, viva por mim.

Fecho os olhos.

— Eu não consigo.

Pneus cantam ao longe, e nós dois viramos a cabeça na direção dos carros que vêm direto para nós.

— Termine a tarefa, Kade — ela exige, saindo do meu abraço. — Não temos futuro juntos, mas você pode ter um. Amor não é suficiente para nos consertar. Mesmo o seu tipo de amor. — Ela se vira para olhar os SUVs vindo em nossa direção, e então sua expressão suplicante volta para mim. — Por favor, atire em mim. Por favor. Antes que ela nos alcance.

Estreito os olhos.

— Não é a Bernadette. Barry deve ter rastreado seu celular. — Viro-me e vou em direção à minha moto, pegando minha arma do chão. — Filho da puta.

Quando pego meu capacete e jogo a perna por cima da moto, Stacey segura meu braço.

— Por favor, fique. Você não precisa fazer isso sozinho. — Seus olhos estão desesperados. — Por favor. — Ela me puxa. — Eles podem te ajudar. Você

ainda pode terminar sua tarefa. Eu vou ficar bem. Juro que não me importo de morrer para te salvar.

Solto meu braço, ajeitando o lenço sobre minha boca quando ele escorrega.

— Eu não vou atirar em você, Stacey. E a ajuda deles só faria todo mundo morrer.

Stacey agarra uma das manoplas da moto.

— Me conta o que você disse na mensagem de voz.

Paro de tentar girar a chave, abaixando a cabeça.

— É meio inútil agora, não acha? — Olho para ela e abaixo o visor. — Como você disse, acabou. A gente nunca teve chance mesmo. Desde o começo, um de nós dois ia morrer hoje, e eu nunca deixaria nada acontecer com você. Eu só precisava de um tempo… pra dizer que sinto muito, antes que fosse tarde demais.

Sua mão se estica para agarrar meus dedos enluvados, a outra puxando meu visor.

— Quero saber o que você disse na mensagem de voz.

As portas se abrem ao longe. Botas batem no chão — pessoas estão correndo em nossa direção —, mas meus olhos estão em Stacey.

Ela se aproxima, segurando minha mão como se eu fosse desaparecer a qualquer momento. Sua testa está quase tocando o capacete.

— O que você disse na mensagem de voz?

Levo minha mão livre até o rosto dela, meus dedos se contraindo sobre o corte em sua bochecha. Em vez de dizer o que eu disse, sorrio, mesmo que ela não consiga ver minha boca.

— Desde a primeira vez que eu te vi, eu fui seu. Eu sempre serei seu, Sardentinha. Nossa garotinha deve se orgulhar da mulher que você se tornou. Vocês duas sempre serão minhas garotas.

Antes que ela possa responder, levanto meu olhar por cima do ombro dela e vejo Barry vindo em nossa direção, com a arma em punho, apontando diretamente para mim.

— Fique longe dela, porra — ele avisa. — Eu não dou a mínima para quem é, senhor. Stacey é minha prioridade.

Levanto uma sobrancelha e olho para Stacey, que balança a cabeça de um lado para o outro, elevando a voz o suficiente para ele ouvir.

— Não, não atirem! Está tudo bem!

Barry para, seus olhos oscilando entre nós dois, percebendo que não estou tentando matá-la — e abaixa a mira. Antes que ele possa dizer qualquer coisa, meu pai o agarra pela nuca, ordenando que ele nunca mais aponte uma

arma para seu filho, antes de empurrá-lo para o lado.

Minha mãe está chorando. Jason e Ewan seguram suas mãos para confortá-la enquanto meu pai marcha em minha direção parecendo mais do que irritado.

Sinto-me mal, como se uma tontura repentina tivesse me dominado — vou vomitar.

É a mesma sensação que tenho quando Bernadette me força a parar com todas as drogas de uma vez — as cólicas no estômago, o suor, e todo o resto. Acabo desmaiando e acordando coberto de vômito, sem saber que porra aconteceu. Eu até diria que são sintomas de abstinência, mas hoje já mandei umas carreiras de cocaína para dentro, então não pode ser isso.

Stacey se inclina para mim — eu não sabia que tinha me dobrado para a frente —, nossos olhares se chocam enquanto ela agarra meu capacete e puxa minha cabeça para cima.

— Você está bem?

Bufo e me forço a endireitar, meus olhos se voltando para Stacey e meus pais. Puxo minha mão dela, mas Stacey tenta me agarrar novamente.

— Me solta — eu digo bruscamente. — Isso é perigoso para todos vocês. Têm ideia do que Bernadette fará para me ter de volta?

— Então ela pode passar por todos nós. Por favor, Kade. Por favor, não vá — ela sussurra, implorando. — Eu preciso de você.

Eu me sinto relaxar. Caralho, paro de lutar com ela. Como posso deixá-la de novo?

Agora, não há chance de eu escapar deles. E a estupidez deles em tentar me salvar vai fazer com que todos morram. Dou a eles um dia antes que estejam a sete palmos do chão. É melhor Barry ter um plano — ele está no comando desde que fui embora, um ano atrás, cuidando das missões, das tarefas e de todos os guardas.

Mas ele acabou de ter uma garotinha. E ainda assim, está aqui? Cacete.

Nenhum deles vai entender que eu estava tentando mantê-los seguros todos esses anos, e que agora estão estragando meu plano.

Mas então, o rosto de Stacey se contorce quando uma voz estridente preenche o ar, e cada uma das minhas terminações nervosas se encolhe. Jason tenta agarrar a irritação em forma de pessoa, mas ela se esgueira por debaixo dos braços dele.

— Kade! — Cassie grita. — Meu Deus! Senti tanto a sua falta! Diga a eles que vamos nos casar, e que é para pararem de me intimidar! Ah, tire essas mãos imundas dele, sua vagabunda!

— Vai se foder — murmuro através do tecido que cobre minha boca.

Stacey franze a testa, a mão fechada em punho como se fosse dar um soco nela. E por mais que eu fosse adorar ver isso, não vou colocar Stacey sob nenhum tipo de estresse.

Cassie vem correndo direto para nós, mas reviro os olhos e enfio uma bala na cabeça dela antes que ela possa me alcançar.

Stacey se encolhe e se vira com repulsa quando o corpo de Cassie cai no chão como um saco de batatas. Pronto. Lá se foi. Morta pra caralho.

Meu pai passa por cima do corpo dela e balança a cabeça de um lado para o outro para mim.

— Pare de ser um merdinha do caralho e entre no carro.

CAPÍTULO 13



Stacey

Kade parece que vai desmaiar enquanto se levanta da moto, balançando a cabeça de um lado para o outro.

— Vocês são todos idiotas *pra* cacete.

Tobias agarra o filho pelo capacete e o arrasta para frente, esmagando suas cabeças.

— Que porra você pensa que está fazendo? Poderia ter matado a Stacey.

— Eu não ia machucá-la. Só precisava de um tempo com ela para explicar as coisas — ele responde, se afastando antes de franzir a testa para Barry. — Você não devia ter envolvido minha família nisso.

O assistente dele não recua.

— Com todo o respeito, senhor, eu estava aqui para proteger a Srta. Rhodes. Precisamos ir embora. Acho que só temos alguns minutos antes que este lugar fique lotado.

— Me dê a arma — Tobias diz, percebendo que ele ainda a segura com força, com o dedo no gatilho.

Os dedos de Kade se contraem em torno da arma, mas seus olhos deslizam para mim e ele cede. Descansando a arma na palma da mão de Tobias, Kade abaixa a cabeça, sem se afastar enquanto seu pai o puxa pelo capacete

novamente e lhe dá um tapinha forte nas costas.

— Somos você e eu, filho — Tobias diz, baixo o suficiente para soar como um sussurro, mas estou perto o bastante para ouvir. — Não vai mais fazer isso sozinho. Eu estou aqui. Não vou deixar você fazer isso sozinho. Você e eu, está me ouvindo?

Kade não responde.

Tobias o sacode.

— Você está me ouvindo, porra?

— Só consigo ouvir você pedindo pela morte — Kade responde. — Eles vão te matar.

Seu pai ri e agarra seu ombro.

— Talvez, mas não antes que cada um deles pague. Nos vingar, filho, é isso que vamos fazer. Eu tenho uma lista, e Christopher Fields está no topo dela. Me ajude a machucar aquele filho da puta.

Kade levanta a cabeça ao ouvir esse nome.

— Você sabe onde ele está?

— Já temos homens a caminho — Barry fala, olhando para mim quando franzo a testa. Eles devem ter conseguido a informação antes de eu fugir. — Podemos ir agora?

Tobias olha para mim.

— Você dirige muito mal. Nunca mais volte a dirigir.

Reviro os olhos.

Aria caminha até o filho, fungando.

— Você está bem? — ela pergunta, sua covinha no queixo tremendo, olhando para a garota morta no chão. — Ah, meu garoto, você está bem?

Ele não diz nada, apenas tira o capacete, joga-o de lado e caminha até ela.

Nunca pensei que ver Kade abraçar a mãe me faria chorar, mas aqui estou.

Ela está aos prantos, abraçando ele, implorando pra ele entrar no carro, enquanto Tobias leva os dois até a porta. A versão mais velha do Kade suspira e fica parado ali, segurando a porta aberta. Ele lança um olhar na minha direção bem na hora em que eu limpo o rímel borrado debaixo dos olhos.

— Tudo bem? — Tobias pergunta.

Aceno em concordância e esfrego o braço, tentando não olhar para o rio de sangue que escorre em minha direção.

— Estou bem.

Barry se agacha perto do cadáver de Cassie e verifica seu pulso.

— Ela está morta.

Tobias faz uma careta como se uma criança tivesse acabado de pisar no seu mindinho.

— Claro que ela está morta. Seus olhos não estão funcionando? O cérebro dela está espalhado por todo o chão, seu idiota.

Barry resmunga para si mesmo, e então, olha para o pai de Kade.

— Só estava constatando um fato.

— Um fato inútil — ele retruca. — Tem mais algum? Quer me dizer que o céu é azul também?

Aria manda os dois pararem de discutir, porque é só o que sabem fazer. Qualquer coisa que um diz, o outro contesta, e então eles entram numa disputa de mijo até Barry desistir ou Tobias ficar entediado.

Tobias diz a Barry para deixar o corpo para Bernadette encontrar. Ele se recusa, e eles discutem mais um pouco antes de, finalmente, Barry concordar em deixar o corpo dela no chão para que seja encontrado e denunciado. Aparentemente, isso colocará Bernadette sob os holofotes, e, no momento, não é disso que ela precisa. O público sentirá pena, caçarão o suspeito e, com sorte, descobrirão alguns segredinhos sujos sobre seus negócios no submundo.

Eu não entro no mesmo carro que Kade — sigo Barry até outro, e Jason senta no banco do passageiro enquanto seguimos todos os outros. Minha perna balança e eu levanto os olhos para encontrar o irmão mais velho de Kade me encarando.

— Isso foi arriscado — ele diz. — E se ele realmente te matasse?

Dou de ombros. Tudo o que posso fazer é dar de ombros.

Abaixo a cabeça e a encosto na janela, o silêncio preenchendo o carro durante todo o caminho de volta para o chalé. Quando paramos, Jason sai do carro e Barry tranca as portas antes que eu possa abrir a minha.

— Nunca mais faça isso, entendeu?

— Eu estava tentando ajudá-lo.

— Arriscando a sua vida?

— Ele me disse que se completasse o contra…

— Eu não dou a mínima, Stacey. Se você fugir de mim de novo e correr o risco de ser morta, eu mesmo vou te matar.

Estreito os olhos.

— Vou contar para Lisa que você está me ameaçando.

Ele bufa e solta o cinto de segurança.

Quando saio do carro, paro ao ver Kade descer do que está à frente. Ele também para, me encarando enquanto puxa o lenço para cobrir a boca, mas eu já vi a marca roxa no canto dos lábios, descendo pelo rosto. Ele parece querer dizer algo. Aria fala alguma coisa para ele, e ele apenas assente, sem desviar os olhos

de mim.

Mesmo com aquele olhar exausto, sem vida, ele continua lindo. O cabelo está mais comprido, ondulado, e o rosto, antes sempre barbeado, agora está coberto por uma barba por fazer.

Eu gosto disso.

Eu o amo.

Ainda estou tonta com a reviravolta dos acontecimentos. Estamos a poucos passos um do outro, com tudo às claras. Sem mais segredos. Sem mais mentiras. Nada além da ameaça iminente de Bernadette.

Ele ter cortado a ligação com a vadia para ter alguns minutos a sós comigo foi um choque, e ainda estou processando. Achei que já estaria morta uma hora dessas.

Querer beijar alguém, abraçar essa pessoa e implorar pra que esqueça os últimos anos e volte a ser como era antes… é, sem dúvida, uma das coisas mais difíceis que já vivi.

Não estou brava com o Kade; estou… perdida. Sei que nada disso foi culpa dele. Eu poderia ter gritado aos quatro ventos que fui atacada, que meu irmão era um lunático, então também não sou inocente nessa história.

Eu poderia ter pedido ajuda quando descobri que Kade estava encrencado com a Bernadette na noite em que transamos fora daquela boate ao lado de um cadáver. Eu deveria ter feito isso. Procurei o Tobias porque achei que ele seria capaz de me dar conselhos; nunca pensei que ele fosse fugir e tentar resolver as coisas por conta própria.

Mas ele fugiu. Isso também é culpa minha?

Se eu tivesse falado sobre o abuso que sofri, estaríamos nessa situação?

Minha filhinha estaria aqui?

Kade se remexe, inquieto. Seus dedos estão espasmando, e ele pisca sem parar.

— Você acha que um dia conseguiria me perdoar? — pergunta, e posso ver que as drogas que ele tomou estão começando a perder o efeito; ele está agitado, suando, com os joelhos pulando sem parar. — Eu preciso que você me perdoe. Faço qualquer coisa. É só dizer, e eu vou fazer.

Aperto os lábios para conter um soluço.

— Não acho que se trate de perdão. Eu poderia ter dito algo anos atrás sobre meu irmão, mas não disse.

— Você estava com medo.

— E por que não contou a ninguém sobre Bernadette?

Kade permanece em silêncio.

— Porque você estava com medo, assim como eu. Não se trata de

perdoar um ao outro, Kade. Trata-se de sobrevivência.

— Mas eu não sinto que sobrevivi — ele diz baixinho, quase debilmente.

Eu me odeio por ter acreditado que ele me machucaria de verdade, mas como eu não acreditaria? Ele atirou em mim e falou comigo como se eu não passasse de merda na sola do sapato dele. Ele falava com violência em cada palavra.

De certa forma, ele está violento, porque por mais irritante que Cassie fosse, eu não esperava que ele fosse atirar na cabeça dela sem emoção alguma.

Tobias passa o braço pelos ombros de Kade, puxando-o em direção ao chalé, e eu sigo ao lado de Aria, que ainda funga e enxuga os olhos.

— Vou precisar de muita ajuda com Kade. Ele está sob efeito de alguma coisa, pelo que percebi.

— Eu vou ajudar — digo sem nenhuma hesitação.

— Tudo o que precisamos agora é que a Luciella volte pra casa. Aí podemos tentar consertar essa família. Talvez a gente consiga chegar a um acordo com o juiz, pra que o Tobias não receba uma pena muito pesada por ter fugido. Acho que… se soubessem os motivos, iam entender.

É impossível. Tobias é um assassino e não está apto a estar em público. Ele não está seguro, é um perigo para todos e para si mesmo. Assim que descobrirem onde ele está, se não atirarem à primeira vista, Tobias nunca mais verá uma visita ou a luz do dia.

— Não acho que ele tenha intenção de voltar — digo honestamente. — Ele não aparece em público há mais de vinte anos, e dá pra ver que ele analisa cada detalhe. Voltar seria um suicídio mental pra ele.

Ela se vira para mim quando paramos na varanda.

— O que mais posso fazer? Ele não pode ficar fugindo para sempre. Vai ficar doente de novo. Ele… A versão dele que temos agora é a de depois de anos de terapia, medicação e treinamento. Vou precisar tentar roubar os remédios dele, e mesmo assim, eventualmente serei pega também. Você não viu como ele era antes. Eu tinha medo dele.

Abaixo o queixo em compreensão.

— É uma situação horrível. Sei que você se importa com ele.

Ela dá uma risadinha, olhando pela janela para ver Tobias servindo um copo d’água para Kade, que balança a cabeça de um lado para o outro, abaixando o tecido que cobre seu pescoço e boca enquanto Barry o inspeciona, lançando uma luz em seus olhos e verificando sua pressão arterial.

Jason se afasta, parecendo nervoso. Nas duas últimas vezes em que esteve perto do irmão mais novo, ele apanhou. Mas parece que quer falar com

ele, e fico feliz que queira.

— Eu amo o Tobias mais do que palavras jamais conseguirão explicar — Aria diz —, mas também sei que ele não pertence aqui. É só uma questão de tempo até ele surtar.

O homem em questão olha para nós, dando um sorriso suave para Aria. Ele diz com os lábios "*ele vai ficar bem*" e volta a oferecer um copo para o Kade.

Eles me lembram um casal na casa dos vinte. São bobos e impulsivos, mas o amor entre eles é inabalável. Uma pena para o Ewan, mesmo que ele diga que tá tudo bem.

Ewan, Barry e Tobias saem para falar com os guardas, em busca de notícias sobre se Chris foi pego. Nada ainda, mas eles sabem onde ele está. Eles falam sobre Cassie também, depois discutem as drogas no organismo de Kade e como precisaremos trancá-lo em um quarto e fazê-lo largar tudo de uma vez.

Estremeço só de pensar nisso e entro. Encontro Kade parado na cozinha, encostado no balcão, me observando. Ele inclina a cabeça em direção à escada, um pedido silencioso para falar comigo novamente em particular. Ele ainda mantém o lenço sobre a boca, recusando-se a tirá-lo.

Uma péssima hora para achá-lo gostoso, mas eu acho. Mesmo que seus olhos estejam vermelhos e ele não consiga ficar parado por mais de um segundo.

Concordo levemente com a cabeça e, quando ele percebe que não vou primeiro, se dirige à escada e sobe. Começo a me mover, mas noto Jason se afastando da parede e seguindo seu irmão.

Não importa, porque assim que Jason chega ao topo, ele grita por ajuda.

Quando corremos escada acima, Kade está tendo convulsões no chão. Aria pede a todos que lhe deem espaço, mas eu seguro sua mão, apertando-a com força até a convulsão parar. Não a solto enquanto Tobias o carrega para o quarto em frente ao meu, ou quando me sento ao lado da cama dele e Ewan e Aria discutem o tipo de convulsão que Tobias costumava ter.

Ele está suado, pálido e se encolhe sem parar durante o sono.

— Kade só teve uma convulsão — Aria diz, abraçando a si mesma. — Ele tinha oito anos, e os médicos não tinham ideia do que a causou. Disseram que poderia ter sido devido ao seu alto nível de ansiedade. Que devíamos monitorá-lo e registrar a próxima vez que acontecesse. — Ela olha para o filho. — Ele vai ficar bem. Ele passou por muita coisa, então acho que está mentalmente exausto.

— Ou são as drogas — Barry acrescenta. — Bernadette forçou muita coisa no organismo dele ao longo dos anos.

Todos nós ficamos em silêncio.

Fico doze horas sentada ao lado da cama dele. Ele não se mexe, não se vira, não acorda nenhuma vez. Kade está completamente exausto, apagado, adormecido, descansando como precisa. Vai piorar antes de melhorar, Aria havia dito a todos.

Mas estaremos aqui por ele desta vez. Ele não precisa fazer nada disso sozinho.

Não percebo os carros parando lá fora até Jason ir à janela.

— Merda. Eles os pegaram.

Suspiro enquanto acaricio a mão úmida de Kade com o polegar.

Meus irmãos postiços estão aqui.

CAPÍTULO 14



Stacey

Estremeço quando outro respingo do sangue de Chris quase atinge meus sapatos.

— Pare de me bater, porra.

Chris cospe no chão, com o rosto manchado de vermelho e o nariz torto. Ele está amarrado a uma cadeira no meio do porão, e seus olhos seguem Tobias enquanto ele flexiona os dedos das duas mãos, caminhando lentamente ao redor dele. Perseguindo sua presa como um animal faminto.

— Me diga de novo por que você acha que ela é sua.

Engulo em seco quando Chris me olha antes de responder:

— Uhm, dã. Você já olhou *pra* ela?

Mesmo enquanto prisioneiro, ele é um cretino sarcástico.

— Sim. — Outro soco, e sua cabeça se inclina para o lado, um dente rolando pelo chão sujo. — Agora, vamos tentar de novo. Você acha que ela é sua. Me dê um motivo válido para isso.

Kyle está sentado ao meu lado, com os joelhos balançando, a cabeça baixa. Ele tentou nos convencer a não fazer isso, mas quando Tobias disse que o amarraria a uma cadeira também, Kyle hesitou e cedeu. Eles estavam hospedados em um hotel, tentando descobrir uma maneira de me resgatar, sem

saber que eu já tinha sido salva.

Ele sabe por que estamos fazendo isso, mas insiste que Chris é doente e deveria ser internado, não torturado por ninguém menos que Tobias Mitchell. Mas isso nunca vai acontecer.

Tobias ofereceu um soco a Jason, mas ele está sentado com Kade desde que eles chegaram. Ewan está ciente da situação entre Kade e Jason, então, está esperando pacientemente pela chance de espancar Chris até deixá-lo em pedacinhos também.

Minha cabeça se vira para Ewan enquanto ele se levanta, farto.

— Por que você envolveu meu filho? — ele pergunta, com raiva nos olhos. — Por quê?

Chris sorri.

— Isso importa? Funcionou.

Tobias o chuta com força no peito, jogando a cadeira para trás. Uma rajada de ar sai de sua boca e ele range os dentes. Estamos mais do que felizes em deixar o pai de Kade brincar com ele — Chris tem pavor do Tobias. Ainda consigo ver a expressão em seu rosto quando o saco foi tirado de sua cabeça e ele viu o Mitchell pai.

Seus braços e dedos, amarrados nas costas, são esmagados entre o chão e a cadeira. Seu ombro se projeta quando Ewan mete a bota nele.

— Porra!

Barry bufa e coloca a cadeira de pé antes de voltar para o seu canto.

Chris move a cabeça de um lado para o outro, estalando o pescoço, e então o encara.

— Precisa mesmo continuar me batendo? O que ganha sendo violento?

— Alegria — Tobias responde, cruzando os braços. — Gosto de ver você sangrar. Vou gostar muito mais quando eu te matar.

Chris empalidece e me olha, desesperado.

— Você vai deixar ele fazer isso? — Seus olhos encontram Kyle. — E você? Você é meu irmão, caralho.

— Estou fora — é tudo o que Kyle diz, saindo enquanto Tobias saca uma arma da cintura e aponta para Chris e a engatilha.

— Que informação você tinha sobre Bernadette Sawyer que ela queria?

— Não sei do que você está falando.

Tobias força o cano da arma contra a bochecha dele, pressionando com força.

— O pendrive que você fez Stacey dar a ela. O que tinha nele?

Quando Chris permanece em silêncio, Barry dá um passo à frente.

— Você invadiu o sistema dela?

— Talvez.

— Como? — Tobias insiste. — Como você invadiu?

— Ao contrário de você, seu psicopata de merda, eu tenho cérebro.

O insulto não perturba Tobias.

— Ainda está dentro do sistema dela?

— Sim. — Ele levanta uma sobrancelha. — Por quê? Você quer trocar informações? — Ele sorri. — Devo admitir, eu não me importaria em te dar alguns códigos se isso significasse ver Luciella e ir para a cama com ela de novo.

Meus olhos se arregalam. *De novo?*

Pela primeira vez em muito tempo, Tobias não tem uma resposta imediata. Sua raiva se esvai apenas o suficiente para revelar seu choque. E então:

— O que você acabou de dizer?

— Sua filha geme como um maldito anjo.

Tobias bate na lateral da cabeça dele com a arma.

Chris fecha os olhos com força, um fio de sangue escorrendo pelo pescoço, vindo do corte na cabeça.

— Isso não foi muito legal. Eu fui bom para ela, eu juro. Assim como fui para a Stacey. Você já sentiu minha irmã? Já esteve dentro dela? Quente. Macia. *Usada pra caralho*. Com Luciella foi a mesma coisa.

Tobias tenta dar um passo à frente, mas Ewan chega primeiro.

Ele o agarra pelo pescoço, cortando seu suprimento de ar.

— Pare de falar da minha filha desse jeito, seu pedaço de merda!

Barry tenta tirá-lo de cima de Chris, mas não consegue. Eles precisam dele vivo por mais um tempinho — informações sobre os Sawyers a essa altura podem mudar tudo.

Aí podemos matá-lo.

Ewan o solta quando seus olhos começam a se arregalar, e ele arfa antes de rir de Tobias.

— Eu pensei que ela fosse *sua* filha? Cara, vocês são todos um bando de filhos da puta incestuosos. Mas você não respondeu à minha pergunta, grandão. *Tá* ou não *tá* comendo a Stacey?

Aria está lá em cima limpando a cozinha, ou estaria tão mortificada quanto eu agora.

Tobias me olha.

— É com isso que teve que lidar todos esses anos? Ele é irritante.

— Pois é.

— Eu sabia — Chris diz, com sangue escorrendo da boca e os dentes vermelhos. Ele os lambe. — Você está comendo a minha irmã.

Tobias faz uma careta.

— Não a chame de irmã.

— Você não negou.

Tobias se inclina, agarrando os braços da cadeira.

— E se eu estiver? Que porra você vai fazer a respeito?

Quero mandar Tobias calar a boca, que provocá-lo não vai ajudar, mas a raiva em seus olhos faz tudo valer a pena.

— Eu vou te matar se estiver. Ela é minha.

— Ela não pertence a ninguém — Tobias diz. — Terminou? Sua voz está me dando nos nervos.

Chris franze a testa.

— Eu *vou* te matar.

O pai de Kade ri e flexiona os dedos, fechando a mão novamente.

— Você pode tentar. — Ele olha para Barry. — Já mexeu no celular dele?

— Sim. Ele criou um programa que apaga tudo automaticamente. Quebrou o notebook quando os caras chegaram lá, mas deve ter arquivos de backup em algum lugar. — Então o assistente de Kade olha para Chris. — Estamos tentando derrubar eles, do mesmo jeito que você planejava fazer. Onde podemos encontrar esses arquivos?

Quando Ewan e Tobias começam a socá-lo novamente, decido me retirar. Subo as escadas até a cozinha e encontro Aria esfregando as mãos de forma irregular. Vou até lá e ela para ao me ver.

— Ah, querida. Você está bem?

Ela está tentando limpar o sangue da mão. Seus olhos estão marejados e ela parece à beira de um colapso.

— *Você* está bem? — pergunto.

— Quero ir para casa — ela diz, com o lábio trêmulo. — Quero que Tobias fique bem, que Kade melhore e que a minha filha esteja comigo. Quero ir para casa.

O ex dela surge do porão, com manchas vermelhas nas mãos e nas roupas.

— Ele dormiu.

Não, ele foi apagado.

— Você está chorando? — Tobias pergunta a Aria. Ela tenta esconder o rosto, mas ele já está se aproximando e a segurando. — Eu vou resolver tudo isso. Eu prometo que vou.

Ela força um sorriso, mas acaba se desfazendo nos braços dele, apertando-o contra o peito.

CAPÍTULO 15



Stacey

Kade ainda está desmaiado quando a noite cai novamente. Tobias e Aria saíram para dar uma volta pela floresta, e Barry e Ewan estão comendo à mesa. Alguns dos guardas estão dormindo enquanto os outros assumem suas funções, e o silêncio no chalé está me deixando inquieta.

Kyle senta-se no balcão da cozinha enquanto preparo um café para nós.

— Me desculpe por não ter conseguido chegar aqui. Saí de casa assim que você gritou que estava aqui.

Dou-lhe um sorriso suave.

— Você não tem nada pelo que se desculpar. Eu estou bem. Você está bem. Chris está trancado lá embaixo. Nada muito pior pode acontecer.

— Bernadette Sawyer pode saber onde estamos.

— Ela sabe — respondo. — Não sei por que ela ainda não veio aqui correndo buscar o Kade. Acho que ela pode ter um plano.

— Tem alguém para quem possamos ligar? A polícia? Podemos usar as redes sociais? Qualquer coisa?

— É muito arriscado. — Entrego a caneca dele. — Tem falado com a Nora?

— Ela acha que ainda estou procurando o Chris. Disse que ele tinha

enlouquecido e estava tentando te matar. — Ele suspira, tomando um gole da bebida quente. — Ela mandou lembranças.

Eu bufo. Nora não se importa comigo. Tudo o que ela quer é ter o filho de volta nos braços; vai querer embrulhá-lo em plástico-bolha como se fosse de vidro.

— Vou para a cama. Vai dormir um pouco — digo a ele, notando suas olheiras e seu cabelo desgrenhado. — E tomar um banho. Você está fedendo.

— Olha quem fala. — Ele finge fungar na minha direção e faz uma careta.

Dou um tapa no braço dele e subo as escadas, parando em frente ao quarto do Kade, ouvindo Jason falar. Não sei bem o que ele está dizendo, mas sei que Kade ainda está inconsciente. Ouço uma fungada, um "*desculpe por não ter conseguido te proteger deles*" e me afasto da porta para lhe dar privacidade.

Não sei como consigo dormir. O quarto está frio e os cobertores são finos. Talvez seja porque estou mental e fisicamente destruída.

Acordo apenas algumas horas depois. Sei que não vou dormir mais, então me levanto, me espreguiço e ligo o chuveiro. Enquanto tiro a roupa, ouço a porta do meu quarto se abrir, então rapidamente pego meu pijama do chão e o seguro contra o meu corpo nu.

Pelo contorno, sei que é Kade encostado na minha porta, com a cabeça na madeira. Ele respira de forma irregular, passando a mão pelos cabelos.

Dou passos lentos e cuidadosos, ainda me escondendo.

— Kade?

Seus olhos se voltam para mim, mas ele não se move.

Ele também não está com o lenço cobrindo a parte inferior do rosto. Na verdade, ele parece um pouco distraído, como se sua mente não estivesse ali, mas seu corpo sim.

Eu me aproximo e vou acender a luz, mas ele agarra meu pulso.

— Não.

— Por quê?

— Não.

Pisco e engulo em seco, concordando com a cabeça.

— Christopher Fields — ele diz em tom baixo. — Onde ele está?

Minha respiração para.

— Por quê?

— Ele está aqui?

Lentamente, na escuridão, visto meu pijama novamente.

— Ele está amarrado no porão. Queríamos que você… — Ele sai pela porta antes que eu possa terminar, obviamente movido pela adrenalina.

Xingo baixinho e corro atrás dele.

— Eita! — Barry se levanta da cadeira num pulo e deixa o aparelho que estava segurando cair no chão quando vê Kade arrombando a porta do porão com um chute. — Não, chefe. Espera aí!

Tobias, Aria, Ewan e Kyle correm para a cozinha, e todos nós o seguimos enquanto ele desce as escadas apressadamente e vai direto para Chris, dando um soco em seu rosto; ele acorda com um grito de dor.

— Acorde, seu filho da puta.

O medo se instala no instante em que ele percebe quem está parado bem acima dele, e ele começa a se debater na cadeira, chutando as pernas para todos os lados sem conseguir sair do lugar.

Ficamos todos parados junto à parede perto da escada, observando Kade piscar incontrolavelmente e franzir o rosto como se estivesse tentando afastar as vozes da mente.

— Você não tem a mínima ideia de quanto tempo eu esperei por isso. Sabe quem eu sou? — Ele aponta para si mesmo. — Sou o pai da criança que você matou.

Kade pega uma adaga de uma mesa próxima, vira-a na mão para pegá-la pelo cabo e a enfia no ombro de Chris. Ele grita tão alto que meus ouvidos zumbem.

— Seu filho da puta…

Kade cobre a boca dele e se inclina, puxando a adaga. Chris solta um suspiro angustiante contra a palma da mão e grita silenciosamente enquanto ele a afunda no outro ombro e o torce.

— Como é? Hein? Como é o sentimento de estar impotente? Como é não conseguir controlar a dor? Só receber, sem poder revidar? — Ele empurra a adaga ainda mais, e Tobias ri enquanto Kyle se vira. — Isto aqui é pela minha filha, seu pedaço de merda.

Aria cobre a boca para conter um soluço e sai correndo escada acima. Pela primeira vez, Tobias e Ewan não vão atrás dela.

Kade puxa a adaga novamente e lhe dá um tapa no rosto, limpando a faca ensanguentada em sua calça.

— Você estava todo tagarela naquela gravaçãozinha que fez. Por que está tão quieto agora? Porque não tem minha namorada ou meu irmão drogados e à sua mercê?

Chris não responde, curvando-se o máximo que pode em suas amarras, o sangue das duas facadas escorrendo por sua blusa e no chão sujo.

Uma vez, sentamos neste mesmo porão e jogamos *Twister*. Eu acabei em uma posição em que ele podia tocar meu seio sem que ninguém percebesse.

A partir daí, ele ficou obcecado em tocá-los. Sempre olhando, tentando agarrá-los. Eu nunca tive permissão para usar sutiã perto dele.

Horas depois daquele jogo, ele me arrastou para cá, jovem e indefesa, e me fez tirar a roupa enquanto ele se tocava. Ele tirou fotos minhas. Disse que eu era dele, mesmo enquanto eu chorava pelo meu pai e levava socos no rosto até tirar minhas roupas íntimas.

Eu tinha quinze anos.

Sou arrancada da memória quando Kade se afasta e vai até a mesa cheia de dispositivos. Tobias preparou tudo quando chegamos aqui. Ele pega o martelo, gira-o na mão como fez com a adaga, depois pega alguns pregos e avança em direção a Chris como uma pantera espreitando sua presa.

— Você está vendo ela? — Ele agarra a cabeça dele com uma das mãos, os dedos e o polegar nas têmporas, e o vira para mim. — Esta vai ser a última vez.

Chris deve pensar que ele está dizendo figurativamente enquanto ri em meio à dor, mas Tobias se move para trás dele e abre seu olho. Eu me viro de costas rapidamente quando Kade martela um prego nele.

O grito ficará gravado em mim para sempre.

Ele merece. Ele merece. Ele merece.

Mantenho as costas para ele enquanto Kade faz o mesmo com o outro olho, cegando-o. Percebo que ele está tremendo pelos suspiros rápidos que solta, e quando me viro para encará-lo mais uma vez, a bile sobe pela minha garganta. Ele está chorando lágrimas de sangue, e é uma visão horripilante.

Kade não brinca com as palavras, e Tobias cruza os braços, esperando o próximo movimento do filho. Kade anda entre mim e Chris. Piscando rápido. Puxando os cabelos atrás da cabeça, agitado.

Chris não para de falar, tremendo de dor e medo, o choque o consumindo enquanto suas unhas se cravam nos braços da cadeira de madeira.

Kade para de andar e olha para mim.

— Suba.

Inclino a cabeça.

— O quê? Não.

— Você sabe que ele vai sofrer, eu vou fazer com que seja doloroso... então suba. Você não precisa ver isso.

— Preciso sim — retruco. — Ele tirou tudo de mim.

Kade me encara, rosnando e piscando sem parar. Ele pisca tanto, anda de um lado pro outro e murmura coisas para si mesmo. Estou mais preocupada com o estado mental dele do que em me vingar do meu agressor.

Então ele pega uma pequena serra e para na minha frente novamente.

— A primeira vez que ele te tocou, o que ele fez?

Tento falar, com a voz embargada.

— Eu… estava inconsciente. — Chris me contou sobre isso no café da manhã na manhã seguinte. Os olhos de Kade escurecem ainda mais, algo que eu pensei que seria impossível.

— Deixa pra lá, eu tenho uma ideia melhor.

Franzo a testa enquanto Kade se vira para o pai.

— Segure a mão dele. A esquerda primeiro.

Tobias não parece gostar de receber ordens, muito menos de seu filho caótico, mas obedece assim mesmo. Chris está se debatendo novamente enquanto Tobias segura seu pulso na madeira, e Kade serra quatro de seus dedos.

Os dedos caem no chão como cápsulas de bala, e eu quase vomito por todo lugar. Chris parece um animal sendo abatido.

— Agora você não vai poder nem olhar, nem tocar nela.

— Ele acabou de se mijar — Barry afirma.

— Consigo ver com meus próprios olhos — Tobias dispara, sacudindo a bota para afastar a minúscula gota de mijo que o tocou. — Mas continue aí, sem fazer nada, seu inútil.

Barry dá de ombros.

— Não quero o sangue sujo dele em mim.

Sangue espirra em Kade por inteiro, mas ele continua com a outra mão, puxando os dedos que não conseguiu arrancar completamente enquanto Chris solta mais gritos angustiantes.

— Eu não vou te matar — ele diz em um tom entediado. — Quero que viva sabendo que nunca poderá ver a beleza dela ou tocar sua perfeição. Quero que fique indefeso e incapaz de andar. — Na última palavra, ele coloca uma bala no joelho de Chris, e eu fecho os olhos ao som que vem dele. — Vou deixar sua audição, para que eu possa te dizer quando eu a reconquistar, para que você possa ouvi-la gemendo a porra do meu nome. Quando eu me casar com ela. Quando ela der à luz aos meus filhos. E adivinha? Eu terei tudo isso. Você não. Porque Stacey Rhodes é minha desde o dia em que a conheci.

Ele atira no outro joelho de Chris enquanto Tobias assobia.

Chris tem saliva escorrendo da boca, o rosto vermelho de dor e raiva.

— Ela. É. Minha.

— Sua? — Kade limpa o sangue dos olhos com as costas da mão. — Saiam daqui, todos vocês.

Tobias grunhe e agarra Barry pela gola para tirá-lo de lá, mas ele se afasta dele e fecha a cara.

— Eu consigo sair sozinho, seu troglodita.

Ewan sobe as escadas primeiro, e eu mordo o lábio enquanto observo Kade passar a mão pelos cabelos, espalhando sangue por todo lado, pequenos filetes descendo pela nuca.

Barry gesticula para que eu o siga, e quando dou um passo, Kade diz:

— Você não.

Por um segundo, hesito. Barry também. Ele tem estado hesitante perto de Kade depois que ele atirou em mim, como se um pouco de confiança tivesse desaparecido, mas finalmente dá um aceno positivo com a cabeça e sobe as escadas, deixando Kade e eu com Chris.

— Quase sinto pena de você — Kade diz para Chris quando a porta no topo da escada se fecha. — Não, na verdade, eu sinto mesmo pena de você.

— Por quê? — Chris responde, a palavra quebrada, fraca e arrastada. Estou surpresa que ele esteja respondendo, considerando que está sangrando por vários lugares.

Sem mencionar os pregos que impedem suas pálpebras de fecharem completamente.

Kade pega outra cadeira, colocando-a na frente de Chris antes de se sentar, seus olhos se voltando para mim. Ele estende a mão.

— Vem aqui.

Eu me abraço e dou um passo à frente, e minha respiração para quando Kade me puxa para seu colo. Meus nervos ganham vida com seu toque, ao sentir suas coxas embaixo de mim, ao jeito que ele envolve um braço em volta de mim enquanto coloca a arma ao nosso lado.

— Você confia em mim? — Kade sussurra em meu ouvido. Assinto levemente com a cabeça.

O braço em volta de mim afrouxa ao mesmo tempo em que seus lábios pressionam minha nuca. Sua mão desliza pelas minhas pernas nuas até meu short de pijama, sem parar quando alcança minha coxa e continua.

Meu coração dispara com o toque dele, uma sensação de formigamento percorrendo meu âmago no momento em que as pontas dos dedos dele roçam minha calcinha. Talvez seja porque eu não sou tocada há tanto tempo, ou talvez seja porque é o Kade, mas eu imediatamente abro as pernas para dar a ele melhor acesso enquanto observo o sangue escorrendo dos olhos e mãos do Chris.

Os lábios do Kade roçam levemente minha nuca até a orelha.

— Vou fazer você gozar na frente desse merda.

Não tenho chance de responder. Meus dentes mordem meu lábio inferior em um gemido enquanto ele empurra minha calcinha para o lado e afunda dois dedos dentro de mim.

— Ah, meu Deus.

Minha boca se abre, minhas pálpebras se fecham levemente enquanto o sinto indo fundo e devagar.

— Você ouviu isso? — Kade provoca enquanto move os dedos para dentro e para fora em um ritmo. Meu corpo reage da única maneira que pode, e eu balanço meus quadris; sinto-o ficando duro contra minha bunda. — Consegue ouvir os barulhos que eu consigo tirar da boquinha linda dela?

Chris puxa as amarras.

— Não toque nela, porra.

Gemo quando ele enfia um terceiro dedo, me fodendo com ele enquanto alterna entre chupar minha pele com os lábios ensanguentados e provocar meu agressor.

Ele enrola os dedos e eu gemo, abrindo mais as pernas enquanto minha cabeça cai para trás em seu ombro.

— K-Kade — gemo, me movendo contra sua mão. Minha mão agarra o cabelo da parte de trás de sua cabeça, usando-o como alavanca para me esfregar em sua mão e empurrar minha bunda contra seu pau.

Mais. Eu quero mais.

Mas isso não é romântico, nem qualquer outra coisa que não Kade me reivindicando na frente de Chris, mostrando a ele que, não importa o que, eu sempre fui dele. Não do Chris, não dos homens que ele fez me estuprar — dois dos quais ainda andam por aí livremente. Embora Tobias já tenha dito que vai lidar com eles se o filho não fizer isso.

Os dentes afundam no meu pescoço e ele chupa minha pele com força, me fazendo gemer.

— Diga a ele a quem você pertence — Kade ordena. — Diga a ele.

— Você — eu arfo.

— Não diga isso, porra! — Chris grita. — Solta ela. Pare de tocá-la, porra!

Kade solta uma risada profunda contra a minha pele.

— Você quer que eu te toque, não é?

— Uhum — gemo enquanto ele esfrega o polegar no meu clitóris. — Eu quero você, Kade, não ele. Nunca quis ele.

— Stacey, por favor — Chris soluça, com sangue ainda escorrendo dos olhos. — Por favor, pare. Por favor.

— Ele matou nossa filha — Kade diz enquanto coloca uma adaga na minha mão. — Machuque-o.

Meus olhos se fecham momentaneamente, meu corpo se ergue, e cerro os dentes, lembrando-me de tudo o que ele fez comigo, conosco, enquanto Kade continua me tocando, a outra mão deslizando pelo meu peito, entre meus seios,

até que ele esteja segurando meu pescoço.

— Machuque-o comigo, Sardentinha. Faça-o pagar por arruinar nossas vidas.

Mal percebo a adaga alojada na coxa de Chris, ou os dedos de Kade entrelaçados nos meus, ambos segurando o cabo da adaga agora. Meu irmão postiço grita e então range os dentes ensanguentados, incapaz de se soltar das amarras.

Respiro fundo, puxando a adaga e repetindo o movimento, mas Kade me solta, arrastando a mão pela minha coxa e circulando meu clitóris enquanto seus outros dedos continuam me fodendo.

Cada vez que esfaqueio as coxas de Chris, ele grita um pouco mais alto, sua voz rouca e seca, implorando para que eu pare, mas continuo, e continuo, e continuo, até meu braço se cansar. Deixo a adaga cair no chão e envolvo minha mão coberta de sangue em volta do pescoço de Chris, cortando seu ar.

Não sou forte o suficiente para matá-lo com uma mão só, mas a pressão crescente em seu rosto me traz alegria enquanto Kade esfrega seu pau contra mim através da calça, soltando um “porra” e um “continue”.

Minha mão dói, então solto o pescoço de Chris. Ele ofega por ar, seu corpo inteiro tremendo enquanto seu sangue se acumula sob a cadeira.

Solto um gritinho quando Kade tira os dedos, agarra minha nuca e me inclina para frente, minha cabeça perigosamente perto do joelho de Chris. Ele está puxando meu short novamente, e eu fico tensa de euforia enquanto ele me fode com os dedos por trás e se inclina para frente para circundar meu clitóris.

— Ela é uma garota tão boa para mim, Christopher — Kade provoca. — Uma garota tão, tão boa.

Ele mete com mais força, e eu preciso agarrar os braços da cadeira, tomando cuidado para não tocar em Chris enquanto minha visão embaça e o calor se acumula em meu âmago, que agora aperta os dedos que me penetram.

— Então — Kade continua —, voltando ao que eu estava dizendo porque acabamos nos distraindo...

Ele acelera os movimentos dos dedos, e eu deixo escapar um gemido quando uma onda de prazer me invade. E vem de novo, e de novo, até que o orgasmo toma conta de tudo, me fazendo ver estrelas e gemer sem controle.

— Porra, ela está encharcada e apertando meus dedos, Christopher. Aposto que você queria ser eu. Aposto que você sempre desejou ser eu. Ela está encharcada por *minha* causa. Você sabe como é ser amado por ela? Ver um futuro com ela? Vê-la carregar um filho seu, só para perdê-lo por causa de um filho da puta ciumento de merda?

Chris está tremendo, ainda puxando suas amarras, lutando contra elas

para tentar… o quê? Impedir Kade de me tocar? Para assumir o controle de si mesmo?

Ninguém nunca sabe quando se trata do Chris.

— V-Vai se foder — ele cospe.

Arfo e fico tensa quando aquilo tudo finalmente fica demais para aguentar. Kade tira os dedos e me puxa pelos cabelos para me sentar nele novamente enquanto tento recuperar o fôlego.

— Você está bem?

Lágrimas ardem nos meus olhos, meus lábios tremem.

— Posso ir agora?

Estou com medo. Pela primeira vez em muito tempo, estou com medo do Kade. Não porque ele me tocou, mesmo que fosse apenas para se vingar do Chris, mas porque há algo diferente nele. Como se ele tivesse caído em um buraco profundo e escuro e estivesse tentando sair dele.

Ele me encara, examinando meu rosto com um olhar confuso. Então ele me solta, e eu não espero um segundo para correr.

Ouço a porta se abrindo — Tobias e Barry estão lá — então Chris começa a chamar meu nome, me parando na escada, mas é silenciado quando Kade bate um martelo na lateral do seu rosto.

Eu deveria estar me deleitando com a dor dele, mas com todo aquele sangue, seu polegar rolando perto dos meus pés e os outros dedos no chão… Tento não vomitar enquanto Kade levanta outra ferramenta. A pequena serra de metal novamente.

Barry observa Kade levantar um dos dedos de Chris e jogá-lo de lado, ele olha de soslaio para um Tobias impassível e suspira. Então seus olhos se voltam para mim.

— Você está bem? — Barry me pergunta, seu olhar oscilando entre o sangue cobrindo minha mão e Kade. — Você está machucada?

— Estou bem — digo baixinho. — Vou para o meu quarto.

Barry assente e se afasta no momento em que Tobias vai até a mesa cheia de adagas e pega a maior.

Kade me observa subir as escadas de dois em dois degraus, e ele honestamente parece assustador. Ele segura uma serra em uma mão e um martelo na outra, e seu rosto está vermelho de sangue, sendo o branco dos olhos a única luz presente.

— Não tenha medo de mim, Sardentinha — ele diz, cuspindo o sangue que vazou para dentro da boca. — Estou fazendo isso por nós.

CAPÍTULO 16



Stacey

Não paro até chegar ao banheiro do andar de cima, vomitando até a alma. O sangue de Chris está nas minhas mãos, agora manchando a tampa do vaso sanitário. Eu o esfaqueei. Várias vezes. Eu o esfaqueei, e gostei. Queria esfaqueá-lo de novo, machucá-lo, mas não conseguia me concentrar.

Eu sou um monstro?

Consigo ouvir Tobias rindo. Nunca tinha reparado em como sua risada soa malvada.

Pisco através das lágrimas, limpando a boca e me afastando do vaso sanitário para me encostar na parede. Sangue na minha pele, as consequências do meu orgasmo na minha calcinha, a sensação dos dedos do Kade dentro de mim…

Engulo em seco e fecho os olhos, tentando manter a calma. Ouço uma batida na porta, mas ignoro. Outra batida, e eu digo com a voz rouca:

— Entre.

Jason enfia a cabeça para dentro.

— Eu ouvi você… O que diabos aconteceu? — Ele entra correndo e se abaixa na minha frente, inspecionando o sangue. — Isso não é seu.

Balanço a cabeça de um lado para o outro.

— Não.

— Ele está morto?

Dou de ombros.

— Não sei.

Ele pega uma toalha e a encharca, limpando minha mão e braço.

— Tobias disse para mantê-lo vivo. Ele quer que Chris sofra.

— Eu quero que ele morra — sussurro. — Quero que tudo isso acabe logo.

— Eu também — ele responde, esfregando o sangue da minha bochecha. — Barry acha que Bernadette está planejando atacar aqui. Devíamos ir embora, encontrar outro lugar para nos esconder.

Aceno positivamente com a cabeça, imperturbável.

— Você não quer descer?

— Não. — Jason suspira, se sentando encostado na banheira à minha frente. — Isso faz de mim alguém fraco? O fato de não conseguir descer lá?

— Não. Nem todo mundo gosta de ver as pessoas sofrerem.

— Eu quero que ele sofra — ele diz. — Mas saber que é meu irmão que está fazendo isso me deixa inquieto. Ele deveria estar na faculdade, como achávamos que estava.

Faço um som em concordância.

— É. Nossas vidas seriam muito diferentes se não fosse pelo Chris. Eu deveria ter contado tudo para o Kade quando tínhamos dezoito anos. Talvez todos estivéssemos seguros agora.

— Bernadette não foi atrás de Kade por causa do Christopher. Espero que não esteja se culpando por essa confusão.

Uma lágrima escorre pela minha bochecha.

— Não sei como me sentir diferente. O Chris só veio atrás de você por minha causa. Eu não arruinei só o meu relacionamento; mas o seu também.

Jason se inclina para frente e agarra minha mão.

— Pare. Pare de se culpar.

— Prometa que vai reconquistá-la.

Ele concorda com a cabeça.

— Eu prometo. Vou ficar limpo e me recompor. Eu preciso… Ela estava… — Ele para. — Preciso melhorar pelos dois. Trazer meu irmão de volta é mais importante.

— Você é uma boa pessoa, Jason. Sinto muito que a vida tenha sido tão dura com a gente. Vocês dois precisam se sentar e conversar. De preferência quando estiverem com a cabeça no lugar. O Kade te ama; ele sempre falava de você quando estávamos juntos. Ele te admirava.

Jason me dá um sorriso forçado.

— Vou tentar. Eu não consegui antes porque… porque fui um covarde.

— Eu também fui.

Ele me ajuda a levantar e me entrega a toalha para tentar tirar o sangue do meu cabelo, mas eu desisto. Ele vai para a cama, e eu visto um moletom com capuz e tênis.

Quando volto para a cozinha, o cômodo está às escuras e os gritos lá embaixo pararam, mas consigo ver uma faixa de luz passando por debaixo da porta do porão. Desço na ponta dos pés e vejo Kyle sentado na frente de Chris, Aria ao lado dele e Tobias no canto.

Há sangue por toda parte. Acho que não há uma parte de Chris que não esteja vermelha. Sua pele está toda cortada. Todos olham para mim quando chego à metade da escada.

— Ele está lá em cima — Aria diz, branca como um fantasma. — Por favor, vá vê-lo. Ele… ele não está bem.

Seus olhos se voltam para o rosto mutilado de Chris, suas mãos sem dedos, os cortes por todo o corpo, como se Kade e Tobias tivessem enlouquecido e começado a atirar adagas às cegas.

Ele tem buracos nos joelhos e um pé está caído para o lado.

Com tanta perda de sangue, não acho que Chris sobreviverá. Seu peito sobe e desce rapidamente. Como ele ainda está vivo? A mesa cheia de armas está virada, e Tobias está sentado no canto, segurando a mão com um pano ensanguentado.

— O que aconteceu? — pergunto, acenando para a mão.

Tobias descobre o pequeno corte na palma da mão.

— Tentei fazê-lo parar. Ele se perdeu e nós precisamos colocá-lo de castigo.

— Ele te machucou?

— Não de propósito. Vá vê-lo — ele me diz. — Kade não está armado.

Franzo a testa enquanto olho para Aria. Ela parece pálida.

— Eu não queria isso para o meu filho. Não tenho ideia do que fazer — ela diz, costurando os buracos onde antes estavam os dedos de Chris.

— Vou vê-lo — digo a ela, olhando mais uma vez para Chris e subindo os degraus que rangem.

Barry e dois dos guardas estão agora em pé ao redor da mesa de jantar com um tablet, papéis e um notebook, discutindo o paradeiro de Bernadette e maneiras de trazê-la até aqui sem sua própria equipe de seguranças engravatados atrás dela.

Eles querem matar ela e o marido dela.

O corpo de Cassie foi encontrado. Teremos notícias da mãe dela em breve. Tenho certeza disso.

Esse sangue todo estava aqui quando desci? As luzes estavam apagadas, mas agora estão acesas. Meu pé escorrega e Barry levanta a cabeça de uma vez.

— Há uma trilha que vai até os quartos — diz, como se fosse normal. — Cuidado onde pisa.

Há uma poça de vômito no pé da escada e manchas vermelhas no corrimão, como se ele o tivesse agarrado enquanto vomitava. Passo por cima e paro quando vejo uma rachadura no gesso da parede. Um óbvio buraco de soco, com pontos de sangue ao redor.

As pegadas vermelho-rubi das botas me levam escada acima; há o contorno de uma mão contra a parede, como se ele estivesse tentando se manter de pé. No corredor à direita, em frente ao meu quarto, a porta está fechada, mas consigo ouvi-lo.

Ele não está chorando, mas parece estar com dor, como se estivesse rangendo os dentes e tentando conter um soluço angustiante que ameaça estrangulá-lo.

Abro a porta devagar, silenciosamente, e vejo Kade no canto do quarto, com a cabeça baixa entre as pernas, balançando para frente e para trás com o sangue encharcando-o. Suas mãos agarram seus cabelos, apertando-os com tanta força que sei que deve estar doendo.

— Kade — digo enquanto fecho a porta atrás de mim, entrando no meio do quarto. — Kade.

Ele se encolhe, mas não para de se balançar para frente e para trás, puxando com mais força seus fios escuros e manchados de sangue.

Digo o nome dele novamente, o mais suavemente possível. Abaixo-me na frente dele. Meus dedos se fecham em torno de seus pulsos, e ele congela o balanço, mas seus olhos permanecem baixos.

— Obrigada — digo, acomodando-me entre suas pernas abertas, ainda segurando seus pulsos para impedi-lo de puxar seus cabelos. — Chris nunca mais poderá me tocar. Ele não conseguirá nem olhar para mim novamente.

Por minutos, talvez horas, ficamos assim. Eu na frente dele, segurando-o com cuidado, deixando-o ouvir minha voz suave enquanto o elogio por ter me defendido. Ele não me responde, nem levanta os olhos para mim, mas sei que está ouvindo.

Seus dedos se contraem involuntariamente, seu corpo fica tenso e ele se abraça.

Solto seus pulsos e me aproximo, sentando-me sobre os calcanhares enquanto seguro suas bochechas com as palmas das mãos e acaricio debaixo dos

seus olhos com os polegares. Parte do sangue em seu rosto ainda está úmido, outras partes secas.

Ele treme, se contraindo como se estivesse prestes a ter uma convulsão, e está tão, tão frio. Ele estremece.

— Olha para mim, Kade — digo suavemente. — Por favor, olha para mim e me diga que você está bem.

Nada.

Continuo falando.

— Vou ligar o chuveiro. Você não precisa falar, mas me deixa cuidar de você. Por favor.

Devagar, Kade abaixa as mãos do cabelo, ainda com a cabeça curvada. Com os dedos trêmulos, ele puxa o lenço até cobrir o lábio superior e fecha os olhos. Acho que ele pode estar alheio ao fato de ter acabado de destruir Chris sem esconder o rosto.

Não quero que ele se esconda.

Ele fica sentado no canto do quarto enquanto entro no banheiro adjacente e procuro uma toalha, um sabonete e uma esponja, e ligo o chuveiro. Espero esquentar e, quando me viro, Kade está se balançando de novo, murmurando baixinho.

Ele está sussurrando em russo, eu acho. Não consigo entender uma palavra do que ele diz.

Deixo a toalha cair na pia e me aproximo um pouco, tentando ouvir suas palavras. O chuveiro abafa a maior parte do barulho, batendo contra o painel de vidro, e ouço um clique vindo da janela entreaberta.

Os ombros de Kade tremem, e ele me olha como se eu fosse um fantasma o assombrando, como se eu o estivesse perseguindo e pronta para atacar com uma faca na mão. Terror. Medo. O olhar de alguém que desistiu e está implorando por misericórdia.

Então as palavras que ele sussurra voltam a ser em inglês, mas ficam cada vez mais distorcidas conforme seu corpo se contorce. Eu paro de me mover quando o que ele diz fica claro como a luz do dia.

— Não é ela. Não é ela. Não é ela, porra. — Elas são irregulares, seu rosto está vermelho enquanto ele força cada uma para fora. — Pare de olhar. Não é ela. Não é ela. Nunca é ela de verdade. Não. Não é ela.

É uma reviravolta enorme comparado a como ele estava naquela sala comigo, sussurrando no meu ouvido, com os dedos dentro de mim. Até que tudo ficou demais e eu tive que sair. Ele estava no controle de si mesmo, quase lúcido, mas agora é como se sua bolha tivesse estourado e o mundo inteiro estivesse sobre seus ombros.

Sento-me na cama, mantendo distância.

— Kade…

Ele se encolhe e se curva sobre si mesmo, se escondendo ainda mais no canto. Como se uma sombra escura estivesse tomando conta dele, ele faz de tudo para colocar o máximo de distância entre nós, e eu mordo o lábio, sem saber o que fazer.

Não vou forçá-lo a olhar para mim, mas preciso que ele saiba que está seguro. Não sou Bernadette. Não sou Archie. Nem nenhum dos clientes que tomaram dele quando ele não queria lhes dar nada. Não estou pedindo para ele matar ninguém, usar drogas ou injetar substâncias que o deixaram assim. Só quero que ele saiba que está seguro.

Ele parece um garotinho assustado, e eu me recuso a deixá-lo assim.

— Estou aqui. Sou eu, Stacey. Não vou te machucar.

Ele dá um tapa na lateral da própria cabeça, os murmúrios ficando mais altos, e meus olhos ardem enquanto assisto o amor da minha vida, meu primeiro e único amor, tentar não se autodestruir. O garoto de dezoito anos que tremia de nervoso antes de me beijar durante um jogo de desafios — que mal conseguia controlar o nervosismo quando me pressionou no sofá e me beijou — que viveu todos os meus primeiros momentos comigo e me tratava como uma princesa.

— Eu sou sua Sardentinha, lembra? — minha voz falha.

A mão que batia na lateral da cabeça para, e seus dedos se fecham na palma da mão enquanto ele a abaixa para poder segurar os joelhos com os dois braços.

— Temos dois cachorros. Milo e Hopper. — Eles estão com os funcionários da mansão, esperando pacientemente o retorno do dono deles. — Você se lembra de quando costumávamos passear com eles no terreno, e eles nos sujavam de lama quando nos arrastavam pela floresta? Você sempre segurava a guia porque eu os soltava quando corriam, e você precisava persegui-los pela mansão.

Ele não precisa me dar uma resposta, sei que está ouvindo.

Então continuo, tirando os sapatos e cruzando as pernas na cama dele. Sorrio ao pensar nos momentos que tivemos.

— Você sempre amou me ouvir cantar, mesmo dizendo que não. Minha cantoria te fazia rir. Nós ríamos muito. Quando estávamos bêbados cantando no karaokê na Grécia, ou mesmo quando estávamos deitados na cama conversando. Sempre tivemos isso, sabe? Nos fazíamos sorrir. Você me deu uma razão para viver quando eu sentia que já estava morta por dentro.

Engulo em seco, lágrimas frescas escorrendo pelo meu rosto.

— Você ainda me faz sorrir. Quando penso em você, me sinto viva.

Penso muito no nosso primeiro encontro. Em Londres. O jantar. Quartos de hotel e mais primeiras vezes. Elas são *nossas*. Todas essas memórias são nossas. Kade e Stacey. Stacey e Kade. O que tivemos foi especial.

Kade para de tremer como uma folha, mas sua cabeça continua baixa.

Eu o observo.

— Nunca mais consegui assistir *O Rei do Show* sem chorar. Eu nem mesmo canto durante *From Now On*, acredita nisso?

O chuveiro ainda está ligado, o vapor se acumulando no quarto e embaçando a janela. Observo o sangue no chão, uma marca de deslizamento mostrando que ele escorregou e ficou onde caiu.

— Fico feliz que você tenha desenhado algumas tatuagens para mim. Eu ainda as tenho — digo, levantando-me um pouco, mas o movimento ainda o faz estremecer como se eu o tivesse atingido. Dou um passo para trás para lhe dar espaço e levanto meu moletom nas costas, mostrando nossas iniciais entrelaçadas com o desenho que ele fez. — Nunca vou cobrir esta. É a minha favorita.

Ainda sem me dar os seus olhos, ele flexiona os dedos e inclina a cabeça, de modo que fica olhando para a parede.

— Não é ela. Não fale com ela. Ela não está aqui. Você não é louco. Nós não somos loucos. Porque ela é ela de verdade.

Mordo a parte interna da minha bochecha.

— Na primeira vez que nos conhecemos, dividimos um cigarro. Eu te disse meu nome, e você só ficou lá, me encarando. Eu estava te procurando e desisti quando cheguei à casa da piscina. Jason deixou Luciella no estúdio no meu primeiro dia lá, e você estava na caminhonete.

Sorrio para mim mesma, lembro como eu vagava sem rumo pela mansão durante a festa de aniversário de Luciella, procurando seu irmão gêmeo.

— A Lu falava muito de você na aula. Era bom ouvir como era ter um irmão de verdade — isso me fez gostar de você antes mesmo de te conhecer, só de saber que você era bom com a sua irmã. Eu queria te conhecer. — Olho para ele. — E, então, conheci.

Talvez eu tenha ido para casa naquela noite, me trancado no banheiro e dado risadinhas como se ele tivesse flertado comigo e me chamado de linda. Talvez o fato de ele ter sido rude tenha me feito gostar mais dele.

— E quando a gente foi desafiado a se beijar, eu fiquei com frio na barriga. Eu gostava de você e morria de medo de me envergonhar no meu primeiro beijo. — Me sento de novo na beirada da cama, nossos pés quase se tocando. — Mas foi o seu primeiro beijo também, então eu me senti à vontade. Você fez aqueles momentos em que eu estava no inferno parecerem o paraíso.

Tantas vezes eu quis morrer, quis que tudo acabasse, mas eu tinha você. E por isso valia a pena. Viver valia a pena. Eu confiei em você com todas as minhas primeiras vezes, assim como você confiou em mim.

Engulo em seco e olho para o lado, escondendo as lágrimas.

Estou tentando apagar o que aconteceu na nossa última noite juntos. As imagens que ele recebeu no celular; a negligência em contar a ele sobre Chris por todo o nosso relacionamento e como eu sofri abuso naquela casa.

Se eu tivesse contado a ele, talvez não estivéssemos nessa situação.

Se eu tivesse contado a ele, talvez nossa filha estivesse conosco.

No fim das contas, a culpa é minha.

Mas eu estava com medo. Chris tinha me incutido um terror absoluto e me fazia sentir sozinha, mesmo tendo o Kade. Ele me fazia sentir pequena, inútil e dele.

Uma vez tentei contar ao meu pai, mas isso arruinou meu relacionamento com ele. Ele escolheu o Chris — e eu passei a ser uma mentirosa.

Naquela noite, ele veio para minha cama pela primeira vez, e eu chorei até de manhã enquanto Chris se enroscava em mim, seu pau nojento, duro contra mim. Mas eu não podia contar ao meu pai. Ele não acreditaria em mim. Eu não podia contar a ninguém se a pessoa que mais deveria me proteger havia dito que eu era uma mentirosa.

O trauma me transformou numa casca vazia, mas, aos poucos, fui me libertando. E agora o Chris não pode mais me tocar, nem sequer me olhar.

Mas perdi Kade no processo.

Luto contra a onda de tristeza e torço os dedos, nervosa.

— Apesar do nosso término, sempre houve muita confiança entre nós. Lamento que você tenha tido uma visão distorcida do que aconteceu naquela noite e lamento ainda mais não ter te contado antes sobre o Chris. Eu estava com medo de que ele fizesse algo com você ou me levasse para muito, muito longe. Eu não queria te perder, então guardei o abuso para mim mesma.

Lanço um olhar para ele, e o ar sai dos meus lábios em um suspiro trêmulo ao ver que ele está me encarando por entre os fios bagunçados de cabelo ondulado, os olhos azuis cravados em mim. Como se estivesse tentando fundir a minha alma partida com a dele.

— Você se sente sozinho — digo, com a voz embargada. — Eu também. — Como ele não desvia o olhar, pressiono ainda mais, deslizando da cama para o chão. — Você se sente quebrado. — Uma pausa, e acrescento: — Eu também.

Arrasto-me para mais perto e me acomodo contra a parede ao lado dele, prestando atenção para não nos tocamos. Ele cheira a cobre, morte e a Kade, mas

eu me concentro na intensidade que sinto ao estar perto dele.

— Gostaria que pudéssemos voltar ao dia em que descobrimos que eu estava grávida. Às vezes, imagino como ela seria. Olhos azuis como os seus, cabelos como o meu e atitude e personalidade como as do seu pai. — Bufo para mim mesma. — Ela, definitivamente, seria uma pestinha. Uma pestinha de três anos que amaríamos infinitamente.

De forma lenta e trêmula, ele abaixa a mão entre nós, os dedos se contorcendo, a pele pálida por baixo do sangue, das tatuagens e das cicatrizes, a maioria das unhas arroxeadas. Não sei nem como descrever o que sinto agora. Fico olhando para aquela mão como se fosse o presente de Natal que eu sempre quis quando tinha seis anos.

Abaixo minha própria mão e a coloco perto da dele no carpete entre nós, nossos mindinhos se tocando de leve. Sou levada de volta a um momento, quatro anos atrás, com um cobertor sobre as pernas enquanto assistíamos a um filme com a família dele; nosso toque eletrizante. Mas agora, parece um trilhão de raios atingindo meu coração.

— Posso segurar sua mão? — pergunto a ele no momento em que seu mindinho se contrai ao lado do meu. Seu corpo ainda está encolhido, afastado de mim, seus braços ainda abraçando os joelhos, sua cabeça baixa e inclinada para o lado. — Se quiser, pode pegar minha mão.

A porta se abre e meus olhos se erguem para ver Tobias. Ele olha para o filho, depois para mim e se afasta novamente. Espero que ele diga a todos para ficarem longe. Kade precisa de espaço, ele odiaria se todos o vissem tão vulnerável. Eu nem deveria estar aqui. Mas também não quero que ele fique sozinho.

Por minutos — dez, eu acho — ficamos em silêncio, o chuveiro ainda ligado, o vapor saindo do banheiro, gotas de água escorrendo pela janela.

O corpo inteiro de Kade fica tenso com um espasmo, e ele agarra minha mão com força, apertando até as pontas dos meus dedos ficarem tensas e formigando, as dele ficando brancas com a força com que me segura.

Ofego, mordendo o lábio e ignorando a dor do aperto.

Tremendo mais uma vez, Kade tenta dar um tapa na lateral da cabeça, mas eu o impeço cobrindo a área visada com a minha mão livre.

Em vez disso, ele bate na minha mão, mas quando percebe, congela e sua cabeça se levanta de repente. Ele ainda está segurando minha outra mão.

Olhos vermelhos e inchados me encaram horrorizados, como se eu fosse um demônio assombrando seus sonhos, o monstro debaixo da cama que sussurra sobre pesadelos e tortura.

— Estou aqui — digo, engolindo em seco enquanto passo os dedos

pelos seus cabelos. Continuo segurando sua mão firmemente com a outra, nossos dedos entrelaçados. — Faça o que precisar fazer, mas estou aqui. Não precisamos conversar ou fazer nada.

O tecido pende do seu queixo, mas não deixo isso óbvio nem olho para a linha roxa escura no canto da sua boca. Continuo acariciando seus cabelos, meus dedos ficando presos no sangue seco.

Kade parte meu coração quando abaixa lentamente a cabeça até meu ombro. Seus cabelos fazendo cócegas em meu nariz. Estão pegajosos e emaranhados em alguns lugares por causa do sangue de Chris — alguns fios completamente secos, outros ainda úmidos por se misturarem ao suor — e eu desço os dedos para cima e para baixo, separando os aglomerados duros enquanto sua respiração fica mais suave.

— Você me odeia — ele consegue dizer, com a garganta seca e áspera. — Você sempre vai me odiar.

— Eu nunca poderia te odiar, Kade.

A represa explode, e ele agarra meu pulso para me impedir de remover o sangue seco de seus cabelos, seus ombros se tensionando enquanto ele solta um soluço profundo que ficará gravado em minha mente para sempre.

A última vez que o ouvi foi quando vimos o sangue nos lençóis — o momento em que soubemos que tínhamos perdido nossa filha. E mesmo naquele momento, ele se controlou. Ele não é mais forte o suficiente.

— Me perdoa? Por favor. Por favor, me perdoe — suas palavras são entrecortadas, mas eu entendo cada uma delas, abafadas enquanto ele se afasta do meu ombro e abaixa a cabeça no meu colo, abraçando a parte de trás dos meus joelhos. — Eu farei qualquer coisa. Eu sei que não podemos recuperar o que tínhamos, e eu nunca mais serei aquele garoto de dezoito anos, mas, por favor, não me odeie. Por favor, me perdoe. Eu não queria ser assim, Stacey. Eu não queria isso. Eu não… eu… Stacey.

Ele abaixa a cabeça novamente, incapaz de falar enquanto soluça e soluça e soluça até que cada respiração dele ameaça se despedaçar como vidro.

Eu não consigo falar. Estou lutando para me controlar enquanto o abraço de volta, segurando-o.

Finalmente, ele adormece, mas eu o acordo o suficiente para levá-lo para o chuveiro e ficar do lado de fora do box enquanto ele se lava, dando-lhe espaço. Então o ajudo a subir na cama, onde nos deitamos de costas, lado a lado, de mãos dadas, ouvindo o silêncio da noite.

Não nos abraçamos, não nos aproximamos, ou nos damos beijos de boa noite. Eu entendo o porquê. Não estamos prontos para isso, apesar de ele ter me reivindicado na frente de Chris. A mente, o corpo e a alma de Kade passaram por

muita coisa nos últimos três anos. Até mesmo segurar sua mão o faz estremecer.

Quando ele volta a dormir, eu o observo. Observo o jeito como seu peito sobe e desce, a tensão em seu rosto, seus sonhos obviamente lhe causando estresse, mesmo que ele esteja desmaiado.

Assim que tenho certeza de que ele continuará dormindo, levanto sua mão e beijo seus nós dos dedos.

— Eu não vou te deixar — prometo. — E você, não ouse me deixar.

Barry acha que seu Transtorno por Estresse Pós-Traumático será grave, e além disso, ele parou abruptamente de usar drogas depois de anos, então terá um caminho complicado pela frente. Ele teme que Kade possa ter se dissociado algumas vezes durante o abuso, mas ele não tinha demonstrado nenhum sinal disso até esta noite.

Aquela versão dele era aterrorizante, com toda a sinceridade.

E eu sabia que ele odiava me ver com medo dele. Não por causa das ameaças vazias ou da arma apontada pra minha cabeça. Mas porque eu estava vendo a versão dele que foi moldada por anos de manipulação extrema.

Consigo ficar só algumas horas ao lado dele antes que ele acorde pensando que sou uma cliente.

Quando ele grita para eu sair com uma voz apavorada, eu saio. Sento-me do lado de fora do quarto com Tobias, encostada na porta, nós dois esperando que ele se acalme.

No espaço de uma hora, ele acorda quatro vezes gritando.

Eu quero o verdadeiro Kade de volta.

Esse Kade Mitchell é uma falha no universo. Mas ele é *minha* falha, não da Bernadette, nem do Archie, nem dos homens e mulheres que pagaram por seus serviços forçados e o espetaram com agulhas para dopá-lo.

Sob a pele do diabo que criaram, enterrado no maldito vazio da escuridão onde ele está preso, vou encontrar um lampejo da humanidade dele.

Por quê?

Porque ele é meu.

CAPÍTULO 17



Stacey

A primeira vez que entrei na mansão Fields, arrastando uma grande mala cor-de-rosa atrás de mim, eu estava animada por ter um recomeço.

Minha mãe tinha morrido e meu pai tinha conhecido uma mulher chamada Nora, com dois filhos que mal podiam esperar para que eu morasse com eles.

Kyle, meu novo irmão postiço de vinte e dois anos, tinha me acompanhado até o meu quarto, me ajudado a decorá-lo do jeito que eu queria e começado a me levar para as aulas de dança. Sempre comíamos *fast food* no caminho para casa, e ele fazia questão de que eu sempre tivesse a tecnologia mais nova. Ele até comprou um arco aéreo para colocar no porão deles, mas Nora não deixou ele furar o teto.

Ele era o irmão mais velho bom. Aquele que eu sempre quis.

Chris era o pior.

Na primeira vez que me viu, ele apertou minha mão com tanta força e, em seguida, deixou o olhar cair, parando por tempo demais no meu peito reto.

Estávamos na metade do almoço quando percebi que ele me encarava o tempo todo. Ele ficou chutando meu pé, pressionando a coxa contra a minha, e quando chegamos em casa, me acompanhou até o meu quarto e perguntou se eu

precisava de ajuda para tirar o vestido.

Lembro-me da repulsa que senti quando mandei ele sair, e foi naquele momento que percebi com quem eu estava morando.

Ele invadiu meu chuveiro naquela noite. Mandou que eu me despisse enquanto ele se masturbava, observando, me encarando, me forçando a lavar o corpo e o cabelo.

Eu era inocente e jovem, mas ele me fazia sentir suja sem nem me tocar. Ele colocava pensamentos na minha cabeça que não deveriam existir naquela idade. Eu não era acostumada a rezar, mas à noite, quando ele entrava sorrateiramente no meu quarto, rezava para que ele morresse.

Eu rezava para que ele encontrasse o seu fim.

Precisava que alguém me ajudasse. Que alguém me ouvisse.

Meu pai era tudo o que eu tinha, e ele não acreditou em mim, e então eu fiquei sozinha. Nora virou a prioridade dele, e o Kyle achava que o Chris só era obcecado pela ideia de ter uma irmãzinha. Por que ele acreditaria em mim se nem mesmo o meu próprio pai tinha acreditado?

Eu sabia que, uma hora, ele passaria dos limites.

Eu sabia que ele acabaria indo longe demais.

Desde os quatorze anos, esperei com medo todos os dias que aquele monstro me desferisse o golpe mais forte. E quando fiz dezenove anos, ele fez isso duas vezes no mesmo mês.

Ele matou minha filha que ainda nem tinha nascido, depois me drogou, me estuprou e destruiu a única coisa boa que me restava na vida.

Depois que Kade se mudou e meu pai faleceu, a violência piorou. Tenho uma cicatriz entre os seios, por ele ter arrastado uma chave pelo meu peito para impedir que outros tocassem o que ele pensava ser dele, e várias marcas na minha cabeça, dos socos que ele me dava — sempre em lugares onde ninguém pudesse ver.

Não vamos esquecer da vez em que saímos de férias em família e ele segurou minha cabeça debaixo d’água até eu quase desmaiar, só para depois me “salvar” do afogamento para parecer um bom irmão mais velho.

O olhar que meu pai me lançou quando contei a ele sobre o Chris ainda me assombra — um olhar que dizia: *Você quer mesmo que eu acredite que ele te agrediu sexualmente?*

O Chris era doente. Iludido. Monstruoso. Cruel. O espinho que eu não conseguia me livrar.

Eu morria de medo dele.

Agora estou olhando para o pedaço de merda enquanto Aria se afasta, com as mãos cobertas de sangue por tentar estancar os sangramentos.

Ela conseguiu costurar alguns dos ferimentos dele usando o que encontrou na cabana, mas, pensando bem, ela é uma cientista, não uma médica.

Não adiantou. As evidências da fúria de Kade estão por todo o cômodo. Um pé decepado, cortes por toda parte e uma facada evidente na virilha. Minhas próprias facadas estão nas coxas dele, ainda escorrendo sangue escuro.

— Ele perdeu muito sangue — Aria fala, limpando as mãos em um pano. — Não sei como ainda está vivo. Mas não ficará por muito tempo.

Ela está pálida como um fantasma enquanto me observa, seus olhos cansados se voltando para Chris.

Ela já viu a morte. Tobias se certificou disso.

Ele pode muito bem ser maluco, mas pelo menos está do nosso lado.

Tanto trauma em nossas vidas, e ainda estamos aqui, lutando.

As mãos de Aria tremem enquanto ela coloca uma no meu ombro, apertando.

— Luciella estará em casa amanhã, e acho que quando ela chegar, todos nós devíamos ir para casa. Barry pode colocar segurança extra na mansão. Nós… nós vamos descobrir o que fazer com Tobias. Kade precisa ir para casa.

Mordo o lábio.

— Bernadette virá atrás dele.

— Ela está ocupada lidando com o frenesi da mídia e a morte da filha.

Verdade. Poucas horas depois de Kade dar um tiro em sua cabeça, a foto de Cassie começou a circular nos canais de notícias e nas redes sociais. *Os Sawyers estão enlutados por uma perda terrível*, dizem os relatos.

Digo isso da maneira mais gentil possível, mas a garota está melhor morta.

E por mais tentadora que seja a ideia de Chris ser mantido vivo e forçado a sofrer como Kade descreveu, eu falei sério quando disse a Jason. Quero que ele morra. Saber que ele não está mais no mesmo mundo que eu me deixaria muito mais confortável.

Dou um tapinha na mão de Aria no meu ombro.

— Sinto muito — digo. — Por tudo isso. Se eu tivesse contado ao Kade sobre o Chris quando estávamos juntos, não estaríamos em meio às poças e pedaços do meu irmão postiço. — Engulo em seco e abaixo a cabeça. — Talvez a nossa filha também estivesse aqui.

— Você não pode se culpar por nada disso, Stacey. O monstro é ele. Foi ele quem tirou algo de você. Portanto, a culpa é dele. Cada sobrevivente lida com o abuso de um jeito, e nem todo mundo consegue falar. Não quero ouvir você dizendo isso de novo.

— Depois que meu pai não acreditou que o Chris estava abusando de

mim, eu não senti que podia falar com ninguém. Achei que ele ia atacar o Kade. Eu queria mantê-lo seguro — admito, umedecendo os lábios, lembrando o quão inocente e cheio de vida o Kade era quando tínhamos dezoito anos. — Eu me apaixonei tão rápido por ele, e a ideia de Chris arruinar isso me fez ficar em silêncio.

Eu sei que Chris, em seu corpo moribundo, consegue me ouvir.

— Chris queria que eu o amasse, mas sempre foi o Kade.

O canto da boca de Aria se curva levemente, revelando um cansaço evidente, enquanto as linhas ao redor de seus olhos se contraem.

— Eu sei, querida.

Eu me viro lentamente, caminhando em direção a Chris.

— Você pode me dar um minuto? — pergunto a ela, ela sorri com um aceno de cabeça e sobe as escadas, me deixando sozinha com meu irmão postiço.

Eu chuto a cadeira em que ele está amarrado, mas ele não se move.

— Kade não tocou nas suas orelhas, então presumo que você possa me ouvir.

Nada, nem mesmo um tremor.

Chuto a cadeira novamente enquanto o circulo, e ele solta um gemido baixo e cheio de dor.

— Você se lembra do meu vigésimo aniversário? — Eu ando em volta da cadeira, sem me importar que meus sapatos estejam sendo cobertos de sangue pegajoso. — Quando sua mãe foi para a Itália, e Kyle estava na faculdade, e você me obrigou a usar um vestido curto e dançar para você?

Ele não responde. Não que ele esteja forte o suficiente para isso.

— Você convidou dois dos seus amigos para me assistirem também. Você se lembra do que fez quando me recusei a fazer sexo com vocês três?

Minha raiva está aumentando. Posso sentir o sangue rugindo nos meus ouvidos enquanto circulo a cadeira mais uma vez. Agarro seu cabelo e puxo sua cabeça para trás.

— Você me obrigou a tomar comprimidos, quase quebrou minha mandíbula, e eu acordei na sua cama horas depois. Você disse que não tinha me tocado, mas eles tocaram?

Tenho tantas memórias fraturadas dele me drogando, e agora que sei que ele me estuprou várias vezes, estou tentando descobrir quando. Desmaiei mais vezes do que consigo contar.

Por algum motivo, antes de ver o vídeo dele deslizando para dentro de mim, eu acreditava que ele não tinha me tocado. Achava que ele teria se gabado; gritado na minha cara, mas ele guardou para si.

— Ou daquela vez em que fizemos um cruzeiro e o Kyle teve que enfiar os dedos na minha garganta quando me encontrou quase me afogando nua na piscina? Eu tinha marcas de mordida na parte interna das coxas, lembra?

Felizmente, Kyle não viu muita coisa, já que tinha jogado uma toalha sobre o meu corpo. Meu pai estava morto havia três meses, então decidiram que ficar bêbada era a minha maneira de lidar com a morte dele.

Quanto mais penso, mais furiosa fico.

Meu pé bate no metal e pego a adaga que o Kade deixou cair depois de mutilá-lo. Eu a giro na minha mão, a ponta dela contra a ponta do meu dedo indicador enquanto continuo andando ao redor dele, relembrando todas as vezes que ele me ferrou.

A dor que me causou.

Como me destruiu por dentro.

E por fora também.

Ele nunca foi corajoso o suficiente para fazer isso sem que eu estivesse drogada. Eu teria lutado até o meu último suspiro se estivesse consciente.

— Você devia saber que está repulsivo agora. E, sinceramente, a morte seria um castigo leve demais. Você devia sentir dor. Devia assistir à vida que vou construir sem você. Mas não merece respirar o mesmo ar que meus futuros filhos.

A porta no topo da escada se abre e Tobias desce, com os olhos fixos em mim. Eu paro atrás de Chris, observando Barry descer também.

— Kade está dormindo de novo — Tobias diz, com o lábio cortado no canto. Eu sei que seu filho não queria machucá-lo. — Viemos para levar o corpo dele embora. Ele ainda está vivo?

— Por enquanto — digo sem emoção, virando-me para Chris, vendo cada coisa que ele já fez comigo.

Eu me vejo. Inocente. Quieta. A adolescente que se apaixonou, feliz com seu namorado. Ela não tem hematomas, medos ou monstros debaixo da cama. Vejo Chris sorrindo para mim quando me contou que meu pai tinha morrido. De repente. Sem explicação. Do nada.

Vejo uma garotinha de olhos azuis, cabelos escuros e um sorriso que poderia ter iluminado o mundo, uma risadinha que teria feito as estrelas brilharem mais e um futuro que lhe foi arrancado antes que ela atingisse um único marco.

Vejo Kade segurando a mão dela enquanto ela usa o vestido de princesa que ele comprou para ela quando eu estava grávida.

E enquanto minha mente me confunde ainda mais, ouço minha filha gritando enquanto Chris a agarra. Ela chora por mim, por seu pai. Até que seus

soluços são interrompidos e a escuridão cai.

Tudo se acalma na minha cabeça. Há uma pulsação surda em meus ouvidos enquanto o encaro. A adaga está em minhas mãos, mas eu não a sinto. Não sinto nada além de perda.

Princesinha, isto é por você.

Meus olhos lacrimejam quando levanto seu queixo com a adaga, fazendo com que os pregos marteladas que ele agora tem como olhos olhem para mim, suas pálpebras incapazes de fechar. Sua garganta se move lentamente, lágrimas carmesim escorrendo por suas bochechas.

Seus lábios tentam se mover, mas nada sai. Talvez porque seu maxilar esteja esmagado.

Com os dentes à mostra, balanço a cabeça de um lado para o outro.

— Você não pode falar agora. Já causou danos suficientes — minha voz está trêmula enquanto digo as palavras, agarrando seus cabelos para manter sua cabeça para trás, reajustando a adaga para pressionar a ponta em seu pescoço.

Tobias e Barry não dizem nada, mas posso senti-los no porão comigo. Dois homens que são como família. Eles estão aqui e eu não estou sozinha. Não mais.

— Quero que você saiba que serei eu a te matar. Kade pode ter causado toda a dor que você merece, mas serei *eu* quem acabará com sua vida. — Corto com força para a direita, a lâmina afiada rasgando pele, carne e músculo. Sangue atinge meu rosto, misturando-se às minhas lágrimas. — Eu te odeio, Chris. E se, por algum milagre, você chegar ao céu, espero que minha mãe acabe com você. Se não… — inclino-me para frente e sussurro em seu ouvido enquanto o gorgolejo para: — te vejo no inferno.

Eu me levanto e solto a adaga. Ela cai ruidosamente no chão, meu queixo tremendo, enquanto observo a cabeça de Chris tombar, ainda mais sangue se acumulando sob a cadeira em que ele está amarrado.

Por um longo momento, fico em silêncio, esperando que o alívio chegue. Que o peso nos meus ombros e no meu peito desapareça, que o nó no meu estômago vá embora, que eu finalmente consiga respirar em paz.

Mas não vem. Nada disso vem. Tudo o que ele causou ainda está lá.

Tobias se aproxima de mim e passa o braço pelos meus ombros.

— Vamos lá. Você precisa de um banho e uma boa noite de sono. Vamos limpar aqui. Ele não pode mais te pegar, Pequena.

Barry olha ao redor do quarto.

— Isso vai ser horrível de limpar.

— O que eu posso dizer? Meu filho é um artista.

Todos nós fazemos uma careta.

Tobias se abaixa e pega o pé decepado.

— Pense rápido — ele diz enquanto o joga no rosto de Barry, que o pega automaticamente, depois pula para trás e o joga no chão.

— Que merda é essa?

Mordo o lábio enquanto Tobias pisca para mim, e sei que ele só estava tentando me animar.

Ele é tão bobo às vezes. Aria diz que ele nunca foi assim antes, mas depois de anos e anos de terapia, remédios e outros recursos, ele se encontrou.

É o jeito dele de lidar com todas as mudanças, eu acho.

Aparentemente, é assim que Tobias é sem aquela escuridão que o tomou. Mas ela está lá. Iminente. Esperando para reivindicá-lo mais uma vez.

A porta se abre e eu me viro para ver Kyle descendo as escadas lentamente. Ele para quando me vê, seus olhos deslizando para a cadeira no meio do porão e para a garganta cortada de Chris.

Antes que ele possa falar, dou um passo à frente.

— Eu tinha quatorze anos, Kyle. Quatorze e estava apavorada. Se você soubesse o quanto ele transformou minha vida em um inferno e me tirou tudo... — Cubro a boca com as costas da mão. — Eu tinha que fazer isso. Eu tinha que matá-lo. Tinha que acabar com isso.

Não tenho ideia de por que o pânico de repente se apodera do meu coração como um punho, mas me importo com Kyle. Ele sempre foi o bom irmão. E eu acabei de matar seu irmão de verdade, de sangue.

Kyle franze as sobrancelhas como se sua resposta fosse óbvia.

— Eu sei que você tinha que fazer isso. Não estou bravo com você. Eu só… queria que ele não tivesse se tornado o que se tornou.

— Por favor, não me odeie.

Ele parece confuso por um segundo, olhando entre nós.

— Meu irmão mais novo abusou de você por anos. Por que eu te odiaria por lidar com ele?

— Porque ele era *seu irmão* — digo, com o lábio inferior tremendo. — E ele está morto. Você não o queria morto.

— Claro que não. Mas veja o estrago que ele causou. Eu amava o Chris, mas não o que ele se tornou. Ele não era mais o garoto que eu ensinei a andar de bicicleta ou ajudei com a lição de casa porque nosso pai era um babaca preguiçoso. Eu ensinei tudo a ele e tentei garantir que ele crescesse e fosse bom, não esse… — Ele gesticula para o corpo. — Ele se tornou muito parecido com o nosso pai.

Tobias revira os olhos.

— Seu pai era um estuprador, assassino e filho da puta abusivo? — Ele

dá um passo à frente. — Seu pai aliciava uma garota de quatorze anos?

Kyle balança a cabeça em negação, ficando branco.

— Não. Mas ele nos batia.

Ele faz um “tsc” e inclina a cabeça.

— Sem comparação, garoto.

Olho para o Chris novamente e depois para o seu irmão.

— Chris cavou a própria cova; que morra nela. — Encaro o irmão dele por um instante e passo por ele na escada. — Vou ver o Kade. — Paro no meio do caminho. — Você devia ir pra casa. Nora vai ficar preocupada. Eles vão se livrar do corpo.

— E você? — ele pergunta. — Não vai vir comigo? Você é minha irmã. A mansão Fields é o seu lar.

— Estou onde pertenço. Você sempre será meu irmão, e eu te amo, mas nunca mais quero pôr os pés naquela casa.

Antes que eu possa chegar ao topo, ele diz:

— Espere. Não posso levá-lo?

— Pergunte ao Barry — eu digo, abrindo a porta. — Eu terminei por aqui.

CAPÍTULO 18



Stacey

Ninguém fala comigo enquanto corro para o meu quarto, coberta de sangue, e paro na porta de Kade, em frente à minha, abrindo-a ligeiramente para colocar a cabeça para dentro. Ele está dormindo de costas, com o braço sobre os olhos e a outra mão apoiada no peito. Uma camada brilhante de suor cobre sua pele e suas sobrancelhas estão franzidas. Tobias trancou as janelas, para o caso de tentar pular.

Já testemunhei abstinência antes, mas a situação de Kade é diferente. Ele está traumatizado principalmente por tudo o que suportou nos últimos três anos. Ele não acredita que esteja seguro e com a família.

Acho que essa é a parte mais assustadora. Ver a luz desaparecer em seus olhos enquanto ele se dissocia e vai para outro lugar em sua mente. Ele ergue uma parede e se fecha para o mundo real.

Uma casca fraturada.

As drogas são apenas a ponta do iceberg.

Tobias e Aria encontraram trinta e seis cicatrizes em seu corpo; quatro ferimentos que não foram tratados. Ele tem tatuagens cobrindo a maioria delas, mas algumas ainda estão visíveis.

Fecho a porta e vou para o meu quarto, ligo o chuveiro e congelo ao

olhar para as minhas mãos. O sangue está seco sob minhas unhas.

Quando entro no chuveiro, esfrego até minha pele ficar em carne viva, lavando o cabelo três vezes até me sentir limpa o suficiente. Escovo os dentes e passo quase uma hora secando o cabelo.

Quando volto para o quarto de Kade, ele está acordado. Seus olhos estão fixos no teto. Atordoado. Ele não olha para mim enquanto fecho a porta delicadamente atrás de mim com um clique suave.

O colchão afunda sob mim enquanto me sento, ainda mantendo distância. O brilho do abajur é a única luz no quarto; ele projeta uma sombra na lateral do seu rosto, deixando os músculos do seu corpo mais definidos.

Sim, ele perdeu peso e está mais pálido do que o normal, mas ainda está definido, atraente, e o que eu mais quero é deitar a cabeça no peito dele e ficar lá para sempre.

Inferno, eu também perdi muita massa muscular. Faz tanto tempo que não danço, treino ou me exercito. Tenho dado uma corrida curta pelo chalé, com o Tobias geralmente me acompanhando e me dizendo para ir mais devagar, mas só isso.

Nossas vidas meio que… estagnaram.

Sem saber quais são os limites para ele no momento, deito-me de lado para encará-lo.

— Tudo bem se eu ficar aqui?

Seu queixo se abaixa em reconhecimento, mas ele mal pisca, ainda olhando para o teto. Outra pessoa poderia pensar que ele está batendo no peito, mas eu sei que é um espasmo. Às vezes, não é tão ruim, outras vezes, parece que ele mal consegue se mover sem tremer.

Só se passaram dois dias. E tudo o que fico pensando é que Bernadette virá buscá-lo. Ela vai torturá-lo de novo. Archie também.

Não quero perdê-lo de novo. Estou tão farta de perdê-lo.

Dez minutos se passam, então Kade, que estava imóvel como uma estátua, fecha a mão em punho contra o peito, interrompendo o tremor repentino que afetou seus dedos.

Percebendo de repente que estou ali, ele puxa o lenço para cima do rosto, como se tentasse fazer isso sem que eu percebesse. O tecido preto fica no lábio superior, abaixo do nariz e termina no peito.

Queria que ele não sentisse que precisa se esconder de mim.

— Vamos voltar para a mansão assim que a Luciella chegar e for seguro — digo a ele. — Eu ia também, já que não tenho outro lugar para ir.

Essa última parte dói mais do que eu esperava. Não posso voltar com o Kyle, então realmente não tenho pra onde ir. Nenhum lugar pra chamar de lar.

— Podemos passear com os cachorros juntos.

Mexendo na ponta do travesseiro, acomodo a cabeça nele novamente. Sei que ele não vai falar comigo, e tudo bem. Ele sabe que estou aqui e sempre estarei.

— Posso colocar *O Rei Do Show* no notebook do Barry. Quer assistir? Não posso prometer que não vou cantar.

Meu coração dispara quando sua cabeça vira para o lado, seus olhos em mim. Seu queixo se abaixa novamente, mas antes que eu possa me sentar para pegar o notebook, ele diz com a voz rouca:

— Fica.

— Ok — respondo em voz baixa, tirando a mão dele do peito e levando-a aos meus lábios. Dou um beijo em seus dedos, esperando para ver sua reação. — Não vou a lugar nenhum.

Seu corpo se contrai algumas vezes e ele pisca rapidamente antes de perguntar:

— Por quê?

Franzo a testa.

— Por que, o quê?

Ele molha os lábios, passando a mão pelos cabelos, bagunçando-os. Suas palavras estão arrastadas, seus olhos desfocados.

— Não sei por que você está aqui. É porque… É porque você se sente mal? Estou imaginando você aqui? Stacey sabe que você está aqui? Você me pagou? Eu te perdi?

— Kade. Eu *sou* a Stacey. — Aperto sua mão com mais força enquanto as perguntas continuam saindo de seus lábios sem pensar. — Sou o seu “para sempre”, lembra?

Balançando a cabeça de um lado para o outro, ele tenta se soltar, murmurando não repetidamente. Sua mão suada escorrega da minha e ele se levanta de uma vez.

Ele recua até bater na parede, então desliza para baixo e me encara. Tobias disse que, quando isso acontecesse, eu deveria apenas manter a calma, para lembrá-lo de que ele não estava sozinho. Mas quando tento falar, minha voz falha na garganta.

— Kade, eu… eu estou aqui.

Ele está em silêncio, e enquanto me arrasto para fora da cama e me aproximo dele, vejo lágrimas escorrendo por suas bochechas, seu rosto contorcido de dor.

— Faça isso parar — ele diz, implora, suplica para mim. — Por favor, faça isso parar. Por favor, por favor, por favor. Você está com a minha arma?

Posso ficar com ela? Preciso matá-los.

Ele está alucinando, se encolhendo como se alguém tivesse jogado algo nele.

Eu queria poder fazer isso parar. Se eu pudesse tirar tudo dele — todos os demônios, todas as lembranças ruins — eu tiraria. Levaria tudo comigo para o túmulo e deixaria enterrado lá, para que ele nunca mais sofresse.

Mal conseguimos chegar ao vaso antes que ele vomite. Faço movimentos circulares nas costas dele, e ele me avisa para não olhar para o seu rosto enquanto tento limpar sua boca. Como o lenço que ele sempre usa está jogado no chão, Kade cobre o queixo e o pescoço com o braço.

— Eu também tenho cicatrizes. Olha — digo enquanto abaixo a camisola na parte da frente, mostrando a que o Chris fez com a chave. — Você não precisa se esconder de mim, porque eu sou igual.

Mostro minha coxa, atrás da orelha e meu couro cabeludo.

Quando estávamos juntos, eu não tinha nenhuma cicatriz. Chris tinha o cuidado de manter os abusos restritos a hematomas. Acho que agora tenho umas nove no total.

Kade levanta o dedo trêmulo e abaixa a frente da minha camisola novamente. Qualquer outra pessoa veria isso como sexual, mas eu sei que não é. Ele não está olhando para os meus seios nus; ele nem está prestando atenção neles enquanto passa o dedo pela linha roxa.

— Seu irmão postiço fez isso?

— Todas são dele — respondo.

— Eu vou matá-lo — diz ele, como se não se lembrasse de já tê-lo estraçalhado. — O Barry já o encontrou?

Meu coração se parte por Kade.

— Acho que você deveria descansar. Ele não pode mais chegar até mim.

Seus olhos vidrados se erguem para o meu rosto, a outra mão ainda escondendo o queixo.

— Porque você está comigo? É porque posso te manter segura?

— Sim. Ele nunca mais vai conseguir me machucar. Eu prometo.

Os olhos de Kade escurecem e ele coloca as duas mãos nos joelhos separados. Sua calça de moletom cinza é a única roupa que veste.

— Vou matá-lo quando o vir.

Engulo em seco e aceno com a cabeça, ajudando-o a se levantar e sair do banheiro. O quarto está às escuras, exceto pelo brilho da lua lá fora.

Dedos frenéticos se agarram ao meu pulso quando tento sair de fininho depois que ele se deita. Quero ir perguntar à Aria se essa fase de delírio costuma ser tão intensa e repentina, ou se é uma resposta ao trauma para bloquear as

lembranças.

Como ele pode ter esquecido o que fez com Chris?

— Stacey não vai me perdoar — ele diz enquanto aperta meu pulso com mais força. — Ela vai ter nojo de mim.

— Eu não tenho.

— Eu tive que fazer muita coisa — ele diz. Suas pupilas estão dilatadas quando ele me encara novamente. — Se ela soubesse o que Archie fez comigo, nunca mais chegaria perto de mim.

— Não, isso não é verdade. — Meu lábio inferior treme, e eu o prendo entre os dentes, com um zumbido doloroso preenchendo meus ouvidos. — Eu… Stacey te ama.

— Você acha?

Sou catapultada de volta para aquela noite nos Estados Unidos, onde tive que levar Kade para o quarto de hotel. Ele estava drogado e pensava que eu era uma cliente. Ele não fazia ideia de que eu era Stacey e falava sobre mim. Talvez não fossem as drogas; talvez fosse a mente dele pregando peças.

O *déjà vu* está me matando.

Se eu acho que a Stacey ama o Kade? Infinitas vezes sim.

Perguntei a mim mesma em seu jatinho particular, minutos depois de ele me tirar dos Estados Unidos para me proteger da Bernadette, se eu estava apaixonada por ele. Disse a mim mesma que não tinha certeza.

Mas eu nunca não estive apaixonada por Kade.

Essa fase difícil que ele está passando, vamos superar juntos. Mesmo que leve anos até eu ver meu Kade de volta. Sei que ele faria o mesmo por mim.

Uma lágrima escorre pela minha bochecha enquanto me deito no travesseiro ao lado de Kade, de frente para ele.

— Sim, ela te ama muito, muito mesmo. Ela te acha forte e corajoso, e tudo o que ela… — minha voz falha. — Tudo o que ela quer é te encher de carinho.

Kade faz um som em concordância e então fica em silêncio enquanto seu rosto se contorce, outro espasmo vibrando por seu corpo. Ele segura a barriga e faz uma careta, depois se acalma e tenta controlar cada respiração.

Imóvel como pedra, seu peito exposto, sobe e desce enquanto ele olha para o nada. A única pista de que ele está respirando. Quero estender a mão e traçar as novas cicatrizes na lateral do seu corpo, uma grande marca nas costelas que não é recente.

Há uma tatuagem sobre ela, e algo no meu peito se contorce quando descubro o que é.

Um buquê de rosas mortas foi tatuado em suas costelas para esconder

um ferimento. Tenho uma exatamente igual nas minhas costas.

— O que aconteceu com a sua lateral? — pergunto, torcendo para ele não retrair com a minha pergunta.

Seu dedo médio percorre a marca.

— Bati com o carro antes de ir para a Rússia. Eu… eu estava tentando chegar até ela. Mas era tarde demais.

Após alguns minutos de silêncio, ele olha para mim, e seus olhos vidrados brilham um pouco.

— É você, Sardentinha? — ele pergunta, confuso.

Aperto o edredom e o puxo sobre mim, prendendo-o sob o queixo.

— Sim — respiro no escuro. — Sou eu.

Kade suspira e, enquanto observa meu rosto, seus olhos vermelhos me estudando, me sinto contente. O suficiente para adormecer com sua mão na minha bochecha, sentindo seu polegar acariciar, vagamente, debaixo do meu olho.

A última coisa que ouço são palavras sussurradas em russo.

— *Moya vechnost*.

CAPÍTULO 19



Stacey

— Se você peidar na minha cara, vou contar para o Kade.

Bufo enquanto Tobias me empurra para cima da árvore com uma câmera presa no meu pescoço.

— Kade já me ouviu peidar várias vezes, muito obrigada.

Quando olho para baixo, ele está balançando a cabeça de um lado para o outro e sorrindo.

— A Aria peidou sem querer uma vez e ficou mortificada. O cheiro foi horrível, e ela saiu do quarto com o rosto mais vermelho que já vi na vida. Eu achei fofo.

Torço o nariz.

— Acho que ninguém nunca se referiu aos meus peidos como fofos.

Tobias bufa.

— Bem, você não é a Aria.

Quase escorrego em um galho fraco, olhando para baixo novamente enquanto ele me segura pela parte de trás das coxas.

— Tudo *pra* você sempre tem a ver com ela, né?

Ele dá de ombros.

— Você não a vê como eu. Tudo me lembra a Aria.

Meu pé escorrega, quase batendo no rosto dele, e eu rio e peço desculpas.

— Fofo, mas obsessivo. Poderiam acabar dizendo que você é um psicopata, Sr. Mitchell.

Tobias está acostumado com as nossas brincadeiras, então ele apenas ri baixinho.

— Ao seu dispor, Pequena. Pode se apressar? Você não é muito leve.

Finjo arfar.

— Não treino em um estúdio há meses. — Tempo demais. Estou com saudades. — E você e a Aria continuam cozinhando as comidas mais gordurosas do mundo.

— Me poupe. Anda logo, ou eu vou te derrubar de propósito.

Dou uma gargalhada enquanto agarro um galho grosso e me solto dele. Sento com segurança, solto a câmera do pescoço e enrolo a alça no tronco robusto. Quando a câmera apita, confirmando que está ligada e apontada para o rio, faço um joinha para Tobias e começo a descer.

Enquanto desço, Tobias me conta de uma vez em que Aria foi visitá-lo com comida e um quebra-cabeça de mil peças do Monte Everest. Ela só tentou encaixar umas quatro peças antes de ela decidir que era melhor fazer outra coisa. Hoje ele se arrepende e queria ter tido mais paciência.

Ele ignora completamente o meu sufoco quando um galho se parte embaixo de mim e eu me agarro aos outros com todas as forças pra não cair. Encostado no tronco, pernas cruzadas, ele continua relembrando como se nada estivesse acontecendo, enquanto eu luto pra não morrer.

Quando finalmente percebe que estou pendurada, ele resmunga e me ajuda a descer. E, quando meus pés tocam o chão da floresta, me sinto dez vezes mais segura.

Ele puxa um galho do meu cabelo, joga-o para o lado e diz:

— Vamos.

— E agora, pra onde? — pergunto, tentando acompanhá-lo. Estou sem fôlego por causa de toda a escalada, e ele continua firme, como se eu fosse uma criança irritante que está enrolando.

Damos a volta no chalé colocando mais câmeras escondidas e acabamos entrando cerca de trinta minutos na floresta, enquanto a paranoia dele só aumenta. Instalamos mais seis câmeras no caminho — todas em galhos baixos ou arbustos que não exigem escalada. Bernadette sabe onde estamos — afinal, mandou o Kade me matar — então por que ainda não apareceu? Essa é a grande interrogação pairando sobre nossas cabeças. A filha dela morreu e está claro que foi Kade quem matou, já que é a bala dele que está no crânio dela. Bernadette

deve saber de tudo.

Ela deve saber de tudo.

Me sinto inquieta, esperando o próximo passo dela. Daí todas as câmeras.

Barry disse que arranjaria alguém para fazer isso, mas eu e Tobias precisávamos tomar um ar, e ele queria conversar comigo sobre o estado mental atual de Kade.

Vai levar tempo até que ele consiga se recuperar, e todos nós estamos dispostos a esperar, a ajudá-lo em cada passo do caminho. Todos nós o amamos, e as dificuldades que ele está enfrentando não vão derrubá-lo. Vamos garantir isso.

Vou passar o resto da minha vida ao lado dele, mesmo que ele mal consiga me olhar, perceber que estou ali com ele ou falar comigo. Vou segurar sua mão quando ele precisar. Vou apenas… estar ali.

Sempre.

Kyle pegou o corpo de Chris e o enterrou no meio da floresta antes de ir para casa.

Meu irmão postiço me deu um abraço antes de ir embora e implorou para que eu não sumisse. Disse que, sempre que eu precisar dele, é só ligar. Pediu desculpas por tudo e prometeu que vai garantir que nenhum problema venha até nós por causa do Chris.

Tobias não apertou a mão dele quando a estendeu, mas Kyle entendeu. Ele morou na mesma casa que eu por anos e sabia que seu irmão era obcecado por mim. Não foi culpa dele não ter percebido o *quanto* ele era obcecado. Mas Tobias vê as coisas de forma diferente.

Perder minha filha foi o começo do fim. E foi tudo por causa do Chris.

Eu sempre me pergunto como teria sido a vida para mim e para o Kade se eu tivesse dado à luz. Se tivéssemos nossa filha, Milo e Hopper, e a casa que ele disse que queria construir para nós.

Estávamos tão perto de ter tudo.

Mas então penso no estado atual dele, e meu coração vai se partindo aos poucos.

Ele tem suado. Muito. E tem dores por todos os lugares. Ele não come e continua vomitando, mal consegue beber água. Aria disse que, se ele não melhorar hoje, ela trará seus amigos médicos para o chalé ou o levará para um hospital.

Mas isso também traz um risco.

Quando acordei mais cedo, Kade surtou e cobriu os olhos, repetindo várias vezes que precisava acordar. Só se acalmou quando me sentei do outro

lado do quarto e comecei a tocar música no celular do Tobias.

Chris pegou o meu, e eu não faço ideia de onde está. Kade quebrou o dele para impedir que Bernadette o ouvisse se desculpando comigo. Barry comprou uns aparelhos descartáveis para nós, mas eu não tenho usado muito o meu.

Consegui falar rapidinho com a Tylar mais cedo, ela e o Dez ainda estão viajando. Os pais dela organizaram um dia de visitas para um dos projetos deles em Roma. Ela está feliz, e eles estão se divertindo muito. Não tenho motivos para contar o que está acontecendo em casa e estourar essa bolha em que ela está.

No entanto, ela disse que Dez tem tentado entrar em contato com os amigos, mas como não está recebendo nenhuma resposta, presume que eles também estejam vivendo suas vidas como ele e mal pode esperar para vê-los quando voltarem para a Escócia em três meses.

Kade está dormindo agora. Ele saiu do quarto, mas Tobias acabou tendo que imobilizá-lo no chão, porque ele achou que estava sendo mantido preso contra sua vontade.

Alucinações. Elas estão destruindo Kade.

Tobias removeu tudo o que era perigoso do quarto, para o caso dele tentar se matar, e temos nos revezado sentando do lado de fora da porta quando ele tem um colapso e destrói tudo.

Assim que Tobias e eu cruzamos um dos riachos mais largos, encharcando nossos sapatos, abrimos a bolsa e pegamos mais duas câmeras.

— Eu não vou subir nisso — digo, olhando para a árvore. — É a sua vez de arriscar a vida.

Ele suspira.

— Você é tão dramática.

Quero dar um tapa nele.

Barry liga para Tobias e pergunta se todas as câmeras já estão instaladas para que ele possa programá-las no notebook. Eles discutem e desligam, e Tobias olha para mim.

— Por que você está sorrindo?

— Vocês se despediram sem se insultar. Isso é um progresso para o futuro *bromance* de vocês dois.

— Vai se foder.

Eu rio.

— Você vai subir ou vai me obrigar?

Ele cruza os braços.

— Com essa sua atitude, pode fazer sozinha.

— Por que eu perco meu tempo com você?

— Porque seu pai morreu e eu sou o substituto?

Revirando os olhos, pego uma câmera e começo a subir.

Caminhamos em direção ao chalé assim que terminamos.

— Que horas Luciella vai chegar?

Tobias sorri, e sua expressão muda completamente.

— Ela pousa às sete. Barry sugeriu que o motorista a trouxesse aqui em vez de eu ir buscá-la. — Ele balança a cabeça. — Pau no cu.

— Ele não quer que você seja pego. Para ser sincera, estou surpresa que você tenha durado tanto tempo. Não está preocupado em ser pego?

— Não. Eu sou bom em me esconder. — Ele sorri e me cutuca com o cotovelo, quase me derrubando. — Nem a lei pode me manter longe da Aria.

— Você vai me contar o que está acontecendo entre vocês dois? Quando eu costumava te visitar, você dizia que tinham terminado porque o Kade tinha pedido para você ficar longe dela. E agora vocês dois estão grudados feito adolescentes. Eu… — Faço uma careta. — Peguei vocês dois no sofá outro dia. Quis arrancar meus olhos fora.

Não que eu tenha algum problema com eles estarem juntos assim. Só não quero que ele se machuque. Ela é casada com o Ewan, e ele é um criminoso procurado que fugiu do hospital psiquiátrico.

A combinação perfeita feita no inferno.

Ele morde o lábio e suspira.

— Já faz muito tempo que não sou livre. Tudo o que conheço é Aria. Toda manhã, quando acordo, me pergunto se ela vai me visitar. Releio todas as cartas dela. Escovo os dentes e imagino que ela está escovando ao meu lado. Quando durmo, sinto o cheiro do shampoo dela, e se eu me concentrar de verdade, quase consigo ouvir o risinho dela no meio da noite. Agora não preciso mais imaginar nada disso.

Olho para ele, sentindo-me um tanto emocionada enquanto ele se irrita consigo mesmo.

Ele balança a cabeça de um lado para o outro.

— É patético, eu sei, mas não consigo evitar. Fiz muita coisa com ela quando éramos mais novos. Fodi com tudo tantas vezes, e mesmo assim ela continua aqui. Já te contei que a tranquei no banheiro e tentei explodir a casa dela com nós dois lá dentro?

Meus olhos se arregalam.

— Não. — Alguns detalhes foram omitidos dos relatórios. — Isso é meio bizarro.

— Uma hora antes, eu estava totalmente decidido a me entregar pra

polícia por causa dela. Mas eu apaguei, e aparentemente fiz um monte de merda. Foi como se eu tivesse dormido por meses.

— Ela te perdoou — eu digo. — Ela também te disse para parar de falar sobre o passado, não disse?

— Eu sei — ele responde. — Mas é esquisito, né? Um homem da minha idade ainda completamente fissurado por uma mulher que ama desde os vinte e poucos?

— Meio psicótico, na verdade — digo com um sorrisinho.

— Vai à merda.

Meus ombros se erguem.

— E o Ewan?

— Ele entende. Eu e a Aria nunca tivemos a intenção de nos envolver fisicamente, mas o Ewan achou que o relacionamento deles estava indo por água abaixo e quis tentar salvar. Foi ele que sugeriu que assistisse… — Ele para ao ver minha expressão, implorando em silêncio para ele não entrar em detalhes. — Enfim, *olha lá*, o que importa é que agora eles estão melhor do que nunca.

Dou uma olhada morro abaixo, em direção ao chalé, e vejo a Aria sorrindo para o marido enquanto conversam. Pela outra janela, vejo Barry ao telefone — provavelmente com Lisa e Eva — e Jason fumando no terraço. Ele parece mais cansado do que eu. Jason quase não conversa, a não ser quando fala com o Kade pela porta, relembrando de como o irmão mais novo estava nervoso pra fazer a prova de direção ou das vezes em que iam pescar no lago. Ele continua falando até que as batidas lá dentro parem e o colapso do Kade se transforme, mais uma vez, em um sono profundo.

— Eu não deveria estar aqui — Tobias continua, me ajudando a descer a encosta íngreme e enlameada. — Na verdade, pedi a pena de morte dez anos depois de começar a cumprir minha sentença, mas a Aria lutou contra isso até que fosse anulada. Decidiram que eu estava insano e suicida, incapaz de fazer um pedido racional.

Franzo a testa.

— Você queria morrer?

— Fazer a mesma coisa todos os dias não era uma vida que eu quisesse levar. Não vou voltar pra instituição. Preferia me esconder pra sempre, mas não posso pedir isso para Aria ou meus filhos. A morte sempre foi o meu objetivo final.

Paro de andar e agarro seu braço.

— O que você está dizendo?

Tobias me lança um meio sorriso — o mesmo que o filho, com covinhas idênticas.

— Acho que você sabe o que estou dizendo.

— Você vai atrás da Bernadette e do Archie quando a Lu voltar e o Kade estiver melhor, não é? Isso é suicídio. Eles têm uma fortaleza e segurança ilimitada.

— Eu consegui te salvar, não foi?

— Isso *não* é a mesma coisa. Você não está resgatando ninguém. Está dizendo que vai matar a mulher que comanda a Escócia. Ela e o marido são vis e corruptos, estão mergulhados no submundo. Você é maluco?

— Sim — ele responde sem rodeios.

— Tobias…

Ele aperta a ponte do nariz por um instante e depois deixa a mão cair.

— Olha o que fizeram com o meu filho. Tentaram vender você e minha filha. É claro que vou vingar todos vocês. — Ele joga o braço sobre os meus ombros e nos conduz até o pátio. — Eu faria qualquer coisa para proteger os meus, Pequena.

CAPÍTULO 20



Kade

Pisco, precisando que meus olhos se ajustem à luz da lâmpada brilhando no meu rosto.

O quarto está quente demais. Sento-me lentamente, meus ossos doendo enquanto me movo. Tudo dói e estou com a pior enxaqueca do mundo. Há um barulho no quarto, como se houvesse um relógio manual, mas meus olhos vasculham o lugar e não vejo nenhum. Inclino-me sobre a beira da cama e olho embaixo dele.

Nada.

É um relógio? E se não for?

Barry saberá o que é. Ele consegue resolver tudo.

Eu me levanto de forma trêmula, segurando a cômoda para manter o equilíbrio, tentando seguir o barulho. Está ficando mais alto, zombando de mim, fecho os olhos com força e dou um tapa na lateral da cabeça, mas o barulho continua.

A luz do banheiro quase me cega, então a apago rapidamente e pressiono as costas contra a parede.

Tique.

Tique.

Tique.

Tento seguir o barulho novamente, congelando ao perceber o que é.

Tem uma bomba aqui dentro.

Onde está?

Reviro tudo o que vejo, mas não encontro.

Onde é que está?

Tento abrir a janela, me virando quando a porta se abre, há um homem sem rosto vindo em minha direção. Tento dar um soco, mas erro, e a pessoa me agarra, me imobilizando no chão.

— Nós… todos vamos… morrer.

Bomba. Ache a bomba.

— É o Jason — a pessoa diz. — Por favor, se acalme. Ninguém vai morrer. Por favor, pare de se machucar, Kade, por favor.

Sua voz está desesperada, implorando para que eu me acalme, até que fecho a mão e tento empurrá-lo para longe, mas então há outra pessoa ali, uma garota.

Ela se ajoelha na minha frente e coloca a palma da mão na minha bochecha.

— Kade. Olhe para mim.

— Encontre-a — estalo. — Você precisa… encontrar ela.

Cabelos escuros e um rosto lindo se inclinam em minha direção, e o aroma de baunilha e coco preenche meus sentidos.

— Kade. Respira. Está tudo bem. — Ela está acariciando minha bochecha, minha testa, meu cabelo, afastando-o do meu rosto. — Está tudo bem. Eu e Jason estamos aqui. Está tudo bem.

Tique.

Tique.

Tique.

Tique, tique, tique, tique, tique, tique, tique, tique, tique, tique, tique, tique, tique, tique, tique, tique.

Braços me envolvem, é a garota deitada ao meu lado.

— Estou aqui — ela diz com a voz suave, se apertando contra mim. — Estou aqui. Me deixa ser sua âncora. Me diz as suas três coisas favoritas.

Sua mão é suave enquanto acaricia meu cabelo, deslizando pelo meu rosto, massageando meu ombro. A sensação é… reconfortante. O barulho começa a diminuir, e tudo o que consigo fazer é me focar na voz dela, na voz da outra pessoa, enquanto falam sobre suas cores favoritas, filmes, memórias favoritas. E nas dos dois, eu estou incluído.

Fecho os olhos e encosto a testa na dela.

— Stacey — puxo o ar. — Tudo.

— Vou pegar um pouco de água — a outra pessoa diz. — Continue falando com ele.

A bomba se foi, a dor de cabeça quase insuportável começa a passar, e eu fico nos braços da Stacey enquanto ela nos embala devagar, a voz dela me fazendo adormecer.

CAPÍTULO 21



Stacey

— Luciella e Sebastian estão quase aqui.

Abro os olhos e olho de soslaio para Tobias, que não me dá nem um segundo para acordar antes de tirar as cobertas da cama e abrir as cortinas.

— Acorde.

O Tobias e seu hábito de estragar meus cochilos podem ir se foder.

Recuando devido à cegueira temporária, sento-me e esfrego os olhos com os nós dos dedos.

— O quê?

— Luciella acabou de chegar. O carro já está subindo para cá.

Quando Tobias me encara, esperando impacientemente, puxo as cobertas de volta para cima de Kade, deslizo para fora da cama e levanto uma sobrancelha para ele.

— Você disse que Base está com ela?

— Sim. Parece que o filho da puta russo não consegue deixar minha filha em paz por um segundo.

Tobias sorri; é apenas um curvar nos lábios, mas seus olhos são calorosos.

— Você vai continuar sendo um amiga de merda ou vai se arrumar e

receber minha filha de volta em casa?

— Às vezes, tenho dificuldade em encontrar motivos para sermos amigos.

— Não somos amigos. Somos família. Agora, sai dessa cama.

Meu coração bate mais rápido quando percebo que minha melhor amiga está aqui e segura. Tobias franze a testa enquanto corro até a mala que Barry me trouxe e começo a tirar algumas peças de roupa, jogando-as sobre os ombros até encontrar algo decente.

— Eles pousaram há uma hora. Acho que Sebastian parou intencionalmente em todos os semáforos para prolongar a viagem até aqui.

Ele olha para Kade e seu sorriso desaparece. O grande e temido psicopata tem um coração — dá pra ver toda vez que ele olha pros filhos, pra Aria, e eu tenho certeza de que ele até cresce, tipo o do Grinch, quando ela sorri pra ele. Quando dá risada. Quando se estica e beija a bochecha dele.

Quando Kade adormeceu, Jason me ajudou a colocá-lo na cama. Arrumamos o quarto dele e sentamos com ele enquanto Jason me contava sobre a infância deles. Como os dois eram apegados um ao outro enquanto cresciam. Ele tem uma alma tão quebrada, assim como o irmão mais novo.

Fui para o meu quarto tirar uma soneca e Kade acordou. Jason o trouxe para cá e ele voltou a dormir ao meu lado.

Sem abraços. Sem toques. Apenas um ao lado do outro. Presentes.

— A Luciella está bem? — pergunto enquanto distraidamente bato no rosto dele com uma legging e continuo fuçando em busca de uma meia bem fofinha. — Ela não está machucada?

— O Barry disse que ela está ilesa. Ela passou os últimos três dias em uma casa isolada na Rússia com Sebastian — ele confirma, inclinando-se e me entregando um par de meias enroladas.

Quando o encaro com um olhar interrogativo, ele acrescenta:

— Uma das condições dele era poder se despedir. O desgraçado insuportável achou que levá-la a um lugar como aquele seria aceitável.

— Uma despedida deprimente, então — digo enquanto pego minhas roupas nos braços, ouvindo o som de um carro subindo a entrada de cascalho do chalé. Entro no banheiro. — Me dá um minuto.

Escovo os dentes, lavo o rosto e borrifo desodorante, depois visto um moletom com capuz, leggings e minhas meias felpudas.

— Deixa ele dormir — diz, acenando para Kade quando saio do banheiro. Ele está dormindo de bruços, com o rosto enterrado no travesseiro, o tecido que esconde seu rosto amarrado atrás do pescoço.

Ele acordou duas vezes durante o nosso cochilo, gritando para alguém

se afastar, para apertar o gatilho. Para não tocá-lo. Para não me machucar.

Parte o meu coração vê-lo assim.

Ele está exausto. Três anos sendo constantemente usado e abusado, drogado e estuprado, transformado em um assassino. Tudo para o entretenimento de uma mulher perturbada.

Ninguém entende por que ela escolheu o Kade como alvo. Aquela mulher doente e corrompida usou o poder que tinha para destruí-lo, e ele, com só dezenove anos, perdeu completamente o controle da própria vida. Perdeu tudo. A humanidade dele se desfez. O que sobrou foi um vazio escuro, onde só um restinho do antigo Kade ainda tenta brilhar.

Independentemente de tudo o que ele fez por Bernadette, eu o amo. Sempre amarei.

Tobias e eu tentamos rastrear quantas pessoas foram vítimas de sua violência e paramos quando os números se aproximaram de quinhentas.

Às vezes, ele recebia contratos para matar prédios inteiros cheios de gente ruim com bombas; outras, ele perseguia suas vítimas, caçava e fazia questão de vê-las sofrer. Usava as próprias mãos para estrangular, espancar e torturar.

Ele usava sua arma tanto para mortes lentas como rápidas: disparando balas em áreas que não eram fatais, terminando as coisas apenas horas depois; ou atirando em crânios para matá-los instantaneamente, dependendo do seu humor no momento.

Ele usava suas adagas para esfolar, esfaquear e retalhar.

A partir das imagens que Barry extraiu do sistema de Bernadette, graças ao Chris — não que ele mereça qualquer agradecimento — que invadiu o banco de dados dela, Kade às vezes conversava com suas vítimas. Ele sempre usava línguas diferentes, como se estivesse provocando-as enquanto as torturava. Com toda a sinceridade, tive que parar de assistir aos vídeos porque estava me dando vontade de vomitar.

Mas ele tinha que fazer tudo isso. Tinha que se apresentar e fazer seu trabalho da melhor maneira possível. Porque, se não fizesse, sua família — as pessoas que amava — se tornariam alvos.

Eu entendo, entendo mesmo. Se eu tivesse que escolher entre me tornar como o Kade ou perder todos que eu amava, eu também escolheria a primeira opção.

Tobias sai do quarto e, antes de segui-lo, vou até Kade e me ajoelho ao lado da cama.

— Já volto, tudo bem? Vou trazer água e alguma coisa para você comer.

Quando ele acena levemente com a cabeça, vira o rosto em minha

direção, com os olhos fechados.

Eu acrescento:

— Vamos assistir a um filme, se você quiser. Ou podemos simplesmente… ficar aqui.

Ele acena novamente, e eu me inclino para beijar sua bochecha e paro antes que meus lábios toquem sua pele. Não quero forçar a barra e assustá-lo, então, passo os dedos pelos seus cabelos suados, acariciando sua têmpora pulsante com o polegar.

Aperto sua bochecha.

— Vai ficar tudo bem. Eu prometo. Você não vai se sentir assim para sempre. Eu vou te ajudar. Todos vamos te ajudar, porque você não está sozinho.

Uma mão trêmula se levanta para pressionar a minha, levando-a até o seu rosto. Deslizo o polegar sob o seu olho e sorrio, mesmo que ele não possa me ver. Ele aperta o rosto na minha palma com mais força, claramente carente desse tipo de toque.

Tobias não me apressa. É um passo enorme para Kade me deixar tocar seu rosto, segurar minha mão em sua bochecha sem recuar e gritar para eu ficar longe dele. Ele geralmente esconde o rosto, mas consigo ver cada pedacinho dele.

Tão bonito como sempre.

Quando sua respiração se acalma e sua mão desliza da minha, sei que ele está dormindo. Engulo um nó se formando e me levanto.

Seu pai fecha a porta atrás de nós.

— Acho que a Aria tem razão. Kade precisa de um médico — ele diz enquanto caminhamos até o final do corredor e descemos as escadas. — Ele parece muito doente.

Concordo com a cabeça.

— Duvido que Bernadette vá invadir um hospital e levá-lo. Mas vai saber. Ela é uma lunática.

Ele faz um som de concordância e dá um tapa na bunda de Aria ao passar por ela.

— Nossa filha está aqui, querida.

Ela cora e vai lavar a farinha das mãos. Jason corre escada acima para pegar os sapatos, e Ewan ajuda Aria a desamarrar o avental nas costas dela.

Chuva cai torrencialmente, deixando poças por toda parte. Eu piso em uma delas, ignorando enquanto corro para o carro que está parando.

Mesmo sendo tecnicamente o herdeiro da máfia russa e estando prestes a se casar com uma integrante de outro império russo — o que o tornará em breve um dos líderes mais poderosos de seu país —, Base ainda empalidece

quando vê o pai do Kade.

— Sebastian Ivanovich Prince — Tobias cumprimenta Base enquanto fecha a porta do motorista. — Por que está sozinho, sem segurança?

Base engole em seco.

— Eles estão por perto.

— Bom.

Base me dá um pequeno aceno de cabeça enquanto contorna a Aston Martin vermelha e abre a porta do passageiro. A gêmea de Kade sai.

Aria e Tobias a agarram imediatamente, abraçando-a com força. Aria está chorando, sorrindo, com lágrimas escorrendo pelo rosto enquanto Tobias beija a testa da filha.

— Você está segura agora, filhota. Você está segura.

Luciella soluça nos braços dos pais, puxando Ewan e Jason para um abraço coletivo. Ela levanta a cabeça.

— Onde está Kade?

— Ele está dormindo. Ele está se adaptando lentamente — sua mãe diz. — Você está bem? Precisa comer alguma coisa? Posso preparar um banho para você?

Ela enxuga os olhos.

— Não acredito que você está aqui, pai.

Ele a abraça novamente, ela se afasta e beija sua bochecha, depois olha para mim e Base. Ela grita quando seus olhos pousam em mim.

Nos jogamos uma em cima da outra, e minha melhor amiga envolve meus braços ao redor de si.

— Meu Deus! Que saudade! Você está bem? Não consegui te encontrar. Me tiraram daquele quarto e me jogaram direto num carro. Eu estava muito preocupada, Stacey. Muito preocupada.

— Estou bem. Eu também estava com saudade.

Lu me abraça de novo e assente com a cabeça no meu ombro.

— Eu estava com tanto medo. Não sabia que meu pai tinha te resgatado até ver o Base. Achei que tinha te perdido.

Fungo enquanto uma lágrima escorre pela minha bochecha e a puxo para mais perto de mim. O pai dela olha para Base.

— Obrigado por trazer nossa filha de volta para nós.

— Não foi incômodo nenhum, grandão.

Antes que Tobias possa zombar dele, Barry passa correndo por nós, seguido por vários guardas que começam a se espalhar pelo chalé.

— Kade sumiu! Ele saiu correndo pela porta dos fundos há cinco minutos!

Meus olhos se arregalam quando Base larga suas mochilas e corre com Ewan. Aria me encara horrorizada enquanto Tobias corre para a floresta.

Lu, Aria, Jason e eu nos juntamos à busca pela floresta, gritando o nome de Kade, ou pedindo que alguém vá por aqui ou por ali, para procurá-lo na estrada principal e na beira do rio.

Tropeço em algo duro e caio no chão, e Lu me ajuda a levantar, nossos olhos pousando em uma arma… um rifle de precisão. Aquele que ele usou para atirar em mim? Ele disse que o deixou aqui. Nós duas franzimos a testa e levantamos a cabeça de repente quando alguém grita que o viu indo direto para o penhasco.

O pânico só aumenta entre nós a cada segundo que passa, e Aria está em lágrimas, implorando em voz alta para ele parar, para ele parar de fugir de nós.

Meus pulmões estão quase pegando fogo enquanto corro ao lado dos outros, a chuva batendo forte no meu rosto. Escorrego em pedaços de musgo, meus sapatos e roupas encharcados, e lama respinga nas minhas costas. Jason me ajuda a subir no momento em que Base, que havia dado a volta para se juntar a nós, pega a mão de Luciella quando ela desliza.

Chegamos ao penhasco, mas não há sinal dele. Tobias aparece e empurra alguém para fora do caminho para que ele possa olhar para baixo, para a queda íngreme. Mas as pedras abaixo estão limpas, sem sinal de sangue por um corpo espatifado.

Quando olho ao redor, sinto uma vontade repentina de entrar em um pequeno bosque ao lado do desfiladeiro. Está escuro lá dentro e parece o lugar perfeito para se esconder.

Ewan, Barry e seus homens continuam procurando debaixo da chuva torrencial. Estamos tão longe do chalé agora que não há câmeras instaladas, e Tobias está furioso por não termos instalado câmeras mais adiante.

— Ele tem um celular? — Base pergunta, apenas para receber um olhar irritado de Tobias. Aria balança a cabeça de um lado para o outro em resposta, e eles olham para o penhasco novamente, só para ter certeza.

Caminho até o pequeno pedaço de bosque, afastando urtigas e galhos, parando quando vejo Kade sentado no meio dele.

Ele está abraçando os joelhos, com a cabeça baixa, murmurando para si mesmo, baixo demais para que eu consiga ouvir ou entender.

Respirando fundo de alívio, olho por cima do ombro.

— Ele está aqui.

Aproximo-me e um graveto estala sob meu sapato.

— Kade?

Ele não para de murmurar, balançando a cabeça de um lado para o

outro, se encolhendo, indo pra frente e pra trás. Tem sangue escorrendo pelos braços, provavelmente de quedas e de correr no meio de galhos afiados. Está coberto de lama, encharcado da chuva, e o corpo inteiro treme a cada soluço preso na garganta.

Percebo movimento, e então Jason surge atrás de mim, olhando entre nós dois. Tobias e Aria vêm logo depois, seguidos por Lu e Base.

Ninguém diz nada, o único som que preenche o silêncio é o de Kade implorando para si mesmo para parar, para fazer aquilo parar, chorando tão desesperado que a voz chega a se partir.

Jason passa por mim, caminhando lentamente em direção a Kade. Ele se ajoelha na sua frente.

— Você não está mais lá — ele diz baixinho, calmamente. — Você está aqui, comigo. Você está seguro.

— N-Não. Eu… eu… — Ele balança a cabeça, negando e começa a se balançar novamente. — Faça isso parar. Faça isso parar, faça isso parar, faça isso parar.

— Olha para mim, Kade.

Ele não olha.

— Não é ele. Não é ele. Ele me odeia. Ele me odeia.

Jason se aproxima.

— *Sou* eu. Jason. E eu jamais poderia te odiar. Sou seu irmão mais velho. Sou aquele para quem você liga quando se mete em encrenca e precisa que eu te tire delas. Sou eu quem te busca quando você está bêbado e perde sua carteira. Eu que te dei uma cerveja escondida quando você tinha dezesseis anos, lembra? E te dei chiclete quando você não queria que a Aria descobrisse que fumava maconha.

Kade para de se balançar, mas não diz, nem faz nada.

— Eu te levei para sua primeira aula de boxe quando você tinha nove anos, e comemos peixe com fritas no caminho para casa. Você se lembra do que fizemos naquela noite? — Quando não há resposta, ele continua: — Eu fingi para a Aria que você estava dormindo sempre que ela vinha te ver no meu quarto, só para podermos jogar *Grand Theft Auto* até as cinco da manhã.

Aria tosse, mas é mais uma risada soluçada.

— Quando você fez treze anos, eu te levei para esquiar na França. Você era péssimo, mas eu era pior, lembra?

Kade assente uma vez, abraçando os joelhos com mais força.

— Você está com a gente, Kade. Não lá. Eles não podem mais te machucar. Repete isso.

— Eles não podem mais me machucar — Kade diz baixinho. — Eles

não podem mais me machucar.

— Não, eles não podem. Diga de novo.

Silêncio, então Kade cerra os punhos.

— Eles não podem mais me machucar.

— Eles nunca mais vão te machucar. Olha para mim.

Lu entrelaça o braço no meu, enquanto Kade olha para cima, com as bochechas encharcadas de lágrimas, os olhos inchados e vermelhos, o lenço que normalmente cobre sua cicatriz perdido em algum lugar da floresta. Todos podemos ver o dano causado a ele, mas ninguém fala enquanto Jason assente com a cabeça.

— Viu? Sou eu. Você está *seguro*, maninho. Você está seguro. Vai ser difícil por um tempo, mas você vai superar, porque você tem todos nós.

O rosto de Kade se contorce, como se ele não acreditasse, e Lu solta meu braço, vai até ele e se ajoelha ao lado de Jason.

— Você tem todos nós, Kade.

Kade olha pra ela. Os olhos se iluminam, e a voz sai falhada quando ele diz:

— Luciella?

— Sim — ela responde baixinho, com um sorriso caloroso, segurando a mão ensanguentada dele entre as dela. — Sou eu. Eu estou bem. — Ela aperta de leve. — E você também.

Base está de pé ao meu lado enquanto Aria e Tobias se juntam a Lu e Jason. Assim que Tobias se senta ao lado dele, Kade começa a soluçar e se desculpa repetidamente, e os quatro se sentam ao redor dele, abraçando-o.

Luciella está chorando, e eu consigo ver o quanto Base quer ir até ela, mas este é o momento deles. A família dele. Todos precisam desse tempo juntos. Kade está chorando nos braços do pai enquanto Aria abraça sua lateral.

— Me desculpem. Me desculpem, me desculpem. — É como um mantra. Um apelo desesperado por perdão enquanto ele agarra Jason. — Eu bati em você. Eu pensei que você… Eu… me desculpa. Me desculpa. Eu sinto tanto. Por favor, não me odeie. Eu não queria. Eu não… Eu não… Eu também não queria machucá-los. Eles me obrigaram, eles me o-o-obrigaram — suas palavras saem apressadas e entrecortadas. — Por favor.

Tobias segura o rosto dele.

— Você não está mais sozinho, filho. Se aqueles desgraçados tentarem chegar perto de você, eu os farei pagar. Está me ouvindo?

— Eu quero que eles paguem — ele diz, com o queixo e o lábio inferior tremendo. Seu corpo estremece quando ele tenta respirar. — Ele me machucou, pai. Ele me machucou, e eu não pude fazer nada para me defender. Archie. Ele…

Ele…

— Eu sei.

— E se ele vier atrás de mim? — sua voz falha.

Tobias range os dentes, com uma lágrima escorrendo pela bochecha.

— Ele nunca mais vai chegar perto de você, isso é uma promessa. Eu vou acabar com a vida dele.

— Não vamos tirar os olhos de você — Aria diz. — Desculpe por não termos feito algo antes. Deveríamos ter percebido que você estava passando por tudo isso.

Base coloca o braço em volta do meu ombro.

— Devíamos dar privacidade a eles.

Concordo com a cabeça e dou a todos uma última olhada antes de sairmos da pequena área arborizada.

— Não tenho ideia do que fazer — admito.

— Acho que ninguém sabe o que fazer — ele responde, tirando um cigarro do maço e me oferecendo outro. Eu pego, e nós dois acendemos enquanto esperamos. — Preciso te pedir um favor.

A chuva parou, mas estou tremendo de frio, meus dedos mal conseguem levar o cigarro aos lábios. Solto o ar, odiando a sensação de queimação em meus pulmões — já doloridos de tanto correr e gritar o nome de Kade.

— O quê?

— Fica de olho no Kade e na Ella. Eu não posso voltar. Só consegui trazer ela pra cá porque foi uma das minhas condições pra aceitar o casamento. Quando eu for embora… é definitivo

— Você vai mesmo se casar com alguém?

Ele suspira.

— Eu preciso. Era a única maneira de libertá-la. Minha família é tóxica, para dizer o mínimo. Eles querem que eu assuma o controle há anos, mas eu sempre disse não. Não é a minha praia. — Ele balança a cabeça de um lado para o outro e sopra uma nuvem de fumaça acima de si. — A garota está sendo forçada a isso. Assim como eu.

— Sinto muito que precise fazer isso, mas obrigada por trazer minha melhor amiga de volta para nós. Eu vou cuidar deles — digo. — Agora, se cuide também, até achar um jeito de voltar para eles.

— É. Você acredita em milagres?

Dou de ombros.

— Você acredita?

Ele apenas ri pelo nariz e dá outra tragada no cigarro.0

CAPÍTULO 22



Stacey

O silêncio se instala entre nós, e conseguimos ouvir as vozes fracas de Ewan e de todos os outros que caminham em nossa direção. Tobias ou Aria devem ter chamado Ewan. Mas ele não entra no bosque. Barry também não.

Todos esperamos, e quase duas horas depois, Aria e Lu saem do pequeno pedaço de floresta, e Base se apressa em direção a elas e abraça Luciella. Tobias e Jason têm os braços de Kade sobre seus ombros. Sua cabeça está baixa. Ewan vai em direção a eles, e Aria diz a ele que precisamos levar Kade de volta para o chalé.

Engulo em seco e os seguimos até em casa. De vez em quando, Tobias olha por cima do ombro para mim, murmurando apenas com os lábios: "*você está bem?*". Ele pisca quando eu assinto.

Levamos Kade para o chalé, e Jason e Tobias o limpam, colocam roupas limpas nele e o acomodam em sua própria cama. Ele adormece bem rápido, e eu quero muito ir até ele, mas não quero que ele comece a surtar de novo, achando que sou fruto da sua imaginação.

Ficar de longe, está me destruindo, mas agora acho que ele precisa de um pouco de espaço.

Aria prepara bebidas quentes para todos nós, e eu caminho até o meu

quarto para me trocar, vislumbrando Base sentado na cama escolhida por Lu, ela em pé entre as pernas dele, chorando de novo.

A única coisa que ouço antes de continuar andando é ele dizendo:

— Vamos lá. Não chora, princesa. Não vamos nos despedir assim.

Tomo um banho rápido, visto uma roupa limpa e vou até a sala principal, onde o Barry montou várias telas em cima da mesa de jantar e está as analisando.

— Está tudo quase silencioso demais. Os prédios dela estão vazios.

Tobias se inclina sobre a mesa e encara uma das telas.

— De quem é o carro? É o único presente.

— Greyson. Ele está agindo por dentro. Não me deu nenhuma atualização o dia inteiro, e estou com medo de que tenha sido pego.

— Merda — Tobias resmunga. — Quando foi a última vez que… — Ele para no meio da frase, estreitando os olhos pra uma das outras telas.

Os dois xingam ao mesmo tempo quando quatro SUVs pretos entram na estradinha que leva até o chalé.

— Porra! — Barry bate na mesa, se afasta rápido e já puxa o rádio pra acionar os homens dele, mas os caras dos carros começam a atirar, e os seguranças que estavam de vigia vão caindo um por um. Base e Lu descem correndo as escadas, perguntando o que tá acontecendo, e Jason aparece só de shorts, ainda todo molhado do banho.

— Eles estão aqui — é tudo o que Tobias diz, e tudo muda.

O caos se instala dentro e ao redor do chalé.

— Quero o máximo de corpos possível protegendo meu filho, agora mesmo — ele ordena, gritando para as pessoas se apressarem enquanto pegam suas armas, ele também pega uma e a guarda atrás das costas, na cintura. — Aria, leve Luciella e Stacey para um dos quartos e fique lá.

Mas é tarde demais, os carros já estão lá fora. Cercando o chalé.

— Ewan está no quarto com Kade — Barry fala. — Precisamos mantê-los o mais longe possível dele.

— E das minhas garotas — Tobias diz, olhando para Base. — Você! Vá com elas.

Base agarra a mão de Luciella e a leva para o andar de cima, mesmo enquanto ela grita para ele soltá-la, mas Aria e eu continuamos onde estamos.

— Vão com eles — Tobias grita para nós, e nós duas negamos com a cabeça. — Inferno, vão com eles agora!

— Ora, ora, o que temos aqui? — uma voz diz quando a porta se abre, e minha pele se arrepia, meu sangue gelando com o tom dela. Eu me viro e vejo Bernadette com um sobretudo preto e botas de salto, arma na mão enquanto sorri

alegremente para nós. — Achei que todos ficariam animados em me ver?

Aria range os dentes, Jason segura seu braço quando ela se prepara para atacá-la.

— Vai pro inferno, sua vadia desgraçada.

— Uhmm — ela responde, com os olhos estreitos, frios como os de uma cobra. — Então você é a mãe dele. Devia te meter uma bala agora mesmo.

— Mas não vai mesmo — uma voz grave responde.

Os olhos de Bernadette pousam no homem ao meu lado. É como se o mundo ao redor simplesmente sumisse enquanto ela encara Tobias. Ela vacila, mas há um brilho, algo acende por trás daquele olhar enquanto o examina de cima a baixo.

Ela cora visivelmente e passa a língua pelos lábios.

— O famoso Tobias Mitchell. Espero há *muito* tempo pra te conhecer.

Olho para Tobias, que parece prestes a dar um soco na cara dela. Mas ele se mantém calmo. Os filhos dele estão aqui, e se ele perder a cabeça, vai morrer e não vai pode protegê-los.

— Eu diria que é um prazer conhecê-la, mas será um prazer melhor ainda vê-la sangrar até a morte. O que diabos você quer?

Um sorriso malicioso toma conta do seu rosto.

— Eu quero muitas coisas.

Aria se aproxima dele e pega sua mão, tremendo de raiva e medo, mas sem se deixar intimidar.

— Você não acha que já causou danos suficientes, Bernadette? Não pode simplesmente nos deixar em paz?

— Não — ela responde, sorrindo. — Falando em danos, cadê o meu garoto? Estou com saudade dele.

— Ele não é seu — disparo, a raiva injetando em minhas veias e fazendo minha cabeça latejar. — Ele nunca foi. Você é uma puta velha e decrépita que precisa de um exame na cabeça. Ele tinha dezenove anos quando você se aproveitou dele como uma predadora. *Dezenove!* O que diabos há de errado com você?

Bernadette revira os olhos e bufa.

— Você deve ser a pessoa mais irritante do mundo. Por que não deixa o Kade em paz? Ele não te quer. Você é usada, um lixo. Onde está o Kade? — ela pergunta novamente, e quando Barry vai alcançar a sua arma, metal pressiona a parte de trás da minha cabeça; um dos homens dela se esgueirou por trás de nós. — Se alguém tentar alguma coisa, espalho os miolos dela por toda a sala.

Todos me observam; Tobias parece prestes a explodir. Jason levanta as mãos.

— Não atire nela.

— Não me testem e eu não irei.

Mas ninguém diz a ela onde o Kade está, e eu mal respiro com a arma na minha cabeça.

Ela olha para Tobias novamente. Uma ideia lhe ocorre, posso ver em sua expressão. E quando a ficha cai, seu rosto se ergue.

— Você ama seu filho. Faria qualquer coisa por ele?

Tobias não se digna a responder, mas empurra Aria para trás de si.

— Darei a liberdade ao seu filho, destruirei todas as evidências de seus crimes e ele ficará livre. Mas, em troca, você será meu.

Aria dá um passo à frente, e todos nós ficamos tensos quando Bernadette aponta a arma para ela.

— Não me teste — ela rosna. — Você não tem importância. Eu atiro em você e o levo de qualquer maneira.

Tobias a puxa para trás novamente, franzindo a testa para Bernadette.

— Nunca mais aponte uma arma para ela. Está me ouvindo? Abaixe a mira de Stacey também.

Ela acena para a pessoa atrás de mim, e meus pulmões se enchem enquanto eu arfo ao sentir o metal escorregando da parte de trás da minha cabeça.

— Eu irei, mas você deixará o resto da minha família em paz, caralho. Está me entendendo?

Minhas sobrancelhas se franzem.

— O quê? — Ele está cedendo tão facilmente? O que aconteceu com a ideia de derrubar o império e vingar seus filhos?

— Não! — Aria puxa o braço dele por trás, mas ele está como uma estátua. — Você não vai com ela! Vamos dar um jeito.

Bernadette revira os olhos novamente e estala a língua.

— Ele sempre foi o verdadeiro prêmio. Eu não consegui chegar até Tobias, não de verdade. Ele sempre quis você — ela diz para Aria, a porta se abrindo atrás dela para revelar mais guardas engravatados e seu marido. — Mas acho que deu tudo certo. Seu filho acabou revelando ser um menino *muito bom*. Não é mesmo, Archie?

Meu sangue gela.

Consigo sentir as vibrações horríveis na atmosfera; a raiva entre nós. Os olhos de Jason estão esbugalhados enquanto ele encara Archie.

Tobias parece estar perdendo a noção da realidade enquanto pisca sem parar, estendendo a mão para trás para pegar sua arma.

— Você machucou meu filho — ele diz para Archie. — Vou arrancar a

pele desse seu corpo nojento e fazer com que coma.

Tobias atira bem no ombro dele, jogando a fera contra a parede com um gemido. Guardas apontam suas armas para Tobias, mas Bernadette bufa.

— Abaixem as armas. — Ela encara o marido. — Eu disse para você esperar lá fora.

O porco recua aterrorizado, com os olhos arregalados fixos em Tobias, segurando seu ombro e se escondendo atrás da esposa.

— Você não disse que ele estava aqui — ele sussurra em um tom elevado. — Ele está bem ali, porra!

— Ele não é uma ameaça. Vai trocar de lugar com o nosso Kade. Não é, Tobias?

— Você ficou maluca? — Archie pergunta ao mesmo tempo em que Aria grita:

— Não!

Tobias não hesita em atirar nele novamente, nos fazendo pular e ele uivar de dor e pular em um pé só.

— Seu filho da puta! Por que você está permitindo isso?

Bernadette não se importa. Acho que ela não se importa com nada além de si mesma. Ela inclina a cabeça.

— Terminou, Tobias?

— Isso não é nada comparado ao que eu vou fazer com vocês dois — Tobias cospe enquanto Archie pula em direção à porta. — Eu vou matar seu marido na sua frente, depois farei com que seja lento e doloroso para você.

— Temos um acordo? — Bernadette pergunta, agora irritada.

Tobias acaricia a mão de Aria com o polegar e acena uma vez, com os olhos cheios de fúria, os ombros tensos, o maxilar apertado. Seu olhar está escurecendo, e eu sei que ele vai se fechar assim que sair com eles.

Ele gesticula para os computadores.

— Apague todas as evidências que vocês têm sobre o meu filho agora, depois eu vou. Quero que ele possa andar livremente e ter uma vida normal.

Bernadette suspira.

— Eu sabia que vocês ainda tinham acesso ao meu sistema. O que aconteceu com o respeito à privacidade das pessoas?

Cerro a mão.

— Podemos encontrar outro jeito, Tobias.

— Por favor — Aria implora.

Depois de remover tudo, e Barry verificar, ela sorri para Tobias.

— Quando formos embora, quero que você me coma no banco de trás do carro. Será que existe mesmo essa coisa de “tal pai, tal filho”?

Tobias apenas a encara.

Os olhos de Aria brilham de raiva.

— Você é nojenta.

Ela estala a língua.

— Kade não achou.

Sem pensar duas vezes, me jogo em cima de Bernadette, ignorando todas as armas ao nosso redor. Mas alguém me agarra pelo pescoço antes que eu possa alcançá-la e me empurra para trás, então eu caio em cima de Tobias.

Tento avançar nela novamente, mas Tobias e Jason estão na minha frente agora, e ficamos paralisados, armas apontadas para nós de todos os ângulos.

— Abaixem a porra da mira. Eu disse que trocaria de lugar com o Kade — Tobias diz, estendendo a mão para trás e pegando a mão de Aria, apertando-a. — Deixe minha família em paz de agora em diante.

— Então, coloca sua cadela na porra da coleira. Estou de saco cheio desse drama todo dela.

Ela arqueia a sobrancelha pra mim.

— Ele não te ama. Ele ama a minha filha.

— E você precisa morrer, igual a sua filha — retruco. — E espero que seja lento e doloroso.

— Como eu disse — Bernadette diz, gesticulando para seus homens buscarem Tobias, sem se importar com o meu comentário. — Dramática.

Ele se afasta deles e se vira para Aria, que está soluçando e implorando para que ele fique, para encontrarmos outro jeito, mas tudo o que ele faz é sorrir para ela, pegar seu rosto e beijá-la nos lábios.

Não é só um beijo. É a representação de tudo o que ele quer. Tudo o que ele teve. E tudo o que vai perder. É um adeus. Um até logo. Uma eternidade de “e se?”.

Eu sei o que ele vai fazer.

Ele vai destruir o império dela de dentro para fora, e vai acabar se matando no processo. Porque ama sua família e faria qualquer coisa para salvá-los.

Kade está livre, mas Tobias nunca esteve. Ele foi prisioneiro por mais de vinte anos.

Quando ele se afasta do beijo, pressiona os lábios na testa dela.

— Eu te amo. Cada parte quebrada de mim te amou desde o momento em que te conheci.

— Eu também te amo — ela soluça. — Preciso que você volte para mim. Por favor. Por favor, Tobias.

— A gente sabia que o caminho nunca seria fácil. Pelo menos agora posso fazer algo de bom pela minha família. Viva sua vida do jeito que você deveria, sem mim, Doutora.

Ela desaba completamente.

— Por favor, não. Por favor.

Ele se afasta dela, acena para Jason e Barry e olha para mim.

— Cuide de si mesma e dos meus filhos. — Ele me abraça, e eu me afundo em seus braços e tremo. — Vou fazer valer a pena, Pequena — ele sussurra contra o meu cabelo. — Espere e verá. Céu e Inferno vão testemunhar as chamas da queda deles.

Tobias pisca para mim enquanto se aproxima de um guarda e os segue até a porta da frente. Não consigo conter minhas lágrimas, nem o aperto no meu peito enquanto Aria implora repetidamente para que ele volte para ela. Jason a segura enquanto ela tenta correr atrás dele.

Então ele desaparece de vista, uma porta se abre e fecha, e Tobias Mitchell agora pertence a Bernadette. Um guarda avisa pelo rádio que ele está no carro. Preso. Trancado.

Ela ri baixinho enquanto caminha até a entrada, mas para e estreita os olhos para mim.

— Uma última coisa… — Ela levanta a arma, apontando-a diretamente para mim. — Você tem sido um pé no saco desde o começo.

Meus olhos se fecham quando ela puxa o gatilho, e ouço um grito angustiante, um estrondo alto que machuca meus ouvidos e um líquido quente atingindo meu rosto e braços.

Abro os olhos e vejo o irmão de Kade parado na minha frente. Ele cai de joelhos quando Aria o alcança, mas é tarde demais.

A bala está alojada no crânio de Jason.

CAPÍTULO 23



Stacey

Todo mundo morre em algum momento. É inevitável. A morte é estranha e inescapável. O fim de tudo que vive. Vai chegar um momento de silêncio na nossa vida em que o mundo para, nossos pulmões deixam de funcionar e fechamos os olhos pela última vez.

E isso me apavora.

Quando minha mãe morreu, eu era novinha. Chorei. Senti muita falta dela. Chorei um pouco mais. E quando nos mudamos, tentei esquecer tudo. Sua pele pálida e seus lábios azuis, muito depois de os médicos terem declarado sua morte.

Tentei esquecer como era sua voz. Como eram seus abraços.

A maneira como ela sempre me fazia sentir melhor nos meus dias ruins.

Seguir em frente foi impossível por muito tempo — demorou meses até que eu conseguisse passar um único dia me sentindo bem. Eu nunca me senti completa… até o dia em que me desafiaram a beijar o Kade. Aí ele me encurralou na cozinha e me beijou de novo, e de novo, e de novo. A partir daí, tudo só melhorou

Até perder minha filhinha, depois o Kade, depois o meu pai. Então, tudo simplesmente caiu como peças de dominó num maldito inferno sem fim.

Desejei a morte algumas vezes, mas nunca dei continuidade aos pensamentos sombrios que me atormentavam. Houve um momento em que deixei as vozes vencerem e eu estava totalmente preparada para pular no abismo e acabar com a minha vida. Mas o Jason me convenceu a descer da beira daquela ponte e provou o quanto eu queria viver.

E eu não quis mais morrer, por mais que doesse continuar respirando na época, me agarrei à vida com firmeza. Mantive meu coração batendo mesmo estando quebrada, fraturada, sangrando por ter perdido tudo que me fazia querer seguir em frente.

Mas nem sempre é assim, não é? Pessoas morrem todos os dias. A cada hora. Cada minuto. Cada segundo.

Num momento, estamos aqui. No outro, não estamos mais.

Para onde vamos quando partimos?

Suas memórias ficam conosco, seus corpos sem vida esperando para serem enterrados ou cremados. Mas o que realmente acontece? Eles se tornam estrelas? Fantasmas que ficam ao nosso lado quando mais precisamos? Médiuns são legítimos e os mortos se comunicam durante as leituras?

Quando sentimos um arrepio na espinha e os pelos dos braços se arrepiam, significa que há alguém conosco?

Num piscar de olhos, temos uma vida, um futuro, um propósito. Podemos encher os pulmões de ar fresco e ouvir a chuva batendo na janela. Conhecemos alguém incrível, saímos, nos apaixonamos, até que aquele frio na barriga fica quase insuportável. Compramos livros que acabam ficando na estante, juntando poeira. Podemos ouvir nossas músicas favoritas e cantar até ficar roucos. Assistir a filmes e dormir abraçadinhos no sofá. Levar nossos cachorros pra passear sob a luz pálida da lua e dar risada com os amigos, simplesmente vivendo o momento.

Fazemos planos pro futuro e comemoramos nossas conquistas. Estudamos, corremos atrás dos nossos empregos dos sonhos. Financiamos casa, carro, nos enfiamos em mais dívidas. Nos apaixonamos, casamos, temos filhos e assistimos eles construírem suas próprias vidas. Vemos suas conquistas, seus erros. Suas próprias famílias, suas próprias carreiras. Ou escolhemos um caminho completamente diferente, que não é nem um pouco menos valioso.

Num instante cheio de vida, conseguimos enxergar o mundo em todas as suas cores, sentir o cheiro do mar, das flores. Comer besteira até não aguentar mais. Dançar — no estúdio, num palco, na cozinha enquanto cozinhamos. Ou no chuveiro, se bater vontade.

E no instante seguinte, tudo isso pode ser arrancado. Por uma decisão errada, uma doença, um acidente fatal, pela velhice.

Nesse caso, pelo peso mortal de um gatilho sendo puxado.

Jason estava ficando limpo. Ele estava fazendo terapia, tinha voltado para a academia e tinha o objetivo de melhorar. Não apenas pela mulher que amava, mas por si mesmo.

Ele deveria viver. Para recuperar sua vida. Para ajudar Kade a recuperar *sua* vida e consertar seu relacionamento com o irmão. Ele não deveria ter partido. Ele não deveria ter se jogado na frente de uma bala por mim.

Mas ele se jogou. E agora está morto.

Uma bala que era para mim penetrou o crânio de Jason, e ele está morto. Ele teve seu último piscar de olhos. Seu último momento. Seus marcos e conquistas foram abruptamente interrompidos.

Vozes abafadas ecoam ao meu redor, e há um zumbido penetrante em meus ouvidos tão poderoso que minha visão embaça. Eu não pisco. Eu nem respiro, embora meus pulmões implorem por ar.

Eu já vi a morte. Eu já matei antes e vi Kade matar, mas nada poderia ter me preparado para isso. Meu corpo inteiro treme quando minhas pálpebras conseguem piscar — um único, forte piscar — que parece reiniciar o caos à minha volta.

Há tanto sangue.

Minhas mãos, roupas, rosto, o chão — tudo manchado com o sangue de Jason enquanto ele jaz mole nos braços de Aria. Encaro seu corpo sem vida em completo choque, incapaz de desviar o olhar.

Eu nem percebo que há uma guerra acontecendo ao nosso redor até que corpos começam a cair, janelas se quebrando com uma saraivada de balas, nos atingindo com cacos de vidro.

Tobias sabe que Bernadette mentiu? Que ela matou Jason apesar de ter concordado em deixar sua família em paz? Ele está lá fora lutando como os outros?

Alguém está perto de mim. Sapatos pretos e brilhantes com calças de terno. Seus dedos agarram um rádio enquanto ele tira outro carregador do seu estoque e recarrega sua arma.

É Barry. Ele engatilha a arma e pede reforços, ordenando que impeçam os carros de partir.

— *Os russos estão aqui* — ouço pelo rádio, e Barry nos lança um último olhar antes de respirar fundo três vezes e correr para a zona de guerra lá fora.

Ele tem uma esposa e uma bebê esperando por ele no esconderijo, e está correndo lá para fora, onde balas voam como pássaros e ceifam ainda mais vidas.

Rezo para que ele sobreviva.

Um rádio próximo apita, e uma voz confirma que eles pararam um dos carros com sucesso, mas não aquele com Bernadette e Tobias dentro. Eles atropelaram um dos novos guardas e desapareceram.

Aria soluça na minha frente. Me sento sobre os calcanhares e a observo implorar para Jason acordar, suas palavras se despedaçando. Ela agarra o rosto dele e grita seu nome, grita por seu marido, por qualquer um.

E então o rádio apita novamente, e uma voz diz:

— Pegamos Archie Sawyer.

Eu deveria ficar feliz, mas não posso fazer nada além de procurar maneiras de confortar Aria.

A voz de Barry surge no rádio:

— Imobilizem ele e apaguem. Matem os outros.

O rádio emudece, e mais tiros ecoam à distância. A briga agora tá do lado de fora, e o chalé se enche de gemidos e respirações trêmulas. Nossos homens confirmam: mataram o motorista, e dois estão a pé, correndo pela floresta. Estão muito bem armados, mas, felizmente, feridos.

Mas Bernadette se foi. O que significa que Tobias se foi.

E Jason… também se foi.

Ele se sacrificou por mim. Eu deveria estar morta. Eu deveria estar deitada no chão. Mas o ângulo em que ele correu na minha frente significa que sua cabeça estava baixa o suficiente para receber a bala fatal em vez de seu corpo.

Cerro os dentes e tento respirar pelo nariz enquanto meus olhos ardem e minhas narinas dilatam, minhas costelas se contraem a cada segundo agonizante que passa.

Aria passa os dedos pelos cabelos ensanguentados de Jason e chama Ewan de novo, gritando. Ele está lá em cima com Kade. Vai querer descer, mas não tem mais ninguém pra manter Kade seguro.

Me inclino pra frente e apoio minha mão sobre a de Aria, enquanto ela acaricia com o polegar os dedos de Jason.

— Me desculpa — sussurro. — Eu sinto tanto.

“Se matar não vai fazer tudo desaparecer. Se você pular, talvez isso acabe com você, mas todos que se importam com você sofrerão. Sabe por quê? Porque você é amada, Stacey.”

“Olhe para mim. Por favor, Stacey. Eu também perdi tudo.”

“Perdi minha noiva, que provavelmente já está grávida. Perdi meu irmão. E provavelmente perdi o resto da minha família. Se você pular, vai me deixar enfrentar isso sozinho.”

Minha mente percorre cada conversa que tivemos, até parar numa das últimas… e ela ecoa por toda parte. Ela faz meu coração se quebrar, e minha visão se embaralha com ainda mais lágrimas.

"Mesmo que isso signifique levar um tiro por você…"

Jason cumpriu sua promessa.

Faz só alguns minutos desde que o disparo aconteceu.

Os gritos de Aria ficam mais altos, e seus berros pelo marido reverberam nas paredes… até que ele surge, descendo as escadas com uma expressão confusa… e congela ao ver a cena diante dele. Sua esposa com o filho morto nos braços.

O menino que nasceu quando ele tinha apenas dezoito anos. O filho que Aria criou com ele desde os poucos meses de idade.

Morto.

— Não — ele sussurra, sem tirar os olhos deles enquanto dá passos lentos para a frente. — Não. Jason. — Ele cai de joelhos ao lado do filho em câmera lenta, com as mãos levantadas, os olhos oscilando entre a recusa em acreditar e o choque brutal. — Jason?

Agarra o rosto dele, o olhar percorrendo cada centímetro, com os dedos tremendo sobre o ferimento de bala. Os olhos se arregalam, e a boca se abre, mas nenhum som sai.

O buraco de bala na cabeça de Jason vaza vermelho enquanto Ewan sacode o filho e implora para que ele acorde. Ele o sacode novamente com um som estrangulado na garganta, depois abaixa a testa até a dele e um soluço gutural preenche meus ouvidos.

Ewan fica errático.

— Acorde, acorde, acorde. Precisa acordar, filho.

Lu e Base aparecem do cômodo ao lado, e ela grita e cobre a boca, quase escorregando no sangue enquanto corre até eles.

— Meu Deus! Não! Jason!

Abaixo a cabeça enquanto minha melhor amiga chora por seu irmão mais velho.

Lembro que ele costumava buscá-la na aula de dança quando tínhamos quinze anos. Todas nós corávamos por causa da beleza dele e ríamos quando ele fazia graça com a Luciella. Eu sempre tive um quedinha pelo irmão gêmeo dela, mas quem todo mundo notava, era o Jason. Ela ligava para ele quando estava triste. Ele ligava para ela quando estava bêbado e precisava que alguém ouvisse o quanto ele tocava violão mal. Porque, por pior que soasse, ela batia palmas e dizia para ele continuar praticando.

Ele ligou para ela por videochamada quando ia pedir a Giana em

casamento, e ela o ajudou a escolher o anel.

Eles eram próximos.

O desaparecimento de Jason anos atrás a machucou mais do que ela jamais admitiria. Ele parou de falar com todo mundo quando se envolveu com drogas, mas, recentemente, ela estava o recuperando.

E eu não tenho ideia do que dizer ou fazer. Tudo o que posso fazer é me sentar aqui e segurar a mão da minha melhor amiga enquanto ela hiperventila no peito do irmão morto. Não sei se é culpa de sobrevivente ou não, mas sinto que estou me intrometendo. Como se a morte dele fosse minha culpa.

— Acorda! Você precisa acordar, Jason! — Lu grita, pegando a mão dele e soluçando em sua palma enquanto Ewan implora em seu ombro. — Por favor. Por favor, acorde! Chamem uma ambulância! — Ela olha para a mãe. — Chama uma ambulância! Faça alguma coisa. Por que você não está fazendo nada?

Um rádio emite um bipe e anuncia que reforços estão a caminho. Um dos homens na floresta foi encontrado, mas o outro ainda está foragido.

As telas de TV sobre a mesa mostram o massacre do lado de fora do chalé. Corpos de ambos os lados caídos. Um SUV branco está destruído contra uma árvore, e Archie está caído de bruços na frente dele, com as mãos algemadas nas costas.

Barry dá um soco nele para calá-lo.

Minha atenção se volta para a família se desintegrando diante dos meus olhos enquanto Lu se agarra a Ewan. Ambos estão cobertos pelo sangue de Jason. Histéricos, esperando que Jason abra os lábios e respire fundo milagrosamente.

Base se agacha atrás de Lu e beija a lateral da cabeça dela, e eu consigo ver a raiva crescendo em seus olhos enquanto eles se movem para as telas de TV. Ele quer lutar, mas Luciella é sua prioridade.

— Você precisa abrir os olhos, Jason. Você não pode morrer! Eu preciso de você. Por favor. Ajuda ele, Base! — ela grita e se joga de volta nele. — Por favor, ajuda ele.

Base olha para Jason, depois para mim, e balança a cabeça de um lado para o outro levemente. Nós dois sabemos que não há como ajudá-lo. Acho que Aria está em choque. Acho que ela não está nem respirando nem piscando.

Com as mãos trêmulas, ela pressiona dois dedos no pescoço dele, mesmo sabendo, lá no fundo, que ele já se foi. Procura uma pulsação. Um sinal de vida. Qualquer coisa que diga que o tiro não foi fatal. Mas os olhos vidrados e o corpo mole contam uma história muito mais sombria e devastadora. Quando vejo o queixo dela tremer e o lábio inferior se curvar, percebo que ela não

encontrou nada. Nenhum sinal de vida.

Ela move a mão sobre os olhos dele, fechando-os.

— Eu sinto tanto, querido — murmura para ele, uma lágrima escorrendo pela ponta do nariz e caindo em seu rosto. — Tanto, tanto por não termos protegido vocês. Todos vocês.

— Ele está morto? — Lu pergunta em desespero, com os olhos vermelhos enquanto se desvencilha do abraço de Base. Quando sua mãe assente uma vez, ela chora ainda mais. Com tanta força que sinto estilhaços afundando no centro do meu coração. — Não! Ainda há uma chance! Faça reanimação cardiopulmonar! Vamos levar ele para o hospital!

Aria se agacha, sem palavras, com respingos de vermelho-rubi por todo o corpo. Ela olha para as mãos encharcadas, o vestido branco agora vermelho, e balança a cabeça de um lado para o outro lentamente. Sua voz falha quando ela diz:

— Ele se foi. Jason se foi.

— Não! — Ewan grita e puxa o filho contra o peito com mais força. — Não, não, não. — Ele balança para frente e para trás, com lágrimas encharcando o rosto enquanto murmura: *Por favor, por favor, por favor,* sem parar. — Acorde, Jason. Acorde. Não consigo fazer isso sem você.

Meu peito se aperta ao vê-lo implorando a todos para trazerem seu filho de volta.

— Não é assim que deveria ser. Você não pode morrer, filho. Não pode me deixar, caralho. Por favor. *Por favor*, acorde.

— O que aconteceu? — Lu coaxa, com os olhos inchados de lágrimas.

Base continua atrás dela, segurando-a, incapaz de falar enquanto passa a mão por seus ombros, com o maxilar cerrado.

— O que aconteceu? — ela pergunta novamente. — *Quem fez isso?* — Suas palavras estão mais raivosas, mais altas, cheias de veneno. — Quem matou meu irmão?

A genética de Tobias Mitchell está profundamente enraizada nela, e com a expressão sombria em seu rosto, a tensão em seu maxilar e o tom com que ela rosna cada palavra, consigo ver aquele lado dele que todos temem.

Luciella é filha de seu pai. De corpo e alma.

— Ela… — Aria engole em seco, lágrimas escorrendo pelo rosto enquanto se aproxima do marido, passando o braço em volta do ombro dele para que ele chore contra ela. — Bernadette. Ela tentou atirar em Stacey. Ele se jogou na frente dela. Ele… ele a salvou — diz ela, e eu fecho os olhos enquanto Ewan irrompe em um grito ainda mais alto.

Jason McElroy é um herói. Meu herói. O herói de todos.

O ferimento em sua cabeça ainda está sangrando profusamente, o sangue se acumula sob nós. Nossos joelhos estão manchados de vermelho, o cheiro de cobre invade nossas narinas, mas ninguém se move.

— Vou chamar o Kade. Ele ainda está trancado no quarto — Base diz em voz baixa. — O que vocês querem que eu faça?

— Mate todos eles — Ewan dispara, com os olhos brilhando ao se voltarem para o escocês russo. — Você tem poder. Tem dois exércitos ao seu lado. Quer ajudar? Mate todos eles. Quero que essa família queime viva e seja apagada da existência.

— Foi minha equipe que parou um dos carros — Base relata. Esse é um lado dele que eu nunca testemunhei. Sério. Inseguro. — Vou ver o que mais posso fazer, mas tenho muito pouco poder até que eu esteja totalmente empossado pelo império. — Base fica parado, sem piscar, engolindo em seco. — Vou falar com meu avô.

Ele olha para Luciella por um segundo; acena para ela como se perguntasse: *Tudo bem?* E quando ela lhe dá um meio sorriso triste, ele beija a lateral da sua cabeça, tira o celular do bolso e volta para o andar de cima.

O tiroteio lá fora parou.

Mas Barry e sua equipe ainda estão vasculhando a floresta em busca do último guarda que conseguiu correr quando pararam um dos carros.

Ewan continua chorando pelo filho. Olho para Aria, enxugando as olheiras com as mãos.

— O que faremos com o Kade? — Nem reconheço minha voz. — Não acho que ele possa sobreviver a isso.

Ele precisa saber o que está acontecendo. Mas não sei se vai conseguir lidar com isso. Isso pode ser o que vai tirar ele dos trilhos de vez e fazê-lo se perder pra sempre.

Ninguém responde.

— Vou levar ele pro hospital — Ewan anuncia, se levantando e puxando o corpo de Jason contra si, quase sem esforço, apesar do peso. As lágrimas escorrem, encharcando seu rosto. — Não consigo só ficar aqui sem fazer nada.

— Ewan acomoda Jason no sofá, se agacha ao lado e apoia a mão no peito dele. — Preciso de um carro.

Quando Base volta pra sala, está pálido — e eu sei que a ligação não foi nada boa.

— Posso providenciar transporte até o hospital — ele fala pra Ewan. Não comenta nada sobre a ligação, mas troca um olhar com Luciella que deixa claro que… ele falhou.

— Precisamos avisar o Kade — Aria decide, fungando e passando as

costas da mão pela boca, espalhando ainda mais sangue. — Ele precisa saber o que está acontecendo.

Me levanto, mas fico meio tonta e me seguro no aparador.

— Eu vou falar com ele.

— Se quiser, eu posso ir — Base se oferece.

Balanço minha cabeça de um lado para o outro.

— Eu vou.

CAPÍTULO 24



Stacey

A caminhada até o quarto em que Kade está parece percorrer quilômetros. Cada passo que dou faz meu coração bater mais forte, deixando mãos ensanguentadas no corrimão enquanto subo os degraus. O chalé é enorme, mas será que ele ouviu os tiros?

A menos que tenha presumido que fossem alucinações.

O corredor é longo e estreito, e quando chego à porta, congelo.

Definitivamente, essa é a última conversa que eu queria ter com um Kade ainda meio fora de si. Mas, assim que destranco a porta e a empurro, meu olhar automaticamente se volta pra direção do banheiro. O chuveiro está ligado, e o vapor que escapa por baixo da porta já começa a embaçar a janela.

Fecho a porta atrás de mim com um clique, encostando-me nela.

— Kade?

O chuveiro desliga e, alguns segundos depois, a porta se abre, uma rajada de ar quente me atinge enquanto Kade sai e enrola uma toalha na cintura. A nuvem de vapor se dissipa ao seu redor. Seu cabelo está molhado e gotas de água escorrem por seu peito.

É a hora errada para olhar para ele desse jeito, mas faz tanto tempo que não vejo Kade assim que tinha esquecido o quão bonito e perfeito ele é. Meus

olhos pousam na cicatriz que ele não cobriu, meu olhar seguindo a linha roxa do canto da boca dele, descendo pelo pescoço até onde ela para, acima do coração.

Ele segue meu olhar e, quando olha de volta para mim, não tenta esconder.

— Foi ela quem fez isso? — pergunto.

Meio segundo se passa antes que ele balance a cabeça de um lado para o outro lentamente.

— Ela me fez fazer isso comigo mesmo.

A voz dele não está trêmula. É firme, grave, e faz as borboletas que eu carrego desde os quinze anos enlouquecerem. Mesmo ele tendo acabado de me contar que aquela vadia fez ele se cortar.

— Você não precisa continuar escondendo isso de mim — digo, dando um passo cauteloso à frente. O sangue corre em meus ouvidos, sabendo que essa versão mais controlada dele está prestes a se despedaçar. — Mas vamos fazê-la pagar por tudo o que fez.

Começo a dizer a ele que ela está com o pai dele, mas não consigo. As palavras ficam presas na minha garganta e preciso cerrar os dentes para não soltar um grito entrecortado.

Eu devia ter puxado a arma da cintura de Tobias e metido bala nela, pouco me importando com as consequências. Ela feriu ele, e eu não fiz nada. Mas sei que ela tem um plano de segurança — Barry já tinha falado disso —, então, mesmo que a gente sobrevivesse ao ataque dos homens dela depois que ela caísse, as consequências iam vir do mesmo jeito.

Atacá-la num acesso de raiva teria resultado na morte de todos.

Os olhos de Kade descem pelo meu corpo, observando o sangue encharcando minhas roupas e manchando minha pele.

— Você está machucada?

Balanço a cabeça de um lado para o outro, incapaz de falar enquanto meus olhos ardem.

— Você está coberta de sangue — ele diz isso com tanta… normalidade, como se eu estar coberta de sangue não fosse grande coisa, contanto que eu não esteja machucada.

— Não é meu — respondo, com os olhos marejados enquanto tento encontrar as palavras para dizer exatamente de quem é o sangue que está em mim.

— Você quer usar o…? — Ele gesticula para trás, verdadeiramente confuso. — Não vou te observar.

Minhas bochechas esquentam.

— Não. Estou bem. — Agito as mãos na minha frente. *Diga a ele,*

porra. — Kade, aconteceu…

— Eu te devo um pedido de desculpas — ele interrompe, caminhando até uma pilha de roupas cuidadosamente dobradas aos pés da cama. Entre elas, há outro lenço para substituir a que ele perdeu na floresta. Embora eu tenha dito que ele não precisa esconder a cicatriz, ele enrola o tecido preto em volta do rosto, cobrindo o pescoço, de modo que fique logo acima do lábio superior. Então, sua voz sai abafada quando ele diz: — Tenho sido um cuzão.

Inclino a cabeça diante de suas ações. Ele parece mais lúcido do que antes, como se finalmente tivesse saído do colapso. Mas seus olhos ainda estão vermelhos, as duas mãos ainda tremem enquanto ele tenta amarrar o lenço atrás do pescoço como uma bandana, e ele deixa a camisa cair duas vezes quando tenta vestir.

Quando ele se esforça para vestir a boxer, segurando a toalha no lugar, eu me aproximo dele.

— Deixa eu te ajudar.

Ele bufa e passa as mãos pelos cabelos, sem olhar para mim enquanto me ajoelho a seus pés e puxo sua boxer para cima das pernas, parando na barra da toalha para que ele possa fazer o resto sozinho. Não quero ultrapassar limites e deixá-lo desconfortável.

Conte a ele, Stacey. Talvez eu possa dizer que Jason se machucou e que Ewan o levou para o hospital? Mas, pensando bem, isso seria esconder informações, maquiar a verdade.

Chega de mentiras.

Se ele descer e vir o sangue, a destruição, os corpos de alguns dos homens que contratou quando formou sua própria equipe, ele pode acabar caindo de novo naquele buraco na própria mente.

Não tenho ideia do que estou fazendo. Não tenho ideia de como contar a ele que o irmão dele está morto. Que o pai dele se foi. Eu não deveria ter me oferecido para subir aqui. Mas é o Kade.

— Meu corpo dói — ele admite, com o maxilar tenso, e percebo que está farto e irritado consigo mesmo. — Parece que distendi todos os meus músculos. Não consigo pegar nada sem deixar cair. — Ele flexiona as mãos e as fecha em punho, as veias saltando. — Já me senti assim antes, quando a Bernadette me prendeu por duas semanas. — Ele ri sombriamente e balança a cabeça em desgosto, o mindinho tremendo enquanto ele aperta a ponte do nariz. — Então eu sei muito bem o que está rolando. Sou um viciado, tremendo, vendo merdas, precisando da próxima dose.

— Isso não é verdade — digo, me ajoelhando e segurando uma de suas mãos. Como ele não se esquiva do meu toque abrupto, nem puxa a mão, eu a

seguro. — Você passou por muita coisa, Kade. Por anos. Vai levar um tempo até você se acostumar a não estar sempre em alerta.

Ele faz uma careta e olha para baixo. Alguns segundos se passam, e sua voz sai baixa, quase um ronco no peito, quando ele pergunta.

— Por que você está aqui?

Para te dizer que seu irmão morreu e seu pai foi levado, é o que eu deveria dizer. Mas não digo; lambo os lábios e aperto minhas mãos nas dele.

— Porque eu me importo com você.

Ele suspira e usa a mão livre para puxar a cueca até o fim. Seus olhos se movem para o lado, suas bochechas ficando vermelhas.

— Preciso que você me ajude com… — Ele olha para o short. — Não vou conseguir… Minhas mãos doem.

Eu me levanto.

— Claro — digo, dobrando a toalha e ajudando-o a vestir o short. — Se precisar de ajuda com qualquer coisa, estou aqui.

Ele permanece em silêncio, olhando para o chão, esfregando a mão no rosto e suspirando.

Seus olhos azuis se erguem rapidamente para mim.

— Como eu sei que isso é real? — É uma pergunta séria, percebo pela expressão em seu rosto.

Inclino a cabeça.

— Você acha que é?

— Não sei, e isso está me irritando pra caralho. Houve tiros e gritos, mas tudo parou. Você está coberta de sangue. Não faz sentido. Mas você está aqui… me ajudando. E meu pai e meu irmão estão aqui, eles estavam na floresta. Parece bom demais para ser verdade.

Engulo em seco uma pedra enorme presa na garganta.

— Kade, preciso que você ouça com atenção, ok?

— Você pode pedir para o Jason subir aqui? Preciso falar com ele. — Ele solta um suspiro, balançando a cabeça de um lado para o outro. — Eu fodi com tudo, Stacey. Dei uma surra nele por causa daquele vídeo.

— Ele entende.

— Mesmo assim, ele merece um pedido de desculpas meu. — Ele se levanta, cerra o maxilar e pisca algumas vezes. — A gente era muito próximo, sabe? Eu sempre procurava ele para me ajudar. Quero meu irmão mais velho de volta.

Deixo escapar um soluço abafado e tento conter as lágrimas.

— Kade…

— O quê?

Antes que eu possa falar, ele franze a testa, confuso, e olha ao redor do quarto quando duas pessoas começam a gritar lá fora, logo abaixo da janela. Uma é russa e está furiosa, e a outra é Barry.

— Espera aí. — Ele dá um passo para trás. — Você *não* é real, é? Isso tudo está acontecendo dentro da minha cabeça de novo.

— Não — respondo, pegando sua mão e colocando-a contra minha bochecha. — Sou eu. Eu sou real.

Ele me lança um olhar cauteloso, examinando meu rosto.

— Eu não sei. Você sempre está aqui, mas ao mesmo tempo, não está.

— Eu sou real — insisto, aproximando-me. — Estou aqui, Kade. Nunca mais estarei em nenhum outro lugar. Eu juro.

Seu polegar desliza pela minha pele, contra a umidade das lágrimas em minha bochecha.

— Mas por que você está chorando? Por que está coberta de sangue? — Ele afasta a mão, a ponta do polegar coberta com o sangue do irmão. — O que diabos está acontecendo?

Uma porta de carro bate lá fora. Ouço Base gritando em russo.

Mordo o lábio e fecho os olhos, enterrando o rosto na palma da mão dele. Meu peito treme num soluço, e eu tento respirar sem que meu corpo estremeça — e falho. A saliva se acumula na minha boca enquanto aperto os olhos com força, sentindo o mundo ao meu redor encolher.

— Ei — ele diz suavemente. — Fala comigo, Sardentinha. Por que você está tão triste? Chris te machucou de novo?

Balanço a cabeça de um lado para o outro, meu peito se apertando.

— Não. Chris está morto — respondo com o lábio inferior trêmulo, abrindo os olhos para encará-lo. — Nós o matamos. Eu e você. Ele nunca mais poderá nos machucar.

— Nunca mais — Kade repete com a testa franzida, e eu assinto. — Mas não é por isso que você está chorando. Fui eu?

Respiro fundo.

— Foi você o quê?

— Que te machuquei de novo? Não me lembro de muita coisa dos últimos dias, e acho que te machuquei.

— Não — a palavra sai estrangulada. — Você nunca me machucou, Kade.

— Eu não sei. — Seu olhar desfocado cai no chão entre nós. — Você pode chamar o Jason para mim?

Eu congelo, minha respiração falhando no meu peito e me deixando sem palavras. Eu já demorei com isso por tempo demais, e agora estamos a meros

centímetros de distância, e eu quero abraçá-lo. Quero que ele me deixe abraçá-lo, mas não sei seus limites.

Sinto tanta falta de Kade, e ele está bem aqui.

— Antes, eu não era eu mesmo. Eu me lembro da voz dele. Preciso vê-lo. Porra, eu sou um filho da puta do caralho. — A última palavra sai entre dentes, e ele balança a cabeça de um lado para o outro novamente. — Eu o afastei quando ele mais precisou de mim. Eu afastei vocês dois.

— Jason… — Eu paro e mordo a parte interna da minha bochecha. Aria disse que ele deveria saber, mas eu não tenho ideia se ele está em condições de sobreviver a isso. — Ele…

Kade inclina a cabeça, parecendo mais cansado a cada segundo enquanto sua mão se contrai contra minha bochecha.

— O quê?

Fungo e encosto a cabeça em seu peito, sem palavras. Devo dizer a ele para descer e ver a confusão? Devo dizer a ele que Jason foi ferido, mas que Kade precisa ficar no quarto? Ele deveria saber, mas não tenho ideia de como contar a ele.

Depois, preciso dizer a ele que a mulher que tornou a vida dele um inferno, agora tem o pai dele.

A única coisa positiva é que os arquivos do Kade estão limpos e que temos o Archie. Embora eu ainda desconfie da primeira, apesar de Barry ter conferido.

Vamos lá, Stacey.

— Sinto muito, muito, muito mesmo, Kade, mas…

Ouço um som angustiante lá embaixo enquanto alguém chora mais alto, e sei que é Aria. Lu está gritando com alguém enquanto rodas rangem no cascalho lá fora — ela está implorando para que fiquem.

Base. Ele está indo embora?

Ele franze a testa e olha para a porta por cima do meu ombro.

— O que está acontecendo? Por que minha mãe está chorando? Você está ouvindo o choro? — Ele não espera que eu responda, se afasta e passa por mim.

— Kade, não, espera! — grito enquanto ele se dirige para a porta.

Mas quando ele a abre, os soluços e lamentos se tornam mais proeminentes. Ele congela por um instante, olha por cima do ombro para mim e então corre pelo corredor.

Mal o alcanço antes que ele desça as escadas, esbarrando nas paredes e quase caindo.

— Kade!

Quase esbarro em suas costas quando ele para na entrada da sala de estar. O corpo de seu irmão jaz mole nos braços do padrasto enquanto ele luta para levantá-lo em direção à porta da frente, com Aria atrás, desesperada.

Todos os olhares se voltam para Kade.

— Kade. — Eu o contorno para ver seu rosto, seus olhos vasculhando o cômodo. — Sinto muito, muito mesmo. Eu não sabia como te contar. Eu… — Minha voz para no meio da frase, sem saber o que dizer. — Kade.

Ele não vai até o corpo de Jason. Ele não se move, não pisca nem diz uma palavra. Ele está mortalmente quieto, seus olhos escurecendo a cada segundo que passa.

Aria olha por cima do ombro e seu rosto se contorce ao vê-lo. Ela estende a mão para ele.

— Ah, querido.

Mas, em vez de caminhar até ela, Kade dá um passo para trás. Depois outro e mais outro. Ele está em silêncio. Sem emoção. Como se um véu tivesse caído sobre seus olhos e ele não vê o sangue espalhado pelo chão, nem os corpos mortos que a mãe dele precisa atravessar para chegar até ele.

Ele se encolhe, se afastando dela.

— Senhor — Barry diz ao entrar, com um ferimento de bala no ombro. — Precisamos sair deste lugar. Tobias se foi. Precisamos sair. Agora mesmo. Estamos preparando os veículos.

Kade não reage a ninguém.

Barry manca em sua direção.

— Temos Archie Sawyer. Ela enviará sua equipe para buscá-lo. Quais são suas ordens?

Barry está devolvendo a Kade seu poder, as rédeas do que ele construiu às escondidas de Bernadette. Ele está dizendo a Kade para liderá-los no próximo passo. Está dando a ele foco. Um alvo. E quando Kade finalmente olha pra Barry, eu vejo aquilo se enraizando no sangue dele.

Uma fome devastadora por vingança.

— O que aconteceu com meu pai e meu irmão? — Sua voz está estranhamente calma.

Que Deus o abençoe, Barry não vacila uma vez ao lhe dizer:

— Seu pai fez um acordo para trocar sua liberdade pela dele. Seus arquivos foram apagados. Mas quando eles estavam saindo, Bernadette tentou atirar em Stacey. Jason a protegeu e levou um tiro na cabeça.

Kade me olha e arrasta o olhar pelas minhas roupas ensanguentadas, depois para cima novamente. Quando seus olhos se chocam com os meus, não vejo nada além de escuridão por trás deles. Nenhuma emoção, exceto raiva.

Qualquer proximidade que tínhamos acabado de ter no quarto é colocada de lado enquanto o observo pensar.

Suas mãos se fecham em punhos ao lado do corpo, seus olhos antes sonolentos se enchem de algo sombrio e sinistro. Penso nos vídeos que vi dele torturando pessoas. Penso em como ele não tinha expressão quando alguém implorava por sua vida e dizia que tinha filhos. Ou quando ele perseguia pessoas e as destruía mentalmente.

Independentemente desse lado do Kade, eu ainda o amo de qualquer maneira.

Ele olha para Barry novamente.

— Coloquem Archie na câmara fria da mansão e desliguem. Eu lidarei com ele. Quero o lugar totalmente vigiado. Chamem todos que tivermos — Kade ordena em voz grave, piscando enquanto gira o pescoço e os ombros. — O fato de ela ter saído daqui, com meu pai ainda por cima, me irrita pra caralho, mas eu entendo a situação.

Barry concorda com a cabeça.

— Farei as ligações agora mesmo.

— Ótimo — Kade responde, olhando para a poça de sangue no chão onde seu irmão estava deitado.

Kade está tão inexpressivo que estou apavorada. Não há lágrimas, apenas raiva.

— É guerra que eles querem? — ele diz. — Vamos dar uma a eles.

CAPÍTULO 25



Kade

Archie sacode as correntes enquanto se debate, com as amarras cortando sua pele. Algemado nos pulsos e tornozelos, ele está de braços e pernas abertos no centro da câmara fria, vestindo apenas cueca.

Cortei suas roupas enquanto ele estava desmaiado. Eu o queria exposto enquanto eu gravava meu nome em suas costas.

Minha mãe se recusa a descer para o porão. Está escuro e frio, e a câmara fria está coberta de sorvete derretido e carne descongelada. E sangue.

Está fedendo.

Barry encosta o ombro ileso na entrada da câmera fria enquanto ando de um lado para o outro em volta de Archie.

— É engraçado ver você assim. Desamparado e assustado. Está esperando que sua esposa venha te salvar?

Archie cospe nos meus pés, com o rosto meio queimado e uma orelha a menos. A infecção já tomou conta por causa do tiro que meu pai deu nele, e os ferimentos já começaram a feder.

Ele se mijou por sete dias seguidos. Só o alimentei com ração e um copo de água de vez em quando para mantê-lo vivo e prolongar sua tortura. Quero evidências em vídeo suficientes para irritar Bernadette e fazê-la sair do

esconderijo.

Um dos guardas que estava vigiando mais cedo — gravou a si mesmo enquanto usava uma pistola d'água para borrifar vinagre em todos os ferimentos de Archie. Foi a coisa mais patética que eu já vi, ver um homem adulto gritar por causa de uma pistola d'água.

Ele me encara, tentando acompanhar meus movimentos enquanto eu circulo ao redor dele.

— Seu pai vai morrer em breve, assim como seu irmão — ele diz, soltando uma risada.

Dou um sorriso debochado.

— Como é ser você? Casado desde os dezoito anos, mas sua esposa precisou procurar um adolescente para ter prazer. Ela estava tão entediada com sua cara patética que usou drogas e manipulação para levar outras pessoas para a cama.

Ele ri novamente. Vários dentes dele estão faltando.

— Você acha que isso é vingança? Quando eu sair daqui, porque eu vou, vou te fazer chorar de novo. Vou te fazer sangrar e odiar o próprio corpo mais do que já odeia. Seus homens sabem que você me implorou para parar? Vou fazer dez vezes pior quando eu sair daqui, garoto.

Suspiro, sem me deixar afetar pela ameaça dele.

— Eu adoraria ver você tentar. — Me viro para Barry. — Me traz a pistola de pregos.

Os olhos de Archie se arregalam enquanto caminho em sua direção com ela. Ele se debate quando a pressiono diretamente contra sua virilha e grita quando enfio um prego comprido direto em seu pau flácido, prendendo-o na parte interna de sua coxa.

Baixo a voz, sussurrando em seu ouvido:

— Você nunca mais vai me tocar. Sugiro de verdade que guarde suas ameaças para si mesmo, ou talvez eu mande meu maior guarda te partir em dois.

Jogo a pistola de pregos no chão enquanto ele geme de agonia e saio pela porta. Barry me segue, trancando a porta atrás de nós. Parando no corredor, encosto-me na parede, curvando-me para a frente para segurar a cabeça entre as mãos.

— Porra — murmuro para mim mesmo. — Caralho.

— Tudo bem, chefe? — Barry pergunta, dando um tapinha nas minhas costas.

Balanço a cabeça de um lado para o outro.

— Não.

— Vamos tomar um ar fresco.

Quando saímos, respiro fundo e fecho os olhos. O ar é fresco, frio e silencioso. A lua está alta, e uma brisa gelada toca meu rosto quente.

— Cadê a Stacey?

— Com os cachorros na sala de estar. Ela está assistindo a um filme com sua mãe e sua irmã.

Assinto com a cabeça.

— Alguma novidade?

Ele nega com a cabeça.

— Ela provavelmente criou um novo banco de dados no sistema. Aquele que Christopher Fields tinha acesso desapareceu. Como se nunca tivesse existido. Mas vamos encontrá-la. Seu pai vai ficar bem — ele me tranquiliza. — Estou esperando que ele atravesse os portões da mansão com a cabeça da Bernadette debaixo do braço a qualquer momento.

Faço um movimento de rotação com o ombro travado. Estou todo duro de tanta tensão. Os tremores pioraram, e meus músculos ainda doem como se eu tivesse sofrido um acidente de carro de novo.

— Antes de você encerrar seu expediente, pode me arrumar uma enfermeira?

Barry inclina a cabeça.

— Para quê?

Eu me sinto confortável conversando sobre isso com ele. Ele está muito ciente do que eu passei e das regras que eu tinha que seguir. Ele tentou me tirar de lá algumas vezes e falhou. Eu não queria que ele fosse pego e arriscasse tudo, então ele meio que foi o meu apoio, minha muleta quando eu estava em um lugar realmente sombrio.

Quando parti para a Rússia, há um ano, apaguei tantas vezes que não sei se usei camisinha quando fui forçado a ter relações sexuais. Bernie definitivamente não me deixava usar com ela.

Meus dentes se apertam. Eu deveria ter mandado ela ir se foder e enfiar suas regras no cu. Fiz tudo o que ela pediu. Tudo. E me degradei no processo. Seguir suas regras de merda não manteve minha família segura, manteve?

Cansei de ser o escravo dela. O Kade Mitchell quebrado, sem livre-arbítrio, que foi drogado e fodido pela família dela para salvar a dele. Estuprado por homens *e* mulheres.

Patético.

Sujo.

Inútil.

Estalo o pescoço para os lados.

— Quero ter certeza de que estou limpo.

— Ah, sim — ele diz sem julgamento. — Vou arrumar uma logo de manhã. — Então há uma longa pausa. — Você quer falar sobre isso?

Ele poderia estar se referindo a várias coisas. Apenas balanço a cabeça em negativa, porque se eu sequer tentar falar sobre o que está se passando na minha cabeça agora, posso ter um colapso.

Puxo o baseado de trás da orelha e o rolo entre os dedos, mexendo-os para controlar os tremores.

— Quantos anos a Eva tem agora?

Toda sua postura se transforma em pura felicidade. Orgulhosa. Paternal. Algo com o qual não consigo me identificar.

— Ela acabou de fazer um ano.

O brilho em seus olhos faz o canto dos meus lábios se curvar em um sorriso suave. Eu realmente o considero um amigo e meu braço direito. Ele passou tanto tempo mantendo tudo o que eu construí ao longo dos anos. A cola que segurava minha empresa e minha sanidade. Ele ficou ao lado da Stacey enquanto ela estava nos Estados Unidos e até ajudou o meu pai.

Caralho, ele até apontou uma arma para mim quando me encontrei com Stacey depois de atirar nela. Ele se importa com ela. Ele coloca a segurança dela antes da minha.

E é disso que eu preciso — da Stacey segura a todo custo.

Ele já garantiu a segurança da mansão, fez contato com gente lá fora pra ajudar a derrubar a Bernadette e tá articulando com a polícia pra eles finalmente ouvirem. Informação em troca de proteção. Informação pela promessa de que a Bernadette e aquele maldito culto dela caiam, e sem colocar em risco quem eu amo.

Barry fez tudo isso, e ainda por cima, sendo pai de primeira viagem. Só as idas e vindas entre aqui e o esconderijo lá em Aberdeen já são uma missão por si só. Ele precisa tomar cuidado, mas está totalmente comprometido.

Inspiro o ar frio pelo nariz, soltando-o pela boca antes de colocar o baseado entre os lábios.

— Vá ficar com a sua família. Não tem nada acontecendo agora mesmo. Você devia estar com sua esposa e filha.

Ele franze a testa, com as mãos enfiadas nos bolsos, enquanto começamos a caminhar pela beira do lago.

— Tem certeza?

— Sim. Você fez muito por mim enquanto estive fora. — Coloco a mão em seu ombro bom, apertando-o. — Você impediu que o navio afundasse, e eu sou muito grato por isso. Mas você precisa ir passar um tempo com sua família. Já te afastei delas o suficiente. Vá ficar com elas no esconderijo.

— E se houver alguma novidade? E quanto ao Archie?

— Deixa o Archie comigo. — Levanto uma sobrancelha. — E se houver alguma novidade, é melhor me atender quando eu ligar.

Barry abaixa a cabeça.

— Obrigado, senhor. — Seus olhos se movem rapidamente para o lado. — E sinto muito pela sua perda. Sei que ainda não disse isso, mas sinto muito mesmo. Não se culpe por isso, ok? Coma alguma coisa. Beba água. *Durma*. Jason sabia muito bem a situação em que você estava quando rolou tudo com a Stacey. Ele te perdoou. Ele te amava.

Eu me enrijeço com o uso do passado, soltando seu ombro e dando um passo para trás.

— Fique de olhos em você e na sua família, aonde quer que forem. Te aviso se tiver qualquer novidade. — Aceno para a casa. — Vá descansar e depois pegue um dos carros.

Barry me dá um aceno rápido e tira o fone de comunicação, puxa a caixinha preta da cintura e solta o fio enquanto volta pra mansão.

Ele olha por cima do ombro e levanta a mão em despedida, e eu faço o mesmo antes dele desaparecer lá dentro. São três da manhã, mas todas as luzes estão acesas. Minha mãe está sentada nos degraus da varanda com uma taça de vinho, parecendo mais exausta a cada minuto que passa.

Ewan denunciou Bernadette e, olha que surpresa, não havia provas de nada. Barry verificou os registros da Polícia Escocesa e tudo o que encontrou foi um arquivo fechado que registrava que Jason McElroy havia sido encontrado morto. Sua morte está marcada como inexplicável, mas não deve ser investigada.

Tudo bem. Desse jeito, não sobra pra mim.

Os olhos da minha mãe pousam em mim enquanto ela toma um grande gole de vinho. Ela tem bebido. Ela nunca fica bêbada, mas também não está exatamente sóbria.

— O médico disse que você precisa descansar o máximo possível — ela diz, com os olhos fundos pelas noites passadas acordada e chorando. — Você deveria dormir.

Eu mexo no baseado entre os dedos. Ela não está gritando para eu jogá-lo fora, o que significa que ela definitivamente não está bem.

— Você também.

Ela sorri e toma outro gole enquanto eu me sento ao lado dela, e ela apoia o queixo na palma da mão, olhando para as águas silenciosas e calmas do lago. Atordoada. Cansada. Desolada.

— Presumo que o filme tenha terminado? — pergunto, chamando sua atenção novamente.

— Sim — ela responde, sem emoção.

— Você sabe que ele vai ficar bem, né? Meu pai sabe se virar sozinho.

Seu sorriso é falso.

— Espero que sim.

Por um minuto, me sento com ela em um silêncio confortável antes de caminhar até a casa da piscina. É o único lugar onde consigo um pouco de paz, considerando a quantidade de guardas que Barry chamou.

Temos patrulhas por toda a mansão. Todos armados. Todos em posição, dentro e fora. Observando. Esperando. Não vai demorar muito para Bernadette atacar novamente, mas estaremos prontos. Eu estarei pronto. Não enfiado no meu quarto enquanto ela, sem ajuda de ninguém, arruína minha família de uma só vez.

Pisco várias vezes de forma abrupta e brusca, depois fecho os olhos com força para me conter. Me sento na beira da piscina vazia, com as pernas balançando para fora enquanto pego meu isqueiro de volta para tentar reacender meu baseado.

Preciso de cinco tentativas com minhas mãos trêmulas para acender uma chama, e inspiro profundamente, até meus pulmões queimarem mais do que os pensamentos que correm soltos em minha mente.

Sujo.

Patético.

Inútil.

Você foi estuprado por homens e mulheres.

Seu pai está passando por tudo isso agora.

E seu irmão está morto por sua causa.

CAPÍTULO 26



Kade

Abaixo a cabeça e mantenho os olhos fechados, concentrando-me na única coisa que me mantém estável, que me mantém deste lado da sanidade.

Vingança.

Meu pai acha que é um herói por ter trocado comigo, mas está enganado. Bernadette é má e vil, embora suas conexões sejam piores. As emoções dele foram cuidadosamente aprendidas ao longo de anos de estudo e terapia, então ele pode simplesmente desligá-las. Ele não seguirá as regras dela nem permitirá que ela abuse dele como fez comigo.

Ele não hesitará em quebrar o pescoço dela se ela tentar forçá-lo a fazer alguma coisa. Talvez ele já tenha feito isso e seja por isso que ela esteja desaparecida?

Ele sobreviverá na base da violência, não da pressão de proteger a própria família, porque ele não é feito assim. É impulsivo e perigoso. Descontrolado pra caralho.

No final, sobrevivi porque continuei me agarrando a *ela*, mesmo sem perceber, prometendo a mim mesmo que voltaria para Stacey como o mesmo garoto de dezoito anos que se apaixonou por ela.

Mas eu não sobrevivi. Posso estar livre, mas ainda estou lá. Pelo menos

mentalmente. Ouço as vozes. As risadas. Sinto a dor, os toques indesejados, o calor do meu próprio sangue vazando do meu corpo.

Mesmo agora, mal consigo abrir os olhos sem sentir as paredes se fechando, ouvindo tantas vozes diferentes de clientes anteriores e sentindo suas mãos em mim.

Tentei queimar as palmas das mãos em uma chapa quente para me livrar da sensação, da sujeira, do sangue invisível, mas minha mãe me impediu. Daí vêm o médico que ela chamou e todos os remédios estão no meu organismo agora.

Eu estava num lugar escuro pra caralho quando estávamos no chalé, e, embora eu sinta que estou aos poucos saindo desse buraco, alguma coisa está tentando me puxar de volta. As garras disso estão cravadas na minha alma, e eu estou me segurando por um fio.

Sei que Stacey estava lá comigo a maior parte do tempo. Eu conseguia ouvi-la falando, mesmo quando eu estava desconectado, lutando contra a realidade. Seus dedos roçavam meu cabelo enquanto falava sobre tudo o que costumávamos fazer quando éramos normais. Apenas dois jovens de dezoito anos se conhecendo.

Ela não me conhece agora, e não tenho certeza se quero que ela conheça.

O baseado queima entre meus dedos a cada tragada forte, e a fumaça se dissipa acima de mim em uma nuvem enquanto eu assopro. Quase o deixo cair, dado o quão ridícula é minha coordenação motora.

Ouço um rádio apitando baixinho à minha direita enquanto um guarda passa durante sua patrulha. Suspiro e apoio os cotovelos nos joelhos. Quando meus olhos se voltam para a cozinha, que tem uma janela grande com vista para os fundos do terreno, vejo Stacey enchendo um copo de suco. A vista é bloqueada principalmente pelas árvores que circundam a casa da piscina, mas há um vão suficiente para que eu possa vê-la engolir o líquido e passar as costas da mão na boca.

Meu peito dói com o quão linda ela é. Como, depois de tudo que a fiz passar, ela ainda está aqui. Ainda lutando por mim. Lutando por nós. Não para estar em um relacionamento, porque nós dois estamos muito ferrados para isso, mas para encontrar um ponto de equilíbrio.

Ela devia me chutar pra fora de sua vida e dizer pra eu nunca mais falar com ela, depois de eu tê-la afastado por dois anos. Depois de ter atirado nela. O ferimento está quase cicatrizado, mas vai deixar uma marca, com certeza. E eu encaro essa cicatriz toda vez que olho pra ela.

Quero ir até ela, beijá-la, tocá-la e pedir que me ame, mas não consigo.

Eu estava em uma situação difícil naqueles primeiros dias depois que me afastei de Bernadette. Eu não conseguia nem mijar sem surtar. Mas o que aconteceu naquele chalé me trouxe de volta à realidade. Bem, um pouco. Há partes de mim que ainda estão lutando, mas estou focado em Bernadette, seu marido definhando no meu porão e em quanto vou fazê-los se arrepender de sequer terem olhado na minha direção.

Stacey apoia as palmas das mãos no armário da cozinha e fecha os olhos. Quando ela encosta a testa no balcão, me pergunto no que ela está pensando. O que a está deixando tão chateada?

Podem ser várias coisas.

Seu irmão postiço morto. Meu irmão morto. Meu pai prestes a morrer. Ou eu... seu ex desprezível que não consegue nem olhar para ela sem sentir as mãos tremerem e esconder o rosto, como se ela fosse julgá-lo. Mantive distância e pretendo continuar assim.

Talvez ela esteja apenas cansada. Cansada de toda essa merda. Sei que eu estou.

Sinto falta dela. Sinto falta da sua risada contagiante. Da covinha que aparece quando ela sorri para mim depois que a beijo. Das suas mensagens sarcásticas. Do jeito que ela sempre quer ficar de bobeira assistindo TV com os cachorros. Sinto falta de vê-la dançar, imersa em uma rotina, ou de vê-la se desfazer com a minha língua dentro dela…

Tenho um flashback do que fiz com ela na frente do seu irmão postiço e sinto uma pontada de dor no peito. Algo sobre o qual não conversamos. Algo que não deveríamos ter feito. Algo que mal consigo lembrar.

Estar assim é uma merda. Ou eu fico dissociando, ou apago completamente. Às vezes, tenho um ataque; às vezes, apenas olho para o nada, preso na minha própria mente, gritando para alguém me ajudar. Na maioria das vezes, não percebo o que está acontecendo.

Nunca soube de verdade como era a cabeça do meu pai, mas acho que agora sei. É assustador e solitário pra caralho, e sinto tanta raiva o tempo todo.

Stacey desaparece da minha vista, e eu abaixo a cabeça novamente, passando o dedo médio pelos lábios para sentir o quão secos eles estão, estremecendo ao sentir a pele áspera no canto.

Tenho usado menos o lenço, mas quando estou perto de Stacey, me certifico de que esteja no lugar. Ela olha para a cicatriz quando está acidentalmente à vista, como todo mundo, e sua expressão se transforma em pena.

Eu não quero pena.

Quero que todos me deixem em paz para que eu possa focar em colocar

Bernadette a sete palmos do chão depois de meses torturando aquela vadia sádica. Quero que ela veja o quanto eu posso arruinar o marido dela.

Há um abrigo para cães abandonado que agora possuo e para onde posso levá-la. Vou enfiá-la em uma jaula e vê-la sofrer. Meu pai fez a mesma coisa antes de ser preso, vinte e três anos atrás, e parece apropriado que eu siga seus passos.

O Barry localizou aquele prédio caindo aos pedaços, com a placa na entrada em homenagem à minha tia Gabriella; uma lembrança. Ela foi morta ali pelo amigo lunático do meu pai, mas essa já é uma história completamente diferente.

Tem uma equipe lá agora, reforçando o lugar. Instalaram câmeras, computadores e transformaram um dos cômodos numa cela novinha em folha, feita sob medida pra uma única pessoa.

Com mais de duzentos nomes de clientes registrados e centenas de outras conexões com ela, tenho provas suficientes para derrubar a maioria deles. Mas aquela família merece mais do que fama de criminosos. Eles merecem a morte, de novo e de novo.

Se eu conseguir salvar meu pai no processo, será mais uma vitória, mas não vou esperar por isso.

Assim que meu pai entrar nesse mundo, ele vai se perder de vez. Ele foi suicida a vida inteira, até conhecer minha mãe — e isso só piorou quando foi preso, tendo só uns poucos momentos com ela. Agora, sem os remédios, ele não vai durar muito no submundo.

Ou ele vai se encaixar e se deleitar com o quão distorcido é, quem sabe? De qualquer forma, vou tê-lo perdido.

Assim que termino meu baseado, jogo-o de lado, pego um cigarro e acendo. Fumei tanto cigarro de maconha ao longo dos anos que mal sinto a calma. É frustrante.

Um movimento à minha esquerda chama minha atenção e meu coração para quando vejo Stacey caminhando em minha direção. Dou uma tragada e a observo enquanto ela vem direto até mim, sentando-se ao meu lado na beira da piscina.

Minha garganta se contrai quando ela tira o cigarro dos meus lábios e o coloca entre os dela.

— Meu nome é Stacey — diz, sorrindo e fazendo meus pulmões falharem. — Entrei na aula de dança da Luciella alguns meses atrás.

Meus olhos se fixam nela enquanto ela dá uma longa tragada e solta a fumaça acima de nós. Acho que posso estar tendo um ataque cardíaco. Meu coração dói, está batendo tão forte.

Seus olhos verdes brilham sob o luar, suas sardas salpicam suas bochechas e nariz, e seu maxilar está impecável como sempre. Quero tocá-la, mas não consigo. Eu a machucaria. Não sei como ser gentil.

Eu já fui o cara mais sortudo do mundo. Ela era minha, e eu a perdi.

No mesmo lugar em que nos conhecemos aos quinze anos, balanço a cabeça de um lado para o outro com o *déjà vu*.

— Você deveria ter me escutado e ficado longe de mim. — Engulo em seco, agarrando a borda da piscina com as duas mãos até meus nós dos dedos ficarem brancos. — Você estaria em um lugar muito melhor agora se tivesse feito isso.

Ela inclina a cabeça, apoiando-se na mão.

— Me apaixonar por você não arruinou minha vida, Kade. Chris arruinou. Sem você, ele teria me trancafiado e me tratado como um bichinho de estimação para sempre.

Será que posso ressuscitar um homem morto e matá-lo de novo? Outra morte da qual mal me lembro. Isso me irrita.

Desvio o olhar.

— Você não conheceria o mundo para o qual Bernadette me arrastou.

— Não, eu não conheceria. Mas ainda assim não me arrependo de nada.

Cutuco a tinta na borda da piscina.

— Você deveria.

— Para com isso — ela diz com um estalo, ainda fumando meu cigarro. — Milo e Hopper estão procurando por você. Eles ficam andando de um lado para o outro na sala de estar e pulando no parapeito da janela.

— Eu vou vê-los. Talvez seja melhor se eu os colocar em um local seguro. Um esconderijo. — Suspiro. — Bernadette sabe o que eles significam para mim, e eu não posso deixar que ela faça algo com eles. — Mordo o lábio e olho para ela. — Duvido que você fosse para um esconderijo se eu pedisse.

— Não.

— É. Achei que não iria.

— E os remédios, como estão? — ela pergunta, se ajeitando, cruzando as pernas e virando de frente pra mim. — Você não trocou uma palavra comigo. Quero saber se está bem.

— Estou bem — minto.

Ela bufa, sabendo que estou mentindo.

Mudo de assunto antes que fique constrangedor.

— Barry vai para casa. Se é que ele ainda não te falou.

Tudo se aquece, borboletas voam na minha barriga quando ela sorri.

— Ele merece. Espere até conhecer a Eva. Sinto tanta falta dela. Ela é

tão cheia de energia e vida e tem o sorriso mais adorável.

Eu nunca vou conhecer a Eva. De que adiantaria isso? *Ah, ei, garota. Esse cara aqui é um fracassado e está basicamente morto por dentro. Ele não tem ideia de onde está a alma dele, e seu coração está praticamente de cabeça para baixo e do avesso. Está vendo a cara dele? Horrível. Ele matou centenas e se arrepende de apenas metade dessas mortes. Ele é o monstro que se esconde debaixo da sua cama.*

— Ei.

Stacey me tira da minha cabeça, mas começo a piscar rapidamente de novo. Fecho os olhos com força quando me esforço para parar.

— Estou aqui com você.

— V-Você devia ir dormir um pouco.

— Me deixa te ajudar, Kade. Não precisamos conversar, só me deixa ficar aqui com você.

Ela se aproxima e eu fico tenso.

— Eu te amo, Stacey, mas não estou pronto para nada disso — digo, me levantando, seus olhos se erguem para acompanhar meus movimentos. — Sinto muito.

Seu olhar cai.

— Só quero te ajudar.

— Eu sei que você quer.

Stacey pega minha mão quando a ofereço, ajudando-a a se levantar. O toque é eletrizante, e preciso de tudo para não puxá-la para o meu peito e beijá-la.

Não sei bem como me sentir sobre isso. Não estou em posição de oferecer nada a ela. Por que essa merda é tão confusa?

Enquanto a sigo para dentro, meu olhar desce para o balanço de seus quadris à minha frente, seu cabelo ondulado balançando de um lado para o outro. A necessidade de agarrá-la aumenta, mas eu cerro as mãos.

Pelo menos eu sei que meu pau ainda existe. Sinto um arrepio e me odeio por isso.

Acompanho-a até o quarto que minha mãe lhe deu, bem ao lado do de Luciella. Ela para do lado de fora da porta e mordisca o lábio enquanto se vira para mim.

Ela está nervosa? Eu estou nervoso.

Devo mandar toda a minha confusão interna ir se foder e beijá-la mesmo assim?

Não. Ela vai sentir minha cicatriz e eu provavelmente vou apagar. Já me sinto fraco só de pensar que posso machucá-la.

— Eu sei que você precisa de espaço para se normalizar com tudo de novo, e vou te dar o quanto precisar. Mas quero que saiba que estou aqui.

Eu a encaro por um instante e então desvio o olhar.

— Você pode conseguir alguém melhor do que eu, Stacey. Eu não sou a mesma pessoa que era antes. Aquela versão de mim não existe mais.

Não acho que essa versão aqui também exista.

— Eu também mudei. — Ela se abraça, e eu odeio tê-la deixado ansiosa perto de mim. — Eu quero te ajudar. Quero *estar* com você. Não importa o tempo que leve para você melhorar. — Sua voz se quebra, e eu acho que algo no meu peito também. — Você disse que ainda me amava.

— Eu amo — respondo sem hesitar. — Eu morreria para voltar aquela época com você. Mas não tenho ideia de como é estar em um relacionamento. Não mais.

— Eu entendo. Também não quero isso. Não é algo para o qual nenhum de nós esteja pronto. — Ela morde o lábio inferior, acena uma vez e olha para o lado. — Eu só… eu não sei o que fazer ou como agir.

— Eu sei — digo baixinho.

Ela coloca uma mecha de cabelo escuro atrás da orelha. Queria poder sentir como ele é macio entre meus dedos. Eu costumava brincar com o cabelo dela o tempo todo.

Stacey era minha âncora. Acho que ainda é.

Passo o polegar na pele áspera do canto dos meus lábios e, estranhamente, não sinto necessidade de esconder isso dela. Ficou à mostra a noite toda e ela não olhou para ela, nem deixou que chamasse sua atenção.

Ou talvez eu não tenha percebido porque dói olhar para ela.

— Posso ter seu novo número? — pergunto antes que consiga me conter. — Podemos trocar mensagens, certo?

Uma sensação calorosa me invade o peito quando ela sorri. Chega aos seus olhos tristes.

— Sim. Digite o seu e vou te mandar uma mensagem — ela responde, tirando o celular do bolso do pijama e me entregando.

Assim que desbloqueio a tela, vejo que a barra de pesquisa dela está aberta. Stacey estava procurando notícias do meu pai no Google.

Ela inclina a cabeça diante da minha pausa.

— Você era próxima do meu pai.

— Sim. Eu o visitava todos os dias quando estava nos Estados Unidos.

Faço um som afirmativo, digitando meu número.

— Fico feliz que tinha alguém. Barry disse que você também era próxima da Lisa. E às vezes dava um ataque cardíaco nele quando burlava a

segurança.

Ela ri, e meus dedos congelam na tela por um segundo.

— Aria disse que Archie ainda está vivo. O que você vai fazer com ele? Você vai atrás da Bernadette?

Eu a ignoro, porque só consigo me concentrar em uma coisa de cada vez, e meus polegares tremem enquanto tento digitar meu número no celular dela. Já digitei errado duas vezes.

— Você vai atrás dela? — Stacey pergunta novamente, e eu olho para cima e vejo a preocupação em seus olhos.

Concordando, devolvo o celular a ela.

— Sim. Vou atrás de todos eles.

A ideia de seguir com a minha vida sem vê-los queimar me deixa furioso, e quando ela percebe a mudança no meu humor, para de fazer perguntas.

Eu me afasto de Stacey quando nossos dedos se tocam e ela respira fundo. Eu me afasto o suficiente para não sentir o cheiro do shampoo dela.

— Vá dormir — digo. — Me mande uma mensagem, mas só se quiser.

Ela se abraça.

— Boa noite, Kade.

Não respondo nada enquanto a observo entrar no quarto e fechar a porta. A vontade de abri-la e implorar por perdão me invade, mas não posso me permitir perder o controle que cultivei.

Preciso manter o foco.

Meu celular vibra no bolso enquanto encontro os cachorros e vou para o meu quarto.

Número Desconhecido: Será que é estranho estar toda boba, como se eu tivesse acabado de sair de um primeiro encontro?

Eu: Você ficou nervosa?

Stacey: Muito…

Eu: Me desculpa.

Ela digita, apaga, digita e apaga de novo. Aí não escreve mais nada. Será que eu devia ter puxado papo? Flertado com ela?

Admitir que passar aqueles dez minutos com ela fez as vozes na minha cabeça ficarem mais calmas?

Tiro a blusa e o short, jogo-os na cesta e entro no chuveiro. A água queima minha pele enquanto pressiono a testa contra os azulejos.

As paredes se fecham ao meu redor e eu tenho dificuldade para respirar.

Quero que me chame de Stacey. Isso vai te deixar duro? Feche os olhos e imagine que eu sou ela. Se você não ficar duro, Kade, vou buscar o Archie.

Isso, você é um garoto tão bom. Fode ela com mais força na frente de todos nós.

Agora coloque uma bala na cabeça dela.

Bom garoto.

Bom garoto.

Bom garoto.

O ladrilho racha quando eu o soco.

CAPÍTULO 27



Kade

Na noite seguinte, durante uma reunião com alguns membros da minha equipe — com Barry em uma videochamada — para discutir onde Bernadette está e seus próximos passos, me dou conta de que ainda tem muita coisa minha no meu apartamento em Stirling.

Principalmente, meu notebook e documentações.

Alguns dos caras se ofereceram pra ir lá pegar, mas eu recuso. Eu quero ir.

Barry se prontifica a organizar uma escolta pra mim, mas digo que vou de moto, e quem tiver me seguindo pode vir atrás. Duvido que a Bernadette tente alguma coisa. Ela sabe que, se me atacar, vou piorar as coisas ainda mais para o Archie.

Ela estará em alerta, mas ainda se sentindo convencida por ter pegado meu pai.

Depois que tudo está organizado, vou para a minha varanda com um baseado. Está escuro lá fora, frio. O inverno está se aproximando rapidamente, e isso me faz pensar no Natal, embora ainda faltem alguns meses.

Será que ainda estarei vivo nessa época? E se estiver, será estranho se eu comprar um presente para Stacey?

Meus olhos captam um drone voando. Uma ótima ideia do Barry — metade da equipe não tem a mínima ideia de como controlá-los. Apoio os cotovelos na parede de pedra e olho para frente, vendo Stacey na casa da piscina, falando com alguém ao telefone.

A mão dela está balançando como se estivesse brava e tentando explicar alguma coisa. Talvez seja o irmão dela? Ou o Barry ligou para ela por algum motivo. Ela também é próxima dele agora.

Ela desliga e eu me afasto no momento em que ela olha na minha direção.

Não falei com ela hoje. Ela e Luciella ficaram no estúdio lá embaixo testando todos os novos equipamentos aéreos. Fiquei do lado de fora do cômodo por um tempo; ouvi minha irmã chorando e depois Stacey mandando ela dançar até as lágrimas pararem.

A música tocou por horas.

Eu posso ter ficado olhando para uma tela por horas enquanto assistia Stacey se alongar e contornar um poste, se enrolar em um tecido pendurado no teto e depois fazer alguma sequência de alongamentos em um arco aéreo depois que minha irmã foi embora.

Passar um tempo juntos ontem, mesmo que tenha sido só um pouquinho, me fez dormir a primeira noite sem acordar encharcado de suor ou no chão do banheiro, atordoado e sem saber o que estava acontecendo.

Abro o contato da Stacey e digito quinze mensagens antes de escolher uma. É estúpido, considerando que acabei de dizer a ela que não estou apto a ter um relacionamento nem nada, mas ela me acalma, e estar perto dela me faz esquecer toda essa merda que se passa na minha cabeça.

E eu realmente a amo pra caralho.

Não quero confundi-la, mas também não quero afastá-la. Estou em uma encruzilhada, para ser sincero. Eu quero Stacey. Preciso dela. Mas vou machucá-la, tanto físico quanto mentalmente. E se eu me perder durante o sexo e tiver alucinações? E se eu atirar nela enquanto durmo?

Talvez eu possa pedir para ela ser minha amiga?

Eu: Por que você não está dormindo?

A resposta é rápida.

Sardentinha: Stalker.

Sardentinha: Kyle me ligou. Por que você está acordado?

Coloco o baseado entre os lábios e uso meus dois polegares para responder.

Eu: Preciso ir até o meu apartamento em Stirling. Topa ir?

Porra, eu sou um idiota. O pior e mais impulsivo idiota. O que estou fazendo? Ela merece coisa muito melhor, e eu só estou arrastando ela para as minhas merdas. Por que eu pediria para ela vir comigo? Por quê? Por quê, caralho?

Sardentinha: Tem certeza? Não quero que você se sinta obrigado.

Eu: Podemos passar tempo juntos, Stacey.

Sardentinha: Quando vai sair?

Eu: Agora. Me encontre na garagem. Vamos de moto.

Sardentinha: Estou tendo flashbacks e acho que prefiro bater o dedinho na quina do que passar por isso de novo, mas valeu pela oferta horrível.

Eu: Cagona.

Sardentinha: Eu te odeio. Chego aí em dez minutos.

Assim que visto um moletom grosso com capuz e uma calça de moletom, sem me dar ao trabalho de vestir roupas de couro, fico olhando para o

lenço em cima da minha cômoda por um bom tempo antes de desistir e prendê-lo na boca.

Ela está esperando perto da minha moto quando chego na garagem, usando roupas confortáveis como eu. Está até usando um gorro de lã.

Pego o pompom de cima e o tiro, bagunçando o cabelo dela. Ela franze a testa para mim, e eu gesticulo para o capacete.

— Você vai usar isso.

Fica grande nela, mas é melhor do que nada. Mantenho a viseira aberta enquanto fecho sob seu queixo, sentindo borboletas na barriga com a forma como ela observa cada movimento meu.

Ser amado por Stacey Rhodes é um sonho. Por que meu sonho precisa ser um pesadelo?

— Posso dirigir?

Eu rio e coloco meu próprio capacete, e quando ela cruza os braços e estica o quadril, paro de rir.

— Você está brincando?

— Não. Podemos ir a algum lugar e você pode me ensinar, como quando me ensinou a dirigir um carro.

— Você bateu quatro vezes.

Ela estala a língua.

— Quantos carros você já deu perda total?

Eu fico em silêncio, estreitando os olhos para ela.

Há um sorriso em sua boca. Não consigo vê-lo, mas consigo ver em seus olhos.

— Você pode levar até o portão — digo, me aproximando da moto e dando uns tapinhas no banco. — Senta na minha frente, vou segurar suas mãos no guidão e a gente vai ajustando o equilíbrio.

Ela sobe, cambaleando um pouco antes de eu pular atrás dela, sem saber onde colocar as mãos a princípio enquanto aponto cada parte da moto. Ela escuta, assentindo, e quando se ajusta, empurra a bunda contra mim.

Minhas mãos se fecham em punhos, meus dentes rangendo ao sentir todo o seu corpo pressionando contra a minha frente, e a situação só piora quando a seguro, colocando minhas mãos sobre ela no guidão.

— Pronta? — pergunto.

— Pronta — ela confirma, e a moto morre.

— Você soltou a embreagem rápido demais. Devagar, como se faz em um carro.

Desta vez, seguimos em frente, e eu já me arrependo da minha decisão quando saímos da garagem e, muito desordenadamente, ziguezagueamos por

toda a entrada da garagem.

Meus guardas nos observam, e eu sei que provavelmente estão se perguntando que porra está acontecendo. O SUV nos segue, e eu deslizo meus dedos entre os dela para ganhar mais controle e nos levar até o portão.

— Posso continuar? — ela pergunta pelo Bluetooth. — Só até o fim da rua.

— Não nos mate.

Ela ri, e quando o portão se abre, seu pulso se curva, e nós somos jogados para frente com tanta força que meu capacete bate no dela.

— Merda — ela solta. — Desculpa, mas você é o pior professor.

— Você é a pior seguindo ordens. Vai devagar, caralho, senão vou assumi o controle.

— Sim, senhor — ela diz sarcasticamente, e eu bato meu capacete no dela de leve.

Chegamos ao fim da rua, mas só porque eu assumo o controle, com meus dedos entre os dela, minha frente pressionando suas costas, inclinando para a esquerda e para a direita enquanto andamos. Assim que chegamos à rua principal, estaciono.

— Podemos continuar assim? — ela pergunta.

Eu mantenho a moto parada com os pés firmes no chão enquanto ela fica pendura no banco, empurrando para trás e soltando o guidão. Ela vira o corpo para me olhar, levantando a viseira, e eu vejo a excitação em seus olhos.

— É uma viagem de duas horas — digo, pegando meu celular para conectá-lo aos nossos capacetes no momento em que o SUV para atrás de nós. — Mas podemos andar um pouco e parar pra comer alguma coisa.

Ela concorda animadamente.

— Eu ia gostar disso.

Suspiro, esperando minha playlist começar. *Hearing Damage* de Thom Yorke toca e Stacey geme.

— Eu amo essa música.

Eu sei. Eu sei tudo sobre você, Sardentinha.

Partimos de novo e, em alguns momentos da viagem, ela tenta assumir o controle, mas dou muito valor a vida dela, então me certifico de dominar seus movimentos, mas apenas o suficiente para que ela ainda pense que sabe dirigir uma moto.

Gosto disso. É relaxante, ouvir seus pequenos suspiros quando aceleramos, ver seu cabelo voando, sentir o ar frio em nossas peles. O SUV nos acompanha, mesmo enquanto costuramos entre os carros na rodovia. Paramos para comer, comemos em um silêncio confortável e então partimos novamente.

Durante todo o caminho até Stirling, Stacey senta na minha frente, e eu a sinto contra mim, e gosto disso. Queria poder ficar aqui.

Paramos na minha entrada, e a garagem se abre enquanto eu a guio para dentro. Ela solta um longo suspiro.

— Isso foi incrível — Stacey diz, tirando o capacete. — Meu coração está batendo tão rápido. Sinta. — Ela pega minha mão e a pressiona contra o peito, e embora eu congele por toda parte, consigo sentir o coração que pertence a mim bater.

Ela usa a mão livre para levantar meu visor quando fico em silêncio.

— É a adrenalina — digo, segurando o olhar dela. — Às vezes, ela pode ser avassaladora.

— Meu coração está disparado no peito desde que você me pediu para vir com você.

Um canto do meu lábio se curva em um sorriso.

— Você está ficando molenga com a idade, Stacey.

Ela dá um tapa na minha mão e desce da moto. Eu a sigo, ouvindo a SUV entrar.

— Fique aqui. Só vou demorar um minuto.

Ela assente com a cabeça, e eu a deixo na garagem, sabendo que meus seguranças estão bem do lado de fora, enquanto procuro minha mochila e o notebook, encontrando os dois no escritório que raramente uso. Confiro o carregador, enfio o notebook na mochila e reviro as gavetas da minha mesa atrás de documentos.

Levanto o olhar ao ouvir um movimento — Stacey está na porta com um papel na mão.

— O que é isso?

Meus olhos não se desviam.

— Nada.

— Você está se dirigindo a todos nesse papel e pedindo desculpas por tudo, como se fosse morrer. — Ela lê as palavras, vira o papel e para por um instante. — *E por último, a pessoa mais importante da minha vida, minha garota Stacey Rhodes. Minha Sardentinha. Minha pra sempre. O que eu posso dizer para tornar isso melhor? Espero que minha morte signifique que você esteja livre, e que…* — Ela olha para cima. — Por que a carta parou aqui?

Olho para baixo.

— Não é nada.

— Parece uma carta de suicídio. Eu… — Ela para de novo, olha por cima do ombro e solta um suspiro assustado. — O que aconteceu ali dentro?

Merda. Merda do caralho.

Deixo minha mochila cair quando ela entra no meu quarto destruído e para, levando a mão à boca, ofegando. Sem dizer uma palavra, ela se ajoelha e pega a foto da ultrassom da nossa filha. A mão dela treme segurando a imagem, enquanto segura minha carta de despedida na outra.

— Stacey…

Seu lábio inferior treme enquanto ela rasteja para frente sobre os cacos de vidro de quando soquei o espelho, pegando o vestido de princesa.

— Meu Deus — ela soluça, aconchegando-o contra o peito enquanto fecha os olhos com força. — Você tinha tudo. E-e-e-eu só tinha a foto da ultrassom. Chris queimou, e depois que terminamos, eu não tinha mais nada de quando estava grávida dela.

Entro lentamente, com o vidro triturando sob meus sapatos, e me abaixo na cama, sentado em silêncio enquanto Stacey balança para frente e para trás com lágrimas escorrendo pelo rosto.

Ela olha para a esquerda, vendo o desenho que eu fiz todo rasgado e, em seguida, levantando o pedaço de papel com as minhas cinco regras.

Ela balança a cabeça de um lado para o outro, outro soluço escapando antes de deixá-lo escorregar dos dedos.

— Por que a vida é tão cruel?

— Quem me dera saber — respondo. — Perdi o controle da última vez que estive aqui e destruí tudo. Nunca quis que ninguém visse isso. Esqueci quando te convidei. Me desculpe.

Stacey funga, o vestido ainda no colo enquanto pega uma foto nossa. Ela passa o polegar pelos nossos rostos sorridentes. A única preocupação que tínhamos naquela época era como minha irmã reagiria ao nosso relacionamento.

— Nunca mais seremos como eles, né?

Nego com a cabeça.

— Não.

— Sinto saudade de como éramos felizes — Stacey diz, fungando um pouco mais enquanto apoia a cabeça no meu joelho, abraçando o vestido e segurando a foto. — Desculpe por Jason ter pulado na minha frente.

Franzo a testa.

— Você não tem nada pelo que se desculpar.

— Tenho sim. Se eu tivesse subido quando seu pai mandou, eu não estaria lá. Jason ainda estaria vivo.

Minha mão treme, mas consigo levantá-la e colocá-la na cabeça dela, passando os dedos pelos seus cabelos macios. Suspiro por dentro, nossa proximidade é algo que preciso, mas não posso ter.

— Jason se foi — digo, as palavras ficando presas na minha garganta.

— Não adianta ficar remoendo.

Só precisamos passar pelo funeral. Vou pensar nos próximos passos depois de enterrar meu irmão. Só de pensar já me dá náuseas.

Stacey levanta a cabeça e se senta ao meu lado na cama. Então ela se deita, segurando a foto e o vestido, olhando para o teto. Eu também me deito lentamente e luto contra a vontade de falar. De dizer a ela como minha cabeça está escura. De pedir para ela ficar ao meu lado. De implorar para que ela faça a dor ir embora.

A dor paralisante que tento ignorar.

A paranoia sobre o paradeiro do meu pai.

A raiva que sinto de Archie, ainda preso no meu porão, faminto e sofrendo com as minhas constantes surras.

Stacey vira a cabeça, olhando para mim. Ela levanta a mão, e eu a seguro sem hesitar. O contato me faz sentir borboletas novamente, e fecho os olhos, amando o toque, ignorando o quarto destruído ao nosso redor.

Se ao menos pudéssemos ficar assim para sempre, aqui, nesta posição. Juntos.

Horas depois, acordo com a cabeça de Stacey no meu peito, sua perna presa entre as minhas, o vestido entre nós. Inspiro fundo, sentindo o cheiro do shampoo dela. Passo o dedo sobre a marca em sua bochecha; eu fiz aquilo com ela. Não foi minha intenção.

Quando meus olhos se voltam para o guarda parado na porta, de costas, suspiro e a acordo.

Guardamos tudo na caixa de novo, até mesmo os esboços rasgados que fiz dela, e Stacey me faz pegar meu lápis e bloco de desenho antes de voltarmos para a mansão.

CAPÍTULO 28



Kade

Minha mãe e Ewan estão assistindo a um filme na sala de estar, e minha irmã está com Stacey no estúdio há horas, então passei as últimas três horas torturando Archie.

Ele está fraco. A pele dele está um pouco amarelada. Bem, as partes que ainda não cortei. Ele está babando por todo lado, e acho que pode ter uma infecção no pau por causa da pistola de pregos.

Ele geme de dor enquanto apago meu cigarro em sua bochecha.

— Você vai me dar alguma informação sobre aqueles desgraçados do submundo ou vou ter que começar a arrancar suas unhas?

— Vai se f-f-foder.

Dou de ombros, pego um alicate, e sangue espirra por todo o meu rosto enquanto arranco sua unha do mindinho. Jogo a ferramenta de lado e cruzo os braços.

— Volto em algumas horas. Despeje água sanitária nas feridas dele — ordeno a um dos meus homens.

— Sim, senhor.

Desenrolo as mangas da camisa, volto a abotoar os punhos e sigo para o corredor, parando ao ouvir música *Dead Man* de David Kushner. Empurro a

porta do estúdio e vejo Stacey se preparando para subir no arco aéreo.

Ao longo da música, observo-a dançar uma coreografia. Ela cria formas que quebrariam meus ossos e me matariam, e gira tão lenta e sensualmente que sei que ela está sentindo a música, se distraindo e se soltando.

Engulo em seco e encosto a testa no batente da porta, escondido o suficiente para que ela não me veja observando o jeito como ela se move, como se inclina, com o suor brilhando na pele.

Temos trocado mensagens hoje. Nada de flerte ou sobre a outra noite. Ela me deu sorrisos suaves e até me cutucou de brincadeira quando estávamos jantando.

Também passeamos com os cachorros juntos. Ela ainda não consegue segurar as duas coleiras sem soltar quando eles puxam.

Sua rotina termina, e ela cai do arco como um cadáver, se deitando no tapete fino, com o peito subindo e descendo. Ela enxuga o rosto e começa a se alongar.

Alguém pigarreia atrás de mim, e me viro para ver Ewan segurando um frasco de água sanitária.

— Me mandaram trazer isso para cá.

Luciella e eu não conversamos muito. Minha irmã e eu não somos o tipo de gêmeos que se conectam com as emoções, não estamos sincronizados.

Ela chora muito. Ela é muito aberta sobre suas emoções. Fica brava e grita; chora e berra. E implora, quase toda hora, pro meu melhor amigo voltar pra casa. Mas ele não pode.

Base também não tem falado muito. Ele está ocupado com o drama russo. Eu entendo, ele tinha uma vida fora das minhas merdas, e eu o respeito muito por ter salvado minha irmã. E Dez também está voltando para casa. Ele e Tylar voltarão a tempo para o funeral de Jason.

Meu telefone vibra na minha cômoda e tento me sentar, mas os cachorros estão em cima de mim. Eu os deslizo de cima de mim — de alguma forma, eles continuam dormindo — e pego meu telefone.

Sardentinha: Por que você está acordado?

Eu: Quem é a stalker agora? Estou assistindo TV. Quer

subir aqui?

Sardentinha: Posso acabar dormindo na sua cama sem querer.

Eu: Então vou deixar você dormir na minha cama.

Sardentinha: Só se você quiser.

Eu: Eu quero.

Sardentinha: Por favor, não vai começar a aspirar as cortinas e surtar de novo. Estou subindo.

Franzo a testa para a tela, confuso, e então me dou conta de que minha mãe deve ter contado a ela que me pegou fazendo exatamente isso quando Stacey veio aqui, quando éramos adolescentes.

Aquela traidora.

Então, sinto uma pressão no peito, porque a Stacey está subindo aqui, e eu não tenho a mínima ideia do que diabos somos ou o que estamos fazendo.

Deixo meu celular cair e me levanto, andando de um lado para o outro no quarto com as mãos no cabelo até ficar tonto e ter que me sentar. Quando ouço uma batida na porta, pego o lenço e o prendo no lugar.

Depois de dar uma olhada no meu quarto para me certificar de que está arrumado, com as portas da varanda abertas para eliminar o cheiro de maconha, fecho os olhos e respiro fundo. Meus pulmões falham quando abro a porta e encontro a garota por quem sou obcecado desde os quinze anos.

Stacey está vestindo um pijama de short e blusa seda, e pantufas felpudas com carinhas de cachorro. Ela sorri sonolenta e entra enquanto eu me afasto. Os cachorros correm até ela, que se agacha para vê-los antes de se jogar na cama.

— Eu diria que senti falta do seu quarto, mas dormi aqui por semanas.

— Por quê? — Minha sobrancelha se arqueia enquanto fecho a porta e a

tranco. *Espera, é normal trancar a porta se ela é só uma amiga?*

Ela dá de ombros, hesitante.

— Como eu disse, senti sua falta. Me sentia próxima de você, mesmo que não estivesse aqui.

— Parece um pouco psicótico e obsessivo. Acho que você passou tempo demais com meu pai.

Meu pai. Que está com…

Pisco para afastar o pensamento e cruzo os braços. O sorriso dela permanece nos lábios, mas desaparece dos olhos.

— Talvez. Ou talvez eu só quisesse estar perto dos cachorros. — Ela os acaricia e se mexe para que Hopper possa descansar a cabeça em seu braço.

Eu bufo.

— Eles ainda gostam mais de mim.

— Isso é discutível.

— Vá para a cama e vou colocar alguma coisa — ordeno enquanto pego o controle remoto da TV e ligo.

— Vamos mesmo assistir a alguma coisa? Não podemos simplesmente dormir? São quatro da manhã.

Dou um sorrisinho e puxo o edredom.

— Eu sabia que você só queria vir para a minha cama.

Ela ri baixinho, e, porra, como eu senti falta disso.

Espera aí. Estamos flertando?

Estamos.

Eu acho.

Ela revira os olhos.

— Eu nunca vou dormir se você colocar um filme.

De qualquer forma, eu preciso de algo ligado. Sons de fundo abafam as vozes na minha cabeça. É idiota, mas já tentei de tudo para impedi-las — tentar dormir é uma tortura. Às vezes, elas são tão altas que acredito que sejam reais. Acredito que estou na cama dela, esperando que ela me corte ou me drogue, ou que ela traga nossa próxima vítima.

— Não estou esperando nada de você — diz em um tom sério. — Só quero estar aqui para você, tudo bem? Se quiser minha companhia, estou aqui. Se quiser que eu te distraia de tudo, também estou aqui.

Franzo as sobrancelhas enquanto me deito na cama.

— Eu não te entendo de jeito nenhum.

Ela inclina a cabeça, confusa.

— Eu tentei atirar em você. Te persegui enquanto dirigíamos e apontei uma arma para a sua cabeça. Você… — Eu engulo em seco. — Você foi

estuprada depois de perder nossa filha, e eu te abandonei.

Ela não se abala enquanto dá de ombros.

— Todos os relacionamentos têm seus obstáculos, Kade. Você não estava no controle de nenhum dos seus atos. O que está feito, está feito. Tudo o que podemos fazer é seguir em frente, está bem?

Minha voz fica mais baixa quando respondo:

— Mas eu não sei como seguir em frente.

Ela apoia a cabeça no travesseiro e eu me viro para encará-la. Ela se estica e dá uma puxadinha no tecido no meu rosto.

— Tire isso. Você não precisa usar.

Nego com a cabeça.

— Não precisa se esconder de mim.

Só que eu preciso. E *ela* deveria estar se escondendo de mim.

— Bernadette me fez cortar meu próprio rosto com uma faca. Era isso ou ela machucaria minha irmã.

Acho que já disse isso a ela, mas seus olhos lacrimejam mesmo assim enquanto suas narinas se dilatam.

— Ela é um monstro — rosna. — Nunca odiei tanto alguém na vida. Ela e aquele marido estúpido e desprezível dela.

Olho para ela, me perguntando se ela sabe o quanto os dois me violaram. Será que ela me veria de forma diferente se soubesse que fui estuprado pelos dois? Que fui estuprado por homens e mulheres, às vezes ao mesmo tempo?

Uma parte de mim acha que ela sabe. Mesmo assim, ela ainda está aqui, na minha cama, passando um tempo comigo. Ela não me acha nojento ou usado.

— Você quer falar sobre isso?

— *Não* — estalo, me odiando pela resposta de merda e pelo jeito como ela se encolhe. — Merda. Desculpa. Não. Você sairia correndo se soubesse metade das coisas que ela me fez fazer. — Balanço a cabeça de um lado para o outro. — Você viu o que eu fiz com o seu irmão postiço. Isso não é nada comparado a todo o resto. Uma vez, eu fiz um cara comer os próprios intestinos.

Seus olhos se arregalam em surpresa.

— Ah.

— Eu queria fazer o mesmo com o Chris, mas acho que acabei me perdendo. Não me lembro de muita coisa. — Mordo o lábio. — Me desculpe pelo que fiz com você na frente dele.

Sua expressão permanece a mesma.

— Eu queria que você tivesse me fodido na frente dele. Teria o machucado muito mais.

Observo seu rosto; como ela é linda.

— Eu me odiaria mais se tivesse te fodido.

— Por quê?

Solto uma risada irônica.

— Por que você iria me querer perto de você?

— Porque eu te amo. Porque eu sempre te amei. Independentemente de tudo o que você passou e das mudanças que nós dois tivemos que fazer em nossas vidas, meus sentimentos continuam os mesmos, Kade. Eu nunca vou parar de te amar.

— Eu queria poder ser o antigo eu de novo — admito baixinho. — Eu odeio quem eu sou agora. Porque tudo em que consigo pensar é em matar pessoas.

Ela se mexe, mas não por desconforto.

— Quem você quer matar?

— Todos que já te fizeram mal, te machucaram, te tocaram sem o seu consentimento. Quero despedaçar todos eles. Eu me destruiria para te manter segura.

— Você tem uma alma linda — ela diz. — Você vale mais que a morte.

Eu quero me inclinar para frente e beijá-la, mas afasto a vontade.

— Vai dormir.

— Vai dormir, você — ela dispara de volta.

Reviro os olhos e os fecho.

— Esqueci o quão insuportável você é.

— Esqueci quanto espaço você ocupa na cama. Fique na sua metade!

Eu rio quando ela chuta minha canela em uma tentativa inútil de marcar o território dela. Agarro a parte de trás da sua coxa e a puxo para perto de mim para diminuir um pouco a distância que ela colocou entre nós.

É um movimento distraído, e nós dois abrimos os olhos, nossos olhares se chocando ao sentir minha mão em sua pele nua. Isso acende um fogo dentro de mim que estou desesperado para apagar. Tenho flashes das vezes em que estive dentro dela, e um calor percorre meu corpo.

Ela é a única pessoa que eu já quis de fato. A única pessoa que me excita. A única pessoa com quem imaginei passar o resto da minha vida.

Sua perna sobe até meu quadril, e tento arrastar meu dedo médio do seu tornozelo até a parte de trás do seu joelho, mas ela agarra meu pulso.

— Preciso me depilar.

Solto uma risada ofegante.

— Achei que eu estava tocando um cacto.

Ela se afasta e leva a perna junto.

— Seu grosso.

Dou um sorrisinho e fecho os olhos de novo, a pele ardendo por mais um toque.

— Já são quase cinco da manhã.

— Ótima capacidade de observação, Sr. Mitchell.

Abro os olhos e a vejo puxar o edredom até o queixo.

— Fica do meu lado no funeral no sábado.

Ela assente.

— Vou ficar. Vai ficar tudo bem. Ainda bem que finalmente liberaram o corpo dele.

Faço um som afirmativo enquanto tiro o lenço do rosto.

— Sim.

Apago a luminária, deixando só o brilho da TV ligada, o som do programa que escolhi vira um murmúrio suave ao fundo. Não fico assim tão nervoso desde o nosso primeiro beijo, mas preciso dar algo pra ela. Pra mim e pra ela. Preciso tentar.

Me inclino e apoio a mão no travesseiro ao lado da cabeça dela, olho para baixo.

— Não se mexa.

Ela assente levemente com a cabeça, me observando baixar até ela, o cabelo caindo sobre meus olhos.

Beijo sua bochecha, pairando por um segundo quando ela solta um barulhinho fofo. Pressiono meus lábios um pouco mais para perto de sua boca enquanto ela permanece imóvel, mas sem fôlego.

Fecho os olhos e tento tirar minha concentração das vozes, gritos e tiros que ecoam em minha mente. Eles quase me impedem de beijá-la novamente, mas ela agarra meu queixo.

— Você está no controle.

Só que eu não estou.

— Você pode ir até onde quiser. Você está no controle disso, Kade. Eu sou sua — ela diz, e seus olhos pousam na minha boca. — E você é meu.

— É?

— É.

Quando me inclino novamente, meu nariz roça no dela e desliza contra sua bochecha, nossos lábios estão a milímetros de distância, e minha respiração sai acelerada enquanto tento manter o controle.

— Me beije — ela sussurra contra minha boca, sabendo o quão desesperadamente eu quero fazer exatamente isso. — Somos só eu e você. Sempre fomos só eu e você. Contra o mundo.

Meu coração para e volta a bater quando meus lábios pressionam os dela suavemente.

Eu a beijo devagar no começo, igual da primeira vez que nos beijamos, o meu nervosismo, pegando fogo. Ela fica com as mãos quietas, enquanto as minhas repousam de cada lado do travesseiro.

Meus dentes roçam seu lábio inferior suavemente, e ela abre os lábios e chupa o meu lábio superior. Ela arrasta beijos lentos e suaves até o canto da minha boca, e prendo a respiração enquanto ela pressiona a boca na minha cicatriz, descendo até o meu maxilar e voltando aos meus lábios.

Ela cuidadosamente segura meu rosto entre as mãos, suas pupilas dilatando-se mais a cada segundo.

— Eu te amo. Eu te amo desde que tínhamos dezoito anos. E vou te amar até ficarmos velhos e grisalhos e termos vivido nossas vidas inteiras juntos.

Meu mundo inteiro parece prestes a desabar com as palavras dela, e eu só quero envolvê-la com tudo o que tenho e protegê-la. Quero tirá-la de tudo isso e começar uma nova vida.

Ela pode ser a próxima a morrer.

Deslizo a língua entre seus lábios, a mão acaricia seu rosto, escorregando até o pescoço, e paro de repente ao lembrar de quantas pessoas morreram por minha culpa, estranguladas ou com o pescoço quebrado.

Afasto minha mão da necessidade visceral de estrangulá-la e a fecho em punho ao meu lado enquanto me afasto dela. Todo o oxigênio desapareceu do quarto? Por que não consigo respirar?

Ela se senta, com o cabelo escuro caindo sobre os ombros, e me observa enquanto meus pulmões queimam, meu cérebro está falhando enquanto minha visão fica turva.

— Você está bem? Você ficou pálido.

Tento me sentar e respirar, mas é como se minha mente não estivesse se conectando com meu corpo. Há um zumbido no meu ouvido esquerdo e ouço um tiro.

Bom garoto.

Bom garoto.

Bom garoto.

Outro tiro dispara.

Isso me faz estremecer, mas sei que não é real.

Nunca é real agora.

Sinto um formigamento por todo o corpo e sinto como se estivesse caindo. Uma queda enorme. Estremeço de novo.

E de novo e de novo e de novo.

Não consigo falar. Tento dizer a Stacey que tudo está ficando dormente, mas as palavras saem embaralhadas. Minha visão fica turva, e a última coisa que ouço é Stacey suspirando de forma assustada enquanto meu corpo se contrai violentamente antes de tudo ficar escuro.

CAPÍTULO 29



Stacey

O silêncio mortal preenche o cemitério enquanto caminhamos lentamente atrás do caixão preto, com um buquê de rosas brancas em cima. Luciella está ao meu lado, segurando minha mão e a da mãe dela. Elas estão soluçando, enxugando as lágrimas com um lenço.

Mantenho o olhar voltado para a frente, o grande guarda-chuva acima de nossas cabeças nos mantendo secas da chuva torrencial.

O grupo de pessoas segue atrás de nós, todas de preto, todas em silêncio, exceto pelas fungadas cheias de tristeza. Dez e Tylar estão logo atrás de mim. Eles chegaram à mansão esta manhã, bem a tempo para o funeral.

Além das fungadas, está tão silencioso que consigo ouvir cada gota de chuva, cada estrondo de trovão à distância e os suspiros ofegantes de Lu.

Kade e Ewan estão carregando o caixão, junto com quatro amigos de Jason, e o agente funerário está liderando o caminho para uma cova funda. Foi reservada anos atrás para Ewan e Aria; ninguém sabia que Jason seria o primeiro a preenchê-la.

Quando chegamos ao terreno, olho para trás, com o ar quase saindo dos meus pulmões de tão linda que a vista é, apesar da chuva. Daqui podemos ver todo o lago, os Munros ocupando o céu; ao longe, está a mansão cercada por

árvores. Durante o verão, será uma visão maravilhosa.

Nos reunimos ao redor do buraco no chão, e meus olhos se fixam em Kade, que está completamente impassível enquanto os ajuda a baixar o caixão de Jason sobre as ripas de madeira que cobrem o terreno antes de soltar as cordas que usarão para descer o caixão.

Ewan está um desastre. Seus olhos estão vermelhos e as lágrimas encharcaram suas bochechas enquanto ele chora audivelmente por seu filho. Ele está cobrindo a boca com uma mão, a outra no caixão.

Seus dentes batem enquanto ele olha ao redor, seu olhar finalmente pousando em sua esposa. Aria estende a mão e pega a dele, puxando-o para perto, e ele mal se segura, seu corpo tremendo sob o abraço dela.

Kade está ao meu lado, com o olhar vazio enquanto observa a grama além do caixão. Percebo a tensão em sua expressão; ele está se esforçando muito para manter a calma. Ou ele vai se desmanchar em lágrimas, ou vai quebrar algo ou alguém.

Tento segurar sua mão, mas ele se afasta e meu coração se afunda.

Um homem mais velho, de traje formal, fala sobre a vida e a morte, sobre Jason e como ele era adorado. Ele fala de paz e amor, até que as palavras se confundem como minha visão, e eu abaixo a cabeça.

Quando ele para de falar, pede para os carregadores se aproximarem novamente, e *The Woods* de Hollow Coves, a música favorita de Jason, toca enquanto eles lentamente abaixam o caixão para a cova.

Kade continua uma estátua; seus movimentos são quase robóticos. Seu olhar é frio, inflexível, e ele mal dá atenção a alguém.

Ele nem está olhando para o caixão, está olhando para além dele.

Kade é apenas uma casca de emoções em pedaços, e eu não tenho ideia do que isso significa. Ele é uma bomba-relógio? Vai se perder completamente? Vai explodir na hora errada? Vai superar tudo isso?

O cabelo de Kade está encharcado, caindo sobre a testa enquanto ele lambe uma gota dos lábios, com as narinas dilatadas. Raiva. Está crescendo dentro dele como um inferno em chamas.

Todos nós ficamos em silêncio enquanto a música preenche o silêncio, a letra muito apropriada considerando que estamos no topo de uma colina e a vista das árvores abaixo é linda.

Ele deve estar aqui, de pé conosco, provavelmente balançando a cabeça no ritmo da música, enquanto tentamos segurar o choro e assoar o nariz. Ele não ia querer nos ver triste e na pior, ia querer que vivêssemos a nossa vida e fôssemos felizes.

Olho por cima do ombro e meu olhar lacrimoso pousa em uma Giana de

coração partido. Seu lábio inferior treme, e ela parece não ter pregado os olhos há dias, devido às olheiras. Ela segura uma rosa trêmula na mão, o espinho cortando sua pele enquanto luta para encher os pulmões.

Ela não tentou falar com ninguém, ninguém tentou falar com ela também. Eles esperavam resolver as coisas. Jason estava melhorando por ela e agora se foi.

Quando a música termina, Kade volta a ficar do meu lado enquanto Ewan se esforça para falar. Ele tenta agradecer a todos por terem vindo, dizer que cada um de nós significou muito para Jason e que ele permanecerá vivo em nossos corações, mas sua voz continua falhando e ele acaba precisando da esposa para confortá-lo e levá-lo de volta à multidão.

Luciella se move para ficar ao lado do caixão, e eu prendo a respiração. Minha melhor amiga não tem sido a mesma desde que saímos do chalé.

Ela chora o tempo todo e come ainda menos que Kade.

Tentei mantê-la no estúdio comigo — nos exercitamos, dançamos, nos alongamos, deitamos nos colchonetes e eu ouço todas as suas histórias sobre quando Jason era pequeno.

Ela pigarreia, desdobra um pedaço de papel e respira fundo.

— No seu décimo segundo aniversário, eu… — Ela faz uma pausa. — Dei meus primeiros passos e fui direto para os seus braços. Quando fiz quatro anos, comecei meu primeiro dia na escola e você foi o único q-que conseguiu me acalmar quando eu chorei. M-m-minha primeira festa da escola…

Ela quase deixa cair o pedaço de papel. Kade está rígido como uma tábua ao meu lado, sem emoção, mas posso ver em seus olhos que ele está lutando contra o que sente. Ele está testemunhando sua irmã gêmea desmoronar na frente de todos.

Base nem está aqui para confortá-la. Ele está na Rússia, lutando com a família para cancelar o casamento arranjado que concordou e voltar para a garota que ama.

Estendo a mão pro Kade de novo e prendo a respiração até que ele aperte a minha com força, sua garganta engolindo em seco.

Lu enxuga os olhos.

— Me desculpem. — Ela solta um suspiro. — Ninguém quis ser meu par no baile da escola, então você dançou comigo no parquinho. — A voz dela falha. — Você dançou comigo até a música do salão parar. No baile de formatura, eu não tinha gostado dos meus sapatos, mas não quis contar pra minha mãe, então você usou seu primeiro salário pra me comprar um par novo. E eu tinha medo do escuro… então você e o Kade dormiam no chão do meu quarto sempre que eu tinha pesadelos.

Os dedos do Kade apertam os meus, e eu olho para cima e vejo uma lágrima solitária escorrendo pela sua bochecha, o músculo do seu maxilar pulsando a cada piscada. Acaricio a mão dele com o polegar e apoio a cabeça em seu ombro.

Os tremores de Luciella pioram, mas ela continua.

— Você se mudou, e eu senti como se um pedaço da minha alma estivesse faltando. Você ia me levar até o altar. Segurar meu primeiro filho. Me ver crescer.

Ela para e leva a mão à boca, e Aria assente com a cabeça, sorrindo calorosamente.

— Você está indo bem, querida.

— Você… você era... *é* o irmão mais velho perfeito para mim e para o Kade. O melhor. Carinhoso, solidário, engraçado e exatamente o tipo de irmão que todo mundo merece. Eu te amo, Jason. E-eu sinto sua falta.

Kade solta minha mão.

— Que se foda — ele cospe entre os dentes e abre caminho pela multidão.

Não hesito em ir atrás dele. Nem cinco de seus guardas. Mas antes de alcançá-lo, ele cambaleia para o lado, cai na grama e começa a convulsionar novamente.

— Crises psicogênicas não epilépticas — o médico diz, lendo sua prancheta. — Pelo EEG durante o terceiro episódio, não houve picos de atividade elétrica que indicassem epilepsia, então provavelmente podemos descartar essa possibilidade, embora não completamente. Crises epilépticas não são incomuns para alguém que sofreu tanto trauma quanto você, Sr. Mitchell. Seu pai também sofreu de pseudoconvulsões.

Aria se senta ao lado de Kade.

— Elas só pararam há uns dez anos — ela diz. — Ele tinha gatilhos que as provocavam. Qualquer coisa, desde uma palavra a uma sensação ou um cheiro, o desencadeava. É por isso que ele não tinha permissão para dirigir quando era mais novo. Ele bateu quando teve um desmaio e quase matou alguém.

O maxilar de Kade se contrai enquanto ele encara o joelho que não para de balançar, as pernas bem afastadas, largado no sofá ao meu lado. Acho que ele nem está ouvindo.

Assim que Aria o levou ao consultório do colega, ele foi encaminhado para exames, e por acaso detectaram uma terceira convulsão, o que lhe rendeu um diagnóstico definitivo. O médico disse que ele teve sorte, porque pode levar anos para alguém detectar esse tipo de convulsão em um EEG.

— Pseudo? — pergunto, inclinando a cabeça.

— Pseudoconvulsões — o médico esclarece. — Elas imitam crises epilépticas, mas são causadas por estresse, ansiedade e outros fatores mentais.

— O que Tobias fez para acabar com elas? — pergunto, com muita vontade de segurar a mão de Kade, mas sem saber como ele reagiria. Já sinto que estou ultrapassando os limites só de estar ali, mas ele me obrigou a me sentar com ele.

O médico olha para Aria, e ela me dá um sorriso caloroso.

— Tempo. E muita ajuda da instituição. Ele disse que sempre sentia que elas chegavam e não fazia ideia de como pará-las. Não que elas pudessem ser paradas. Só que… com o tempo, elas começaram a aparecer com menos frequência, até que passaram a ter semanas, meses e depois anos de intervalo.

Kade fecha os olhos com um suspiro profundo e aperta a ponte do nariz.

— Não tenho tempo para essa merda.

O médico pigarreia enquanto arruma suas coisas.

— Recomendo bastante repouso. Relaxe por alguns dias. Não faça exercícios extenuantes. — Ele me lança um olhar penetrante e volta para Kade.

— Estou ocupado demais para descansar.

Correção: ele precisa continuar torturando Archie na câmara fria.

Aria suspira.

— Ele vai descansar. Obrigada, Doutor Shique.

O homem abaixa a cabeça em reconhecimento, e Aria o acompanha para fora da mansão enquanto Kade franze a testa. Viro-me para ele e seus olhos suavizam um pouco.

— Como você está se sentindo?

— Bem. Só preciso que esse maldito dia acabe logo.

Mordo o lábio e me recosto enquanto Aria volta para o escritório, esfregando o braço.

— Por que você não toma um banho e vai dormir mais cedo?

Kade não responde, ele apenas se levanta e sai furioso, mas antes que possa desaparecer, eu o vejo piscando excessivamente de novo.

— Precisamos ficar de olho nele — Aria me diz. — Acho que Kade está muito imprevisível no momento, e você pode ser a única pessoa o mantendo firme. Hoje deve ter sido demais para ele aguentar.

Não sinto a menor vergonha ao dizer a ela:

— Ele me beijou. Outro dia, segundos antes de ter uma convulsão, ele me beijou. Acho que isso desencadeou. Foi a primeira vez em um ano que estivemos… assim.

Não menciono que ele me tocou na frente do Chris. Aquilo foi diferente.

— Não sabemos se isso foi um gatilho.

Assinto com a cabeça enquanto me levanto e aliso meu vestido.

— Como você está? Eu sei que hoje foi difícil.

Ela dá de ombros timidamente.

— Eu realmente não sei como responder a isso.

— Sim. — Dou um sorriso tenso, que some quando dou um passo à frente, nervosa. — Sinto muito, de verdade, pelo Jason. Eu sei que se eu não estivesse lá, talvez ele não…

Aria levanta a mão para me impedir.

— Não. Não faça isso de novo, Stacey. Você não tem culpa. Nada disso é culpa sua. É daquela mulher horrível e desprezível.

Assinto com a cabeça de novo.

— Luciella está dormindo. Tylar foi para casa arrumar algumas roupas para ficar aqui por um tempo.

— Ela vai adorar ter vocês três juntas de novo. Minha melhor amiga e eu morávamos juntas. Era como ter uma irmã.

— Sim — respondo. — Gabriella.

Seus olhos brilham.

— Nós a enterramos a alguns lotes de onde Jason está agora. Eu vou toda sexta-feira até lá e coloco flores frescas. Converso com ela, sabe? Conto sobre minha vida e meus filhos, sobre o que estaríamos fazendo se ela ainda estivesse aqui. Pedi a ela para cuidar do Jason para nós.

A melhor amiga dela foi assassinada pelo melhor amigo de Tobias. Ele esmagou o crânio dela com um martelo. Aria esfaqueou o assassino até a morte e, sem querer, enfiou a faca na lateral do corpo de Ewan.

Foi um horror.

Engulo em seco.

— Estou preocupada com o Kade.

— Ele passou por muita coisa. Temos sorte de tê-lo em um estado semi-sano tão rápido. O Doutor Shique também acha que ele está em negação, mas acho que ele só está focado em trazer o pai de volta e descontar sua raiva no homem no meu freezer. — Ela faz uma careta. — O cheiro está horrível lá embaixo.

Contra a minha vontade, um sorriso irrompe.

— Aquele cara merece tudo o que está acontecendo com ele. Pelo

menos não podemos ouvir os gritos dele enquanto tentamos dormir.

— Concordo, e é por isso que ele ainda está lá. Mas eu te garanto que Kade Mitchell vai estar de joelhos limpando meu freezer inteiro antes que eu o reabasteça.

Sorrio para ela, mas logo o sorriso some.

— Se isso ajudar de alguma forma com as convulsões, vou ficar longe do Kade… romanticamente. Sei que existe a chance de eu ter desencadeado uma, e não quero que isso aconteça de novo. Vou estar lá por ele, como amiga. — A palavra “amiga” fica presa na minha garganta. — Não consigo me afastar dele.

— Claro — ela responde, apoiando a mão no meu ombro. — Vocês dois passaram por muita coisa. E não vamos esquecer do que você teve que suportar. Sigam em um ritmo que seja confortável para vocês dois, se conseguirem. Ele perdeu o controle do corpo uma vez e vai sentir que isso está acontecendo de novo com essas convulsões. Ele te ama muito. Eu vejo isso toda vez que ele olha para você.

— Eu também o amo.

Kade pigarreia; ele está parado na soleira da porta, nos fuzilando com o olhar.

— Ewan está procurando por você — ele diz para a mãe.

CAPÍTULO 30



Stacey

Aria passa por Kade e dá um tapinha em seu peito, então desaparece de vista.

Seus olhos pousam em mim.

— Não vou limpar freezer nenhum.

Cruzo os braços e jogo o quadril para o lado.

— Não devia ficar escutando conversa alheia. É falta de educação.

Ele respira fundo pelo nariz e entra, fechando a porta atrás de si. Enfia as mãos nos bolsos da calça e dá um passo à frente.

— Você acredita em mim agora, que eu não sei como estar em um relacionamento?

Abaixo a cabeça.

— Não é isso.

— Você mesma disse isso. Que me deu gatilho. E isso me deixa possesso, Stacey.

Mordo o lábio.

— Eu sei.

Ele tira a mão do bolso e bate agressivamente na lateral da cabeça com os dentes à mostra.

— É a Bernadette. Ela está na minha cabeça o tempo todo. Cada coisa que eu faço, ouço a voz dela, sinto o cheiro do perfume dela e sinto as unhas dela cravando na minha pele. Estou me esforçando tanto para deixar tudo isso de lado e ser bom o suficiente para você. — Ele diminui a distância entre nós, fazendo meu pulso acelerar. — Eu. Não. Sei. Como.

Luto contra as lágrimas, enxergando sua alma abusada através da letalidade de seus olhos.

— Mas, apesar de todos os motivos para não querer, quero ficar com você. Eu preciso de você.

Minha cabeça se inclina enquanto uma lágrima escorre pela minha bochecha.

— Você precisa?

— Claro que sim — ele diz com a testa franzida, diminuindo a distância restante entre nós e enxugando a lágrima com o polegar, acariciando abaixo do meu olho enquanto segura meu rosto. — Mas eu já fiz tanta merda e não sei como consertar nada disso.

— Eu já te perdoei — respondo, com a voz trêmula.

— Não sei nem como me perdoar por tudo o que fiz, então como posso esperar que você faça o mesmo?

Quando ele encosta a testa na minha, abro os lábios com uma respiração ofegante, sentindo um calor percorrer minha espinha, desde os dedos dos pés.

— Então você precisa aprender a se perdoar, porque eu não vou embora. Sempre estarei do seu lado.

Minhas terminações nervosas tremem, prontas para entrar em combustão enquanto ele envolve minha nuca com os dedos, acariciando minha orelha com o polegar. Sinto um calor crescente com seu toque. Sua camisa branca está esticada sobre seus músculos, os punhos da camisa enrolados até os cotovelos, exibindo seu relógio caro.

— Eu também preciso de você — acrescento.

— Mesmo que eu tenha apenas uma bagagem cheia de traumas?

Sorrio.

— Eu também tenho a minha própria bagagem. Podemos trocar quando elas ficarem muito pesadas, assim podemos nos equilibrar.

Kade solta uma risada, encostando o nariz no meu.

— Quero tentar te beijar de novo. Posso?

— Me promete uma coisa primeiro.

Ele arqueia uma sobrancelha.

— O quê?

— Não me afaste.

Ele aproxima a boca da minha, um fogo se acendendo dentro de mim enquanto sussurra contra meus lábios:

— E se for para o seu próprio bem?

Ele tenta me beijar, mas pressiono meus dedos contra seus lábios.

— Não quero que você pense que precisa forçar isso e acabe tendo uma convulsão de novo. Podemos esperar. Podemos ir devagar.

— Devagar — ele repete com uma leve careta, como se a palavra o enojasse. — Nunca mais quero ouvir essa palavra vindo de você quando se trata de nós. Nós faremos o que diabos quisermos.

Seus lábios são tão macios sob minha pele, e a ponta da sua língua se projeta, acariciando meus dedos. Eu afasto minha mão bruscamente, sentindo a eletricidade fluir por ela.

Ele não está usando o lenço. Fico feliz; não quero que ele se esconda de mim. Quando beijei sua cicatriz antes, estava mostrando a Kade que ela é parte dele, e eu amo todas as partes dele. Até as mais escuras. Sempre amarei essas partes.

Não é feio, nem algo que deva ser escondido. Mostra sua coragem, como ele impediu que sua irmã fosse torturada, cortando-se e sobrevivendo à punição.

Nada em Kade me assusta. Mesmo que ele tenha me perseguido numa estrada de moto, apontado uma arma para o meu rosto, atirado em mim, me tocado coberto de sangue, além de todas as outras coisas erradas que fez. Ele não me assusta. Esse lado — o lado assustador, cruel e extremamente perigoso — é o que todos veem, mas eu posso ver um Kade diferente.

O verdadeiro Kade.

Aquele que viajou de férias comigo. Ficou bêbado e cantou karaokê, nadou no mar e me beijou sob o pôr do sol. Que me mandou mensagens de bom dia e boa noite todos os dias, sem exceção, e que compartilhamos todas as nossas primeiras vezes.

Tudo o que ele fez na vida — matar, transar, torturar — ele fez para proteger aqueles que ama. Inclusive eu.

Quase sorrio, sentindo uma felicidade que transborda lá no fundo, enquanto borboletas despertam no meu peito. Olho nos olhos da única pessoa com quem eu quero estar. A única pessoa com quem eu sempre quis estar.

Kade Mitchell me ama.

Eu sou dele. E ele é meu.

Meus pulmões param de funcionar quando sua outra mão pousa no meu quadril, me puxando de volta até eu esbarrar na mesa. Eu me empurro para cima dela sem pensar, meu vestido subindo pelas minhas coxas enquanto as abro o

suficiente para ele se encaixar entre elas.

Eu o puxo pela camisa, trazendo-o para mais perto de mim, até sentir cada pedacinho do seu calor.

— Seu discurso para minha mãe não vai rolar. Eu não mereço você. Eu não mereço seu perdão — ele diz, fazendo meu corpo cantar enquanto aproxima a boca do meu ouvido e abaixa a voz. — Eu não mereço nem estar na porra da sua companhia.

Calafrios me tomam enquanto ele me beija.

— Mas eu te quero. Quero tudo o que você estiver disposta a me dar. Quero você comigo, embaixo de mim, por cima de mim.

Meu peito sobe e desce enquanto ele chupa a pele atrás da minha orelha e morde meu lóbulo, prendendo-o levemente entre os dentes.

— Eu me esforcei tanto para manter distância, Stacey, mas não consigo mais.

— Espera. — Minha coluna se arqueia, e eu solto a camisa dele para me apoiar na mesa. — Você pode forçar demais e ter outra convulsão.

Kade bufa e encosta a testa no meu ombro, balançando a cabeça de um lado para o outro.

— Não vou deixar que uma besteira neurológica herdada do meu pai me impeça de conseguir o que quero.

Não tenho certeza se isso é verdade, mas não quero corrigi-lo.

Levanto uma sobrancelha quando ele olha para cima.

— E o que você quer?

— Você. Eu quero ser a pessoa em quem você pensa quando acorda, quando vai dormir, quando desliza a mão entre as pernas e encontra prazer.

Suas mãos apertam minhas coxas trêmulas com força enquanto ele arrasta seu olhar faminto e velado por todo o meu corpo. Ele está tentando se controlar.

— O que mais?

Ele suga o lábio inferior e o segura entre os dentes enquanto meu vestido desliza mais para cima, expondo minha calcinha definitivamente encharcada.

— Seu corpo. Quero ser a única pessoa a te tocar, beijar e foder. Quero reivindicar todas as suas emoções. Medo. Raiva. Tristeza. Felicidade. Amor. — Ele pressiona o polegar contra meu clitóris através da calcinha, e eu solto um gemido suave com a sensação abrupta. — Quero seu coração, cada pedaço que eu quebrei ao longo dos anos. Eu tenho seu passado e seu presente, e quero ser uma babaca egoísta e ter seu futuro.

— Você já tem — eu respiro, deixando escapar um gemido baixo

enquanto ele belisca meu clitóris. Eu me inclino mais para trás, minhas palmas pressionando a mesa enquanto ele me circula, e o sinto endurecer contra a parte interna da minha coxa. — Você já tem tudo isso.

— O monstro em mim quer que você fique apavorada. Quero que você corra para o outro lado do mundo de novo e fique lá. — Ele afasta o polegar, me deixando ofegante de desejo. — Quero que você tenha medo de mim.

Levanto o queixo enquanto me sento, meus braços envolvendo seus ombros lentamente, sentindo os músculos tensos sob meu toque.

— Nunca terei medo de você — digo baixinho, com a voz suave e honesta. — Nunca.

Minhas mãos deslizam para os lados do corpo dele e o envolvem pela cintura, e meus olhos se arregalam quando sinto uma arma na parte de trás da cintura dele.

Ele agarra meus pulsos e pressiona minhas mãos de volta contra a mesa.

— Você devia ter medo de mim. Eu posso adorar o chão que você pisa, mas você não tem a menor ideia do que eu sou capaz. Eu poderia quebrar seu pescoço sem piscar, te confundindo com um cliente. Eu poderia te foder com tanta força que você desmaiaria. Eu poderia te machucar de verdade, Stacey.

Engancho meus tornozelos atrás de suas coxas quando ele tenta recuar.

— Você me disse uma vez para não ter medo de você. Que às vezes as pessoas precisam mudar para sobreviver.

Ele suspira e desliza as palmas das mãos até minhas coxas novamente, afastando-as ainda mais.

— Eu disse isso, sim. Qual é o seu ponto?

— Você sobreviveu.

O gemido profundo vibra através dos meus ossos enquanto ele me puxa para a beira da mesa, pressionando seu pau duro contra minha calcinha encharcada.

— Será? Porque não parece.

— Você está aqui — digo, abaixando minha mão entre nós e apalpando seu membro grosso por cima da calça, fazendo seus dedos cravarem na minha pele. — Você está vivo. Está revidando. Isso é sobrevivência, Kade. — Dou um sorriso de lado enquanto suas pupilas dilatam. — Agora você é meu e só meu.

Faz tanto tempo que não o sinto. Todo ele. Esqueci o quão grande ele é. Ele é grosso, longo e cheio de veias. Talvez eu possa mesmo morrer se ele me penetrar.

Ele se empurra contra a palma da minha mão, e eu enrolo minha mão livre no tecido da sua camisa, aproximando seu rosto do meu.

— O que você vai fazer com a sua liberdade?

Kade me encara por um longo momento, respirando o mesmo ar que eu enquanto o toco através das roupas.

— Reconquistar minha garota.

Meu coração canta com a resposta dele, e eu sorrio.

— É?

— É.

Ele abaixa a cabeça e arrasta meu lábio inferior entre os dentes até que ele volta com um estalo pro lugar. Quando ele se afasta, vou atrás de seus lábios e agarro sua nuca, forçando-o a ficar parado enquanto devoro sua boca com desespero.

O gemido que ele solta faz minha boceta pulsar, e eu posso senti-lo ficando mais duro.

Beijo cada centímetro de seus lábios, sua cicatriz, mordiscando seu maxilar enquanto enrolo meus dedos em volta de seu pau através do tecido, tentando desabotoar os botões de sua camisa com uma mão para poder beijar a cicatriz que desce por seu pescoço.

Ele enrijece um pouco, então volto para sua boca.

Kade desliza sua língua contra a minha; ele tem gosto de fumaça, menta e algo que é totalmente meu. O aperto em minhas coxas se torna doloroso, mas eu me deleito com isso. Isso me deixa sem fôlego enquanto ele me beija como se fosse morrer se não pudesse provar minha língua com a dele.

— Porra — ele murmura em meus lábios. — Continue.

Estamos mordendo e chupando línguas e movendo nossas cabeças para aprofundar o beijo, e ele sussurra meu nome contra meus lábios enquanto engrossa ainda mais na minha mão. Mas quando pego seu cinto, Kade agarra meu pulso.

Ele não o solta, em vez disso, pressiona-o contra meu peito e me empurra até que eu fique deitada na mesa, minhas pernas balançando para fora da borda.

Ele tira a arma da cintura e a coloca ao lado da minha cabeça, a arma mortal tão perto que consigo sentir o cheiro acre de metal e pólvora.

— Se você continuar tocando meu pau, vou estragar seu plano de ir devagar e te foder nesta mesa até quebrarmos a madeira. — Ele solta meu pulso e dá um passo para trás o suficiente para enfiar os dedos sob minha calcinha e deslizá-la pelas minhas pernas.

Ele a deixa cair aos seus pés, encarando-a, então levanta o olhar para a área sensível entre minhas pernas que está zumbindo por toque.

— Eu sonho com você — ele diz em voz profunda, seus olhos escurecendo enquanto ele puxa o cinto das presilhas da calça preta. — Todas as

noites, eu sonho com você.

— Parece muito psicótico e obsessivo da sua parte — eu digo, usando suas próprias palavras contra ele, estremecendo quando ele se move para frente e massageia minhas pernas, perto do ápice das minhas coxas, cada carícia abrindo minha boceta para ele. — O que acontece nesses sonhos?

Tudo formiga quando ele se inclina para frente, respirando contra meu centro pulsante.

— Tudo.

Minha cabeça cai para trás com um gemido alto quando ele afunda dois dedos dentro de mim, seu polegar pressionando meu clitóris.

Ele enfia os dedos para dentro e para fora enquanto circula meu clitóris.

— Quem quer que tenha tocado em você enquanto estava na América, eu vou matá-lo. — Ele acelera, me fodendo com mais força, e eu tenho que cobrir minha boca para impedir que toda a mansão me ouça gemendo na mesa da mãe dele. — Vou rastrear todos eles e fazer com que desejem nunca ter visto você.

— Eu não estive com ninguém — suspiro. — Mas continue com suas ameaças.

Ele tira os dedos e empurra minhas pernas para cima, de modo que meus joelhos fiquem dobrados, e eu grito quando seus dentes apertam meu clitóris, e ele suga a dor.

Agarro a borda da mesa com uma mão, derrubando papéis e um porta-lápis enquanto tento agarrar qualquer coisa com a outra, decidindo enterrar meus dedos em seus cabelos enquanto ele chupa minha boceta.

Kade contorna meu clitóris e entrada com a ponta da língua, antes de chupar o feixe de nervos novamente e fazer minha espinha se contorcer, minhas costas se arqueando na mesa.

Quando ele enfia a língua pela minha entrada e me devora, eu puxo seus cabelos, trazendo-o com mais força para mim, esfregando-me contra sua boca enquanto ele alterna entre chupar, lamber e morder, me levando ao limite.

Seus lábios envolvem meu clitóris novamente, e ele afunda dois dedos de volta, adicionando um terceiro e então os curvando, bombeando para dentro e para fora até meu corpo ter espasmos, uma sensação de espiral envolvendo cada vértebra.

Ele murmura algo em uma língua diferente contra minha boceta, e quase soa como um elogio pelo tom que usa. Então, seu olhar se choca com o meu, e eu o observo lambendo cada centímetro de mim enquanto meus pulmões desistem.

O orgasmo me atinge como um acidente de carro, tomando conta de

todos os meus sentidos enquanto minha visão fica turva, minha garganta estalando com um gemido alto do seu nome, seu cabelo macio sob meus dedos enquanto puxo com força e chego ao meu limite.

Ele continua enquanto o orgasmo flui por mim em ondas, gemendo contra minha boceta, e minhas paredes internas esmagam seus dedos a cada pulsação até que eu esteja completamente esgotada na mesa.

Alguém bate na porta, e Kade afasta o rosto, mantendo os dedos dentro de mim e fazendo meus olhos revirarem.

— O que foi? — ele grita abruptamente quando a batida soa novamente.

— *Temos algumas informações, senhor.*

Ele lambe os lábios e, em vez de parar, continua me fodendo com os dedos, então se afasta, me puxa para fora da mesa e me inclina sobre ela.

— Me dê uma hora.

Ele se estica na minha frente e esfrega meu clitóris, a cabeça do seu pau pressionando entre minhas pernas.

— Está vendo aquela arma ali? — diz baixinho para que o guarda não ouça, e eu aceno, franzindo a testa enquanto ele a agarra e a enfia na minha mão. — Se eu te machucar, atire em mim.

Não tenho a chance de responder antes que ele me preencha com uma estocada violenta. Luto para não gritar tamanha é a plenitude, minhas unhas cravando na madeira da mesa enquanto seguro a arma.

Enterrado profundamente, imóvel, ele ofega e agarra meu pescoço com a mão livre, me puxando para cima até que minhas costas fiquem contra seu peito e apertando com força suficiente para que eu sinta uma pressão atrás dos meus olhos.

— Não faça nenhum som — ele avisa, falando no meu ouvido enquanto pulsa dentro de mim. Kade sai lentamente e me penetra com mais uma estocada, e meu corpo treme, vibrando contra ele.

Pele bate na pele enquanto ele empurra para dentro e para fora, e eu gemo baixinho, A intensidade é avassaladora, mas me aproxima de um novo orgasmo.

Quase perco a visão, mas Kade solta meu pescoço e me inclina sobre a mesa mais uma vez, segurando-me pela nuca no momento em que há uma batida na porta novamente. Olho por cima do ombro e vejo seus olhos escurecerem profundamente enquanto ele xinga baixinho e sai de dentro de mim.

Ele enfia o pau na calça, pega a arma de mim e se apressa em direção a porta enquanto eu corro para abaixar meu vestido. Arfo quando ele a abre e aponta a arma para a cabeça do guarda. Os olhos dele se arregalam e ele levanta as duas mãos.

— Que porra você quer? — Kade dispara enquanto engatilha a arma.

— Bernadette Sawyer foi levada para o hospital e está em estado crítico.

Kade pisca duas vezes e franze a testa.

— O que aconteceu?

Ele abaixa a cabeça.

— Me siga.

Vou com eles até a sala de jantar principal, onde Kade e sua equipe têm reuniões regulares para discutir os próximos passos da busca por Bernadette. Todas as telas estão ligadas, espalhadas pela sala. Uma delas mostra Archie, jogado no chão da câmara fria, coberto em suas próprias fezes.

Aria me dá um sorriso acolhedor enquanto caminho atrás de Kade, abraçando a mim mesma enquanto ele coloca a arma na mesa e se inclina para ver a filmagem.

— *Conseguimos localizar este arquivo* — Barry diz pelo alto-falante de um notebook. — *Aconteceu há seis horas.*

Na gravação, vemos um quarto, e Tobias entra com guardas o cercando. Ele está apenas de cueca boxer e, quando dá uma cotovelada no rosto de um deles, todos o atacam com cassetetes e as coronhas de suas armas.

Ele ri freneticamente enquanto seu rosto se enche de sangue, então agarra um guarda e crava os dentes em sua bochecha antes de chutar outro no rosto, deixando-o inconsciente. Um deles injeta algo em seu pescoço, mas ele nem pisca até que uma segunda dose seja administrada.

Ele fica fraco, e eles o sentam na beira da cama, todos recuando aterrorizados.

Quando eles saem, Bernadette entra vestindo um robe de seda. Ela está falando, mas não há som no clipe. Ela acaricia a bochecha dele e lambe o sangue em seu rosto, o que faz meu estômago se embrulhar, depois abaixa lentamente o robe.

Ela está nua quando sobe no colo dele, e Aria se vira.

Kade cruza os braços.

— Eu não vou assistir o meu pai transando com ela.

— *Continue assistindo* — Barry exige.

Ela tenta beijar Tobias, se esfregando em seu colo, mas ele se levanta abruptamente e a derruba. Ele está fortemente drogado, mas ainda tem controle. Eu não deveria estar surpresa, considerando que ele é Tobias, mas estou. Ele deveria estar inconsciente uma hora dessas.

Bernadette rasteja de volta, mas para quando ele agarra seu queixo. Ele diz algo que a faz sorrir, e ela lambe os dentes e os lábios.

Ela se posiciona de uma forma que parece que vai chupá-lo, mas

começa a se debater em suas mãos enquanto ele a aperta com mais força. Quase consigo ouvir o estalo de sua mandíbula quando ela solta gritos inaudíveis com olhos aterrorizados.

Ninguém entra a tempo de impedir Tobias de levantá-la pelo maxilar despedaçado e jogá-la contra a parede com força brutal. Uma, duas, três vezes. Sangue marca a parede onde sua cabeça bate.

Ela desmaia quando Tobias lhe dá um soco no rosto e a joga no chão.

— Merda — Kade solta, olhando para um de seus colegas. — Onde está meu pai agora? Ele ainda está vivo?

O homem mais velho olha para mim, abre outro arquivo e se afasta.

O clipe exibe uma reportagem não transmitida e pré-gravada. A repórter está parada em frente a um penhasco, com o vento chicoteando seus cabelos enquanto se dirige ao público.

— As autoridades recuperaram um corpo do carro. O indivíduo foi identificado como o assassino condenado Tobias Mitchell. Ele escapou de sua instituição nos Estados Unidos há pouco tempo e estava foragido desde então. Parece que a busca pelo psicopata chegou ao fim. Haverá mais informações nos próximos dias.

CAPÍTULO 31



Stacey

Ninguém fala enquanto Aria corre para o telefone, discando um número com dedos rápidos e pressionando-o contra o ouvido enquanto cobre a boca com a palma da mão. Ela está abafando um soluço, seu corpo tremendo.

É um choro silencioso. Um grito está preso em sua garganta enquanto o telefone chama. E chama. E chama.

É tudo o que conseguimos ouvir no silêncio da sala.

Olho por cima do ombro e vejo Kade olhando para o monitor, a tela pausada no rosto da repórter, o texto na parte inferior zombando de nós sobre a possível morte de Tobias.

Isso me tira o fôlego, pensar que pode ser verdade. Há um buraco no meu peito, e se eu me sinto assim, mesmo ele não sendo meu pai, o que diabos a família dele está sentindo?

Kade está batendo o dedo médio na mesa com uma lentidão assustadora, sua mandíbula apertada, sua respiração estável, mas exalada com dificuldade pelo nariz.

Tap. Tap. Tap. Tap. De novo e de novo. *Tap. Tap. Tap. Tap.*

Ele está pensando. A mente de um assassino a mil. Perigoso. Mortal.

A filmagem que Tobias e eu vimos de Kade me distrai do presente, e

sinto vontade de vomitar. Eu o vejo perseguindo suas vítimas em becos e arrastando-as para a escuridão, esfaqueando-as, sem deixar rastros para nunca ser pego.

Atropelando o crânio de alguém repetidamente porque essa pessoa pisou em seu pé.

Amarrando estupradores a cadeiras e gravando os nomes de suas vítimas em suas peles.

Metendo bala em um homem para terminar um contrato antes de me foder ao lado do cadáver.

Atirando em um líder de uma gangue por ter tocado na minha bunda.

Puxando o gatilho e quase me matando.

Estrangulando.

Esmurrando o rosto de alguém com seus punhos letais até que a pessoa fique irreconhecível.

Enfiando uma faca na cabeça de uma mulher por ter lhe olhado de cara feia e depois abandonando o corpo dela em um rio russo.

Ele fica desequilibrado e completamente fora de si quando bravo.

E ele está pensando.

Com o estado de espírito dele e tudo o que está acontecendo, sei que isso é algo muito ruim. Uma destruição prestes a acontecer. Ele é filho de Tobias Mitchell; está no sangue dele causar estragos em todos.

Se não fosse pelo amor que ele tem por mim e pelo quanto ele se importa com a família, eu diria que todo o trauma e abuso o tornaram um sociopata.

Sei que o novo terapeuta dele conversou com a Aria sobre dissociação e a possibilidade de Kade compartimentar certas emoções, mantendo-as em uma prateleira na mente e garantindo que permaneçam lá. Ele disse ao terapeuta que, quando o abuso acontecia, ele se desviava mentalmente, o que pode ter causado o transtorno.

Aria me puxou de lado e me disse que Kade estava com uma mentalidade perigosa e que não tinha ideia de como se livrar disso. A única coisa que poderia ajudar, é se ele conseguisse se vingar.

E ele vai. Ele vai matar todo mundo para nos proteger. Já assisti a centenas de vídeos do Kade tirando vidas brutalmente com as próprias mãos e com armas. Ele usará essas mesmas mãos para matar Bernadette e Archie. Eles mataram o irmão dele e, agora, possivelmente seu pai. Ele não vai pensar nas consequências dos seus atos.

Seus olhos se voltam para mim, e meu coração dispara ao ver o olhar dele. Kade está caindo no abismo e não quer se conter.

— Fique comigo — sussurro para ele, mas ele desvia o olhar.

Uma voz suave chama nossa atenção.

— Aria Miller. Sou a pessoa mais próxima de Tobias Mitchell.

Sento-me em uma das cadeiras e sobre minhas mãos, em completa negação enquanto a expressão facial de Aria se contorce em pura raiva. Dou um pulo quando ela bate a palma da mão na mesa.

— Então me passe para alguém que possa me ajudar, porra!

É preciso muito para ela ficar com raiva. Aria fez anos e anos de terapia depois do que aconteceu com ela e Tobias.

Agora vejo seu outro lado enquanto a máscara cai e lampejos de Kade brilham. Ela range os dentes enquanto alguém fala, e lágrimas de raiva escorrem por suas bochechas.

Ela repete:

— Então me passe para alguém que possa me ajudar. — Seu tom é calmo, mas ela está longe de estar tranquila.

Kade se levanta da mesa e bufa enquanto coloca um fone de comunicação e tem uma conversa sussurrada com alguém do outro lado. Ouço-o mencionar Archie, arquivos e expor algo. Ele também pede informações sobre o estado atual de Bernadette e em qual hospital ela está.

Franzo as sobrancelhas enquanto seus olhos se erguem para mim; faz apenas alguns minutos desde que ele me tinha debruçada sobre uma mesa e estava dentro de mim.

Ainda consigo senti-lo.

Meu pescoço dói. Kade me agarrou com muita força, e sei que tenho marcas na pele. Ele está olhando para elas, e quando pressiono a palma da mão contra o pescoço, escondendo-as, ele fecha as mãos em punho e se vira.

Há silêncio, e Aria começa a andar de um lado para o outro, com a mão sobre a boca novamente. Então seus passos vacilam.

— Você está me transferindo para quem? Por que você está…? — Seus olhos se arregalam e pousam em Kade, que não lhe dá atenção enquanto começa a murmurar em seu fone de comunicação novamente. — Tobias está realmente morto?

O que quer que digam em resposta derruba Aria, e os guardas correm para agarrá-la do chão enquanto ela solta um grito angustiante que me faz tremer os ossos, assim como aconteceu quando Jason levou um tiro na cabeça.

O som rasga meu peito e aperta meu coração dolorosamente, sabendo que nunca mais verei Tobias ou ouvirei ele me chamar de *Pequena*.

Não. Tobias Mitchell não pode estar morto.

Eu me recuso a acreditar. Ele tomou duas doses de algo que deveria tê-

lo deixado inconsciente, mas mesmo assim conseguiu avançar e atacar Bernadette. Não há a mínima chance de que ele tenha morrido batendo um maldito carro.

— Entre em contato com os russos e diga a eles que o acordo foi cancelado. Exija a presença deles imediatamente — Kade diz, completamente monótono, e um homem mais velho de sua equipe sai da sala com o telefone no ouvido. — Barry, preciso que você organize uma transmissão ao vivo e convoque toda a equipe para patrulhar a pé. Quero *todo mundo* acionado durante a próxima semana.

Uma mulher de terno assente com a cabeça e vai até um computador, digitando rapidamente em um sistema de codificação que envia um sinal para todos os membros da companhia de Kade.

É uma empresa? Uma gangue? Uma organização? Seu próprio império? Não faço ideia. Tudo o que sei é que ele tem centenas de pessoas sob seu comando — eles recebem uma quantia considerável por seu trabalho, e ele é o chefe de todos eles.

Se os russos se envolverem, acho que esta será uma batalha e tanto, possivelmente uma guerra. Sei que Base fará tudo o que puder para trazê-los até aqui, ou pelo menos para levar Luciella até ele.

Aria ainda está chorando, e meus nervos estão à flor da pele, porque ou estou entorpecida demais para deixar as lágrimas rolarem, ou estou apavorada com o que Kade vai fazer.

Quero agarrar seu rosto e forçá-lo a olhar para mim, a respirar fundo, a se concentrar na minha voz e não nas que estão em sua cabeça.

Mas quando me levanto, ele bate na mesa com tanta força que a madeira racha e um monitor cai no chão.

Kade se levanta da mesa quebrada, pega sua arma e sai da sala. Tento segui-lo, mas ele aponta para mim e fala com seu guarda mais alto, que está vestindo um terno preto.

— Mantenha-a aqui.

— O quê? — pergunto, franzindo a testa enquanto o homem fica parado na minha frente. — Kade…

Ele não olha para mim.

— Fique na porra da sala, Stacey.

Mordo o lábio, querendo recusar, mas sei que esse é um lado dele que prospera em poder e controle. Uma raiva incontrolável. Seu piscar está pior do que nunca, e seu corpo está tremendo de raiva enquanto ele bate a porta.

Aria está de volta ao telefone, exigindo que lhe seja permitido ver o corpo, para identificá-lo. Mas quando lhe dizem para ligar mais tarde, ela grita

com eles até desligarem. O celular dela se espatifa contra a parede enquanto ela desliza para o chão, e o segurança que devia me vigiar corre até ela.

Contra a vontade de Kade, porque sou uma cuzona que não quer que ele faça nada sozinho, verifico se ninguém está olhando enquanto desvio de outro guarda e corro para fora da sala. Ele grita para eu voltar e até tenta me perseguir pelo corredor, mas eu me esquivo de suas mãos e o faço cair. Embora eu esteja de vestido, ele não é apertado nem restringe meus movimentos, e já voltei ao estúdio com tanta frequência que minha resistência está voltando ao normal, então eu, facilmente, o deixo para trás e chego ao lado de Kade na mansão.

Parando no topo da escada em espiral de metal preto — aquela pela qual ele uma vez me fez subir enquanto me tocava —, levanto o punho para bater na porta, mas abaixo a mão respirando fundo. Hesito e decido girar a maçaneta, e ela se abre.

Vejo-o vestindo um moletom preto, com o rosto coberto para esconder a cicatriz. Combina com suas luvas, botas, calças militar preta e cabelo.

Kade Mitchell é o retrato perfeito e assustador da escuridão.

— Eu disse para você ficar na sala — diz sem olhar para mim, puxando o capuz sobre a cabeça para esconder o cabelo, mal escondendo a franja ondulada. Olhos azuis me encaram enquanto ele se vira. — Volte.

Engulo em seco.

— Sua mãe precisa de você agora. Precisamos contar para a Luciella sobre o seu pai. Não quero que você aja por impulso.

— Então vá contar para a Luciella — ele rosna, com a voz carregada de veneno. Ele tira um canivete de uma mochila e o enfia na bota.

Tento agarrar seu braço, mas ele se esquiva de mim.

— Sério, volte para a sala, Stacey.

— Qual é o seu plano?

Ele me encara por um segundo e depois desvia o olhar.

— Não vou me repetir.

Kade pega uma adaga da mesa de cabeceira e a prende em uma tira de couro presa à coxa, depois guarda uma arma no coldre sob o capuz antes de tirar uma segunda arma da cômoda e guardá-la em outro coldre na coxa.

Ele enche uma mochila com mais armas enquanto fala severamente com alguém pelo fone de comunicação sobre um tripé e redes de transmissão ao vivo. Então, ele pega uma bolsa tipo saco e começa a colocar coisas nela, também. Pistolas, adagas e…

— Por que você tem granadas? O que vai fazer?

Ele roça meu braço enquanto alcança algo atrás de mim, e quando sua mão pousa no meu quadril por um momento, o mundo para de se mover. Eu o

encaro enquanto ele acaricia meu quadril com o polegar.

— Me deixa fazer isso, Stacey.

Seus olhos estão no meu pescoço novamente, então ele franze a testa, me solta e se vira.

— Alguma coisa sobre Barry? Ótimo. Diga a ele para não vir aqui, para ficar onde está. Entre em contato com Sebastian Prince e diga a ele para mandar o casamento dele a merda e vir para cá. Onde minha irmã está na mansão? Certo, certifique-se de que ela esteja sendo vigiada. Certifique-se de que minha mãe seja escoltada até o quarto dela. Não deixe Dez e Tylar passarem pelos portões. E leve Archie Sawyer para o escritório principal.

Seja lá o que for que digam em seu ouvido, isso o irrita. Ele fecha os olhos e range os dentes.

— Isso foi uma ordem, porra.

— Para onde você está indo?

Ele me ignora, continuando a empacotar ainda mais armas e munição.

Seu ombro toca o meu quando ele passa. Solto um suspiro trêmulo e minha voz falha.

— Fala comigo, Kade.

Ele para e balança a cabeça de um lado para o outro, depois se vira e caminha até mim. Ele agarra o cabelo da minha nuca e junta nossas testas enquanto meus dedos instantaneamente envolvem os cordões do seu moletom.

— Eles tiraram tudo de mim. Tudo. Tivemos uma chance, mas eles tomaram isso também. — Kade me dá um beijo firme nos lábios e se afasta, recuando para a porta enquanto coloca um carregador novo na arma e a recarrega. — Assista enquanto eu destruo cada um deles, Sardentinha.

Eu o sigo correndo de volta para o escritório, dando dois passos para cada um dos seus, onde Aria está soluçando nos braços de uma de suas funcionárias mais próximas — uma senhora chamada Vera, de longos cabelos grisalhos, que está ali para cozinhar e limpar, mas fica irritada quando Aria a ajuda na mansão. Vera acaricia a cabeça de Aria e tenta confortá-la enquanto as lágrimas encharcam seu rosto. Aria murmura sobre como deveria tê-los mantido em segurança — ele, Jason, seus filhos, todos eles. Ela falhou e não sabe como consertar.

Kade a ignora, colocando duas de suas malas no meio da mesa. Dois minutos depois, enquanto ele se senta na cadeira da escrivaninha e bate o dedo, um guarda arrasta Archie se debatendo, completamente coberto de sangue seco, cheirando a merda, vestindo apenas uma cueca manchada de sangue, mijo e suas próprias secreções.

Isso é um prego no seu…? Meu Deus.

Em vez de ficar assustado e implorar por sua vida, Archie me encara com uma carranca e tenta se lançar em minha direção, mas uma adaga atravessa sua mão, prendendo-a na parede antes que qualquer um de nós possa piscar.

Ele solta um grito estrangulado enquanto Kade afunda a adaga ainda mais. O vazio de seus olhos é a única coisa que conseguimos ver com o capuz levantado e a boca coberta.

— Eu não tentaria isso de novo se fosse você.

Então, ele puxa a faca e a limpa no peito de Archie, cortando a pele ali.

— O que você quer? — ele cospe, oscilando. Mal conseguindo ficar em pé.

Ele está muito magro, com os ossos quase saltando da pele, e os olhos afundados na cabeça. Às vezes me esqueço que ele está trancado no porão — logo ali no corredor, perto do estúdio onde passo tanto tempo dançando.

Kade acena para o computador.

— Tem um arquivo que quero que você abra.

Archie bufa.

— Não consegue usar seus brinquedinhos de última geração agora, né, garoto?

Kade agarra seu queixo e aperta.

— Não brinca comigo. Abra o maldito arquivo.

Seus dentes podres aparecem.

— Ou o quê?

— Ou vou enfiar outro prego no seu pau.

Os olhos de Archie se arregalam com a ameaça, e a luta em seus olhos desaparece enquanto ele tenta se livrar do aperto de Kade.

— Que arquivo?

Kade o empurra em direção à mesa, e eu preciso cobrir minha boca e nariz com o cheiro que vem dele.

Ele agarra sua nuca e crava os dedos em seu couro cabeludo.

— Abra.

— Este arquivo? Não. De jeito nenhum! Você enlouqueceu?

— Sim — Kade diz, inexpressivo. — Abra.

Ele digita devagar, tremendo tanto que mal consegue coordenar os dedos. Erra a senha seis vezes antes de acertar, e Kade o arranca da cadeira, jogando-o no chão de costas.

— Nós dois estamos mortos se você liberar isso! — Archie grita, com saliva pendurada na boca.

Kade aponta uma arma para sua cabeça, sem olhar para ele enquanto rola a tela do computador.

— Há mais de cinco mil arquivos aqui.

Aria se levanta e caminha lentamente para ficar ao lado dele, e eu a sigo. Fico paralisada atrás de Kade, olhando de soslaio para Archie enquanto ele estuda o novo ferimento na mão, revirando o maxilar antes de tirar algo dos dentes sujos.

Um suspiro me faz voltar a atenção para o computador, e vejo Kade percorrendo centenas e milhares de pastas. Cada uma tem um nome, e quando ele clica no conteúdo de uma, Aria e eu nos viramos e sufocamos a ânsia.

— Você gravou tudo — ele diz, percorrendo mais pastas e clicando em arquivos aleatórios. Tenho vontade de dar um tapa na cara do Archie quando vejo uma imagem dele com uma garota que parece ter menos de dezesseis anos. Na mesma pasta, há um clipe em que Bernadette participa.

Acho que vou vomitar. Como essas pessoas são pervertidas.

Há tantos arquivos. Provas de seus crimes. Como se tivessem criado seu próprio diário dos momentos que viveram. Alguns têm legendas longas descrevendo os corpos de suas vítimas e a maneira como gritaram por socorro.

Kade para de percorrer a tela e abre o arquivo de Cassie.

— Por que você tem uma pasta no nome da sua… — Ele faz uma pausa, estreitando os olhos para a tela, e então encara Archie com desgosto. — Você fodeu sua própria filha?

Archie cospe nele, indiferente.

— Ela foi uma boa garota.

Kade bufa com o comentário ridículo e então diz, sem emoção alguma:

— Fui eu quem a matou.

O sorriso de Archie desaparece.

— Eu sei.

Kade engatilha a arma e a pressiona contra a testa dele.

— Ela era um incômodo. Nem precisei pensar antes de puxar o gatilho. Ela era igualzinha à mãe e me irritava como você.

A raiva toma conta do rosto de Archie.

— Você tem sorte que sua filhinha esteja morta, ou eu teria feito um arquivo para ela.

Acerto um soco na cara dele sem nem pensar, no exato momento em que Kade também faz isso. Meus dedos latejam de dor, mas não paro, acerto outro soco com toda a força, derrubando ele de lado. Kade mete um chute nas costelas, e eu rasgo o rosto de Archie com as unhas.

Kade me puxa para longe dele enquanto eu grito com toda a força.

— Seu filho da puta!

— Pare. Eu vou fazer doer — Kade sussurra no meu ouvido. — Eu

prometo.

Recuando, respirando fundo, sacudo a dor no meu punho e aprecio a queimação nos meus dedos enquanto ele limpa o sangue do lábio.

— Agora entendo por que minha esposa estava tão interessada em você. Sua garota fogosa. Eu gosto disso.

— Pare de falar — Kade estala, batendo a coronha da arma na cabeça de Archie e o deixando em um estado semiconsciente. — O filho da puta nunca sabe quando ficar de boca fechada.

— Tem uma pasta chamada Sebastian Prince — Aria diz. — E uma com seu nome. — Ela enxuga as lágrimas e se aproxima da tela. Quando clica na pasta de Kade, ela ofega e se afasta, cobrindo a boca com um soluço alto. — Meu Deus. O que fizeram com você?

Vislumbro um Kade nu, inconsciente e coberto de sangue, cercado por cadáveres, antes que ele feche a pasta.

— Acho que está na hora de vocês duas irem embora. — Ele acena para um guarda. — Leve-as para os quartos delas e garanta que fiquem lá.

— Que porra há de errado com eles? — Aria grita enquanto seu peito treme. — Eles são doentes e loucos! — Então ela pega a arma que Kade havia colocado na mesa e aponta para a cabeça de Archie. — Seu monstro!

— Você gostou do que fizemos com ele? — Ele ri grogue, semiacordado. — Sua filha é a próxima.

Como ela não sabe atirar, joga a arma em Archie e o acerta no rosto. O nariz dele sangra por todo o chão encerado, mas ela ignora e se vira para o filho.

— É isso que você tem passado? Eu sabia que eles eram abusivos, mas aquelas imagens?

Kade bufa.

— Se você achou aquele vislumbre ruim, nem imagina o resto.

Ele gesticula para um membro de sua equipe.

— Quero que você envie esse arquivo para todas as organizações do nosso sistema, para todas as delegacias, emissoras de TV e rádio, CIA, MI5, até para o maldito exército. Tudo que você conhecer, todo mundo. E deixe claro de onde isso veio. Não tem como varrer essa merda para debaixo do tapete. A reputação dos Sawyers no submundo vai explodir em pedaços.

Os olhos de Archie se arregalam. Ele está sem palavras.

Observo o homem digitar em um notebook, lançando mais um olhar para Kade.

— Tem certeza, senhor? O seu arquivo sozinho, já vai te incriminar.

— Não — digo, avançando. — Kade. Não envie o seu.

— Estou em centenas dessas pastas, Stacey. Quem você acha que matou

todo mundo?

Ele me ignora quando tento segurar sua mão, e encara o homem com o notebook.

— Quando eu der uma ordem, não questione. Envie. A. Porra. Do Arquivo.

Ele digita no computador e, em poucos minutos, está feito. Os arquivos incriminadores foram enviados e nada mais será o mesmo.

Mordo meu lábio.

— Kade.

— Não chore. — Ele segura meu rosto e enxuga uma lágrima solitária da minha bochecha. — Fique aqui. Não consigo me concentrar quando você está por perto, e preciso me concentrar. Combinado?

Assinto com a cabeça e ele me dá um beijo suave na testa.

— Vou tornar o mundo um lugar mais seguro para você. Me deixa fazer isso.

Tudo se quebra dentro de mim e solto um soluço.

— Ok — digo roucamente enquanto ele se afasta de mim.

Quando ele abre a porta, puxando Archie pela única orelha que lhe resta, Lu está parada na soleira, completamente confusa.

— Uhm… O que está acontecendo?

— Nosso pai morreu — ele diz sem rodeios, e os olhos dela se arregalam. — Conforte sua melhor amiga, Stacey. Não me siga.

Ele fez isso de propósito.

Luciella encara a mãe, depois a mim com as sobrancelhas franzidas.

— Do que ele está falando?

— Tranque o caralho da porta.

Lu bufa e cruza os braços.

— O quê? Não. Você não pode nos manter aqui.

Kade olha por cima do ombro antes que a porta se feche e um guarda a tranque.

— Kade!

As imagens em seu arquivo continuam piscando atrás dos meus olhos. Ele foi tão abusado, tão brutalizado por essas pessoas, que eu meio que quero que ele libere seus demônios e destrua todo mundo.

Mas eu também não quero que ele se machuque. Se machuque de verdade. Seja lá o que esses arquivos tragam à tona, Kade vai se tornar um homem procurado por centenas de assassinatos.

Mas ele foi forçado. Ele foi drogado, atacado e forçado a fazer todas aquelas coisas ruins. Será que a lei pensará o mesmo? Será que o mundo das

redes sociais saberá que ele é inocente agora que tudo vazou?

Cruzo os braços para impedi-los de tremer, com o coração batendo forte no peito enquanto ouço Aria explicar a Luciella que Tobias foi encontrado morto. Sua filha está incrédula, mas Aria mostra o vídeo da repórter para ela.

Luciella franze a testa para a tela, depois enxuga os olhos e balança a cabeça de um lado para o outro.

— Eu me recuso a acreditar que ele está morto até vermos o corpo.

Aria abaixa a cabeça.

— Acho que devemos nos preparar para o pior, querida.

— Meu pai não está morto — ela diz com firmeza.

Vou até a janela e vejo Kade, segurando a arma em uma das mãos, arrastando Archie pelo tornozelo pela grama e o jogando ali. Ele coça a lateral da cabeça com o cano da arma e chuta o rosto de Archie, derrubando-o de costas. Em seguida, aponta para um balanço perto da água, no terreno da mansão. Fica no início da floresta que se estende por quilômetros. Ele diz algo ao guarda ao seu lado, e a pessoa corre de volta para dentro.

Kade anda ao redor de Archie, circulando-o como um leão à espreita de sua presa, e se não estivesse usando o material que cobre a boca, sei que veria seus lábios se movendo. Ele provavelmente está provocando o homem nojento sobre como ele parece patético.

Ele o chuta entre as pernas, e Archie joga a cabeça para trás com um grito e tenta chutá-lo para longe. Kade atira em seu pé bom. Não tem como ele conseguir correr.

A pessoa volta correndo com uma lanterna e um tripé, e Kade agarra o pé de Archie novamente e o arrasta em direção à floresta. Ele o deixa no balanço da árvore e coloca a bolsa ao lado de Archie, abrindo-a enquanto o cara com a lanterna monta o tripé.

Então ele fixa o que presumo ser um telefone, posiciona a lanterna em Archie e Kade e faz sinal de positivo enquanto ele corre de volta para a mansão, deixando seu chefe à espreita de seu novo alvo.

A tela do computador principal ganha vida, e eu fico sem fôlego quando todas as telas alinhadas em uma das paredes ligam, mostrando Kade e Archie.

Ele está transmitindo isso ao vivo para o mundo inteiro.

CAPÍTULO 32



Stacey

Kade não está reconhecível. Ele escondeu sua identidade, o que é um alívio.

Luciella pega o celular e nos mostra a mesma transmissão ao vivo em sua tela.

— O que ele está fazendo?

Até seus guardas franzem a testa para as telas.

Ele parece maligno, seus olhos cheios de morte. Um assassino. Sombrio e perigoso enquanto martela o rosto de Archie e o joga para o lado. Ele dá uma risada baixa, um som que ecoa de forma assustadora pela sala, enquanto Aria e Luciella estão de pé ao meu lado.

Nas telas, Kade joga o martelo de lado e puxa a faca do coldre em sua coxa, agarrando Archie pelos cabelos e trazendo seu rosto sangrando para a gravação. Seu terror toma conta das telas.

— *Diga a eles quem você é* — Kade exige, sem nem mesmo tentar esconder a voz. — *Diga a eles quem é sua esposa.*

— *Vai se foder* — Archie ferve, e Kade desliza a faca pela lateral do rosto, fazendo-o gritar de dor e tentar se soltar. Ele falha miseravelmente.

— *Todo mundo vai assistir* — Kade continua, puxando a cabeça para

trás e pressionando a adaga contra o pescoço. — *Vão saber que você transou com sua própria filha, abusou de crianças e até mesmo de sua própria esposa. Ela sabia que você estava drogando ela também, assim como fazia com suas cobaias?*

— *Vai se foder* — Archie diz novamente, com menos resistência.

— *Quando isso acabar, você será um homem procurado. Diga ao mundo quem diabos você é.* — A adaga é pressionada contra seu pescoço com força suficiente para fazer gotas de sangue brotarem, e Archie geme enquanto se urina.

— *Ar-Archie Sawyer* — ele gagueja. — *Meu nome é… é… é Archie Sawyer.*

— *E sua esposa?*

— *Bernadette Sawyer. Chefe da Polícia da Escócia e… e…* — Ele se engasga e tenta se soltar do aperto de Kade. — *Foi tudo ideia dela. Eu juro, porra.*

— *Como é?*

— *Ela queria seu pai* — Archie diz, engasgando com a própria baba. — *Nós o observamos por anos, e depois observamos você. Você tinha doze anos.*

Jesus.

— *Já sei que eu tinha doze anos, porra. Vi todas as fotos que tinham.*

— *Foi quando tivemos a ideia* — ele diz, ofegante enquanto mais vermelho escorre pela adaga.

— *Ideia de quê?* — Kade pergunta, puxando o cabelo de Archie com mais força e fazendo-o estremecer.

— *De te usar. Você parecia com seu pai, e ele era intocável para nós.*

Aria cobre a boca e Luciella franze a testa para a tela.

— Que porra é essa? — ela dispara.

— *Quando ela finalmente te levou para a nossa casa, fingindo que ajudaria no caso do seu pai, ela te deu algo para te fazer desmaiar. Eu não fazia ideia de que ela te queria por motivos sexuais*. — Ele lambe os dentes como o homem vil que é. — *Mas não posso dizer que não foi agradável.*

Kade já está farto. Ele tira uma granada da bolsa e seus olhos se fixam na câmera.

— *Veja seu marido morrer, Bernadette.*

Meus olhos se arregalam quando ele agarra o maxilar de Archie e o abre, seus dedos enluvados se curvando em torno de seus dentes superiores e inferiores, separando-os com força. Suas gengivas se rompem primeiro, e o sangue jorra de sua boca, depois os ossos estalam em seu maxilar, de modo que fica largo o suficiente para Kade enfiar a granada em sua boca.

Luciella se vira, fazendo uma careta.

— Não consigo assistir.

O fato de eu conseguir assistir e não sentir nenhum remorso ou sequer um toque de tristeza pelo monstro diz muito sobre quem eu sou agora. Antes, eu teria ficado mortificada e me sentido mal. Eu estaria vomitando em um saco e chamando Kade de monstro.

Mas eles são os monstros.

Os olhos de Archie estão cheios de pânico e dor agonizante, mas, pela primeira vez, eu quero que Kade continue. Acho que Aria também quer, mas, ao mesmo tempo, não quer assistir o seu filho fazer isso.

Está ao vivo para o mundo inteiro ver.

Aria se vira para um guarda.

— Destranque essa maldita porta.

— Não posso, senhora.

— Esta casa é minha — ela responde, sem paciência alguma. — Meu enteado acabou de morrer, o homem que eu amo pode estar morto, meu marido está morando em um quarto de hotel e meu filho está no meio do meu gramado assassinando alguém. Não vou ficar aqui sem fazer *nada*. Abra a porta antes que eu o demita.

Ele se ajeita, ficando ainda mais alto.

— Não.

Todos se viram quando um tiro é disparado, e na tela, Archie cerra os dentes sobre o metal mortal da granada enquanto Kade atira em seus joelhos. Sua risada sádica ecoa pela sala e Archie cai na grama. Isso deveria causar arrepios na minha espinha e me deixar tão horrorizada quanto sua família, mas estou orgulhosa dele.

Archie abusou dele desde a adolescência, causando uma dor inimaginável que o acompanhará para sempre. Ele tem pesadelos com tudo o que aconteceu enquanto esteve com aquela família horrível, mas acho que o que aquele homem fez com ele impactou sua psique mais profundamente.

Archie implora silenciosamente por misericórdia, com a granada ainda alojada em sua boca.

— *Este homem e sua esposa são responsáveis por anos e anos de corrupção e morte…* — Kade fala para a câmera, e meu coração dispara diante dos olhos azul-prateados que brilham diretamente para mim.

Ele começa a recitar nomes. Os mortos e os sequestrados. Crianças e suas idades. Quem paga quem e as conexões que Bernadette tem que a mantêm em seu pedestal.

— *No arquivo que enviei, vocês verão vinte e oito locais em todo o*

mundo. Essas organizações detêm mais de duas mil crianças e adultos desaparecidos. Ajam rápido. Enviem todas as unidades que puderem para resgatá-los.

Ele menciona quatro primeiros-ministros, dois presidentes e vários outros líderes mundiais que têm envolvimento com o submundo. Ele fala sobre os arquivos que foram divulgados mundialmente para todas as emissoras de notícias, órgãos de segurança pública e plataformas de mídia social, explicando como todos os outros também podem acessá-los, se tiverem coragem de olhar.

Ele dá uma joelhada no queixo de Archie, derrubando-o de costas, com a granada de alguma forma ainda no lugar.

— Eu tinha dezenove anos quando abusaram de mim pela primeira vez. Fui ameaçado a fazer coisas ou minha família seria alvo. Fui treinado para matar impiedosamente e foder como um monstro, e eles arruinaram minha vida no processo. Meu nome é Kade Mitchell, filho de Tobias Mitchell, e eu não vou mais ficar em silêncio.

Minha boca se abre com um suspiro. Aria solta um suspiro apressado, e Luciella fecha os olhos e se vira

Ele contou ao mundo quem é. No meio de um assassinato.

— Jason McElroy era meu irmão e morreu protegendo minha namorada das mãos de Bernadette Sawyer.

Não consigo me controlar — caio contra a parede e deslizo por ela, abraçando os joelhos enquanto continuo observando.

— Se olharem meu arquivo, verão no que eles me transformaram. Eu tinha doze anos quando ela começou a me vigiar. Ela esperou o momento certo para se aproximar de mim, e eu fui burro o suficiente para acreditar nas merdas dela.

Kade tira o lenço, mostrando a cicatriz grossa que vai da boca até o peito. Ele range os dentes e solta uma risada lasciva.

Ele parece demoníaco, satânico, como se não tivesse mais humanidade.

— Meu arquivo conta o resto da minha história.

Uma lágrima escorre pela minha bochecha, mas não a enxugo. Olho para o guarda.

— Por favor, destranque a porta. Preciso detê-lo antes que ele se criminalize ainda mais.

— Por favor — Aria implora ao homem, me ajudando a me levantar.

— Por favor. — Luciella está ao nosso lado. — Queremos ajudá-lo.

Ele hesita e então olha para o colega, que assente uma vez, fechando os olhos.

Mas antes que ele consiga destrancar a porta, Kade diz:

— *Vamos ver se consegue sair dessa, Bernadette. E se eu descobrir que meu pai está realmente morto, é melhor você se esconder, porque nada me impedirá de quebrar todos os ossos do seu corpo.*

As pessoas se encolhem ao nosso redor enquanto Kade puxa uma faca maior que seu antebraço de uma das sacolas e, com uma expressão completamente inexpressiva, decepa a mão de Archie.

O movimento de serra que ele faz, faz com que ela não se solte imediatamente, e podemos ouvir o homem monstruoso gritando tanto pela tela quanto de fora, como um animal sendo abatido. Sangue jorra por toda parte, atingindo até mesmo o telefone que grava tudo.

A porta está destrancada, mas eu congelo na soleira quando Aria grita:

— Não!

Meus olhos encontram a tela novamente, no momento em que Kade puxa a alça da granada e chuta Archie no peito. Ele começa a andar para trás enquanto a gira no dedo médio.

— *Morra, sua putinha* — Kade provoca enquanto se esconde atrás de um grande tronco de árvore. — *Vou garantir que a besta da sua esposa te encontre no inferno em breve.*

Os olhos de Archie se arregalam, e a gravação termina no momento em que a explosão relampeja, seguida por um rugido parecido com um trovão.

A erupção sacode as janelas, as luzes piscam, e então acabou. *Fim*.

Todos nós alcançamos à janela, aliviados ao ver Kade retornando, ileso da granada que explodiu na boca de Archie. Ele caminha em direção à mansão, mas seus passos são lentos, sua cabeça se curvando cada vez mais a cada passo. Ele cai sobre um joelho instável e luta para se levantar, e quando consegue, dá apenas mais alguns passos antes de cair novamente.

Saio da mansão e corro pelo terreno antes que Aria possa gritar seu nome.

Caio de joelhos na frente dele e seguro seu rosto com as duas mãos. Há pedaços de carne por toda a roupa e rosto dele, seja por atirar, cortar ou explodir Archie. Seus olhos estão em mim enquanto o encaro, mas ele está olhando através de mim.

— Sou eu — digo suavemente. — Sou eu.

Kade parece respirar pela primeira vez em horas.

— Elas estão altas — ele diz, lutando contra as piscadas excessivas, seu olho direito tremendo. — Tão altas, Sardentinha.

Assinto com a cabeça, sabendo que a versão dele que tinha sede de vingança, dor e sangue adormeceu em sua mente, e as vozes estão tomando conta. Aquelas que zombam dele e o fazem surtar. Não tenho ideia do que estão

dizendo agora, mas Kade fecha os olhos com força e abaixa a cabeça no meu ombro, envolvendo-me com seus braços fortes.

Depois que o assassinato de Archie acabou de ser transmitido ao vivo para sei lá quantas telas de TV, a polícia provavelmente está a caminho.

Mordo o lábio para conter um gemido enquanto Kade crava os dedos na minha pele.

— Estou cansado, Stacey.

— Eu sei — respondo, esfregando a mão em suas costas. — Quer ir para o seu quarto?

Sua equipe começa a nos cercar, todos em silêncio enquanto Kade se aconchega em mim na grama, nós dois de joelhos. Aria e Luciella se abraçam, e quando Kade levanta a cabeça do meu ombro, seus olhos vão da esquerda para a direita, absorvendo tudo.

— Eu fodi com tudo — fala meio arrastado para eles. — Vocês estão livres para ir para casa. Ninguém precisa ficar.

A maioria deles não fazia ideia do que Kade havia passado. Deviam pensar que ele era apenas um garoto rebelde que queria vingança contra alguém que o havia injustiçado. Eram pagos para proteger, desmascarar, hackear e lutar, e agora sabem porquê.

Posso ver o respeito que têm por ele.

Nenhum deles se move para ir embora; apenas abaixam a cabeça, demonstrando sua lealdade inabalável. Kade parece exausto enquanto olha para todos e depois para mim.

— Sinto muito.

— Não sinta. — Beijo sua testa, apesar do sangue, e isso o faz fechar os olhos lentamente por um momento. — Quer ir para o seu quarto?

Ele concorda com a cabeça.

— Sim.

Alcanço sua mão enluvada e ele me deixa pegá-la, entrelaçando nossos dedos. Eu o ajudo a se levantar com mais dois de seus homens e o levamos para dentro da mansão.

Ele para ao lado da mãe.

— Não vamos acreditar que meu pai morreu até vermos provas.

Lu o abraça.

— Eu disse a mesma coisa. Você precisa dormir.

Aria também concorda.

— Sim, querido. — Ela passa os dedos pelos cabelos dele, enquanto Lu se afasta, e abaixa o capuz. — Vá tomar banho e dormir. Vou preparar o café da manhã para nós amanhã.

Aria diz para Luciella ir dormir também.

— Vá. Vou dar um jeito na bagunça.

O olhar vidrado dela conta mil histórias, todas terminando em coração partido.

Todos nós sabemos que não haverá café da manhã amanhã.



Kade não fala nada a caminho do quarto, mas cambaleia algumas vezes, e tenho certeza de que vai ter outro ataque enquanto cai de joelhos e vomita na escada.

Assim que chegamos ao quarto, ele cai contra a porta fechada.

— Eu fodi com tudo.

— Está tudo bem. Onde estão seus remédios?

Ele aponta para a gaveta ao lado da cama.

— Eu fodi com tudo — repete. — Eles estão vindo me buscar. Por favor, fuja.

Certifico-me de que ele receba a dosagem correta e, em seguida, ele engole um benzodiazepínico, algo novo que foi prescrito para ajudá-lo a se acalmar durante o que presumem ser episódios de esquizofrenia.

Ligo a TV em um canal de música, esperando que as músicas abafem as vozes para ele. *Medicine* de Onte, toca.

Passam-se alguns minutos com ele apenas respirando e me observando separar roupas limpas.

— Você deveria ir embora — Kade diz. — Se for pega comigo, vão te prender também.

— Não vou te deixar — digo, entrando no banheiro para ligar o chuveiro. — Vamos lá.

As lágrimas só começam a rolar quando estou tirando as roupas dele, e ele continua se desculpando por tudo. Ele acha que continua apagando. Não consegue controlar nada. Não sabe o que fazer. Não quer morrer.

Ele quer que fiquemos juntos, mas não sabe como, principalmente agora.

Eu o ajudo a entrar no chuveiro e ele me puxa para dentro. Água morna cai sobre nós de dois chuveiros diferentes, e meu vestido fica encharcado rapidamente. Tiro o cabelo molhado do rosto e pego uma esponja, limpando as evidências do corpo de Kade.

Seus músculos se contraem ao toque da esponja, e ele se encolhe um

pouco. Ele ainda está bronzeado de tanto viajar pelo mundo, com muito mais cicatrizes do que tinha um ano atrás, e suas mãos tremem enquanto ele tenta tirar a esponja de mim.

Deixo que ele a pegue, e depois que ele puxa as alças do meu vestido para baixo, uma de cada vez, e o material se acumule em uma poça aos meus pés, ele usa a esponja no meu corpo, e meus olhos ardem. Sei que este pode ser um dos nossos últimos momentos juntos.

Não estou usando sutiã, e ele não tenta tirar minha calcinha, porque não é hora para sexo.

— Eu te amo — digo a ele, com a voz embargada. — Não importa o que aconteça depois, por favor, saiba disso.

A esponja para no meu pescoço e depois cai aos nossos pés, ao lado do meu vestido, enquanto seu dedo rastreia minha pulsação.

— Eu te machuquei. Onde eu agarrei seu pescoço antes, você tem um hematoma. Eu te machuquei. Eu sabia que estava fazendo isso, mas não consegui parar, mesmo que minha mente gritasse para eu te soltar. Nunca quis te machucar.

— Acho que você dissociou — digo.

Kade me encara, então é como se seu olhar me atravessasse enquanto ele continua a mover as mãos pelo meu corpo contra a água. Não é sexual, mas como se ele estivesse memorizando cada centímetro meu.

— Meus remédios deveriam estar ajudando. Mas não estão.

— Você não está tomando há tanto tempo. Eles não vão fazer efeito imediatamente. Mas o fato de você estar tomando é uma coisa boa. É preciso muito esforço para alguém pedir ajuda. Estou orgulhosa de você.

— Depois do que eu acabei de fazer? Eu não te deixei com medo de mim?

Balanço a cabeça em negativa.

— Não. Archie mereceu.

Ele ri profundamente e balança a cabeça de um lado para o outro, seus olhos tão, tão cansados.

— Minha pequena sádica.

— Talvez — eu digo, sorrindo enquanto deslizo meus braços em volta do seu pescoço e junto nossos corpos. — Ainda bem que você me ouviu dizendo para sua mãe que deveríamos continuar amigos quando estávamos no escritório.

— É?

Eu assinto e luto contra mais lágrimas.

— Senti falta do seu toque.

— Eu estava com medo de te machucar, então me contive,

principalmente quando te beijei na cama — Kade responde, encostando a testa na minha. — Mas quando ouvi você dizer que seria só minha amiga, não consegui pensar em uma frase pior para ouvir. — Ele cutuca meu nariz com o dele. — Tive que recuperar o que sempre foi meu, mesmo que eu tenha apagado pela maior parte.

Eu rio e encosto a cabeça no peito dele.

— Eu sempre fui sua.

Ele acaricia meu cabelo. A água está começando a esfriar um pouco.

— Eu não gozei dentro de você, gozei?

— Não. Você ficou dentro por uns três minutos.

— Que vergonha.

Reviro os olhos.

— Mas eu não usei camisinha.

— Não, você não usou.

— Estou limpo. Fiz exames quando chegamos aqui. — Então a mão dele congela. — Presumo que você não esteja tomando anticoncepcional?

Balanço a cabeça em negativa.

— Diga à minha mãe para chamar uma enfermeira. Elas vão te dar um Plano B, só por precaução. Você não quer ter um filho com alguém que será um pai ausente.

Estreito os olhos para ele.

— Você não seria.

Ele encosta as costas no ladrilho frio, um dos quais está rachado, ainda tremendo de pé.

— Você sabe que serei, Stacey. Acabei de matar um homem ao vivo, desmascarei mais da metade do submundo e expus o império de Bernadette. Se eu não for preso, posso garantir que haverá várias pessoas irritadas me caçando.

Sua fala está menos arrastada, e acho que o benzodiazepínico está fazendo efeito, já que um pouco de luz está voltando aos seus olhos.

— Poderíamos ir para o esconderijo para onde você estava pensando em mandar os cachorros. Vamos embora agora.

Ele me encara.

— Eu não deixaria você arruinar sua vida fugindo comigo para sempre. Eu me renderei a quem chegar a mim primeiro.

Dou um passo para trás, mantendo a mínima distância entre nós.

— Você não pode simplesmente desistir. Ainda existe uma chance do seu pai estar por aí, e a Bernadette estar viva.

Ele dá de ombros.

— Não tenho nenhum plano, Stacey. Este, neste momento, era meu

último recurso para detê-la. Eu não deveria matar Archie. Não tinha nada planejado para depois.

— E eu?

Ele dá um sorriso fraco.

— Vá dançar e viver a sua vida. Pense em mim quando fizer isso e me imagine sentado no meio da multidão, bem na frente.

— Você diz isso como se fosse morrer.

— Talvez eu morra — ele responde, sem nenhum traço de sarcasmo na voz. — Seria melhor se eu morresse.

Balanço a cabeça em negativa.

— Você não vai desistir, Kade.

Ele inclina a cabeça.

— Não há esperança, você não vê? Preciso de remédio para parar de ouvir vozes na minha cabeça e ver coisas que não são reais. Eu apago, dissocio e machuco você. Tudo está contaminado. Até o sexo para mim é violento. Acabei de matar um homem durante uma transmissão ao vivo porque sou muito impulsivo. Eu não deveria matá-lo; só queria que o pedaço de merda expusesse a si mesmo e o império da esposa. E aí declarei guerra a *milhares* de pessoas. Alguém sabe como me tirar disso? Sou todo ouvidos.

— As pessoas convivem todos os dias com apagões, dissociação e convulsões. Sua condição *é* controlável.

— De acordo com pessoas que nunca passaram por isso. Você tem ideia de como é não ter controle? Ter seu livre-arbítrio e consentimento tirados de você?

Abaixo os olhos.

— Sim.

Silêncio — tanto silêncio preenche o banheiro enquanto me lembro de Chris e de tudo o que ele fez comigo. Kade xinga para si mesmo.

— Desculpa. Eu não estava pensando. Desculpa.

Eu me viro para esconder minhas lágrimas, o tremor no meu queixo, o jeito como meu peito sobe e desce. Kade me puxa para o peito e me dá um beijo aonde está minha pulsação.

— Você é mais forte do que eu. Passar pelo que passou e ainda colocar os outros antes de você… Eu invejo sua força. Quero uma vida normal com você, mas isso não é uma opção para mim. Se eu pudesse fugir e garantir sua segurança, eu fugiria.

— Quero que você fuja comigo — digo, fungando. — Por favor.

Ele beija meu ombro delicadamente.

— Eu te amo, Sardentinha.

Meus dentes batem.

— Eu também te amo.

O silêncio se instala, e ficamos debaixo d’água até esfriar, então escovamos os dentes e vestimos roupas limpas. Estou usando uma blusa preta dele que quase chega aos meus joelhos, e ele está de moletom.

Sentamos na varanda enquanto ele fuma. Eu fico no colo dele, de costas para o seu peito, e olhamos para as estrelas. Enquanto isso, Aria corre com a equipe do Kade, limpando a bagunça que ele deixou para trás.

Depois que ele suspira e joga o cigarro pela varanda, ele me abraça e me levanta.

— Vamos — Kade diz, beijando minha bochecha e me carregando para a cama. — Quero dormir com a minha garota nos braços uma última vez.

CAPÍTULO 33



Kade

Um punho me atinge no estômago e sou jogado no chão, com uma tosse saindo pela minha garganta.

Cerro os dentes e tento me levantar, mas alguém chuta minha cabeça com botas de bico de aço, e eu caio novamente.

— Quando mando você fazer alguma coisa, espero que você faça. Sem perguntas, sem recusas, sem gracinhas.

De quatro, cuspo sangue no chão, meu corpo inteiro tremendo com a surra dos quatro guardas dela. Tento me levantar, mas uma bota pesada cai nas minhas costas e me joga de volta ao chão de concreto do porão.

— Fique no chão, garoto.

Os sapatos de Bernadette estalam enquanto ela anda ao meu redor, o som vibrando em meus ouvidos. Seu marido bate na bunda dela enquanto ela raspa as unhas no peito dele.

— Como fazemos para que ele seja obediente?

— Ele é um adolescente problemático — Archie diz, pressionando a bota com mais força nas minhas costas. Por mais que eu queira me levantar e dar um soco naquele sorriso irônico, eles me injetaram algo que está me enfraquecendo. — Poderíamos adicionar um incentivo maior. Talvez um membro

da família?

Ela estala a língua, e a bota desaparece das minhas costas. Eu me empurro para cima, caindo e tropeçando, até agarrar um cano preso à parede e ficar de pé. Mas, com a perna machucada, estou tendo dificuldade. A diaba ruiva sorri para mim.

— Você recebeu uma ordem, Kade. — Ela aponta um dedo com a unha bem cuidada para o homem amarrado a uma cadeira à minha frente. — Mate-o.

Balanço a cabeça em negativa. Não vou matar ninguém. O que há de errado com essas pessoas?

Em um minuto, eu estava olhando para um arquivo que ela havia recuperado do escritório sobre o caso do meu pai, outro recurso que está prestes a ser rejeitado, então algo afiado penetrou meu pescoço, e quando tentei agarrar Bernadette e empurrá-la para longe de mim, Archie enfiou uma faca na minha perna. Algum tempo depois, acordei ao lado de Bernadette com uma camisinha ainda presa ao meu pau, e estou preso aqui desde então, odiando a mim mesmo.

Eles são estupradores malignos.

Ela enfatiza cada palavra enquanto caminha em minha direção.

— Mate. Agora.

— Vai se foder — consigo dizer, agarrando o cano para me manter de pé enquanto minha perna sofre espasmos. Percebo que o ferimento de facada começou a sangrar novamente.

Bernadette estreita os olhos e então olha para o marido.

— Archie, mostre a filmagem ao vivo que temos da pequena Luciella Mitchell.

Todo o sangue desaparece do meu rosto quando ele me empurra um tablet, a tela mostrando minha irmã caminhando com Stacey e Tylar no shopping. Elas estão rindo juntas, mas meu olhar está no rosto que vejo toda vez que fecho os olhos.

Faz dois meses desde que a deixei e bati no meu irmão. Não falei com nenhum deles. Como posso estar tão bravo com ela e ainda me apegar a cada lembrança nossa como se elas fossem me manter vivo?

— Mate-o, ou te garanto que sua irmã e as amigas dela não voltam para casa.

Engulo em seco, imaginando Stacey lutando pela vida enquanto minha irmã e Tylar jazem mortas ao lado dela. Só de pensar nelas sendo machucadas, vejo flashes vermelhos atrás da minha visão.

Ela obviamente não sabe que Stacey é minha ex, ou me ameaçaria com ela.

— Deixe minha irmã em paz — eu digo entre dentes.

— Então mate-o. — Ela coloca uma arma na minha mão, e o metal é tão pesado, tão mortal, que eu a deixo cair como se tivesse queimado minha pele.

Ela ri e olha para o marido.

— Parece que nosso bichinho de estimação não sabe atirar.

— Um garotinho tão patético.

Quero estraçalhar esse filho da puta, mas minha mente está em branco e mal consigo suportar o quanto a sala está girando. Não sei por que eles estão fazendo isso. Ou por que eu.

Minha tentativa de escapar esta manhã foi inútil. Archie enfiou outra agulha em mim e puxou minhas calças para baixo enquanto eu arranhava o carpete até desmaiar.

Pela primeira vez em muito tempo, quero meu pai. Quero que Ewan e Jason me encontrem. Até minha mãe. Se soubessem onde eu estou, lutariam com unhas e dentes até me salvarem. Mas com a segurança em todos os lugares, e com o quanto eles são brutais, duvido que eu seja resgatado tão cedo.

Será que eles vão me procurar? E se Stacey precisar de mim? Quem vai passear e treinar meus cachorros?

Eu me afasto, olhando para o homem apavorado com fita preta cobrindo a boca e os olhos. Ele está tremendo na cadeira, com as mãos amarradas atrás do corpo.

— Como?

— Você pode escolher — ela diz, cruzando os braços e esticando o quadril para o lado enquanto seu sapato bate no chão. — Mas se apresse. Temos uma festa hoje à noite e preciso cuidar do seu ferimento antes que conheça seu primeiro cliente.

Franzo a testa.

— Primeiro… cliente?

Ela sorri, as linhas ao redor dos olhos se enrugando.

— Você vai me fazer ganhar muito dinheiro, Kade. E se for um bom menino e fizer o que eu mandar, sua família estará segura. — Ela dá de ombros. — Até te darei uma porcentagem, então você terá alguns benefícios.

Archie me mostra a tela novamente, e meu coração para quando vejo dois caras de terno seguindo minha irmã e suas amigas pelo shopping.

— Na próxima loja em que entrarem, não vão mais sair.

— Qual é o problema de vocês?

Os olhos de Bernadette escurecem, seu sorriso falso desaparecendo. Suspiro e fecho os olhos, depois olho para o homem se debatendo na cadeira

novamente.

A cada passo mancando que dou na direção dele, sinto a raiva subindo pela minha garganta, e quero pedir desculpas, dizer que não quero fazer isso, mas preciso proteger quem amo. Quando envolvo minhas mãos no seu pescoço, deixando-o imóvel de choque, fecho os olhos por um segundo.

Aplico pressão, mas não o suficiente para matá-lo. Estou tremendo.

Archie ri como se eu fosse patético.

— Mais forte.

— Pressione o polegar na artéria carótida dele — Bernadette instrui ao meu lado. — E aperte mais forte. Certifique-se de que ele não consiga respirar.

Faço o que ela diz, e o homem luta para respirar, fazendo tudo o que pode para lutar contra mim. Mas ele está amarrado e é inútil. Ele não consegue me ver — não consegue ver o olhar nos meus olhos enquanto o estrangulo.

— É isso. O sangue que flui para a cabeça dele está diminuindo — Bernadette diz, aproximando-se. — O cérebro está sendo privado de oxigênio e nutrientes. — Ela anda ao redor do homem, despenteando seus cabelos enquanto eu mantenho meus olhos fixos nas minhas mãos. — Veja a pele dele mudar de cor, Kade. Veja como você rouba o ar dele, a vida dele. O toma da filha, da esposa e do futuro que eles deveriam ter.

Uma lágrima escorre pela minha bochecha, mas enquanto afrouxo o aperto para deixá-lo respirar, penso em Stacey e no que poderia acontecer com ela e minha irmã se eu não fizer isso.

Eu me empurro para frente com força suficiente para fazer a cadeira tombar para trás, e Bernadette se afasta antes que o homem caia no chão, provavelmente deslocando os dois ombros. Travo os cotovelos e coloco todo o meu peso nas mãos enquanto subo nele e pressiono seu pescoço com toda a força que posso.

— Me desculpa — digo, com a saliva caindo da minha boca enquanto continuo repetindo essas duas palavras. — Me desculpa. Me desculpa. Me desculpa. — Ele não está mais consciente. Nunca mais estará.

— Bom garoto, é isso. Segure-o aí até que ele morra. Ele será o primeiro de muitos. — Bernadette se agacha ao meu lado e agarra meu queixo, me fazendo olhar para ela enquanto mantenho todo o meu peso em seu pescoço. — Você é meu. Você sempre será meu. Você seguirá todas as ordens e virá para a minha cama quando eu disser.

— Não — eu digo roucamente.

— Você não tem escolha.

Ela lambe uma lágrima da minha bochecha e segura o lóbulo da minha orelha entre os dentes. Quero vomitar por todo o lugar quando ela abaixa a alça

do vestido, a outra mão deslizando pela minha coxa enquanto tiro a vida deste homem.

— Pode parar agora. Ele está morto. — A voz de Bernadette muda para algo mais suave, e há um leve pânico em seu tom enquanto ela pressiona as mãos contra o meu peito. — Kade. Pare.

Minhas mãos apertam com mais força o pescoço fino do homem.

— Kade!



Eu pisco, e Stacey está embaixo de mim.

— Porra. — Eu me jogo para trás, soltando seu pescoço, e desço da cama, colocando o máximo de distância possível entre nós até bater na parede. Fecho os olhos com força e deslizo para baixo. — Merda. Me desculpa. Eu pensei que você fosse… Porra. Ele estava…

Não há nenhum ferimento de faca na minha perna. Eu não estou no porão. Bernadette não está aqui.

Stacey tosse e segura o pescoço, que eu estava apertando com minhas mãos assassinas e sujas.

— Está tudo bem. Você estava tendo um pesadelo. Está tudo bem, Kade.

Meus olhos se abrem.

— Não está nada bem! Eu acabei de te estrangular. E se eu não tivesse acordado?

— Você estava dormindo. — Ela se ajoelha no colchão e estende a mão para mim. — Por favor. Volte para a cama. Eu estou bem, eu juro.

Afundo a cabeça entre os joelhos separados e tento acalmar a respiração, os batimentos cardíacos, para banir a imagem dela se debatendo embaixo de mim. Se eu não tivesse acordado, se não tivesse me recuperado, eu poderia tê-la machucado de verdade; a matado.

— Ei — ela diz, abaixando-se na minha frente. Ela ainda está usando minha blusa, e é tão larga em seu corpo pequeno que escorrega do seu ombro. — Olha, eu não tenho nenhuma marca nova. Você não fez com força suficiente para isso.

Abro os olhos. Ela está puxando o cabelo por cima do ombro para me mostrar o pescoço.

— Eu juro que você não me machucou. Volte para a cama. Por favor.

Ela tem razão, não há nenhuma marca nova, mas as de antes estão lá. Eu a estava segurando com tanta força…

— Você é a última pessoa no mundo que eu gostaria de machucar — digo a ela, pegando sua mão e puxando-a para mim. — Mas tenho medo de que eu vá. Por que você não foge de mim?

— A única maneira que você pode me machucar é se afastando de mim de novo. — Ela monta no meu colo enquanto eu estico as pernas, seus braços envolvendo meus ombros. — Não sei por que ainda estamos aqui ou por que a polícia não invadiu a mansão, mas devemos aproveitar ao máximo cada minuto que temos. — Sua testa encosta na minha. — Volte para a cama.

— Eu, com certeza, serei preso — digo, olhando para fora pela porta da varanda, que está entreaberta. — Já faz algumas horas. Provavelmente não terei muito tempo até que venham me buscar.

Eu a abraço e desejo poder ficar aqui para sempre. Com minha garota nos braços.

— Eu irei de boa vontade. O que você quer fazer? Posso pedir para o Barry levar você e os cachorros para fora do país.

Ela balança a cabeça de um lado para o outro.

— Eu vou ficar aqui. Vamos esperar por você.

— Vou ficar preso pelo resto da vida, Stacey.

— Então, eu também — ela responde, mordendo o lábio, e eu quero segurá-lo entre os dentes enquanto apalpo sua bunda e a puxo para mais perto de mim. — Se você tentar me afastar ou me forçar a te deixar, eu vou te odiar.

— Então, você ainda seria minha namorada mesmo se eu ficasse na prisão para sempre? Essa não é uma vida que você mereça.

Ela sorri, suas bochechas ficando com um lindo tom de vermelho.

— Eu não acredito que cruzamos essa ponte.

Eu puxo uma mecha castanha de entre seus lábios.

— Que ponte?

— A em que você me pede para ser sua namorada de novo.

Algo incha em meu peito, e a ponta do meu nariz toca o dela.

— Você vai aceitar?

Com toda a honestidade, o título de *namorada* parece minúsculo e imaturo, considerando o que temos. Estou perdidamente apaixonado por ela, e ela deixou claro que sente exatamente o mesmo. Se estivéssemos em uma situação diferente, e eu não estivesse prestes a ser preso e tirado desta vida, então eu me casaria e faria um exército de filhos com ela.

Eu queimaria o universo só para vê-la sorrir para mim do jeito que está fazendo agora. Ela é o meu mundo inteiro.

— Ser sua namorada? — Ela franze o nariz enquanto finge fazer caretas. — Eca. Não.

Ela grita quando eu a empurro para que fique de costas e eu em cima dela. Seguro sua bochecha com a palma da mão enquanto suas pernas envolvem minha cintura e passo meu polegar sobre seus lábios carnudos.

— Tanta paciência para alguém que te deixou no seu pior momento. Sou um cuzão que não te merece.

Ela revira os olhos e morde meu polegar, chupando-o e fazendo meu pau se contorcer. Contra meu polegar, ela diz:

— Você pode me compensar voltando para a cama e assistindo *O Rei do Show* comigo.

Meus lábios se curvam quando ela solta meu polegar e eu o deslizo por seu queixo.

— Contanto que você prometa cantar, Sardentinha.

Ela ri e me dá um selinho, sorrindo enquanto responde:

— Cada letrinha.

Assim que sua boca está na minha, deixo tudo sair na forma como meus lábios acariciam os dela, na forma como a beijo como não fazia há muito, muito tempo — pego seu lábio inferior entre os dentes, chupo e mordo, e deixo minha mão viajar do quadril até o joelho, apertando.

Não há vozes, então ouço sua respiração e me concentro em como seu corpo é macio sob mim.

Ela ofega na minha boca, e aproveito a oportunidade para provar sua língua com a minha, inclinando a cabeça para unir nossas bocas. Suas pernas se apertam em volta de mim e eu fico mais duro contra ela.

— Tudo bem? — sussurra contra minha boca enquanto balança os quadris, esfregando-se para cima e para baixo na parte inferior do meu pau.

Assinto com a cabeça e enfio minha língua em sua boca novamente, saboreando-a enquanto minhas mãos mergulham em seus cabelos, puxando sua cabeça para o lado para que eu possa sentir sua pulsação. Sinto-o vibrando na minha língua enquanto balanço meus quadris contra ela.

Através do meu moletom e da calcinha dela, sinto como ela está quente, e sei que se eu colocar a mão entre nós, a calcinha dela vai estar encharcada.

Eu me afasto e a encaro, observando como seus cabelos escuros cobrem o chão, suas pupilas dilatadas, como seu peito sobe e desce. Minhas mãos se espalham por seu torso, por baixo da blusa, e suas costas se arqueiam enquanto eu agarro seus seios e os acaricio, esfregando meu pau contra sua boceta coberta.

— Eu não entendo.

Ela inclina a cabeça, sem fôlego e tremendo enquanto eu belisco seus mamilos.

— Entende o quê?

— Com toda a merda que eu fiz, como eu tenho a sorte de ter você.

Stacey cora, ofegando enquanto eu coloco uma mão entre suas pernas, sentindo sua calcinha encharcada, empurro o tecido para o lado e enfio dois dedos em sua boceta. Ela aperta meus dedos, apertada e fodidamente minha.

Mordo o lábio e me pergunto se devo simplesmente transar com ela, sem camisinha, sem anticoncepcional, com uma chance tão pequena de eu estar aqui se ela engravidar. É ruim eu dizer a ela, de boa vontade, para não se preocupar com a pílula do dia seguinte hoje? Eu já estive dentro dela, não é impossível que ela engravide só disso.

Suas costas se arqueiam enquanto eu a fodo mais rápido, e ela move os quadris no ritmo dos meus dedos, agarrando a mão que está apalpando seu seio.

Eu já sei como ela fica com uma barriguinha. Sei como seus seios ficam quando estão pesados, o quanto ela brilha, o jeito que sorri quando fala sobre sermos pais. Eu poderia enchê-la com meu esperma, engravidá-la e ela ficaria presa a mim para sempre.

Porra, eu não deveria estar pensando em nada disso. Não na nossa atual situação.

— Por que você está me encarando?

Pisco três vezes e acalmo minha respiração quando meus dedos se contraem em seu seio. Meus dedos pararam dentro dela, e devo ter perdido a noção. Beijo-a e curvo os dedos, engolindo seu gemido enquanto sua boceta se agita ao meu redor.

— Diga que você é minha — exijo contra sua boca, cravando meus dentes em seu lábio inferior. — Diga que você sempre será minha, Sardentinha.

— Eu sou sua — ela geme. — Para sempre.

Olho para ela, me mantendo firme enquanto pisco irregularmente novamente.

— Eu não vou te machucar.

— Eu confio em você — ela diz, e é mais do que suficiente para acalmar meus pensamentos desenfreados.

Não quero que meu corpo me falhe enquanto estamos tendo um momento tão íntimo. Meus braços tremem. Se eu tiver um ataque agora, vou ficar muito irritado.

Estremeço quando Stacey leva a mão a minha calça de moletom, mas assinto com a cabeça quando ela silenciosamente pede permissão para me tocar. Ela desliza a mão para dentro e, assim que sua mão me envolve, meus olhos se fecham. Acrescento um terceiro dedo enquanto meu polegar esfrega seu clitóris, provocando outro gemido contra minha boca.

— Você não está tomando anticoncepcional e eu não tenho camisinha.

— Eu me odeio quando me enfio em sua mão mesmo assim. — Mas eu quero sentir sua boceta ao redor do meu pau.

Sua garganta se contrai.

— Vou tomar a pílula do dia seguinte. Só… me fode.

— Essa é provavelmente a coisa mais irresponsável que você já disse.

Ela dá de ombros.

— Você discorda?

— Não.

Gemo e cerro os dentes enquanto ela limpa a excitação da ponta com o polegar.

— Mas eu não sei se consigo.

De forma bem irritante, ela solta meu pau e agarra meu pulso, me impedindo de tocá-la. Ela não está nem um pouco brava; sua voz é suave.

— Combinamos que iríamos devagar, então vá devagar até se sentir confortável. Mesmo que isso signifique esperar até estarmos em uma sala de visita íntima depois da sua sentença.

— Parece uma péssima ideia. Volte a ser irresponsável e me deixe te foder.

Stacey dá um tapa no meu peito.

— Você é insaciável, sabia?

— Só por você. — Forço as palavras e me concentro nela. — Sinto atração por você desde os quinze anos. Mas por que mesmo depois de todas as vezes que estivemos juntos, ainda quero mais? Isso me deixa louco. *Você* me deixa louco.

Ela sorri, e isso toca seus olhos verde-claros.

— Isso também te faz querer me levar para a cama? O chão está machucando minhas costas.

Dou uma risada de verdade e me ajoelho, coloco meu pau para dentro e pego a mão dela antes de jogá-la na cama.

— Coloca a porcaria do filme e para de me distrair.

Ela pega o celular e eu balanço a cabeça de um lado para o outro.

— Ainda não. A realidade pode esperar.

Sua voz é baixa enquanto ela olha para baixo.

— A realidade me assusta.

— Então ignore ela comigo. Esconda-se comigo até que a realidade bata por aquela porta e me leve para longe de você.

Ela luta contra as lágrimas enquanto assente.

— Ok.

Pressiono meus indicadores nos cantos dos lábios dela e os arrasto para

cima para que ela pareça estar sorrindo.

— Pare de ficar triste.

Stacey dá um tapa nas minhas mãos e beija minha boca, depois minha bochecha e se deita.

— Vou tentar.

O filme começa e Stacey encosta a cabeça no meu peito, provavelmente ouvindo o quanto meu coração está batendo forte, acelerando conforme ela cantarola a letra.

— Pensei nesses momentos — digo a ela. — Quando eu era forçado a fazer alguma coisa, minha mente sempre me trazia de volta aos momentos que passamos juntos.

— Que momentos?

— Meu momento favorito foi quando você fez aquela dancinha toda chique e depois me chupou.

Bufando, ela cobre a boca.

— Você quer dizer aquela vez em que quase desmaiou?

— Sim — respondo, estreitando os olhos para a cabeça dela. — Foi o meu primeiro boquete; me dá um tempo.

Precisei respirar fundo e me jogar contra a parede para não desmaiar. Dizer que eu era uma vergonha quando mais novo é pouco.

— O meu favorito foi quando percebi que estava me apaixonando por você — ela diz, respirando fundo. — Estávamos dirigindo para Londres e eu fiquei olhando para você e pensando em como eu era sortuda. Soube então que você tinha o meu coração. Quando terminamos, senti sua falta. Eu sempre vinha ao seu quarto quando você estava fora e chorava na sua cama.

Meu peito se aperta, tanto de raiva de mim mesmo por ter ido embora quanto da ideia de que a afetei tanto depois do término. Achei que ela não se importasse, que estivesse vivendo a vida como se nada tivesse acontecido.

— Podemos olhar a caixa?

Ela inclina a cabeça para cima.

— Sim.

Vou até a beira da cama e me inclino, puxando a caixinha. Destranco e entrego a ela.

— Sei que você viu tudo espalhado no meu chão, mas vamos olhar direito. Eu guardei tudo.

Ela chora enquanto pega o vestido.

— Ela ficaria uma princesa com isso.

Respiro fundo e seguro a respiração enquanto assinto.

— Como a mãe dela.

— Eu odeio isso — Stacey diz, pegando as cinco regras que eu criei.

— Alguma vez quebrou a quinta?

— Sim.

Ela sorri fracamente.

— Me desculpa.

— Não faça isso. Essas regras não valem nada. Não significam nada. Elas nem deveriam existir. Continue olhando.

— Os sapatinhos também. — Ela enxuga as lágrimas do rosto e olha para mim quando vê a rosa de papel que fiz com um guardanapo. Ela a usou atrás da orelha durante todo o caminho para casa, depois de um jantar que tivemos em Edimburgo. — Você realmente nunca deixou de me amar?

Balanço a cabeça de um lado para o outro.

— Nem uma vez. Eu te observei o tempo todo.

Stacey continua revirando a caixa, soluçando ao encontrar um papel do hospital sobre o início do segundo trimestre. Os desenhos que eu fiz. As fotos que ela tirou. A blusa que ela deixou aqui e que eu nunca devolvi.

Ela me olha de relance enquanto fecha a caixa.

— Você me observou?

— Provavelmente mais do que eu deveria. Eu, uhm, dei uma surra em todo cara que chegou perto de você.

Ela se senta mais ereta, de boca aberta.

— Você deu?

Dou de ombros e coloco a caixa debaixo da cama novamente.

— Você era minha.

— Achei que você me odiasse e que eu era solteira.

Puxo Stacey pra junto de mim, aperto sua bunda e passo sua perna por cima do meu corpo.

— Nunca mais quero ouvir isso saindo da sua boca. Não importava em que ponto estávamos no nosso relacionamento, eu teria massacrado uma sala inteira cheia de pessoas só para ter um minuto disso com você

— Fofo, mas um pouco assustador. Sem mais matança.

Eu rio.

— Tenho mais uma pessoa para matar, então prometo nunca mais levantar uma arma ou usar minhas mãos para nada além de te dar prazer pelo resto da minha vida.

— Como você planeja matar Bernadette se for preso?

Ela olha para mim e eu dou uma piscadinha.

— Eu sempre dou um jeito.

Brinco com o cabelo dela enquanto ela encosta a cabeça no meu peito, e

provavelmente é a primeira vez que assistimos ao filme inteiro sem ela cantar.

Ela diz que me ama, e eu repito. Ela me diz que vamos ter muitos bebês, e eu digo para começarmos imediatamente, mas ela acha que estou brincando. Ela me diz que vai dar um jeito de eu ver os cachorros enquanto estiver na prisão, e eu digo que eles vão mantê-la aquecida na cama, já que eu não vou poder.

Stacey adormece em cima de mim, e eu fecho os olhos, sem dormir, apenas curtindo o tempo que tenho com ela.

Eu não deveria ter dito meu nome e mostrado meu rosto naquele vídeo do Archie, mas na minha realidade, eu não tenho um final feliz. Tudo o que posso esperar é que eu assuma a culpa por tudo e que minha equipe, Stacey, e minha família saiam ilesos.

Eles também podem acabar sendo presos.

Engulo o nó que ameaça me estrangular, olhando para o sol nascendo atrás das colinas e copas das árvores. Ouço vozes, provavelmente minha equipe ainda limpando minha bagunça.

Então, alguém bate na porta, seguido por uma das funcionárias da mansão anunciando que o café da manhã está servido.

CAPÍTULO 34



Kade

Stacey pega minha mão na dela enquanto descemos a escada, e ela grita quando a levanto lá embaixo e a pressiono contra a parede para roubar um beijo rápido.

Ela está usando um short meu de algodão e outra blusa preta grande demais para ela, o cabelo preso em um rabo de cavalo, com o rosto limpo do banho. Ela cheira a mim depois de usar meu sabonete líquido. Cheira a mim. E *é* minha.

O beijo rápido fica intenso quando suas mãos puxam meu cabelo e minha língua se move com a dela, e então ela se esfrega em mim, me deixando duro novamente enquanto um gemido escapa de seus lábios.

Porra, eu nunca vou me cansar dela.

— Para com isso — ela diz, rindo. — Alguém vai ver.

Balanço a cabeça de um lado para o outro.

— Ninguém vem para o meu lado da mansão.

— Câmeras, Kade. Câmeras.

Eu bufo e a deixo descer.

— Depois do café da manhã, vamos terminar o que começamos.

Ela ergue uma sobrancelha quando pego sua mão, deleitando-me com a

energia que flui entre nossas palmas.

— Mesmo?

Cantarolo um *uhum* e a arrasto pelo hall de entrada antes de envolvê-la com meus braços por trás e dar alguns passos para frente. Sussurro em seu ouvido:

— Sem camisinha. Forte. Rápido. Devagar. Longo. Suave. — Mordo seu pescoço e ela dá um gritinho. — *Escandaloso*. Escolha, Sardentinha.

Ela me dá uma cotovelada e encosta a cabeça no meu braço enquanto caminhamos para a sala de jantar principal. Paro quando ouço várias vozes, e Stacey também. Franzimos a testa um para o outro antes de entrarmos na cozinha.

Minha mãe preparou um café da manhã farto. A mesa de jantar está cheia de comidas diferentes: cereais, frituras, jarras de chá e café e vários tipos diferentes de omelete.

Dez e Tylar estão aqui, sentados ao lado de Luciella, minha mãe e Ewan. Ele deve ter visto a filmagem e decidido sair do hotel em que estava hospedado. Ele precisava de espaço, para respirar e pensar.

O braço de Ewan está apoiado no encosto da cadeira da minha mãe enquanto conversam sobre uma das vezes em que fomos todos para os Estados Unidos. Minha mãe oferece comida aos trabalhadores. Dois caras da minha equipe também estão sentados à mesa, devorando frutas.

Minha mãe olha para mim e se levanta da cadeira.

— Ah, vocês dois acordaram. Venham. Comam.

Tylar se levanta em um pulo e puxa Stacey para seus braços, abraçando-a e perguntando se ela está bem, e Dez acena para mim, dando um tapinha no meu ombro.

— Parece que temos muita coisa para colocar em dia.

— Muita coisa é um eufemismo.

— Porra, cara.

— Olha essa boca! — minha mãe repreende Dez. — Não deixe sua torrada esfriar, Desmond.

Nos acomodamos, minha mão na coxa de Stacey enquanto comemos, enchendo nossos corpos famintos até que ambos estejamos satisfeitos, felizmente estou conseguindo segurar a comida no estômago agora. Sirvo um chá a ela, e ela me passa uma tigela de uvas enquanto Dez e Tylar nos contam sobre suas viagens.

Aceito o assunto, já que ninguém quer falar sobre o elefante na sala, ou sobre o fato de que eu desfiz o corpo de Archie em pedacinhos ontem à noite e seus restos mortais estão em baldes na câmara fria. Vou usá-los para provocar

Bernadette.

Stacey encosta a cabeça no meu ombro e sorri para Luciella, que retribui o sorriso apesar das circunstâncias, olhando para nós dois. Acho que ela não está chateada conosco. Não que eu me importe.

Ewan sussurra no ouvido da minha mãe, e ela abaixa a cabeça.

— Kade, você viu o noticiário ou… olhou para fora dos portões principais?

Balanço a cabeça em negativa, franzindo as sobrancelhas.

— Não. Mantivemos nossos celulares desligados e não verifiquei meu notebook. Eu meio que esperava uma batida policial horas atrás.

— Acho que não vai haver batida alguma.

Inclino a cabeça, confuso, e Ewan pega o controle remoto, ligando a TV que está na parede em frente à mesa. Me levanto da cadeira quando vejo a multidão no nosso portão principal — pessoas em pé, de braços dados, cartazes erguidos, entoando cânticos.

— O que diabos?

Stacey apoia os cotovelos na mesa, assistindo comigo.

Luciella fala em seguida:

— Houve uma grande repercussão nas redes sociais; relatos de corrupção tanto na polícia quanto nas forças armadas, a partir do arquivo que você divulgou. As vítimas se apresentaram e prestaram depoimento. Todo mundo está te apoiando, Kade. E eu quero dizer *todo mundo* mesmo.

Ela abre algo no celular e me mostra.

— Quatro petições para que as acusações que te impuserem sejam retiradas e Bernadette removida do cargo. Mais de dez milhões só numa petição em apenas seis horas.

Engulo em seco, olhando ao redor da sala e depois para minha mãe.

— Mas eu não sou o mocinho.

Ela sorri fracamente.

— Sim, você é, querido.

Eu deveria ter sido preso horas atrás, mas, pela tela, tem um exército impedindo a polícia de entrar.

Vou até a porta do pátio e a abro, e, de repente, dois helicópteros estão sobrevoando a mansão. Um é do Barry e o outro da polícia. Mas também noto a fila de pessoas, muitas delas, espalhando-se pelos terrenos da mansão, parando apenas no lago.

Stacey fica ao meu lado enquanto seguimos minha mãe até a entrada principal da mansão, parando no terreno e descendo o caminho de paralelepípedos até os portões trancados.

A visão me faz franzir a testa.

Justiça por Jason!

Justiça por Tobias!

Fora policiais corruptos!

Prendam os verdadeiros assassinos!

Deixem o Kade livre!

Estamos com os Mitchells!

As placas e faixas estão espalhadas pela multidão do lado de fora dos portões, centenas delas — quando me veem, todos comemoram e aplaudem, e eu me esqueço de como respirar. Stacey cobre a boca com um soluço feliz, mas estou sem reação, olhando para todos eles. Todos esses estranhos estão aqui por mim.

— *Aquela é ela?* — perguntam um ao outro, encarando Stacey. — *Nossa, ela é tão linda na vida real.*

Meu Deus, estou em uma realidade alternativa ou estou sonhando?

Há pessoas de quase todas as idades na multidão também — de adolescentes até mais de setenta —, todas se reunindo ao redor da mansão para me proteger.

Uma mão desliza na minha e eu fecho os dedos.

— Acho que devemos ligar nossos celulares.

— É. Provavelmente é uma boa ideia.

Um carro de polícia está parado ao longe, um repórter também, filmando a cena.

Algumas pessoas estão com os celulares na mão, gravando a mim e a Stacey e chamando minha mãe. Puxo Stacey para perto de mim quando sinto um aperto no estômago — preciso que ela esteja aqui comigo. Com as costas no meu peito, a abraço e apoio o queixo em seu ombro.

Observamos todos lutando por nós.

Luciella se aproxima de mim.

— Estou orgulhosa de você, Kade.

— Por quê?

Ela olha para mim, com os olhos marejados.

— Você sobreviveu.

Ela se aconchega na nossa mãe, e Stacey beija minha bochecha.

— Eu te disse, não foi? Você não está sozinho. Nem agora, nem nunca.

Beijo ela de volta e aceno para quem está agarrado nas grades como se a vida dependesse disso, enquanto os seguranças avisam pra ficarem do lado deles da cerca. Os seguranças estão de colete à prova de balas, capacete, armas penduradas no corpo, todos posicionados no perímetro pra garantir que ninguém

entre.

Por mais felizes e solidários que pareçam estar, alguém entre eles pode ser um espião ou estar contra nós. Talvez até mesmo parte de um dos impérios que eu destruí.

Se eu for um alvo para ser assassinado, todos podem estar em perigo.

— Vamos lá — digo para minha mãe e Stacey, Luciella vindo logo atrás. Abaixo a cabeça e me viro. Meu coração está acelerado e meu piscar está ficando um pouco descontrolado. Acho que é a sensação avassaladora de ter tanto apoio. — Preciso voltar para dentro antes que me vejam surtando.

Stacey está me observando enquanto entro. Ela parece cansada, então pego sua mão e nos direciono de volta para o meu lado da mansão, enquanto agradeço à minha mãe pelo café da manhã.

Um dos meus homens me para antes de entrarmos na minha ala.

— Senhor, Barry comunicou que Bernadette Sawyer está sendo transferida para um hospital em Edimburgo. Ela deve receber alta nos próximos dias. Ele também está de olho nos boletins de ocorrência e, até agora, eles só querem que você seja levado para interrogatório. Nenhuma acusação listada.

Porra, o que isso significa?

— Certo. Mais alguma coisa?

— Sebastian Prince chegará em dois dias. Ele não conseguiu cancelar o casamento para vir antes.

Eu estava torcendo para que ele chegasse o quanto antes.

Ele se endireita e ajeita a gravata.

— Ele também vai trazer um pelotão de soldados para proteger a mansão. Você tem… uma bela recompensa pela sua cabeça, senhor.

Eu esperava por isso.

— Obrigado. Diga ao Barry para ficar onde está. Por que você e todos os outros ainda estão aqui? Eu disse a todos que podiam ir embora.

— Por mais que apreciemos a oferta, nossa lealdade continua sendo com o senhor, Sr. Mitchell. Ninguém foi embora, nem pretende ir. Vamos proteger o senhor, sua família e — ele lança um olhar para Stacey — sua parceira, com a nossa própria vida.

Dou um tapinha em seu ombro.

— Obrigado. De verdade.

Ele abaixa a cabeça para Stacey e então caminha em direção à sala de jantar. Solto um suspiro e seguro a mão de Stacey novamente.

— Sem acusações?

— Não faço ideia. Pode demorar um pouco para aparecer no sistema, ou está tudo sendo conduzido por baixo dos panos, como os filhos da puta corruptos

que são.

— Para onde estamos indo? — ela pergunta.

— Vou te levar para a cama.

— Ah.

Olho para Stacey, que está corando.

— Para tirar uma soneca — esclareço.

— Podemos fazer isso? — ela pergunta, tentando me acompanhar. — Não deveríamos descobrir o que fazer em seguida?

— Acho que a multidão lá fora nos deu algumas horas a mais. Tomara que os russos cheguem antes que o problema apareça, e o Barry vai ficar de olho na Bernadette e nos movimentos da polícia. Agora vamos dormir, nos aninhar um no outro, conversar e depois nos aninhar um pouco mais.

— Podemos assistir *O Rei do Show* de novo e comer besteiras o dia todo?

Eu rio e solto sua mão, agarrando a parte de trás de suas coxas e a levantando quando chegamos à minha escada em espiral. Ela envolve as pernas na minha cintura, desliza os braços em volta do meu pescoço e sorri para mim. Subimos mais quatro degraus antes que eu a pressione contra o corrimão e a beije até nossas bocas doerem.

— Se é isso que você quer — sussurro contra seus lábios.

CAPÍTULO 35



Kade

Acordo com a boceta da Stacey estrangulando meu pau.

Ela está de frente para mim, nós dois de lado, ela gemendo contra meu ouvido enquanto nos balançamos um no outro, sua respiração instável, a minha inexistente.

Abro os olhos um de cada vez, cego pelo sol que entra pela janela. Stacey se contorce ao meu lado. Minha blusa está puxada para cima sobre seus seios, um dos quais tem marcas de dentes. Devo ter feito isso dormindo.

Mamilos duros e rosados. Pele corada. Lábios entreabertos, deixando escapar ruídos que eu não ouvia há muito tempo enquanto ela se esfrega no meu pau e geme.

Olhando para baixo, entre nós, a observo tomar mais de mim, mal se acomodando ao meu tamanho enquanto suas paredes se esmagam ao meu redor, sua boceta encharcada se estica a cada estocada curta enquanto ela avança mais um centímetro.

Minhas bolas se apertam enquanto eu empurro mais dentro dela, e seu gemido me deixa ainda mais duro. Agarro sua bunda, cravo meus dedos em sua pele e a fodo de um jeito que me arranca um gemido profundo e ofegante.

Demoro um segundo pra entender se isso é mais um sonho, se eu

apaguei e estou imaginando a Stacey, ou se está realmente acontecendo.

— Kade — ela sussurra e geme, e eu fecho os olhos e suspiro de alívio. — Mais fundo.

Isso é real. Ela nunca fala nos meus sonhos. Minha garota está realmente na minha cama, com os cabelos desgrenhados no meu travesseiro; posso sentir sua pele macia sob a palma da minha mão que explora o corpo dela.

Seu quadril. Cintura. O jeito como sua coxa sobe sobre mim enquanto ela me fode.

Ela geme e cravo meus dedos em sua carne e a puxo para mais perto de mim, me fazendo ir mais fundo, atingindo um ponto dentro dela que a faz gemer em meu ouvido.

Esta é Stacey. Minha garota. É realmente Stacey que estou fodendo enquanto estou meio dormindo, com meu short e cueca boxer enrolados nos tornozelos.

Eu deveria parar com isso. Ela não está tomando anticoncepcional. Eu poderia engravidá-la. Por que ainda estou metendo?

Sua perna se prende ao meu lado e ela distraidamente rebola os quadris para receber mais de mim. Consigo ouvir e sentir como ela está molhada; está pingando no colchão entre nós.

A ponta do meu nariz desliza contra sua bochecha, trazendo minha boca para a dela, mas apenas respiramos um contra o outro. Os olhos de Stacey tremulam sob suas pálpebras e me dou conta de que ela ainda está dormindo.

Eu gemo e, contra todo o meu desespero para acordá-la, puxá-la para cima e exigir que ela me monte, seguro o quadril de Stacey para impedi-la de se mover contra meu pau enquanto não está totalmente consciente. Paro de meter também, por mais que eu queira empurrá-la de costas e foder até o último suspiro dela. O suor cobre minha pele, eu afasto mechas de cabelo castanho de seu rosto. Seus olhos verdes dançantes se abrem gradualmente, e ela sorri para mim sonolenta, depois olha para baixo, entre nós.

Ela lambe os lábios, o rubor em suas bochechas num tom mais profundo de vermelho que se espalha até seu pescoço.

— Ah.

Não deixo passar despercebido como sua boceta se aperta em volta de mim; suas paredes internas me esmagando como um punho molhado. Ela olha para mim, com as pupilas dilatadas, e então se encolhe quando passo a ponta do polegar em seu mamilo. Meu peito sobe e desce.

— Nos fodemos enquanto dormíamos — eu digo.

— Devíamos… — Ela morde o lábio inferior enquanto continuo circulando seu mamilo, precisando colocá-lo na minha boca. — Está tudo bem

por você?

Pulso dentro dela enquanto ela rebola os quadris para trás levemente, minha ponta inchada ainda dentro, me fazendo querer agarrá-la e me enfiar fundo até o fundo e ouvi-la gritar. Mas não é o aperto dela em volta de mim ou a sensação estranha no meu peito de que acordei com ela que faz meu coração disparar.

Eu não quero machucá-la.

— Podemos continuar? — pergunto a ela. — Quero seu gozo por todo o meu pau.

Ela acena com entusiasmo e tira a blusa completamente.

— Me faz gozar, Kade.

Porra.

— Preciso que você tenha paciência comigo — digo rolando-a de volta, meu pau ainda dentro dela enquanto me acomodo entre suas pernas. — Não quero te machucar.

— Mantenha os olhos abertos — ela diz, com suspiros caindo entre nós enquanto levanta os quadris, me tomando quase por inteiro. — Se ajudar, não feche os olhos. Assista o que você faz comigo, sob seus termos.

Fazendo o que ela diz, mantenho meus olhos nela enquanto tensiono meu maxilar e me afasto para que apenas a cabeça fique dentro. E quando me empurro para frente, me envolvendo completamente em sua boceta quente, um rosnado profundo sai da minha garganta.

Fazia tanto tempo que não me sentia assim.

Sim, eu estive dentro dela quando a debrucei sobre a mesa, mas eu estava distraído e mal me agarrando à realidade. Isso, aqui, com ela, é real. É o máximo de realidade que teremos.

Cada movimento arranca dela sons que nunca esquecerei, e minha espinha formiga, um calor já crescendo na base, minhas bolas apertadas, minha cabeça latejando enquanto ela aperta meu pau.

Stacey me beija, agarrando meu rosto e batendo sua boca na minha, e é o único momento em que permito que meus olhos se fechem, saboreando-a, sentindo-a, transando com a garota por quem sou apaixonado enquanto ela ofega e geme na minha boca.

Engulo cada gemido que arranco dela, metendo com mais força, jogando-a para cima da cama até sua cabeça bater na cabeceira. Seguro seu quadril com uma mão e agarro a estrutura de metal com a outra, usando-a para ir mais forte, mais fundo, suas pupilas totalmente dilatadas enquanto sua boca se abre e seus olhos ficam vidrados.

Pressiono minha mão no travesseiro ao lado de sua cabeça, inclinando-

me para observá-la.

— Eu te amo — ofego. — Vou provar a você todos os dias, pelo resto da minha vida, o quanto eu te amo.

Ela empurra meu peito, e eu rolo de costas para que ela fique por cima.

— Eu também te amo; muito, muito mesmo. — Ela se ajoelha, minha cabeça inchada ainda entre sua fenda. — Assuma o controle, Kade. Me fode. Me mostre que sou sua.

Agarro seus quadris e empurro os meus para cima, fazendo sua cabeça tombar para trás com um gemido alto. Então, apalpo seus seios, levo seus mamilos à minha boca e chupo com força enquanto fodo sua boceta molhada.

Seus dedos puxam os cabelos da minha nuca, e minha cabeça se levanta para que ela possa me beijar. Agarrando sua cintura, eu a movo para mim, controlando a força e a rapidez com que ela esfrega sua boceta doce no meu pau.

— Eu… — Ela treme em meus braços. — Ah, Deus. Kade.

Circulo seu clitóris, e Stacey geme na minha boca enquanto seu orgasmo a atinge. Eu a cavalgo através dele, sentindo seu prazer; como ela fica encharcada enquanto pulsa e lateja. Belisco e circulo, arrastando meus lábios até seu pescoço e chupando a pele ali.

Stacey volta do êxtase, ofegante, mas eu ainda não terminei. Vou fazê-la explodir de novo, e, então vou enchê-la com cada gota minha.

Eu a desço no meu pau, e ela geme.

— Porra. Eu senti saudade disso.

— Disso? — ela mal consegue dizer, cravando as mãos nos meus ombros a cada estocada intensa.

Suas costas batem no colchão então, e eu a viro para que seu peito fique contra a cama e afundo em sua boceta por trás.

— De estar no controle. De você. Nós. Tudo isso.

Seu gemido se mistura com um grito de prazer enquanto continuo, e o aperto no meu peito volta ao ver minha garota desmoronar mais uma vez, agarrando os lençóis. Só preciso de mais algumas estocadas antes de afundar mais uma vez e enchê-la com meu esperma.

Eu me jogo no colchão assim que meu pau para de pulsar dentro dela, e ela rola de costas para o meu lado. Ela ofega, nós dois olhando para o teto.

— Mesmo quando estamos dormindo, nos queremos.

— Sim — respondo, virando a cabeça para observá-la; o jeito como seus seios se movem a cada respiração, sua pele sardenta, a maciez de cada centímetro dela. — Você ainda me toma como uma boa garota.

Ela revira os olhos, mas seu sorriso permanece lá.

— Cala a boca.

Quero memorizar tudo sobre ela, desde a maciez de sua pele até as covinhas quando ela sorri, até o som de sua risada quando nos provocamos. Quero ouvir sua voz me dizendo, para sempre, que me ama e que isso nunca vai mudar.

É um milagre a polícia ainda não ter invadido meu quarto e me algemado. Ainda estou na cama, com minha garota, e vou fazer cada segundo valer a pena.

Começando por colocar tudo na mesa.

Viro-me de lado. Ela estremece quando circulo seu mamilo.

— Sei que já me desculpei, mas eu estava tão fodido quando fiz isso. Eu devia ter ouvido a sua versão daquele vídeo, mas eu também devia ter percebido que estava sendo abusada em casa. Eu teria matado ele, sabe? Ao primeiro sinal de que ele te machucava, eu teria matado ele.

Ela pousa a mão na minha bochecha, e parece que não sou tocado assim há anos.

— Eu menti e escondi o que o Chris fazia, para você não saber o que estava acontecendo na minha casa.

— Eu devia ter reparado — digo, e sinto os meus olhos ardendo. Fecho eles e encosto o rosto na palma da mão dela. — Tudo podia ter sido tão diferente se eu tivesse reparado.

— Chega de se culpar — ela diz, se ajeitando no meu colo, montada em mim. E sim, ainda pelada, pra constar. — A partir de agora, sem mais desculpas. Vamos nos curar. Juntos.

— E sobre ontem? — pergunto.

Ela inclina a cabeça, sem entender, e minhas mãos deslizam até o meio das coxas dela.

— Como assim? — pergunta, baixinho.

— Eu te estrangulei.

— Ninguém disse que ia ser fácil. Vão ter dias bem difíceis… mas, pelo menos, teremos um ao outro.

Bom… se dias difíceis incluírem tentar matar quem você ama, então tá.

— O que foi que eu fiz nessa vida para merecer alguém tão incrível quanto você?

— É só continuar sendo romântico assim.

Solto um suspiro e me endireito.

— Eu não sou romântico.

Ela ri e me puxa, colando nossos lábios.

— É sim. Agora me beija até a gente esquecer o próprio nome.

Trago a fumaça para os pulmões e observo minha equipe patrulhando o perímetro. A multidão ainda rodeia a mansão, mas o helicóptero da polícia já foi, e dois drones passam voando pela minha varanda.

Chokehold de Sleep Token, está tocando em algum lugar do terreno. Ou talvez seja a multidão. Eles estão sempre tocando música ou entoando cânticos.

Meu telefone ainda está desligado, sem bateria, então não ouvi mais nada, nem sei o dano que causei ao submundo. Além de matar alguém vivo, eu realmente me meti em encrenca com a elite e os líderes do lado negro do crime. É só uma questão de tempo até que tudo isso me morda na bunda, mas vou me certificar de que esteja pronto. Se a polícia puder ser mantida sob controle por mais alguns dias, darei um fim a tudo isso.

Não tenho mais Bernadette me pressionando com a minha família, e não preciso me preocupar com a situação do meu pai na instituição ou com ele ser um alvo, então ela não tem ideia do que diabos está por vir.

Seu mecanismo de segurança se foi, tudo desmoronou.

Ela me criou; o caos que corre solto na minha cabeça, e eu vou liberar tudo sobre ela.

Braços me envolvem por trás, e Stacey me dá um beijo nas costas, depois entre minhas omoplatas, e encosta a bochecha na minha pele nua.

— Você tem muitas tatuagens novas.

— Você também — digo, oferecendo o cigarro a ela.

Ela o pega e dá um gritinho quando a arrasto para se sentar comigo. Estamos os dois pelados, meu esperma vazando dela, mas quando uso meus dedos para enfiá-lo de volta nela, Stacey dá um tapa no meu braço.

— Pare com isso. Você cobriu todas as tatuagens que fez para mim. Quero, *acidentalmente*, dar uma joelhada nas suas bolas.

Eu rio e entrelaço nossos dedos, enchendo meus pulmões de nicotina quando ela me devolve o cigarro.

— Eu mantive uma.

Mostro a ela nossas iniciais no mesmo desenho que ela tem nas costas. Ela também me beija e sorri para mim.

— Suas bolas estão seguras.

Stacey se levanta e eu a encaro como se ela fosse meu próprio anjo da guarda.

— Coloque seu celular para carregar para que possamos ligá-lo. Precisamos saber qual foi o estrago.

Dou um suspiro pesado.

— Se tudo que tiver for um boletim pra me chamar pra depor, então eu devia é estar mais preocupado em ser assassinado dentro da minha própria casa. Você vai pro esconderijo?

Eu sei a resposta para isso, mas ela cruza os braços e me lança um olhar mortal, então opto por arrastá-la de volta para a cama e ouvi-la gemer meu nome enquanto enfio meu pau nela de novo, de novo, de novo.

CAPÍTULO 36



Stacey

Acordar em uma cama vazia faz meu coração parar. Entro em pânico até ver os cigarros e a chave da moto do Kade na mesa de cabeceira, o celular dele carregando ao lado do relógio digital. São pouco mais de três da manhã.

Saio da cama e dou uma olhada no banheiro, os pés descalços batendo no chão enquanto abro as portas da varanda e olho para o terreno, vendo apenas seguranças. A casa da piscina está escura e consigo ouvir a água do lago batendo no pequeno deck.

Vestida com a cueca boxer e a blusa do Kade, saio do quarto e desço os degraus em espiral, parando ao ver dois guardas. O mais jovem se move na minha frente.

— Para onde você está indo?

Por um segundo, fico confusa. Aponto o polegar por cima do ombro.

— Kade não estava na cama.

— O chefe teve uma reunião urgente, mas acho que já acabou.

— Onde ele está então?

— Não sei, mas vou acompanhá-la. — Ele abaixa a cabeça e gesticula com a mão para que eu continue, me seguindo e deixando o outro guarda. — O Sr. Mitchell nos instruiu a garantir a segurança de todos os membros da casa.

Não temos… permissão para deixá-la andar sozinha.

Torço o nariz, mas sigo em frente mesmo assim. Eu entendo. A mansão e tudo dentro de seus muros estão em alto risco, e ele está apenas fazendo o seu trabalho.

Ele é alto, loiro, veste um terno preto justo e tem uma arma presa ao peito. Ele caminha ao meu lado enquanto procuro Kade pela mansão.

Seu fone de comunicação continua caindo, ele boceja duas vezes e parece que não dorme há dias.

Para puxar assunto, pergunto:

— Há quanto tempo você trabalha para o Kade?

Ele pensa por um segundo enquanto descemos a escada principal.

— Ele não me deixou trabalhar para ele até que eu tivesse idade suficiente, então apenas alguns meses. Estou acompanhando os outros guardas para aprender.

— Como você o conheceu? — pergunto. Quanto mais olho para ele, mais vejo um garoto segurando uma arma.

— Fui tirado da minha família e forçado a ir para um campo de treinamento quando tinha onze anos. O Sr. Mitchell invadiu o local e me salvou quando eu tinha dezesseis. Ele massacrou todos os envolvidos quando descobriu sobre o regime de treinamento.

Eu empalideço, sem piscar.

— Ah.

— Pelo menos eu sei atirar. — Ele ergue o ombro. — Meus pais vivem querendo conhecer ele e agradecer, mas ele não é do tipo que gosta de elogios.

Então ele parece um garoto, mas provavelmente tem mais experiência com aquela arma do que a maioria.

— Quantos anos você tem agora?

— Acabei de fazer dezoito. Somos cinco aqui, do mesmo campo, da mesma idade. Ele salvou a todos nós. Ele e o Barry. Mas não temos permissão para lutar até termos mais treinamento. — Ele bate na arma. — Isso é só de enfeite. Só vou usá-la se for absolutamente necessário.

Sorrio para ele, e ele relaxa visivelmente.

Mesmo enquanto passava por um inferno, ele ainda tentava ajudar os outros. Será que eu poderia amar mais o Kade Mitchell?

Por ser de madrugada, a mansão está bastante movimentada. Os preparativos estão sendo feitos para a chegada da Base e seu exército. Aria está a todo vapor com seus trabalhadores, arrumando todos os quartos extras, mesmo agora, com o Ewan distribuindo comida para a multidão no portão. Alguns estão em barracas, outros dormindo em seus carros, mas muitos estão bebendo ao

redor de uma fogueira enorme e tocando música.

Kade está grato, mas eu sei que ter que garantir a segurança de todos eles traz muito estresse extra.

As redes sociais têm sido assustadoras. Meus seguidores aumentaram, mensagens têm inundado minha caixa de entrada e repórteres têm entrado em contato para fazer entrevistas exclusivas com *o amor da vida de Kade Mitchell.*

Ele riu dessa.

Desativei minhas notificações ontem à noite e só de pensar em olhar de novo agora me dá um nó no estômago.

Mas, pelo lado positivo, a demonstração de amor e apoio a Kade tem sido insana. Todos conhecem a história dele; todos sabem o que ele passou e o que fez, mas ainda assim o apoiam. Eles entendem por que ele matou Archie e tantos outros. Eles querem que Bernadette seja a próxima e até criaram outra petição para que ele transmita a morte dela ao vivo também.

O mundo ama Kade.

Talvez seja por isso que a polícia ainda não tenha conseguido furar o bloqueio.

O casamento de Base também está em todos os noticiários. Ele é mais uma vítima dos abusos de Bernadette e do submundo, e sua família não está nem um pouco feliz. Luciella está nervosa ao vê-lo e, por mais que tenha contido as lágrimas ao saber que Base agora está casado, posso dizer que isso a está destruindo. Entre isso e a perda de Jason e do pai, não tenho certeza de quanto mais minha melhor amiga aguenta antes de surtar. Ela guarda muita coisa e às vezes pode parecer insensível, mas na verdade tem um coração de ouro.

Um coração que está se despedaçando lentamente.

Descobrimos que Kade está se exercitando e, enquanto o rapaz me acompanha até o porão, ele me diz que ficará no topo da escada de guarda.

Change de Deftones, toca na academia, ficando mais alto à medida que me aproximo. O corredor está mal iluminado, mas não tenho ideia de onde está a luz e consigo ouvir o barulho do metal dos seus pesos.

O porão é enorme. Ocupa quase toda a extensão da mansão. Passo por uma adega, pela câmara fria que me faz tremer só de pensar nos restos mortais de Archie armazenados lá dentro e pelo estúdio.

À esquerda do estúdio, uma das portas está entreaberta, um facho de luz iluminando a poeira do corredor. Abro a porta, e o som intenso da bateria e das guitarras preenche meus ouvidos, metal batendo em metal enquanto Kade está deitado em um banco de musculação, empurrando uma barra acima do peito.

Paralisada na porta, encaro meu namorado de boca aberta como se nunca o tivesse visto antes.

Seus músculos ficam tensos a cada repetição, o suor brilhando em sua pele, seu cabelo molhado. As tatuagens e cicatrizes fazem ele parecer assustador enquanto solta a barra com um estrondo e se senta, os olhos azuis, intensos, encontrando com os meus no espelho.

Seu rosto está vermelho de tanto se exercitar, e desvio meu olhar do rosto dele para todo o seu corpo. Ele tem se esforçado bastante nas últimas semanas e já está desenvolvendo os músculos.

Ele está só de short.

Engulo em seco.

— Você não estava lá quando acordei. — Me abraço. — Fiquei preocupada.

Ele enxuga o rosto e o cabelo com uma toalha, joga-a de lado e abaixa o volume da música.

— Tive uma reunião e precisava clarear a mente depois. — Ele está sem fôlego, com a voz tensa por causa do treino. — Eu devia ter te avisado.

A julgar pelo quão inchados estão seus músculos, ele está malhando há horas.

— Está tudo bem. Só estou paranoica ultimamente. — Deixo as mãos caírem ao lado do corpo. — Você está bem?

Além do murmúrio da música, há um longo silêncio. Kade aperta os lábios, os cotovelos apoiados nos joelhos enquanto procura as palavras.

— Não sei como responder a isso, com toda a sinceridade.

Fecho a porta atrás de mim e caminho até ele. Quando paro perto dele, ele pega minha mão e me puxa para mais perto, então fico entre suas pernas. Minhas mãos repousam em seus ombros, e massageio a tensão com os dedos e lhe dou um sorriso caloroso.

Ele olha para mim, com o suor cobrindo seu rosto, suas sobrancelhas escuras e cílios longos deixando seus olhos mais definidos.

Meus dedos deslizam para cima e acariciam seus cabelos molhados.

— O que está acontecendo aqui? — pergunto, batendo em sua têmpora. — Me conta, para que você não tenha que passar por isso sozinho.

Ele balança a cabeça de um lado para o outro.

— Você não precisa saber. Devemos deixar o passado para trás.

Minha voz baixa para um sussurro.

— Acho que nenhum de nós está pronto para seguir em frente.

Ele suspira e pressiona a testa na minha barriga, me segurando atrás dos meus joelhos.

— Minha cabeça está uma bagunça. Estou tentando descobrir como salvar a todos e, ao mesmo tempo, continuar vivo. Estou começando a ficar sem

planos. Bernadette está mais protegida do que a realeza, e tem uma recompensa enorme pela minha cabeça. É só uma questão de tempo até que venham me buscar.

— Você também não foi preso ainda.

— Não — ele diz. — Estou começando a acreditar que não serei.

Eu deveria estar aliviada, mas isso significa que haverá uma guerra em breve.

— Você está bem? — Kade me pergunta, olhando para cima enquanto eu paro um momento para pensar na minha resposta.

— Acho que não vou estar por um tempo. Tem sido… constante. Por mais que a gente ainda esteja em perigo, essa provavelmente é a primeira vez que não preciso ficar olhando por cima do ombro ou me preocupando com o Chris vindo atrás de mim. Mesmo quando eu estava nos Estados Unidos, nunca pude ter certeza de que ele não apareceria do nada um dia.

— Ele sempre vinha te buscar?

Inclino a cabeça.

— Na maioria das vezes, sim. Toda vez que eu saía, voltava para casa para algum tipo de punição. Só piorou depois que ficamos juntos e comecei a voltar para casa mais tarde, com o pescoço cheio de chupões e todas as suas mensagens no meu celular.

Gemendo, Kade pressiona a testa na minha barriga novamente. Ele não tem motivo para se sentir culpado, mas sei que se sentirá.

— O que mais ele fez? — Kade pergunta, com a voz abafada.

— Ele me batia. Tipo, muito. — Engulo em seco, tentando ignorar as lembranças. — Chris me obrigava a ir a essas festas malucas com ele. Me fazia beber, tomar comprimidos e às vezes… — Paro, com uma lágrima escorrendo pelo meu rosto. — Depois que descobriu que eu tinha namorado, ele ficou mais violento. Eu morria de medo de que ele começasse a me estuprar todas as noites. Eu não sabia na época que ele já estava fazendo isso.

Kade aperta meus joelhos com mais força.

— Queria que você tivesse me contado.

Contenho um soluço preso na garganta e meu lábio treme.

— Queria ter te contado também. Eu estava com tanto medo do que ele faria com você. Ele teria ficado ainda pior.

— Pior do que matar nossa filha? — Então ele se encolhe. — Desculpa, eu não queria que isso tivesse saído desse jeito.

— Você tem razão. Eu estava preocupada que ele piorasse, mas o tempo todo ele já estava piorando. Chris estava doente. Mentalmente. Ele se iludia acreditando que me amava. Acho que ele tinha essa ideia de que seria capaz de

me fazer sofrer a Síndrome de Estocolmo.

Ele olha para o meu rosto, as sobrancelhas franzidas, e há raiva em seus olhos.

— Eu o teria matado antes. Se você tivesse me contado, eu nunca teria deixado você voltar para aquela casa e o teria estrangulado até a morte. Ou o teria mantido vivo, mas incapacitado, para que ele pudesse me ver transando com a mulher que ele atormentou, vê-la se casar comigo e dar à luz meus filhos. Eu o faria assistir a cada segundo que você me amou.

Não tenho ideia do porquê, mas sorrio.

— Acho que os pregos nos olhos dele foram melhores. Seu pai jogou o pé dele em Barry.

Ele solta uma risada.

— Eu sabia que eles se dariam bem.

— Eles se davam. Meio que se davam. — Baixo a voz. — De qualquer forma, aprendi com meus erros. De agora em diante, sem segredos. Prometo fazer melhor. Serei melhor para você.

Ele beija meu quadril por cima do tecido da blusa.

— Você é tudo o que eu preciso e quero. Nunca mude. Tá bom?

Sorrio para ele.

— Até quando eu reclamo?

— Ninguém é perfeito.

Dando uma risadinha, eu me inclino, seguro seu rosto em minhas mãos e o beijo nos lábios. É um selinho, curto, mas com tanto significado.

— Eu te amo.

Kade sorri contra minha boca.

— Sabe, quando você fala isso de hora em hora, essas três palavras acabam perdendo o sentido.

Balanço a cabeça em negação.

— Eu não as disse por anos. Elas nunca perderão o sentido.

— Quando comecei a trabalhar para Bernadette, pensei que você me odiasse. Eu ficava dizendo a mim mesmo que você me odiava para não me aproximar de você e te colocar em perigo. Eu queria você fora do radar dela. Mas eu meio que estraguei tudo quando te peguei naquela casa.

Meus dedos roçam seus cabelos novamente.

— Como você acabou trabalhando para ela, afinal?

— Você já sabe a história.

— Me conta a versão completa, não a diluída. Se vamos conversar sobre isso, então, por favor, me conte tudo.

Ele suspira e me puxa para o seu colo.

— Não pense diferente de mim.

— Nunca.

Enquanto Kade me conta desde o começo, sinto a bile subindo pela minha garganta. O terror que ele sentiu é inimaginável. Bernadette o atraiu, dizendo que queria ajudar, apenas para manipulá-lo, transformá-lo em um monstro e forçá-lo a matar, foder e ser seu bichinho de estimação.

Lágrimas escorrem pelo meu rosto quando ele conta como, certa vez, chegou atrasado para uma tarefa e Archie o drogou tão violentamente que ele não acordou por dias, e quando acordou, simplesmente soube que o homem havia violado seu corpo adolescente.

Ele treme embaixo de mim enquanto continua contando história após história. Recompensa após recompensa. Quantas pessoas ele torturou, como tentou salvar o máximo possível, e para quantas pessoas ele teve que bancar um papel.

Suas palavras são ditas contra minha pele, sua cabeça enterrada no meu ombro, como se ele tivesse vergonha de me olhar nos olhos.

— Quantos clientes você teve? — pergunto, porque pelo que parece, houve muitos.

— Por favor, não me odeie — Kade diz, levantando a cabeça. — Eu não sei. Mais de cem. Só para você saber, ela me fez fazer coisas com o Base também. Talvez você veja as fotos. Foram só, talvez, umas cinco vezes.

Eu já vi, mas não queria perguntar a ele sobre isso, caso ele fosse afetado pelas lembranças. A quantidade de tortura pela qual ele passou, eu não queria tocar no assunto.

— Você e o Base estão bem?

— Sim. — Ele assente com a cabeça. — Na verdade, nos aproximou ainda mais. Sabíamos que tínhamos que cooperar para garantir que você e a Luciella estivessem seguras. Não fizemos sexo de fato, mas ele fez coisas comigo enquanto eu… — Ele faz uma pausa. — Desculpa. Eu realmente não quero que você me odeie.

— Eu nunca poderia te odiar por isso. — Apesar de Kade ter sido forçado a esse tipo de trabalho, eu tenho muito respeito por profissionais do sexo. Tive muitos alunos que treinaram comigo para se candidatarem a clubes, webcams ou ganharem confiança para modelar lingerie. — Algum deles já te machucou?

Ele ri.

— Sim. Acho que a Bernadette os escolhia exatamente por esse motivo. Alguém me esfaqueou quando eu estava… — Ele para e geme. — Desculpa. Sei que você não quer ouvir nada disso.

— Tudo bem; pare de se desculpar. Está ajudando? Falar comigo sobre isso?

— Sim — ele responde, suspirando e massageando minha lateral com os polegares. — Mas não quero te deixar desconfortável.

— Eu não estou — digo com sinceridade. — Eu quero ajudar.

— Você ajudou. As lembranças de nós dois me fizeram seguir em frente. Eu estava sempre no subespaço, revivendo os momentos que tivemos enquanto as coisas aconteciam comigo. Nunca parei de te amar, Stacey, mesmo quando fui um pau no cu com você. Sempre fui seu.

Fungo, com os olhos ardendo.

— E eu, sua. — Limpo as bochechas. — Que idade você tinha quando teve seu primeiro cliente?

Ele faz uma careta.

— Dezenove. Tipo, um mês depois que terminamos.

— Eu não achava que fosse possível odiar Bernadette mais do que já odeio — sibilo, passando os dedos pelos cabelos dele, sem mencionar as cicatrizes em seu couro cabeludo. — Acho que posso te ajudar a matá-la.

Kade ri e envolve os braços em volta das minhas costas, apoiando a testa na minha.

— De jeito nenhum. Assim que eu resolver essa merda com a polícia e descobrir se vou mesmo ser indiciado, e Base chegar com seu exército de russos, você vai para o esconderijo e vai levar os cachorros com você.

Franzo a testa.

— Não. Eu já disse que vou ficar com você.

Suspirando, Kade se levanta facilmente comigo enrolada nele, como se eu fosse do peso de uma pena.

— Não tenho ideia de como explicar isso mais claramente para você. De acordo com o Barry, minha cabeça vale cinquenta milhões. *Cinquenta*. Você sabe quantas pessoas provavelmente estão se reunindo para atacar a mansão? Isso, se os outros filho da puta do submundo já não estiverem a caminho. Você ficar aqui está fora de questão.

Cruzo os braços e ele me segura.

— Por que você está mudando de ideia? Você estava concordando comigo antes.

— Eu estava cego pela sua boceta no meu pau. Eu teria concordado com qualquer coisa.

Meus olhos se estreitam.

— Isso é irresponsável.

Kade se vira, nos abaixando no banco de musculação e me empurrando

para deitar.

— Não. O que é irresponsável é quantas vezes eu estive dentro de você sem qualquer método anticoncepcional. Só por isso, você vai para o esconderijo.

— Você está me mandando embora para não me foder de novo?

Me irrita o fato de ele estar sorrindo, mas minha irritação se extingue quando ele se acomoda em cima de mim, fazendo sua camiseta subir pelo meu corpo.

— Não. Estou te mandando embora porque, se eu tiver te engravidado, não vou perder vocês dois quando eles vierem atrás de mim. — Ele abaixa a boca até a minha, beijando suavemente o canto dos meus lábios e descendo pelo meu maxilar. — Mas te ver pingando meu esperma, sabendo da probabilidade de você engravidar, me deixa duro pra caralho. — Ele pontua a última palavra se esfregando em mim uma vez, e eu ofego. — Só de pensar nisso me dá vontade de te foder.

Sem fôlego, deslizo minhas mãos pelo seu peito nu.

— É?

— É. Posso te foder agora?

Dou um tapa no peito dele, e ele ri baixinho.

— Se você continuar gozando em mim, então… — Paro, arregalando os olhos. — Ah, não. Esqueci de avisar sua mãe para chamar a enfermeira.

Kade dá de ombros.

— Por mais que ter um bebê com você fosse perfeito, o momento não é. Podemos chamar a enfermeira quando você terminar aqui?

Ele suspira, revirando os olhos.

— Tudo bem, mas eu vou te foder mesmo assim.

Quando sua boca toca a minha, ele aumenta o volume da música novamente, e Deftones ecoam pela academia mais uma vez.

Kade me despe lentamente e chuta o próprio short para o lado até que estejamos ambos nus no banco de musculação. Então ele se ajoelha e mergulha entre as minhas pernas sem hesitar, devorando minha boceta como um homem faminto.

Puxo seus cabelos enquanto sua língua se aprofunda na minha entrada, lambendo, provando, chupando meu clitóris com tanta força que gemo mais alto que a música.

— Para sempre meu vício — ele murmura. — Sou obcecado por tudo em você. — A sucção no meu clitóris fica mais intensa enquanto ele enfia dois dedos lá dentro e me fode com eles. — Mas sua boceta é a minha droga.

Meu corpo convulsiona sob sua boca quando ele me desfaz, então ele sobe pelo meu corpo e me beija. Eu provo de mim mesma quando chupo sua

língua, apertando seu pau e fazendo-o gemer em minha boca enquanto acaricio todo o seu comprimento. Ainda estou sensível de todo o sexo que fizemos, mas preciso de mais — eu o quero dentro de mim. Me preenchendo.

Ele abre minhas pernas, enganchando o braço sob uma delas e levando-a até meu ombro, então me penetra com tanta força que o banco raspa no chão. Seu pau grosso me preenche, me esticando a cada centímetro até que eu me ajusto ao seu comprimento, como se não o tivesse tido dentro de mim repetidamente nos últimos dias.

Eu grito enquanto ele me fode implacavelmente, o calor de seu corpo irradiando contra o meu enquanto sua boca suga meu pescoço, bem acima da minha pulsação.

Sua língua desliza pelo lóbulo da minha orelha, puxando-o entre os dentes.

— Nunca vou me cansar de você, Stacey. Até quando eu estiver morto vou te assombrar, dentro de você enquanto estiver deitada na nossa cama, lembrando de todas as maneiras que eu abalei o seu mundo com meu pau dentro dessa boceta.

Sorrio enquanto gemo, jogando a cabeça para trás quando ele atinge um ponto ideal que me faz revirar os olhos. Ele passa o braço por baixo da minha outra perna, levantando ambas para lhe dar um ângulo mais profundo.

Sem fôlego, agarro seu queixo e o beijo.

— Precisamos ser rápidos. Lu tem vindo para o estúdio durante as noites e pode entrar aqui. Ela tem estado bem triste.

Kade deixa minhas pernas caírem e estica os braços, interrompendo as investidas profundas do seu pau.

— Estou dentro de você, e você está falando sobre a minha irmã estar triste.

Mordo o lábio e tento não rir.

— Desculpa.

Balançando a cabeça de um lado para o outro, ele esconde o sorriso e mergulha no meu pescoço, chupando minha pele enquanto vai devagar e fundo, com as mãos nos meus quadris enquanto *Cities* de Toby Mai (com Two Feet), começa.

— Porra, Stacey. — Ele se afasta só o suficiente para olhar entre nós, enquanto seu pau desliza devagar pra dentro e sai até a ponta. — A sua boceta suga meu pau tão, mas tão bem.

Ele estoca mais forte.

— Você está me tomando tão bem — ele ofega.

Minhas pernas se enroscam nele, e cruzo os tornozelos na base da sua

bunda, puxando-o ainda mais fundo, enquanto o nome dele escapa dos meus lábios como se fosse uma música.

— Kade…

Ele abaixa a boca no meu ouvido, o hálito quente na minha pele, o pau latejando e ficando ainda mais grosso enquanto minhas paredes apertam em volta dele, me levando a outro pico de euforia.

— Minha boa garota vai tomar cada gota da minha porra? Vai inchar com um filho meu e me dar tudo que a gente sempre quis? Eu vou te foder até a gente conseguir nosso milagre. Todo dia, toda noite, vou estar dentro de você. Quero te ver *pingando*, só pra enfiar tudo de volta, meus dedos socados fundo na tua boceta.

Abro a boca pra responder, mas tudo que sai é um grito quando meu corpo inteiro se tensiona, o coração disparado, a visão ficando turva enquanto o orgasmo me rasga inteira, pulsando em volta dele. Ele mete mais rápido até enrijecer, soltando um gemido tenso enquanto me enche, os dedos apertando meus quadris com força suficiente pra deixar marcados.

Quando desaba em cima de mim, levo as mãos até o cabelo dele, passando os dedos pelos fios escuros enquanto ele respira pesado no meu ouvido.

— Porra — ele arfa. — Te machuquei?

Balanço a cabeça em negativa, sem conseguir falar, tentando puxar ar de volta pros pulmões. Suor grudando na nossa pele; estamos nus em cima do banco de musculação, a música ainda tocando e os espelhos completamente embaçados.

Ele sai de dentro de mim, observando entre minhas pernas, passando a língua pelos lábios.

— Acho que você está me deixando maluco. Vou ter que contar pro meu terapeuta que, de repente, estou obcecado com a ideia de te engravidar.

Dou risada.

— Ele ia ficar horrorizado — respondo, estremecendo quando Kade pega uma toalha e limpa a parte interna das minhas coxas. — O terapeuta está te ajudando? — pergunto.

— Sim. Ele deve chegar hoje pra gente continuar as sessões pessoalmente, se conseguir passar pela multidão lá fora no portão. Tem me ensinado uns exercícios pra estimular a mente e como compartimentalizar meus traumas. Quando a cabeça começa a pirar, estou aprendendo a não me desligar, a puxar a mente de volta. Faço terapia com ele desde moleque, então confio nele.

Fiquei tão focada no Kade e na espiral em que ele estava se afundando que mal parei pra pensar no que eu mesma vivi. Tudo que eu passei ficou

trancado numa caixinha, jogado num canto, esperando a hora certa pra ser aberto. Mas, na real, é mais como uma ampulheta quebrada, cada grão de areia representando tudo que vivemos, e está prestes a se despedaçar.

Se conversar com alguém — um profissional — faz Kade se sentir nem que seja um pouco melhor, então eu preciso fazer o mesmo. Talvez esse peso esmagando meu peito desapareça. Talvez esse buraco no meu estômago, pronto pra me engolir, suma.

Chris está morto. Ele não pode me machucar nunca mais. Kade o destruiu ele, o deixou à beira da morte. Mas fui eu quem cortou a garganta dele. Eu matei meu abusador. Então por que parece que ele ainda vai sair de algum canto escuro pra me puxar de volta pro inferno?

— Será que… será que eu posso ver o seu terapeuta também? — pergunto.

Kade segura minha mão e me ajuda a levantar do banco, me puxando pra dentro do abraço dele, nossos corpos ainda nus, e me dá um sorriso caloroso.

— Claro. Qualquer coisa que você quiser.

— Acho que estou pronta para falar sobre tudo de verdade. — Engulo em seco, passando os braços em volta do pescoço dele. — Guardei segredos demais, e *estou* com medo de que eles acabem me afogando se eu não… se eu não falar.

Mas não com ele. Nem com minhas melhores amigas. Nem com a Aria, e nem com o Kyle, que tem me ligado o tempo inteiro, insistindo em ajudar no que puder. Nora aparentemente cortou todos os laços comigo, mas quer saber? Não me importo.

Eu posso, enfim, erguer minhas mãos e ter minha voz — ser ouvida, sem medo de rejeição ou de represálias.

Kade beija a ponta do meu nariz.

— Eu tenho tanto orgulho de você. Não sei se já te disse isso, mas tenho. Você é tão forte, Stacey. Forte o bastante por nós dois. Obrigado.

Inclino a cabeça, confusa.

— Por que você está me agradecendo?

Ele me dá um selinho.

— Porque eu fui um cuzão. E, mesmo assim, você está aqui.

Dou risada, me afasto e começo a pegar minhas roupas, me vestindo.

— Temos uma vida inteira pela frente. Vamos compensar um para o outro até ficarmos velhinhos.

Kade segura minha mão e encosta os lábios no dorso.

— Uma vida inteira.

CAPÍTULO 37



Stacey

— Quando começou?

Inclino a cabeça, olhando para minha perna, que está dobrada sobre a outra, meus dedos se mexendo.

— Quando eu tinha quatorze anos. Minha mãe morreu e meu pai se casou com uma mulher chamada Nora. Ela tinha dois filhos.

O terapeuta de Kade faz um som afirmativo e inclina os óculos para cima do nariz.

— Tinha?

— Um deles morreu.

— E presumo que seja obra do Sr. Mitchell?

Meus olhos se movem rapidamente; não tenho certeza do quanto ele sabe e do quão corrupto ele pode ser.

— O que você quer dizer?

— Ele foi assassinado? — ele pergunta.

— Sim.

— Kade herdou muitos atributos do pai, mas a maioria de suas habilidades foi treinada nele. Estou ciente disso. Trato dele desde que ele era menino e notei uma mudança drástica nele quando estava saindo da

adolescência. Ele te ama, e ama há muito tempo, mas não tinha ideia de como controlar seus sentimentos e às vezes isso o deixava com raiva. Mas nem de longe como ele se sente agora. Conheço a agressividade dele e o quão fundo ele pode se perder na própria mente.

Há uma pausa, e ele abaixa o caderno.

— Se o seu agressor foi o irmão postiço morto, então não preciso fazer contas para saber quem deu um jeito dele.

Por algum motivo, me sinto confortável conversando com esse homem. Mesmo sem conhecê-lo, digo abruptamente:

— Foi nós dois.

— Como é?

— Nós dois demos um jeito nele. O Kade foi o principal, mas fui eu quem terminei. Eu tinha que terminar.

— Então você deveria se orgulhar de si mesma. Pode levar muito tempo para alguém na sua posição reagir. — Ele anota o que estamos dizendo. — Você se sente perdida?

Balanço a cabeça de um lado para o outro.

— Mesmo quando ele estava aqui, eu não me sentia perdida. Eu tinha medo dele, suportava a violência dele, mas nunca o deixei me destruir. — Engulo a água de um gole só. — Você pensaria que, com tudo o que ele me fez passar, eu ficaria frágil e em uma concha, mas acho que me acostumei.

Durante a hora seguinte, conversamos sobre minha infância, como era a escola, quando conheci minhas amigas, como me senti quando perdi meus pais, até o momento em que Kade perdeu o irmão e o terror que se seguiu. Ele escuta, e quanto mais eu falo, mais as palavras fluem da minha boca. Descarregar minhas emoções nunca foi tão… livre.

— Você ainda dança?

— Sim, mas quase nunca por mim mesma. Eu tento acalmar a Luciella dançando com ela. E também tenho estado focada em ajudar o Kade.

O homem deixa de lado suas anotações e tira o tornozelo do joelho para se inclinar para a frente.

— Você precisa se concentrar em si mesma. O Sr. Mitchell tem apoio mais do que suficiente. Ajude a si mesma. Ame a si mesma. Quero que você dance até chorar de tanta emoção. Quero que grite. Escreva seus pensamentos. Sempre, sempre se coloque em primeiro lugar daqui para frente. Entendeu, Srta. Rhodes?

Baixo os olhos.

— Vou tentar. Acho que nunca me coloquei em primeiro lugar, porque não tinha um futuro bonito. O Chris me roubou tudo, e eu fiquei de olho no Kade

para tentar garantir que ele ficasse bem.

— E você tem um futuro agora?

— Sim — respondo sem hesitar. — Consigo nos ver como uma família, morando numa casa que ele construiu, com nossos dois cachorros e crianças correndo soltas no jardim. Consigo me imaginar me apresentando em um espetáculo de dança e passando um tempo com minhas duas amigas sem me sentir mal por estar sempre mentindo. Eu costumava inventar desculpas quando o Chris me obrigava a voltar para casa.

Ele sorri.

— Não vou te medicar. Não acredito que você precise desse tipo de intervenção, mas gostaria de te ver regularmente. Dadas as circunstâncias da… mansão estar fechada, se eu tiver dificuldade para passar pela multidão, posso me encontrar com você por videochamada. Também podemos fazer terapia de casal. Acho que, embora vocês dois estejam tentando melhorar a relação, pode ajudar.

Assinto com a cabeça.

— Qualquer coisa.

— Obrigado pela coragem de conversar. É o primeiro passo. — Ele aperta minha mão. — Antes de qualquer outra pessoa, ame a si mesma, Srta. Rhodes. Você não pode se entregar totalmente a alguém se não estiver fazendo o mesmo por si mesma.

Assinto novamente, tentando engolir o nó na garganta.

— Obrigada.

Quando o terapeuta sai, ele é escoltado até os portões por quatro guardas. Assisto às imagens do circuito interno de TV da sala de estar; a multidão se afasta para abrir caminho para que ele chegue ao carro. Sorrio para todos os novos rostos que vejo.

O jovem de antes — que me diz que se chama Malcolm — caminha ao meu lado enquanto vou para a cozinha. Minhas amigas parecem que acabaram de acordar, e Aria sorri para mim enquanto tira os quitutes do forno e os coloca no balcão para esfriar.

— O Dr. Daniels é ótimo. Ele foi meu terapeuta quando eu estava grávida dos gêmeos. Como foi conversar com ele?

Me sento no banco do balcão ao lado de Luciella e Tylar, que estão comendo cereal.

— Eu me senti estranhamente confortável. Vou vê-lo de novo.

Os olhos de Aria brilham enquanto ela anda pela cozinha. É assim que ela está desde que voltamos para a mansão — constantemente em movimento, recusando-se a sentar e relaxar.

— Como vocês estão se sentindo? — pergunto a elas. — Vocês duas dormiram bem?

Ty concorda e boceja.

Lu engole seu cereal.

— Não sei. Acho que não vou saber como me sentir até Base chegar. É que… — Seus olhos se enchem de lágrimas e ela bufa. — Puta merda. Toda vez que penso nele, eu choro. É irritante.

Aria pousa a mão no ombro da filha.

— Você pode chorar, querida. Passou por muita coisa ultimamente, e segurar é pior do que guardar tudo para si.

— Obrigada, mãe.

Aria seca as mãos e um guarda a acompanha para fora da cozinha para encontrar Ewan. Luciella suspira e come mais um bocado de cereal, e Tylar boceja novamente, bem alto.

Ty apoia a bochecha na palma da mão, o rosto sardento por conta do sol que pegou enquanto viajava com Dez.

— Só por curiosidade, já que não tocamos no assunto desde que cheguei em casa, o que aconteceu enquanto eu estava fora?

Por algum motivo, Lu e eu caímos na gargalhada.

— Por onde começamos? — pergunto, enquanto Lu responde:

— Só o drama familiar de sempre.

Tylar bufa e me olha.

— Você matou seu irmão postiço?

Mordo o lábio e aceno com a cabeça.

— Matei.

— Nossa. Eu deveria dizer que estou chocada, mas foi uma semana maluca. Você nunca nem nos contou sobre ele. Eu só sabia do Kyle.

— Você o conheceu uma vez. Ele era o cara do estúdio que você achou que era meu encontro de um aplicativo de namoro.

— Ai, meu Deus. Eu devia ter dado um soco nas bolas dele.

— Eu o conheci? — Lu pergunta, franzindo a testa.

Meus olhos se arregalam ao me lembrar do que Chris disse para Tobias no porão.

— Ah, acho que na verdade você transou com ele.

Ela empalidece, com os olhos arregalados enquanto Ty suspira.

— O quê?

Pego meu celular e clico na página dele nas redes sociais, dando zoom em uma foto dele com o Kyle e mostrando a ela.

— Ele disse que dormiu com você. Ou será que ele estava mentindo?

Ela faz uma careta.

— Ele era péssimo de cama. Começou a chorar quando gozou.

Todas nós estremecemos.

— Eca.

Então caímos na gargalhada, e isso só causa uma reação em cadeia de tapas nas pernas, bufadas e nós nos abraçando enquanto as lágrimas rolam pelo rosto.

— Espera, espera, espera — Ty diz, e todas nós recuperamos o fôlego. — Você estava transando com o Base enquanto nos mandava ficar longe do seu irmão e dos amigos dele? Quanta hipocrisia!

— Não, não, não. Juro. Nós não dormimos juntos até ele ir para a Rússia me buscar. Nós… fizemos uma coisa antes disso. Duas coisas.

Esperamos que ela explique melhor.

Ela suspira.

— Foi no calor do momento, e até eu fiquei mortificada comigo mesma. — Luciella olha em volta e abaixa a voz. — Fiz um *ménage à trois* com o Base, mas não nos tocamos, porque eu disse que era proibido. Ele estava dentro do cara enquanto o cara estava dentro de mim.

Bem, isso é…

Ty levanta a mão.

— Espera aí. Você fez um *ménage à trois* e não contou pra gente? Quando?

Ela solta um som de pensativo.

— Alguns anos atrás.

— Qual foi a outra coisa?

— Nós nos tocamos no meu dormitório, e então ele saiu furioso porque eu disse que foi um erro.

— Merda — Tylar desabafa. — Estou um pouco brava com você por ter me afastado do Dez. Mas eu te perdoo. Podemos ir assistir a um filme e esperar por… O que o Base é agora? Sinceramente, sinto como se tivesse voltado para casa, para um conto de fadas.

Luciella enxuga as lágrimas de tanto rir.

— Basicamente, um bilionário e chefão do crime. Ele fez um acordo para se casar com uma princesa da máfia e assumir o lugar do avô. Acho que ele era o Don, ou algo assim. Não consigo ficar brava com ele, porque foi pra me salvar. Só… sinto saudade dele.

— E o Kade comanda a própria organização…

— Isso — respondo.

Tylar balança a cabeça de um lado para o outro.

— E o Dez mora com a avó. Como foi que eu acabei com o cara normal?

Caímos na gargalhada novamente.



Depois de terminarmos o café da manhã, mando uma mensagem para Kade perguntando onde ele está, mas o segurança ao meu lado me diz que ele está no quarto quatro, na ala leste.

A mansão está muito mais movimentada agora que todos acordaram, e sorrio para vários funcionários enquanto caminho para o outro lado do prédio. Vou abrir a porta do quarto quatro e congelo ao ver a placa pendurada nela.

É o quarto de Jason, de quando ele era criança. Há um super-herói voando acima do nome dele e uma placa de “Proibido Entrar” logo abaixo.

Mordo o lábio e empurro a porta para ver Kade sentado no pequeno sofá em frente à TV, com o jogo pausado. Ele não olha para mim enquanto fecho a porta e caminho em sua direção. Ele está olhando para a tela, catatônico, sem piscar, sem emoção.

Sento-me ao seu lado, colocando minha mão sobre a dele, e solto um suspiro quando seus dedos se entrelaçam nos meus, sua garganta se esforçando para engolir profundamente.

Ficamos assim pelo que parece uma eternidade, um silêncio confortável, enquanto ele lentamente deixa o controle escorregar da outra mão e cair no chão.

— Ele costumava me trazer aqui escondido quando eu era criança. Minha mãe me mandava dormir porque eu tinha escola, e Jason sempre fazia questão de que passássemos a noite jogando pelo menos uma vez por semana. Quando eu ficava de castigo, ele se oferecia para cuidar de mim enquanto nossos pais saíam, e enchíamos a casa de cabaninhas feitas de almofadas e lanches. Às vezes, a Luciella também participava.

Aperto meus dedos em volta da mão dele enquanto meu coração se aperta no peito.

— Ele era um bom irmão.

— O melhor — Kade diz, ainda sem piscar. — Ele me ensinou a dirigir. Me levou para esquiar na França. Me comprou o lançamento mais recente de todos os jogos que eu gostava. E ele foi a primeira pessoa para quem contei quando te beijei. Ele ficou me incentivando a te beijar de novo e depois comemorou quando eu contei que você era minha namorada. Eu também contei a ele antes de todo mundo que você estava grávida.

— Contou?

Ele assente e expira profundamente.

— Porra, sinto falta dele, Stacey. Queria ter tido tempo de pedir desculpas por tirá-lo da minha vida. Ele estava bebendo até a morrer e usando drogas, e eu não estava lá para ajudá-lo.

— Mas você se desculpou com ele.

Ele olha para mim, com os olhos vermelhos.

— Quando?

— Você fugiu no chalé, e nós te encontramos na floresta. Foi Jason quem te tirou da espiral. Você ficou se desculpando com ele por tudo. Ele te perdoou.

Kade parece não se lembrar dessa parte; suas sobrancelhas estão franzidas, mas ele não parece mais distraído.

— Eu… eu não sabia disso. — Ele esconde o rosto na mão. — Tem tanta coisa acontecendo na minha cabeça. Não conseguimos rastrear meu pai, e estou começando a achar que ele está mesmo morto. Estou tão cansado. Eu… Tem detetives vindo para cá, e eu dei autorização para eles virem.

— Você vai falar com eles?

Kade dá de ombros.

— É, não sei que outra escolha eu tenho. Barry disse que eles só querem falar comigo. Ainda não há nenhuma acusação na minha ficha. Ele disse que está tudo impecável. Até as infrações de quando eu era mais jovem foram apagados, Bernadette apagou cada pequeno detalhe.

Alguém bate na porta e uma voz diz:

— *Senhor, Sebastian Prince está aqui.*

CAPÍTULO 38



Kade

Minha pele formiga de desconforto enquanto Ewan e minha mãe seguem atrás de mim e Stacey com alguns dos meus homens a reboque. Cada passo parece que estou caminhando para a minha morte, mesmo que eu esteja apenas saindo para receber meu melhor amigo e falar com os detetives.

Há uma confusão na minha cabeça e não tenho ideia de como fazer isso parar.

A ansiedade sempre foi um fator irritante na minha vida. Agora, meu coração está acelerado e sinto que não consigo respirar direito. Estou enjoado. Minha visão está turva e tenho certeza de que estou esmagando a mão de Stacey na minha. Não quero nada mais do que arrastá-la para o quarto e me esconder lá. Poderíamos transar e dormir e depois transar mais um pouco. Posso até chorar no colo dela só para tirar essa sensação estranha do meu corpo.

Parece que Bernadette está sentada no meu peito, rindo na minha cara enquanto me esmaga, e não importa o quanto eu grite internamente para ela cair fora, ela não sai.

É como se ela tivesse cravando uma faca no meu coração e ficasse girando. A qualquer momento, ela pode aparecer e arruinar ainda mais a minha vida. Meu terapeuta diz que o medo de perder o que tenho é minha resposta ao

trauma e, em vez de lutar contra meus ataques, preciso respirar fundo — não me concentrar nos meus batimentos cardíacos ou na dificuldade da minha respiração.

Conto meus passos. Um, dois, três, quatro. Um, dois, três, quatro. Até conto os da Stacey — os dela são mais rápidos, pois ela tenta acompanhar o meu ritmo.

Ela provavelmente está dolorida, tudo o que temos feito ultimamente é transar. Tenho anos para compensar, e fazer amor com a minha garota, deitar com ela nos meus braços ou até mesmo ter seu olhar sobre mim me mantém com os pés no chão.

Meu corpo ainda está em chamas depois de ela ter interrompido meu treino. Acho que posso até arrastá-la para algum quarto agora mesmo e implorar para que ela me faça esquecer como estou me sentindo, me deixando ajoelhar no chão e comer sua boceta.

Faço uma anotação mental para dar um chute no saco de Base por ter me tirado do meu lugar seguro com Stacey, isolado do mundo, e me deixar plantado na entrada da mansão enquanto seu Aston Martin vermelho leva anos para subir a trilha de paralelepípedos, seguido por seu exército de soldados russos.

Os cachorros também estão esperando pacientemente, sentados ao meu lado.

Tento não olhar para o carro da polícia atrás. E se eles estiverem mentindo e a única razão para não haver acusações e nada no meu arquivo for porque tudo isso é uma farsa? Eles poderiam facilmente me algemar e me tirar daqui.

Como diabos vou proteger o que sobrou da minha família se eles me levarem embora? *Porra. Porra, porra, porra.*

Observo os detetives saírem primeiro da viatura, usando ternos ajustados, e fincando de lado para que as vans lotadas e os SUVs possam estacionar. Eu sabia que o Base tinha bastante reforço, mas tanta gente assim? Onde, diabos, minha mãe vai arrumar lugar pra todo mundo dormir?

A multidão está aplaudindo, gritando meu nome à distância enquanto todos percebem a minha presença, de mãos dadas com minha namorada. Por mais que eu aprecie o apoio, eles precisam ir embora. Se alguém vier atrás de mim, todos estarão em perigo.

Tem adolescentes lá fora, pelo amor de Deus.

— Você está bem? — Stacey sussurra no meu ouvido enquanto fica na ponta dos pés.

Acho que minhas preocupações estão estampadas no meu rosto. Ela

provavelmente consegue sentir o suor da minha palma. Até os cachorros estão se agitando ao meu redor, me cutucando com o focinho.

Tento assentir com a cabeça quando Stacey me encara e aperta minha mão.

— Estou aqui.

— Eu sei — respondo baixinho, levantando a mão dela para beijar seus nós dos dedos, e a multidão grita tão alto que Stacey fica vermelha.

Alguém assobia para ela de longe, e eu me controlo para conter meu instinto possessivo. Quero que parem de olhar para a minha garota. Por mais linda e incrível que ela seja, ela é minha — sou eu quem ela ama.

Porra, meu coração está martelando no peito, e tudo em que consigo pensar é em me esconder e fumar um baseado para aliviar o ataque de pânico iminente que ameaça me consumir por dentro.

Não consigo controlar. A frequência. A intensidade. Às vezes, estou sentado sem fazer nada e sou atingido por uma onda de preocupação com algo que nem deveria me preocupar. É irritante pra caralho. Stacey está dormindo a maior parte do tempo que isso acontece. Sento na varanda com a cabeça entre as pernas e faço uma contagem regressiva de cinquenta. Aí ando de um lado para o outro, fumo, soco alguma coisa e, quando a sensação começa a passar, me aninho em Stacey e rezo para que a gente supere tudo isso.

Só tive uma convulsão nos últimos dias.

Eu tenho uma chance de ser feliz com a Stacey. Se eu sobreviver às consequências do submundo, posso ter meu final feliz com a minha garota, nossos cachorros e, quem sabe, os filhos que eu já tenha colocado nela.

Sentir que estou no controle do meu corpo agora que estou livre das garras da Bernadette é o que eu quero. O que eu preciso. Mas tudo o que tenho é uma porrada de pensamentos indesejados e uma necessidade impulsiva de *machucar* alguém.

— Você está tremendo — Stacey fala, acariciando minha mão com o polegar. Sua voz é baixa o suficiente para que só eu possa ouvir, e quando todos começam a sair dos carros, ela acrescenta: — Diga três das suas coisas favoritas.

Meus olhos se voltam para ela; eu sei o que ela está fazendo. Meu terapeuta me faz fazer exatamente a mesma coisa. Eu fiz a Stacey fazer isso depois do armazém de Crawley. Meu pai até me fez listar coisas uma vez, quando eu estava pirando no telefone por ter beijado a Stacey.

Meu coração se aperta com a lembrança. Eu fui um cuzão com ele em vez de ser um bom filho. Mesmo quando eu basicamente disse a ele para morrer, ele ainda continuou me amando. Ele escapou de uma instituição de alta segurança para me salvar, para salvar a Stacey quando ela não apareceu para sua

visita.

E agora não tenho a mínima ideia de onde diabos ele está ou se sequer ainda está respirando.

— Três — Stacey insiste enquanto russos tomam a entrada.

Engulo em seco.

— Você.

Ela sorri na minha visão periférica.

— Mais duas?

Olho para Hopper e Milo, ambos me observando com a língua de fora, levemente ofegantes.

— Os cachorros — digo, imaginando ela dançando pela casa com eles, abraçando-os na cama e gritando enquanto era arrastada pela grama molhada e enlameada quando o Milo correu atrás de um coelho. — E minha família. — Olho para minha mãe e Ewan. Minha irmã que provavelmente está escondida na mansão.

Ao não me concentrar na minha respiração ou nos meus batimentos cardíacos, percebo que eles se acalmaram um pouco e não sinto que estou me afogando lentamente. Suspiro tão profundamente que meu padrasto me lança um olhar de lábios cerrados — um silencioso: *Tudo bem?*

Assinto com a cabeça.

Alguém solta um sopro de ar ao meu lado.

— Merda, é muita gente.

Eu me viro e vejo Dez, Tylar segurando seu braço. Meus ombros tremem com uma risada silenciosa.

— Ele sempre precisa fazer uma entrada dramática, né?

Dez bufa.

— Estou surpreso que não haja fogos de artifício.

Acho que o fato de Base ter se casado com uma princesa da máfia tem alguns pontos positivos, considerando que ele está chegando à mansão com centenas de soldados russos que parecem poder arrancar a alma do seu corpo com apenas um olhar. Equipes cercam os terrenos da mansão, algumas do lado de fora em jipes; outras patrulhando a multidão.

Guarda-costas correm para o carro enquanto Base abre a porta com mais força do que o necessário. Ele está de terno e óculos escuros por algum motivo idiota, mas imediatamente os tira do rosto e sorri para mim.

— Kade Mitchell — ele diz, batendo a porta. — Quem diria que você algum dia seria mais famoso que seu pai, né?

Balanço a cabeça em negação, mas luto contra um sorriso, um pouco do pânico já se dissipando ao vê-lo. De todos, até mesmo de Stacey, ele é quem

mais entende o que eu passei. Ele esteve presente. Participou. Foi afetado. Mantivemos um ao outro quase sãos sempre que Bernadette nos chamava para o quarto dela.

Ele sorri para nós.

— Eu trouxe a festa até você, ó todo poderoso. Quem diabos estamos matando?

Mesmo no meio de uma guerra, Base tenta aliviar o clima. Nunca dá para levar ele a sério.

— Seu filho da puta — ele cumprimenta Dez, dando um tapinha em seu ombro. — Quanto tempo. Você parece mais baixo.

Minha mãe coloca as mãos na cintura ao ouvir o palavrão dele. Ela provavelmente está se preparando para dar um tapa na nuca dele e dizer que vai lavar a boca dele com sabão. Ele dá uma piscadinha para ela, o que a faz revirar os olhos, mas está lutando contra o riso.

Ótimo. Ela está atolada em luto desde que voltamos para a mansão, e eu estava começando a ficar realmente preocupado com ela.

Luciella sai correndo pela porta da frente e para no meio do caminho, com os olhos arregalados fixos em Base, que também congela enquanto anda pela frente do carro.

Suas bochechas ficam vermelhas enquanto ele pigarreia.

— Oi, princesa.

Ela cruza os braços e morde o lábio.

— Oi — responde suavemente, avançando até parar ao meu lado. — Vai ficar por um tempinho? — ela pergunta, com um tom cheio de esperança.

Um homem alto se aproxima de Base e fala baixo em russo. Eu ouço, meio de longe, ele dar um aviso pro Base, algo sobre uma apresentação ser mais importante, e sem querer, estreito os olhos.

Base encara Luciella por um longo segundo, depois xinga baixinho e abre a porta do passageiro.

Eu sei quem é antes mesmo do cabelo loiro em ondas aparecer, e queria poder levar minha irmã para dentro de casa para que ela não precisasse ver isso. Pelo jeito que a mão pequena dela segura a do Base, seu pé, com salto agulha bate no caminho de paralelepípedo ao sair do carro, ela parece confortável, como se já tivesse tido bastante prática em tocá-lo. Mas a princesa da máfia está longe de estar vestida para estar aqui — só os brincos dela devem valer mais do que toda a mansão.

É, nossa casa é enorme e chamativa, mas será que ela não percebe que estamos no meio de uma tempestade de merda e não numa festa qualquer? Se alguém nos atacar, ela não vai conseguir ir muito longe com esse vestido longo e

salto alto.

A impraticabilidade dela estar aqui me faz gemer internamente. Aposto que o pai dela forçou Base a trazê-la, para exibi-la para a família com a qual ele deveria ter se casado. Não acredito que meu melhor amigo está casado.

Dez se inclina para mim.

— Quem é a criança?

Base estende o braço para ela, e ela o segura.

— Nem fodendo. Digam que isso é uma piada. Ela é novinha.

Base dá um sorriso falso.

— Pessoal, eu gostaria de apresentar a vocês Nikita. — Sua voz está tensa, seus olhos castanhos se voltando para o homem que o alertou. — Minha esposa.

— Que merda é essa? — Dez murmura baixinho. — Luciella é um milhão de vezes melhor.

Olho para minha irmã — para o sangue sumindo do seu rosto e para a forma como seus lábios se contraem para impedir que as lágrimas fluam — e depois de volta para meu amigo.

— Ele não teve escolha. Teve que se casar com ela.

Entendo por que Base aceitou o acordo. Eu faria qualquer coisa por Stacey. Até cortaria meu próprio pau para garantir que ela não fosse machucada de forma alguma.

Apesar da dor estampada em seu rosto, minha irmã gêmea se aproxima.

— Oi, eu sou Luciella. Irmã do Kade.

Nikita olha para Base.

— Ah. — Ela pega a mão estendida de Luciella. — É um p-prazer conhecer você. Posso chamá-la de Ella? Seu nome é difícil de… pronunciar.

A garota parece nervosa. Ela sabe do acordo? Pelo que eu sabia, ela só sabia que era um casamento arranjado.

Luciella empalidece, mas assente com a cabeça e se afasta, com os olhos em Base por uma fração de segundo.

— Pode me chamar do que for mais fácil. Vou te mostrar o seu quarto. Temos roupas de cama e roupões limpos. Presumo que vocês dois vão ficar juntos?

— Claro — ela responde, então tira o braço do de Base e cumprimenta minha mãe, Ewan, Dez e Tylar. Então ela para na minha frente, ignorando os cachorros que se interpõem entre nós. — Meu pai gosta muito do senhor, Sr. Mitchell. Ele gostaria de trabalhar com o senhor um dia.

Meu olho treme.

— Não, obrigado. Diga ao seu pai para enfiar a oferta dele…

Stacey aperta minha mão e sorri para a nova esposa de Base.

— Sou Stacey. Você deve estar cansada da viagem.

— Estou sim. Kade é um homem de sorte. Você é ainda mais bonita na vida real. — O inglês dela não é dos melhores; o sotaque russo é forte, mas compreensível. — Você poderia ser modelo.

— Você deveria dormir — Base diz, erguendo as sobrancelhas para ela e enfiando as mãos nos bolsos do terno. — Ficou caindo em cima de mim enquanto dormia o caminho todo.

— E de quem é a culpa disso? — Então, ela me olha como se eu me importasse. — Passamos a noite toda acordados consumando nosso casamento. — Ela faz uma careta e olha para minha mãe. — Recém-casados. Dá para nos culpar?

Faço uma careta. Stacey olha para Luciella. Nikita ri. O guarda-costas ao lado de Base assente, mas consigo ver o tremor em seus olhos — o comentário o irritou. Ninguém mais faz barulho, mas Luciella parece que está prestes a chorar.

Milo e Hopper estão ficando desconfortáveis. Eles protegem minha família e todas essas pessoas os deixam agitados.

Os detetives estão esperando pacientemente, e eu só quero que este dia acabe logo.

Base pigarreia e pede, em russo, para um dos seguranças pegar as malas deles. Depois, pergunta — imagino que seja ao chefe da segurança — se ele pode ficar com a Nikita, para que ele possa conversar com os amigos. A resposta do homem vem em um sussurro, com os dentes cerrados e as sobrancelhas franzidas de irritação.

Talvez eu entre no quarto dele hoje à noite e dê um tiro em sua cabeça por ter sido um cuzão com meu amigo.

Luciella está temporariamente paralisada, então minha mãe e Ewan levam Nikita e seus guarda-costas para dentro, mas quando ela se recompõe e tenta segui-los, Base corre até ela e a segura pelo braço.

— Eu não transei com ela — ele diz baixinho para que os outros russos não ouçam. — Juro que não. Eu te disse que não tocaria nela.

Ela não olha para ele. Seu lábio treme.

— Por favor, me solta.

— Só quando você me disser que acredita em mim. Eu não transei com ela. Por favor.

— Ela é sua esposa. Vocês podem fazer o que quiser — Luciella responde, com os olhos vidrados. — Não torne isso mais difícil do que já é. Não estou brava, eu juro. Sei que tudo isso está fora do seu controle.

Base solta o braço dela e balança a cabeça de um lado para o outro.

— Tentei cancelar o casamento.

— Eu sei.

Ele começa a dar um passo à frente novamente, mas se detém.

— Por favor, me diga que você acredita que eu não cheguei perto dela.

— O que eu acredito não muda as coisas, Sebastian. Não estou brava com você. Eu só… preciso ir. — Luciella olha para todos nós, uma lágrima escorrendo pelo rosto. — Vou para o meu quarto.

Stacey e Tylar soltam a mim e a Dez, e pela primeira vez, estou bem com a separação temporária. Ambas caminham com ela para a mansão, e Base observa minha irmã até que ela saia de vista.

Ele se vira para Dez e eu.

— Eu não transei com ela.

Dez inclina a cabeça.

— Desde quando você é um filho da puta papa-anjo? Ela parece recém-saída das fraldas.

— Ela tem dezoito anos, seu pau no cu. — Base geme e encara os próprios sapatos.

Os últimos guardas estão entrando na mansão, os detetives ainda parados ao lado do carro, mas não tenho pressa. Eles podem esperar.

— Ela me pediu para mentir e dizer que dormimos juntos, e eu obviamente concordei.

Dez faz um som de reconhecimento e puxa Base para um abraço, dando tapinhas em suas costas, e Base o envolve com os braços, parecendo realmente precisar de um enquanto enterra o rosto em seu ombro.

— Merda, cara — Base solta. — Podemos voltar cinco anos atrás?

— Por que cinco? — pergunto.

— Vocês dois tinham namoradas e vidas normais, e tudo o que eu precisava me preocupar era em chamar a atenção de Luciella por mais de dois minutos. — Ele ainda está segurando Dez. — Agora estamos todos fodidos.

— Sinceramente, eu sou bem normal — Dez diz. — Só tenho irmãos fodidos.

Irmãos — eu e o Base.

Fico parado observando os dois, sem saber se devo me juntar a eles ou continuar olhando. Quer dizer, eu quero, mas ao mesmo tempo, há multidões apontando câmeras para nós, e eu não sou muito de abraçar. A menos que a pessoa envolvida seja uma dançarina de cabelo escuro e sardinhas, e tenha minhas iniciais tatuadas nela.

Base não me dá chance de decidir; ele agarra minha camisa e me puxa

para perto deles, e nós três nos abraçamos. Dez diz que somos loucos, Base diz que ele é um covarde chato, e eu balanço a cabeça de um lado para o outro para eles e digo que os amo.

Nos tornamos melhores amigos na escola. Eu era irritantemente popular por causa de quem meu pai era, e o Base já era convencido, mesmo aos sete anos, enquanto o Dez era nosso parceiro esportista. Eu não precisava de amigos, ou pelo menos pensava assim na época. Jamais poderia imaginar o quanto eles se tornariam importantes pra mim. Nosso trio. Aqueles que me colocaram em encrenca com a polícia, me deram meu primeiro baseado, me embebedaram e saíram comigo jogando ovos nas janelas dos outros. Que enfiaram o carro do Base numa árvore e abandonaram aquele trambolho lá depois de uma tentativa fracassada de me ensinar a dirigir.

No fim, foi meu irmão quem me ensinou. Meus amigos eram péssimos professores.

Eu me afasto primeiro e ajeito minha blusa, depois franzo a testa para Base.

— Por que diabos você está chorando?

— Não estou — ele diz com a voz rouca e enxuga os olhos. — Só estou cansado.

— Você sentiu nossa falta, não sentiu? — Dez provoca, e Base o empurra e lhe dá uma chave de braço.

Olho para os detetives e bufo, dizendo aos meus amigos que vou alcançá-los na casa da piscina antes de ir até eles.

— Vir na mesma hora que os russos não foi uma boa ideia. Desculpe pela demora.

Por mim, podiam ter demorado ainda mais.

A principal, uma mulher mais velha, de cabelos grisalhos e um terninho justo, ergue o queixo.

— Isso é urgente, Sr. Mitchell. Não pode esperar.

CAPÍTULO 39



Kade

Os detetives me seguem até o escritório da minha mãe, e me sinto inquieto. Coço a nuca e, em vez de me sentar atrás da mesa sobre a qual curvei Stacey antes de eu surtar, sento na beirada e cruzo os tornozelos e os braços.

— Vamos acabar logo com isso. A chefe de vocês falou alguma merda? Vão me acusar de alguma coisa?

— Não, neste momento, não — um deles diz, e o outro responde:

— Por mais que fosse nos dar muito prazer.

Fecho a cara para ele e guardo seu rosto na memória.

— Uhm. Então, que porra vocês querem?

A mulher principal fala.

— O arquivo que você enviou, com todos os locais de atividades ilegais… Todas essas áreas agora estão seguras, e gostaríamos de agradecer por isso. Você salvou muitas vidas com essas informações e reuniu muitas famílias. Também reunimos evidências suficientes do arquivo para fazer várias prisões. Quinze pessoas de alto perfil estão detidas. Isso sem incluir as centenas em todo o mundo que foram presas sem chance de serem libertadas tão cedo.

Esfrego a ponta dos dedos com o polegar obsessivamente.

— Certo…

— Como você bem sabe, a morte de Archie Sawyer foi transmitida ao vivo para o mundo. Acumulou mais de trezentos milhões de visualizações. Esse vídeo foi apagado. Todos os vestígios dele desapareceram e, portanto, não podem ser usados contra você. A esposa de Archie, Bernadette Sawyer, foi afastada do cargo e um mandado de prisão foi expedido contra ela.

— Então vão prendê-la — digo, embora eu preferisse matá-la de uma forma pior do que matei seu marido. — Ainda não sei por que estão aqui. Já me agradeceram e me disseram que Bernadette seria punida.

O cuzão se inclina para a frente com um sorriso irônico.

— Você sabia que sua cabeça está valendo muita grana?

Assinto com a cabeça uma vez.

— Veio tentar a sorte? Não vai durar muito, seu magricela. Quebro suas pernas antes de você sequer sair dessa cadeira e ainda te arrebento a cara com elas.

Ele empalidece.

Eu acabei de ameaçar um detetive?

Merda.

— Não estamos aqui para discutir, Sr. Mitchell. Por favor, abstenha-se de ameaçar meu colega — a mulher fala com certa autoridade, até mesmo com um brilho nos olhos. — Estamos procurando Bernadette Sawyer e seus conhecidos. Junto com um punhado de outros extremamente perigosos. Tememos, com base nas informações que recebemos de nossas fontes confiáveis, que um ataque contra você possa acontecer em breve.

Ainda não entendo por que eles estão aqui.

Ela suspira e pega uma pasta contendo dois pedaços de papel, entregando-os a mim. Leio as palavras, e quanto mais leio, mais franzo a testa. Quando olho para ela, ela assente com uma expressão calorosa.

— Estamos lhe oferecendo proteção. Para você e sua família, seus amigos e sua parceira, a Srta. Rhodes. Ninguém o protegeu antes, Sr. Mitchell, e sabemos que o senhor passou por muitas situações traumáticas e foi decepcionado pelo sistema. O senhor foi atacado. Chantageado. Foi usado como arma. E queremos fazer o que pudermos para demonstrar nosso apoio.

— Isso é uma piada?

— Não — ela responde sem rodeios. — Não estamos perguntando. Dentro de uma hora, policiais chegarão à mansão com unidades de armas de fogo altamente qualificadas. Teremos um helicóptero sobrevoando. Sua equipe e a de Sebastian Prince podem ficar se quiserem. Mas nossos policiais estão aqui por você.

Os pedaços de papel queimam meus dedos enquanto os leio

repetidamente. Continuo lendo muito depois que os detetives vão embora. Barry liga, mas eu não atendo. Não respondo a nenhuma mensagem enquanto releio os papéis uma última vez.

A multidão será instruída a se retirar por motivos de segurança. Eles serão até escoltados em segurança de volta para suas casas, seus países. A mídia ficará de fora. E no final da página, há uma nota assinada pelo novo chefe, oferecendo-me suas condolências por todas as minhas perdas.

Mesmo quando Stacey me encontra sentado à mesa, com os olhos grudados nas palavras, ainda não acredito em nada disso.

Fui arruinado pela chefe da Polícia da Escócia. Fui catapultado para o submundo por ela quando era adolescente e violado de todas as maneiras possíveis, e, no entanto, aqui estou eu, diante de palavras que me oferecem sinceras desculpas e proteção, agradecendo-me, com o selo da Polícia da Escócia no cabeçalho.

Demitiram Bernadette, e ela agora é uma pessoa procurada. E eu estou protegido. Isso é real?

Stacey se senta no meu colo e beija minha têmpora.

— Mandei uma mensagem para você horas atrás. Sua mãe disse que a polícia está se acomodando.

Pisco.

— Você está suando. — Uma palma pressiona minha testa. — Aqui, tire seu moletom. — Sinto o tecido sendo puxado pela cabeça e quero agradecê-la, mas não consigo falar.

Continuo pensando que meu pai vai aparecer do nada e nos surpreender. Fico pensando que ele vai entrar pela porta da mansão e nos puxar para um abraço em família. Que a polícia vai ligar de novo e dizer que ele foi visto em algum lugar distante. Pensei, por uma fração de segundo, que o detetive o mencionaria.

Acho que meu pai está realmente morto.

Minha mãe provavelmente pensa o mesmo. Ela está preocupada; às vezes chora quando meu pai é mencionado, e minha irmã mal consegue segurar as lágrimas sempre que o nome dele surge. Mas, por outro lado, ela anda uma bagunça emocional ultimamente. Até eu tive que segurá-la por longos momentos. Assim como eu, Luciella tem dificuldade para processar certas emoções. Mas as dela sempre foram mais controladas, menos raivosas, mais silenciosas. Com o Base aqui, junto da esposa dele, ela deve estar perdendo a cabeça.

Ela não faz sessões de terapia — quem ela procurava para conversar era o Jason, até ele desaparecer por dois anos. E agora ele está morto.

Base a ama, independentemente de quão insanamente controladora ela seja. E eu sei que esse casamento foi uma das piores coisas que já aconteceu com ele. Ele tentou se livrar. Tentou pagar a garota para recusar o pedido e ofereceu homens alternativos que seriam mais adequados. Chegou a dizer à família que nunca a amaria, mas acordo era acordo.

Agora, Base está preso a uma esposa que não quer, em uma família que odeia, para proteger a mulher que ama. A história deles tem o potencial de ser mais desastrosa do que a dos meus pais.

— Kade, você está bem? Consegue me ouvir?

Para ser justo, meu pai realmente tentou ser uma boa pessoa — do mesmo jeito que o Base vem tentando conquistar a Luciella desde que ela fez dezoito anos, para ser bom o suficiente, para mostrar que não é apenas um playboy querendo adicionar mais um número à sua lista. Quando eu tinha seis anos, meu pai recebeu o diagnóstico depois de anos de profissionais discutindo a favor e contra diferentes espectros. A minha mãe lutou e lutou e lutou ainda mais para conseguir a ajuda que ele precisava.

Lábios macios pressionam minha têmpora novamente, mas estou preso em minha própria cabeça enquanto Stacey tenta tirar a papelada que mudará minha vida das minhas mãos. Não consigo soltar as páginas, mesmo que tente.

Minha visão está embaçada e há um zumbido agudo nos meus ouvidos.

Os médicos… Os médicos… Um argumentou que meu pai tinha um transtorno do espectro da esquizofrenia. Outro debateu que ele tinha um transtorno de personalidade esquizotípica que causava psicose. Ele tinha traços autistas que não levaram a um diagnóstico porque os médicos se recusaram a fazer o exame, mas ele tinha ainda mais traços que iam contra esse diagnóstico de qualquer maneira.

— Vou te acompanhar até o nosso quarto, ok?

Outro afirmou que ele poderia ser um sociopata ou que tinha TOC. O último médico disse que ele estava fingindo e tentando enganar todo mundo, e que ele estava simplesmente obcecado pela minha mãe a ponto de se tornar um perigo para si mesmo e para todos ao seu redor. Mas ele mostrou sinais de comportamentos neurológicos muito antes de conhecê-la.

Depois de medicação, terapia e muito tempo internado, ele acabou se consolidando em uma única personalidade — um pai, um ser humano —, e sua mente parou de pregar tantas peças a ponto de ele receber o diagnóstico de Transtorno de Personalidade Antissocial (TPAS), coexistindo com transtornos de ansiedade, controle de impulsos e depressão.

Mesmo assim, os médicos acreditavam firmemente que a mente do meu pai era muito mais complexa do que isso.

— Ele está bem? O que é isso na mão dele?

— A carta sobre a ordem de proteção. Ele não quer soltá-la. Acho que ele está em choque, Aria.

— Ah, Ewan, querido, ajude a Stacey a levá-lo para o quarto deles.

Alguém alto passa meu braço por cima do ombro.

Minha mãe diz:

— Vamos colocá-lo na cama. Acho que ver tanta gente ao redor, depois de tudo o que aconteceu, finalmente o abalou. Vou preparar um chá e umas torradas.

— Eita. Ele está bêbado?

— Não, Desmond. Ele está em choque — minha mãe diz. — Sebastian, querido, segure o outro braço dele. Ele está perdendo a consciência.

Estou acordado e aqui, quero dizer a eles. *Consigo ouvir todos vocês, mas não consigo falar*. Quero dizer a eles que ficaremos seguros. Quero dizer ao meu pai que ficaremos bem.

Meu pai nos amava.

— Ele vai ter uma convulsão — alguém diz ao longe. — Coloquem ele no chão.

Meu pai amava nossa família, apesar de ter dificuldade para entender o sentimento.

Tobias Mitchell se apaixonou por Aria Miller, e ninguém jamais entenderá o nível de obsessão que ele tinha por ela.

— Apenas respire, querido.

Ele está morto, então acho que ninguém jamais saberá de verdade como sua mente funcionava.

CAPÍTULO 40



Kade

A mão da Stacey sobe e desce pelo meu pau, e minha cabeça encosta na parede do armário de vassouras na cozinha. Ela está tomando um ar depois de ter me engolido até o fundo da garganta, provocando minha cabeça sensível e acariciando meu pau.

Lágrimas mancham suas bochechas de tanto se engasgar com ele. As únicas lágrimas que eu quero ver nela. Passo o polegar em sua bochecha e os dedos em seu cabelo.

Eu adoro cada centímetro dela. O chão que ela pisa. O jeito que ela sorri, ri e me ama.

Estamos tentando ser silenciosos, já que não conseguimos voltar pro quarto antes de eu puxá-la pra cá e mandar ela ficar de joelhos. Não posso transar com ela. Ela nunca me deixa transar com ela quando está menstruada, por mais que eu fosse adorar.

Quase consegui esta manhã quando ela estava distraidamente esfregando a bunda em mim, mas ela correu para o banheiro quando acordou de verdade.

Seus olhos vidrados e úmidos estão em mim enquanto ela chupa novamente, afundando suas bochechas, e meus dedos apertam seus cabelos.

Stacey afasta a boca, um fio de saliva escorrendo da cabeça até os lábios. Ela os lambe.

— Estou sendo muito barulhenta?

Ela se refere aos ruídos de engasgo e sucção. Não me importo se alguém puder ouvir. Esses ruídos são como o paraíso para os meus ouvidos. Lembro-me da primeira vez que ela fez isso comigo no estúdio de dança; tive que deslizar pela parede e tentar não desmaiar.

Pelo jeito que ela está chupando meu pau agora, acho que pode acontecer de novo.

Balanço a cabeça em negação quando ela olha para mim, meu peito subindo e descendo.

— Ninguém pode nos ouvir. Continue — sussurro. — Se você parar de novo, vou foder sua garganta e garantir que todos saibam o que estamos fazendo.

Suas pupilas se dilatam ainda mais.

— Não vejo isso como uma ameaça — ela responde, e minhas bolas se contraem enquanto ela lambe uma gota de excitação. Ela me faz pingar e implorar para gozar.

— Mas deveria — eu aviso.

Quando ela me leva de volta para sua boca, me chupa até meus nervos estalarem, até que eu mal consiga conter a necessidade de assumir o controle. Meus lábios se abrem com um gemido profundo enquanto jogo minha cabeça contra a parede, sentindo-a acariciar minhas bolas enquanto me leva mais para dentro de sua boca.

Com o coração martelando no peito, olho para ela, minha voz baixa.

— Você gosta mesmo de chupar meu pau, né?

Ela tenta assentir.

— Você vai ser minha putinha perfeita e chupá-lo pelo resto da sua vida. Sabe por quê?

Ela pisca, mais trilhas de lágrimas escorrendo por suas bochechas.

— Porque você vai ser minha esposa. Já levou meu coração, meu corpo e minha alma despedaçada, então vai levar meu maldito sobrenome também.

A resposta dela é um gemido em volta do meu membro grosso enquanto ela chupa com força e move a cabeça para cima e para baixo em meu comprimento.

— Isso é um sim? — ofego, puxando-a cuidadosamente do meu pau pelos cabelos. — Você quer se casar comigo?

Fico tenso quando ela passa a língua pelo meu comprimento.

— Eu vou te matar.

Franzo a testa, um gemido preso na garganta enquanto ela me bombeia

na palma da mão.

— Por quê?

— Você está mesmo me pedindo em casamento enquanto seu pau está na minha boca?

Pisco, minha voz um sussurro:

— Sim?

Ela balança a cabeça de um lado para o outro, mas sorri.

— Você é um filho da puta de primeira. — E então ela me leva para dentro da boca e me fode com a garganta novamente.

Stacey não me responde porra nenhuma. Isso é um sim ou um não? Preciso me ajoelhar cercado de rosas com um violinista tocando? Preciso vestir nosso futuro filho com uma camiseta escrita *Case com o papai*? Envolver os cachorros nisso? Escrever as palavras em uma sobremesa de chocolate em um restaurante chique?

Perguntarei novamente mais tarde. E não a deixarei escapar sem uma resposta.

Agarro punhados de cabelo dela em cada lado da cabeça e começo a assumir o controle, e ela se firma nas minhas coxas enquanto eu meto em sua boca. Ela está engasgando, com saliva espumando nos cantos da boca, e eu derrubo um balde ao dar um passo à frente, forçar suas costas à parede e ir mais rápido.

Minha pele formiga, minha visão fica turva, e eu pressiono minha testa contra a parede e cerro os dentes. Meus músculos se contraem por todo o meu corpo enquanto uma onda de euforia me atinge, pulsando através do meu orgasmo. Ela bebe cada gota do meu esperma, sua garganta se contraindo em volta do meu pau enquanto eu afundo mais, até que ela bate na minha perna e eu saio dela para deixá-la respirar.

Stacey passa as costas da mão na boca.

— Nós fomos, definitivamente, muito barulhentos. Você gemeu! — ela sussurra.

Gemi? Cacete.

Guardando meu pau de volta no short, sorrio para ela ainda de joelhos, com os olhos vermelhos, as bochechas molhadas e os lábios inchados. Pego meu celular, abro o aplicativo da câmera e tiro uma foto.

— Vou colocar isso na nossa pasta protegida. — Viro a tela. — Olha como você está linda com meu gozo escorrendo pelo seu queixo.

Tenho feito algumas gravações e fotos nossas. Depois de obter o consentimento de Stacey, claro. Eu queria que ela experimentasse algo diferente do que o seu irmão postiço de merda fez com ela, substituindo a memória disso

por imagens e vídeos nossos. Eu nela, ela me montando, eu a curvando e ela chupando meu pau enquanto eu a chupo. Temos até vídeos nossos nos beijando, ela sorrindo para mim e dormindo abraçados.

Os caras me chamariam de mulherzinha se vissem esses vídeos, mas qualquer coisa pela minha namorada.

Stacey revira os olhos e pega minha mão para se levantar.

— Se alguém vir o que tem nessa pasta, vou te matar.

É a segunda vez que ela ameaça minha vida em dez minutos.

— Você não me respondeu — digo, puxando-a para perto. — Deixa minha vida de merda um pouco melhor, se tornando Stacey Mitchell. — Beijo a pontinha do nariz dela e depois sua testa. — Por favor? Vou até usar um kilt no nosso casamento, e o Kyle pode te levar até o altar.

Suas bochechas ficam vermelhas.

— E se as pessoas perguntarem como você me pediu em casamento?

Dou de ombros.

— Diga a verdade.

Não estava conseguindo imaginar um futuro com Stacey até agora, mas a ordem de proteção nos dá esperança. Então, caralho, me julguem por querer me casar com a Stacey e ter uma família, envelhecer juntos — eu tenho uma chance.

Ela ri e dá um tapa no meu peito.

Já se passaram quase nove semanas desde que a ordem foi emitida, e tudo o que temos feito é recuperar o tempo perdido. Eu não achava que fosse possível me apaixonar *mais* por ela, mas certamente me apaixonei.

Quando não estou metendo nela, estou treinando meus homens nos arredores. Agentes armados, russos e minha própria equipe se uniram. Eles se revezam em turnos. Fazendo a segurança e vigiando. Dois helicópteros circulam o perímetro. Um é meu, o outro pertence à Polícia Escocesa. Há um rodízio para quem patrulha onde e quando, e quando não estão trabalhando, estão treinando ou descansando.

Barry ainda está com a família no esconderijo, mas está em contato constante. Ele me enviou uma foto da filha ontem, segurando uma ultrassonografia do próximo bebê dele, que deve nascer em seis meses.

Luciella, Tylar e Stacey estão sempre no novo estúdio ou fazendo coisas de garotas no quarto da minha irmã. Já tive que discutir com minha irmã gêmea muitas vezes para me deixar ver Stacey quando estou entediado e os cachorros não me dão atenção.

Nikita está sempre com seu guarda-costas principal. Ela segue Base por aí como um cachorrinho e banca a esposa feliz perto de todo mundo, mas

quando estão só eles, Base nos conta que ela chora e implora para que ele a deixe voltar para a Rússia.

O guarda-costas que fica enchendo o saco do Base é o braço direito do pai da Nikita. Quero arrancar a cabeça dele. Mas acho que tem alguma coisa rolando entre ele e Nikita, dá para perceber pelo jeito que se olham.

Luciella se manteve completamente distante. Se ela entra em uma sala e o Base está lá, ela vai embora. Ela não se senta para jantar porque a esposa dele está lá, e isso geralmente significa que Stacey e Tylar comem em uma sala de jantar diferente com ela. É um saco, mas eu entendo. Eu não aguentaria ver a Stacey casada com outra pessoa. E mesmo que fosse, eu ainda transaria com ela, entraria sorrateiramente nos armário de vassoura e a beijaria até não conseguirmos respirar. Eu ainda seria dela.

O Dez tem tentado trabalhar conosco, mas ele é inútil, da maneira mais gentil possível. Ele é normal demais, cuidadoso e sensível pra caralho. Ele não sabe segurar uma arma direito nem usar uma adaga e não tem a mínima ideia de como seguir ordens.

Ewan, porra, ele é um tanque para a idade. Eu sempre soube que ele estava em forma e sabia lutar. Até agora, ele já acabou com todos com quem o coloquei como parceiro. Perder Jason o mudou. Ele está mais raivoso. Vejo isso estampado em seu rosto.

Stacey abre a porta do armário de leve e espia.

— Não tem ninguém aqui. — Ela sai e se vira para mim. — Vou me sentar com Luciella e Tylar e assistir algum filme. Meu celular está no quarto. Te vejo na hora do almoço?

Inclinando a cabeça, dou risada.

— Você me usou de novo?

Ela levanta uma sobrancelha.

— Foi você quem me arrastou para cá. Talvez você tenha me usado?

Balanço a cabeça de um lado para o outro e diminuo a distância entre nós, segurando seu queixo e passando o polegar em seus lábios ainda inchados.

— Queria te foder.

— Mais alguns dias — ela responde, ficando na ponta dos pés para me dar um selinho. — Então serei toda sua.

— Posso te foder hoje à noite? É só sangue. Eu mesmo limpo.

— Não, Kade. Não vamos transar.

Gemo, imaginando todas as posições em que a colocarei quando ela parar de sangrar.

— Tudo bem.

Considerando o número de vezes que não usei camisinha, estou surpreso

que ela não esteja grávida. Acho que a tenho comido todas as noites desde que Base chegou, exceto quando ela está menstruada. Tenho colocado meus dedos depois de gozar dentro dela para enfiar tudo de volta e assistir escorrer pelas suas coxas, e acho que estou ficando perigosamente obcecado com a ideia de colocar um filho nela.

Talvez porque eu ache que ainda há uma chance de eu morrer, e eu queira deixar uma parte de mim para trás para ela amar. Uma mini versão de mim que eu talvez nunca conheça.

As mãos de Stacey repousam nas laterais do meu rosto.

— Eu sei o que você quer, Kade. Confie em mim, eu também quero. Mas veja a nossa situação. — Ela me dá um sorriso caloroso. — Imagina trazer um bebê para tudo isso? Estamos apenas recuperando o que tínhamos, e nenhum de nós está mentalmente estável o suficiente para ter um bebê. Você ainda está tendo convulsões e desmaios, e às vezes mal consigo dormir por causa dos pesadelos.

— Não desmaio nem tenho uma convulsão há mais de um mês.

Ela suspira.

— Eu sei. Eu só… E se eles descobrirem que estou grávida e tentarem me machucar ou ao bebê? Devíamos esperar até estarmos em uma posição segura e confortável, sem inimigos.

— Mas você disse que queria… — Minha voz para, observando seu rosto, sua expressão séria, e eu murcho. — Merda. Eu estou te pressionando a fazer isso?

— Não. Deus, não. — Ela me beija novamente. — Não quero nada mais do que ter um filho seu. Só quero estar segura e pronta primeiro. Não posso perder outro.

Assinto com a cabeça, puxando-a contra o peito.

— Desculpa. Estamos tão perto do fim, Sardentinha. Ainda precisam fazer mais algumas prisões, depois só precisamos encontrar Bernadette. Vai acabar logo, eu prometo.

Minha equipe lá fora massacrou centenas. A maior parte do exército de Bernadette está desaparecida.

— Você não tem nada pelo que se desculpar, Kade. Além disso… — Ela hesita e olha ao redor. — Luciella precisa de nós agora mais do que nunca.

Franzo a testa, confuso.

— Por quê?

— Ela… — Stacey abaixa a voz para um sussurro. — Ela acha que está grávida, mas está com muito medo de chamar uma enfermeira caso alguém descubra. Ela está duas menstruações atrasadas.

Eu a encaro por um longo tempo antes de piscar.

— Como é?

— Você não pode contar para o Base.

— Ela acha que está grávida do Base? — pergunto, precisando que ela esclareça ou explique.

— Sim — Stacey responde. — É por isso que ela continua passando mal e se escondendo dele. Se a família da Nikita descobrir, eles podem…

Uma porta se abre à nossa esquerda e Base aparece.

— Ah, Rhodes. A pessoa que estou procurando. Quer me ajudar e forçar Ella a falar comigo? Nos trancar acidentalmente num quarto juntos? Amarrá-la a uma cadeira e me mandar o quarto por mensagem?

Stacey se solta dos meus braços.

— Ela só está com dificuldade em te ver perto de Nikita. Dê um tempo a ela.

Ainda estou encarando Stacey, precisando que ela me conte mais. Quando Luciella começou a achar isso? É impossível levá-la em segurança para um esconderijo — o que vai acontecer se a mansão for atacada e ela estiver aqui?

Que porra vai acontecer quando o novo sogro da Base descobrir?

Desvio o olhar dela para Base enquanto ele bufa.

— Ela sabe que não dividimos a cama? Eu durmo no sofá. Mandei mensagem para ela semanas atrás e disse que nada disso é real, e ela me bloqueou.

— Não acho que isso faça diferença para ela. Você está preso ao seu casamento e ela não tem ideia do que fazer. Ela sabe que não é sua culpa, mas conversar com você é muito difícil — Stacey responde. — Preciso ir. — Ela me olha de relance. — Você está bem?

Traduzindo: *Você está bem com o que eu acabei de contar?* Não, não estou, mas estou irritado com a situação, não com ela. Base deveria saber, caralho. Mas aceno mesmo assim.

— Te vejo no almoço.

Eu a observo sair e então solto um suspiro.

Base pega uma maçã da fruteira no meio da ilha da cozinha e se senta.

— Uma coisa que eu odeio sobre todos esses filhos da puta autoritários estarem aqui é que eu não posso ficar chapado em paz.

— Você foi pego de novo?

— Sim. Um policial armado do caralho e o cachorrinho dele estavam patrulhando a casa da piscina e eu tive que sentar no meu baseado porque não tinha onde colocá-lo.

— Acabou se queimando?

— Sim. Quer passar pomada na minha bunda?

Bufo.

— Sai fora.

Ewan e Dez entram, ambos parecendo tão cansados quanto todos nós.

— Sua mãe acabou de receber uma ligação dizendo que a paciente dela se casou. Ivy Dermot? Se casou no Chipre hoje de manhã.

— Eu não sabia que ela ia se casar.

Conheci Ivy uma vez quando minha mãe ganhou seu décimo prêmio por descobrir tratamentos para doenças genéticas raras. Ela é a razão pela qual meus pais se conheceram. Meu pai foi o assistente da minha mãe no caso dela nos Estados Unidos, e ambos trabalharam com ela quando ela era criança.

Acho que isso foi antes do meu pai enlouquecer.

— O novo tratamento que ela está fazendo está ajudando muito na mobilidade dela. Aria foi convidada para o casamento, mas obviamente, com tudo o que está acontecendo, não pôde comparecer. O marido de Ivy leu um poema que ela escreveu quando aprendeu a escrever aos dezesseis anos, e era sobre a sua mãe.

Me sinto mal por ela não poder ir.

— Ela teria adorado ir.

— Ela chorou. Depois abriu uma garrafa de vinho, então eu disse a ela que lhe daria um pouco de paz e veria o que precisava ser feito na mansão.

— Vou ver minha mãe mais tarde então — digo, apoiando os cotovelos no balcão. — Quando é a próxima troca de turno?

— Em uma hora — Base responde, olhando para o celular. — Então, Pavel, o Bafo de Dragão vai ficar no meu pé, querendo saber do paradeiro da Nikita. Ela só sabe ficar sentada no quarto assistindo coisas no notebook. Posso atirar nele acidentalmente?

— Claro — respondo, sério, enquanto Ewan diz:

— Não.

— Qual é a dele, afinal? — Dez pergunta, mastigando fatias de laranja. — Ele te odeia profundamente.

— Acho que está apaixonado por Nikita. Foi ele quem mandou ela fingir que dormiu comigo na frente de todo mundo. Se o pai dela descobrir que é tudo mentira, é ela quem vai receber o castigo maior.

Se descobrirem que Luciella está grávida, provavelmente tentarão fazê-la abortar ou espancá-la até que ela aborte — ou pior, matá-la.

Minhas mãos se fecham em punho no balcão da cozinha.

— Tenso — Dez responde, fazendo uma careta. — Ela sente algo por

você?

Isso faz Base rir, mas é um riso amargo.

— Espero que não. Não tenho nada a oferecer a ela além de um coração que pertence a alguém que me odeia.

— Luciella não te odeia; ela está triste com tudo isso. — Ewan pega um copo e o enche de água.

— Eu só quero ir até ela, agarrá-la e…

Ewan e eu o encaramos com um olhar mortal.

— Tá bom. Tá bom. Eu ia só dizer "beijá-la", seus filhos da puta protetores.

Ele devia mesmo saber que pode estar prestes a se tornar pai. Se Luciella está mesmo grávida, ela deveria ser a pessoa a contar a ele. Mas, porra, eu sou péssimo nisso. Quero dar um tapa na cara dele e mandar ele ir exigir respostas dela.

Base nunca falou sobre ter filhos. Acho que ele nunca interagiu com uma criança antes. Dez quer dois, e Tylar disse que assim que assumir os negócios da família, ela os dará a ele com prazer.

Eu? Quero qualquer coisa que Stacey estiver disposta a me dar.

Me levanto do meu lugar e mordo a parte interna da bochecha, precisando de algo para me distrair da confusão de pensamentos e do pânico iminente.

— Querem ir ficar chapado?

Ewan me encara, e eu dou de ombros.

— Velhos que nem você também podem ficar chapados. Está a fim? Não vou contar para a minha mãe.

Ewan revira os olhos.

— Seu pirralho.

Todos, até meu padrasto, finalmente concordam. Dez bate palmas para um efeito dramático.

— Vamos logo fumar um antes que eles façam uma patrulha na casa da piscina de novo.

Base se levanta com um pulo.

— Até que enfim, caralho.



Eu não devia ter fumado. Não devia mas fumei. E agora estou chapado pra caralho.

Meet you at the Graveyard de Cleffy, toca do celular do Base enquanto estamos sentados à mesa de centro. Tento me sentar, mas não consigo, então pego meu celular.

Eu: Talvez eu vá perder o almoço.

Eu: Mal consigo ver direito.

Eu: Ah, e quer se casar comigo? Tenho quatrocentos milhões no banco. Talvez eu possa usar esse dinheiro para comprar o anel? Seria o suficiente? Sei que você não se importa com dinheiro, mas pensa quão lindo esse diamante seria?

Eu: Pode pedir para Luciella falar com o Base sobre essa história de gravidez? Ele está sendo um pau no cu deprimido e está me irritando.

Eu: Quase mandei uma foto do meu baseado para minha mãe. Talvez eu devesse parar e ir dormir.

Eu: Talvez eu perca o jantar.

Eu: Se você não pegar seu celular no quarto e me responder, posso simplesmente foder sua bunda enquanto estiver dormindo.

Eu: Isso soou mal. Me desculpa. Mas, por favor, me deixa comer sua bunda de novo. É muito bonita, mas fica ainda melhor com meu pau enfiado nela. Vou devagar e vou ser muito, muuuuuito carinhoso.

Eu: Essa conversa tá terrivelmente unilateral, Sardentinha. Estou um pouco ofendido.

Ewan olha para a minha tela quando eu rio de mim mesmo.

— Pelo amor de Deus, Kade. Eu não precisava ver essa baixaria. — Ele se afasta de mim no sofá. — Você definitivamente é filho do seu pai.

Franzo a testa para ele.

— É só não olhar para a minha tela.

— O que foi? — Dez pergunta, dando uma grande tragada no bong.

Ewan balança a cabeça de um lado para o outro.

— Você não quer saber. — Ele olha para mim. — Você pode não ser do meu sangue, mas eu te criei desde que nasceu e é como meu filho. Por favor, não me mostre uma coisa dessa de novo.

— Foi você quem olhou para o meu celular! — repito, rindo. — Quão chapado você está?

Base ri baixinho e me passa o bong.

— Você está pedindo para foder a bunda da Stacey de novo?

Paro de rir e rosno para ele, enchendo o fornilho do bong e acendendo-o para dar uma tragada. A raiva que sinto quando qualquer um deles menciona ela e algo sexual é instantânea. Base leu minhas mensagens para ela no mês passado, distraidamente, do mesmo jeito que Ewan fez, e acabei em um debate de uma hora sobre dar e receber, e ele disse que eu, definitivamente, deveria deixar Stacey me comer com algum brinquedo.

Dei um soco na cara dele por isso.

Minha mente fica ainda mais enevoada quando passo o bong para Ewan, mas ele balança a cabeça em negação e entrega para Dez. Meu celular apita, e suspiro aliviado quando vejo que é a Stacey respondendo.

Sardentinha: Você é fofo. Mas precisa deixar minha bunda em paz. Não consegui me sentar por uma semana da última vez, então, não. Estou no nosso quarto agora. Luciella está comigo. Ela está fazendo um dos testes que temos debaixo da pia.

Engulo em seco e olho para Base, largado no assento, tornozelo apoiado no joelho, cotovelo no braço da cadeira e o dedo médio na têmpora. Ele rapou uma linha na sobrancelha outro dia, e, estranhamente, combina com ele.

Eu: E?

Cinco minutos depois, ela responde.

Sardentinha: Positivo. Nunca a vi chorar assim.

Eu: Dê um abraço nela. Mas ela precisa contar para o Base. Ele precisa estar envolvido nisso.

Sardentinha: Ela vai mandar mensagem para ele agora. Estou com saudades.

Dez se recosta na cadeira.

— Tylar adora. Às vezes ela prefere anal.

— Luciella tamb… — Base faz uma pausa, olha para mim e Ewan, depois balança a cabeça de um lado para o outro. — Deixa pra lá.

Faço uma careta.

Ewan se levanta.

— Vou embora antes que eu bata em algum de vocês.

Ele bate a porta atrás de si, e talvez seja porque estamos todos ferrados, mas caímos na gargalhada até nossas costelas doerem.

Dez quase se engasga com o cigarro, e eu deixo meu celular cair no chão.

— Ele é assustador pra caralho — Base diz em meio a uma risadinha. — Ele me chutou nas bolas enquanto lutávamos. Quase destruiu minha fábrica de filhos!

— Você quer ter filhos? — pergunto, aproveitando o gancho.

— Nem fodendo. Sem querer ofender, porque sei que vocês dois querem, mas não consigo pensar em nada pior.

Mordo a parte interna da minha bochecha. Quase abro a boca para dizer que ele engravidou minha irmã, mas me contenho. É Luciella quem tem que conversar com ele sobre isso, e acho que ela vai ficar ainda mais arrasada.

Dez enrola um baseado e o acende.

— Eu nunca disse isso antes, mas sinto muito pelo que aconteceu com vocês dois. — Ele sopra a fumaça entre nós e me entrega. — Queria ter sabido,

ter podido, sei lá, tentar ajudar. Não cheguei a ver as fotos nem os vídeos, mas… ouvi coisas…

Base tá encarando a tela, a testa franzida. Mas então ele olha pra cima, faz um som pensativo, e eu já sei que o humor negro dele está prestes a aparecer, ainda mais do jeito que ele tá chapado. É o jeito dele de desconversar.

— Aposto que é melhor fazer um boquete no Kade do que em você.

Abaixo a cabeça.

— Puta merda.

Base sorri para mim.

— Não negue. Você gozou na minha boca. Sabe que eu sou bom. Diga a ele!

Em vez de socar a cara dele, talvez porque eu esteja chapado, solto uma risada e quase me engasgo com a fumaça de novo.

Meus amigos se juntam a mim e, quando apago a ponta do baseado e me levanto, bocejo.

— Vou ver minha garota e dormir. Dez, sugiro que deixe o Base te chupar para você ter uma ideia. Não vou contar a ninguém. E, Base, você precisa falar com a minha irmã logo.

Base também se levanta.

— Na verdade, ela pediu para me ver. Disse que era urgente. Vou com você.

Mas antes que possamos sair, há uma forte explosão lá fora que balança a casa da piscina, quebrando as janelas e nos derrubando. O chão treme, e a erupção nos meus ouvidos me faz estremecer enquanto coisas caem no chão ao nosso redor, e alarmes começam a soar enquanto as pessoas gritam ordens.

Janelas quebram lá fora enquanto outra explosão acontece.

Stacey.

Eu me levanto correndo e saio da casa da piscina com meus dois amigos atrás de mim, e um líquido quente escorrendo pela lateral da minha cabeça. Devo ter sido atingido por alguma coisa.

Meu coração se afunda quando paro, cada gota de sangue saindo do meu rosto enquanto olho para o meu lado da mansão — destruído e em chamas. Minha varanda sumiu, e todo o andar de cima desapareceu.

Não. Não, não, não, porra, não. Stacey e Luciella estavam no meu quarto. E ele desapareceu.

— Porra! — grito e corro em direção às chamas sem pensar duas vezes, mas o teto da entrada desaba e eu tropeço para trás, com os olhos arregalados. Conto até três mentalmente e corro em direção a ela com um único objetivo.

Minha pele queima com as chamas quase lambendo meu corpo, e meus

ouvidos latejam com o barulho das explosões. Meus amigos estão logo atrás, e forçamos as vigas caídas do teto pra conseguir entrar, cobrindo a boca com a gola da camiseta enquanto avança.

Uma guerra do caralho está começando, mas tudo em que eu consigo focar é em correr por essa mansão em chamas, segurando a respiração pra não inalar a fumaça tóxica, tentando encontrar minha namorada e minha irmã grávida.

CAPÍTULO 41



Stacey

Meus olhos se abrem bruscamente quando um grito atinge meus ouvidos zumbindo, tudo dói enquanto tento me mover e não consigo.

Confusa e atordoada, deitada de costas, me obrigo a permanecer acordada. Minha cabeça dói por causa de algo que caiu em mim. Tento manter os olhos abertos na escuridão lambida pelas chamas, mas eles queimam, assim como meus pulmões enquanto respiro de forma irregular.

Uma dor aguda nas pernas me faz estremecer enquanto tento me mover, piscando enquanto tusso na fumaça espessa que preenche o corredor ao pé da escada em espiral de Kade.

Ergo o queixo para ver o brilho do fogo na viga de madeira que prende minhas pernas.

— Stacey… — a voz suave vem da minha esquerda, e olho para ver minha melhor amiga se levantando.

Luciella me olha, perturbada, com o rosto sangrando, a blusa rasgada em pedaços. Um de seus sapatos está faltando. Ela se embala, pressionando a palma da mão onde o bebê está crescendo em seu ventre.

— Meu Deus — ela chora baixinho, mancando em minha direção e observando os arredores demolidos de sua casa. — O que aconteceu?

Tantas memórias destruídas. O quarto de Kade nem existe mais. A caixa que guardei em seu armário terá sido destruída — o vestido de princesa, os sapatinhos, as fotos e tudo o mais que ele guardou para se lembrar de nós.

Tudo desaparecido.

Estou tão fraca que os tiros que ouço de algum lugar da mansão não me perturbam. Há gritos, e algo cai do teto e faz com que brasas flutuem em nossa direção com um estrondo. Há estalos em meus ouvidos, e não sei se é por causa do meu ferimento na cabeça ou da madeira queimando ao nosso redor.

Luciella usa o material rasgado de sua blusa para cobrir a boca. Em breve, a fumaça ficará mais densa, venenosa, e provavelmente morreremos aqui.

Cada nervo do meu corpo está ciente da dor que sinto, e tudo queima por causa do ar poluído. Puxo meu suéter para cima, cobrindo a boca, para tentar filtrar um pouco da fumaça que enche meus pulmões.

Não sei por quanto tempo fiquei inconsciente, mas em um minuto, Luciella e eu estávamos ensaiando como ela contaria a Base que estava grávida, eu a animando quando ela começou a entrar em pânico porque ele odeia crianças, e no minuto seguinte, caos. Algo aconteceu quando descíamos a escada em espiral de Kade para encontrar Base e contar a novidade. Houve um estrondo, depois fomos catapultadas para baixo e tudo ficou preto.

A fumaça está ficando mais espessa e as chamas estão mais próximas. Estou toda suada e isso está ardendo nos machucados da minha pele.

— Tylar — eu digo. — Ela foi para o seu quarto. Consegue ligar para ela?

Luciella tira o celular do bolso de trás, mas a tela está quebrada. Não tenho ideia de onde está o meu.

Meu coração se contorce ao pensar em quem quer que esteja nos atacando chegando até Kade, e rezo silenciosamente para que ele não esteja chapado demais para se defender.

Congelamos quando tiros soam mais alto no final do corredor de Kade, duas figuras fortemente blindadas passando correndo com máscaras de gás, tochas presas às armas e brilhando através da fumaça. Eles estão mirando e atirando em alguém.

Precisamos sair daqui, e rápido. Quem atacou a mansão também está invadindo o lugar. Meu Deus. Onde estão os cachorros? Kade? Tylar? Todo mundo?

Meus olhos ardem com a fumaça e a pressão da dor na minha cabeça, mas consigo empurrar as palmas das mãos no chão e me sentar.

— Consigo sentir meus dedos dos pés — digo com a voz rouca, tossindo enquanto o alívio me percorre; minhas pernas não estão quebradas por

estarem presas sob a viga. — Me ajuda a levantar isso.

Quando ela se inclina para frente, me dou conta e agarro seu pulso.

— Espere. Não. Você não pode levantar, está grávida.

— Eu vou te ajudar — ela exige, se libertando do meu aperto. — O fogo está se espalhando e não vou te deixar aqui para ser baleada ou queimada viva.

Três tentativas, e não conseguimos mover a viga que prende minhas pernas. Ela está logo acima dos meus joelhos, mas se eu tentar puxar minhas pernas para fora, meus joelhos parecem que vão se partir. Desisto, tossindo o suficiente para fazer minha garganta doer.

— Você precisa ir, Luciella.

— Para com isso. Eu não vou.

— Lu, por favor. Você está grávida e eu estou presa aqui. A fumaça está piorando. — Respiro fundo, sentindo uma ardência na garganta. — Por favor, vá.

— Não.

Abro a boca para gemer, mas a visão de mais duas figuras abrindo caminho no corredor destruído me faz parar. O alívio me invade quando Kade agarra alguém pelo pescoço e lhe dá socos repetidos no rosto, com tanta força que a máscara de gás cai no chão. Base está estrangulando o outro, com uma expressão maníaca no rosto.

— Os filhos da puta escolheram a família errada para se meter — Base rosna, chutando a pessoa entre as pernas antes que ela caia. — Pedaços de merda.

Kade quebra o pescoço do homem com tanta facilidade, que eu o ouço estalar.

Ambos estão encharcados de sangue.

O olhar de Kade se choca com o meu, e sinto todo o ar desaparecer quando ele corre instantaneamente em minha direção, meu nome em seus lábios, Base logo atrás dele, gritando por Luciella. Eles param quando outra viga cai do teto, errando-os por um triz.

Eles disparam por cima da viga e correm em nossa direção, desviando dos destroços. Kade me alcança primeiro com os olhos arregalados.

— Porra — ele dispara, agarrando meu rosto para verificar meus ferimentos. Então olha para meus membros presos.

Kade levanta a viga sem esforço, e eu me arrasto para trás para soltar as pernas. Ele me puxa para o peito antes que eu possa dizer qualquer palavra. Seu rosto se enterra no meu ombro enquanto ele me aperta com mais força.

— Eu não posso te perder. Nunca. Eu… não posso. Nunca. Eu pensei que tivesse te perdido… Eu não conseguia te encontrar… Não consegui nem

pensar direito.

Eu me inclino para trás e seguro suas bochechas manchadas, seus olhos arregalados.

— Está tudo bem. Você me encontrou.

— Eu matei muita gente esta noite — ele admite, seus olhos observando todos os meus cortes e hematomas. — Não me odeie.

Os nós dos dedos de suas mãos estão arrebentados, sua orelha e sobrancelha estão sangrando, e há um corte em sua cabeça — também sangrando.

— Eles mereceram. — Meu queixo treme. — Os cachorros?

— Eles estão lá fora com dois dos meus homens. Nós os encontramos no pé da escada. Eles não estão feridos, apenas assustados.

Ele não tira os olhos de mim enquanto Base fala.

— Vamos ter que pular nos arbustos ou tentar descer por algum lugar; a escada está tomada e esta ala está prestes a desabar. Ainda por cima, estamos sem balas, porra.

Base está segurando Luciella contra si, balançando a cabeça de um lado para o outro e murmurando em russo e inglês enquanto a beija por todo o rosto. Então ele acrescenta:

— Tylar está com Dez. Ela está segura.

Ótimo. Isso é ótimo.

— Onde estão minha mãe e Ewan? — Luciella pergunta. — E Nikita?

— Com o guarda-costas dela. Ewan também tirou Aria da mansão.

Kade abaixa a testa no meu ombro novamente.

— Quase te perdi.

— Você nunca vai me perder, Kade. — Passo os dedos pelos cabelos dele. — Tire a gente daqui — digo, com os pulmões ardendo e os olhos marejados. — Estou ficando tonta.

Encaro minhas pernas ensanguentadas enquanto Kade se levanta e enfia uma arma na cintura, nas costas. Ele me ajuda a ficar de pé, mas, quando coloco peso nos joelhos, eles cedem. A tontura por ter apagado começa a passar, dando lugar ao pânico e à dor, fazendo meu coração disparar descontroladamente.

Kade me segura.

— Você consegue andar?

Assinto com a cabeça.

Mais tiros são disparados enquanto Kade puxa meu braço por cima do ombro para me apoiar, curvando-se até a minha altura. Só chegamos à metade do corredor antes que ele comece a tossir e eu caia. Nos levantamos, Kade pressionando a mão na parede para obter apoio extra.

— Este quarto aqui — Base diz, chutando a porta, e o seguimos para dentro. Ele corre até a janela e a abre, olhando para baixo. — Podemos pular.

Olho para a queda íngreme e empalideço.

Kade balança a cabeça em negativa.

— As pernas da Stacey não vão aguentar. E não tem a mínima chance de eu deixar minha irmã grávida pular dessa altura.

Base faz uma pausa.

— Como é?

Tudo fica em silêncio. Luciella fecha os olhos. Base não pisca, franzindo as sobrancelhas. Eu me encolho internamente com o silêncio.

Kade cruza os braços e encara os dois como se não tivesse acabado de soltar uma bomba.

— Ela está grávida — diz Kade, piorando a situação. — Parabéns, você vai ser pai, se a gente sair dessa. Agora, qual é o plano B?

— Espera aí. Puta que pariu, espera aí! Como é que é? — Ele fica na frente de Lu e levanta o queixo dela, para que ela olhe para ele. — Você está grávida?

— Podemos conversar sobre isso depois, por favor? — ela pergunta. — Estamos no meio de uma experiência de quase morte, e isso pode ser discutido depois.

— Eles vão tentar te matar. Se a família da Nikita descobrir, vão mandar te matar. — Ele olha para Kade. — Você consegue escondê-la?

— Eu não vou me esconder — ela retruca antes que seu irmão gêmeo possa responder. — Não precisamos dizer que é seu.

— Com certeza é meu, né?

Ah, ele não disse isso. Dou um passo à frente com o queixo cerrado, mas Kade se adianta, agarrando Base pelo colarinho.

— Cuidado com o que fala, porra.

— Calma, cacete! — Base retruca, empurrando Kade para longe. — Eu sei que a criança é minha. A família da Nikita também vai saber! Você entende o quão perigoso isso é?

— Posso facilmente dizer que não é seu! Eles não vão descobrir.

— Você acha que eu vou voltar para lá sabendo que está carregando um filho meu?

— Não temos tempo para isso — Kade diz, encarando os dois. — A fumaça está entrando por todas as frestas. Precisamos sair daqui.

Lu tensiona o maxilar, mas antes que possa gritar com ele, a porta se abre de repente, uma figura grande usando uma máscara de gás e equipamento antimotim preenchendo a entrada, com a arma apontada para nós.

— Bingo! — ele diz com sotaque inglês. — Encontrei Kade e Luciella Mitchell.

Ele fala no fone de comunicação, mas minha visão é bloqueada enquanto Kade desliza para a minha frente, me dando uma visão completa de suas costas encharcadas de sangue. Base puxa Lu para trás dele também.

— Quero que vocês quatro coloquem as mãos acima da cabeça e se ajoelhem.

— Este é meu — Base murmura baixinho, mas todos conseguimos ouvir. — Deixei você ficar com o último.

Kade solta uma risada ofegante e balança a cabeça de um lado para o outro.

— Você estava levando uma surra, e eu tive que intervir.

Quando o homem percebe que ninguém está ouvindo, ele fala para sua equipe pelo rádio.

— Mandem todos para…

As palavras param, um gorgolejo chega aos meus ouvidos e então ouço um baque. Olho ao redor de Kade e vejo o homem de bruços, com uma adaga cravada no crânio.

O assassino passa por cima dele, a máscara de gás que ele usa cai no chão e todos nós ofegamos.

— Sem tempo para drama — Tobias Mitchell diz com a voz grave, de pé sobre o cadáver. Ele está usando o mesmo uniforme que a vítima. Acena com a cabeça para a porta. — Vamos. O prédio está pegando fogo, se não perceberam ainda.

— Pai? — Kade e Luciella dizem ao mesmo tempo.

O primeiro dá um passo à frente, hesitante. Não acredita no que vê.

— Como você está aqui?

— Corremos agora, conversamos depois. — Seus olhos pousam em mim. — Oi, Pequena. — Ele olha para Base. — Sebastian.

— Merda — Base solta. — Estou com medo demais para te dizer para não me chamar assim.

Sorrio para Tobias.

— Eu sabia que você não estava morto.

— Mas eu estou — ele diz, com um sorriso irônico. — Para o mundo, estou morto. Vamos manter assim.

— Você está mesmo aqui… — Seu filho dá mais um passo à frente. Luciella está paralisada, provavelmente em choque.

Kade avança lentamente e pressiona a mão no ombro do pai, que acena uma vez, antes que o filho solte um suspiro de alívio e o abrace. E, contra sua

natureza psicótica, Tobias retribui, puxando Luciella para si quando ela finalmente corre até ele.

Base está pálido. Talvez por ter visto um fantasma, ou pela notícia de que Luciella está grávida dele. Não pode ser por todas as pessoas que ele matou esta noite ou pelo ferimento aberto em seu ombro.

— Achei que você estivesse morto — Kade engasga. — Eles identificaram seu corpo.

Tobias os empurra para trás e concorda com a cabeça.

— Bernadette queria que eles saíssem do meu pé. Ela fingiu minha morte. A vadia do caralho só piorou as coisas para si mesma.

Até o nome dela me faz tremer.

O teto crepita enquanto as chamas devoram a madeira, e Tobias beija a cabeça da filha.

— Pare de chorar, querida. Estou bem. Olha? — Ele dá um tapinha no peito, sobre o coração. — Estou bem.

Kade veste o uniforme do cara morto, e ele e Tobias fingem que estão nos escoltando pela mansão. Luciella não para de chorar e fica sussurrando pro pai que o ama. E ele só responde que sabe e implora pra ela calar a boca, senão seremos pegos.

Kade segura meu braço com força para não pressionar minhas pernas, e tento conter as lágrimas quando vejo os corpos espalhados por toda parte.

Russos. Oficiais. A equipe de Kade. E outros vestidos com o mesmo uniforme de Kade e seu pai.

O garoto que Kade salvou, aquele que não teve permissão para trabalhar para ele até os dezoito anos, está deitado em uma poça do próprio sangue, com uma bala entre os olhos.

Kade para ao ver o corpo do garoto e me empurra para a frente.

Quem quer que tenha atacado, seus soldados estão invadindo o local. Tobias resmunga, fingindo um sotaque inglês horroroso, que vai nos levar para a van e que Kade Mitchell está fugindo pela ala leste.

Todos correm naquela direção.

Entramos na cozinha onde Kade me beijou pela segunda vez, na parte do terreno que leva à casa da piscina onde nos encontramos e onde, felizmente, encontramos os cachorros encolhidos, e Tobias para.

— Onde está sua mãe? Não consegui encontrá-la.

— Ewan a tirou de lá — Kade responde enquanto se abaixa para confortar os cachorros. — A polícia está cercando a mansão e tentando colocar todos em segurança. Eles acham que há mais bombas plantadas, então não entrarão no terreno sem o esquadrão antibombas. E se eles virem você?

— Não se preocupe comigo. Eles acham que estou morto, então estou fora do radar deles. Todas as bombas estão desarmadas. Deixei duas passar — Tobias diz, apontando para a destruição. — Eles as trouxeram para dentro pelos túneis que passam por baixo da mansão.

Kade pega minha mão.

— Precisamos dar o fora daqui. Podemos pegar o barco do Ewan.

— Não — Tobias responde. — Vocês todos precisam ir para os portões.

— Vou levar Luciella para a Rússia — Base diz. — Ela está grávida e não vou deixá-la perto de nada disso. Meu avô a manterá segura se souber que ela está esperando o próximo herdeiro dele.

— Seu filho da puta… — Tobias larga a arma e agarra Base pelo pescoço, levantando-o do chão. — É melhor você não ter engravidado minha filha. Você está tentando matá-la?

Base se debate, sufocando, até que Tobias bufa e o derruba no chão.

— Porra. Precisa ser tão bruto? — Base pergunta, esfregando o pescoço e empalidecendo. — Até parece que planejamos isso, porra.

Tobias pisca e encara a filha. Por um segundo, algo quente brilha nos olhos dele, mas some tão rápido quanto veio quando ouvimos gritos vindo de dentro da mansão e mais tiros sendo disparados.

— Vão para os portões da mansão e certifiquem-se que todos vocês sejam colocados sob proteção.

Seu filho franze a testa.

— E deixar você aqui? De jeito nenhum. Acabei de te recuperar. Além disso, Bernadette vai mandar reforços em breve. Precisamos ir. Agora.

Kade se vira na direção do barco, minha palma firmemente contra a dele, nossos dedos entrelaçados. Eu vou mancando, mal consigo dar dois passos antes de Tobias dizer:

— Parem.

Nos viramos para encará-lo.

Tobias esfrega a nuca.

— Isso é retaliação de um dos líderes do submundo que você irritou. Não se preocupem, ele já está morto. — Ele acena com a mão em direção à mansão em chamas. — E aquela mulher não está em condições de causar isso.

Kade franze a testa.

— Como sabe disso?

Um sorriso perverso surge no rosto de Tobias.

— Porque, filho — ele diz, erguendo as sobrancelhas —, eu estou com Bernadette Sawyer.

CAPÍTULO 42



Kade

Antes de ser preso, condenado à prisão perpétua e mandado pra instituição pra apodrecer até o fim da vida, meu pai era um desgraçado que transformou a vida da minha mãe num inferno… tudo por tentar amar ela do jeito certo. Só que era um amor que ele nem sabia sentir. Então, em vez de dar pra ela o que ela precisava, ele se destruiu, destruiu ela, a vida dela e todo mundo que estava por perto.

Dizer que ele estava obcecado é pouco. Meu pai não queria perdê-la e queria que ela sentisse que tinha um namorado “normal”, que não dependia de remédios pra ser quem ele é. Então, ele fez justamente aquilo que o quebrou, e isso desencadeou um efeito dominó que o fez perder completamente o controle, se transformar em outra pessoa.

Ele parou de tomar seus medicamentos. Parou de fazer terapia. Nunca compareceu aos seus grupos de apoio. Começou a beber.

Sua obsessão se tornou mortal.

A história terminou aqui mesmo, no abrigo para cães que comprei há pouco tempo e coloquei em nome do Barry — por que estamos aqui?

Stacey se mexe no meu colo, e eu passo os dedos pelos seus cabelos enquanto os postes de luz desaparecem e ficamos envoltos em escuridão.

— Onde estamos? — ela pergunta com a voz áspera.

— Em um lugar seguro — respondo, e então olho para o meu pai pelo espelho. — Eu adoraria saber como você descobriu que podia vir para cá.

— Isso importa?

— Você ressuscitou dos mortos e está dirigindo para o *meu* prédio — acrescento, meus dedos ainda acariciando preguiçosamente os cabelos de Stacey. — Então, sim, importa.

Meu pai dá de ombros e continua dirigindo pela estrada. Seus olhos estão fundos, provavelmente por falta de sono ou pelo estresse de qualquer coisa que ele tenha feito enquanto se fingia de morto.

No começo, eu fiquei em choque quando vi que ele estava vivo, mas agora estou cheio de ódio. Eu passei meses de luto por esse filho da puta, e o tempo todo ele estava aqui, de boa, dormindo numa cama nova, usando o chuveiro e comendo na cozinha, enquanto eu estava perdendo a cabeça achando que ele tinha morrido.

Jason está morto, e o meu pai estava, e tudo que eu sinto é raiva dele quando deveria estar agradecido, quando deveria estar abraçando ele e dizendo o quanto estou feliz por ele estar aqui. Quero fazer isso, mas só lá no fundo. Vi minha mãe se afogar em bebida noite após noite por causa do quanto ela ficou destruída com a morte dele; não dá pra simplesmente esquecer isso.

Cerro os dentes e olho para Stacey, que balança a cabeça em negativa para mim.

— Eu sei o que você está pensando — ela sussurra, fazendo uma careta ao tentar mexer as pernas machucadas. — Ele não ia querer comprometer seu disfarce tentando entrar em contato com você — sua voz é baixa, mas sei que meu pai consegue ouvi-la. — Deixe-o explicar os motivos antes de você ficar todo *escrotento*.

Eu bufo fracamente.

— Não acho que essa palavra exista.

Mas Stacey tem seu próprio vocabulário, então acho que vou dar essa a ela.

Desço minha mão até sua coxa e acaricio os hematomas de leve.

— Onde dói?

— Seria mais fácil perguntar onde não dói. Sinto como se tivesse sido atropelada por um ônibus.

— Como você sabe como é ser atropelada por um ônibus?

Ela bufa.

— Lembro que você disse que eu parecia um gato estrangulado quando cantava e eu perguntei como você sabia como era esse som. Está me imitando?

Eu rio baixinho, me inclinando e beijando a pontinha do seu nariz, apesar do meu rosto estar coberto de sangue seco.

— Tenho um quarto cheio de suprimentos médicos aqui. Vou te limpar, depois vamos tomar banho e dormir.

— O Kade mandão é fofo — ela diz com um sorriso.

Base estala a língua em desaprovação.

— Vocês dois estão me fazendo querer vomitar.

— Depois do que presenciei desde que virei seu amigo — respondo —, não pode falar merda nenhuma.

— Olha a boca! — meu pai repreende, desligando o motor.

Luciella boceja e levanta a cabeça do ombro de Base.

— Onde estamos?

— Acho que seu pai vai me matar por ter te engravidado e deixar meu corpo aqui.

— Espero que sim — acrescento quando Luciella parece confusa.

Ele está olhando pela janela, em silêncio, provavelmente pensando em maneiras de manter minha irmã a salvo da princesa russa e de sua família. Duvido que ele esteja feliz com tudo isso. Ele não gosta de crianças. Ele estará cem porcento focado em mantê-la longe de sua nova família.

Eu poderia escondê-la, mas sei o quão controlador Base é. Ele vai garantir que ela esteja segura. Ele até disse que o avô o ajudará agora.

Espero que ele não esteja errado.

Saímos do carro roubado do meu pai, e os cachorros nos seguem. Envolvo meu braço na parte inferior das costas de Stacey, suportando a maior parte do seu peso enquanto caminhamos para a frente.

Paro e encaro a pessoa encostada no batente da porta com os braços cruzados.

— Por que você não está com sua esposa grávida e filha?

Barry se empurra para a frente e enfia as mãos nos bolsos.

— Eu passei pelo inferno vendo o que aquela mulher fez com você. E, se acha por um segundo que vou ficar de braços cruzados agora, não me conhece muito bem.

Aperto os olhos.

— Você é um idiota. Vá para casa.

Meu pai esbarra o ombro em Barry, e os dois trocam olhares nada amigáveis. Meu assistente não parece nem um pouco chocado por ele estar vivo. Sinto-me cada vez mais irritado.

— Você sabia que meu pai estava vivo?

Um breve aceno positivo de cabeça, e ele olha para meu pai.

— A segurança na mansão foi comprometida, então passar essa informação pra você seria um risco. Em vez disso, ficamos trabalhando aqui nos últimos dois meses. Terminamos as reformas e a sala de operação do sistema. Aí, quando a Bernadette finalmente apareceu, interceptamos a transferência dela quando passou por Glasgow. Ela já está aqui há três semanas.

Minhas narinas se dilatam.

— Vá para casa, para sua família.

Base dá um tapinha no meu ombro.

— Deixa o garoto ficar.

— Garoto? — Barry zomba, erguendo uma sobrancelha. — Você acabou de me chamar de garoto, porra?

— Você parece uma criança. E olha a boca.

Meu pai leva os cachorros para dentro, depois volta e ajuda Stacey a entrar no prédio enquanto pergunta a Luciella onde são os ferimentos dela. Depois que eles desaparecem, eu aperto a ponte do meu nariz enquanto meu assistente e meu melhor amigo entram em uma discussão.

Base está dando um sorriso sarcástico para Barry, e eu estou cansado demais para essa merda. Pego meus cigarros e acendo um.

— Eu fui o melhor amigo do Kade primeiro — Base diz, imaturo, completamente imperturbável diante do ferimento profundo em seu ombro. — E vou *continuar* sendo o melhor amigo dele.

Barry está mais do que perplexo.

— Esse cara está falando sério? — pergunta.

— O garoto precisa controlar a boca suja — Base retruca.

— Ele não é um garoto; é casado, tem uma filha e outra a caminho. Ele também é altamente habilidoso em tecnologia e combate, então eu provavelmente ficaria quieto se fosse você. Ele poderia fazer seu corpo desaparecer sem deixar rastros e fazer parecer um acidente. Além disso, pare de tentar foder com a minha equipe.

— Você está defendendo *ele*? — Base pergunta. — Invés de mim?

Solto o ar pelas bochechas e dou uma tragada no meu cigarro.

Base estreita os olhos diante do meu silêncio.

— Mas você gosta mais de mim, né?

Entrego o cigarro a ele e não respondo, deixando-os ali e entrando para procurar Stacey.

Quando comprei este lugar, estava um desastre. Se não fosse pela fundação e estrutura do prédio estarem intactas e aproveitáveis, eu teria demolido tudo e começado do zero.

Já tínhamos trocado o telhado e instalado um sistema de segurança e

sinalizadores de satélite para podermos continuar trabalhando. Mas com tudo o que está acontecendo, pensei que as obras neste lugar tivessem parado; que todo o trabalho investido tivesse sido em vão.

Mas Barry não estava brincando quando disse que tinha consertado.

As paredes rebocadas cheiram a tinta fresca, há portas novas, câmeras instaladas para segurança extra e cinco quartos com suprimentos para emergências. Já tem um buraco numa das paredes, provavelmente de um soco. Meu palpite é que Barry e o meu pai acabaram discutindo.

O corredor está escuro, os holofotes iluminando apenas fracamente o caminho para a sala médica. Passo pelo consultório — onde minha mãe tentou matar meu pai há mais de vinte anos, mas ela se acovardou.

Paro por um segundo na última porta, pensando se deveria ir procurar Bernadette, mas então ouço a voz de Stacey atravessando a porta. Ela está machucada. Preciso vê-la primeiro, antes de encarar o motivo dos meus demônios ficarem mais fortes, o motivo pelo qual as vozes estão mais altas.

Stacey está sentada em uma cadeira enquanto meu pai vasculha um de nossos kits de primeiros socorros, e Luciella está virando um copo de água e jogando um pouco no rosto ao lado dela. As duas estão cobertas de pedaços de entulho, com a pele manchada de fuligem.

Abro um dos armários para ver se o Barry trouxe o estoque de oxigênio que eu pedi. Elas vão precisar pra limpar os pulmões.

Sinto um alívio quando pego um e coloco uma cânula nasal, entregando-o a Luciella, que está tossindo muito mais do que Stacey. Ela a encaixa e fecha os olhos enquanto inclina a cabeça para trás.

— Eu não sabia que meus pulmões estavam ruins assim.

— Todos nós inalamos muita fumaça. Você está grávida, pode usar primeiro.

Pela primeira vez em anos, Luciella, minha irmã gêmea chata, sorri para mim — um sorriso de verdade, grande, completo.

— Obrigada, Kade.

Isso me confunde. Olho nervosamente ao redor do quarto.

— Claro.

— Você precisa fechar isso — meu pai diz, apontando para o corte na lateral da minha cabeça.

Aponto com a cabeça para a gaveta ao lado dele, onde fica toda a porcaria para costurar feridas. Novamente, para emergências. Se algum de nós se machucasse gravemente, não poderíamos ir para um hospital.

Barry é, até certo ponto, treinado, mas sei que meu pai aprendeu muito com minha mãe e com o fato de ter se machucado intencionalmente na

instituição, só para se curar novamente usando apenas o que os objetos que conseguia ao seu redor. Isso foi algo que seu terapeuta lutou arduamente para ajudá-lo a parar. As finas cicatrizes que literalmente cobriam o corpo do meu pai são a prova de que seu terapeuta não tinha ideia de como pará-lo até dez anos atrás. Ele dizia que a ardência aliviava a dor mental.

Fico em silêncio, observando as garotas mostrarem seus ferimentos ao meu pai. Luciella passa o oxigênio para Stacey e chora até meu pai parar para abraçá-la, e Stacey continua me olhando e sorrindo.

Ela está cansada. Eu também. De tudo. Eu poderia dormir anos com ela e simplesmente me isolar do mundo. *Em breve*. Farei isso em breve. Quero levá-la ao banheiro para que possamos nos limpar e ir para a cama.

— Não temos nada aqui para verificar o bebê, mas Barry vai nos conseguir uma máquina de ultrassom.

Luciella assente com a cabeça, mas então se desfaz novamente, e lágrimas escorrem pelo seu rosto. Nunca vi minha irmã chorar tanto. É… estranho. Eu apenas a encaro. Meu pai também. Então Stacey pega a mão dela e aperta.

— Vai ficar tudo bem.

— Estou com medo. Vou ser uma péssima mãe.

Meu pai balança a cabeça em negação.

— Você é tudo o que sua mãe é, e ela é excepcional. Só é uma pena que o pai seja quem é.

Stacey pega minha mão, e eu me sento ao lado dela e inspeciono suas pernas enquanto meu pai e Luciella continuam conversando. Ela está dizendo a ele como meu melhor amigo é maravilhoso e quanto tempo ele esperou até que ela cedesse. Meu pai bufa algumas vezes; ele não entende de verdade o que significa amor fora do seu próprio. Embora eu ache que ele entenda Stacey e eu, até certo ponto, por causa de toda a minha luta — assim como ele.

— Ainda estou chocado por você ter deixado o Sebastian, logo ele, te engravidar — meu pai diz, e Luciella fica vermelha de vergonha. — Mas se você está feliz, eu também estou.

— Acho que estou — ela responde. — Descobri logo antes da explosão. — Ela coloca a mão protetoramente sobre a barriga, e eu olho para Stacey, cujos olhos estão brilhando. Costumávamos ter isso. — Mesmo que eu perca o Base para os russos, ainda terei uma parte dele.

Ela não vai perder o Base. Ele é um cuzão, mas não vai se afastar do próprio filho. Ele vai escondê-los e provavelmente a si mesmo. Ele vai se impor.

Ele e o Barry ainda estão discutindo lá fora. Ele está quase flertando. Parece que é parte da personalidade dele não conseguir ter uma conversa sem

imaginar a pessoa pelada, e eu sei bem disso — ele vem flertando comigo desde que éramos adolescentes.

Enquanto meu pai tira os cacos das feridas de todo mundo, eu me ajoelho entre as pernas da Stacey para ajudar a limpar os cortes na pele dela. As marcas da viga que a prendeu ficam logo acima dos joelhos. Estão inchadas e já ficando roxas.

— Você está bem? — ela me pergunta, e eu levanto uma sobrancelha, confuso. — A mansão. O fato do seu pai estar vivo. E… tudo o que está acontecendo. É muita coisa para lidar.

— Só preciso me manter focado — respondo, limpando o sangue seco de seus tornozelos. — Quero lidar com Bernadette e… — Paro, respirando lentamente. — Gostaria de superar tudo isso.

Tem sido constante desde que eu tinha dezenove anos. Ainda estou ansioso e sinto que algo ruim vai acontecer. Sempre acontece.

— Eu também, mas acho que devemos dormir primeiro.

— Onde está Bernadette? — pergunto ao meu pai. — Preciso vê-la com meus próprios olhos.

— No quarto que você construiu para ela. Está drogada há vinte e dois dias e trancada em uma jaula.

Apoio os cotovelos nas coxas, agachando-me na frente de Stacey enquanto olho para meu pai.

— Uma jaula?

Ele sorri.

— Você vai ver quando descer. — Meu pai me entrega um pano para o meu próprio rosto. — Por que você comprou este lugar, afinal? — ele me pergunta. — De todos os lugares, você comprou este prédio.

Ele tem muito significado. Foi aqui que todo o caos terminou há quase vinte e cinco anos. Há um pequeno canteiro de flores e uma placa do lado de fora para a tia Gabriella.

— Eu já disse que era para ter um lugar para levar Archie e Bernadette quando eu finalmente os pegasse. Está em nome de Barry, para que não pudessem nos rastrear até aqui. — Então, estreito os olhos para meu pai. — Mas você já sabia disso, não é? Você estava se escondendo aqui enquanto todos nós pensávamos que você estava morto.

Stacey coloca a mão no meu pulso para me acalmar, e eu fico grato por isso. Eu não deveria estar bravo com meu pai — simplesmente não consigo lidar com minhas emoções direito agora.

— Eu não podia arriscar me expor. Barry também não. Ele te contou; a mansão inteira estava grampeada, e você tinha vários ratos na sua equipe. —Ele

dá de ombros. — A propósito, eu os matei. De nada.

— E as pessoas que atacaram a mansão?

— Peguei o chefe deles nos túneis e cortei a cabeça do cara. Ele tinha cabelo comprido e oleoso, então enrolei a cabeça na minha mão… — Ele imita o movimento com um pano e balança o braço. — Acertei o rosto de uns quatro guarda-costas com ele. Depois, vesti o uniforme deles e usei o rádio para rastrear onde todos estavam.

— Jesus — Luciella desabafa, franzindo o rosto. — Eu não precisava imaginar isso quando já estou me sentindo tão enjoada.

— Desculpa, querida.

Solto um suspiro enquanto me sento ao lado de Stacey e começo a examinar meus próprios ferimentos. Nada grave, mas queimei meu braço e tenho alguns cortes. Além disso, estou coberto de sangue de outras pessoas.

A porta se abre e Base finalmente entra com o lábio sangrando.

— Desculpa, princesa. Eu estava discutindo sobre futebol com o garoto, e ele decidiu me dar um soco. Kade, cuide do seu cachorro.

Apesar de tudo o que está acontecendo, solto uma risada.

Barry revira os olhos atrás dele.

— Vou ligar para a Lisa e dormir um pouco. Todos vocês também deveriam dormir. Amanhã elaboraremos uma estratégia sobre como lidar com a Bernadette e, se todas as ameaças desaparecerem, podemos ir para casa.

A menos que levemos em conta meu apartamento em Stirling — embora provavelmente também tenha explodido —, eu não tenho casa. Olho para Stacey e o pensamento desaparece.

Cinco minutos depois, Base está rangendo os dentes enquanto Luciella e meu pai tentam cuidar do ferimento em seu ombro. Há uma bala alojada ali, e ela está usando uma pinça para tentar retirá-la cuidadosamente enquanto Stacey limpa o sangue derramado com gaze.

Vejo meu pai puxando uma caixa de debaixo de um armário e jogando vários comprimidos na boca, engolindo-os a seco.

— Você tem seus remédios?

Ele concorda com a cabeça.

— Barry os conseguiu para mim. Não queríamos arriscar… você sabe. Preciso manter a calma.

Que bom. Há menos chance de ele perder o juízo. Ninguém quer um Tobias Mitchell desequilibrado perto de Bernadette Sawyer. Ele a mataria na hora e estragaria toda a diversão.

Aí ele caçaria Ewan, o mutilaria e forçaria minha mãe a se casar com ele ou algo assim.

Meu pai me joga outra caixa, e percebo que está cheia dos meus remédios.

— Barry disse que você tem se saído bem com esses. Eu tentei remédios parecidos por um tempo quando era adolescente, mas não funcionaram comigo. Fico feliz que funcionem com você.

Eu deveria me dar um soco na cara por nem pensar na minha própria medicação. Meu terapeuta vai ficar furioso comigo. Isso se ele não acreditar que eu morri na explosão da mansão junto com todo mundo.

— Minha mãe vai surtar — eu digo. — Ela vai ficar brava por não termos trazido ela conosco. Vou entrar em contato antes de dormir e avisar que não morremos queimados.

— Não — meu pai retruca. — Ninguém vai contar para a Aria que eu estou vivo. É melhor que ela pense que eu estou morto.

Inclino a cabeça.

— Como é?

Stacey olha para Luciella, mas é o Base quem resmunga, falando por entre a dor:

— Isso é muito egoísmo. Você quer que ela sofra achando que você ainda está morto? Achei que um psicopata como você ia querer toda a atenção dela.

Meu pai o encara com raiva:

— O mundo vai pensar que vocês todos morreram queimados na mansão, então você também está morto, Sebastian. E eu ficarei mais do que feliz em fazer disso algo permanente. Só porque você é pai do meu futuro neto não te dá imunidade. Se você falar comigo assim de novo, vou foder com você de um jeito que Bernadette Sawyer jamais conseguiu.

Base engole em seco:

— Porra. Você é um pau no cu assustador.

Suspiro e balanço a cabeça de um lado para o outro.

— Não temos tempo para isso. Vou descer para o porão.

— Espere até depois de dormir — Stacey diz. — Você mal consegue ficar em pé.

Não vou acreditar até vê-la. Presa. Sem rivalizar mais comigo ou ameaçar todos que amo. Quero ver a vagabunda em seu lugar, incapacitada e à nossa mercê.

Meu pai bufa, irritado.

— Me siga.

A caminhada até o porão parece eterna. Todo mundo está mancando, exausto, ou então o meu pai para a cada dois minutos pra exibir alguma

gambiarra que ele fez.

Está escuro como breu no curto corredor que leva ao porão. Consigo ouvir gotas à minha esquerda enquanto seguro a mão de Stacey. Ela está se apoiando um pouco em mim, mancando, e eu acaricio sua mão com o polegar quando ela aperta com mais força por causa da escuridão e do rangido da madeira.

Chegamos à porta de metal que projetei, e meu pai digita o código, seguido por um bipe. A porta se abre e eu faço uma careta, cobrindo a boca e o nariz com o forte cheiro de urina, pele suja e vômito.

A luz fraca no canto ilumina Bernadette, magra, encolhida em posição fetal dentro de uma jaula de animal bem no meio do cômodo. Tem tubos enfiados nas veias — o vestido rosa claro que já vi ela usar um monte de vezes tá imundo, e a raiz do cabelo tá crescida, escura, em contraste com aquele vermelho-vinho que ela sempre manteve. Ela está pálida, sem uma gota de maquiagem, sem nenhuma das joias caras que vivia ostentando.

Ver ela assim era pra me dar algum tipo de alívio, mas a ansiedade pelo que ela ainda é capaz de fazer deixa meus nervos a flor da pele. Ela pode se curar, manipular alguém, se soltar e acabar com todo mundo. Pode matar Stacey, arrancar o bebê da barriga da minha irmã e garantir que meu pai morra de verdade dessa vez.

Solto Stacey e me aproximo. Por pouco nem reconheço o demônio de saia ali, inconsciente diante de todo mundo — a mulher que arruinou minha vida, que me destruiu de jeitos que eu nem sei explicar. A desgraçada que matou meu irmão.

Base se aproxima também, mas a reação dele é bem diferente da minha.

Ele solta uma gargalhada.

— Puta que pariu! Ela está parecendo o Gollum de peruca.

CAPÍTULO 43



Stacey

— Eu *não* vou transar com você aqui.

Kade geme contra meu ombro enquanto a água da ducha cai sobre nós dois. O banheiro tem seis boxes, azulejos brancos e uma luz baixinha que não nos deixa cegos. Nossos corpos estão colados — ele atrás de mim, as mãos firmes segurando minha cintura — enquanto começa a espalhar beijos pelos meus ombros e sobe até meu pescoço.

Meu corpo inteiro dói, mas o calor da água ajuda um pouco — e o jeito que Kade está me enchendo de atenção me relaxa ainda mais, embora a gente definitivamente não possa fazer nada, não depois de tudo o que acabou de acontecer, sem contar que ainda estou menstruada.

— Eu não estou tentando transar com você. Não posso provar sua pele sem enfiar meu pau dentro de você?

— Seu pau diz o contrário.

Kade segura meus seios e passa os polegares pelos meus mamilos, e a sensibilidade deles me faz gemer.

— Porque minha garota é linda e sexy pra caralho, e eu sei como ela é boa quando está de joelhos.

— Eu sempre sou boa — respondo, dando uma risadinha quando ele

aperta meu peito com mais força e arrasta os dentes levemente contra meu pescoço. — Não podemos fazer nada. Precisamos andar logo.

Kade balança a cabeça em negativa.

— Não vejo motivo para pressa.

— Base já está esperando lá fora há uns cinco minutos.

— E daí? Ele que se foda — ele retruca e pausa. — Não, na verdade, me foda. Ou deixa eu te foder.

— Então, você *está* tentando transar comigo?

— Sim.

— Não vai acontecer — respondo, e ele abaixa a cabeça no meu ombro novamente, a água encharcando seu cabelo e fazendo os fios escuros caírem sobre sua testa.

Seu pau se contrai contra minha bunda.

— É isso, vou acabar virando virgem de novo.

Deixo escapar um som de descrença.

— Você é tão dramático. Será que está passando muito tempo com o Base?

— Provavelmente.

Ele geme novamente quando afasto sua ereção com um tapa e me abraço. Ficamos debaixo d'água por mais um tempo. Acaricio seu braço com os dedos, evitando a pele em processo de cicatrização, então me viro em seus braços para encará-lo e passo as mãos em seu cabelo molhado.

Seus olhos estão fundos e a cor deles é opaca.

— Parece que você poderia dormir por meses.

— Ainda não — ele diz, beijando minha testa. — Vou dormir por meses depois que lidar com a Bernadette.

Mal posso esperar. Vamos a algum lugar com os cachorros e ficaremos juntos. Talvez um dia existam versões em miniatura de mim e do Kade também. Mas agora, no meio de todo esse caos, prefiro me preocupar apenas com o Kade. Sem ofensas a Luciella, porque sei que a gravidez dela não foi planejada, mas eu ficaria paranoica demais para não ir para a Rússia, como Base sugeriu. Ele ligou para o avô depois que verificamos como Bernadette estava e ele concordou em escondê-la, mas ela se recusou; dizendo que isso a afastaria de Base. Tobias estava certo, a esposa dele acha que ele morreu depois de correr heroicamente para dentro de um prédio em chamas para salvar vidas, então eles têm uma chance de ficarem juntos.

E tem o assistente do Kade.

— Barry está correndo um risco enorme estando aqui. Ele poderia ir embora e viver a vida sem que nada o afetasse. E se o pessoal da Bernadette

descobrir que ela está aqui?

— Eles estão todos mortos — Kade afirma. — Meu pai ou os libertou da manipulação dela, ou atirou neles sem hesitar. Ele meio que acabou com o submundo por mim, e ele é só uma pessoa.

Tobias, quando provocado, é uma máquina. Um maníaco. E ele não se importa com a morte nem a teme, o que o torna ainda mais perigoso. Ele é inteligente, insanamente inteligente. Ele estrategicamente eliminou todos que miravam no filho dele sem ser detectado pela polícia.

Mesmo com tudo o que ele é capaz de fazer, pra mim ele é só um bobão que sabe dar os melhores abraços.

— Ainda assim, o Barry está se arriscando.

Kade concorda e faz um som pensativo.

— Ele é leal. Provavelmente leal demais. Mas sei que nada que eu diga o fará mudar de ideia. Ele odeia Bernadette e tudo o que ela representa. Ele… ele me viu passar por muita coisa, muito antes de eu me forçar de volta a sua vida.

— Eu sei — respondo, deslizando meus braços em volta do seu pescoço e aproximando nossos corpos. — E você não se forçou de volta a minha vida. Sempre esteve lá, e eu nunca parei de te amar e te querer.

— Então, você vai me deixar te foder?

Reviro os olhos.

— Não. Ainda estou menstruada.

Ele dá de ombros.

— Estamos no chuveiro. A água vai lavar o sangue enquanto eu entro em você. Todo mundo sai ganhando. Além disso, você tem três buracos que eu posso usar.

Por um segundo, contemplo a ideia de usar o outro lado, então bufo.

— Não.

Ele dá uma risada genuína que mostra seus dentes brancos e retos e balança o peito.

— Você amou da última vez.

Eu sei que Kade está procurando conforto. Quando estamos unidos como um só, ele pode se soltar e todas as suas preocupações desaparecem até ele gozar. Sexo foi o castigo do Kade por tanto tempo, mas conosco, é o seu santuário. Sentir o amor, o carinho e a forma como nos encaixamos tão perfeitamente.

Uma vez dissemos que nos encaixávamos como um quebra-cabeça perfeito — duas peças danificadas tentando se unir, mas sendo forçadas a se separar. Agora, acho que estamos firmes, no lugar certo, finalmente capazes de

completar a imagem linda, bagunçada e mágica da nossa vida.

— Você está tocando no meu pau. Seus sinais confusos estão fodendo com a minha cabeça, Sardentinha.

— E você tem camisinha por acaso? — Há sarcasmo na minha voz, porque eu sei que ele não tem, e já concordamos que engravidar agora seria irresponsável.

— Não — ele responde, estreitando os olhos. — Por que eu usaria uma?

Esqueça o que eu acabei de dizer — ele obviamente não estava me ouvindo quando eu disse que deveríamos esperar. Dou um tapinha de leve na lateral do ombro dele.

— Nada de sexo desprotegido até isso acabar, entendido?

— Eu não tinha "estocar camisinhas" em mente quando estava reformando este lugar.

— Então, nada de sexo.

Ele parece mortificado.

— Tudo bem. — Mas então ele puxa minha boca para a dele e me beija com força. Ele está duro entre as minhas pernas, sua respiração pesada, e eu distraidamente balanço meus quadris contra os dele, querendo tanto levantar minha perna e puxá-lo para mim.

— Só para você saber — digo, mordendo seu lábio inferior e puxando até que ele volte sozinho pro lugar —, eu tenho um autocontrole fantástico.

Ele sorri e me leva mais para dentro do chuveiro, até minhas costas pressionarem os azulejos frios. Ele me aperta, me beijando com tanta paixão que sinto que vou me despedaçar.

Kade me possui, mas tudo bem, porque ele também me pertence.

— Se eu pudesse te manter escondida neste prédio pelo resto de nossas vidas, eu faria. — Ele me beija novamente. Possessivamente. — Não tenho ideia do que vai acontecer a seguir. Depois de resolver a questão com a Bernadette, tudo fica preto na minha cabeça. É como se, no fundo, eu soubesse que, depois do que ela me fez fazer, eu não mereço um final feliz. Eu não mereço ter você. Eu matei maridos, namorados, pais, e houve um punhado de esposas que se intrometeram. Eu… eu… Por que deveria ser me permitido ter você?

— Porque não depende de mais ninguém. Eu *quero* você. Eu *amo* você. Você foi preso e chantageado. Há uma enorme diferença entre ser forçado a matar e fazer isso por diversão.

A cabeça de Kade se abaixa, assim como sua voz, sua palma espalmada contra os ladrilhos ao lado da minha cabeça.

— Mas eu gostei da parte de matar.

Fico em silêncio, piscando enquanto gotas d'água atingem meus cílios.

— Quando soube que os alvos eram pessoas más, não hesitei em acabar com a vida deles. Era uma descarga de adrenalina ver a luz desaparecer dos olhos deles, sabendo que o mundo seria mais seguro sem eles. Mas, no fim das contas, eles eram o parceiro, o pai ou o filho de alguém, e eu não deveria ter permissão para ser qualquer um desses.

— Bem, você é. Quanto mais cedo você acreditar nisso, melhor. Você é minha outra metade e, um dia, será o melhor pai do mundo. — Acaricio sua bochecha. — Um dia de cada vez. Você não é uma má pessoa, Kade. Você é tudo para mim.

Sorrio e, como ele não responde, continuo:

— Deveríamos dormir e descansar o suficiente para amanhã. Presumo que você vá tornar a vida da Bernadette um inferno quando acordar.

— Você tem razão. Ela… — Kade faz uma pausa, a mágoa transparecendo em seu rosto enquanto pressiona a bochecha na minha palma, como se estivesse faminto pelo meu toque. — Ela matou o Jason. Não vou conceder-lhe misericórdia fazendo isso rápido.

— Então faça doer. Faça doer pelo tempo que precisar.

É mórbido que estejamos discutindo isso. Anos atrás, eu teria ficado horrorizada em estar no chuveiro, nua, segurando o Kade enquanto alguém estava trancado em um quarto logo abaixo de nós, coberto com seus próprios fluidos corporais. Mas agora? Não me importo. Na verdade, quero que ela sinta uma dor inimaginável por muito, muito tempo. Quero que doa. Quero machucá-la.

Bernadette tomou o que era meu. Distorceu a mente de Kade e o transformou em uma… máquina. Ela tentou destruí-lo, mas enquanto ele deposita beijos suaves no meu rosto e me ajuda a lavar o cabelo, percebo que a única coisa que ela fez foi *tentar* e *falhar* em fazer todas essas coisas. Porque ele está aqui, comigo, me amando para sempre.

Kade ainda é aquele garoto de dezoito anos, nervoso com o toque, apaixonado pela melhor amiga da irmã e sem a mínima ideia de como controlar as emoções.

A diferença é que agora ele matou pessoas. O futuro dele está por um fio, equilibrado numa lâmina, e ninguém sabe se ele vai sair disso sem um arranhão… ou se vai se despedaçar e mostrar pra todo mundo qual é, de verdade, a cor da alma dele.

A polícia ofereceu ajuda a ele, mas não confio neles. Não acredito que eles vão simplesmente deixá-lo escapar impune daqueles crimes, apesar de ele ter sido manipulado e chantageado para cometê-los.

— Pode me carregar para a cama agora — digo, ficando na ponta dos

pés para beijá-lo novamente. — Acho que Base dormiu na porta.

Ele me enxuga e beija a lateral de cada joelho antes de enrolar bandagens em volta da minha pele limpa. Meu corpo está dolorido, mas Tobias me deu analgésicos fortes para aliviar a dor.

Ele me deixa passar creme no braço queimado dele e, quando abrimos a porta do banheiro enrolado em toalhas, descobrimos que Base não está mais lá.

Kade segura minha mão durante todo o caminho até o quarto designado a nós, como se fôssemos dois estudantes do ensino médio indo para a aula.

Nosso quarto é pequeno e simples, mas adoro o fato da cama não ser enorme. Vamos ficar pertinho, mesmo quando dormirmos. Barry não estava brincando quando disse que tinha reformado completamente este lugar. Até o guarda-roupa tem roupas extras para mim, e há uma gaveta cheia de produtos de higiene pessoal novos, uma escova de cabelo e uma bolsinha com absorventes internos que eu definitivamente preciso.

Assim que visto um short de algodão e uma das blusas do Kade, deito na cama pequena, olhando para ele esfregando uma toalha no cabelo.

— O que foi? — ele pergunta, observando meu corpo se enrolar no edredom. — Você ainda está com muita dor?

— Não, os remédios aliviaram a dor. Mas não tem aquecimento aqui e tenho certeza de que meus dedos estão prestes a cair.

Ele ri, roucamente.

— A mansão era quente demais; este prédio é frio demais. Onde é que encontramos um meio-termo?

Reviro os olhos.

— Quando meu suposto namorado entender que estou pedindo para ficar de conchinha.

Ele joga a toalha no chão, seu cabelo escuro e ondulado basicamente seco. Ele precisa de um corte, mas eu gosto de poder enfiar a mão na cabeleira dele do jeito que está agora.

— Talvez eu não queira ficar de conchinha.

Eu rio e apoio o queixo no meu punho.

— Disse o mais grudento de todos.

Kade dá um sorriso irônico, puxando o edredom e se deitando ao meu lado. Eu grito quando sua mão quente agarra minha coxa fria e a coloca sobre ele, então ele me envolve com os braços, fazendo com que o calor do seu corpo se infiltre no meu.

Sinto como se estivesse em casa.

— Melhor?

— Sim, mas seu pau ainda está meio duro — afirmo, deslizando a mão

sobre sua protuberância crescente e fazendo-o se contrair.

— Claro que está. Acabei de passar meia hora vendo você passar sabonete no seu corpo nu. Independentemente da nossa situação e da mulher monstruosa lá embaixo, meu corpo vai reagir ao ver o seu — ele responde, gemendo enquanto passo a ponta do dedo por todo o seu comprimento, sentindo as leves saliências e veias. — Você quer tirar minha boxer e cuidar disso ou vai continuar me provocando?

Apoio o queixo em seu peito e olho para ele.

— Acho que meu queixo vai cair se eu te chupar de novo. É tudo o que temos feito desde que menstruei.

— Você não está sangrando muito agora, está? Posso te foder?

— Uhm — digo, pensando.

Seus olhos brilham.

— Por favor?

Ouço um estrondo vindo da parede ao nosso lado.

— A divisória entre nós é muito fina. Não ousem me obrigar a dividir o quarto com o Barry.

— Foi mal, Tobias! — grito, sentindo meu rosto ficar vermelho. — Boa noite!

Kade balança a cabeça em negação, virando-se de lado e me segurando contra o peito.

— Durma, Sardentinha. Tenho a sensação de que amanhã vai ser um longo dia.

— Boa noite — sussurro, observando seus cílios caírem enquanto seus olhos se fecham. Cutuco seu nariz delicadamente com o meu. — Eu te amo.

Mas não recebo resposta, porque ele já adormeceu.

Assim que o braço de Kade fica pesado e sua respiração fica superficial, verifico se ele está realmente dormindo, perguntando:

— Quer um pouco d’água?

Espero um segundo. Dois. Três. Nada. Ótimo.

Deslizo cuidadosamente para longe dele, vou na ponta dos pés até meus sapatos e os calço antes de sair furtivamente do quarto. A porta se fecha com um clique suave, e eu respiro fundo e me encosto nela.

Luciella e Base estão no quarto em frente ao nosso, e a julgar pelo ronco alto, Base está dormindo profundamente. Como minha melhor amiga consegue dormir ao lado de um barulho tão insuportável, eu nunca vou saber.

Enquanto sigo pelo corredor, outra porta se abre, e eu paro e olho para trás. Tobias está esfregando os olhos, encostado no batente, vestindo apenas um short de algodão.

— Aonde vai, Pequena?

Por um longo momento, eu o encaro, encaro essa versão mais velha de Kade.

— Uhm — começo, apontando o polegar na direção em que estava indo. — Água.

— A cozinha é para lá — diz, gesticulando na direção oposta.

— Ah. — Vacilo e endireito a coluna, passando mancando por ele. — Desculpe se te acordei.

— Você não acordou — Tobias responde, suspirando e voltando para o quarto antes de sair com uma blusa preta que realça seu corpo. — Está com fome?

— Um pouco.

Sigo-o até a cozinha e sento-me à mesa. Ele me dá um copo d'água e eu o observo vasculhar a geladeira e depois abrir o congelador.

Meus olhos se arregalam.

— Por que isso parece uma cabeça humana no congelador?

Tobias ri baixinho e levanta o saco plástico com a cabeça de um homem.

— É o motorista dela. Ele tentou impedir a emboscada, então eu cortei a cabeça dele com um cutelo.

Ele tinha feito o mesmo na mansão.

— Parece que você tem uma queda por decapitar pessoas.

Ele ri baixinho.

— Eu não fazia ideia, mas parece que tenho.

Fico sem palavras enquanto ele joga o saco de volta no congelador e o fecha com força antes de encher uma panela com água e colocá-la no fogão. Tão doméstico. Como se não tivesse passado mais de vinte anos trancado e incapaz de cozinhar sozinho. Agora ele está cozinhando ovos e me oferecendo um biscoito de um pote com uma etiqueta "não encoste". Acho que Barry já roubou alguns biscoitos dele.

Não sei por que isso me faz rir, mas faz, e Tobias me olha como se eu tivesse cinco cabeças. O homem é um pouco robótico com seus movimentos enquanto se move pela cozinha. Ele ainda está aprendendo a fazer as coisas sozinho, e deve ser estranho até mesmo fazer ovos cozidos para outra pessoa.

— Senti sua falta.

Tobias para e se vira para mim.

— O quê?

— Quando achávamos que você tinha morrido. Você é como um pai para mim. E… e você foi a primeira pessoa a acreditar em mim. Contei para o meu próprio pai quando o Chris começou a abusar de mim, e ele disse que eu era

apenas uma adolescente cheia de hormônios em busca de atenção. Mas você nem hesitou em me oferecer apoio. Levei tanto tempo para encontrar minha voz, e foi você quem a fez funcionar. Obrigada. De verdade. Você salvou um pouquinho da minha sanidade naquele dia.

Suas bochechas ficam vermelhas e ele se ocupa com os ovos novamente.

Socializar não é o seu ponto forte. Mas, pensando bem, ele não é programado como a maioria das pessoas. Se ele não tem resposta para alguém, simplesmente a ignora. Não acho isso rude, talvez porque passei todos os dias com ele por quase um ano e o vi paparicando a bebê Eva.

Às vezes, Tobias fica simplesmente olhando para o nada, imóvel como uma estátua, com as mãos no colo. Como se estivesse em transe. Em todas as vezes que vi isso acontecer, ele nem pisca, não responde, não sai do transe por séculos. Lembro-me de Kade me contando sobre esses episódios muito antes de eu conhecer Tobias. Ele tinha acabado de voltar de uma visita aos Estados Unidos e me disse que a primeira vez que percebeu isso foi quando tinha sete anos. Ele tinha ficado inexpressivo, imóvel, e eles não o visitaram por oito meses depois disso.

Ele perde a noção da realidade durante esses momentos, mas, felizmente, desde que chegou aqui, tem se mantido concentrado.

— Posso te perguntar uma coisa?

Ele suspira pesadamente, tão parecido com o filho, se encosta no balcão e responde:

— Se precisa mesmo.

Apoiando os cotovelos na mesa, apoio o queixo nas mãos.

— Por que não quer que a Aria saiba que está vivo?

— É mais fácil assim — ele responde sem precisar pensar. — Ela passou os últimos vinte e cinco anos se preocupando comigo. Sempre me visitando, ligando, fazendo o que pôde para me ajudar nos meus dias ruins. — Tobias dá de ombros, mas percebo que ele está desconfortável. — Eu estar morto vai machucá-la por um tempo, mas depois ela vai estar livre de mim.

— Você simplesmente se afastaria de Aria depois de todos esses anos que ela passou dedicada a você?

— Eu fugi da prisão e sou dado como morto. Que benefícios ela teria em saber que estou vivo?

— O benefício é saber, porque ela te ama.

Tobias desvia o olhar de mim e encara a parede.

— Por que você está fora da cama?

Ele e Kade poderiam ser mais parecidos? Dois filhos da puta que fogem

do assunto.

— Eu te disse, precisava de um copo d’água.

Ele vira a cabeça e ergue uma sobrancelha.

— Então, por que seu copo ainda está cheio?

Tento não piscar.

Tobias bufa.

— Você ia ver a Bernadette.

Não consigo nem mentir para ele agora. Está escrito na minha cara.

— Ela e eu vamos ter uma conversinha. Eu queria dizer o que penso a ela enquanto todos dormiam.

Tobias ri, concorda com a cabeça e sai da cozinha sem dizer mais nada. Encaro a porta vazia, totalmente confusa.

Alguns minutos depois, Tobias volta com uma seringa na mão. Ainda não toquei na minha água.

— Vamos — ele diz, acenando com a cabeça para trás. — Vou te levar lá embaixo.

— Ah… Uhm… — Franzo a testa. — Você vai me levar lá embaixo?

Eu esperava que ele me arrastasse de volta para o meu quarto e contasse para o Kade, não que me acompanhasse.

Tobias gira a seringa entre os dedos.

— Vou dar a ela o suficiente disso para que ouça você, mas não vou te deixar sozinha com ela. Você ia se esgueirar, então se eu disser não e te levar de volta para o quarto, você vai ser um pé no saco e tentar ir até lá de qualquer jeito.

Eu pisco. Ele não está errado.

Ele dá de ombros e se vira para a porta.

— Vamos.

CAPÍTULO 44



Stacey

Assim que Tobias insere o código, a porta de metal do quarto escuro se abre. O cheiro me atinge com mais força do que antes, e tento não vomitar. A estrutura da jaula fica no meio — quando a luz acende, vejo os tubos intravenosos conectados a algum tipo de máquina que só vejo em hospitais.

Consigo ouvir uma respiração ofegante, e parte de mim deseja que ela não estivesse respirando.

— Você pode me dar alguns minutos? — pergunto a Tobias. — Ela não pode me machucar. Quero ter uma conversinha com ela, em particular.

Ele estreita os olhos.

— Dois minutos e estarei do lado de fora da porta. — Ele se dirige à máquina, mexendo nos fios e na seringa. — Ela vai acordar, mas não vai conseguir chegar perto de você. A jaula está trancada, e ela está fraca.

Tobias puxa a porta da jaula para verificar se está trancada e, em seguida, dá um tapinha no meu ombro enquanto sai. Ele estará lá, e sendo do jeito que é, eu definitivamente tenho só dois minutos.

Por um longo momento, tudo o que posso fazer é observá-la e apreciar a vista, apesar do meu nariz arder e dos meus olhos lacrimejarem. Tudo o que ela fez vem à tona na minha mente, e eu queria poder simplesmente matá-la. Mas

não tenho esse direito. Devem ser Kade e Base a acabarem com a vida dela.

Toda a equipe dela está morta, ninguém está procurando por ela. Marido morto, filha morta, e em breve, ela se juntará a eles no inferno.

Sua pele está pálida, vermelha pelas áreas que foram banhadas pelos fluídos dela, e ela tem saliva escorrendo pelo canto da boca. Em outra vida, eu provavelmente sentiria pena dela e quereria ajudá-la a escapar. Talvez a felicidade que sinto ao vê-la assim signifique que estou passando tempo demais com pessoas que exalam insanidade.

Ela pisca, sua cabeça se movendo um pouco enquanto o que quer que Tobias tenha lhe dado age em seu organismo. Eu queria que ela acordasse completamente para que eu pudesse dar um tapa nela e ela soubesse que fui eu.

Seu corpo se encolhe, então um som abafado escapa de sua garganta enquanto ela tenta levantar a cabeça para me olhar.

— Você parece tão patética — zombo. — Queria ter tido um lugar na primeira fila para ver a sua cara quando percebeu que finalmente tinha perdido. — Eu rio. — Você certamente mexeu com a família errada, não foi?

Seus olhos estão mortos quando ela os abre, e eu acho que ela nem sabe quem sou eu, porque não tem nenhuma reação ao ver meu rosto. Talvez ela pense que está alucinando.

Eu sorrio para ela mesmo assim.

— Oi, Bernadette.

Grogue, ela se mexe na jaula até pressionar as costas contra as grades, ficando completamente de frente para mim. Ela parece bêbada ou drogada. Pisca algumas vezes, a cabeça balançando de um lado para o outro.

A humanidade dentro de mim quer que eu lhe dê um copo d’água, mas não vou. A boca dela provavelmente está seca, ela provavelmente está morrendo de fome e bem que ela precisava de uma mangueirada, mas ainda assim, tudo o que faço é observá-la tentando se realinhar com a realidade.

A mulher que vigiou Kade desde criança. O arruinou. Sua mão magra se levanta levemente, tremendo, mas depois cai no colo.

Essa vagabunda estuprou meu namorado quando ele era adolescente e depois o vendeu para várias pessoas. Transformou-o em um assassino. Um viciado em drogas. Abusou mental e fisicamente dele. Ela fez o mesmo com Base e depois me vendeu, junto com Luciella, em um leilão. Ela levou Tobias e quem sabe o que fez com ele, porque ele nunca vai falar sobre isso.

Ela matou Jason.

Acho que até a loucura de Chris se empalidece em comparação com esse horror de mulher.

— Você deve ter se achado uma rainha, né? Tantas pessoas se curvando

diante de você e beijando esses seus pés de merda.

Ela ficaria ótima com uma seringa enfiada no globo ocular, como o Kade fez com o Chris e os pregos. Mas só de pensar em fazer isso me dá arrepios, então continuo a provocá-la.

— Mas tudo não passou de falso respeito. Você teve que chantagear todo mundo. Provavelmente chantageou até aquele seu marido mutilado a transar com você. O fato de você ter deixado ele transar com sua própria filha me dá nojo. *Você* me dá nojo.

Os olhos de Bernadette se erguem para mim e escurecem um pouco, mas ela não fala; não parece estar em condições de responder.

Ajoelho-me em frente à jaula, observando como seu corpo fica tenso com a minha proximidade. Seu fedor me dá nojo, mas fico no lugar.

E sei que deveria estar com medo de que ela pudesse me agarrar através da jaula, mas ela parece fraca demais para isso. Quero que ela saia da jaula e lute comigo. Quero agarrá-la pelos cabelos e espancá-la.

Sempre achei Bernadette irritantemente bonita. Ela tinha o cabelo, a maquiagem perfeita, o estilo e o corpo, e era extremamente poderosa. Ela não precisava de Archie; ele era apenas sua sombra. Mas agora, ela parece um cadáver: magra, suada e pálida, o rosto marcado pela falta de comida. Sem maquiagem para esconder suas imperfeições. Sem cabelo penteado e tingido.

Ainda assim, não sinto pena dela.

Baixo a voz e sorrio por entre as palavras.

— Vi Kade dar um tiro na cabeça da sua filha. Ouvi o corpo dela cair no chão quando ele a matou instantaneamente. Vi a luz deixar seus olhos. Ela está melhor morta. Você não pode mais machucá-la. Você é de longe a pior mãe que já conheci.

Bernadette apenas me encara, tremendo, mas consigo ver a raiva se acendendo em seus olhos.

— Deve estar te matando por dentro. Você tentou de todas as formas, fazer o Kade se apaixonar por você. Tentou desencadear uma espécie de Síndrome de Estocolmo. Abusou de um adolescente, estuprou e drogou ele, e o transformou em uma máquina. Você se impôs a ele e à Base, os transformou em propriedade, permitindo que outros pagassem por eles enquanto ameaçava todos que amavam. — Faço uma pausa, ainda olhando para ela. — Todo aquele poder e controle que você tinha sobre ele e ele ainda assim nunca se apaixonou por você. O coração dele sempre pertenceu a outra pessoa. *A mim*. — Aponto para o meu peito e bato nas grades com raiva. — Vai se foder por ter tentado tirar ele de mim. Você falhou. Você sempre vai falhar, porque ele sempre será meu.

Fico de pé, olhando para ela com nojo.

— O Kade não vai te dar uma morte rápida. Ele vai fazer com que dure o máximo que puder. E eu estarei aqui quando ele finalmente enfiar uma bala no seu coração sombrio e te mandar direto para o inferno, onde seu marido igualmente doente está te esperando.

Continuo vendo o corpo de Jason ficar mole na minha frente, e uma lágrima escorre pela minha bochecha. É uma lágrima de raiva que representa tanta dor. Representa anos de negligência comigo e com Kade. É uma lágrima que cai no chão sujo, representando o quão perto nossas vidas estiveram de acabar naquele incêndio, como estamos nos agarrando a um futuro que talvez não tenhamos.

Porque não tenho ideia do que vai acontecer a seguir.

— Ninguém vai te ajudar. Ninguém vai parar a fúria dele quando ele a liberar. Você é quem o deixou assim. Você é a razão pela qual ele tem tanta coisa se passando na cabeça, e é justo que ele libere tudo em você. — Bufo. — Eu ficaria surpresa se ele não tentasse me foder na sua frente. Imagina o ciúmes que você ia sentir, hein? De ver ele curtindo de verdade. Acho que posso até sugerir.

Minha voz ecoa no quarto frio, e eu não consigo parar de deixar as palavras saírem dos meus lábios. Cada uma delas mais furiosa que a outra, rangendo os dentes enquanto cerro as mãos ao lado do corpo.

— Kade nunca vai te amar. Sabe por quê?

Bernadette está me encarando, com os olhos revirando levemente e a cabeça inclinada para o lado.

Eu não sou uma pessoa raivosa. Não gosto de lutas. E sou a última pessoa que você esperaria que desejasse a morte de alguém. Mas quero que ela tenha uma morte horrível, que seja estampada em todos os canais de notícias. Quero que o mundo saiba que ela teve o que merecia.

— Porque sou eu quem ele ama. Enquanto você estiver deitada na sua própria imundície e desejando estar morta, eu estarei na cama com ele, envolta em seus braços protetores e fazendo promessas que podemos cumprir. Ele fará amor comigo — sussurrará elogios no meu ouvido sobre como fui feita para ele, como ele fica louco com o jeito como desmorono sob ele. — Eu rio com desdém. — Espero que te machuque um pouquinho por dentro saber que Kade Mitchell *sempre* me escolherá.

A porta de metal se abre para revelar Tobias.

— O tempo acabou.

Olho por cima do ombro para ela.

— Quero que ela morra, mas também quero que Kade faça isso durar o máximo possível.

— Ele não conseguirá seguir em frente até que ela esteja morta. Acho

que prolongar isso será prejudicial — ele diz, apagando a luz e fechando a porta. Ela apita para indicar que está trancada, e caminhamos pelo corredor. — Você está bem?

Assinto com a cabeça e me abraço.

— Eu só queria desabafar enquanto posso. Kade e Base vão lidar com ela, então eu queria colocar a minha parte para fora. — Olho para ele. — Obrigada por me deixar descer.

Ele dá de ombros.

— Ela está incapacitada. Eu não deixaria você entrar aí se houvesse algum risco de ela te machucar.

Tobias me acompanha até a porta do meu quarto e, quando começo a mancar muito, ele segura meu cotovelo. A exaustão me atinge, e bocejo muitas vezes antes de dizer boa noite.

A porta se fecha com um clique, e Kade resmunga e se senta, esfregando os olhos com os nós dos dedos.

— Stacey?

Abraço a mim mesma.

— Desculpa por ter saído escondida. Eu… eu tinha que ir ver ela.

Ele se levanta rapidamente e diminui a distância entre nós.

— Ela te machucou? — pergunta em pânico, procurando em meu corpo por novos ferimentos.

— Não — digo, com a voz embargada enquanto meus olhos ardem com lágrimas. Não faço ideia do porquê estou chorando. — Ela não estava em condições nem de falar. Eu precisava dizer o que pensava dela. Me desculpa. Seu pai estava do lado de fora da porta. Eu estava segura.

— E você está bem? — Ele segura meu rosto com cuidado e enxuga minhas lágrimas enquanto eu assinto com a cabeça. Quando começo a tremer, ele me puxa para perto e beija o topo da minha cabeça. — Não chegue perto dela de novo sem mim por perto. Ela é imprevisível.

— Eu sei. — Fungo. — Seu pai tem uma cabeça decapitada no congelador.

Ele ri.

— Às vezes eu me esqueço o quão psicopata ele pode ser. Vamos. Vamos voltar para a cama, Sardentinha. É fria sem você.

CAPÍTULO 45



Kade

Não consigo descer e vê-la. Isso me torna fraco?

Quando chegamos aqui, três semanas atrás, tive que ver com meus próprios olhos que Bernadette estava incapacitada. Para ter paz de espírito, sabendo que o exército que a seguiu por anos estava morto e ninguém estava procurando por ela, eu precisava vê-la enjaulada e não mais uma ameaça para mim e para todos que eu amo.

Mas a ideia de ir até lá, onde ela grita por socorro e chama meu pai e a Base de todos os nomes possíveis a plenos pulmões, me deixa fisicamente doente.

Não que eu esteja com medo ou nervoso por vê-la. Não estou. A tortura pela qual ela está passando agora me traz alegria, mas se eu for até lá, vou estrangulá-la com tanta força que vou decapitá-la e colocar a cabeça *dela* no congelador também.

A quantidade de devaneios que tive, me imaginando acabando com a vida patética dela, deveria ser questionada. Talvez eu precise de remédios mais fortes?

Minha ansiedade diminuiu. Não apago nem de longe tanto quanto antes, e não tive convulsões nem dissociações, que eu saiba. Acima de tudo, tenho

dormido mais do que o suficiente.

Stacey me faz ir para a cama nos horários mais ridículos. Três da tarde e ela quer tirar um cochilo? Eu vou com ela. Se ela adormece no sofá enquanto assistimos TV, eu a carrego para a cama e a abraço até meus olhos fecharem. Depois que as pernas dela sararam, começamos a caminhar pela floresta com os cachorros e, uma vez, adormecemos debaixo de uma árvore enquanto conversávamos sobre o nosso futuro.

Nunca dormi tanto na minha vida.

Mas, ainda assim, não consigo descer até aquele cômodo e olhar para a Bernadette. Ela está sendo alimentada, mas apenas com restos do que não comemos, e toma um copo d'água por dia; o suficiente para mantê-la viva, mas fraca o suficiente para ficar inconsciente a maior parte do tempo. Quanto mais peso ela perde, maior a jaula parece.

Eu sei disso porque Stacey desce lá muitas vezes sem me avisar — descubro assim que ela volta para o nosso quarto. Às vezes, ela fica sentada em frente à jaula sem falar nada, apreciando a vista da mulher que tentou tirar tudo de nós. Outras vezes, Stacey conta suas histórias sobre nós e observa Bernadette se contorcer de ciúmes. Tudo o que Bernadette conseguiu dizer foi: *Você não é boa o suficiente para o Kade.*

Filha da puta. Ela não percebe que Stacey é melhor do que todos nós? Mesmo que ela tenha a esfaqueado no pé e deixado a adaga lá até que o ferimento infeccionasse. Ela não desceu desde então.

Barry voltou para casa várias vezes. Ele teve que usar os túneis para não ser visto. Não que ele seja o centro das atenções ou conhecido pelas autoridades, mas ele não queria correr riscos. Ele também trouxe um aparelho de ultrassom para que Luciella pudesse ouvir os batimentos cardíacos do bebê — que estavam fortes e claros como o dia. Não que algum de nós soubesse como essa porra funcionava.

Os olhos de Base brilharam de um jeito que eu nunca vi.

Eu sei que ele está nervoso. Luciella implorou para ele aceitar que seria pai, mas ele me disse ontem à noite, bêbado pra caralho, que não acha que será um bom pai. Que vai estragar tudo porque mal consegue controlar a própria vida.

Mas meu pai disse que ele não pode ser mais idiota do que ele — a única vez que falou com meu melhor amigo sem ameaçá-lo.

Apesar do que os dois dizem sobre eles mesmos, eu sei que serei um ótimo pai. Meu filho virá em primeiro lugar, para todo o sempre. Tudo o que preciso fazer é matar uma última pessoa e terei encerrado com essa vida. Vou me recompor por mim e por Stacey.

Só para melhorar dez vezes mais as coisas, Stacey está passando mais tempo com a minha irmã do que comigo, e Base está grudado ao meu lado. Sempre que meu pai tenta falar comigo, Base tenta se encaixar na conversa sendo seu eu falante e hiperativo de sempre, mas meu pai apenas o encara até ele se calar.

Base parece um cachorrinho leal que não sabe a hora de parar, mas é exatamente o contrário.

Para começar, ele é um animal na cama. Fomos forçados a fazer tantos *ménages a trois* juntos, e o cara está em um patamar tão primitivo que até me fez hesitar e me perguntar se ele mataria alguém durante o ato. Ele até esfaqueou um cara nas costelas uma vez enquanto… você sabe.

Apesar do seu lado suave, Base é um filho da puta assustador. Estou extremamente feliz por não precisarmos mais fazer nada íntimo, porque mesmo que eu nunca, nunca, nunca o tenha deixado me foder, eu sabia que era só uma questão de tempo até que Bernadette ordenasse.

Por mais que nos fosse imposto, tentávamos nos manter firmes. Dizíamos um ao outro repetidamente que ela não nos destruiria. Quando brigávamos, prometíamos não deixar que isso arruinasse a amizade que construímos desde crianças.

Eu sempre fui o recebedor. Sempre. Acho que Bernadette gostava assim.

Eu nunca teria sobrevivido a tudo aquilo sem Base.

Eu o vi matar implacavelmente, e quando Bernadette o forçou a ir para a cama dela pela primeira vez, ele jogou um vaso na cabeça dela e acabou amarrado à cabeceira por isso. Durante todo o tempo em que Bernadette esteve com a boca nele, ele a insultou, enfiou o joelho no rosto dela e disse que ela era péssima fazendo boquete. E quando ele se recusou a fazer o que lhe mandavam, ela o fez lutar com os guardas até ele desmaiar devido à perda de sangue. Na maioria das vezes, eu me juntava a briga quando ele ficava fraco e perdia, mas aí eles começaram a me conter e me obrigar a vê-lo apanhar.

Passamos por momentos difíceis com aquela mulher, e ela provavelmente pensou que acabaria com a nossa amizade, mas, sinceramente, confio a minha vida ao Base agora mais do que nunca. Mesmo que ele goste de me envergonhar de vez em quando na frente da minha namorada, perguntando se eu giro os quadris para ela como fazia quando ele estava com a boca no meu pau. Ou se faço um certo barulho quando gozo. Se a beijo com a mesma paixão que o beijei.

Apesar de ser uma reação traumática para ele ser brutalmente irritante sobre o assunto, dei um soco nele por isso. Uma hora depois, quando Luciella descobriu que o agredi, ela invadiu meu quarto, jogou um sapato em mim e me

chamou de cuzão por deixá-lo com o olho roxo e o maxilar inchado.

Meu pai perguntou por que estávamos brigando, mas ninguém lhe contou.

Base nunca deixará de ser Base. Porque humor negro é a praia dele quando está se afogando mentalmente.

Ele se encosta em uma árvore do lado de fora do prédio enquanto esperamos os cachorros fazerem suas necessidades e tomarem um ar fresco. Está chovendo, nós dois encharcados, mas o silêncio é bom.

— Tobester está fazendo bife? — ele pergunta, estragando o clima.

Eu me encolho.

— Por favor, não o chame assim. Ele vai te perseguir com um machado de novo.

Base salta sobre os calcanhares e respira fundo.

— Ele está fazendo bife. Vou dar uma beliscada.

Bufo e assobio para os cachorros virem enquanto sigo meu amigo até a cozinha, parando no meio do caminho quando vejo meu pai usando luvas de borracha e um avental de plástico. A máscara contra poeira só confirma o que ele está aprontando.

Mas, independentemente da cena, Base vai direto até o fogão e olha para a carne.

— De onde você tirou isso?

Ele pega um pedaço, mas meu pai agarra seu pulso.

— A menos que você tenha decidido virar canibal, eu sugiro que tire essas suas patas sujas daí.

Base leva um segundo para entender, e então recua, enojado.

— Ah, que porra é essa? Você está cozinhando pedaços do Archie? — Ele vai para atrás de mim, me usando como escudo. — Kade, seu pai é mais louco do que eu pensava.

Aperto a ponte do meu nariz.

— Não faço ideia do porquê você está surpreso. Por que mais acharia que ele perdeu tempo, em meio a todo aquele caos, de voltar e pegar os baldes?

— Eu sei lá, caralho! Isso é nojento. Por que você está tão calmo? Seu pai está cozinhando partes de corpo!

Meu pai ri enquanto vira a carne na frigideira.

— Tem comida normal na geladeira.

Base se aproxima, cauteloso. Ele não é nem um pouco doméstico e nunca entra lá, então me encosto na parede e fico só esperando. Notei mais cedo que meu pai tinha tirado a cabeça do motorista da Bernadette do congelador para descongelar. Talvez ele esteja planejando dar isso a ela também.

Assim que ele abre a geladeira e vê a cabeça derretendo lá dentro, ele tem ânsia vomito, bate a porta e sai correndo da cozinha gritando que vai matar todos nós.

— Ele é um pouco dramático — meu pai diz, balançando a cabeça de um lado para o outro. — Você precisa de amigos melhores.

Dou de ombros, olhando para Barry enquanto ele entra na cozinha, imperturbável com a cena à sua frente.

— Como estão Lisa e Eva?

— Tudo bem. Ela estava com cólicas, então a levamos para o hospital para uma ultrassom de emergência, mas está tudo bem.

Ele cruza os braços, olhando para o meu pai.

— Por que você está cozinhando carne humana?

— Você vai ver. Pode trazer a Bernadette aqui para cima?

Aperto os lábios enquanto Barry suspira e vai para o porão.

— Você vai alimentá-la com partes do corpo do Archie, não vai?

— Ela só vai saber depois. Uma surpresinha — ele diz, virando um pedaço para fritar o outro lado. — Você não pode falar muito. Olha o que fez com o Christopher.

Dou apenas um som pensativo em resposta.

— Liguei para sua mãe.

Meus olhos se arregalam enquanto abaixo os braços.

— Você está louco? Dissemos que era arriscado demais entrar em contato com ela.

— Eu não disse nada. Só queria ouvir a voz dela.

— Ainda assim arriscou nossa localização. — Suspirando, sento-me à mesa. — Então, você decidiu contar a ela que está vivo?

— Não — ele responde instantaneamente, encarando a carne humana escaldante. — Mas ela deveria saber que os filhos dela estão vivos. Não é justo que ela acredite que perdeu você e Luciella também.

Eles ainda estão vasculhando os restos da mansão, em busca de evidências, mas presume-se que estejamos mortos, consumidos pela explosão ou pelo fogo. Sinto-me péssimo que minha mãe e Ewan pensem isso, e até Dez e Tylar, mas precisamos ficar escondidos até lidarmos com Bernadette do jeito que ela merece. Então sairemos da escuridão. E só então poderemos seguir em frente e encontrar paz em nossas vidas fodidas. Eu posso construir aquela casa para Stacey e nossos futuros filhos. Farei um balanço, construirei uma casa na árvore e estarei lá a cada segundo da vida deles.

— Eu já te disse, é muito arriscado — digo, olhando para Barry enquanto ele arrasta Bernadette pelo braço pelo chão. — Ela está sob proteção

agora. O telefone dela pode estar sendo rastreado. Você ter ligado para ela pode ter alertado as autoridades de que estamos aqui e vivos.

Barry joga Bernadette no chão. Ela está grogue, fedorenta e com o cabelo emaranhado na nuca. Ótimo.

— Ela está sob proteção na Irlanda com Ewan — meu assistente diz. — Tylar e Desmond também estão com eles. Pelo que vejo nos relatórios deles, eles estão apenas sendo cautelosos. A proteção deve terminar em breve. — Barry cruza os braços e os tornozelos. — A mansão desapareceu. Desmoronou completamente algumas horas depois que vocês escaparam. As chances de eles encontrarem alguma coisa são baixas.

— Stacey ainda está dormindo no sofá com Luciella?

Barry balança a cabeça em negativa.

— Ela está no banheiro. Os cachorros estão dormindo do lado de fora da porta. — Ele olha para o meu pai, depois para os baldes, depois para Bernadette e solta um suspiro baixo. — Achei que você estivesse brincando.

— Eu não brinco — meu pai responde. — Com certeza a essa altura você já sabe disso?

Barry balança a cabeça levemente em negação e ergue as sobrancelhas para mim. Dou um tapinha em seu ombro enquanto passo e vou buscar Base. Ele deveria estar aqui quando ela perceber que acabou de comer o marido.

Os cachorros levantam a cabeça quando me veem indo para o quarto dele. Stacey ainda está tomando banho. Ela costuma levar no mínimo uma hora quando está lá. Quero entrar e beijá-la contra os azulejos, mas paro a algumas portas de distância.

Base está vomitando no banheiro.

— Bernadette está na cozinha — digo a ele. — Venha vê-la comer o Archie.

— Porra — ele responde, cuspindo no vaso sanitário. — Eu tenho estômago forte, mas caralho.

— Vamos — respondo, jogando uma toalha de rosto para ele limpar a boca. — Vamos vê-la sofrer juntos.

Me encosto no batente da porta enquanto ele escova os dentes e respira fundo algumas vezes, olhando para o espelho. Então ele se afasta da pia, se sacode e me segue até a cozinha.

Nós dois paramos na porta, vendo Barry erguendo Bernadette para a cadeira, com a carne humana cozida em um prato à sua frente. Sua cabeça pende para o lado enquanto Tobias injeta uma seringa em seu braço e empurra o êmbolo para esvaziar o conteúdo em seu organismo.

Alguns minutos depois, os olhos de Bernadette se erguem para mim e se

arregalam um pouco.

— K-Kade.

— Não fale comigo, porra.

— Depois de tudo que eu fiz por você? — Ela está arrastando as palavras, com baba escorrendo pelo queixo. A adrenalina que meu pai lhe deu fazendo efeito. — Você vai permitir que me tratem assim? — dispara, com desdém. — Você é melhor do que isso.

Base solta um suspiro e consegue rir, e tudo o que eu faço é encará-la como se isso fosse abrir um buraco em seu rosto. Meu pai lava as mãos na pia, chuta o balde para o lado e se encosta no balcão — em silêncio. Silêncio mortal.

— Coma — Barry ordena. — Esta é a única cortesia que lhe daremos. Você está ficando mais fraca e ainda não somos gentis o suficiente para deixá-la morrer. — Ele corta uma tira de carne do pedaço no prato e a leva até a boca de Bernadette. — Coma.

Os lábios dela se abrem, e Base faz uma careta e se vira. Seus olhos estão em mim. Me queimando. Me observando como se eu fosse ajudá-la.

Ela mastiga e engole. Então, dá outra mordida, e outra, e outra, até o pedaço acabar. Barry inclina o copo, colocando um pouco água em sua boca, mas só um pouquinho, afastando o copo quando ela busca por mais.

Meu pai inclina a cabeça.

— Qual era o gosto dele?

Ela o encara, fraca, e então olha para o prato. Seus olhos se erguem para mim.

Base dá um passo à frente.

— Ele te fez uma pergunta, sua vagabunda. Qual era o gosto do seu marido?

Ela franze as sobrancelhas em uma expressão confusa, seus ossos tremendo.

— O-O quê?

Base sorri.

— Acho que você comeu um pedaço da perna dele.

— É — meu pai diz. — Mas não dá para ter certeza, já que Kade o explodiu com uma granada na boca.

Ela vomita na mesa toda e desmaia.

Por dois dias, Bernadette é forçada a comer o marido até decidirmos o

que vem a seguir no nosso plano de torturar Bernadette até ficarmos entediados.

Base inventou a próxima parte. E eu concordo. Luciella e Stacey estão lá dentro ajudando o meu pai a organizar as coisas, Barry está dormindo e os cachorros estão brincando no rio raso à nossa frente.

— Não estamos aqui para conversar — Base diz, largando Bernadette no chão perto do rio. — Vamos fazer um joguinho. Nós gostamos de jogar, não é, Kade?

— É. — Eu sorrio e cruzo os braços. — Você também adorava jogar. Não era, Bernadette?

Ela não diz uma palavra, mas seus olhos me imploram. Ela está delirando se acha que vou ajudá-la. Ela ainda está de vestido. Ainda suja pra caralho. Então, quando Base me contou seu plano, eu mergulhei de cabeça.

Base a agarra pelo pescoço e a levanta do chão. Então, ele entra no rio com ela e a joga na superfície, segurando-a debaixo d'água enquanto as mãos dela batem em seus braços. O corpo dela está tão frágil e fraco; estou acostumado com ela sendo um pouco curvilínea e bronzeada, sempre andando de salto alto enquanto dá ordens.

Ela parece tão patética.

Base a puxa da água o suficiente para ela engasgar e ofegar.

— Devíamos ter trazido sabão. Ela está nojenta.

— Acho que não vai ajudar.

— Não — Base responde, empurrando-a de volta para a água. — Ser podre é natural para ela. Sua vez?

Balanço a cabeça em negativa.

— Se chegar perto vou matá-la.

Base a levanta da água, volta com ela e a joga no chão.

— Implore pelo perdão dele — retruca, puxando a cabeça dela para cima, agarrando seus cabelos presos. — Diga a ele que você sente muito.

— K-Kade — ela tosse. — Por favor.

Algo estala na minha cabeça, e eu enfio o pé no rosto dela, estourando seu nariz e fazendo sangue escorrer pela sua boca. Quero bater nela de novo, mas fecho as mãos em punho.

Base me vê lutando para me controlar e abre a garrafa de vodca que ele tinha ao lado, agacha-se ao lado dela e agarra seu queixo para abri-lo, então vira a garrafa de cabeça para baixo, fazendo-a engasgar com a bebida forte. Ele enfia o gargalo da garrafa o mais fundo que pode na boca dela, fazendo-a engolir profundamente. Consigo ver a garganta dela se contraindo enquanto a vodca jorra, saindo pelo nariz, formando poças em seus olhos.

Seu pulso está acelerado no pescoço. Seus olhos estão arregalados,

apesar de estarem cheios da bebida forte.

Eu me aproximo e envolvo meus dedos em volta do pescoço dela enquanto Base mantém a garrafa no lugar. Eu aperto, e consigo ver a pressão crescendo atrás dos olhos dela.

— Como é a sensação de ter seu controle tirado de você? — pergunto, sem precisar realmente de uma resposta. — Você se sente impotente enquanto seus pulmões imploram por oxigênio?

— Você vai matá-la — Base diz, puxando a garrafa do pescoço dela, o que só me faz apertar mais. — Se não quer matá-la ainda, então pare.

Eu a solto, dando um passo para trás, meu coração disparado no peito com a adrenalina. Ela engasga, cospe e tosse o máximo que pode, a vodca sem dúvida ardendo em seus olhos e nariz. O vômito quase atinge Base. Ele se joga para trás em repulsa.

Assim que ela para de vomitar, ele dá um passo à frente, agachando-se na frente dela.

— Você se lembra do que fez comigo? Me fez ficar em pé, imóvel, depois de ter me obrigado a beber *duas* garrafas, e, se eu tropeçasse, me dava um choque com um taser.

Minha cabeça se vira para ele enquanto ele se endireita.

— Eu não sabia disso.

— Tem muita coisa que você não sabe. Você estava na França trabalhando. Acabei na alazinha hospitalar dela por uma semana por causa daquela noite.

Eu sabia que outras coisas aconteciam, mas sempre presumi que fossem as mesmas coisas pelas quais sempre passávamos.

— Levante-se, porra — Base exige, e eu consigo ver a raiva crescendo em seus olhos. Ele joga a garrafa vazia na água atrás dela enquanto os cachorros nadam ao redor. — Levanta. De pé!

Bernadette solta um soluço enquanto se ajoelha, seu corpo obedecendo fracamente enquanto ela se levanta, cambaleando para o lado. Ela tenta agarrar a mão de Base para se manter no lugar, parecendo patética, mas ele dá um tapa em seu braço.

— Não me toque. Você nunca mais vai me tocar.

— Vocês não vão ganhar — ela diz com a voz trêmula, o álcool começando a tomar conta. Ela está olhando diretamente para mim. — Vocês não vão me quebrar. Minha equipe vai me encontrar e vocês todos estarão mortos.

Dou uma risada debochada.

— Engraçado. Seus minions se foram, e não há uma competição para vencer. Agora é só você e nós… e tudo que vamos fazer pra te fazer pagar.

Base se aproxima de mim.

— Entre na água — ele diz, gesticulando atrás dela. — Quero que você se afogue.

De alguma forma, ela consegue empalidecer ainda mais.

— N-Não.

Base suspira e a empurra com tanta força que ouço o ar escapar de seus pulmões enquanto ela é catapultada para trás na água. Sua cabeça bate em uma pedra, e ela luta para se manter em pé. É raso, quase na altura dos joelhos, mas, por algum motivo, ela não consegue ficar de pé.

Há sangue saindo da cabeça dela também. Talvez ela tenha batido na pedra com muita força? Eu não me importo.

Base ri ao meu lado.

— Não vou deixar ela se afogar de verdade — ele diz. — Mas olha como ela está ridícula.

Bernadette está ridícula mesmo, tentando desesperadamente se levantar e falhando, seus pulmões se enchendo de água enquanto ela se debate.

— Ela não está nem tentando mais — Base diz, estalando a língua.

— Certo, vamos levá-la de volta para dentro. Ela está me dando vergonha alheia.

Balanço a cabeça em negação, e nós dois agarramos um braço cada, então ele puxa o vestido dela para baixo sobre sua bunda ossuda. Nós a arrastamos para dentro do prédio, os cachorros nos seguindo, depois descemos para o porão antes de empurrá-la para dentro da jaula para ela tremer de frio.

Não há aquecimento aqui embaixo, e ela está encharcada do rio.

— Ele me pertence — ela sussurra para Base, seus olhos indo em todas as direções. — Ele f-foi meu todas aquelas n-n-noites que passamos juntos. Você n-nunca foi o suficiente para ele, Sebastian.

Ele zomba.

— Você está falando sério? Quem diabos foi que fez ele gozar quando você não conseguiu?

Reviro os olhos, mas ele não está errado.

— Você tentou e não conseguiu arruinar a nossa amizade. Ele é meu. Ele é meu melhor amigo e o irmão que eu nunca soube que precisava. A única coisa que é sua é a sua vergonha e a sua vida nojenta... o pouco que resta dela, pelo menos.

Apesar da dor e do álcool em seu organismo, ela ri.

— Você não tem ideia do que ele precisa.

Base se vira para mim.

— Acho que mesmo que se eu te chupasse na frente dela, ela ainda

pensaria o mesmo.

Aceno uma vez e desvio o olhar dele, encarando a mulher lamentável diante de nós. Ela estreita os olhos para mim.

— Diga a ele que eu fui o b-b-bastante. Que… que também não precisa daquela vagabunda.

Eu cerro os dentes.

— O nome dela é…

Olho para cima quando ouço a porta se abrir. A linda mulher em questão está parada ali de pijama, com o cabelo molhado.

— Ah, desculpa. Só queria saber se você estava aqui embaixo.

Eu me afasto da parede e me aproximo da minha garota, virando-me para Bernie enquanto puxo Stacey para o meu lado.

— Vê como ela é linda? Eu preciso dela mais do que preciso de ar.

Base faz apenas um som pensativo.

— Você acredita que ela acha que é o suficiente para ele, Stacey?

Stacey olha entre nós dois.

— Quanta bobagem!

Meu amigo agarra a mão de Stacey e a coloca bem em cima do meu pau.

— Acho que deveríamos provar o quanto ela está errada — ele diz, e apesar de as mãos dos dois estarem em mim, meu pau reage. — Deveríamos provar que nós dois somos suficientes para ele.

CAPÍTULO 46



Stacey

Meu coração dispara no meu peito quando o olhar de Kade encontra o meu, mas ele não move nossas mãos. Nem eu.

Uma hesitação passa pelo rosto de Kade, seus olhos se voltam para o amigo e depois para mim. Como se ele estivesse perguntando silenciosamente se isso é algo que realmente deveríamos estar fazendo. Provavelmente não, mas Bernadette forçou esses dois a ficarem juntos em tantas ocasiões, e acho que essa é a maneira de Base lutar contra seus demônios interiores mais do que qualquer outra coisa. Porque, enquanto seus dedos se curvam sobre os meus, apertando a forma como seguramos a espessura de Kade, ele usa seu corpo para empurrar Kade contra a parede, me levando com eles.

— Diga a ele, Rhodes — Base diz, seu peito subindo e descendo enquanto ele começa a mover nossas mãos juntas, acariciando, apertando, observando Kade olhar para nossas mãos e depois para nós. Base pressiona a testa no ombro de Kade e continua: — Diga a ele a quem ele pertence.

— A nós — respondo. Então, levanto a mão e agarro o queixo de Kade, fazendo-o olhar para mim. — Você pertence a mim. Não a ela. — Olho por cima do ombro enquanto Bernadette se encosta na jaula, quase inconsciente. — Ela é apenas uma pedra no nosso sapato.

Quando me viro, Kade está me encarando, levantando a mão para poder passar a ponta dos dedos no meu cabelo, pressionando meu lábio inferior com o polegar. Suas pupilas estão se dilatando, o preto tomando conta do azul-claro enquanto Base e eu o acariciamos.

Quando ele puxa meus lábios para os dele, Base solta um suspiro profundo e sufocado enquanto Kade agarra seu pescoço, segurando-o, mas sem tirar a mão dele de seu pênis.

Sua língua penetra em minha boca, e eu lhe dou tudo o que posso enquanto o beijo de volta, chupando seu lábio inferior, agarrando seu pulso e puxando sua outra mão para meu pescoço. Ele não está me estrangulando do mesmo jeito que está estrangulando Base, mas está demonstrando domínio com o aperto — mostrando que, se realmente quisesse, poderia quebrar meu pescoço sem nem piscar.

Ele jamais faria isso.

Kade afasta a boca da minha, a nuca batendo na parede enquanto seu pau pulsa em nossas palmas. Ele puxa Base para si e pressiona sua testa contra a dele.

— Eu sei que você precisa disso, mas eu não consigo, porra.

Os dedos de Base hesitam em volta dos meus, seus movimentos ficando mais lentos.

— Eu não pertenço a você, e você não pertence a mim. — Kade solta o pescoço de Base e agarra sua nuca. — Eu te amo pra caralho, mas você precisa parar. Você está com a minha irmã.

Base congela completamente, sua respiração para, então ele solta minha mão, se afastando de nós. Suas mãos correm pelos cabelos, e ele olha erraticamente ao redor do cômodo.

— Merda.

Bernadette tenta dar uma risadinha.

— V-viu? Nin… Ninguém q-quer você.

— Cala a boca — ele cospe. Acho que ele vai começar a zombar mais dela, mas, em vez disso, explode, arrastando-a para fora da jaula e dando-lhe um soco no rosto, fazendo-a cair no chão. — Você fez isso comigo! — Ele a bate novamente, mas Kade chama minha atenção nos movendo, então sou eu quem está com as costas contra a parede.

Ele então cola a boca na minha, me reivindicando para sempre, enfiando-se na minha mão enquanto seu melhor amigo chora atrás de nós. Ele está perdendo o controle enquanto grita na cara de Bernadette que ela tentou arruinar a vida dele e falhou, antes de bater nela novamente. Lágrimas escorrem pelo seu rosto; é a primeira vez que vejo Base demonstrar esse nível de emoção.

Ele está ocupado demais espancando Bernadette até a morte para nos notar enquanto Kade me beija mais profundamente, sussurrando palavras possessivas contra meus lábios e puxando meu corpo para o dele, envolvendo minhas pernas em volta da sua cintura.

— Pare de olhar para mim! Pare, pare, pare — ele grita, socando-a entre as palavras. — Porra, pare de me olhar!

Base arrasta uma Bernadette ensanguentada para uma cadeira e a amarra enquanto Kade chupa meu maxilar e desce pelo meu pescoço, marcando a pele onde fica minha pulsação.

Ele pressiona seu pau duro como pedra entre minhas pernas, e eu gemo e agarro um punhado de seus cabelos, puxando sua boca de volta para a minha.

— Não podemos fazer isso na frente dele — digo sem fôlego. — Não é certo.

Há um grito horrível que não impede Kade de se esfregar em mim, e olho por cima do ombro dele enquanto ele volta a beijar e morder meu pescoço para ver Base usando um pequeno maçarico no rosto de Bernadette.

Desvio o olhar antes de conseguir ver direito os detalhes dos olhos dela derretendo.

O cheiro é horrível, mas tudo em que consigo me concentrar são as mãos de Kade deslizando pelas minhas laterais, como se ele estivesse gravando cada centímetro de mim na memória e não prestasse atenção à tortura horrível que acontece atrás dele.

Base joga o maçarico de lado e limpa a boca com as costas da mão.

— Você precisa forçar as pessoas a ficarem com você, mas eu e o Kade? Temos pessoas que nos amam. Nós nos amamos. E você tentou estragar isso e falhou. Toda vez que me mandava para a sua cama, pensava que estava me quebrando. Mas aqui…? — Ele bate na têmpora. — Eu ficava mais forte do que nunca. Eu vou ser pai e vou garantir que eu seja o melhor pai que conseguir ser.

Bernadette está tremendo, com o rosto destruído. Ela está irreconhecível.

Kade agarra meu queixo.

— Quer ir para casa?

O brilho em seus olhos me faz sorrir, apesar dos gritos ao fundo.

— Minha casa é onde você estiver.

Ele beija a pontinha do meu nariz.

— Acho que estou pronto — diz baixinho, e eu nunca o ouvi tão… vulnerável. — Você pode ir se não quiser ver isso.

Engulo em seco e o beijo.

— Faça o que tem que fazer. Então, poderemos viver nossa vida.

Base se afasta de Bernadette, vindo em nossa direção.

— Estou a segundos de matar a vadia. — Ele entrega o maçarico a Kade. — Sua vez.

Ele ri e pega o maçarico, mas o coloca no chão.

— Tenho uma ideia melhor — diz, olhando para a aparência patética de Bernadette, que passa a mão por seu rosto derretido. — A primeira vez que ela me fez matar alguém, fui forçado a estrangulá-lo.

Base cruza os braços.

— Eu também.

Kade fecha as mãos em punhos e depois as abre, e Bernadette se encolhe quando ele a agarra pelos cabelos e a força a se ajoelhar.

Ele está atrás dela, segurando-a.

— Envolva seus dedos em volta do pescoço dela.

Eu me movo para o outro lado da sala para poder observar Base estalando o pescoço de um lado para o outro e rindo como um maníaco.

— Bernadette, Bernadette. Como você é fraca, Bernadette. — Ele a agarra pelo pescoço com uma das mãos. — Tente gritar e implorar por misericórdia — eu te desafio.

Ela tenta se livrar das mãos dele, sem conseguir se soltar.

— Pressione o polegar na artéria carótida dela — Kade diz. — E aperte mais forte. Certifique-se de que ela não consiga respirar.

Base faz exatamente isso, apertando os dedos em volta do pescoço dela. Ela está lutando, mas não consegue se mexer entre o aperto dele em seu pescoço e o de Kade em seus cabelos. Ela não vê o olhar deles enquanto, aos poucos, perde a batalha de tentar afastá-los com tapas.

Eu deveria ir embora, mas não consigo. Meu lado perverso quer assistir.

Sua boca está aberta, e eu consigo ver sua língua enquanto ela tenta respirar, desesperada por aquele único resquício de oxigênio que pode salvar sua vida. Se seus olhos não estivessem derretidos, eu veria a luz desaparecendo lentamente deles.

— É isso. O fluxo de sangue para sua cabeça está diminuindo — Kade fala, puxando uma pequena adaga do bolso e pressionando a ponta afiada contra sua bochecha, cortando a pele enquanto Base ri. Ele range contra o ouvido dela: — Seu cérebro está sendo privado de oxigênio e nutrientes. Não é, Bernadette? Sua pele está mudando de cor. Sinta como roubamos seu fôlego, sua vida. — Ele solta o cabelo dela e segura sua nuca, empurrando-a para os braços de Base. — Morra, caralho.

— Puta desgraçada — Base cospe enquanto ambos pressionam seu pescoço pela frente e por trás, e suas pernas cedem, seu corpo já imóvel, seus

braços esticados e tremendo com a pressão que sobe até sua cabeça.

Uma lágrima escorre pela bochecha de Base enquanto ele range os dentes, os braços travados, empurrando para a frente, e quando ele a solta, Kade quebra o pescoço dela com um estalo rápido para a esquerda. O corpo dela cai aos seus pés, e ele encara seu corpo sem vida.

— Ela está morta — Kade anuncia, ofegante, enquanto ambos a encaram, como se ainda não tivesse registrado. — Ela está morta.

— Verifique o pulso dela.

— Você não consegue ver o pescoço retorcido? — Kade retruca. — Ou não escutou o estalo?

Base se inclina e pressiona dois dedos contra a pulsação dela mesmo assim, então se levanta rapidamente, passando a mão pelos cabelos.

— Porra, nós a matamos.

Kade concorda.

— Sim.

— Ela está morta.

— Uhum.

— Se foi.

— Ela está morta, Base.

Estou esperando o alívio, o sorriso, algo que mostre que ele está feliz por ter acabado. O fato de Bernadette estar fora de cena é o começo de tudo para ele, para nós e para todos.

Bernadette Sawyer, a mulher que destruiu uma parte dele que Kade jamais recuperará, está morta.

Mas nenhum peso sai dos meus ombros.

Base agarra Kade e o puxa para si, e tento não me envolver enquanto Base começa a soluçar em seu peito. Kade está inexpressivo, mas está confortando o amigo.

— Ela nos ferrou, cara. Muito. Eu só… não consigo esquecer o quanto ela mexeu com a minha cabeça. Como diabos seguimos em frente? Como esquecemos? Como vivemos vidas normais depois de tudo o que passamos?

Kade pressiona a testa contra a dele.

— Faremos isso com orgulho. A nossa vida existe porque sobrevivemos aos Sawyers. Tá me entendendo? Você vai lá fora, pega minha irmã e dá um jeito nessa sua cabeça. Por ela. E pelo seu filho.

Base enxuga os olhos e concorda.

— Nós sobrevivemos.

— Nós sobrevivemos.

— Então por que ainda me sinto morto por dentro? — ele pergunta. —

Por que ainda está doendo?

Kade o agarra pela nuca e o puxa de volta para um abraço, dando-lhe alguns tapinhas nas costas.

— Então, vamos ser mortos por dentro juntos. Se você morrer, eu morro, lembra?

— Se você morrer, eu morro — ele repete, fungando e olhando para Bernadette. — Como ela ainda pode parecer má, mesmo morta?

Kade a chuta para o lado, de modo que ela fique de bruços.

— Barry vai limpar isso. Vá tomar banho. Você tem carne queimada na pele.

Seu olhar encontra o meu.

— Você está bem?

Mordo o lábio, olhando para o cadáver, esperando que ela se levante e atire em um de nós.

— Não parece ter acabado.

— Acho que nunca vai parecer — Kade diz, me puxando para perto do peito e me beijando. — Agora, sobre aquela casa. Cerca branca ou marrom?

Rio e balanço a cabeça de um lado para o outro.

— Eu precisaria repintar o branco com mais frequência do que o marrom.

Kade anda comigo até minhas costas encostarem na parede.

— Você diz isso como se você fosse pintar, quando nós dois sabemos que eu vou fazer isso enquanto você queima a casa com sua comida horrível.

Sorrindo, sussurro:

— Me beije, Kade.

Ele beija. Cola os lábios nos meus enquanto seu corpo me pressiona contra a parede, suas mãos agarrando meus quadris, laterais e seios, uma mão deslizando até meu pescoço, me segurando lá enquanto beija o canto da minha boca, passando pelo meu maxilar até minha orelha e, em seguida, puxa meu lóbulo entre os dentes.

— Como é a sensação? — ele pergunta. — Ter no seu pescoço a mão que acabou de matar Bernadette Sawyer.

— Quero que você me leve para a cama.

Ele afasta a boca, seu nariz tocando o meu.

— Não posso prometer que não vou tentar te foder no caminho para o nosso quarto. É muito longe.

Sorrio, enrolando meus dedos em sua blusa e o puxando para mim, de modo que sua boca paira sobre a minha.

— Quero você dentro de mim. Agora.

— Sem camisinha?

Concordo com a cabeça.

— Quero você, duro e rápido, depois quero que você me encha com cada gota de esperma que tiver.

Kade agarra minha mão, me puxando em direção à porta. Passamos por cima do corpo de Bernadette enquanto ele me arrasta para fora do cômodo que fede a carne queimada, subimos as escadas e passamos pela primeira porta que encontramos — um armário.

Está escuro, vazio, e tenho um segundo para olhar ao redor antes de Kade agarrar meu queixo e me empurrar para trás, até eu bater em uma parede.

— Só para esclarecer, você quer meu gozo dentro de você. Você está bem com isso?

— Sim.

Kade usa a mão livre para desabotoar minha blusa de pijama, expondo meus seios ao ar frio, meus mamilos já tensos.

— Não me vêm com merda, Stacey. Não pode se arrepender disso depois.

Gemo enquanto ele aperta meu mamilo e o acaricia com a ponta do polegar.

— Vou te dar um tempo para pensar.

Eu franzo a testa, mas ele se ajoelha e puxa uma das minhas pernas por cima do ombro. Um gemido escapa da minha garganta enquanto ele crava os dentes na parte interna da minha coxa, meu short de pijama ainda me cobrindo. Minha cabeça cai para trás enquanto ele lambe, morde e suga a pele o máximo que pode até o ápice, depois beija meu centro através do tecido irritante.

Ele olha para mim, seus cílios longos e escuros acentuando o azul de seus olhos.

— Eu queria ter feito isso na frente dela, mas, pensando bem, quero ser a única pessoa a te ver assim. — Ele enrola os dedos no cós do meu short e o puxa para baixo, levando minha calcinha junto. Ele pressiona o polegar no meu clitóris, e eu fico tensa. — Você é toda minha.

— Sua — eu respiro.

Kade guarda minha calcinha no bolso, e o tempo para quando ele mergulha entre minhas pernas, puxando uma delas por cima do ombro para me abrir para ele enquanto chupa meu clitóris, deslizando a língua para dentro e depois ao redor da minha área mais sensível.

Seus dedos agarram minhas coxas, e minha pele formiga enquanto o calor se espalha do meu ânus até os dedos dos pés.

— Kade — gemo. — Ah, merda.

Com a língua penetrando em mim, ele sustenta o meu olhar com os olhos semicerrados, prendendo meu clitóris entre os dentes.

— Esta boceta é minha — diz, lambendo, beijando e prendendo meu clitóris entre os dentes novamente. — Essa bunda… — Ele agarra um punhado e aperta. — Você me pertence por inteira.

Quando meus olhos tremulam com a explosão que me percorre, Kade enfia dois dedos para maximizar meu orgasmo, os dedos se movendo dentro de mim durante as pulsações. Eu me contraio em volta dele, minhas pernas mal me segurando enquanto grito para o ambiente vazio.

— Olha para mim.

Eu olho. Ele tira os dedos e se levanta, segurando minha perna em seu quadril. Eu realmente olho para ele. A cor dos seus olhos, o formato dos seus lábios, a sensação deles contra a ponta dos meus dedos enquanto os traço.

— Eu te amo — sussurro.

— Eu também te amo. — Ele captura minha boca, beijando-me suavemente. — Última chance, Sardentinha. Se você não quiser engravidar ainda, me diga agora. Podemos esperar se quiser. Tudo o que você quiser, é seu.

— Tudo o que eu sempre quis foi você. Quando nos conhecemos, quando tínhamos dezoito anos e nos apaixonamos, e em cada momento depois disso. — Kade se empurra para dentro de mim, e nós dois ofegamos, meus lábios se abrindo e dando a ele acesso total para enfiar sua língua contra a minha, me tirando o fôlego. Enquanto ele desliza lentamente por dentro de mim, preenchendo cada pedacinho carente.

O beijo se aprofunda. Desta vez, é cheio de desespero, como se eu fosse desaparecer se parássemos. Ele segura minha nuca e me penetra com mais força, acelerando o ritmo. Eu gemo contra seus lábios, e ele chupa minha língua, me devorando com a maior paixão possível enquanto me fode com tanta força que acho que podemos quebrar a fina parede.

Acho que ele não pararia nem se isso acontecesse.

— Isso pertence a nós — ele me diz, ofegante a cada estocada.

Eu me aperto em volta do seu pau, que me penetra selvagemente.

— A nós — choramingo.

Gemo mais alto, e ouvimos vozes do outro lado da parede — Barry e Base discutindo sobre alguma coisa. Mas não consigo segurar meus gemidos, e como Kade ainda está de short, abaixado apenas o suficiente para liberar seu pau, ele consegue tirar minha calcinha do bolso.

— Estou perguntando… mais uma vez — ele diz, estocando com força entre as palavras. — Se eu te encher com meu esperma, não vou me arrepender, mas você vai? Quer que eu pare?

Respondo cravando meu calcanhar em sua bunda, sugando-o mais fundo para dentro de mim.

— Não pare. Por favor, nunca pare, Kade.

— Abra a boca — ele exige. — Não quero que eles te ouçam.

Ele enfia a calcinha na minha boca e pressiona a palma da mão sobre ela, me penetrando mais rápido, sacudindo a divisória atrás de nós.

— *Nós podemos ouvir!* — Base grita. — *Acho que a porra do prédio inteiro pode ouvir.*

Kade soca a parede ao lado da minha cabeça, quebrando o gesso e um brilho de luz atravessa, iluminando a poeira. Eu não recuo — na verdade, sua impaciência furiosa me faz agarrar seu pau como um torno, um calor crescente e vicioso tomando todos os meus nervos e se espalhando como fogo.

A palma da sua mão e a calcinha impedem que os sons escapem, e meus olhos reviram enquanto Kade continua, com uma fina camada de suor no rosto.

— Você vai gozar para mim? Vai gozar, caralho?

Agarro seu pau repetidamente durante o orgasmo que me atinge como um acidente de carro, minhas unhas cravando em seus ombros, gritando em volta da minha calcinha enquanto fecho os olhos com força.

— Olhos em mim.

Eu olho, e ele sorri, mordendo o lábio enquanto cresce dentro de mim, prestes a se desfazer. Sei que ele sente cada pulsar da minha boceta, ficando mais intenso a cada investida.

— Você me faz sentir vivo, Stacey. Estive morto por tempo demais.

Quando meu orgasmo atinge o auge, Kade congela, derramando tudo de si dentro de mim. Ele tira a mão enquanto pulsa e lateja lá dentro, depois arranca minha calcinha e me beija como se pudéssemos morrer amanhã.

CAPÍTULO 47



Kade

As brasas da lareira aquecem minha pele enquanto Stacey está deitada entre minhas pernas. O crepitar, o vento suave soprando ao redor das árvores e a vista das colinas e do rio ao amanhecer me lembram de uma vez em que eu e Stacey fomos acampar com meus pais.

Eu era um jovem de dezoito anos nervoso que não conseguia parar de me sentir obcecado por ela. Parece que no fim, as coisas não mudam porque ainda estou obcecado pra caralho. Parece que sou apaixonado por essa garota desde que nasci.

Não me lembro de uma época em que não tenha me sentido assim por ela.

Eu me lembro do frio na barriga que senti quando ela entrou sorrateiramente na minha barraca. Eu a comi enquanto meus amigos e meu irmão dormiam ao nosso lado. Mantive minha mão sobre sua boca, um pouco como tenho feito nas últimas duas noites, já que o quarto do meu pai é bem ao lado do nosso.

Como será quando formos só nós dois? Ninguém mais por perto, ambos deitados na nossa cama, morando na nossa casa, planejando o dia seguinte, porque poderemos fazer isso.

Meu pai está discutindo com o Base sobre nomes de bebê. Barry está assando um marshmallow que já parece completamente carbonizado. Luciella e Stacey estão conversando sobre o estúdio e sobre as músicas que querem dançar quando, eventualmente, voltarem. Falam como se minha irmã realmente tivesse esse luxo — ou talvez seja só esperança —, mas eu acredito que meu melhor amigo vai fazer a coisa certa por ela. Confio nele para lidar com isso de um jeito que mantenha minha irmã ilesa, mesmo que ela esteja carregando o filho dele.

Luciella olha para mim e sorri.

— Você está bem?

Concordo com a cabeça lentamente.

— Já caiu a ficha? Que você vai ser mãe?

Ela balança a cabeça em negativa.

— Já caiu a ficha que você vai ser o tio Kade?

Meus olhos se enrugam nos cantos enquanto meu sorriso se alarga.

— Graças a Deus nossos pais me deram um nome bom. Imagina ser chamado de tio Sebastian.

Base joga um galho em mim.

— Vai se foder, seu filho da puta.

— Fui eu quem escolheu seus nomes — meu pai diz. — Se fosse menina, eu queria que Luciella fosse Lucy, e sua mãe queria que Gabriella fosse incorporada de alguma forma. Se fosse menino, Kade era uma escolha fácil entre isso e Aiden. Não sabíamos que ela estava grávida de gêmeos na época.

Fazendo uma careta, Luciella olha para Base, cujo braço está sobre seus ombros.

— Gêmeos seriam difíceis se fossem como você.

Ele assente com a cabeça.

— Um pesadelo. Principalmente se forem parecidos com vocês dois.

Reviro os olhos.

Então Base, sendo seu eu irritante de sempre, inclina a cabeça para o meu pai.

— Você não sequestrou a Aria enquanto ela estava grávida e a trouxe para cá? Foi por isso que comprou este lugar, Kade?

Eu chuto a canela dele.

— Cala a boca, porra.

O olho do meu pai treme.

— Eu estava numa fase ruim na época.

Milo e Hopper estão deitados um de cada lado, o último com a cabeça no colo da Stacey, Hopper encolhido como uma bola e pressionado contra mim. É a calma que eu não fazia ideia de que existia, pensei que tinha perdido tudo,

inclusive a minha sanidade, mas aqui estou eu, sorrindo para a minha garota, imaginando o que vem a seguir.

Os dois últimos líderes mundiais corruptos foram presos há apenas alguns minutos, e eu consigo respirar desde então. Mesmo com a fumaça espessa da fogueira, os marshmallows incinerados e o cigarro que trago, consigo respirar.

Eu me abaixo para sussurrar no ouvido de Stacey:

— Quer transar antes de irmos?

— Fizemos isso há uma hora — ela sibila de volta. — Seu botão de recarga precisa pifar.

Barry se levanta, chamando a atenção de todos.

— Acho que, pelos relatórios… — Ele dá zoom em algo na tela do celular. — É. Eles pegaram todo mundo agora. Acabou mesmo.

Ele olha para Base e Luciella.

— Eu sugeriria manter Luciella escondida por enquanto.

— Foi o que pensei — Base dispara. — Vou até meu avô exigir o divórcio e que Luciella fique sob proteção na Rússia. Ele não vai negar. Sou o único herdeiro dele até meu filho nascer.

— O que vai fazer? — Barry pergunta ao meu pai. — Está tecnicamente morto. Ninguém está procurando por você, mas eu manteria a discrição por enquanto. Poderei manter seus remédios até arrumarmos um plano.

Pela primeira vez, meu pai não discute com ele nem o chama de filho da puta. Ele apenas acena com a cabeça e aquece as mãos nas chamas.

— A Aria já sabe?

— Não — Barry responde. — Mas, como os policiais e investigadores encerraram todos os relatórios e não há nenhum caso ativo, acho que estamos todos seguros para ir para casa. — Ele olha para mim. — Ligue para sua mãe e avise que vocês estão todos vivos.

— E depois eu preciso ir embora? — Luciella pergunta.

— Ficaremos aqui por enquanto — meu pai diz a ela. — É melhor seu plano funcionar, Sebastian.

— Me dê uma semana — Base fala. — Vou anotar o endereço de onde me encontrar.

Stacey se move entre minhas pernas, olhando para mim.

— Esperamos anos por isso.

Minha cabeça se inclina.

— Pelo quê?

— Pela chance que sempre merecemos. — Ela sorri. — Estou animada.

— O que você quer fazer primeiro? — pergunto, brincando com seus cabelos. — Podemos fazer o que você quiser.

Ela balança as sobrancelhas, abaixando a voz para um sussurro, para que não possamos ser ouvidos por causa da música que está tocando.

— Quero ter encontros, quero morar junto e nos casar. Você pode me foder todas as manhãs e noites até eu te fazer um papai. — Seus lábios se prendem entre os dentes enquanto meu pau se contrai. — O que você acha disso?

Eu me inclino e a beijo antes de pedirmos licença — então a arrasto de volta para o prédio, a jogo na cama e me afundo nela.



Luciella e meu pai estão do lado de fora do prédio enquanto colocamos as coisas no carro. Os cachorros pulam para dentro, e Barry aperta a mão do meu pai e diz para Luciella tomar cuidado antes de entrar no banco do motorista.

— Pelo menos vocês não se ameaçaram — Stacey diz para o meu pai. — Como eu disse antes, há um *bromance* se formando aí.

— Não — é tudo o que meu pai responde. Ele olha para mim. — Estou orgulhoso de você. Não sei se já disse isso, mas estou. Você passou por tanta coisa, suportou tanta dor que ninguém jamais deveria, e ainda está aqui, vivo, sobrevivendo a tudo.

O canto da minha boca se contrai.

— Eu puxei ao meu pai.

— Sua mãe parecia feliz ao telefone — comenta. — Acho que ainda é melhor eu permanecer morto para ela. Vou me revelar quando chegar a hora.

Luciella puxa Stacey para um abraço, e as duas começam a chorar como se não fossem se ver tão cedo. Eu e meu pai as observamos, Base franzindo a testa para o chão, e quando elas se afastam, sinto uma vontade enorme de enxugar as lágrimas de Stacey, abraçá-la e garantir que ela nunca mais chore daquele jeito.

Stacey fica na ponta dos pés e beija a bochecha do meu pai.

— Obrigada por me salvar e ser o pai que eu precisava. Por favor, fique em segurança.

Ele pigarreia e assente.

— Te vejo em breve, Pequena.

Ela vai até o carro, e eu puxo minha irmã para perto de mim.

— Não fique longe por muito tempo, pirralha.

Ela bate no meu peito, mas soluça enquanto me abraça. Minha gêmea. Minha irmã. Ela chora ainda mais, e eu encosto minha cabeça na dela.

Quando ela dá um passo para trás e enxuga as bochechas, eu lhe dou um sorriso caloroso.

— Você vai ser uma mãe incrível. Se o Base não te proteger, eu vou dar uma surra nele e quebrar as pernas dele.

Ele franze a testa e estende os braços.

— Que porra é essa?

Meu pai dá um tapinha no meu ombro, e é tudo o que precisamos, então eu aceno e vou até o carro, ouvindo minha irmã desabar ao se despedir do Base por uma semana.

Uma semana. Por que eles estão agindo como se nunca mais fossem se ver?

Sento no banco de trás, os cachorros pulando para lamber meu rosto, e Stacey encosta a cabeça no meu ombro.

— Onde vamos morar?

Dou de ombros, o ombro em que ela não está se apoiando.

— Eu te disse, vou construir uma casa para nós.

— Enquanto isso — ela esclarece. — Para onde vamos enquanto isso?

— Ewan e minha mãe voltaram da Irlanda e estão alugando uma casa. Ficaremos lá até decidirmos nossos próximos passos.

Barry se vira no banco.

— Vou deixar vocês todos e ir para casa. A menos que precisem de mais alguma coisa minha?

— Você já fez mais do que o suficiente — eu digo. — Vou liquidar minha empresa também. Você está oficialmente demitido como meu assistente.

Ele ri baixinho.

— Graças a Deus. Não precisa nem se dar ao trabalho de me pedir para ser seu amigo.

Bufo.

— Nunca mais quero ver sua cara.

Rimos, porque ambos sabemos que ele é como um irmão para mim.

Isso me faz pensar em Jason, e meu sorriso some. Tanta perda, tantas palavras não ditas; coisas que nunca terei a chance de dizer a ele. Ele se sacrificou pela minha namorada, pela minha felicidade, e eu vou deixá-lo orgulhoso sendo o que ele sempre quis que eu fosse.

Feliz. Eu vou ser feliz pra caralho.

Base entra no banco da frente, e nos viramos para acenar para meu pai e Luciella enquanto Barry nos leva para longe deles, para longe do prédio onde não há nenhum vestígio de Bernadette.

Porque Bernadette Sawyer não existe mais.

A diaba me prendeu, mas eu me livrei dela. Ela se foi, e eu estou livre, caralho.

Stacey adormece no meu colo, e isso me lembra de quando a tirei dos Estados Unidos e de Bernadette. Eu disse a ela, enquanto ela dormia na mesma posição, meus dedos roçando em seus cabelos, que ela deveria ter ficado fora da minha vida, mas ela sempre esteve lá. E era verdade. Por mais que eu achasse que ela tivesse quebrado minha confiança, eu ainda a amava.

A quinta regra nunca existiu.

Eu sou ainda mais apaixonado por ela agora. Minha garota.

Algumas horas depois, Barry entra na garagem da casa que minha mãe e Ewan estão alugando. Dez e Tylar estão sentados na varanda e se levantam quando nos veem saindo do carro.

Eles não têm chance de vir até nós, porque minha mãe e o Ewan saem disparados pela porta da frente e se jogam em mim.

— Ah, meu filho — minha mãe soluça, me abraçando e enchendo minha cabeça de beijos, me apertando tanto que mal consigo respirar. Ewan está aqui também, encostando a testa na minha, e os dois simplesmente ficam ali comigo, enquanto Stacey e Base vão falar com Tylar e Dez.

Barry tira os cachorros, e minha mãe continua me segurando.

— Achei que tinha te perdido também — ela choraminga, com as palavras entrecortadas. — Eu… pensei que tinha perdido todos os meus bebês.

— Estávamos planejando funerais com caixões vazios até você nos ligar — Ewan diz, com uma lágrima escorrendo pelo rosto. — Achávamos que vocês tinham morrido no incêndio.

— Eu não podia arriscar — digo, me afastando da minha mãe. — Se eles rastreassem a ligação, teriam nos pegado, e eu precisava lidar com a Bernadette.

— E você fez isso? Lidou com ela?

Olho para Ewan e assinto com a cabeça.

— Eu e o Base a estrangulamos, e o Barry se livrou do corpo. Todos se foram. Todas as ameaças. Não podíamos dar as caras até sabermos que todos os envolvidos tinham sido presos.

Minha mãe não solta meu braço enquanto olho para Base e Dez conversando, Stacey e Tylar abraçadas e os cachorros latindo por atenção.

Base e Barry concordam em ficar até de manhã, já que é madrugada. Barry parece estar a segundos de desmaiar também.

— Vamos entrar — Ewan diz, gesticulando para Milo e Hopper nos seguirem. — Fizemos torta de carne.

Claro que Aria Miller preparou um jantar grande o suficiente para

alimentar um exército às três da manhã. A mesa está coberta de comida, e Dez senta ao meu lado para poder colocar tudo em dia comigo e com Base.

Tylar e Stacey estão em uma discussão profunda sobre o que fizemos nas últimas semanas, e minha mãe não tira os olhos de mim.

— Queria que sua irmã pudesse estar aqui.

Tylar concorda com a cabeça.

— Estou com saudades dela. — Seu braço envolve Stacey, e eu me pego imaginando quebrá-lo no meio. — Estou tão feliz por ter uma das minhas melhores amigas de volta.

— Ela vai voltar logo.

Minha mãe termina sua água.

— Só há quatro quartos. Sebastian vai precisar dividir com Barry, se estiver tudo bem?

Eles se encaram de ponta a ponta da mesa.

— Eu durmo no chão — Barry diz. — Ou você dorme.

Base ri.

— Você ainda está fingindo me odiar? Qual é? Somos praticamente amigos.

Barry o ignora, e eu tento não rir da expressão indignada no rosto do meu amigo.

Então Base murmura, enquanto morde a torta de carne:

— O Tobes quase me deu carne humana para comer.

Os olhos da minha mãe se arregalam e Ewan inclina a cabeça, confuso.

— O quê? Tobias?

Eu o chuto, mas ele continua falando.

— É. O Sr. Morto-Mas-Nem-Tanto. Ele estava fritando as partes do corpo do Archie como se fossem bife, e eu quase virei um canibal, aquele filho da puta. — Ele faz uma careta para o prato. — Perdi o apetite.

Minha mãe se afasta da mesa.

— Onde ele está? — ela pergunta, arregalando os olhos a cada segundo. — Ele… ele está bem?

— Ele está com a Luciella. Está bem. Vai entrar em contato quando estiver pronto.

De pé, ela limpa a boca.

— Preciso ir até ele. Pode me dar o endereço?

Suspiro, porque me odeio pelo que vou responder.

— Não. Ele ainda não quer que você saiba que ele está vivo. Ele não está pronto e está mantendo Luciella segura.

Seus olhos pousam no prato de comida enquanto ela se abaixa mais uma

vez para sentar.

— Ah. Mas ele está vivo. — Seus olhos estão lacrimejando. — Tobias está vivo.

— Está. Ele precisa ser discreto por um tempo.

Ela assente com a cabeça.

— Tudo bem. — Mas essas duas palavra me dizem que ela não está nada bem. Sua mão treme enquanto ela pega o garfo, e ela erra o bife cinco vezes antes de Ewan colocar a mão sobre a dela.

Eu me levanto e vou até ela, me agachando ao lado da cadeira e beijando sua bochecha.

— Ele não podia arriscar entrar em contato. Ele ligou para você duas vezes e não disse uma palavra. Só queria ouvir sua voz. Ele está seguro. Está vivo, e quando tudo se acalmar, vai entrar em contato.

Ela força um sorriso enquanto uma lágrima escorre por sua bochecha.

— Pensei que ele tivesse morrido. — Ela funga e pisca rapidamente enquanto mais lágrimas caem. — Eu… pensei que o tivesse perdido.

Assinto com a cabeça.

— Eu também. Mas ele continua sendo aquela peste de sempre.

Base bufa.

— Peste é pouco. Ele me intimida pra caralho. Ele e o Barry. E eles nem se gostam!

Stacey me olha do outro lado da mesa enquanto Barry e Base se começam a brigar.

Ela sorri e diz "*eu te amo*" com os lábios.

Fico quentinho por dentro. É constrangedor o quanto, e acho que estou corando pra caralho. Sorrio de volta para ela e pressiono meu sapato contra o seu debaixo da mesa como se fôssemos adolescentes.

— Estávamos pensando... — minha mãe começa, com os olhos ainda marejados. — Fiquem aqui por alguns dias antes de entrarem em contato com as autoridades e avisá-las que estão bem e seguros. O interesse da mídia será intenso, e as entrevistas vão esgotar vocês, então descansem.

— Vou para Rússia amanhã — Base responde. — Tenho um monte de bajulação pra fazer e pouco tempo pra isso. — Ele se recosta na cadeira. — Você acha que eu serei um bom pai, Aria?

Suas sobrancelhas se erguem enquanto ela espeta um pedaço de bife e o mergulha no molho.

— Nikita está grávida?

— Não — ele responde. — Sua filha está.

O garfo da minha mãe para a meio caminho da boca. O de Ewan cai no

prato.

— Ela está o quê?

— Grávida — Base repete como se fosse óbvio. — Você não sabia?

Minha mãe e Ewan se encaram, e eu dou uma risada enquanto suas lágrimas desaparecem — ela cobre a boca e solta um gritinho.

— Preciso ligar para ela! Ah, meu Deus, Sebastian querido, por favor, me traga outro copo d'água.

Ewan aperta os lábios.

— Você não disse que odiava crianças?

— Não comece você também, porra. — Ele balança a cabeça em negativa enquanto vai até a pia e serve mais água para a minha mãe. — Você, Barry e o Tobes podem assistir enquanto eu me torno o melhor pai do mundo.

— Precisamos trazê-la para casa — minha mãe diz, dando um sorriso caloroso para Base enquanto ele lhe entrega o copo.

— É muito perigoso — digo. — Base tem um acordo com os inimigos do avô, e é por isso que ele se casou com a Nikita. Já te dissemos isso. Luciella precisa ficar morta até que ele resolva isso.

Ewan estreita os olhos.

— Você colocou minha filha nessa bagunça.

Base sorri para ele.

— Não vou deixar você me afetar. Acabei de sobreviver semanas com o Tobes; você não me assusta. Nem o Baz aqui me assusta. Eu sou um sobrevivente de Tobias Mitchell e mereço a merda de uma medalha.

— Para com essa boca suja, Sebastian.

— Desculpe, senhora. Você também merece uma medalha.

Tento não rir.

— Baz?

Base pisca.

— Combina com ele, não é?

— Não — Barry retruca, visivelmente farto. — Vou levar você ao aeroporto amanhã de manhã, e depois nunca mais quero te ver. — Barry olha para mim. — Lisa e Eva ainda estão no esconderijo. Vou levá-las para casa.

Dez, que está sentado em silêncio há uma hora, finalmente fala, contando nos dedos cada ponto.

— Então Tobias está vivo. Ele alimentou Bernadette com o próprio marido antes de vocês a estrangularem. Chris Fields está morto. O submundo em que vocês dois estavam presos está desmoronando. Ambos escaparam de centenas de assassinatos. E para completar, Luciella está grávida do filho de Base?

Base levanta um copo d’água.

— Perfeito, Desmond.

— Deixei alguma coisa passar?

— Pode ter certeza de que vou mandar uma mensagem se me lembrar de algo. Já que, sabe, você estava viajando o mundo com sua namorada enquanto todos nós lutávamos por nossas vidas. Acho que posso dizer que o Kade me ama mais do que a você.

— Se um de vocês tivesse me contado, eu teria ajudado.

Tylar apoia os cotovelos na mesa, olhando para ele.

— Você morre de medo de insetos inofensivos, só dirige carro com motor pequeno porque não gosta de velocidade. E lava a louça de avental porque fica enjoado com os respingos de água. Quando eles estavam treinando na mansão, você fingia estar dormindo metade do tempo quando Base batia na porta, só pra não ter que lutar. Me diz, exatamente o que você teria feito?

— Vergonhoso — Base diz com uma expressão de repulsa. — Por que somos amigos dele, Kade?

Balanço a cabeça de um lado para o outro.

— Cala a boca, Base.

Assim que terminamos de comer e ajudamos a limpar a bagunça, minha mãe mostra nosso quarto para mim e para Stacey. Há uma cama king size, lençóis limpos e travesseiros macios. Faz tanto tempo que não durmo assim. Tomo banho com Stacey colada às minhas costas e a ensaboo enquanto a beijo.

Ela fica parada debaixo d’água enquanto lavo seu cabelo, depois ofega quando me ajoelho até que ela se desfaça contra minha língua. E quando saímos, seco seu cabelo e guardo cada centímetro dela na memória, com beijos delicados e castos em sua pele enquanto visto seu pijama.

Beijo as tatuagens que desenhei, aquelas que ela fez para mim e nunca cobriu como eu fiz com as minhas. Beijo as iniciais nas costas dela, e então ela adormece nos meus braços.

Mas eu não durmo — fico ali, com ela encostada em mim, observando seu rosto, brincando com seu cabelo, enquanto passo, em silêncio, por cada cenário na minha cabeça. Cada possibilidade capaz de arruinar esse momento, que já imaginei.

Nenhuma delas acontece. Em vez da casa explodir ou de Bernadette ressurgir das profundezas do inferno para tirar isso de mim, adormeço em um sono profundo e tranquilo.

CAPÍTULO 48



Stacey

Braços me envolvem, me mantendo segura enquanto me espreguiço e bocejo, o sol alto brilhando pela janela me fazendo estremecer e fechar os olhos com força. Pela primeira vez em anos, dormimos até o meio do dia, sonhando pacificamente com nosso futuro.

E que futuro maravilhoso parece ser.

Base veio para cá em algum momento; ele estava cansado de Barry ficar gritando com ele por causa de seus roncos. Ele está dormindo do outro lado de Kade, e está roncando tão alto que estou pensando em sufocá-lo com um travesseiro e dizer ao meu namorado para esconder o corpo. O voo dele só sai às dez da noite, mas ele sai em algumas horas para ir para casa e fazer as malas. Barry disse que vai com ele, vai esperar do lado de fora da mansão Prince e depois levá-lo para o Aeroporto de Edimburgo.

Lisa e Eva ainda estão no esconderijo, e mal posso esperar para fazer uma videochamada com elas novamente. Sinto falta de Eva, do seu sorriso e da sua risadinha.

Ouço movimento lá embaixo — e vozes. Aria está cozinhando, o cheiro sobe para o andar de cima e passa por debaixo da porta. Meu estômago ronca, e eu me afasto do abraço de Kade, saio da cama e ando na ponta dos pés, tomando

cuidado para não acordar ele e Base ao sair do quarto.

Do outro lado do corredor, bato na porta e Tylar a abre.

— Ah, oi! — ela sussurra meio gritando. — Dez ainda está dormindo — diz ela, abrindo a porta o suficiente para que eu o veja de bruços no travesseiro.

— Eu ia levar os cachorros para tomar um ar fresco no jardim. Vem comigo?

Ela assente e veste o moletom de Dez, me seguindo escada abaixo. Aria nos cumprimenta enquanto os cachorros pulam em mim, lambendo minhas mãos e abanando o rabo. Não colocamos a guia quando abrimos a porta dos fundos e andamos.

— Você está bem? — Ty me pergunta depois de darmos duas voltas pela casa em silêncio, os cachorros correndo de um lado para o outro com uma bola.

— Acho que sim — respondo honestamente. — Estou preocupada com o Kade.

— Mas como você está? Estou preocupada com você.

Olho para ela, me abraçando enquanto o ar frio belisca minha pele.

— Eu matei meu irmão postiço — digo. — E queria ter prolongado e feito doer mais. Isso me torna uma pessoa má?

Ela balança a cabeça em negação.

— Ele era um monstro. Por mais que prolongar teria parecido bom na época, o final continua o mesmo. Você venceu.

— Venci?

— Quem é o morto e quem é a que está com o namorado na cama, esperando por mais carinhos e uma vida inteira pela frente?

Eu. Essa garota sou eu. Tenho a vida inteira pela frente e posso passá-la com Kade Mitchell. Posso amar e estar com Kade Mitchell, e não há nada no nosso caminho.

Sorrio para a minha melhor amiga.

— Senti sua falta. Mas fico feliz que você não tenha se envolvido em nada disso. Tem sido… intenso, para dizer o mínimo. Mas vamos falar de você — me conte como as coisas têm sido desde que a mansão explodiu e o que você vai fazer agora que tudo isso acabou.

Damos mais quatro voltas em volta da casa enquanto colocamos o papo em dia, e me sinto mais leve, como se um peso tivesse sido tirado dos meus ombros só de conversar com Tylar. Mesmo com tudo o que está acontecendo, ela tem criado memórias felizes com Dez, assim como fez enquanto nós todos estávamos vivendo nosso pior momento, e isso é bom. É um sinal de que, mesmo quando o mundo está um caos, mesmo quando o terror, a destruição e a morte nos aguardam a cada passo, alguém, em algum lugar, está tendo o melhor

dia da sua vida. É lindo, mas trágico. É a esperança de que coisas melhores virão.

Quando voltamos para casa, Tylar ajuda Aria com algumas tarefas enquanto Ewan está sentado no sofá com seu notebook, trabalhando. Ele está analisando a possibilidade de reconstruir a mansão.

Os cachorros ficam lá embaixo enquanto vou ver Kade. Ele e Base ainda estão dormindo, com o braço deste último sobre o peito de Kade. Sorrio para eles, tiro meu moletom, deslizo para debaixo das cobertas e me deito.

Kade automaticamente, de forma possessiva, me puxa contra si, fazendo com que o braço de Base caia enquanto ele se vira.

Apoio a cabeça no travesseiro, encarando seu lindo rosto. Passo os dedos pelos seus lábios, descendo pela cicatriz até o queixo, depois deslizo a ponta dos dedos da ponte do nariz até as sobrancelhas grossas e escuras.

Faz tempo que ele não tem uma convulsão, e seus apagões são raros e esporádicos. Consigo perceber quando ele está perdido em seus pensamentos. Ele olha para o nada, como o pai. Ele pisca incontrolavelmente, e seu olho treme quando ele cai na própria realidade. Isso o esgota, e sei que fica meio encanado com a imagem que isso passa dele.

Mas para mim, Kade se parece com um sobrevivente. Ele *é* um sobrevivente.

— Pare de me encarar — ele murmura, erguendo a mão para pegar a minha e me puxar para o seu peito. — Volte a dormir.

Há um movimento atrás dele, e Base o abraça novamente. O olho de Kade se abre e ele franze a testa.

— Já posso matá-lo?

Bufo.

— Espere até ele ajudar a Lu, aí você pode matá-lo.

Kade empurra Base para longe dele e nos move para o meu lado da cama, me rolando para baixo dele com os braços presos sob as minhas costas, a cabeça enterrada na curva do meu ombro.

— Por que você está tão fria? — ele pergunta baixinho, sua pele quente contra mim.

— Eu levei os cachorros para passear com a Tylar — sussurro. — Não quis te acordar.

Ele faz um sim pensativo.

Meus dedos acariciam seus cabelos e ele volta a dormir. Roncos suaves e curtos saem de sua boca; nada alto como os de Base.

Base e Barry vão embora em algumas horas. Tylar e Dez também vão para casa, e Ewan e Aria vão se sentar conosco para repassar tudo o que

aconteceu. Aria está animada com a gravidez da filha, embora eu ache que ela esteja preocupada com a situação, e com Kade e o efeito que tudo isso terá sobre ele.

Kade está bem. Percebo que, lá no fundo, ele não consegue acreditar que acabou, mas o terapeuta dele é bom. Ele vai garantir que ele fique bem. Também faremos terapia de casal, como planejamos. Trabalharemos em nosso relacionamento, viveremos nossas vidas e então, se ele ainda não tiver me engravidado, passaremos para a próxima fase do nosso relacionamento.

Ter uma família.

Um dia.

Tremo quando ele acorda novamente e me beija embaixo da orelha, e sinto como ele está duro contra minha coxa.

— Isso é uma ereção matinal? — sussurro, tomando cuidado para não acordar Base. Meus olhos se fecham enquanto ele suga a pulsação em meu pescoço, seus dedos cravando em meu quadril, a outra mão se movendo sob minha blusa, traçando minhas costelas.

— Talvez. — Ele está beijando meu pescoço. — Talvez eu precise de você. Eu sempre preciso de você.

— É?

Ele assente com a cabeça contra meu pescoço, arrastando beijos suaves até meu queixo, prendendo meu lábio inferior entre os dentes.

— Eu sempre preciso de você pra caralho — ele suspira, rolando os quadris em mim. Uma sensação de formigamento já está subindo pelas minhas coxas até o meu âmago.

Olho para Base, que ainda está roncando. Kade agarra meu queixo, exigindo minha atenção.

— Ele está dormindo.

Mordisco meu lábio inferior e ele pressiona o polegar para tirá-lo de entre meus dentes. Ele me beija enquanto sua mão desliza até meu pescoço, me segurando lá enquanto sua língua desliza para dentro da minha boca.

Ele se esfrega entre minhas coxas, a parte de baixo do seu pau esfregando contra meu clitóris. Observando-me enquanto me fode a seco, ele mantém a palma da mão onde está e abaixa o peito em direção ao meu, lambendo e chupando meu pescoço enquanto continua se esfregando.

Meus olhos reviram e eu murmuro contra sua palma, implorando por mais enquanto balanço meus quadris para cima para encontrar seu pau — tão duro, tão grosso e longo. Eu o quero por inteiro todos os dias e todas as noites.

Seu olhar se volta para Base mais uma vez antes de ele olhar para mim de novo, observando meus olhos se arregalarem enquanto ele desliza a mão pela

minha lateral, sob meu cós, me fazendo tencionar tão deliciosamente enquanto ele segura minha boceta nua.

— *Minha* — ele diz apenas com os lábios, enfiando um dedo dentro de mim e me fazendo gemer em sua mão. *Toda*. Outro dedo empurra para dentro. *Minha*.

Balanço meus quadris contra sua mão, e seus dedos se curvam para dentro, bombeando perigosamente devagar, me deixando mais molhada e carente. Deslizo a mão entre nós e o agarro por cima do short, acariciando o tecido enquanto seus dedos entram e saem em um ritmo constante e cadenciado.

Kade beija meu pescoço, deslizando a boca pelo meu peito enquanto seus dedos se aprofundam, depois captura o tecido da minha blusa entre os dentes e o arrasta para cima, sobre meu seio. Eu ofego enquanto ele chupa meu mamilo. A cada poucos segundos, ele olha para o amigo adormecido.

Seus dedos me invadem, meus quadris se movem e, por fim, puxo seu short e o meu para baixo, posicionando-o entre as minhas pernas. Com a boca ainda coberta, gemo enquanto Kade enfia a ponta do seu pau na minha entrada, ainda um pouco sensível de todo o sexo que tivemos ultimamente.

Cada centímetro desliza para dentro, e Kade dá atenção ao meu outro mamilo, capturando-o entre os dentes, marcando-me como sua enquanto se aprofunda completamente em minhas profundezas.

— Porra — ele murmura contra meu peito. — Eu nunca vou me acostumar com isso.

Arqueio as costas, levando-o ainda mais fundo.

— Porra — ele suspira novamente, levantando a cabeça e movendo a mão para me beijar. Ele levanta meu joelho até seu quadril e me fode lenta e carinhosamente, certificando-se de que não acordemos…

— É tarde demais para eu sair de fininho?

Grito com as palavras de Base e me encolho quando Kade se afasta, grata pelo edredom nos cobrir enquanto ele empurra o amigo para fora da cama.

CAPÍTULO 49



Stacey

Duas horas depois, quando eu e Kade terminamos o que começamos e tomamos banho, ficamos na entrada da garagem e acenamos para Base e Barry. Este último vai nos ligar quando deixar Base em casa e mandar fotos das meninas assim que chegar em casa.

Tylar e Dez também vão embora, então ficamos só eu, Kade, Ewan, Aria e os cachorros na sala de estar.

Kade e Ewan estão no notebook. Ewan ainda está pensando em como reconstruir a mansão, mas Aria gosta de como esta casa é bem menor. Ela até pergunta a Ewan se ele estaria disposto a vender o terreno e comprar uma casa de três quartos.

— Ah, querido — Aria diz para Kade. — Conseguimos recuperar uma coisa do seu quarto. Acho que talvez estivesse no fundo do seu armário. — Ela corre até uma caixa grande e tira outra menor de metal, bem amassada, mas intacta e que me faz arregalar os olhos. — Está trancada.

A coluna de Kade se endireita enquanto ela a coloca em seu colo.

— Achei que pudesse ser importante.

Kade insere o código, há um bipe fraco e a tampa se abre, revelando um esboço úmido que ele fez de mim quando tínhamos dezoito anos. Ele o levanta, e

posso ver a emoção em seus olhos. Ele não vai querer desmoronar na frente dos pais, mas o alívio está lá enquanto eu acaricio suas costas.

Ele deixa de lado todos os desenhos meus, dos cachorros e de como ele achava que nossa filha seria, e então levanta o vestido de princesa com a mão trêmula.

— Achei que tivesse sido destruído — ele diz baixinho. — Está tudo aqui.

Aria abaixa a cabeça para o ombro de Ewan.

— A filhinha de vocês deve estar orgulhosa — ela fala, e isso me atinge em cheio. — De vocês dois.

O queixo de Kade se contrai enquanto ele segura suas emoções. Seus olhos ficam vermelhos e ele luta contra o som que ameaça escapar de sua garganta antes de assentir e vasculhar o resto da caixa.

Ingressos para o show ao vivo de *O Rei do Show*, nosso primeiro encontro que levou à nossa primeira vez; todos os pequenos objetos que colecionamos; estão todos aqui. E agora temos tempo para preenchê-la com mais memórias.

Kade pega minha mão, entrelaçando os dedos em volta dela, nos conectando.

— Ficaremos aqui por mais alguns dias, como você sugeriu — ele diz para Aria —, depois precisaremos contar a todos que estamos vivos.

O mundo ainda pensa que estamos mortos, e Nora não tentou organizar um funeral para mim nem uma vez. Era a família de Kade que estava cuidando de tudo. Kyle também estava em contato com eles.

Ele sabe que estou aqui, ele volta para casa daqui três dias.

— Tem mais uma coisa que você deveria saber — Aria fala, olhando para Ewan. — Acho que você deveria contar a eles.

Ele suspira e esfrega o rosto.

— Giana está grávida.

Eu e Kade franzimos a testa antes de ele perguntar:

— O quê?

Ewan assente, com os olhos fixos na parede atrás de nós.

— Ela disse que é do Jason, mas não saberemos até fazermos os exames. Ela jura que não havia mais ninguém. Vou usar meu DNA e ver se há compatibilidade.

— Jason sabia?

Ele balança a cabeça em negativa.

— Ela descobriu no dia seguinte ao funeral.

Jason me disse que eles estavam tentando melhorar o relacionamento,

mas eu não fazia ideia de que tinham dormido juntos. Kade aperta minha mão com mais força.

— Quando o bebê vai nascer?

— Em quatro meses — Ewan responde, levantando-se. — Ela não quer que isso se espalhe por causa da loucura que as coisas estão. A última coisa que ela quer é a mídia bombardeando-os.

— Mas nós poderemos fazer parte da vida da criança?

— Claro. Assim que tudo se acalmar, pelo menos.

— Certo — é tudo o que Kade responde. Ele está piscando, seu olho direito tremendo, e eu passo o polegar em sua mão.

Milo e Hopper encostam o focinho na perna de Kade, e ele os acaricia, coçando suas orelhas, depois se vira para me olhar.

— Podemos voltar para a cama?

Assinto com a cabeça.

— Claro — respondo, sabendo que ele precisa apenas deitar, se aconchegar e conversar. — Podemos colocar um filme.

Enquanto subimos as escadas, o celular de Kade vibra em seu bolso. Ele o pega e vê que é Barry.

— Por favor, me diga que você não matou Base e que ele está em segurança no voo?

— *Estamos cercados* — ele diz, e nós dois paramos na escada. — *Eles nos emboscaram a caminho da mansão de Sebastian.* — Podemos ouvir gritos ao fundo, sirenes fracas e Base xingando. — *Estamos no carro. A polícia nos cercou e estão mirando no Sebastian. Posso ver no banco de dados deles agora mesmo. Eles têm mandados de prisão contra você e o Sebastian, e detalhes sobre sua localização. Sugiro que fuja antes que eles venham atrás de você.*

Ficamos paralisados enquanto ouvimos mais gritos — Base mandando a polícia ir se foder — antes de Barry pigarrear.

— *Me desculpa, chefe.*

A ligação é interrompida no momento em que ouvimos uma porta sendo aberta e mais gritos; eles estão recebendo ordens para sair com as mãos atrás da cabeça.

Kade mantém o telefone pressionado contra o ouvido, com os olhos arregalados.

— E a ordem de proteção? — pergunto, em pânico. — Precisamos ir embora.

Aria e Ewan correm para o pé da escada.

— O que está acontecendo? Sebastian está no noticiário. Eles o prenderam ao vivo na TV.

Enquanto corro para o quarto e pego roupas para nós dois, de alguma forma repito tudo para Aria e Ewan. Ela chora e agarra Kade enquanto ele entra no cômodo silenciosamente, mas ainda não fala, está inexpressivo.

Corro de um lado para o outro enquanto Kade pensa. Consigo ver as engrenagens girando em sua cabeça — preciso fazer as malas para ele. Meu coração está na garganta por tudo estar indo tão mal. Precisamos correr, de novo, e nos esconder. Por que isso continua acontecendo conosco?

— E Luciella? — Aria pergunta, mais para si mesma, já que ninguém tem respostas. — Se Sebastian foi preso, como ele vai poder ajudá-la?

— Precisamos encontrar um jeito de entrar em contato com Tobias — Ewan diz. — Qual deles tem telefone?

— Eu… eu não tenho o número dele. Não podíamos arriscar salvar ou tentar contato, vai que rastreavam. Ele iria nos ligar quando precisasse.

Ele vai ver as notícias e fugir. Ele não vai arriscar.

Aria pressiona a mão contra o peito.

— Kade — ela fala, agarrando o rosto do filho para que ele a olhe. Ele ainda está inexpressivo. — Fuja antes que eles cheguem. Por favor — diz, balançando a cabeça de um lado para o outro enquanto soluça. — Isso não pode estar acontecendo.

— Não consigo respirar direito — digo, pressionando a mão contra o peito também, virando-me para Kade, que me observa sem dizer uma palavra. — Não vamos deixar que nos peguem; prometo. Vamos para o esconderijo buscar Lisa e Eva. Podemos ficar lá até… até descobrirmos o que fazer.

Minhas mãos estão tremendo, e eu as cerro em punhos enquanto tento encher os pulmões, com o coração disparado. Aria e Ewan correm para organizar os cachorros para partirem. Não podemos sair sem eles.

Passo por Kade e pego o carregador do celular dele, enfiando-o na bolsa.

— Stacey.

— Você sabe onde eu coloquei meus sapatos?

— Stacey, olha para mim.

Pego as guias dos cachorros.

— Sua mãe e Ewan devem estar procurando por estes. Você pode procurar meus sapatos?

Kade se move na minha frente enquanto tento sair do quarto.

— Pense nisso.

— O que há para pensar? Não temos tempo para conversar sobre isso. Por que você não está se arrumando?

Não espero que ele responda. Alcanço a maçaneta da porta, corro pelo

corredor e entrego as guias para Ewan.

Os cachorros estão latindo, sem entender o pânico enquanto corro de volta para o quarto. Kade está sentado na beira da cama agora. Seus cotovelos estão apoiados nos joelhos, as mãos entrelaçadas, a cabeça baixa.

— Por que você está sentado aí?

Tudo dentro de mim está prestes a se despedaçar quando ele olha para mim, porque sei o que ele está pensando. Ele não vai fazer isso comigo. Ele não vai fazer isso comigo. Ele não pode desistir.

— Não — estalo. — Não diga o que eu acho que você vai dizer. — Pego nossas malas e saio do quarto, aliviada ao ouvir seus passos atrás de mim, me seguindo até a sala de estar. Por um segundo, pensei que Kade fosse…

— Eu não vou fugir.

Viro-me para ele, meu cabelo batendo no meu rosto.

— Do que você está falando? — pergunto em uníssono com Aria. Ele raspa a barba por fazer com os nós dos dedos.

— Se eu não fugir, você também não precisa fugir.

Deixo minha mala cair.

— O quê?

— Você não está encrencada. Se eu ficar e deixar que me prendam, você não precisa se esconder. Vai acabar. Tudo isso vai acabar.

— Não… — Dou um passo em sua direção, examinando seu rosto, ele está sério. — Não faça isso, Kade. Não faça. Eles vão te prender por vários assassinatos. Terei sorte de algum dia te ver de novo como um homem livre.

Movo a boca sem dizer nada, olhando de Ewan para Aria.

— Façam alguma coisa!

Kade balança a cabeça de um lado para o outro.

— Eu não vou fugir — diz a eles. — Qual é o sentido? Não vou fazer isso com a Stacey. Não vou nos obrigar a nos esconder pelo resto da vida. É isso que eu mereço. Eu mereço isso, porra.

Ele anda de um lado para o outro, agarrando o próprio cabelo.

— Merda. Eu não consigo. Eu não consigo continuar fugindo disso. Estava pensando nisso outro dia… que se isso explodisse na minha cara, eu não ia te arrastar junto comigo.

Balanço a cabeça em negativa.

— Não. — Meu rosto se contorce com a dor que sinto. Agarro sua blusa com o punho. — Você não pode me deixar. Por favor, fuja. Só… vamos. Temos tempo para fugir. Podemos correr até o carro, dirigir e nos esconder. — Eu o puxo. — Por favor.

— Ter uma vida normal com você foi tudo o que eu sempre quis, mas

não tenho esse luxo. Não tenho tempo. Tudo o que tenho são as memórias com você, e elas vão me manter firme. Mas você precisa me deixar fazer isso. Você precisa.

Olho para Kade, para a seriedade em seu rosto.

— Por favor — imploro, minha mão livre alcançando sua bochecha, meu maxilar tremendo. — Por favor, não. Você está desistindo. Por favor, não desista. Por favor, Kade. Por favor.

Ewan corre para a janela ao som fraco de sirenes ao longe.

— Merda — ele deixa escapar. — Eles estão chegando.

Meu coração parece estar se partindo em dois. Não tenho tempo suficiente para fazê-lo mudar de ideia. Sou a única implorando para ele correr.

Por que todos desistiram? Por que ninguém mais está gritando para ele sair de casa enquanto pode?

— Não estou desistindo. Estou me rendendo. Não sou inocente, Stacey. Já matei centenas de pessoas. Algumas delas eram inocentes. Estou cansado. Exausto até. Não vou permitir que você arruíne o resto da sua vida por mim. Vou ficar e me render. Aceitarei o castigo. Não vou te arrastar por tudo isso.

Deixo escapar um grito estrangulado, apoiando a cabeça em seu peito.

— Por favor, não me deixe. Por favor, por favor, por favor. Fuja. Por favor. Fuja comigo. Não me importo com a liberdade, contanto que eu esteja com você.

— Você precisa me deixar fazer isso, tudo bem? — Kade beija o topo da minha cabeça, envolvendo-me com os braços. Um último abraço enquanto ele está aqui fora.

Soluço em seu peito. O meu parece que está se partindo. Há uma pressão atrás dos meus olhos e na minha cabeça, e estou tonta.

— Por favor, fuja comigo.

O peito de Kade treme.

— Sinto muito, Stacey. Sinto muito por tudo. Por não ter visto o que estava acontecendo na sua casa, por ter te deixado, por ter demorado tanto para me afastar de Bernadette. Se eu pudesse voltar aos meus dezoito anos, quando era só eu e você, sem preocupações, eu voltaria.

— Não consigo fazer isso sem você. Você é tudo o que eu tenho, Kade. Por favor.

Kade está tremendo contra mim, suas próprias lágrimas percorrendo seu corpo.

— Eu te amo, Stacey. Pra caralho. Eu te amo. E nunca vou parar de te amar.

Fecho os olhos com força, uma dor aguda no coração, minha cabeça já

doendo por causa da pressão.

— Eu também nunca vou parar de te amar.

Eu me afasto para que Aria e Ewan possam abraçar Kade. É um abraço longo, e Kade treme enquanto os dois lhe dizem repetidamente que ele é um bom filho, que vão tentar tirá-lo de lá e que ele tem um coração de ouro.

A raiva me toma quando ouço pneus cantando lá fora, e eu cerro as mãos, virando-me e correndo para fora do quarto, descendo as escadas e abrindo a porta da frente. Não hesito com a quantidade de policiais cercando a casa. Todos eles têm armas e as apontam diretamente para mim enquanto meus passos me levam para o meio do jardim.

Estendo os braços para os lados.

— Como vocês podem fazer isso? — grito. — Como ousam ficar aí apontando armas, sabendo tudo o que ele passou?

— Mãos atrás da cabeça! — grita um deles.

— Ele é inocente! Ele foi forçado a fazer tudo, e todos vocês sabem disso!

Os policiais miram atrás de mim, e eu soluço enquanto Kade me arrasta para atrás dele. Ele me mantém presa enquanto me afasta dos policiais. Aria e Ewan estão na varanda com lágrimas escorrendo pelos rostos.

— Eu te amo — ele diz, sem fôlego por ter corrido atrás de mim. — Eu vou te amar pelo resto da minha vida. Eu te amo mais do que qualquer coisa, mas preciso que você vá para a varanda.

Minha cabeça afunda em suas costas enquanto os policiais gritam para Kade se afastar de mim, levantar as mãos, se ajoelhar e colocar as mãos atrás da cabeça.

— Eu não posso te perder! — grito.

— Me solta e vá ficar com a minha mãe, Stacey — ele exige, com a garganta falhando. — Por favor.

— Não posso te deixar ir.

Os cachorros latem lá dentro, e mais carros aceleram em direção à casa.

— Eu sou seu, e você é minha.

Meu queixo treme.

— Para sempre — eu digo, trêmula. — Eu te amo.

Ele se vira e sorri para mim, e eu consigo ver o quão cansado ele está enquanto enxuga minhas lágrimas com o polegar. Consigo ver os policiais se aproximando pela minha visão periférica.

— Tão linda, mesmo quando você chora, minha Sardentinha. Você é incrível, sabia? Tive sorte de ter você, mesmo que por um curto período de tempo. Não há mais ameaças. Sem Chris, sem Bernadette. Você pode dançar,

cantar e viver.

Mais lágrimas escorrem pelo meu rosto, e não consigo contê-las. É a forte conexão entre nós. O amor. A possessividade do que temos. Pertencemos um ao outro desde os quinze anos, de certa forma. Eu sempre o quis, e agora estou prestes a perdê-lo — o garoto que ficava sentado na beira da piscina, de quem eu roubei um cigarro; a inocência dele enquanto me observava, do mesmo jeito que eu passei anos observando ele. Até aquele primeiro beijo. E o segundo. E todos os que vieram depois. Nos apaixonamos mais do que eu achava ser possível. Nos perdemos. E lutamos. Mas, depois de tantos obstáculos, estávamos tão perto...

— Eu deveria ser sua para sempre — soluço, e é como se o mundo ao nosso redor tivesse desacelerado o suficiente para nos permitir ter esta última conversa. — Você me perguntou na praia na Grécia se eu seria sua para sempre, e eu disse que sim.

Nós teríamos o final feliz que queríamos. Onde eu lhe daria filhos, me casaria com ele, construiria um lar e envelheceria com ele. Eu adormeceria em seus braços em segurança todas as noites e acordaria com seu "*Bom dia, Sardentinha*" e riria do seu "*Você canta tão mal, Sardentinha*".

Os cachorros iriam ficar sentados na varanda, enquanto eu lia e Kade construía uma casa na árvore e instalava um balanço para as crianças. Ele as perseguiria pela grama enquanto seus cabelos escuros balançavam ao vento, suas perninhas mal conseguindo carregá-las para longe de seu pai amoroso.

Nós deveríamos ter tudo.

Kade e eu nos encaramos, abraçados com força, e ele agarra meu rosto e me beija — um beijo dolorido que espero sentir para sempre — antes de ser arremessado para longe de mim.

— Não! — grito, mas não adianta. Estou em menor número, pelo menos vinte, e sou arrastada para fora do caminho por Ewan, enquanto eles se amontoam em cima de Kade como formigas. Um deles o ataca com uma arma de choque, mesmo que ele não esteja reagindo, e eu grito ao ver o cassetete cair em sua cabeça.

Sou contida por três policiais, assim como Aria e Ewan. Eles o estão atacando com seus cassetetes, e vejo sangue espirrando no rosto de um deles. Ewan também é atingido por uma arma de choque, e Aria e eu acabamos presas na grama quando tentamos chegar até Kade.

— Ele não está resistindo! — grito, mas eles não me ouvem.

Um policial chuta Kade na lateral, e sinto o gosto de terra enquanto a mulher que me segura empurra meu rosto ainda mais para dentro da grama.

Através do mar de corpos, noto um policial empurrando o joelho nas

costas de Kade antes de algemá-lo e ler seus direitos.

Quando Kade é puxado para se levantar, ele luta contra os quatro policiais que o seguram, conseguindo se virar e me ver.

— Sai de cima dela! — ele grita, com o rosto ensanguentado. — Tira essas mãos sujas de cima dela!

— Sua vadiazinha — a policial zomba em meu ouvido enquanto Kade desaparece da minha vista.

Não posso fazer nada além de ficar imóvel no chão, estremecendo quando ela puxa minhas mãos para trás e me algema também.

— Stacey Rhodes — diz —, você está presa pelos crimes de sequestro e assassinato de Christopher Fields e Bernadette Sawyer. Você tem o direito de ficar calada, tudo o que disser pode ser usado contra você. Mas saiba que, se não falar sobre algo quando for interrogada e depois usar isso em sua defesa no tribunal, pode se prejudicar.

CAPÍTULO 50



Kade

O relógio na parede não funciona. Estou olhando para ele há horas, pelo que parece, e os ponteiros não se movem. Não há tique-taque. Qual é o sentido de tê-lo pendurado bem na minha frente? Me fazer enlouquecer?

Inclino a cabeça, e a leve mudança de posição do meu corpo faz as algemas roçarem no meu pulso. Elas estão muito mais apertadas do que precisam. Mas acho que, quando você está sendo acusado de vários assassinatos, sequestros e qualquer outra coisa com que estejam me acusando, manter minhas mãos e tornozelos presos é uma jogada inteligente.

O cinto em volta da minha cintura também conecta uma corrente às minhas algemas.

Eles me trouxeram para esta sala todos os dias na última semana. Me questionando sobre tudo, me pedindo para repetir o que revelei na transmissão ao vivo enquanto matava Archie Sawyer. Eles colocaram mais de cem fotos na minha frente e perguntaram se sou responsável pelo desaparecimento das pessoas que mostram.

Quer dizer, eu sou, mas não vou dizer nada a eles.

Nem meu direito a ligação foi me dado — estou vestindo macacão de presidiário porque não me deram as roupas que sei que minha mãe deve ter

tentado entregar. A essa altura, Stacey provavelmente também já deve ter ido até a recepção exigir informações, mas, até onde eu sei, silêncio total.

Dói pra caramba pensar em não ver Milo e Hopper de novo. Claro, todos os outros poderão me visitar e eu poderei falar com eles ao telefone, mas ver meus cachorros de novo? Sem chance.

O babaca que apareceu na mansão meses atrás com a chefe dele pra me oferecer uma ordem de proteção entra na sala. Ele é o chefe da investigação dessa vez — e me odeia com todas as forças. Talvez ameaçar ele toda vez que ele abra a boca pra falar comigo não tenha sido uma ideia muito inteligente… mas, sinceramente, não me importo mais. Só quero falar com a minha garota, ter certeza de que a Luciella está bem e que meu pai não foi pego. O resto que se dane.

— Então — começa o otário, jogando uma pasta em cima da mesa de metal entre nós. —, Stacey Rhodes.

Endireito a coluna na mesma hora.

— O que tem ela?

— Um tempo atrás ela apareceu aqui na delegacia, toda arrebentada. Tinha usado droga e dizia que o irmão postiço tinha batido nela e matado alguém. Por acaso — ele diz, como quem não quer nada —, eu sou irmão mais velho da ex-namorada dele, então conhecia bem o rostinho dela. Não tinha prova nenhuma desse ataque. Ele veio buscá-la, e eu até sugeri que ela fizesse terapia… ou que fosse internada.

Sinto meus dentes rangerem enquanto espero ele continuar.

Ele esfrega a mão no rosto.

— Eu não sabia que ela estava dizendo a verdade. Três semanas atrás, encontramos os restos mortais de um homem no local onde ela disse ter sido atacada. A perícia confirmou que ele morreu na época em que ela tentou denunciar.

— Stacey veio até você em busca de ajuda e você a jogou de volta para os braços do agressor?

— Esse é um erro que nunca vou me perdoar. Stacey é uma vítima. Tem um vídeo dela sendo abusada sexualmente que você certamente conhece. Todos os agressores dela estão mortos ou desaparecidos.

Meu lábio se contrai.

— Que pena.

— Stacey perdeu a mãe quando era jovem. Ela também perdeu o pai pouco depois de perder a filha que ainda não havia nascido. Parece que tudo o que ela teve desde então foi dor e sofrimento. Ela merece uma boa chance na vida, não é?

Estreito os olhos.

— Onde você quer chegar?

Ele inclina a cabeça.

— Você não sabe?

— Sei do quê?

— Stacey Rhodes está sendo acusada pelo assassinato de Christopher Fields e do desaparecimento e sequestro de Bernadette Sawyer.

Não respiro, nem pisco, nem mesmo me movo enquanto o encaro.

— O que foi que você acabou de dizer?

— Sebastian Prince foi acusado dos mesmos crimes — diz, cruzando os braços. — Barry Lennox está sendo acusado de sequestro e cúmplice de assassinato.

— Eles não fizeram nada.

— Eu estava esperando que você dissesse isso — responde, sorrindo. — Você sabia que está enfrentando pelo menos dezesseis penas de prisão perpétua? Você nunca mais verá a luz do dia.

— Estou ciente disso, seu cuzão.

Ele bufa e balança a cabeça em negação.

— Você é igualzinho ao seu pai.

Levanto uma sobrancelha — ele está quase levando um soco na cara, a menos que vá direto ao ponto.

— Estamos dispostos a lhe oferecer um acordo.

— Claro que estão.

— Conte-nos o que aconteceu com Christopher Fields e Bernadette Sawyer, e retiraremos as acusações dos seus três amigos. — Ele abre a pasta entre nós. — Também podemos apagar todos esses nomes. Diga-nos o que queremos saber e podemos reduzir todas as suas sentenças para dez anos.

Solto uma risada.

— Vocês são todos corruptos pra caralho. Ainda há algum policial de verdade?

— Você também nos dará os nomes que deixou de fora no seu depoimento original. Sabemos que há detetives na Scotland Yard e no Departamento de Polícia de Nova York com forte envolvimento no submundo. Esses nomes, além da admissão do que aconteceu com Christopher e Bernadette, e seus amigos e namorada, estarão em liberdade.

— E eu cumprirei dez anos?

— Faremos o que pudermos para chegar o mais perto possível de dez. Esta é a única oferta que faremos, Sr. Mitchell. Sabemos da sua situação e de como o senhor foi chantageado e coagido a cometer seus crimes. O senhor

também pode alegar insanidade, como seu pai fez, mas recomendo que aceite este acordo.

Engulo em seco e olho para a pasta, meus olhos grudados na foto de Stacey. Ela está chorando e tem um hematoma na bochecha.

— Tenho mais uma condição — digo, olhando feio para ele.

— Tudo bem. O que você quer?



Assim que a porta se abre, três horas depois, meu coração acelera, mas a corrente presa à mesa me impede de me levantar enquanto Stacey entra, algemada, vestindo um macacão de presidiária que combina com o meu.

— Stacey — o nome dela sai dos meus lábios.

Seu queixo treme, e ela se sacode levemente — minha garota está tentando se controlar.

O policial idiota destrava as algemas do meu cinto de couro.

— Você tem três minutos. Kyle Fields está esperando por ela no escritório.

Seu bom irmão... é melhor que ele cuide dela enquanto estou aqui.

A porta se fecha e eu vou até ela, segurando seu rosto em minhas mãos e acariciando o hematoma em sua bochecha.

— Você está bem?

— O que você fez? — ela pergunta, com a voz embargada enquanto seu rosto se contorce. Ela pressiona lentamente a testa no meu peito enquanto eu apenas a encaro. — Me diga o que você fez.

Minhas mãos contidas se levantam para acariciar seus cabelos.

— Você é tudo para mim, sabia disso? — Pego seu rosto e inclino seu queixo, beijando-a nos lábios. — Tudo.

— O que você fez?

Dou de ombros.

— Você não deveria estar aqui.

— Nem você. — Sua cabeça cai novamente, e ela agarra o tecido contra minha pele. — Me diz o que você fez.

Não posso abraçá-la porque as algemas estão presas ao cinto, então tudo o que posso fazer é segurar as laterais do seu pescoço, acariciando seus pontos de pulsação com meus polegares.

— Aceitei um acordo para tirar você, Base e Barry daqui.

Seu corpo treme enquanto ela soluça em meu peito.

— Que tipo de acordo?

— Eles vão tentar reduzir minha sentença para dez anos. Duvido que façam isso, já que estou enfrentando dezesseis sentenças de prisão perpétua, mas meu principal motivo para dizer sim foi para tirar todos vocês daqui. Nenhum de vocês deveria estar aqui.

Ela balança a cabeça em negação.

— Não.

— Sim. — Eu me afasto. — Não temos tempo para discutir isso. Já está feito. Você vai me beijar, depois vai para o seu irmão e vai viver a sua vida. Vai dançar. Vai dormir ao lado dos cachorros todas as noites e estar lá para a minha irmã e para o meu sobrinho ou sobrinha. Você vai viver, Stacey. Viver por mim, caralho.

— Eu não consigo viver sem você.

— Eu te amo. Estou tão orgulhoso de você — digo, com os olhos ardendo enquanto a seguro contra mim. — Tão, tão orgulhoso.

— Eu também te amo — ela diz roucamente. — Por favor, não me faça fazer isso sem você. Por favor, Kade.

— Você precisa. Não ouse desperdiçar os próximos dez anos esperando por mim. Como eu disse, é improvável que eles sequer reduzam esse tempo.

— Mas eu sou sua — sua voz é tão baixa, como um sussurro, lindo e sereno enquanto ela puxa a cabeça para trás para olhar para mim.

— E eu sou seu. — Pressiono meus lábios nos dela e passo o polegar em seu queixo. — Só… me prometa que não vai parar sua vida por mim?

Ela sorri em meio às lágrimas.

— Kade Mitchell — Stacey diz, ficando na ponta dos pés e me beijando novamente. — Você não entende? Você é a minha vida.

— Você também é a minha vida — minha voz falha.

A porta se abre mais uma vez e meu coração se afunda. Ela não luta enquanto o policial a puxa para longe.

— Vou esperar por você — ela me diz. — Eu esperaria para sempre por você.

Assinto com a cabeça e deixo a primeira lágrima cair.

— Para sempre, Sardentinha.

EPÍLOGO



Stacey

Cinco anos depois

Uma das coisas que mais tenho ranço é esperar.

Esperar Tobias me ligar para dizer como está.

Esperar Kyle criar coragem pra pedir a namorada em casamento depois de três anos enchendo a bola dele — ele está nervoso, mas, considerando que ela é completamente apaixonada por ele e já planejou todo o futuro dos dois, é óbvio que ela não vai dizer não.

Esperar os pais de Tylar assinarem a venda do estúdio e finalizarem os documentos — que se tornará a Academia de Dança Rhodes Para Crianças e Adultos.

Esperar Aria e Ewan me dizerem que finalmente podemos conhecer o Jason Junior — Giana não o deixou se envolver com a família até agora, considerando o quão louca a atenção da mídia continua sendo.

Esperar Kade entrar por aquela porta para a nossa última visita conjugal — o relógio marca que ele está dois minutos atrasado, e ele nunca se atrasa. Isso me deixa nervosa enquanto bato os dedos na mesinha sobre a qual já me curvei tantas vezes que perdi as contas.

Me recosto na cadeira e olho ao redor do quarto. É quase idêntico àquele

em que Tobias costumava me receber para visitá-lo. Há uma cama, uma estante, uma mesa e duas cadeiras, e uma caixa cheia de jogos de tabuleiro.

Nos ofereceram um quarto familiar, mas como não temos filhos, aceitamos este — uma circunstância especial, como tudo o mais quando se trata dos Mitchells e das autoridades.

Ouço um bipe que chama minha atenção para a porta, minha testa franzida se transformando em um sorriso largo quando ela se abre e Kade entra. Meu namorado está tão bonito quanto sempre, seu cabelo é uma bagunça preta na cabeça, e os olhos continuam aquele azul lindo que me fisgou anos atrás. As bochechas ficam vermelhas quando ele me vê, e eu reparo na cicatriz meio apagada e nos músculos que ele vem ganhando todo dia.

Sou a garota mais sortuda do mundo.

Ele tenta conter o sorriso safado enquanto o guarda tira suas algemas e lhe faz o discurso de sempre antes de fechar a porta.

Kade mal consegue se equilibrar quando me jogo em seus braços e colo minha boca na dele. Suas costas batem na parede, suas mãos me segurando contra ele enquanto eu o envolvo com minhas pernas, devorando sua boca como se não o tivesse visto há dois dias.

Ele nos gira, me pressiona contra a parede e beija meu maxilar, agarrando meu lóbulo da orelha entre os dentes antes de deixar sua boca percorrer meu pescoço e deslizar meu vestido pelo meu corpo até envolvê-lo na minha cintura.

— Desculpa o atraso — ele diz rasgando minha calcinha e a deixando cair no chão enquanto eu me atrapalho com o cordão da sua calça e a puxo para baixo para liberar seu pau.

Nós dois ofegamos enquanto ele me penetra profundamente. Não é lento, doce ou cuidadoso — é duro, rápido e alucinante enquanto ele me fode contra a parede.

Não usamos proteção. Algumas vezes fomos descuidados, duas vezes a camisinha estourou, depois, por quatro semanas seguidas, não usamos nada e mesmo assim, não fiquei gravida. Não usamos nenhuma forma anticonceptiva há meses.

Todos os testes que fiz deram negativo.

— Você é minha — Kade rosna, metendo mais fundo até minhas costas baterem na parede a cada estocada. — Desde que nos conhecemos na casa da piscina aos quinze anos, você é minha.

Sorrio contra sua boca.

— Eu estava procurando por você — admito, enganchando meus calcanhares na parte de trás de suas coxas para puxá-lo mais para dentro. — Eu

sabia que Luciella tinha um irmão gêmeo. — Cravo meus dentes em seu lábio inferior. — Fiquei intrigada e queria te conhecer.

Seu pau incha dentro de mim enquanto minhas paredes internas se apertam em torno de sua espessura, minha espinha formigando e enviando ondas de calor entre minhas coxas. Tão perto. Estou tão, tão perto.

— Eu te vi da minha sacada — ele me diz, chupando minha língua e engolindo meus suspiros. — Agora você é completamente minha.

Deixo escapar um gemido quando ele me atinge em algum lugar profundo, doce e eufórico, acendendo um fogo dentro de mim que faz meu orgasmo me atingir com tanta força que quase desmaio em seus braços. Ele me fode durante todo o ato, me dizendo o quão linda e perfeita eu sou, o quão encharcada e apertada estou, como sou dele e sempre serei.

Kade recua para se sentar na cadeira, eu montada em suas coxas, seu pau ainda enterrado profundamente. Ele puxa meu vestido para cima e por cima da minha cabeça, abrindo meu sutiã para que possa se deliciar com meus mamilos enquanto eu aperto seus cabelos e continuo o cavalgando.

As mãos de Kade percorrem meu corpo enquanto eu me movo, e sua boca deixa rastros molhados, beijando dos meus seios até meu pescoço, fazendo minha cabeça cair para trás em um gemido.

— Tão linda — ele murmura contra minha pele. — Tão linda e minha.

Sentindo seu pau me preencher a cada movimento dos meus quadris, fico ainda mais tensa em volta dele, agarrando seu ombro com uma das mãos e apertando seus cabelos com mais força.

— Sua — suspiro bruscamente.

Esse tipo de visita acaba rápido, então aproveitamos ao máximo. Geralmente não há conversa, a menos que ele sussurre coisas obscenas no meu ouvido enquanto me faz explodir. Quando não estamos aqui, estamos sentados à mesa com outros vinte detentos, todos ouvindo as conversas uns dos outros e odiando a vida.

Kade geralmente fica em silêncio e apenas ouve como tem sido a vida de todos desde a última visita. A mãe dele e o Ewan não param de conversar a hora toda. Dez aparece pessoalmente, e Base, se conseguir sair do castelo dele na Rússia. Ele contou pro Kade que esses sessenta minutos falando com ele são a única hora que sente que ainda está vivo.

Kade deveria receber dezesseis sentenças de prisão perpétua, mas os policiais disseram a ele que, se assumisse a culpa e contasse o que tinha acontecido com Chris e Bernadette, eles libertariam a mim, Barry e Base, e reduziriam sua sentença para dez anos.

Eles mentiram. Ele recebeu duas sentenças de prisão perpétua sem

esperança de ser um homem livre novamente. Mas eu me recusei a deixar isso acontecer, então Aria e eu começamos a trabalhar imediatamente em seu recurso.

Depois de cinco recursos e um debate mundial sobre a sentença dele, conseguimos reduzir de duas penas de prisão perpétua para cinquenta anos. Depois Aria contratou um novo advogado, mas o recurso seguinte não deu certo, e o outro também não, até que um cara da Austrália, com cabelo grisalho, veio aqui e ganhou o próximo.

Conseguimos reduzir para dez anos.

Eu estava feliz em esperar, teria esperado até meu último suspiro por Kade. Mas isso foi até que as petições começaram a ganhar mais atenção e multidões começaram a ficar do lado de fora da prisão e do tribunal, gritando pela libertação de Kade. As redes sociais explodiram quando surgiram ainda mais imagens, provando que Kade havia sido forçado e chantageado a cometer todos os assassinatos.

Em um vídeo, ele estava sendo forçado a estrangular um homem e tudo o que podíamos ouvir era ele repetidamente dizendo à vítima que sentia muito. Testemunhas se apresentaram dizendo que ele as havia salvado quando suas casas foram invadidas pela equipe de Bernadette — tantas, tantas testemunhas — e o próximo recurso bombou na internet.

Por fim, quando sua sentença foi reduzida pela última vez, aceitamos que era hora de parar de lutar. Kade estava pronto para parar de lutar assim que lhe disseram que nunca mais seria livre, mas o mundo se recusou a deixá-lo morrer na prisão. Todos se mobilizaram por Kade, e agora eu posso ficar do lado de fora da prisão na próxima semana e correr para os braços dele. Posso ter Kade só para mim — sem amarras, chantagem ou preocupação com o que vai acontecer a seguir.

Podemos ser felizes.

— Porra — ele desabafa. — Sete minutos.

Eu me inclino para trás, esfregando-me contra seu pau enquanto sorrio para ele.

— Isso não te impediu da última vez. Você jogou uma cadeira no guarda enquanto ainda estava dentro de mim.

— Nunca mais. — Kade aperta meus quadris com mais força. — Não quero que ninguém me veja transando com você. — Ele desliza a mão pelo meu peito e agarra meu pescoço, usando o aperto para me controlar enquanto corta meu ar. — Quero sentir sua boceta estrangulando meu pau enquanto seus olhos reviram nesse seu rostinho lindo.

— Acho que vou morrer se gozar de novo — ofego.

Ele me puxa pelo pescoço e me beija.

— Então acho que nós dois vamos morrer. Porque não há vida para mim sem você.

Desmoronamos juntos — palavras sussurradas de carinho e amor, beijos na testa e no ombro. Fico montada nele, tentando recuperar o fôlego, o suor grudando na nossa pele enquanto a mão dele desliza pelas minhas costas, dedos traçando cada vértebra.

— Você está preocupada? — ele pergunta, seus dedos ainda brincando na minha coluna.

— Com o quê?

— Isso aqui virou rotina. E se eu não me encaixar na sua vida fora daqui?

— Você se encaixa em todos os aspectos da minha vida, Kade. Isso não é rotina, isso somos nós esperando pela sua liberdade.

Ele respira fundo.

— Estou nervoso. E se eu não me adaptar? Fiz toda a minha terapia aqui dentro. Trabalhei em tudo. E se eu sair e as convulsões e os apagões começarem de novo?

Balançando a cabeça de um lado para o outro, o abraço e pressiono minha testa na dele.

— Então, vamos trabalhar nisso como fizemos aqui dentro. Juntos.

Kade pisca para mim, enrolando uma mecha de cabelo atrás da minha orelha.

— Sempre lutando por mim. Preciso sair daqui e garantir que todos saibam que você é minha.

— O mundo inteiro sabe que sou sua — digo, revirando os olhos.

— Ainda assim, eu gostaria de reivindicar minha garota lá fora.

Coro e me levanto, pegando meu sutiã e vestido do chão e enfiando minha calcinha rasgada na bolsa.

— Você ainda pode me chamar de sua garota, mesmo eu tendo quase trinta anos agora?

— Você sempre será minha garota.

Sorrio e me sento na mesa à sua frente, apoiando as palmas das mãos atrás do corpo. Suas mãos deslizam pelas minhas coxas, apertando de leve os músculos. Eu continuo dançando e dando aulas. Luciella voltou da Rússia há dois anos, e desde então, tenho passado muito tempo com ela e as gêmeas. Tive que contratar mais instrutores no estúdio para ter mais tempo para ajudar ela.

A porta apita atrás de mim e eu suspiro.

Kade ignora o guarda e se levanta, se movendo entre as minhas pernas para levantar meu queixo e me beijar.

— Te vejo lá fora, Sardentinha.



Nunca planejamos que a mídia estivesse aqui. Também nunca planejamos que o mundo inteiro esperasse pacientemente nos portões da prisão. Multidões e mais multidões, estações de notícias instaladas, pessoas com cartazes e cornetas, todos nos dando espaço na frente da multidão enquanto esperamos.

E esperamos, e esperamos, e esperamos.

Meus braços estão doendo de carregar Eden, e Anastasia está segurando a mão de Luciella. As gêmeas Prince foram instruídas a não tentar falar com o pai em público — é uma necessidade triste para mantê-las seguras.

Luciella não deixa seus olhos se desviarem para o pai de suas meninas enquanto ele fica lá, de pé, com todos os seus guarda-costas. Sua esposa está à sua direita, seu guarda-costas principal atrás dela, e ela continua olhando para mim.

Um “olá” silencioso.

— Posso, por favor, ir ver o papai? — Eden pergunta, e eu ajeito ela no colo, quase com cinco anos, enquanto explico que sinto muito, mas que ela só pode ver o papai quando ele estiver sozinho.

Anastasia é a bem-comportada. Ela permanece com a expressão fria de sempre. Mesmo quando Base consegue escapar de seus deveres na máfia, ela não dá muita atenção ao pai ausente.

Não é culpa dele. Se os russos descobrirem que as gêmeas são dele, eles vão matá-las e também a Luciella.

Essa é definitivamente uma história para outro dia.

Olho por cima do ombro, meu olhar encontrando o de Gianna enquanto um garotinho da mesma idade das gêmeas agarra sua perna. Não é difícil perceber que ele é filho de Jason. Jason Junior. Ele é o sósia do pai.

Ela me dá um sorriso forçado antes de olhar para as câmeras e puxar o capuz de Jason Junior. O fato de ela estar aqui é o primeiro passo.

A multidão começa a gritar, e minha cabeça se vira bruscamente para o portão principal enquanto um grupo de guardas sai pelas portas duplas, todos aglomerados em torno de uma pessoa, mais alta do que a maioria, com o cabelo preto bagunçado enquanto passa a mão por ele.

Coloco Eden de pé, e Lu segura sua mão. Aria está chorando, porque ela sempre chora; Ewan está ao lado dela, com o cabelo grisalho balançando ao

vento; e do outro lado, de boné, capuz levantado, óculos e barba curta para esconder sua identidade, Tobias espera pelo filho.

O portão se abre e todos permanecem parados enquanto corro. Nem preciso pensar nisso; meus pés me levam direto para Kade, e ele me segura em seus braços enquanto todos aplaudem. Minhas pernas o envolvem enquanto ele continua andando, para cada vez mais longe de sua jaula, minha cabeça enterrada em seu ombro.

Soluço em seu colo, e ele não me solta, com a mão na minha nuca, o peito tremendo.

— Você esperou por mim — ele diz contra meu ouvido, beijando minha têmpora. — Espero que esteja pronta para o resto de nossas vidas, Sardentinha.

— Tio Kade! — as gêmeas gritam e ele me coloca no chão pouco antes delas colidirem com ele.



Kade

Dois anos depois

— Me passa a chave de fenda.

Roman Tobias Michell, meu filho de dezoito meses, encara o avô enquanto ele segura o manual de instruções no qual acabou de derramar suco. Ele joga os papéis no meu pai e sai correndo, rindo, enquanto Milo o segue pela rua.

Eu rio e balanço a cabeça de um lado para o outro enquanto meu pai franze a testa para a nuca do meu filho.

— Eu já te disse: você precisa parar de deixar o Roman chegar perto dos filhos de Barry.

— Ele tem um ano e tem você na palma da mão — retruquei.

Ele apenas resmunga, porque sabe que estou certo. Barry e Dez estão ajudando Ewan com o reboco da casa que construí para mim, Stacey e nosso filho, enquanto meu pai e eu construímos uma casa na árvore para todas as crianças brincarem.

Stacey tem quase cinquenta quadros com meus desenhos esperando pra serem pendurados. Assim que consegui colocar minha cabeça no lugar, comprei um caderno novo e desenhei até minha mão doer. Meu terapeuta está orgulhoso de mim. Ele me incentiva a seguir nesse caminho; o caminho de aceitar quem eu

sou, meu passado e meu presente, pra então conquistar meu futuro.

E, cara, meu futuro está parecendo muito bom.

Quem diria que Kade Mitchell teria uma chance de ser feliz? Ainda estou entendendo tudo isso.

Hopper, infelizmente, faleceu há seis meses. Seu coração simplesmente parou durante o sono, e Milo não foi o mesmo desde então. Porra, acho que eu e Stacey não fomos os mesmos desde então. Se não fosse por Roman, acho que Milo teria morrido de coração partido no mesmo dia. Ele é velho, acho que não lhe resta muito tempo, então aproveitamos ao máximo o tempo que temos com ele.

Ele é o melhor amigo do meu filho.

Descobrimos uma semana depois que fui solto que Stacey estava grávida — ela vomitou muito, dormiu muito e precisou muito do meu pau, e eu, sendo o parceiro amoroso que sou, dei cada centímetro a ela.

Nos casamos há um ano. Não queríamos nada grande e sofisticado — minha família e Kyle se encontraram na Grécia e nos casamos na mesma praia onde eu disse a ela que estava apaixonado. Base carregou Roman até o altar com as alianças. As gêmeas foram nossas daminhas, e Barry, Dez e Base foram meus padrinhos, enquanto Tylar e Luciella ficaram ao lado de Stacey.

Ela sempre foi linda, mas vendo-a caminhando em minha direção de mão dada com meu pai, um sorriso radiante no rosto, a mãe do meu filho e meu futuro todinho, eu soube que tinha vencido na vida.

Eu queria que meu sobrinho estivesse lá, mas Gianna continua sendo rígida. Eu só encontrei o Jason Junior pessoalmente três vezes. Três. E uma dessas foi por acaso. Eu e a Stacey esbarramos com eles no shopping, e deu pra ver que ela ficou desconfortável enquanto eu cumprimentava o filho do meu irmão e tentava não desmoronar.

Ele estava nervoso, e eu não queria que ele ficasse nervoso, então marcamos uma chamada de vídeo com eles alguns dias depois. E desde então, ele sempre me liga. E o que torna tudo ainda melhor é que ele é igualzinho ao pai. A parte que faltava de mim que foi roubada, só que em miniatura.

Farei de tudo para proteger aquele garoto, mesmo que nossos encontros continuem virtuais até que a mãe dele se sinta confortável o suficiente para que ele faça parte da minha vida por completo. Tudo ainda é muito caótico. Recuso todas as entrevistas, ameaço bater em quem tenta nos parar na rua e faz perguntas grosseiras para Stacey, e a experiência nas redes sociais tem sido intensa.

Hoje em dia, não mexo mais nas minhas redes sociais. Nunca.

Stacey usa sua plataforma para caridade e para seus estúdios. Eles

sempre fazem shows nos teatros, e minha garota até fez uma apresentação com dança de fogo antes de descobrirmos que ela estava grávida do nosso segundo filho.

Jogo a chave de fenda para o meu pai e ficamos observando Milo e Roman brincarem na grama à nossa frente. Ele mal começou a andar, mas só sabe correr. Isso quase me dá um ataque cardíaco na maioria das vezes.

Ele tem os olhos da Stacey. Dois verdadeiros bosques verdes que me olham toda noite enquanto leio sua historinha antes de dormir e ele apaga no meu peito. O cabelo é preto igual ao meu, e ele é apaixonado pela minha moto, mesmo levando um susto toda vez que a ligo.

— As gêmeas estavam brigando para ver quem seguraria minha mão de novo ontem — meu pai diz. — Por algum motivo, elas parecem esquecer que eu tenho duas mãos.

Ele ainda está morto para o mundo — embora, pra ser honesto, acho que, como ele quase não se esconde mais, eles já sabem e simplesmente o deixam quieto. Ele e a minha mãe chegaram a um entendimento quando as gêmeas nasceram. Ele ainda flerta com ela, e ela continua revirando os olhos, mas hoje eles são mais amigos do que qualquer outra coisa. Talvez, enfim, tenham crescido e parado de achar que era perfeitamente aceitável ficarem se pegando por aí enquanto ela é casada.

Mas, pensando bem, eles ainda se amam, então quem sabe.

— Quando Desmond e Tylar partem?

— Mês que vem — respondo. — Eles viajam o mundo mais do que qualquer pessoa que eu conheço.

— Eu ficaria entediado.

Dou risada, pegando Roman enquanto ele passa por mim. Meu filho ri quando faço cócegas nele e o jogo para o alto do jeito que faz a Stacey quase ter um treco.

— Acho que esse daqui está precisando trocar a fralda. — Cheiro-o e arqueio o pescoço. — É. Vovô, é a sua vez.

Meu pai limpa as mãos, pega Roman no colo e começa a falar com ele naquele tom de voz de quem fala com bebê enquanto volta pra casa.

O toque do meu telefone rouba minha atenção, e vejo que é Luciella.

— Alô? — atendo.

— *Não surta* — ela diz, e eu me levanto rapidamente. — *Mas a bolsa da Stacey estourou lá no estúdio, faz tipo uns dois minutos, e ela falou que as contrações já começaram.*

Porra. Ela só deveria dar à luz no mês que vem.

— Stacey está em trabalho de parto! — grito pro meu pai antes que ele

desapareça pela porta da frente, enquanto passo correndo pela varanda. Ewan e Dez aparecem e desejam boa sorte para mim e para Stacey, mas eu já estou no carro, numa mistura de pânico, empolgação e medo, lembrando de como a Stacey ficou exausta quando o Roman nasceu — ela ficou quase dois dias em trabalho de parto e gritou tanto que a garganta ficou destruída.

Já estou no volante, dando ré na garagem, quando pergunto:

— Onde vocês estão?

— *Estou levando ela pro hospital agora* — responde. No fundo, dá pra ouvir um gemido longo. — *Isso, calma, respira… É, ela tá tendo contrações mesmo, Kade. Por favor, vem logo. Eu já tô quase chegando.*

Desligo o telefone, mando a lei ir se foder enquanto acelero. Fiz questão de morar perto de tudo que precisamos. Meus pais estão a duas ruas daqui, na casa nova deles, bem menor que a mansão. Comprei o terreno e comecei a cuidar dele assim que descobrimos que a Stacey estava grávida do Roman.

Levo quinze minutos para chegar ao hospital e desvio de várias pessoas enquanto corro pela maternidade, limpando as mãos na calça jeans. Abro a porta da escada e subo de dois em dois degraus até chegar ao andar que preciso.

— Stacey Mitchell — digo, sem fôlego. — Onde ela está?

— Sala de parto cinco. O senhor é o pai?

— Sim — respondo e procuro pelo quarto.

Abro a porta e vejo Stacey na beirada da cama com as mãos na lombar enquanto faz seus exercícios de respiração. Ela vira a cabeça na minha direção e solta um suspiro de alívio.

— Você conseguiu.

Em um segundo, estou ao lado dela, segurando suas mãos.

— Como está se sentindo?

— Como se meu corpo estivesse se partindo por dentro.

Afasto uma mecha de cabelo do rosto dela.

— Você consegue fazer isso.

Stacey faz uma careta durante uma contração e abaixa a cabeça no meu ombro, seguida de um gemido.

— Elas estão vindo mais rápido do que com o Roman — ela grita. — Meu Deus. Dói.

Luciella se levanta da cadeira.

— Vou indo — diz. — Você consegue, Stacey. — Então seus olhos pousam em mim. — Talvez ela quebre sua mão desta vez.

Dou uma risada quando minha irmã gêmea sai do quarto. A parteira conversa com Stacey e preenche formulários. Então, elas me dão óleos para passar na parte inferior das costas dela enquanto as contrações ficam mais fortes,

até que ela grita de agonia e se agarra a mim com força.

Eu queria poder tirar essa dor dela, odeio ver minha garota sofrendo. Stacey está chorando e gritando conforme as contrações se aproximam, até que ela diz à parteira que precisa se deitar na cama.

Colocamos ela deitada, e meu coração dispara enquanto continuam verificando os batimentos cardíacos do nosso bebê e a dilatação da Stacey.

— Se você tiver vontade de fazer força, faça. Como da última vez.

Stacey cerra os dentes quando vem mais uma contração, e eu fico ao lado da cama enquanto ela aperta minha mão. Beijo sua testa, seu rosto, e fico dizendo o quanto ela tá indo bem, o quanto ela é forte pra caramba, e ela começa a empurrar.

Meus dedos estão quase quebrando, mas vou deixar meus ossos se estilhaçarem com prazer; isso será minúsculo comparado ao que ela está passando agora.

— Eu consigo ver a cabeça! — a parteira diz, animada, mas não ouso me abaixar e olhar, lembrando que Stacey quase me estrangulou por tentar com o Roman. Fico parado, beijando-a mais, limpando sua testa e rangendo os dentes enquanto ela aperta mais.

— Agora um empurrão bem forte.

O corpo de Stacey fica tenso enquanto ela prende a respiração e faz força como nunca antes, e acho que vou desmaiar.

— Ok, agora os ombros. Mais um, querida.

Stacey faz força novamente, com o rosto vermelho e encharcado de suor, o cabelo grudado na testa enquanto o coloco atrás das orelhas.

Então, ouço o choro do nosso segundo filho, e meu coração se aperta um pouco quando a parteira coloca o bebê no colo de Stacey.

— Uma linda menininha — ela diz. — Com muito cabelo — acrescenta com um sorriso enorme.

Stacey tem lágrimas nos olhos, e eu também, enquanto paparicamos nossa filha. Outra filha. Nossa anjinha da guarda está cuidando de nós, protegendo seus irmãos. Roman, e agora uma menina de cabelo escuro que está envolvendo meu dedo com a mãozinha, e eu me derreto em uma poça enquanto beijo Stacey.

— Obrigado — digo a ela. — Você foi incrível.

Stacey sorri enquanto a enfermeira cuida dela, com as bochechas molhadas, como se toda a dor que sentiu desaparecesse ao olhar nossa filha em seus braços.

O lábio inferior dela treme, e eu sei que está pensando na menininha que perdemos.

— Eu te amo — digo a ela. — Estou tão orgulhoso de você. Obrigada por ter me dado tudo o que eu sempre quis. Você. Um filho. Uma filha. Uma vida ao seu lado.

— Eu também te amo — ela responde, com a voz embargada.

— Vocês já escolheram um nome? — uma das enfermeiras pergunta enquanto traz a balança para bebês e o aparelho de monitoração.

— Daisy Mitchell — Stacey anuncia, fungando e beijando sua cabecinha, olhando para mim. — Ela é a nossa Daisy Mitchell.



Kade

Quatro anos depois

Roman está à minha direita, Jason Jr. à minha esquerda enquanto as luzes do teatro se apagam — cortinas de veludo vermelho sobem, revelando todos os pequenos dançarinos se preparando para sua rotina enquanto *From Now On* de *O Rei do Show* começa, e meus olhos já estão lacrimejando.

Daisy, Eden e Anastasia estão entre as dançarinas, e Stacey está ajoelhada ao lado, guiando-as em seus passos. Base está gravando, Luciella já está chorando e nossos pais estão atrás de nós assistindo também.

Lembro-me da primeira vez que assisti ao filme com Stacey. Acho que a obsessão dela por ele combinou com a minha, e eu soube naquele momento que queria passar o resto da minha vida com ela. E estou. Estamos na casa dos trinta agora, com dois filhos, morando na casa que prometi construir, e Jason Jr. até vem nos visitar de vez em quando.

Meus desenhos estão espalhados pelas paredes. Os cachorros que tivemos, Milo e Hopper, têm um retrato em cima da lareira. E bem do lado tem um retrato da nossa família que eu mesmo fiz.

Eu ainda levo a Stacey pra sair, e ela ainda fica toda sem graça quando falo coisas fofas pra ela. E ela também adora me arrastar pra cama quando as crianças estão dormindo, pra me lembrar do que a boca dela é capaz — antes de eu acabar metendo nela até afundá-la no colchão.

O refrão começa, e eu bato palmas com todo mundo no ritmo. Daisy é tão pequenininha no palco, mas tem a confiança da mãe e não erra um passo. Minha filha é definitivamente o xodó do papai, e do vovô.

Stacey e eu sempre fazemos apostas sobre qual dos nossos filhos vai

entrar primeiro no nosso quarto durante a noite. Na maioria das vezes é a Daisy, mas ultimamente o Roman tem dormido no chão do quarto dela quando ela fica com medo do escuro — e eu não tenho coragem de mandar ele voltar pra cama, porque isso me lembra quando o Jason e eu fazíamos o mesmo pela Luciella.

Stacey está enlouquecida lá embaixo, e eu fico só olhando enquanto ela anima as bailarinas, seguindo os passos junto. As pequenas saem correndo pro lado, as mais velhas entram no meio da música; e ela entra junto. Quatro arcos descem do teto, e ela puxa o resto da coreografia. E eu simplesmente não consigo tirar os olhos da minha esposa.

Ela é de tirar o fôlego de qualquer jeito.

Todo mundo se levanta, ainda batendo palmas no ritmo da música, enquanto as crianças de todas as idades sobem ao palco, pulando e cantando junto. Stacey está chorando, segurando Daisy no colo, e as gêmeas acenam para Base e Luciella. Meu melhor amigo põe o braço em volta da minha irmã e beija a cabeça dela, enquanto continua gravando o palco.

O show termina e Roman suspira aliviado.

— Isso foi tãããão chato, papai.

Eu rio.

— Não diga isso na frente da sua irmã.

Ele me promete levantando o mindinho, e saímos da arquibancada. Minha Daisy vem disparada pela porta lateral, com Stacey correndo atrás, tentando alcançar, e se joga direto nos meus braços.

— Você me viu, papai? — ela grita, com o rosto vermelho de tanto pular.

— Eu vi! Você foi tão bem, filhota.

Todo mundo se junta ao nosso redor. Meu pai e minha mãe avisam que vão pra casa, Junior fala que quer dormir na minha casa, e Luciella está segurando suas costas e vem mancando na nossa direção. Ela parece que vai explodir a qualquer momento, mas ainda está de seis meses só.

— Minhas princesinhas! Vocês duas foram tão bem! — Base pega suas gêmeas no colo. — Vamos comer pizza?

— Cala a boca — sussurro, entre os dentes para ele, para minha filha não ouvir. — Já prometi comida e filme com as crianças em casa.

Ele aperta os lábios.

— Você não vai torturar seus filhos obrigando eles a verem, de novo, o filme da apresentação que vocês acabaram de assistir aqui, né?

— Ei! — Roman reclama. — Eu gosto desse filme!

Base balança a cabeça de um lado para o outro.

— Claro que sim… Você é igualzinho seu pai, só que em miniatura.

Meu filho faz cara feia pra ele. No fundo, ele ama o Base, mas é super protetor com a nossa família. Mesmo que Base, tecnicamente, seja chefe da máfia.

Stacey sorri e segura minha mão, me puxando em direção da porta.

— Então, nos vemos lá em casa para o Natal? — ela diz.

Todo mundo concorda, e eu retribuo o sorriso da minha garota quando ela olha pra mim.

Tudo parece… normal. Nós somos normais.

Nunca fomos antes.

Mas agora, sem Bernadette e Chris nos empurrando pro limite da escuridão, sem aquela sensação de que estávamos cruzando alguma linha proibida, eu e a Stacey podemos simplesmente… *ser*.

Todo mundo sabe que ela é minha. E todo mundo sabe que eu sou dela.

Tudo se encaixou de vez, e agora temos tudo.

Eu não me arrependo nem por um segundo de ter deixado me prenderem, lá atrás. Porque, se não fosse por isso, eu não teria isso aqui. Não teria Stacey sorrindo pra mim enquanto levamos nosso filho, nossa filha e nosso sobrinho até o carro, para ir para casa e assistir *O Rei do Show* com tigelas cheias de besteira pra comer.

É uma sensação surreal. A de ser tão importante pra alguém, a ponto dessa pessoa ainda estar aqui, do meu lado, depois de tudo. Mas a Stacey sempre ficou. Ela sempre esteve presente, não importava o que acontecesse.

Nossas peças quebradas, que pareciam que nunca iam se encaixar, agora estão firmes, no lugar. E nunca mais vão se soltar. Porque nós conseguimos. Temos tudo o que sempre sonhamos.

Kade Mitchell e Stacey Rhodes — aqueles dois adolescentes de quinze anos que se conheceram na beira de uma piscina, vinte anos atrás — finalmente conseguiram seu felizes para sempre.

FIM!

AGRADECIMENTOS



Como eu começo isso? Estou extremamente emotiva e meus olhos estão ardendo de tanto chorar. Como é possível que a história deles tenha chegado ao fim? Como, depois de mais de três anos com Kade e Stacey gritando na minha cabeça, escrevendo essa história em forma de montanha-russa no Wattpad e depois reescrevendo para a publicação, tudo pode ter acabado? Estou de luto por eles quando, na verdade, deveria estar celebrando que eles conseguiram. Nós conseguimos.

Eu jamais teria chegado até aqui se não fosse pelos meus leitores. O Wattpad me apresentou à escrita. Comecei lá em 2019, quando a história de Tobias e Aria despertou em mim uma empolgação que eu nem sabia que existia. Eles tinham um filho chamado Kade, e minha mente simplesmente mergulhou em *The Edge of Darkness*. Sem minhas atualizações semanais, os comentários no meio do texto que me faziam sorrir e as mensagens de leitores empolgados pelo próximo capítulo, eu jamais teria tido confiança pra publicar essa trilogia. Obrigada àquele pequeno app — e aos leitores que encontrei nele — por me ajudarem a descobrir uma carreira que eu amo.

Obrigada à minha assistente, Tyla. Eu nem sabia que me faltava uma parte até te conhecer. *Pode me chamar de brega, eu te desafio.*

Lauren, minha gerente de ARCs e apoiadora incansável, você me manteve sã e no caminho certo.

Como autora estreante, eu estava apavorada, achando que minha escrita não seria suficiente. Laura, minha revisora, fez questão de me provar o contrário.

Shawna e minhas Kendras, vocês são meu alicerce!

A todos os leitores que se apaixonaram por esses personagens e por essa história, obrigada por apostarem em mim.

E, por fim, ao meu time maravilhoso de divulgação... será que existe um grupo melhor do que vocês? Nunca.

SOBRE A AUTORA



Leigh Rivers é uma cientista biomédica escocesa que se aventurou no mundo da escrita de personagens sombrios e moralmente duvidosos, com histórias cheias de reviravoltas para deixar seus leitores loucos.

Quando não está lendo, escrevendo em seu laptop ou jogando até altas horas, ela faz aulas de pole dance, vai à academia e leva quatro cachorros para passear com os dois filhos e o marido.

REDES SOCIAIS

www.instagram.com/authorleighrivers
www.tiktok.com/@authorleighrivers
www.authorleighrivers.com

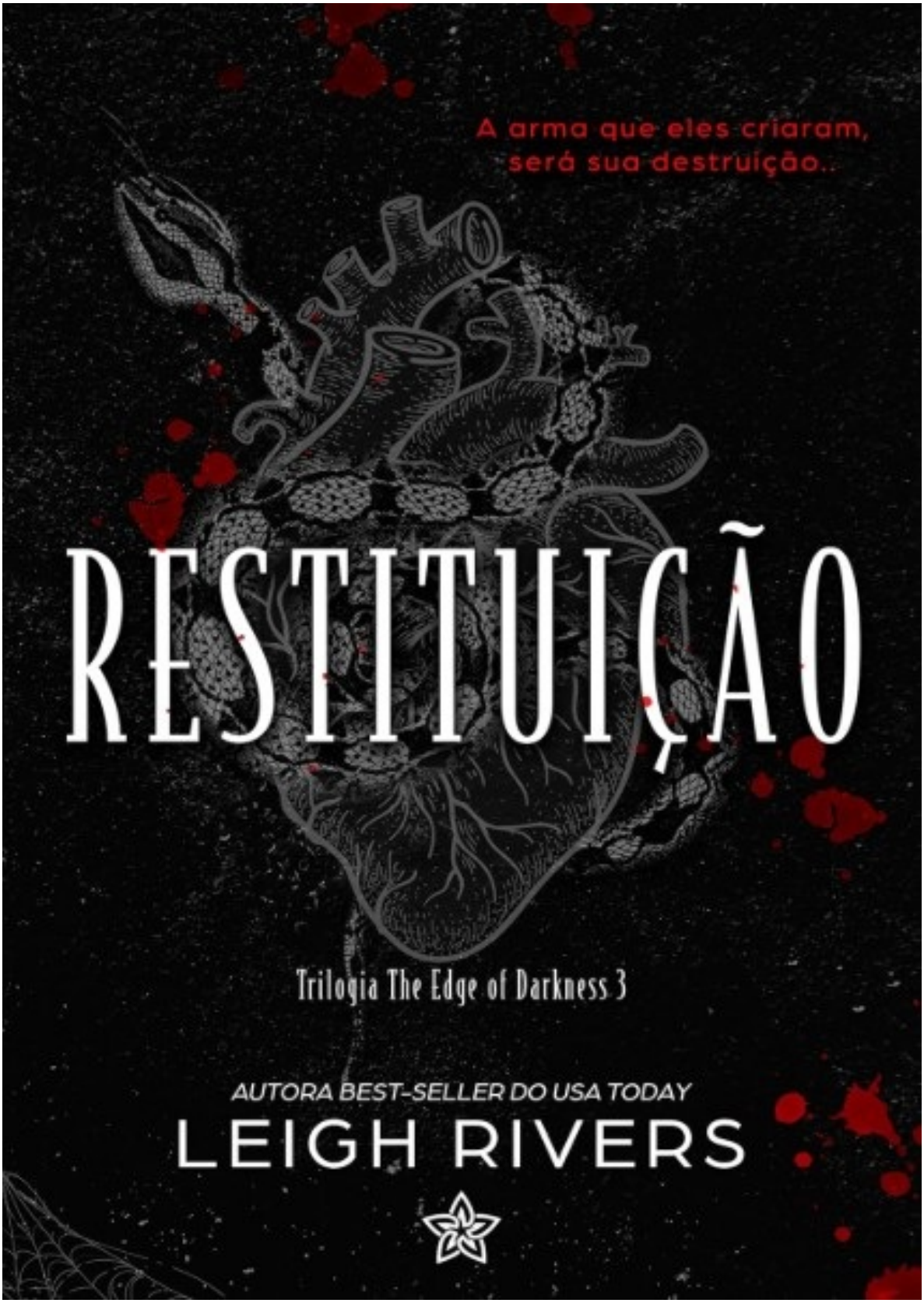


https://www.grupoeditorialfive.com

https://www.instagram.com/editorafive

https://x.com/EditoraFive

https://tiktok.com/@editorafive


A arma que eles criaram,
será sua destruição..
RESTITUIÇÃO
Trilogia The Edge of Darkness 3
AUTORA BEST-SELLER DO USA TODAY
LEIGH RIVERS